



Aires Barbosa: obra poética

Autor(es): Pinho, Sebastião Tavares; Medeiros, Walter de
Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra; Universidade de Aveiro
URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/29838>
DOI: DOI:<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0617-0>
Accessed : 9-Oct-2021 17:53:21

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



PORTUGALIAE
MONUMENTA NEOLATINA

VOL. XIII

AIRES BARBOSA

OBRA POÉTICA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
UNIVERSIDADE DE AVEIRO

(Página deixada propositadamente em branco)

PORTVGALIAE
MONVMENTA NEOLATINA

Coordenação Científica

A P E N E L
Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos



A P E N E L

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos - APENEL

DIREÇÃO

Sebastião Tavares de Pinho, Arnaldo do Espírito Santo,
Virgínia Soares Pereira, António Manuel R. Rebelo,
João Nunes Torrão, Carlos Ascenso André,
Manuel José de Sousa Barbosa

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Maria João Padez de Castro

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensauc@ci.uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

UA Editora
Universidade de Aveiro
Email: editora@ua.pt
URL: <http://www.ua.pt/uaedicoes/>

CONCEÇÃO GRÁFICA

António Barros

PRÉ-IMPRESSÃO

Coimbra Editora

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

www.artipol.net

ISBN

978-989-26-0552-4 (IUC)

978-972-789-381-2 (UA)

ISBN Digital

978-989-26-0617-0 (IUC)

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0617-0>

DEPÓSITO LEGAL

361131/13

PORTVGALIAE
MONVMENTA NEOLATINA

VOL. XIII

AIRES BARBOSA

OBRA POÉTICA

I- EPIGRAMAS
II- ANTIMÓRIA
[1495-1536]

FIXAÇÃO DO TEXTO LATINO
INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO, NOTAS E COMENTÁRIOS

SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO
WALTER DE MEDEIROS

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
UNIVERSIDADE DE AVEIRO

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

I - DADOS BIOGRÁFICOS

I - 1. Terra natal

Entre os textos de caráter autobiográfico de Aires Barbosa, aquele que melhor exprime essa intenção é o seguinte epigrama de doze versos que integra a coleção de poesias saídas a lume em 1517 juntamente com o seu tratado *Prosodia et Orthographia* e que na presente edição figura como Epigrama 57 (cfr. *infra*, p. 160):

DE PATRIA SVA ET PARENTIBVS

*Scire uolet patriamque meam nomenque parentum,
Has quisquis nugas gaudet habere meas.
Nec diues multum nec paupertate notandus,
A notis quondam sed tamen ortus auis,
Fernandus Barbosa pater, Catharinaque mater,
A notis etiam, quae Figuereta, uenit,
Me genuere, furit uastis qua fluctibus ingens
Ultimus occidui litoris Oceanus,
Quaque habet Aueiro portu praediues amoeno,
Quicquid habet tellus et mare quicquid habet.
Non procul auriferi nostram hanc Duriique Tagique
Hinc illinc mediam ripa beata tenet.*

ACERCA DA SUA TERRA NATAL E DE SEUS PAIS

Quem quer que tenha gosto em conhecer estas minhas bagatelas
há de querer saber da minha terra natal e do nome de meus pais.
Deram-me a vida meu pai Fernando Barbosa, nem muito rico
nem infamado de pobreza, mas oriundo
de famosos antepassados, e minha mãe Catarina Figueiredo,
também ela proveniente de uma renomada família.

Deles nasci, lá por onde, em gigantescas ondas, se enfurece
 o extremo Oceano da praia ocidental,
 e por onde Aveiro, opulento pelo seu porto ameno, tudo retém
 quanto a terra tem, tudo quanto o mar contém.
 Não longe, de um lado a fértil riba do Douro, do outro a do Tejo
 de auríferas águas delimitam esta nossa que no meio fica.

Sobre a origem e os pergaminhos de nobreza tanto da família Barbosa, pelo lado do pai de Aires de Figueiredo Barbosa – Fernando Barbosa –, como da família Figueiredo do lado de sua mãe – Catarina Eanes de Figueiredo –, aos quais é dedicada a primeira parte deste Epigrama (vv. 1-7), vejam-se os comentários da anotação que acompanha a sua tradução no lugar próprio (vd. *infra*, p. 294).

No que toca ao lugar de nascimento, duma primeira leitura da segunda parte desta composição, versos 7 e seguintes, e da menção aí expressa do nome de “Aveiro”, parece poder concluir-se que Aires Barbosa “nasceu na marítima Villa de Aveiro situada entre os Rios Douro e Mondego”, como deduziu Barbosa Machado¹, nesta expressão de maior aproximação geográfica, na sequência de Leitão Ferreira² e como o fizeram os subseqüentes biógrafos do nosso humanista. Mas a verdade é que a forma pouco precisa da frase e o contexto em que aquele topónimo aparece referido, mesmo tendo em conta o estatuto de liberdade e sugestão que assiste a toda a criação poética, permite fazer outra leitura e tirar conclusões diferentes, que apontam para a antiga vila de Esgueira, hoje contígua àquela cidade.

Com efeito, o advérbio latino de lugar *qua*, resultante de expressões ablativas (interrogativas ou relativas) do tipo *qua uia* (“por que caminho” ou “pelo caminho em que”, “por que via” ou “pela via em que”), *qua parte* (“por que parte” ou “pela parte em que”, “por que região” ou “pela região em que” etc.) e outras semelhantes, recebeu delas esse mesmo sentido de espaço alargado e indefinito. Daí, podermos traduzir a anáfora *Qua ... quaque* por “Lá por onde ... e por onde”.

De resto, tais expressões indeterminadas são as mesmas que o poeta latino Horácio utiliza para mencionar a sua terra natal, Venúsia, onde espera ser celebrada a sua memória de poeta consagrado pela posteridade, numa região italiana entre a Apúlia e a Lucânia e banhada pelo rio Áfido (hoje Ofanto), caracterizado pelo seu curso rápido e violento, a cerca de 25 quilómetros daquela vila.³ De notar

¹ Vd. Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, tomo I, Coimbra, Atlântida Editora, 21965, p. 76. [1ª ed., Lisboa, 1741].

² Vd. Francisco Leitão Ferreira, *Notícias Cronológicas da Universidade de Coimbra [...]*, Coimbra, por ordem da Universidade, Primeira Parte, 21937, p. 432. [1ª ed., Lisboa, 1729].

³ Vd. Horácio, *Odes* III, 30, 10-12: *Dicar, qua uiolens obstrepit Aufidus / Et qua pauper aquae Daunus agrestium / Regnavit populorum ex humili potens ...* (“Eu hei de ser cantado lá por onde estrepita o violento Áfido / e por onde o Dauno, pobre de água, de humilde / tornado poderoso, reinou sobre povos agrestes...”).

que Horácio não cita o seu afluente, que detém o mesmo nome da cidade de Venúsia e passa mesmo a seu lado, porque o principal ponto de referência geográfica era o rio mais conhecido, o Áufido.

Do mesmo modo Aires Barbosa não cita expressamente o nome concreto da sua verdadeira terra natal, a antiga vila de Esgueira, situada a nordeste e a cerca de dois quilómetros do centro de Aveiro, antes evoca esta cidade e os rios Douro e Tejo como seus limites, apesar de bem longínquos, e não o rio Vouga, que junto dela desagua, precisamente por Esgueira ser desconhecida para um habitante de Salamanca – onde o poeta publicou os epigramas –, e os dois anteriores serem rios internacionais bem sabidos de qualquer leitor ibérico, o que não acontecia com o Vouga, um rio apenas lusitano.

Além disso, aquela forma de indicação geográfica era, pelos mesmos motivos, muito corrente nesse tempo. Um bom exemplo dessa prática é o que nos dá o antigo aluno e depois grande amigo de Aires Barbosa, o humanista André de Resende, na sua biografia de Frei Pedro, porteiro do Mosteiro de São Domingos de Évora e natural da freguesia de Aradas, sita precisamente na orla de Aveiro do lado oposto a Esgueira e também à distância de uns três quilómetros do centro desta mesma cidade. De facto, ao explicar as razões que o moveram a dedicar a dita biografia “À Ilustríssima Senhora, a Senhora Dõna Juliana de Lara de Meneses, Duquesa de Aveiro”, Resende aponta entre elas o facto de “ser este santo religioso natural da vossa vila de Aveiro”, naturalidade que o mesmo autor identifica de forma mais precisa nas primeiras palavras do Capítulo I daquela biografia – “Foi Frei Pedro natural do termo da vila de Aveiro...” – mas, mesmo assim, sem mencionar o topónimo de Aradas.⁴

Enfim, a evocação de Aveiro feita por Barbosa no epigrama autobiográfico acima transcrito não significa, pois, só por si, que ele fosse natural exatamente desta cidade.

Por outro lado, é sabido que a linhagem dos Figueiredos, uma das mais antigas da Península Ibérica, de quem descendia Aires Barbosa pelo lado de sua mãe, Catarina Eanes de Figueiredo, identificada no mesmo epigrama, se havia fixado em Esgueira pelo menos desde Gonçalo de Figueiredo, que aí casou e que os genealogistas registam como sendo seu pai e, conseqüentemente, avô do nosso humanista. Vejamos os dados que sobre tal filiação nos fornece Cristóvão Alão de Moraes (desdobrámos as abreviaturas e atualizámos a ortografia):

“G[onçalo] de Figueiredo f[ilho] 3º de G[onçalo] de Figueiredo e irmão de Luís de Fig[ueiredo] casou em Esgueira [...] Este G[onçalo] de Figueiredo chamar[am] o

⁴ Vd. André de Resende, *A Santa Vida e Religiosa Conversação de Frei Pedro, Porteiro do Mosteiro de São Domingos de Évora*. Edição fac-similada do único exemplar conhecido acompanhada de transcrição, introdução e notas por Serafim da Silva Neto, Rio de Janeiro, [1947?], pp. 94 e 102. Sobre Frei Pedro, vd. Amaro Neves, *Frei Pedro Dias, o “Santo de Aradas” – Santo de Aveiro*, Aradas, Junta de Freguesia de Aradas, 2009.

Corredor dos Cavalos por ele o fazer bem: for[am] seus f[ilhos] e outros dize[m]
q[ue] irmãos

Jorge de Figueiredo

O D[out]or Martim de Fig[ueiredo] solt[eiro]

C[atarina] Eanes de Figueiredo m[ulher] de q[ue]

for[am] pais de Aires Barbosa M[estre] dos Cardeais

D. A[fonso] e D. Henriq[ue] f[ilhos] delRei D. Manuel.”⁵

Destes dois tios de Aires Barbosa é bem conhecido o humanista e magistrado doutor Martim Eanes de Figueiredo, que jornadaeu pela Itália por alguns dos mesmos e simultâneos caminhos do sobrinho, a quem este mais tarde dedicou o elogioso Epigrama 44 (vd. *infra*, p. 286), e que, mesmo quando já professor universitário em Lisboa e ouvidor do rei de Portugal, continuou ligado a Esgueira, de cuja Igreja de Santo André se tornou prebendário, e ainda como procurador do tabelião da mesma vila, João Velho, em 12 de junho de 1514, no pedido de renúncia de funções deste perante o rei D. Manuel I, que o fez substituir por Fernão Dias.⁶

O tio-avô de Aires Barbosa, o supramencionado Luís de Figueiredo, irmão de Gonçalo, foi casado na região de Viseu, e dele provieram vários descendentes contemporâneos do nosso humanista e de seus pais e que se fixaram em Aveiro, designadamente Joana de Figueiredo, “q[ue] casou em Aveiro” e Isabel de Figueiredo, que “Casou em Aveiro com Diogo Dias Cordeiro”, bem como as duas filhas desta, Antónia de Figueiredo e Maria de Figueiredo, ambas casadas em Aveiro⁷. Note-se que, ao contrário dos poetas como Aires Barbosa, os genealogistas distinguem bem os locais dos destinatários ou residentes de Aveiro dos da sua vizinha Esgueira.

Enfim, sabendo que foi nesta vila que Barbosa passou os últimos dez anos de vida, que nela deixou seus bens móveis e imóveis e nela faleceu no seio da própria família em 20 de janeiro de 1540, conforme consta do seu testamento e como adiante veremos, tudo leva a crer que também foi aí que ele teve o seu berço.

É isso o que confirmam dois passos registados no Prefácio do seu poema *Antimória*, composto e publicado em 1536, já durante a sua jubilação e definitiva aposentadoria em Esgueira, e nos quais ele recorda o início desse retiro na sua terra natal.

O primeiro evoca as duas exonerações, isto é, a de jubilado pela Universidade de Salamanca em 1523 e a da dispensa de mestre dos irmãos de D. João III em

⁵ Vd. Cristóvão Alão de Moraes, *Pedatura Lusitana*, tomo I, vol. II, Porto, 1943, pp. 351-352.

⁶ Vd. *Chartularium Universitatis Portugalensis (1288-1537)*, Volume XI (1511-1520), Lisboa, JNICT, 1993, pp. 490-49; e Volume XII (1521-1525) Lisboa, JNICT, 1995, pp. 429-430.

⁷ Vd. Cristóvão Alão de Moraes, op. cit, tomo 1, vol. II, p. 342-345.

1530 (o sublinhado é nosso): *Nunc duplici iam donatus rude, cum et schola et aula placidam mihi in patria quietem indulgeant, repeto memoria senex id quod iuuenis animo agitabam* (“Agora que por duas vezes já fui exonerado, e que a escola e o Paço me concedem dilatado remanso na terra natal, recordo na velhice os projetos que em novo acalentava.”). Vd. *infra*, pp. 220-221.

O segundo recorda a sua decisão de escrever a própria Antimória: *Cogitanti ergo mihi in copia tanta rerum, quas auctores uarii perscripserunt, quid nam potissimum in secessu patriae commentandum aggredere, uenit in mentem Antimoriam scribere*. (“Foi assim que, ao recapitular mentalmente a profusão enorme dos assuntos que vários autores têm versado em obras exaustivas, – para escolher o que, no isolamento da minha terra natal, melhor poderia ir comentando –, me ocorreu escrever a *Antimoria*.”). Vd. *infra*, pp. 222-223.

Mas, apesar de Aires Barbosa ser natural da antiga cabeça de comarca da região do Vouga, que era a Esgueira do seu tempo, ele não deixa de ser hoje e em termos modernos o grande humanista “aveirense”.

I - 2. Data de Nascimento

Ao contrário do que acontece com a identificação da terra natal de Aires Barbosa, quanto à fixação da data do seu nascimento não temos notícia documentada. Todavia, dispomos de marcos concretos relacionados com o quadro cronológico da sua biografia, que, associados a várias referências de caráter etário, permitem deduzi-la com relativa aproximação e certeza.

Entre os dados fixos e incontestáveis conta-se, desde logo, a data da morte do humanista, ocorrida em Esgueira em 20 de janeiro de 1540, como regista o seu testamento, publicado por Francisco Ferreira Neves em 1948,⁸ que veio, por um lado, desfazer certas notícias erradas mantidas pela tradição⁹ e, por outro, confirmar aquela data, já descoberta em outros documentos em 1916 por Narciso Alonso Cortés¹⁰ e reconfirmada em 1917 por Enrique Esperabé Arteaga.¹¹

Outro dado cronológico bem definido é o do início da atividade docente de Aires Barbosa na Universidade de Salamanca, que se verificou logo depois do seu regresso da Universidade de Florença, em 28 de junho de 1495, como ele recorda, vinte e dois anos depois, no seguinte passo do opúsculo sobre *Prosódia*

⁸ Vd. “Vida e testamento do humanista Aires Barbosa”, *Arquivo do Distrito de Aveiro* XIV (Aveiro, 1948), 42-64 (cf. *infra*, pp. 57-61, Anexo Epistolar e Documental, III-3).

⁹ Barbosa Machado, op. cit., p. 76, aponta o ano de 1530, talvez por confusão com o ano em que Aires Barbosa se recolhera definitivamente à sua terra natal, onde, afinal, acabou por viver ainda mais dez anos.

¹⁰ Vd. Narciso Alonso Cortés, “Del Maestro Arias Barbosa”, *Boletín de la Real Academia Española*, III, (Madrid, Outubro de 1916), 560-562.

¹¹ Vd. Enrique Esperabé Arteaga, *Historia Pragmática é Interna de la Universidad de Salamanca*, Salamanca, 1917, Tomo Segundo, pp. 328-329.

publicado em Salamanca em dezembro de 1517 (fol. a iiii), em que o humanista falava das regras de acentuação da língua latina, que certos mestres ignorantes da Universidade de Salamanca pronunciavam mal:

Secundae et uicesimae aestatis circulus uoluitur ex quo ad iiii Kalendas Iulias Salmanticam ueniens, anno uidelicet a genesi liberatoris nostri M.CCCC.XCV non destiti, auctoritate Quintiliani secutus, admonere scholasticos ut basce regulas faciles, omissis aliorum ambagibus, sectarentur. [“Rola o ciclo do vigésimo segundo estio, desde que, ao chegar a Salamanca a quatro das calendas de julho, a saber, do ano de 1495 do nascimento de Nosso Salvador, não deixei de, baseado na autoridade de Quintiliano, advertir os estudantes para que, pondo de parte os rodeios de outros, sigam estas regras simples.”].

No espaço que medeia entre estes dois marcos cronológicos fixos, temos várias referências à idade, juvenil ou avançada, de Aires Barbosa, de forma mais ou menos indefinida. Assim:

1) Em 5 de abril de 1498, Pedro Mártir de Anghiera, humanista e historiador, amigo e admirador de Barbosa, como o demonstram o epigrama que este lhe dedicou e a correspondência trocada entre eles, na qual, a propósito de uma doença que afetara o humanista português – tratava-se da sífilis, segundo o estudo de Rocha Brito¹² –, Anghiera o aconselha a evitar extravagâncias e a não comprometer a saúde, dizendo: *Summo namque semper in discrimine iuuenilis aetas, qua uiges, uersatur* [“Pois a vigorosa idade juvenil, em que te encontras, vive sempre no mais alto risco de perigo”].¹³

2) Em abril de 1516, o próprio Aires Barbosa, por altura da publicação dos seus longos e ricos Comentários ao poema *Historia Apostolica* de Arátor, exprime no prefácio a modéstia da sua competência e a falta de forças para enfrentar essa tarefa, concluindo: *Opto enim maiorem in modum ut aetas mea, quoniam iam ingrauescit, non minus canis quam merito aliquo albesceret* [“Na verdade, o meu maior desejo era que a minha idade, que já se me vai pesando, não embranquecesse mais pelas cãs do que por algum mérito”].¹⁴

3) E em dezembro de 1517, ao publicar o opúsculo da *Prosódia*, volta a falar dos referidos Comentários publicados no ano anterior que o deixaram prostrado de fadiga, como o demonstra – diz o texto latino – a face ainda pálida e o corpo sem forças e a tremer, de tal modo, que a custo se sustém de pé, “necessitando de um cajado, apesar da velhive ainda inicial e vigorosa, como uma parede se

¹² Vd. Alberto da Rocha Brito, “O aveirense Aires Barbosa, o italiano Pedro Mártir e a sífilis”, *Arquivo do Distrito de Aveiro* XII (Aveiro, 1946) 281-296.

¹³ Vd. *Opus Epistolarum Petri Martyris Mediolanensis*, Alcalá de Henares, 1530, (vd. *infra*, pp. 65-68, Anexo Epistolar e Documental, III-7).

¹⁴ Vd. Aires Barbosa, *Aratoris Cardinalis Historia Apostolica cum Commentariis* [...], Salamanca, abril de 1516, fol. a ii.

costuma apoiar num pilar quando ameaça ruir” [*baculo egens licet in prima et uiridi senectute, sicut tibicine ruinosus paries fulciri sotet licet in prima et uiridi senectute*],¹⁵

4) Também na mesma *Prosódia*, ao falar acerca do acento tónico na última sílaba, coisa completamente estranha à língua latina e também muito rara nas dela derivadas, dá como exemplo destas o que escutou na língua italiana, dizendo: *Huc accedit usus doctissimorum nostrae aetatis hominum quos animaduerti adulescentulus in Italia quemadmodum hic percipimus proferentes*. [“Parecido com isto é o uso de homens doutíssimos da nossa época, aos quais eu prestei atenção na Itália, no início da minha adolescência, tal como aqui os escutamos quando eles falam”].¹⁶

5) O mesmo Aires Barbosa, ao tratar dos verbos chamados oblíquos na *Relectio de Verbis Obliquis*, publicado em 13 de junho de 1511, e ao lembrar autores do seu tempo que se ocuparam destas e doutras matérias gramaticais, menciona a figura do humanista Hermolau Bárbaro dizendo: *Hermalaus Barbarus quem ego Florentiae uidi puer* [“Hermolau Bárbaro, que eu, quando moço, vi em Florença”].¹⁷

6) No epigrama composto para registar a sua despedida de Salamanca e da sua Universidade em 1523, Aires Barbosa evoca os primeiros tempos da sua vida naquela cidade, confrontando o vigor juvenil dessa época com a sua idade avançada e senil na hora da partida, como se vê neste extrato (cfr. *infra*, pp. 168-171, Epigrama 63 completo com o texto latino):

À FAMOSA CIDADE DE SALAMANCA

No tempo em que as forças vigoravam sólidas no meu corpo mancebo
 e em que eu possuía o sangue fogo da minha juventude,
 Não me lesavam, Salamanca, nem o gelo dos teus ventos,
 nem a neve ou a geadas, nem o teu aquilão.
 nem me aterrava o Tormes a congelar de frio,
 Que eu a miúde calcava, com desprezo, a pé enxuto.
 Agora o meu sangue regelado reclama que o aqueça
 Uma região temperada, e meus membros a ajuda de um calor estrangeiro.
 [... ..]
 Por isso, Salamanca, minha ama carinhosa que,
 agora jubilado, me deixas partir para onde eu quiser,
 eis que fujo das friúras que não fizeram mal à juventude,
 mas que hão de fazê-lo a um velho de longa idade.

¹⁵ Vd. Aires Barbosa, *Relectio cui titulus Prosodia*, Salamanca, dezembro de 1517, fol. a ii - a ii vº.

¹⁶ Vd. Aires Barbosa, *ibid.*, fol. a v vº.

¹⁷ Vd. Aires Barbosa, *In uerba M. Fabii “Quid quid et reliqua”*. *Relectio de uerbis obliquis*. Salamanca, 13 de junho de 1511, fol. a i vº.

7) No ano de 1536, aquando da publicação do poema da *Antimória* e dos 50 *Epigramas* que a acompanham, e quando o humanista fruía finalmente o remanso da sua aposentadoria em Esgueira, desabafava no prefácio dedicado ao cardeal-infante D. Afonso: *Nunc ... repeto memoria senex id quod iuuenis animo agitabam* [“Agora ... que estou velho, revivo na memória aquilo que em jovem alimentava no meu espírito”].¹⁸

Estas referências etárias são, na maioria, vagas demais para com elas podermos deduzir de modo imediato uma data precisa para a idade de Aires Barbosa, tanto mais que andam por vezes envolvidas em manifestações de sentimentos diversos que encobrem a realidade cronológica objetiva. É o caso em que, por volta de 1514, quando começou a preparar os longos Comentários à *História Apostólica* de Arátor, publicada em abril de 1516, Barbosa, em jeito de lamentação, já se considera de idade pesada para enfrentar essa árdua tarefa, ideia repetida em dezembro de 1517. O mesmo se pode dizer do confronto nostálgico da sua juventude com a idade da jubilação em 1523, espriado na melopeia plangente do canto da despedida, publicado com outras composições em 1536. O tom hiperbólico destas referências etárias resulta da necessidade psicológica de enaltecer o mérito do seu esforço e, de algum modo, de se justificar pelo eventual menor rendimento noutras tarefas que o esperam (nos dois primeiros casos), ou de se desculpar perante a cidade de Salamanca e a sua universidade que o acolheram e lhe franquearam as portas e o espaço para aí se fazer um grande mestre, e que agora decidiu abandonar.

Mas entre os testemunhos atrás aduzidos há um que nos merece particular atenção, por oferecer dados cronotópicos mais concretos que podem abrir caminho nesta busca de sabermos a idade e data de nascimento de Aires Barbosa.

Trata-se do passo supramencionado na alínea 5), em que ele próprio diz ter visto o grande humanista Hermolau Bárbaro em Florença, quando ainda era moço (quando era *puer*). Tem-se dito e repetido, sem confirmação (nós próprio também já o fizemos), que Aires Barbosa teve por mestre, entre vários outros confirmados, o referido humanista, nascido em Veneza em 1454, poeta consagrado, filólogo, diplomata e embaixador a quem o papa Inocêncio VIII fez patriarca de Aquileia; que estudou em várias cidades, deixou uma variada e notável produção literária e se tornou famoso sobretudo pelas suas *Castigationes Plinianae et in Pomponium Melam* (Roma, 1492-93), bem conhecidas dos mestres de Florença¹⁹; e que foi

¹⁸ Vd. Aires Barbosa, *Antimoria. Eiusdem Nonnulla Epigramata*, Coimbra, Mosteiro de Santa Cruz, 1536, fol. A iii. (cfr. *infra*, pp. 220-221).

¹⁹ Que ele era conhecido e lido em Florença, prova-o o próprio Aires Barbosa no mesmo passo da “Releção acerca dos Verbos Obíquos” em que diz que o viu naquela cidade, com estas palavras relativas ao conceito e função do “gramático”: *Hermolaus Barbarus quem ego Florentiae uidi puer e patriciis Venetis unus, egregius orator, philosophus singularis, patriarcha Aquilensis in Castigatione Pliniana grammatici munus non retractat*. [“Hermolau Bárbaro, que eu vi em Florença, o mais excelente de entre os patrícios de Veneza, distinto orador,

professor de filosofia em Pádua, mas não consta que o tenha sido na universidade florentina frequentada pelo humanista aveirense. A única vez que Hermolau Bárbaro esteve em Florença algum tempo, mas mesmo assim de passagem, foi numa viagem diplomática de Veneza a Roma entre abril e maio de 1490, quando se deteve na cidade dos Médicis para saudar o grande “gonfaloniere” Lourenço o Magnífico, pai de João de Médicis, futuro papa Leão X e então condiscípulo do jovem Aires Barbosa no Studio Fiorentino. Foi, naturalmente, nessas circunstâncias de diplomacia e festa que o aluno Barbosa teve ocasião de “ver” o ilustre Hermolau Bárbaro.²⁰

Ora, sendo Aires Barbosa em 1490 um “puer” como ele diz, teria que ser um moço com o máximo de 16 anos de idade, porquanto era este o limite superior da puerícia, segundo a divisão da sociedade adotada pelos Romanos para efeitos censitários,²¹ que os humanistas bem conheciam. Sendo assim, e subtraindo o máximo de 16 anos à data de 1490, teremos de concluir que Aires Barbosa não poderia ter nascido antes de 1474.

E até é possível que tenha nascido um pouco depois, se lembrarmos que ele teve o referido João de Médicis por “condiscípulo”, ou seja, com idade igual ou muito próxima. Ora, tendo Leão X nascido em 11 de dezembro de 1475, podemos tomar este ano como data muito provável do nascimento de Aires Barbosa, contrariando assim as várias propostas que a tradição nos tem legado sem dados concretos nem documentados, com prevalência para o ano de 1470.²²

Com estes dados articula-se o passo da alínea 4), em que Aires Barbosa dá notícia de ter observado na Itália certo modo de acentuação na pronúncia do italiano quando era um *adulescentulus*, um “adolescêntulo”, isto é, um jovem acabado de entrar na adolescência (que os romanos tomavam praticamente como sinónimo de juventude²³), portanto a partir do início dos 17 anos, se seguirmos

filósofo singular, patriarca de Aquileia, nas *Castigationes Plinianae* não desdiz da função do gramático.”]. (Cfr. Aires Barbosa, ... *Relectio de verbis obliquis*, fol. a i vº).

²⁰ Sobre a sua biografia, vd. o extenso e rico artigo “BARBARO, Ermolao (Almorò)” de E. Bigi, no *Dizionario Biografico degli Italiani*, Roma, Istituto della Enciclopedia Italiana, Fondata da Giovanni Treccani, s.d. [Letra B, pp. 96-99, especialmente p. 97, 1ª col.].

²¹ Vd. Aulo Gélío, *Noites Áticas*, 10, 28, 1, onde é dada notícia da legislação antiga, instituída pelo rei Sérvio Túlio, que assim estabelecia a divisão das idades: pueritia (*pueritia*) até aos 16 completos; juventude (*iuventa*) desde a entrada nos 17, idade dos jovens mancebos (*juniores*) capacitados para o serviço do Estado, até aos 46 anos; e velhice (*senecta*) ou dos *seniores*, daí para cima.

²² Note-se que Walter de Sousa Medeiros, ao discutir este “problema cronológico”, mesmo sem documentos, foi quem primeiro teve a percepção de que a data de 1470 deveria ser avançada, quando escreve: “Aceitamos, como hipótese plausível, até se conhecerem novos elementos, o ano referido de 1470: data que, no entanto, ao contrário de Pérez Riesco, estaríamos mais inclinados a avançar que a retrair.” [cfr. Walter de Sousa Medeiros, *Aires Barbosa. Escorbo biobibliográfico seguido do texto e versão da Antimoria*, Lisboa, 1953 (tese dactilografada), p. 6].

²³ Cícero faz essa equivalência, ao falar da mesma divisão das idades, no diálogo *Da velhice* (*De senectute*), 4, deste modo: *Adulescentiae senectus, pueritiae adulescentia obrepit* [“É de maneira impercetível que à adolescência sucede a velhice, à puerícia a adolescência”].

o mesmo critério da divisão etária atrás referido. Só que neste caso Aires Barbosa não diz em que ano exato isso se passou nem nos fornece nenhum dado indireto para o deduzirmos. A única coisa que podemos daí concluir é que foi em época posterior a 1490, ano em que ele era ainda um “puer”, e antes de 1495, ano em que regressou definitivamente da Itália. E também poderíamos teoricamente concluir que ele estaria de regresso com uma idade entre o máximo de 21 anos se tivesse passado à adolescência (a adolescêntulo) logo em 1491, e o mínimo de 17 anos se continuasse na puerícia até ao penúltimo ano da sua estadia na Itália (1494) e só passasse a adolescêntulo em 1495, ano do seu regresso.

Mas a hipótese de poder regressar antes dos 20 anos deve ser posta de parte, porquanto era essa a idade mínima exigida para a obtenção do grau de mestre. E, por outro lado, para sabermos, com o máximo de aproximação, a verdadeira idade com que Aires Barbosa regressou de Florença em 1495, é necessário ter em conta a idade que ele tinha quando iniciou o curso destinado à obtenção daquele grau, e também a própria duração do curso, como vamos ver.

I - 3. Aluno do Estudo de Florença

Quanto à idade do jovem Aires ao sair da pátria para fim de estudos, temos nova documentação recentemente disponível que mostra com grande probabilidade que ele só poderia ter partido depois dos catorze anos.

Com efeito, mais tarde, quando Aires Barbosa era já professor na Universidade de Salamanca, dirigiu ao Papa em 20 de abril de 1506 uma petição de indulto de irregularidade que impediria a receção de ordens sacras então por ele solicitadas, por causa do homicídio involuntário de uma escrava negra quando ele andava pelos catorze anos de idade. O texto da petição, apresentada ao Papa em nome do suplicante, explica deste modo as circunstâncias em que o incidente se passou:

Beatíssimo Padre. É exposto a Vossa Santidade da parte de seu devoto suplicante Aires Barbosa, clérigo²⁴ da diocese de Coimbra, que, tendo ele em tempos, quando tinha catorze anos ou à volta disso, entrado numa troca de

²⁴ Aires Barbosa deveria ser nesta altura um minorista ou clérigo apenas de ordens menores, não sacras, mas com prerrogativas e privilégios, incluindo benefícios eclesiásticos, até à decisão pela obtenção, ou não, de ordens maiores ou sacras, dentro dos prazos canónicos. Um bom exemplo de sucessivos pedidos de prorrogação desses prazos é o do tio de Aires Barbosa, Martim Eanes de Figueiredo, que deles se serviu para efeito de estudos em várias universidades italianas: Ferrara (18/03/1497), Bolonha (23/02/1501), novamente Ferrara (06/03/1503), Roma (07/07/1504), Bolonha (27/10/1510); e mesmo depois de regressar a Portugal: 08/12/1511, 16/08/1512, 22/04/1515, 13/07/1517, 17/11/1517, 26/12/1518, 29/10/1520, 27/09/1521, 02/10/1521, 24/06/1524 e 11/10/1524: até ao momento em que resolveu casar. Vd. *Chartularium Universitatis Portugalensis (1288-1537)*, Vols. IX, p. 249; X, pp. 11, 109, 169 e 516; XI, pp. 86-88, 145, 324, 490-491, 518, 637 e 767-769; XII, p. 157-159, 429-430 e 448; e XV, pp. 62-64.

palavras injuriosas com uma negra cativa e escrava, e tendo-o ela agredido à bofetada e depois com um pau, [...] eis que ele mesmo resolve defender-se igualmente com um pau que ali encontrou à mão, de maneira a atingir-lhe a cabeça apenas com uma pequena lesão; e como ela estava grávida e veio a parir o filho dentro de quinze dias, acabou por morrer juntamente com o filho, embora batizado; a qual, ou se presume que morreu por imperícia da parteira ao tomar o cautério que na parturiente é pernicioso, ou faleceu por causa da dificuldade do parto, que foi gravíssimo por causa da falta da purga habitual na parturiente, ou pela natureza ou por outra razão, segundo a vontade de Deus; e embora o supradito suplicante creia que, no foro da consciência e no judicial, ele pode ser defendido, todavia porque é homem temente a Deus e reconhecido como insigne na sua integridade, costumes, virtudes e ciência, e pretende ser absolvido do labéu e também da mancha de suspeição de qualquer crime, e porque deseja ardentemente orar pela salvação das almas dos defuntos fiéis a Cristo no altíssimo ministério do altar, o supradito pedinte suplica humildemente a Vossa Santidade que lhe conceda o poder de o exercer, porquanto, atendendo a que o supracitado assunto é extremamente duvidoso e o próprio não teve intenção de cometer tal crime, ainda que tenha sido sua causa, o que ele todavia não crê, ele que era um moço, e porque ele é um varão de tamanhos méritos e de tal qualidade, que a Igreja de Deus alcançará louvor e prestígio e lucro não pequeno, se o receber no número dos eclesiásticos, porque é um homem excelente nas coisas latinas e gregas e é professor de Retórica latina e grega na Universidade de Salamanca e peritíssimo e distinto mestre em sacra teologia e insigne pregador e honestíssimo de vida e costumes, e por isso o referido suplicante pede humildemente a Vossa Santidade que, em atenção a todos estas razões, o absolva da acusação de semelhante homicídio, se porventura aparenta estar nele enredado, e também sobre a irregularidade por ele porventura contraída, e que ele seja promovido a todas as ordens sacras e do presbiterado e que nelas exerça o seu ministério bem como no ministério do altar e que possa [etc ...].²⁵

Além de outras informações biográficas que se colhem deste documento, e das quais falaremos mais adiante, aqui importa destacar as que respeitam ao quadro cronológico.

Na verdade, o incidente do homicídio involuntário aqui relatado e as circunstâncias sociológicas e locais, e naturalmente domésticas, que o envolveram,

²⁵ Para verificação do texto latino, vd. *infra*, pp. 64-65, Anexo Epistolar e Documental, III-6. O mesmo texto designa a escrava como sendo uma cativa “*ethyopissa*” (isto é, *aethiopissa*, em rigorosa ortografia latina), feminino de *aethiops*, o que não significa necessariamente que fosse natural da atual Etiópia, mas da população “negra” em geral, como é sabido e confirmado pela coeva literatura relativa aos Descobrimentos, porquanto o sentido dessa palavra, de origem grega, significa, à letra, “de rosto queimado”, isto é, “negro”.

designadamente a presença de uma escrava negra,²⁶ levam a presumir que ele se terá passado no seio da família do jovem de catorze anos Aires Barbosa, em Esgueira.

Sendo assim, também podemos concluir que a alfabetização e a primeira formação humanística de Aires Barbosa, pelo menos até àquela idade, foram feitas provavelmente na área da sua terra natal; e adquiridas dentro do sistema escolar habitual do seu tempo, isto é, numa escola conventual de Aveiro, onde por sinal os dominicanos tinham o seu Convento da Senhora da Misericórdia desde 1423, do qual se conserva a antiga Igreja de S. Domingos, entretanto transformada em sé episcopal e na qual recentes obras deixaram a nu vestígios da sua estrutura medieval e do tempo de Aires Barbosa. É bem provável, pois, a hipótese de que tenha sido nesta casa da Ordem dos Pregadores que o juvenzinho de Esgueira terá iniciado seus estudos de Humanidades, com particular atenção pela Latinidade,²⁷ o que marcou a sua vocação pelas letras.²⁸

Entretanto o desejo de aumentar os seus conhecimentos cedo o induziu a buscá-los fora da sua terra natal.

A Universidade de Salamanca tem sido identificada como o primeiro destino dessa busca, conforme se vê em biógrafos como Nicolau António (em 1672), Francisco Leitão Ferreira (em 1729), Diogo Barbosa Machado (em 1741) e na generalidade dos investigadores que os seguiram, sem para isso haver prova documental, tanto mais que aquela escola não dispunha então de registo de

²⁶ A origem dos escravos em território português remonta pelo menos aos tempos do cultivo e indústria do açúcar na Ilha da Madeira, para cujo trabalho foram importados cativos (negros, mulatos, mouros e canarinos) das ilhas Canárias, cujos direitos de posse portuguesa foram reivindicados desde D. Afonso IV em meados do século XIV. Os primeiros cativos negros chegaram a Portugal continental, a partir da Madeira, cerca de 1441 [vd. Joel Serrão (direção), *Dicionário de História e Portugal*, Porto, Iniciativas Editoriais, 1979, s.v. “Escravidão”, p. 421-424].

A presença de escravos em Esgueira é confirmada pelo Foral desta vila, concedido por D. Manuel I em 1515, quando nele se estabelece o imposto sobre o comércio de várias mercadorias e nelas se incluem os escravos, nestes termos: “ESCRAUOS: E do escrauo ou escraua que se vender, ajmda que seja parida, se pagará xiiij Reaes”. Vd. João Martins da Silva Marques, *Foral de Esgueira (1515)*, Figueira da Foz, Tipografia Popular, 1935, p. 15.

²⁷ Por outro lado, não é de todo impossível que o pequeno Aires Barbosa tenha recebido essa instrução inicial por parte de algum graduado que exercia a sua função localmente. Sobre casos de graduados nesta situação fora dos centros urbanos ou das instituições de ensino, vd. António Domingues de Sousa Costa, “Estudos superiores e universitários em Portugal no reinado de D. João II”, *Biblos LXIII* (Coimbra, 1987) pp. 253-334, especialmente pp. 254-255. Aí se mencionam vários bacharéis, desde 1482 a 1491, com a função de professores de Gramática (isto é, de Latinidade) e de Lógica em Évora (1482 e 1489), em Bragança e Guimarães (1483), na freguesia de S. Nicolau de Lisboa (1490), em Santarém (1490), em Coimbra (1492), etc.

²⁸ Sobre a sua prematura vocação literária, vd. o Epigrama 70, em que Aires Barbosa se afirma venerador e cultor das Musas desde a mais tenra idade.

matrículas,²⁹ mas apenas conduzidos por dedução assente na longa tradição da quantiosa frequência de alunos portugueses em Salamanca, na sua proximidade em relação às regiões do Centro e Norte de Portugal e, sobretudo, no facto de Aires Barbosa ter feito, depois, toda a sua carreira oficial de professor na Universidade salmantina.

Mas os elementos que agora apresentamos levam-nos a concluir que o mais provável é que Aires Barbosa partiu da sua terra natal diretamente para Florença, e não para a cidade do Tormes. Na verdade, se, como vimos, ele nasceu por volta de 1475 em Esgueira e aí continuava com cerca de 14 anos de idade, isto é, à roda de 1489, não lhe restava mais que um ano para poder estar em Florença em abril-maio de 1490 e ver, como ele afirma, o humanista Hermolau Bárbaro de visita diplomática àquela cidade. Podemos até dizer que possivelmente nem um ano lhe sobejava, porquanto Aires Barbosa, presente em Florença naquela data, quando o ano académico de 1489-1490 ia para mais de meio, deveria ter chegado no fim do verão do ano anterior, para nele se poder então matricular desde o início. Era, assim, praticamente impossível ter passado antes, como estudante, pela Universidade de Salamanca.

De resto, o plano de estudos do curso de Artes, com cujo grau de Mestre ele regressou de Florença em 1495, tinha uma duração que, embora variando entre universidades e épocas e em função da preparação prévia individual, rondava os seis a sete anos. E, por outro lado, a idade mínima para a matrícula no curso de Artes era de 14 anos, e a do candidato às provas de mestrado era de 20 anos,³⁰ requisitos que o jovem Aires Barbosa cumpria em 1489 desde que partisse então diretamente de Esgueira para Florença, para regressar graduado em mestre de Artes ao fim de seis anos, ou seja no dito ano de 1495.

Um fator de ordem prática e familiar que poderá ter sido determinante na sua ida direta para o Estudo Florentino terá sido o seu tio materno e futuro humanista e magistrado, Martim Eanes de Figueiredo, que aparece matriculado como aluno de Direito justamente naquela mesma universidade e no mesmo ano lectivo de 1489-1490, como o atesta o seu nome “Martinus Ioannes De Figueireido de Portugallo” registado no livro de matrículas desse ano, em que figura no 170º lugar, bem como a notícia da sua presença já em 13 de fevereiro de 1489,

²⁹ O registo de *Matrículas* surgiu apenas a partir do ano letivo de 1546-1547, e nos próprios Livros de Claustro, que tinham outra finalidade, há várias lacunas, designadamente entre 1482-1502. Vd. Joaquim Veríssimo Serrão, *Portugueses no Estudo de Salamanca – I (1250-1550)*, Lisboa, 1962, pp. 12-13 e Armando de Jesus Marques, *Portugal e a Universidade de Salamanca. Participação dos Escolares Lusos no Governo do Estudo (1503-1512)*, Salamanca, 1980, p. 11.

³⁰ Vd. Walter Rüegg (coord. geral), *Uma História da Universidade na Europa*, Volume I, Lisboa, INCM, 1996, pp. 307-334, especialmente pp. 324-327 e 334; e Armando de Jesus Marques, *Portugal e a Universidade de Salamanca. Participação dos escolares lusos no governo do Estudo (1503-1512)*, Salamanca, 1980, pp. 227-228.

quando foi nomeado procurador de um seu colega, na resolução de uma trégua com o mestre Baltasar Carduci.³¹ Martim Eanes de Figueiredo, cuja idade não deveria andar muito afastada da do seu sobrinho Aires de Figueiredo Barbosa a julgar pela possível matrícula simultânea de ambos no referido Estudo,³² onde também ambos foram alunos de Policiano, foi não um tio apenas distante, mas certamente um companheiro atento e um grande apoio moral durante os anos em que Barbosa aí estudou até ao regresso deste em 1495, enquanto seu tio Martim continuou a viajar e frequentando outras universidades italianas como a de Bolonha e de Ferrara, ainda depois de 7 de julho de 1504, completando uma permanência em Itália de mais de vinte anos, até alcançar o título de doutor em ambos os Direitos, Civil e Canónico.³³ Regressado a Portugal entre outubro de 1510 e maio de 1511, foi nomeado desembargador pelo rei D. Manuel I, e exerceu o cargo de professor da Universidade de Lisboa, onde publicou, em junho de 1529, um fruto do seu trabalho de humanista diretamente relacionado com o seu antigo mestre Ângelo Policiano.³⁴ Ainda era vivo seis anos antes da morte do sobrinho Aires Barbosa, porquanto esteve presente no ato inaugural do sínodo diocesano realizado em Évora pelo cardeal-infante D. Afonso em 27 de Maio de 1534.³⁵ Enfim, Aires Barbosa pôde, portanto, voltar a conviver com

³¹ Vd. Armando F. Verde, *Lo Studio Fiorentino, 1473-1503. Ricerche e Documenti*, Vol. III, Tomo II, Pistoia, 1977, pp. 653 e 988.

³² Ao contrário do que acontece com a referida matrícula de Martim de Figueiredo em Direito, que vem registada no respetivo Livro das Matrículas, e como também acontecia com as outras faculdades maiores, o mesmo não se verifica com a de Aires Barbosa pelo simples facto de que os jovens que frequentavam as faculdades menores de Poética e Retórica (as Humanidades) não constituíam uma corporação estudantil e não tinham registo de matrícula (vd. Armando F. Verde, op. cit., vol. III, tomo II, p. 957).

³³ Vd. *Chartularium ...*, vol. X (1501-1510), Lisboa, 1991, p. 169.

³⁴ Vd. *Commentum in Plinii naturalis historiae prologum a iuris utriusque doctore Martino Figueiredo editum serenissimi Portugaliae Regis senatore*. [Lisboa, idos de junho de 1529]. A relação deste “Comentário ao Prólogo [isto é, à Carta Dedicatória] da *História Natural* de Plínio” com Ângelo Policiano consiste no facto de Martim de Figueiredo se ter servido de um texto submetido à crítica textual por parte daquele seu antigo mestre italiano, como o próprio Figueiredo informa neste subtítulo do seu Comentário: *Epistola Plinii secundum ueram lectionem ex exquisitissimis et antiquissimis exemplaribus, ab Angelo Politiano magnis sumptibus, et summa diligentia undique perquisitis*. (“Carta de Plínio, segundo a verdadeira lição a partir dos mais apurados e mais antigos exemplares, procurados por toda a parte com grande despesa e a máxima diligência de Ângelo Policiano”). Se o doutor Martim de Figueiredo se refere a exemplares impressos da *História Natural* pliniana, Policiano tinha à disposição pelo menos cerca de uma dezena de edições saídas a lume desde 1472 até ao ano de sua morte (1494), em várias cidades da Itália: em Veneza, em 1472 por Nicolau Jenson, em 1476 e 1481 por Cristóforo Landino e em 1483 por Reinaldo de Novimagio; em Roma, em 1473 por Conrado Sweynheim; em Parma, em 1476 por Estêvão Corallus e em 1480 e 1481 por André Potilia; em Nápoles, em 1476 por Juviano Moravo.

³⁵ Vd. *Autos do Sínodo de Évora de 1534*. Reprodução fac-similada do Códice Manuscrito CEC 5-IX do Arquivo do Cabido da Sé de Évora, Porto, Fundação Eng. António de Almeida,

o tio, desta feita na corte portuguesa, durante os sete anos de docência áulica que este aí passou entre 1523 e 1530.

Para concluir a questão de Aires Barbosa como aluno de estudos propedêuticos em Salamanca, importa anotar que, se Aires Barbosa, antes de frequentar Universidade de Florença, tivesse sido aluno na de Salamanca, teria tido aqui, como seus professores, grandes mestres da sua área, como Élio António de Nebriga, famoso catedrático de prima de Gramática. Ora, não deixa de ser estranho que, mais tarde, quando Aires Barbosa aí partilhou com ele amizade e profissão de docente, nunca tenham evocado, nem um nem outro, nos textos escritos permutados entre si ou em que mutuamente se referem, essa relação de mestre e discípulo. Por outro lado, Aires Barbosa, que se afirmou como aluno da Universidade de Florença, nunca o fez como tal relativamente à de Salamanca, o que também é igualmente estranho. Finalmente muito estranho, ainda, é o facto de, nas repetidas referências ao “Mestre Grego” – nome por que ele passou a ser designado em Salamanca – registadas nos Livros de Clautros da Universidade de Salamanca, nunca tenha escapado uma menção da sua qualidade de antigo filho daquela Escola.

Tudo isto confirma, a nosso ver, que ele nunca frequentou Salamanca antes de nela ser admitido como professor e que, quando jovem de 14 anos de idade em Esgueira, tinha pela frente um destino que não o confinava aos muros do nobre Estudo salmantino e à cidade do Tormes: o seu apelo verdadeiramente humanista e moderno vinha da Itália.

Na verdade, o melhor de toda a sua formação universitária, recebeu-o Aires Barbosa na Universidade de Florença, na época em que esta se encontrava sediada na próxima cidade de Pisa por motivo da instabilidade política naquela região (desde novembro de 1486 a outubro de 1494), onde ele se dirigiu atraído pela fama daquela Escola e dos seus grandes mestres, entre os quais fulgurava o nome do inigualável Ângelo Policiano.

Que Policiano foi professor de Aires Barbosa é este mesmo quem o diz repetidas vezes de forma explícita ou implícita. Assim, no prefácio do seu *Comentários à História Apostólica de Arátor*, publicados em Salamanca em 1516, ao falar acerca do verdadeiro sentido e função do “gramático”, evoca o testemunho do seu mestre deste modo (fol. iii): *ut Politianus, doctor olim meus, politissime dixit* (“como Policiano, meu mestre de outrora, disse com a máxima elegância”). E num epigrama composto em resposta a um “Nebulão gramatista” seu adversário que se julgava uma reencarnação de Policiano, e publicado em apêndice aos mesmos *Comentários* (vd. fol. cli vº; cfr. *infra*, pp. 120-121, Epigrama 14), Barbosa afirma: *Sane ego discipulum fateor me aliquando fuisse / Doctorum, et certe, Politiane, tuum.*

2000, fol. 15, *in fine*. Entre as testemunhas desse ato aí se diz expressamente: “[...] & o doutor martim de figuredo & outros mujtos chamados e rogados [...]”

(“Eu reconheço, sem dúvida, que fui outrora discípulo / De doutores, e certamente de ti, Policiano”). E acaba por concordar com o gramatista, num amplo contexto de profunda ironia, dizendo: *O bone [...], uiuit meus Angelus in te.* (“Ó meu caro amigo [...] o meu querido Ângelo vive em ti”).

Mas o texto em que o nosso humanista mais claramente se diz discípulo do grande mestre florentino é o seguinte epigrama, envolvendo desta feita o seu antigo condiscípulo, João de Médicis, então feito cardeal desde os 13 anos³⁶ e depois papa Leão X (cfr. *infra*, pp. 170-171, Epigrama 64):

IN QVENDAM MALIVOLVM

*Me condiscipulum decimi cum dico Leonis
Et cum discipulum, Politiane, tuum,
Me premo, non tollo. Nam, si contraria lucent
(Vt perhibent) iunctis clarius oppositis,
Quid tam disiunctum? Tangit fortuna supremi
Pontificis caelum, sed mea tangit humum.
Quid tam diuersum quantum sus nostra Mineruae,
Angele, se opponens, Politiane, tuae?*

CONTRA UM CERTO MALÉVOLO

Quando eu digo que fui condiscípulo de Leão X
e quando digo que fui teu discípulo, ó Policiano, estou
a humilhar-me, não a exaltar-me. Pois, se os contrários, como dizem,
se distinguem com mais clareza quando postos em confronto,
que distância há tão grande como esta? Toca o céu a condição
do Supremo Pontífice: a minha, ao invés, rasteja pelo chão.
Que desproporção é tão grande, Ângelo Policiano, quanto
a minha porca a confrontar-se com a tua Minerva?

De entre outros mestres e figuras importantes da cultura humanística presentes no Studio Fiorentino no tempo de Aires Barbosa, que ele próprio menciona e com os quais muito provavelmente conviveu, contam-se o italiano João Pico de

³⁶ Não é de estranhar esta nomeação tão prematura, dado que não se trata de uma ordem sacra; e temos entre nós um caso ainda mais precoce, a saber, o do infante D. Afonso, filho de D. Manuel I, para quem o rei conseguiu o cardinalato quando ele tinha apenas 8 anos, e de quem Aires Barbosa foi mestre áulico e a quem dedicou o seu poema *Antimoria*, incluído neste volume. Sobre este caso vd. Sebastião Tavares de Pinho, “O poema *Consecratio* de Jorge Coelho e origem da palavra *Lusíadas*”, *Decalogia Camonianana*, Coimbra, 2007, pp. 7-35.

Mirândula e o português Luís Teixeira, que ele evoca ao lado de Policiano (vd. *infra*, pp. 148-149, Epigrama 42).

Aires Barbosa beneficiou do ambiente cultural, do ensino, do convívio e, em parte, da amizade destes vultos singulares já nos últimos anos de suas vidas. O grande mecenas Lourenço de Médicis, o Magnífico, morria em 1492, Pico de Mirândula 17/11/1494 e Ângelo Policiano em 28/08/1494, data em que provavelmente Aires Barbosa estava de despedida da Universidade de Florença, laureado com o grau de mestre em Artes. É provável que o seu destino imediato tenha sido a sua terra natal de Esgueira, onde terá passado algum tempo de férias no ambiente da família.

I – 4. Aires Barbosa, “El Maestro Griego” de Salamanca

O início da presença de Aires Barbosa em Salamanca na qualidade de professor universitário é um dado indiscutível que o próprio humanista teve a iniciativa de registar com a maior clareza e precisão, ao recordar, anos mais tarde, na sua *Releção acerca da Prosódia* (*Relectio cui titulus Prosodia*, fol. a iiiii), publicada em 1517, o dia, mês e ano da sua chegada à cidade do Tormes para aí iniciar a sua carreira docente, com a seguinte fórmula cronométrica baseada no movimento solar, segundo o hábito dos Clássicos: *Secundae et uicesimae aestatis circulus uoluitur ex quo ad iiii Kalendas Iulias Salmanticam ueniens, anno uidelicet a genesi liberatoris nostri M.CCCC.XCV non destiti, auctoritate Quintiliani secutus, admonere scholasticos ut hasce regulas faciles, omissis aliorum ambagibus, sectarentur.* (“Rola o círculo do vigésimo segundo estio, desde que, ao chegar a Salamanca a quatro das calendas de julho, a saber, do ano de 1495 do nascimento de Nosso Salvador, não deixei de, baseado na autoridade de Quintiliano, advertir os estudantes para que, pondo de parte os rodeios de outros, sigam estas regras simples.” [...]). Barbosa falava das regras de acentuação da língua latina, que certos mestres ignorantes da Universidade de Salamanca pronunciavam mal.

Temos, assim, bem definida a data de 28 de junho de 1495, que representava um marco de especial e indelével significado para a vida profissional do jovem Aires Barbosa, a ponto de ele ainda a conservar viva na memória, apesar de passados vinte e dois anos. Mas esta informação é confirmada pelo testemunho de dois epigramas do nosso humanista compostos três meses depois da sua chegada a Salamanca e integrados na reedição das *Introductiones Latinae* do seu amigo e colega António de Nebrija, publicadas na mesma cidade em 30 de setembro de 1495.³⁷ E constam das mesmas *Introductiones* de Nebrija (no “Prefácio às Letras Gregas”) as seguintes palavras do conceituado professor como o maior elogio à competência de Aires Barbosa em matéria de Grego: *Ego uero cum in meis*

³⁷ Vd. *infra*, pp. 100-103, Epigrama 1, dirigido ao próprio Nebrija; e Epigrama 2, dirigido ao leitor.

Introductionibus multos locos, ex Graeco pendentis, inchoatos reliquissent, communicata re prius cum Ario Lusitano a quo uno, siquid Graecarum litterarum apud nos est, emanavit, ausus sum facere quod ille harum rerum peritior facere debuisset (“E tendo eu deixado nas minhas *Introduções* muitos lugares dependentes do Grego e, depois de ter apresentado previamente a matéria ao português Aires, de quem somente, se alguma coisa das letras gregas existe entre nós, tudo isso emanou, usei fazer o que ele, mais perito nestas coisas, deveria ter feito”). Algum tempo depois Lúcio Marineo Sículo, na sua obra *De Hispaniae laudibus*, publicada em Burgos em 1497,³⁸ mas que já vinha sendo escrita entre 1495 e 1496, não só confirma a atividade docente de Barbosa, mas até especifica a sua catedrilha de Grego, ao incluir o seu nome na lista dos professores daquela Universidade, nestes termos: *Graece autem docet Arius Barbosus, uir et Graece et Latine facundus*. (“E quanto ao Grego, ensina-o Aires Barbosa, homem facundo tanto em grego como em latim.”).³⁹

A catedrilha de Grego tinha sido estatuída no quadro curricular da Universidade desde 1480 (vd. Enrique Esperabé Arteaga, op. cit., p. 328), mas não havia sido aberta por falta de docente qualificado, até à chegada de Aires Barbosa. Foi assim que o humanista português se tornou o primeiro professor de Grego em Salamanca. Este primado, que já lhe mereceu o título de “Patriarca do Helenismo Ibérico”⁴⁰, é confirmado mais tarde, quando o humanista publica, em 1511, o seu primeiro livro, acerca dos verbos oblíquos⁴¹, no epigrama com que o seu amigo António Honcala faz a sua apresentação e lhe tece, em sete dísticos, um rasgado elogio que assim começa (o sublinhado é nosso):

AD LECTOREM HONCALA

*Qui protrita fugis rerum studiose nouarum,
Haec Lusitani percipe dona mei.
Fulget utrimque potens linguis; sed primus Iberos
Quod Graece docuit nomina Graecus habet.
Attice, sic nomen quondam, Romane, tulisti,
Sic nostro Graecus tempore nomen habet.*

³⁸ Vd. José Pérez Riesco, *Arias Barbosa, “El Maestro Griego”*, Madrid, 1948, p. 34 (tese dactilografada), dá esta obra como publicada em 1495. Mas não encontramos, no vasto número de bibliotecas consultadas, nenhum exemplar com essa data, e todos os catálogos e outras fontes especializadas a que pudemos recorrer indicam como primeira edição a de c.1497.

³⁹ Vicente Beltrán de Heredia, O. P., *Cartulario de la Universidad de Salamanca. La Universidad en el Siglo de Oro*, III, Salamanca, 1971, p. 146.

⁴⁰ Vd. [Pedro] Margalho, *Doutor de Teologia, ao português Aires Barbosa, patriarca de ambas as línguas* (cf. *infra*, pp. 83-85, Anexo Epistolar e Documental, II-9) e Manuel Gonçalves Cerejeira, *O Renascimento em Portugal, II – Clenardo, o Humanismo, a Reforma*. Nova edição, Coimbra, 1975, pp. 86 e 135.

⁴¹ Cf. Aires Barbosa, *Relectio de Verbis Obliquis*, fol. a i.

HONCALA AO LEITOR

Tu, que te empenhas em fugir das trivialidades das coisas novas,
recebe esta dádiva do meu querido lusitano.

Ele domina com igual brilho ambas as línguas, mas porque foi quem primeiro ensinou o Grego aos Iberos, tem por cognome “O Grego”.

Tal como outrora tu, Ático romano,⁴² teu cognome tomaste,
assim no nosso tempo “O Grego” seu nome tem.

Ainda em vida de Aires Barbosa, outros autores testemunharam a sua qualidade de mestre greco-latino e o seu primado no ensino da língua de Homero em Salamanca, como Pedro Mártir de Anghiera⁴³ e Pedro Margalho⁴⁴; e o seu discípulo e amigo André de Resende confirma a notícia de que Aires Barbosa fora o primeiro professor de grego em toda a Hispânia, quando, no seu Elogio a Erasmo (*Erasmii Encomium*), publicado em Basileia em 1531, se lhe refere deste modo: [...] *docuit nam primus Iberos / Hippocrenaeo Graias componere uoces / Ore* [...] (“na verdade, foi ele quem primeiro ensinou os Iberos / a dispor no canto de Hipocrene as palavras gregas”).

O desaparecimento dos livros de Claustros (que registam as actas, termos e assentos sobre toda a vida pedagógica, científica e administrativa da Universidade salmantina em geral) entre o anos 1481-1482 e 1502-1503, não nos permite confirmar, por via desse recurso documental, estes primeiros dados curriculares do Mestre Grego, colhidos em testemunhos particulares coevos. Mas logo a partir de 1503 o nome de Barbosa começa a aparecer com regularidade nos referidos livros de Claustros, sob variadas formas, como “Aries Barbosa”, “el Maestro Griego”, “El maestro Arias Barbosa”, “Aries Barbosa, alias Griego”, e mesmo simplesmente “El Griego”, todas acentuando a qualidade de único especialista em língua grega.⁴⁵

É nos mesmos Livros de Claustros que se conservam registados os principais passos da sua carreira académica e da sua ativa participação na vida comunitária da Universidade de Salamanca muitas vezes na qualidade de catedrático deputado.

Assim, no claustro de 1 de maio de 1503 Aires Babosa aparece pela primeira vez entre os lentes que faziam o habitual juramento *de bene legendo* para o exercício do ano seguinte (vd. *4º Livro de Claustros*, fl. 14v-15).

Em 11 de setembro seguinte Barbosa é incorporado no colégio dos Doutores e Mestres em Artes, o que foi decidido por rescrito dos membros do Claustro

⁴² Deve referir-se ao amigo de Cícero, Tito Pompónio Ático (Roma, 109-32 a.C.), a quem os contemporâneos apelidaram de “Ático” graças ao seu profundo domínio da língua grega.

⁴³ Vd. *infra*, pp. 65-68, Anexo Epistolar e Documental, III-7.

⁴⁴ Vd. *infra*, pp. 83-85, Anexo Epistolar e Documental, III-11.

⁴⁵ O Arquivo Catedralício de Salamanca, *Actas Capitulares*, Livro 24, fol. 196v, apresenta as formas “Maestro Griego”, “Maestro Griego Aries de Barbosa” e “maestro Aries de Barbosa”.

tendo em conta “algunas causas y razones que les movieron, especialmente por la suficiencia que tiene notoria Aries Barbosa, maestro en Artes” (vd. id., fl. 29-29v), o que faz concluir que o humanista já havia assumido pouco antes a qualidade de catedrático proprietário da cadeira de Retórica, condição necessária para poder ser admitido no referido colégio de Doutores e Mestres, uma vês que ele tinha adquirido o mestrado fora da Universidade de Salamanca, isto é, em Florença. Foi a qualidade de proprietário dessa cadeira de Retórica que, continuada com a de Prima de Gramática assumida mais tarde, contribuiu, vinte anos depois (em 1523), para a sua jubilação, prevista pelos estatutos universitários, o que não podia conseguir com a catedrilha de Grego, que não incluía tal atributo de propriedade.

Em finais de dezembro de 1503 Barbosa concorreu à oposição da cátedra de prima de Gramática (Latim) com que tanto sonhava, mas foi preterido a favor de Pedro Espinosa, apesar dos seus protestos perante o Claustro, por alegadas irregularidades do concurso.

Em agosto de 1504, por ocasião e motivo da vinda do Superior Geral dos Dominicanos a Salamanca em visitação aos alunos da sua Ordem, foi escolhido o Mestre Grego como orador oficial juntamente com Lúcio Flamínio Sículo, conforme notícia da carta deste dirigida ao seu conterrâneo Lúcio Marineo Sículo, ambos professores italianos em Salamanca e amigos de Aires Barbosa⁴⁶.

Em 1 de abril de 1505 concorreu de novo à cátedra de Gramática, recentemente declarada vaga por morte de Pedro Espinosa. Barbosa chegou mesmo a prestar o juramento conforme o estatutos, mas dez dias depois, com o regresso do celebrado António de Nebrija, que andava ausente, e a disposição deste de entrar no mesmo concurso, Aires Barbosa desistiu em favor do grande mestre, de quem era admirador e amigo.

Em 30 de junho de 1506 foi oficialmente incorporado na embaixada constituída pelo vice-escolástico Maestro Johannes, o doutor Luna e por ele, Maestro Griego, para enviar ao novo rei Filipe I, “a besar la manos en nombre de la Universidad”.

Com a vagatura da cátedra de Gramática de prima em 19 de fevereiro de 1509 por abandono de Nebrija, Barbosa concorre em 22 de março seguinte e assegura finalmente a sua propriedade. Dois dias depois abandona a cátedra de Retórica, cuja vaga foi logo preenchida pelo seu amigo Lúcio Flamínio, ficando assim o nosso humanista na posse da língua grega, que detinha desde 1495, e agora da latina, como ele tanto desejava e de que tanto se ufana por ser o primeiro professor na Península Ibérica a ensinar simultaneamente em ambas as línguas clássicas, *in utraque lingua* como ele recorda em vários das suas obras.⁴⁷

⁴⁶ Vd. Lúcio Marineo Sículo, *Epistolarum familiarium libri decem et septem*, Valhadolid, 1514, lib. VI, ep. 14.

⁴⁷ Vd. *infra*, pp. 118-119, Epigrama 13, v. 9; pp. 170-171, Epigrama 63, v. 24; pp. 220-221, Prefácio ao *Antimória*; e *Relectio de uerbis obliquis*, fl. av^o, passo transcrito em nota ao v. 24 do Epigrama 63.

Aires Barbosa exerceu um notabilíssimo papel dentro da estrutura académica dos Claustros, na qualidade de deputado várias vezes reeleito, participando em diversas comissões para a elaboração de regulamentos sobre provisão de cátedras, estatutos de licenciaturas e seus exames, criação de novos cursos, melhoria das condições físicas das instalações escolares, solução de questões de ordem financeira e reclamações de docentes. E, já quase no fim da sua carreira académica teve a subida honra de ser escolhido para integrar a embaixada da Universidade de Salamanca dirigida a Roma entre 21 de maio e 15 de julho de 1522, para prestar homenagem ao novo papa Adriano VI.⁴⁸

No verão de 1523 Aires Barbosa atinge a sua jubilação com cerca de quarenta e oito anos de idade e vinte e oito de ensino em Salamanca, vinte dos quais como professor titular proprietário, o que lhe concedeu o estatuto de jubilado. Regressa a Portugal e, a convite de D. João III, entra ao serviço da corte como mestre dos infantes cardeal D. Afonso e D. Henrique.

I – 5. Aires Barbosa e os teólogos de Salamanca

Quando o jovem mestre Aires Barbosa iniciou a sua carreira universitária em Salamanca como professor de Grego encontrou aí um ambiente de profunda decadência em matéria de línguas clássicas. A língua grega era coisa estranha para a quase totalidade dos professores, e mesmo o latim andava tão desprezado, que poucos o usavam como língua de comunicação e veículo de ensino escolar, ou traziam-no totalmente corrompido e reduzido a um simulacro macarrónico e “barbárico”, contrariando assim as próprias normas regulamentares da Universidade.

O nosso humanista empreendeu uma dura batalha contra esta situação de verdadeira barbárie, como ele a classifica em várias das suas composições.⁴⁹ Essa guerra já havia sido iniciada anos atrás por António de Nebrija⁵⁰, mas Aires Barbosa assumiu-a baseado sobretudo na indispensabilidade do estudo da cultura helénica e na língua que a veicula, tanto mais que o mesmo combate já se vinha travando nos meios italianos, em que sobressaía Ângelo Policiano, o mestre que mais marcou o pensamento do nosso humanista. Teve de enfrentar a oposição e hostilidade de grande parte do professorado salmantino, designadamente dos filósofos e juristas e sobretudo dos teólogos, que zombavam dos mestres de Latinidade, a quem chamavam uns simples

⁴⁸ Sobre esta embaixada e seus componentes vd. *infra*, pp. 194-195, Epigrama 94.

⁴⁹ Sobre o combate antibarbárico de Barbosa, vd. *infra*, pp. 142-143, 148-149, 164-167 e 172-175, respetivamente Epigramas 35, 36, 42, 61 e 66.

⁵⁰ Sobre essa luta tenaz do Nebrissense, vd. Francisco Rico, *Nebrija frente a los bárbaros. El canon de gramáticos nefastos en las polémicas del humanismo*, Salamanca, 1978.

e desprezíveis “gramáticos”, tema de recorrente abordagem nos textos de Barbosa.⁵¹

Se a ignorância das línguas clássicas era escandalosa em professores que deveriam saber fundamentar o seu ensino na leitura direta das fontes da cultura antiga em geral, o problema tornava-se mais grave no caso dos teólogos ignorantes do grego, impossibilitados de ler na língua original uma grande parte do vastíssimo património literário da história da Igreja, da Patrística e sobretudo de todo o Novo Testamento, escritos na língua helénica. E a reação deles contra o humanista português recrudesciu quando este se aventurou a comentar textos de fundo bíblico e teológico, como aconteceu com o curso ministrado no ano letivo de 1513-1514, sobre o poema heroico *Historia Apostolica* do cardeal e poeta cristão Arátor dos séc. V-VI, que depois, a pedido insistente de seus alunos, o mestre Barbosa converteu em livro e publicou em Salamanca em 1516. É o próprio Aires Barbosa que responde a essas críticas em dois textos incluídos no mesmo livro.

O primeiro é um epigrama de trinta e quatro versos que faz parte da presente edição com o nº 13 (vd. *infra*, pp. 118-119) e com o título “O português Aires Barbosa a um certo teólogo que afirmava que a obra de Arátor devia ser comentada por um professor não de Humanidades, mas de Teologia”. A composição divide-se em duas partes: na primeira enuncia as razões do seu crítico, que o acusa de meter a foice em seara alheia, de fazer como o sapateiro que vai além da chinela, de usurpar os mistérios das alturas celestes, em vez de se remeter aos escritores pagãos e à Minerva dos vates antigos. Barbosa responde na segunda parte dizendo que o domínio da cultura clássica e das duas línguas que a veiculam – a grega e a latina – o habilitam, melhor que a ninguém, a comentar qualquer obra literária, e convida-o a ler os seus escritos, que falam por si.

O segundo texto é um longo passo em prosa, que serve de remate ao “Prefácio ao primeiro livro dos comentários de Aires Barbosa, dirigido aos jovens estudantes das boas-letas”.⁵²

Partindo do sentido original do vocábulo “gramático” (do grego “γράμμα”, ‘letra’), Barbosa estabelece a sua correspondência semântica com “literato”, de origem latina (da palavra “*littera*”), para demonstrar que o gramático, tal como o

⁵¹ Sobre a função do gramático vd. *infra*, pp. 102-105, 118-119 e 190-193, respetivamente Epigramas 5, 13, 89 e 90; e a parte final do “Prefácio ao primeiro comentário de Aires Barbosa dirigido aos jovens estudantes das boas-letas” (*Comentário à Historia Apostolica de Arátor*, fl. iii - iii vº).

⁵² Vd. *Comentário à Historia Apostolica de Arátor*, fl. iii - iii vº; cfr. José Henrique Rodrigues Manso, *Comentário de Aires Barbosa à Historia Apostolica de Arátor (Textos Preliminares e Primeira Secção do Livro I)*. Estudo introdutório, fixação do texto, tradução e notas. Coimbra, Faculdade de Letras, 2001, pp. 91-97 [Dissertação de Mestrado, dactilografada].

literato, está apto a fazer análise e crítica a qualquer texto literário, mesmo que se trate de uma obra de conteúdo e contexto teológico.

E, com efeito, quem lê os longos *Comentários* de Aires Barbosa à *Historia Apostolica*, isto é, aos Actos dos Apóstolos, logo vê que ele não é apenas um filólogo erudito, mas revela-se um profundo conhecedor da história eclesiástica, dos textos da Patrística tanto grega como latina e das mais profundas questões teológicas, que ele discute com rigor científico e para as quais se mostra muito bem preparado.

Hoje, graças a alguma documentação recentemente disponível, ficamos a saber que Aires Barbosa, afinal, era um teólogo academicamente qualificado. De facto, em 7 de dezembro de 1502, o nosso humanista, já professor há sete anos em Salamanca, interpunha uma súplica ao Papa para que lhe fosse feita a colação dos graus de licenciatura e de doutoramento ou de mestrado em teologia, tendo em conta os vários anos que dedicara ao seu estudo naquela Universidade, pedindo para isso que fosse constituído um júri de professores competentes a fim de o examinarem, fora da alçada e do processo dos estudos gerais, isto é, na forma de exame privado com dispensa do juramento feito de não receber tais graus fora da universidade onde recebera o prévio grau de bacharel, mas com a concessão de todos os privilégios e prerrogativas inerentes aos graduados pelas instituições académicas.⁵³

Esta prática era muito corrente e motivada por razões de vária ordem, designadamente para evitar o aparato solene das cerimónias públicas e as inerentes despesas a cargo do graduando. Nestes casos a colação dos graus era feita por concessão e autoridade pontifícia direta, que era, afinal, quem detinha o poder supremo nesta matéria sobre as universidades.⁵⁴

Três dias depois, a 10 de dezembro, Aires Barbosa repete o mesmo pedido em nova petição que insiste nos mesmos motivos da anterior.⁵⁵ Ambas as petições registam o despacho e aprovação pontifícia. E a confirmar esta aprovação e efetiva colação dos graus académicos está o facto de em 20 de abril de 1506, numa outra petição de que já atrás falámos e voltaremos a falar a seguir, Aires Barbosa já é não apenas identificado como “mestre em Artes”, mas também “é varão excelente em matéria de latim e de grego e ensina publicamente Retórica latina e grega no Ginásio Salmantino e é mestre egrégio e peritíssimo e insigne arauto em Teologia ...” (*est uir Latinis et Graecis excellens*

⁵³ Para consulta do respetivo documento, vd. *infra*, pp. 61-63, Anexo Epistolar e Documental, III-4.

⁵⁴ Sobre a colação de graus fora da Universidade, vd. José Marques, “Os corpos académicos e os servidores”, in *História da Universidade em Portugal*, Coimbra, 1997, Universidade de Coimbra / Fundação Calouste Gulbenkian, Vol. I, Tomo I, pp. 67-127, especialmente pp. 106-110; e Francisco da Gama Caeiro, “Introdução” ao *Chartularium Universitatis Portugalensis (1288-1537)*, Vol. X (1501-1510), Lisboa, INIC, 1991, pp. XV-XVI.

⁵⁵ Vd. *infra*, pp. 63-64, Anexo Epistolar e Documental, III-5.

ac in Gymnasio Salmantino publice Latinam et Graecam Rethoricam profitetur et in sacra Theologia magister egregius et peritissimus et praedicator insignis ...).⁵⁶

Onde fizera Aires Barbosa os estudos de teologia?

Os referidos documentos dizem-no de forma indireta quando esclarecem que Barbosa pede que os graus por ele solicitados tenham todos os seus efeitos na “supradita universidade em que, como atrás é referido, tomou o grau de bacharelato” (*in uniuersitate praedicta in qua gradum baccalauriatus, ut praefertur, suscepit*). Ora, como as petições foram feitas quando ele era mestre de Artes na Universidade de Salamanca e é aí que ele pretende usar de tais efeitos, conclui-se que foi na mesma universidade que ele se fez bacharel. Para tudo isso teve o espaço de dez anos desde que entrou ao seu serviço em 1495, durante os quais, ao mesmo tempo que ensinava as matérias da sua especialidade, podia frequentar as aulas de teologia. De resto, na supracitada resposta aos seus adversários, Barbosa recorda que frequentara com particular proveito as aulas do célebre professor Fernando de Roa, que ele considera “de longe o mais douto de todos os teólogos de Salamanca” (*omnium theologorum Salmanticensium longe doctissimum*)⁵⁷, e que ensinara a cátedra de Lógica desde 1469 e a de Filosofia Moral desde 1473. Ainda era catedrático em 1480, e talvez assim se tenha mantido até finais do século XV, ainda que a falta de Livros de Claustro entre 1481 e 1502 não o permita comprovar documentalmente. Sabe-se apenas que o seu nome já não aparece nos referidos Livros a partir de 1503.⁵⁸ Mas o jovem mestre Aires Barbosa assegura ter frequentado as suas aulas, e isso só podia ter acontecido a partir de 1495.

Temos assim documentada a habilitação académica do Mestre Grego para tratar de assuntos teológicos, e com real capacidade para o fazer como o demonstrou ao longo de todo o referido comentário filológico, extenso e minucioso, feito à edição do poema de Arátor.

I - 6. Aires Barbosa e o seu quadro familiar

Dos vários textos autobiográficos de Aires Barbosa consta uma composição que diz diretamente respeito à sua vida matrimonial e aos filhos que dela resultaram. Trata-se do “Epitáfio da esposa” (*Epitaphium uxoris*), que figura com o nº 67 entre os epigramas do presente volume. Nele o autor dá notícia do nome da esposa – Isabel – e das suas grandes qualidades, da sua morte prematura “ainda em plena flor dos anos” (*nimum florentibus annis*) e dos cinco filhos com que ela, mesmo assim, lhe concedeu as honras da paternidade.

⁵⁶ Vd. *infra*, pp. 64-65, Anexo Epistolar e Documental, III-6. (com tradução nas pp. 14-15).

⁵⁷ Vd. Aires Barbosa, *Aratoris Cardinalis Historia Apostólica cum Commentariis*, fol. iii.

⁵⁸ Vd. Enrique Esperabé Arteaga, *Historia Pragmática é Interna de la Universidad de Salamanca*, Tomo II, Salamanca, 1917, p. 274.

EPITAPHIVM VXORIS

*Hic iacet Elisabeth generosae stirpis et uxor
Barbosae. Moriens morte beata fuit.
Nam bene quae uixit, fatali molliter hora
castam animam caelo reddidit, ossa solo.
Est, igitur, felix. Nullum facunda Solonis
felicem ante obitum dicere uox solita est.
Rapta licet fuerit nimium florentibus annis,
te patrem quino pignore fecit, Ari.*

EPITÁFIO DA ESPOSA

Aqui jaz Isabel, de nobre estirpe e esposa
de Barbosa. Ao morrer, na morte encontrou a felicidade.
Pois que ela viveu santamente, na hora fatal entregou
ao Céu, tranquila, sua alma pura, e à terra seus ossos.
Por isso ela é feliz. Costumava proclamar a voz eloquente
de Sólon que ninguém é feliz antes da morte.
E apesar de ter sido arrebatada ainda em plena flor dos anos,
deu-te, Aires, com cinco filhos, as honras da paternidade.

Estudos feitos por José Pérez Riesco e terminados em 1948 provaram que Aires Barbosa casou em Salamanca com Isabel Nieto, viúva do licenciado Juan Suárez de Oviedo, catedrático de *Instituta* na Universidade de Salamanca, o qual fez testamento em 2 de setembro de 1506 e terá falecido pouco depois. O mesmo investigador mostra também que Aires Barbosa aparece já casado com Isabel Nieto em 29 de agosto de 1508 e conclui que o seu casamento se deve ter realizado entre finais de 1507 e princípios de 1508.⁵⁹

Uma parte dos cinco filhos referidos no epigrama vem identificada mais tarde, em 1540, aquando da feitura do seu testamento, cujo texto foi descoberto e publicado no mesmo ano de 1948 por Francisco Ferreira Neves⁶⁰ e de cujo teor constam como herdeiros seu filho Fernão Barbosa e sua filha Margarida Barbosa, e também sua filha Catarina de Figueiredo que não entrou na partilha dos bens por ser freira no Convento do Santo Espírito e este ter sido já “pago e satisfeito”.⁶¹ O mesmo Pérez Riesco (op. cit., p. 56) dá notícia da existência de mais

⁵⁹ Vd. José Pérez Riesco, *Arias Barbosa, “el Maestro Griego”*. Tesis doctoral. Madrid, 1948, pp. 53-57 [texto dactilografado].

⁶⁰ Vd. Francisco Ferreira Neves, “Vida e testamento do humanista Aires Barbosa”, *Arquivo do Distrito de Aveiro XIV* (Aveiro, 1948), 42-64.

⁶¹ Vd. *infra*, pp. 57 sqq, Anexo Epistolar e Documental, III-3.

duas filhas do casal, cujo nome desconhece mas não são as mesmas Margarida e Catarina, e que seguiram vida religiosa em Salamanca e por lá ficaram quando Aires Barbosa regressou a Portugal em 1523. Fica assim completo o número dos cinco filhos deste matrimónio.

Há, porém, indícios de que havia mais um filho, mas de um outro matrimónio anterior, segundo se depreende do texto de um dos epigramas publicados em 1517 e que figura na presente edição como Epigrama 49. Com efeito, aí recorda Aires Barbosa um episódio em que o seu filho mais velho o defendeu de um ataque físico por parte de uma chusma de gandulos, provavelmente a mando dos seus inimigos universitários contra cuja barbárie cultural o Mestre Grego sempre lutou. Esse filho, – diz o humanista – “quando, de todo o lado, bárbara multidão atacava com armas esta minha cabeça, irrompeu intrépido pelo meio da chusma e tirou do meio do inimigo o seu pai já quase à beira da morte.”

Ora, tendo este incidente ocorrido antes de 1517, quem lhe valeu não podia ter sido o único filho varão que faz parte do grupo dos cinco descendentes de Aires Barbosa e da castelhana Isabel Nieto, casados, como vimos, entre 1507 e 1508, e que mais tarde o próprio testamento do humanista identifica como Fernão Barbosa. A estes dados junta-se a informação complementar colhida na *Vida do Infante D. Duarte*, do seu discípulo André de Resende,⁶² que aí descreve uma briga entre este infante e o mesmo Fernão Barbosa quando ainda garotos, a que ele assistiu durante uma aula de Aires Barbosa na corte de D. João III, e nos revela que Fernão era “moço pouco mais que da idade do Infante D. Duarte”, nascido em 1515.

Assim se conclui que este filho Fernão era ainda uma criança antes de 1517 e não tinha capacidade de defender o pai no referido incidente, nem auxiliá-lo no ensino dos iniciados da Latinidade, como conta o Epigrama 49. Quem o defendeu teria de ser o tal outro filho bem mais velho e não resultante do matrimónio com Isabel Nieto.

Ora, a hipótese de que Aires Barbosa terá casado pela primeira vez com Isabel de Figueiredo segundo informação de Barbosa Machado⁶³ – apesar desta notícia vir envolvida em erradas misturas que revelam alguma confusão –, não é de todo impossível e viria resolver a questão de um filho mais velho, fruto desse eventual anterior casamento com essa outra Isabel, da família dos Figueiredos, provável parente de Catarina de Figueiredo, mãe do humanista aveirense. Nesse sentido parece apontar o Epigrama 52, da coleção publicada em 1517 (cfr. *infra*, pp. 156-157), dirigido a um certo Frontão (talvez nome fictício de algum jurista seu crítico), que o terá censurado de ele casar pela segunda vez e a quem ele confessa que “já um dia a nossa barca foi fustigada no alto do mar de Cupido” e lhe pergunta “por que razão uma nova culpa não sofre uma nova acusação?”.

⁶² Vd. André de Resende, *Obras Portuguesas*, Lisboa, Sá da Costa Editora, 1963, p. 93.

⁶³ Vd. Diogo Barbosa Machado, *op. cit.*, tomo I, p. 76.

Tal casamento poderia ter ocorrido na sua terra natal após o regresso de Florença em 1495 e dele nasceria o seu primeiro filho, que ainda era vivo aquando do episódio do ataque de que o pai foi alvo, antes de 1517, ano em que poderia andar pelos vinte anos, mas que terá falecido prematuramente, bem como sua mãe.

Se assim foi, quando o humanista casou em 1507-1508 com a viúva salmantina Isabel Nieto, tê-lo-á feito também no estado de viúvo.

É verdade que Aires Barbosa guardou silêncio sobre estes possíveis acontecimentos, mas Pedro Margalho, seu amigo e colega em Salamanca desde 1517, publicou aí por volta de junho de 1520 a sua obra *Phisices compendium*, que inclui duas cartas trocadas entre eles, em que Margalho, ao ver o seu amigo Barbosa a aproximar-se da jubilação e do regresso à pátria, inveja a sua sorte com estas palavras: “... *et utinam secedentem luctus tuae post tres miseriae, nostros reuisurum Penates comitaremur*. [“e quem me dera acompanhar-te quando, depois dos três lutos de teu infortúnio, te afastares para voltares a ver os nossos Penates.”].⁶⁴

Tomados à letra, estes lutos podem referir-se justamente às três mortes passadas: a da primeira mulher Isabel de Figueiredo, a do filho mais velho que o defendeu, e à da segunda mulher, Isabel Nieto, a quem mais tarde dedicou um epitáfio (Epigrama 67).

Estes dados têm que ser confrontados com a notícia colhida na súplica feita ao Papa em 20 de abril de 1506, acima transcrita, em que Barbosa formulava o pedido de ser promovido à ordem sacra de presbítero, o qual, segundo a decisão apensa ao documento, lhe foi concedido.⁶⁵ O humanista estaria então na condição de viúvo, por morte de Isabel de Figueiredo, e academicamente bem preparado com o grau de “egrégio mestre em sacra teologia”, como vimos atrás.

Mas, apesar de tudo isto, o facto é que Aires Barbosa decidiu seguir outro caminho e optou de novo pela vida matrimonial, casando cerca de dois anos depois, com Isabel Nieto, que entretanto também havia ficado viúva do licenciado Juán de Oviedo, colega de Aires Barbosa e professor da cátedra de Código, que, por morte de Oviedo, foi declarada vaga no claustro de 7 de setembro de 1506.⁶⁶

I – 7. Aires Barbosa jubilado: na corte de D. João III e na terra natal

Aires Barbosa, após oito anos de ensino da língua grega, assumiu finalmente, por volta de 10 de junho de 1503, na qualidade de professor proprietário, a cadeira de Retórica, que regeu até 1523, perfazendo assim vinte anos nesta qualidade, o tempo regulamentar para alcançar o estatuto de jubilado, conforme o estipulado na legislação da Academia.

⁶⁴ Vd. *infra*, pp. 83-85, Anexo Epistolar e Documental, III-11.

⁶⁵ Vd. *infra*, pp. 64-65, Anexo Epistolar e Documental, III-6, com tradução, *supra* pp. 14-15.

⁶⁶ Vd. Armando de Jesus Marques, *Portugal e a Universidade de Salamanca. Participação dos Escolares Lusos no Governo do Estudo (1503-1512)*, Salamanca, 1980, p. 145.

O rei português D. João III, atento sabedor do que se passava, enviou um emissário com carta régia a convidá-lo para professor e educador de seu irmão o cardeal-infante D. Afonso. É o próprio Aires Barbosa que mais tarde, na carta-prefácio dedicada ao mesmo cardeal e publicada à cabeça do poema *Antimória*, recorda em pormenor como isto se passou e explica e resume todo o seu trabalho pedagógico no âmbito da corte, destinado aos irmãos do rei, em particular ao jovem D. Afonso, que então contava 14 anos de idade.⁶⁷

Deste convívio escolar e cortesão resultaram relações de profunda amizade entre o mestre e o seu pupilo, como podemos constatar na referida carta-prefácio e nos poemas que Barbosa lhe dedicou, quer exaltando as altas qualidades humanas do Infante e manifestando a profunda gratidão que lhe deve pela ajuda eficaz em horas de grave doença e de extrema necessidade, como acontece nos Epigramas 62 e 79; quer celebrando as honras do seu cardinalato aquando da receção do respetivo barrete, no Epigrama 97.

Dada a frequente mobilidade da corte por variadas razões, incluindo da peste, o mestre dos infantes fazia parte natural do séquito régio para as cidades onde ela se deslocava. Temos disso testemunho escrito na carta que ele enviou ao conselheiro régio António Carneiro, escrita de Santarém entre outubro de 1525 e janeiro de 1526, a queixar-se de não lhe terem providenciado alojamento em Almeirim, onde estava então a corte, e não poder assim ministrar o seu ensino ao jovem Cardeal.⁶⁸

Outro exemplo desta itinerância é o da estadia da corte em Coimbra numa boa parte dos anos seguintes de 1527 e 1528, onde Aires Barbosa esteve presente na sua missão de professor áulico e onde se passou a já referida cena da rixa entre Fernão Barbosa filho do mestre, e o infante D. Duarte, o irmão mais novo do cardeal, que andavam pelos 14 e 12 anos respetivamente. Disto nos dá testemunho ocular e pormenorizado André de Resende na *Vida do Infante Dom Duarte*, cap. V, mas também o próprio André Barbosa se refere a essa estadia em Coimbra no seu Epigrama 91 dirgido à humanista coimbrã Joana Vaz, lamentando não a ter visitado – como ele diz –, “quando há pouco estive na vossa cidade”.

Entre os acontecimentos relevantes a que Aires Barbosa teve aí ocasião de assistir conta-se a receção da embaixada do rei Preste João, da Abissínia, chefiada por Zagazabo, bem como representação da *Comédia sobre a divisa da cidade de Coimbra* de Gil Vicente, num ambiente de festa pelo nascimento da infanta D. Maria, como aliás terá assistido a outras peças postas em cena na mesma década

⁶⁷ Pelo que conhecemos do ambiente em que decorriam as aulas do Mestre Grego na corte, elas não eram destinadas apenas ao cardeal-infante D. Afonso, porque há notícias da presença, nelas, de outros infantes. E parece até que o nosso humanista foi professor oficial do infante D. Henrique, mais novo três anos que D. Afonso, a julgar pelo conteúdo da carta de concessão da tença vitalícia de trinta mil reais anuais concedidos por D. João III “a Aires Barbosa mestre do Infante dom Amrique”, com data de 23 de agosto de 1530, a menos que tenha havido troca do nome dos dois infantes, por erro do escrivão ou copista. Vd. p. 57, Anexo Epistolar e Documental III-2.

⁶⁸ Vd. *infra*, pp. 55-56, Anexo Epistolar e Documental, III-1.

(em Almeirim, por exemplo) e da autoria do mesmo comediógrafo, com quem teve oportunidade de conviver durante os sete anos da sua presença contínua na corte.

Terminada a sua missão de mestre de infantas em 1530, Aires Barbosa, numa espécie de segunda jubilação como ele mesmo diz, recolheu à sua terra natal em Esgueira onde finalmente encontrou o desejado ócio da tranquilidade mental para dedicar os anos de vida que lhe restavam à criação literária.

Em 1532 ainda teve que resolver um problema familiar de ordem económica, enfrentando um litígio judicial para defender certos bens imóveis que possuía em Salamanca, em cuja documentação aparecem informações de interesse para a sua biografia.⁶⁹ Mas a maior parte do tempo dos restantes dez anos de vida que lhe restavam Aires Barbosa teve a mente sempre ocupada na atividade criativa de amante das letras, dentro das limitações que a precária saúde lho consentia. E foi assim que reuniu uma coleção de cinquenta novos epigramas, uns de composição mais antiga, outros mais recentes, a que juntou o seu maior poema de sempre, a Antimória, formando um livro que publicou em Coimbra em 1536.

As doenças e achaques de que se lamentava em alguns textos, como a cegueira, que já vinha de longe⁷⁰, o desgaste de uma existência sempre ativa de conquista pelo saber e de grande luta contra a barbárie cultural, e em ambientes de preocupação e intranquilidade emocional e física, e também a sua idade já considerada avançada para aquela época, não lhe concederam muito mais tempo de vida. Nascido à volta de 1475 e falecido em 20 de janeiro de 1540, Aires Barbosa, que ainda teve luz e serenidade para ditar e completar o seu testamento até à véspera da morte, é um dos humanistas portugueses mais completos da transição do século XV para o XVI.

II – A OBRA ⁷¹

II – 1. Opúsculos Didáticos

II – 1.1. *Releção acerca dos Verbos Oblíquos*

A primeira obra de tomo escrita por Aires Barbosa saiu a lume em Salamanca com a data de 13 de junho de 1511 e ostenta o título *In uerba M. Fabii. Quid?*

⁶⁹ Vd. Narciso Alonso Cortés, “Del Maestro Arias Barbosa”, *Boletín de la Real Academia Española*, III (Madrid, outubro de 1916) 560-562.

⁷⁰ Vd., *infra*, pp. 132-133, Epigrama 25, de invocação a Santa Luzia.

⁷¹ Para maior informação acerca de toda a obra literária de Aires Barbosa, vejam-se os nossos trabalhos “Aires Barbosa, pedagogo e poeta”, “Aires Barbosa e os seus cem exórdios retóricos” e “Retórica e poética na *Epometria* de Aires Barbosa” in *Humanismo em Portugal. Estudos I*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006, pp. 97-147, que aqui, com alguns acertos baseados em dados novos, resumidamente seguimos e atualizamos.

quod & reliqua. Relectio de uerbis obliquis, isto é, “Contra as Palavras de Marco Fábio *Quid? quod* etc. Releção acerca dos Verbos Oblíquos”. Trata-se de uma matéria dada em aula no ano letivo de 1510-1511, que apresenta a opinião do Mestre Grego sobre aquilo que hoje poderíamos designar por verbos impessoais, assunto de grande polémica entre os gramáticos antigos, com Marco Fábio Quintiliano à cabeça, e que Aires Barbosa, para melhor esclarecimento do que tinha exposto em aula, resolveu apresentar por escrito e publicar sob a forma de uma *Relectio*, isto é, uma Repetição ou Releção, como era hábito na Universidade de Salamanca.

Além do interesse gramatical de todo o seu conteúdo em si mesmo, o livro oferece, logo no seu Proémio, a preciosa informação do programa de estudos que Aires Barbosa se propunha desenvolver na sua função de professor de línguas clássicas e de retórica, defendendo o ensino das línguas, das culturas e literaturas greco-latinas como base e instrumento de todas as restantes ciências.

II – 1.2. *Releção Intitulada Epometria*

Dois anos depois, com data de 3 de julho de 1515, e de novo em Salamanca, saiu a público a *Relectio cui titulus Epometria* (“Releção Intitulada Epométria”), pequeno tratado sobre métrica latina cujo título “*Epometria*” parece ser um neologismo de Aires Barbosa. Mais uma vez, também esta publicação resultou de matéria didática exposta em aula em ano precedente, e, pelo seu conteúdo, pelo relevo editorial da sua publicação autónoma e pela utilidade prática, mostra a importância que os humanistas reconheciam nas questões do ritmo e da musicalidade dentro da composição poética.

II – 1.3. *Releção Intitulada Prosódia e a Releção Intitulada Ortografia.*

Em dezembro de 1517 e também em Salamanca, o Mestre Grego publicava num só volume três obras: dois pequenos tratados didáticos – um de Prosódia e outro de Ortografia – e um conjunto poético de trinta e seis epigramas. Tanto um – a “Releção Intitulada Prosódia” (*Relectio cui titulus Prosodia*) – como outro – a “Releção Intitulada Ortografia” (*Relectio cui Titulus Orthographia*) – têm particular interesse para o estudo das línguas clássicas, a primeira no que respeita à pronúncia e a segunda no referente à escrita. E, embora o autor as destinasse especialmente ao ensino e aprendizagem do Latim, elas serviam também para o Grego, na medida em que Barbosa frequentemente faz aproximação dos dois idiomas e, por falta de tipografia grega em Salamanca, sempre que transcreve uma citação grega, faz a sua transliteração para caracteres latinos. Este processo tem a particularidade de mostrar como era pronunciado o grego na época de Aires Barbosa.

II – 2. Os Comentários à *Historia Apostolica* de Arátor

Em abril de 1516, ainda em Salamanca, na tipografia de Juan de Porras, publicava Aires Barbosa a sua obra mais volumosa e de maior fôlego, que são os longos comentários feitos ao poema heróico *História Apostólica* da autoria do cardeal Arátor, – *Aratoris Cardinalis Historia Apostolica cum Commentariis* – em que este poeta cristão dos séculos V-VI canta em mais de 2.300 hexâmetros latinos de estilo virgiliano os *Atos dos Apóstolos*. O nosso humanista Barbosa reedita o poema de Arátor e fá-lo acompanhar passo a passo de minuciosos comentários. Embora se trate de trabalho resultante de um curso dado em aula, no ano de 1513-1514, e portanto de uma *relectio* – uma releção ou repetição, como aconteceu com os opúsculos atrás mencionados –, a sua feição de caráter sobretudo filológico, que envolve análise de questões gramaticais, de história e arqueologia, de literatura, filosofia e jurisprudência, de escriturística, patrologia e mesmo de teologia, faz com que o distingamos dos opúsculos anteriores, mais estritamente didáticos.⁷²

II – 3. Epistolografia

Aires Barbosa deixou também uma pequena carta cujo conteúdo tem particular importância autobiográfica e cultural relacionada com a sua atividade académica e literária. Daquilo de que temos notícia e do que resta dessa produção epistolar, incluindo a correspondência passiva, constam os seguintes textos, que vêm publicados e anotados no Apêndice desta Introdução e que, por isso, são aqui apresentados apenas com os títulos e datas e respetiva tradução:

1) *Petrus Martyr Anglerius Mediolanus Ario Lusitano, graecas litteras Salmanticae profitenti ualetudinario*. [...]. *Giennio, in Nonis Aprilis 1489* [alias 1498]. (“Pedro Mártir de Anghiera milanês, ao português Aires Barbosa, professor de Grego em Salamanca, vítima de doença. (...). Jaen, Nonas de Abril de 1489”). [aliás 1498].

⁷² Temos notícia de um outro Comentário de Aires Barbosa incluído na lista de livros para os quais o humanista pedira ao Conselho Real de Castela licença de exclusividade editorial em 26 de outubro de 1514, conforme se lê nos *Livros de Câmara*, Livro 34, fol. 186, do Arquivos Gerais de Simancas. Fazem parte dessa lista, além de outras releções “que en oratoria e gramática ha fecho” (sem identificação, mas que presumimos se tratar da Epometria, da Prosódia e da Ortografia, uma vez que a releção dos Verbos Oblíquos já havia sido publicada em data anterior), figuram também o Comentário sobre Arátor “E así mesmo otro comento sobre lo que scribió el bienaventurado San Basilio”. Também não vem identificada a obra que foi objeto desse outro comentário, mas podemos presumir que se trata do opúsculo de São Basílio Magno dirigido Aos Jovens (Πρὸς τοὺς νέους) sobre como tirar proveito da literatura helénica, um dos temas preferidos e recorrentes de Aires Barbosa. Mas não há confirmação de que o humanista tenha levado a cabo tal comentário.

O mesmo Livro 34, fol. 138, dá notícia de que em 20 de setembro de 1513 já tinha sido concedida a referida licença para o Comentário de Arátor.

2) *Ad Magnificum ac Reuerendissimum Compostellae Antistitem D. Alfonsum Fonseca Aarii Lusitani epistola [...] Salmanticae quarto Kalendas Martias. M. quingentesimo quinto.* (“Carta do português Aires ao Magnífico e Reverendíssimo D. Afonso Fonseca, prelado de Compostela. (...) Salamanca, 26 de fevereiro de 1505.”).

3) *Lucius Marineus Siculus Ario Barbosae Lusitano. S. [...].* (“Lúcio Marineo Sículo ao português Aires Barbosa envia saudações”). [Valhadolid, >27/02/1514].

4) *Arius Barbosa Lusitanus Lucio Marineo Siculo. S. [...].* (“O português Aires Barbosa a Lúcio Marineo Sículo envia saudações”). [Valhadolid, >27/02/1514].

5) *Margallus theologus doctor, utriusque linguae parenti, Ario Barbosa Lusitano, S. P. D.* (“Margalho, doutor de teologia, ao português Aires Barbosa, patriarca de ambas as línguas, envia muito saudar.”). [Salamanca, >14/06/1520].

6) *Arius Barbosa Lusitanus Margallo theologo doctore S. D.* (“O português Aires Barbosa, ao teólogo doutor Margalho, envia saudações”). [Salamanca, >14/06/1520].

Recordemos, ainda, que Aires Barbosa recebeu, por altura da composição do poema *Antimoria*, uma carta de elogio do seu amigo e poeta Jorge Coelho, que ele incluiu à cabeça da edição do mesmo poema, seguida de uma outra de sua própria autoria dirigida ao cardeal-infante D. Afonso e que aí funciona como prefácio e carta-dedicatória. Aqui as registamos em complemento da lista anterior:

7) *Georgius Coelius Ario Barvosae suo S.P.D.* (“Jorge Coelho ao Seu Amigo Aires Barbosa Saúda com Vivo Afeto”) [Coimbra, 1536].

8) *Aarii Barvosae Lusitani Praefatio in Antimoriam, ad Illustrissimum S. R. Ecclesiae Cardinalem et Portugaliae Infantem D. Alfonsum.* (“Prefácio de Aires Barbosa lusitano à *Antimoria*: Dirigido ao Ilustríssimo Cardeal da Santa Igreja Romana e Infante de Portugal, Dom Afonso”) [Coimbra, 1536].

9) Além disso, chegou até nós a seguinte carta autógrafa de Aires Barbosa em português, a única de que temos notícia: *Ao muito prezado e exímio Senhor o Senhor António Carneiro Secretário e do Conselho delRei nosso Senhor etc.* [Santarém, entre 18/10/1525 e 01/1526].

Para concluir o elenco dos textos de Aires Barbosa escritos em prosa, é altura de lembrar alguns títulos que lhe têm sido falsa ou duvidosamente atribuídos:

a) Um tratado de *Rbetorica*, “da qual” – diz Diogo Barbosa Machado (op. cit. s.v. “Ayres Barbosa”) – “faz menção em um epigrama escrito a Jorge de Miranda no fim da *Antimória* fol. 34”. Na anotação que fizemos ao referido epigrama, que figura no presente volume com o nº 83, e na bibliografia aí citada, concluímos que se deve tratar de um equívoco, porquanto o nosso humanista se deveria referir aí aos diversos exórdios com que deu início a várias das suas obras. De resto não há quaisquer vestígios concretos de tal tratado.

b) Outra obra em iguais condições é a que o mesmo Barbosa Machado (*ibidem*) menciona com o título de *Quaestiones quodlibeticae de qualibet re*, atribuída a Aires

Barbosa por Valério André no *Catalogo Moguntino*, mas que nunca ninguém viu: “que ainda não descobri o que seja”, como diz Nicolau António.⁷³

c) Há também, em tempos modernos, a notícia, divulgada entre nós por Joaquim de Vasconcelos e enquadrada num contexto musical (*Os músicos portugueses*, 1870, vol. I, p. 18), da existência de uma “*Epometria, ou tratado da geração dos sons*. Sevilha em 1520, in 4º”, também atribuída a Aires Barbosa.

Vasconcelos cita em nota as fontes de que se serviu, entre elas a *Allgemeine Literatur der Musik*, [Leipzig, 1792] do musicólogo alemão Johann Nicolaus Forkel, que aí faz menção de uma edição da Epometria de Aires Barbosa saída em Sevilha em 1520, mas que – diz o musicólogo português – “Forkel pretende ter sido publicada em Salamanca, fundando-se na auctoridade de [Johann Georgius] Sulzer, que não menciona a cidade de Sevilha, como lugar da impressão.”

Dado que as próprias fontes aqui usadas parecem excluir Sevilha como lugar da publicação e até a supõem em Salamanca, tudo parece apontar para que se trate da verdadeira e única edição do opúsculo sobre métrica latina acima mencionado entre as obras em prosa, que dá pelo título de *Relectio cui titulus Epometria* e cujo cólofon regista o lugar e a data da publicação nestes termos: “Impressum salmanticae. v. nonas julij. M.D.Xv”, isto é, “Impresso em Salamanca a cinco das nonas de julho de 1515”. Da referida edição sevilhana, não ficaram rastros.

Quanto ao facto de esta obra do humanista Aires Barbosa ter sido objeto da referência por parte de alguns musicólogos e até considerada por outros como uma obra de teoria musical, isso deve-se provavelmente a determinada interpretação de um texto que sobre ela escreveu o seu admirador António Honcala na sua *Grammatica Propaegnica*⁷⁴ (“Gramática Preludial”) e que vários biógrafos costumam transcrever, designadamente Diogo Barbosa Machado, Nicolau António (de quem, aliás, Forkel também se serviu) e o próprio Joaquim de Vasconcelos. Estes comentadores servem-se apenas da parte que está diretamente ligada com a Música,⁷⁵ mas porque o conjunto apresenta um dos maiores elogios à obra

⁷³ Vd. *Bibliotheca Hispana Nova*, s.v. “Arius (vulgo Arias) Barbosa”.

⁷⁴ É este o mesmo Honcala que compôs em 1511 um epigrama de louvor à “Releção acerca dos Verbos Oblíquos” de Aires Barbosa e que dedicou a sua *Grammatica Propaegnica* a Mestre Gonçalo Gil, elogiado por Aires Barbosa no Epigrama 70 (cf. o parágrafo final da respetiva nota 354).

⁷⁵ Barbosa Machado, ao transcrevê-la, fá-la preceder da menção da Epometria, mas com um novo título por ele ajeitado, a saber, *Epometria, seu de metiendi carmina ratione*. Por aqui se vê que Barbosa Machado conhecia por dentro o texto da Epometria do humanista aveirense, que por várias vezes usa expressões equivalentes: *scire epometriam, id est, scandendi carminis rationem scientiamue* [“saber epometria, isto é, o método ou a ciência de escandir o verso”]; *epometria, id est, carminis dimetiendi ratio* [“epometria, isto é, o método de medir o verso”] e *Epometria, id est, carminis mensor* [“Epometria, isto é, medidor de versos”].(Vd., *Epometria*, fol. Aij, linhas 35-43).

de Aires Barbosa por um contemporâneo que bem o conhecia, traduzo aqui o passo por inteiro:

“O português Barbosa, homem de encantador talento, sobressai pelos seus variados conhecimentos; foi de verso polido e limado; e de discurso tão rico e tão castigado em ambas as línguas, que, quando fala em grego, em nada transparece que é homem latino, a tal ponto ele conserva a genuína elegância da linguagem ática; e, ao contrário, enquanto fala em latim acreditar-se-á que ele desconhece as letras gregas. Ele proferiu em Salamanca uma magnífica, sábia e rica Releção em que muito lastima que não só a Música, por lacuna dos tempos, tenha sofrido a perda dos dois géneros, enarmónico e cromático, porquanto hoje em dia já mal é cantado o diatónico, mas também que se tenha perdido a boa articulação das palavras e das sílabas, tanto a poética como a comum.”⁷⁶

Esta linguagem musical, com referência às três espécies de escala da antiga música grega, das quais só a diatónica se conservou na música moderna, serviu de matáfora a António Honcala para elogiar a *Epometria* de Aires Barbosa, que pretendia restaurar o estudo e a aplicação das regras da métrica na poesia greco-latina, pondo assim em realce a musicalidade das suas línguas, que no tempo da chegada de Aires Barbosa a Salamanca já eram ou desconhecidas (no caso do Grego) ou pronunciadas em tom desleixado e nem sequer ... “diatónico”. Talvez tenha sido, pois, esta linguagem metafórica que terá induzido os musicólogos a incluírem a *Epometria* do humanista aveirense no rol dos livros musicais.

d) Finalmente, importa lembrar, entre as obras falsamente atribuídas a Aires Barbosa, a carta forjada por um hábil estudioso que conseguiu iludir o sábio Teófilo Braga. Era supostamente dirigida de Esgueira para um seu velho amigo e antigo aluno nestes termos: “Ao muito ilustre L. André de Resende, Ayres Barbosa, mestre grego, saúde”. Depressa foi denunciada a sua falsidade, como se pode ver em Alexandre do Amaral, *A Carta do belenista Aires Barbosa sobre a reforma dos Estudos*. Do livro a entrar no prelo, *Erudição & Má Língua*, Coimbra, 1935, XIII+16 pp.

⁷⁶ Eis o texto latino : “Barbosa Lusitanus, uir amoeno ingenio, pollet uaria rerum notitia; fuit polito tersoque carmine; oratione uero utriusque linguae tam locuplete tamque castigata ut Graece loquutus Latinum esse hominem nequaquam pelluceat: adeo sinceram Attici sermonis elegantiam seruat; rursus dum Latine profatur Graecas eundem litteras nescire credas. Relectionem habuit ille Salmanticae magnificam, doctam, uberemque, in qua multa questus est quod non modo Musice, temporum uitio, indignam passa est iacturam duorum generum Enarmonici, et Chromatici, cum tempestate nostra uix diatonico cantetur, sed etiam quod periere uocum syllabarumque tum poeticae tum communes pronuntiationes.

Nicolau António, um dos que citam a segunda parte deste texto, acrescenta esta informação: *Haec Honcala. Prodiertur Salmanticae in 4*. [“Estas, as palavras de Honcala. Saíram a público em Salamanca, in 4º ”].

II – 4. Obra Poética

II – 4.1. Os EPIGRAMAS

II – 4.1.1. Origem e tradição do género epigramático

O epigrama foi, de todos os géneros poéticos, aquele que teve, porventura, signo mais feliz na sua carreira evolutiva. Nos alvares da literatura grega não se podia prever que um ἐπίγραμμα – uma simples “inscrição” destinada inicialmente a exprimir, em um ou dois versos, a intenção votiva de uma oferenda ou a fixar o registo mnemónico de uma pedra funerária – tivesse fortuna tamanha dentro dos quadros da literatura clássica e moderna.

Já na Antiguidade Grega assumiu este género menor uma particular importância com o poeta Simónides, que lhe deu um destino mais vasto ao utilizá-lo para celebrar não apenas a recordação de um herói ou de um feito memorável, mas o conjunto de todos os Helenos, concedendo-lhe, assim, um certo carácter épico (por vezes satírico) e um estatuto de género autónomo.

A concisão lapidar desta modalidade, capaz de condensar, num mínimo de palavras, um pensamento original, de invetiva ou de surpresa, fê-lo evoluir depressa para o domínio da elegia e da sátira e acabou por transformá-lo em meio de expressão de toda a espécie de sentimentos humanos.

Mas foi somente na época helenística que o epigrama adquiriu o seu máximo desenvolvimento, ficando a constituir a forma de expressão típica daquele período. Modificou, também, a sua estrutura formal, alongando as suas dimensões para cerca de oito versos e admitindo a maior parte dos esquemas métricos, embora com predomínio do chamado dístico elegíaco, constituído por um hexâmetro e um pentâmetro, ambos de base dactílica. O resultado desta evolução pode ver-se em muitas das composições da *Antologia Palatina*, que teve por núcleo primitivo a coleção de epigramas elaborada por Meleagro de Gádara, a que ele deu o título de “Coroa” (Στέφανος).

Em Roma, os poetas latinos, herdeiros diretos do epigrama grego, cultivaram todas as suas modalidades, desde os epitáfios dos Cipiões até aos motivos líricos e satíricos dos poetas do período clássico e da época imperial.

Mas foi sobretudo a feição mordaz destas pequenas composições que encontrou campo fértil nos incidentes da vida quotidiana pública e particular de Roma. O epigrama confunde-se, a partir de então, com a sátira breve – sentido que prevaleceu e se fixou para os tempos modernos – e torna-se um dos géneros mais praticados pelos poetas latinos.

Como se tratava de uma composição extremamente pequena⁷⁷, todo o literato

⁷⁷ “Poesia em miniatura” como lhe chama H. E. Butler, *Post-Augustan Poetry*, Oxford, 1909, p. 258.

ou com pretensões a isso, incluindo figuras femininas e mesmo imperadores, fazia a sua tentativa poética. Ficaram célebres nesta modalidade muitos poetas da época ciceroniana em que se distinguiu Catulo do século de Augusto e, sobretudo, do tempo de Marcial, em que o epigrama constituiu o género poético da moda⁷⁸. A este poeta hispânico se deve a maior quantidade e o maior acento satírico dos epigramas que a literatura latina nos legou.

Foi precisamente a Marcial e a Catulo, seu antecessor e modelo, que os humanistas do Renascimento tomaram por mestres do epigrama, que desde a primeira hora do renascer das *humanoiores litterae* teve o seu lugar de honra.

De entre os humanistas italianos do séc. XV, cultivaram o género epigramático, entre outros, Eneias Sílvio Piccolomini, Giovannantonio Campano (oito livros), Hugolino Verino (sete livros compostos em 1485), Miguel Marulo (quatro livros), Sanazaro e Policiano, que foi mestre de alguns dos primeiros poetas neolatinos portugueses e que escreveu epigramas em grego e latim, inspirado em Catulo e em Marcial⁷⁹.

II – 4.1.2. O epigrama na poesia neolatina portuguesa ao tempo de Aires Barbosa

Dentro do quadro humanístico português (e consideramos aqui tanto os poetas de origem lusitana, como os estrangeiros que em Portugal viveram e escreveram), desde Cataldo Parísio Sículo e do seu discípulo Henrique Caiado, o género epigramático ficou definitivamente representado entre as obras poéticas da literatura neolatina portuguesa.

A Cataldo se deve, além de muitas outras modalidades poéticas, mais de uma centena e meia de epigramas agrupados em dois livros que constituem a parte final dos seus *Poemas*⁸⁰. Trata-se de composições todas metrificadas em dístico elegíaco⁸¹, parte de conteúdo satírico, algumas de reflexão pessoal e a maioria delas de carácter panegírico dedicadas ao rei e a outras figuras da Corte e da nobreza⁸².

Henrique Caiado, depois dos seus estudos preparatórios em Lisboa, onde foi aluno de Pedro Rombo e de Cataldo, dirigiu-se à Itália para estudar Direito, mas as

⁷⁸ Sobre os autores de epigramas na literatura latina, vd. Plínio-o-Moço, *Epístolas* V, 3, 5-6, Tácito, *Diálogo dos Oradores*, 10, e Aulo Gélío, *As Noites Áticas* XIX, 9.

⁷⁹ Para estes humanistas italianos, vd. as respetivas introduções e textos de *Poeti Latini del Quattrocento*. A cura di Francesco Arnaldi, Lucia Gualdo Rosa, Liliana Monti Sabia. Milão-Nápoles, Riccardo Riccardi, [1964].

⁸⁰ Vd. *Poemata Cataldi*, Lisboa, s.d., fls. [n vij - q vj].

⁸¹ Entre os epitáfios em verso dedicados ao príncipe D. Afonso, filho de D. João II, aparece um texto em prosa (vd. *op. cit.*, fls. o i vº - o ii).

⁸² Alguns destes epigramas foram, a propósito de um dos seus destinatários, objeto de estudo e comentário por parte de Américo da Costa Ramalho em *Estudos sobre a Época do Renascimento*, Coimbra, 1969, pp. 83-105.

suas preferências voltavam-se para o estudo das humanidades, cujos mestres mais famosos frequentou. Veio a tornar-se um poeta de fama internacional apreciado por autoridades como Erasmo⁸³ e o crítico Lílio Giraldo⁸⁴. Publicou em Bolonha uma primeira coleção de *Églogas*⁸⁵ e, mais tarde, um novo livro de écloas, silvas e epigramas⁸⁶. O valor de Henrique Caiado como poeta epigramático é admirado pelo humanista de Roterdão, que o considera *in epigrammatibus felicem*⁸⁷. Dos seus dois livros deste género de composições, foi recentemente traduzido o primeiro para italiano e publicado com introdução bibliográfica por Rita Biscetti⁸⁸. Tanto neste primeiro livro como no segundo, há uma parte considerável de poesias de intenção satírica; mas a maioria dos epigramas de Caiado são de conteúdo elogioso destinado quase sempre a figuras preponderantes da vida política ou cultural do seu tempo.

Deve-se a Lourenço de Cáceres, além de outras obras, um opúsculo de epigramas que anda sem data nem local de impressão e que já ao tempo de Barbosa Machado se considerava um livro extremamente raro. Diz o abade de Sever que conheceu um exemplar na biblioteca de seu irmão padre José Barbosa, cronista da Casa de Bragança⁸⁹. O opúsculo tem por título LAVRENTII CARCERES PORTVGALLIAE RE=/GIS CLIENTVLI:AD INCLYTVM GEMMEM BRA/GANCIAE DVCEM EPIGRAMMATON LIBELLVS e foi estudado, em nossos dias, por Eugenio Asensio, que o reeditou em fotogravura acompanhado de introdução⁹⁰.

Asensio suspeita que esta obra terá sido publicada provavelmente em Salamanca à volta de 1518, “igual que el *Epigrammaton Libellus* de Lucio Flaminio Siculo con el que andaba, en nuestro ejemplar, encuadernado”⁹¹.

O *Epigrammaton Libellus* de Cáceres compreende sessenta e três composições em verso, com predomínio do dístico elegíaco, sendo apenas catorze de estrutura

⁸³ Vd. Desidério Erasmo, “Ciceronianus”, *Opera omnia emendatiora et actiora, ad optimas ediciones ...* Recognovit Ioannes Clericus. Tom. I, Georg Olms Verlagsbuchhandlung, Hildesheim, 1961, col. 1015 E-F.

⁸⁴ Vd. Lílio Gregório Giraldo, *Dialogi duo de poetis nostrorum temporum*, Florença, 1551, pp. 66-67.

⁸⁵ Vd. Henrique Caiado, *Aeglogae*, Bolonha, 1496.

⁸⁶ Vd. *idem*, *Aeglogae et Sylvae et Epigrammata*, Bolonha, 1501.

⁸⁷ Cf. Desidério Erasmo, *op. cit.*, *ibidem*.

⁸⁸ Vd. Rita Biscetti, “Contributo alla storia dell'Umanesimo portoghese: il primo libro degli epigrammi di Henrique Cayado”, *Arquivos do Centro Cultural Português*, Vol. XIII, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1978, pp. 319-420.

⁸⁹ Vd. Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, Tomo III, Coimbra, Atlântida Editora, 1966, p. 27.

⁹⁰ Vd. Eugenio Asensio, “Lourenço de Cáceres o el latín al servicio del português”, *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira* II, nº 2 (Lisboa, Abril/Junho, 1961), pp. 242-275. Este estudo foi incluído mais tarde nos *Estudios Portugueses*, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1974, pp. 163-176, do mesmo autor.

⁹¹ Vd. *idem*, *op. cit.*, p. 165.

métrica diferente: onze pequenos poemas em verso falécio, um em hexâmetros simples, e duas odes respetivamente de treze e de cinco estrofes sáficas. Há, também, em castelhano uma “cantiga uieia” de duas quadras com versos de rima interpolada (abba, cddc), que o autor traduziu para latim em dois dísticos elegíacos. Aparecem, ainda, incluídas na parte final deste opúsculo de epigramas, cinco cartas em prosa latina trocadas entre Lourenço de Cáceres e figuras nobres das suas relações.

Tal como faziam outros poetas, particularmente com os seus epigramas de elogio, e sobretudo como era hábito na publicação da correspondência epistolar entre humanistas – em que, no mesmo livro, apareciam publicadas, não apenas as missivas do autor, mas também as respostas do destinatário –, Lourenço de Cáceres juntou, nesta coleção dos seus epigramas, algumas composições que não lhe pertencem. É o caso de três epigramas de Lourenço Rodrigues, cinco da autoria de Mestre Gonçalo Gil e mais dois, precisamente, de Aires Barbosa.

Cáceres, com isto, não fez mais do que, ao publicar as suas próprias poesias, prestar também homenagem a três dos seus destinatários, atitude que se enquadra no processo, bastante generalizado entre os escritores neolatinos, da frequente permuta de elogios. Os epigramas, pelas suas características originárias, eram o género poético que melhor servia este gosto dos louvadores recíprocos – os *laudati a laudatis*, como então se chamavam.

Mas Lourenço de Cáceres, para além deste tipo de exaltação e da preocupação de celebrar os grandes e os seus protetores, era também um poeta satírico que se revela bem mordaz em algumas das suas composições inspiradas em Catulo, Horácio e Marcial, de cujas obras recolheu inclusivamente os nomes de personagens em grande parte já então imaginárias, para com elas encobrir o verdadeiro alvo dos seus epigramas. Estão neste caso, por exemplo, os títulos *In Ponticum*, *In Mamurram*, *In Papilum*, *In Perilium*, *In Labulum*, etc.⁹²

Inclui-se dentro do número dos primeiros humanistas contemporâneos de Aires Barbosa a figura de D. Miguel da Silva, diplomata, bispo e cardeal, e poeta novilatino de elegância superior, de cujos versos, “em que – no dizer de Barbosa Machado⁹³– imitou a magestade de Virgílio e agudeza de Marcial, se podia formar hum volume, sendo o mais celebre monumento da sua fecunda veyra o Epigrama gravado em hum Marmore no Capitolio por ordem do Senado Romano”. O mesmo Barbosa transcreve de seguida o referido epigrama.

Pela menção feita a Marcial, é quase certo que muitos daqueles versos sejam epigramas. De resto, conhecem-se pelo menos três belas composições suas deste género, que andavam dispersas e que Frei Fortunato de São Boaventura reuniu

⁹² Sobre o *Epigrammaton Libellus* de Lourenço de Cáceres, vd. Américo da Costa Ramalho, “A introdução do Humanismo em Portugal”, *Humanitas* XXIII-XXIV (Coimbra, 1972), 442-443.

⁹³ Vd. *op. cit.*, Tomo III, pp. 483-485.

e publicou juntamente com o poema *De Aqua Argentea*, num precioso capítulo sobre este humanista, a quem ele chama “Princepe dos Poetas Portuguezes, que escreverão em Latim”⁹⁴.

A produção literária de D. Miguel da Silva – e particularmente a sua obra poética – é mal conhecida e demanda um trabalho de pesquisa e estudo que está ainda por fazer. Mas as poucas composições mais acessíveis à notícia pública bastam para o apresentar como um verdadeiro poeta. São disso testemunho os quatro epigramas de elogio atrás mencionados.⁹⁵

A análise da obra poética dos quatro autores até aqui referidos – Cataldo, Caiado, Cáceres e Miguel da Silva, todos figuras cimeiras do humanismo lusitano – basta para mostrar que o epigrama era um género conhecido e praticado pelos representantes da poesia neolatina portuguesa desde os alvares do Renascimento em Portugal.

Temos, porém, de reconhecer que os exemplos indicados – e outros que poderíamos apontar próximos desta época, como António de Gouveia, a quem se devem dois livros de epigramas publicados em Lion em 1539, e em 1540 (com acrescentos)⁹⁶ – constituem um património cultural não exclusivamente português, se recordarmos que Cataldo era italiano e que Caiado, Cáceres, Miguel da Silva e António de Gouveia desenvolveram a sua atividade poética sobretudo no estrangeiro, ou por lá publicaram as suas obras.

De entre os contemporâneos de Aires Barbosa, será necessário esperar que Jorge Coelho, seu amigo e também humanista áulico, publique, em livro datado de 1540, juntamente com o poema *Da Paciência Cristã* e outras obras⁹⁷, o reduzido número de sete pequenos poemas a que o Autor (ou o editor?) intitulou *Nonnulla Epigrammata* no índice final das matérias incluídas no referido livro⁹⁸. Aliás, já

⁹⁴ Vd Frei Fortunato de São Boaventura, “Literatos portugueses na Italia [...]” publicado por António de Portugal de Faria, *Portugal e Italia*, Vol. IV, Livorno, Rafael Giusti, 1905, pp. 94-106.

⁹⁵ Sobre as relações sócio-culturais e o ambiente político-religioso em que D. Miguel da Silva viveu, sobretudo em Roma, e sobre a sua atividade diplomática, o seu pensamento e produção literária, vd. José S. da Silva Dias, *A Política Cultural da Época de D. João III*, Vol. I, Coimbra, 1969, pp. 79-106; Sylvie Deswarte, “La Rome de D. Miguel da Silva (1515-1525)”, in *O Humanismo Português 1500-1600, Primeiro Simpósio Nacional (Lisboa, 1985)*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1988, 177-307; Idem, *Il ‘Perfetto Cortegiano’ D. Miguel da Silva*, Roma, Bulzoni, 1989; Aires Pereira do Couto, “O poema *Fontellum* de António de Cabedo”, *Humanitas*, vol. XLIV (1994), págs. 333-349.

⁹⁶ Vd. Ricardo da Cunha Lima, *A Presença Clássica na Poesia Neolatina do Humanista Português António de Gouveia*, São Paulo, 2007 [Tese de doutoramento, dactilografada].

⁹⁷ Vd. GEOR-/ GII COELII LV-/SITANI DE PA-/TIENTIA CHRI-/STIANA LIBER / VNVS./ *Item nonnulla alia quae/ in fine uidebis.* / M.D.XL, Lisboa, Luís Rodrigues, fls. 20 vº - 22. Cf. Isaltina das Dores Figueiredo Martins, *O Poema “De Patientia Christiana” de Jorge Coelho*, Coimbra, 1974 (Dissertação de licenciatura, dactilografada).

⁹⁸ Cf. GEOR-/ GII COELII LV-/SITANI..., *op. cit.*, fl. 59.

em 1536, na mesma altura em que Aires Barbosa publicara a *Antimoria* e demais poemas, Jorge Coelho fez sair, com outras poesias suas, nos prelos do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, mais dois epigramas dedicados ao cardeal-infante D. Afonso.⁹⁹ O poeta Jorge Coelho, apesar do exagero dos louvores com que o brindaram certos admiradores do seu tempo, era um poeta de real mérito. Contudo, estas suas pequenas composições, e algumas outras que saíram mais tarde, são pouco significativas, tanto pelo número como pela qualidade, no âmbito da divulgação do género epigramático em Portugal.

II – 4.1.3. Aires Barbosa, poeta epigramático

a) Primícias literárias e epigramas dispersos

Depois de Cataldo Sículo, é, tanto quanto sabemos, Aires Barbosa quem primeiro publica em prelos portugueses uma coleção considerável de epigramas, que, tendo embora saído a lume como apêndice ao poema *Antimoria* do mesmo autor, podia muito bem figurar como um volume autónomo igual a tantos outros *Libelli* que a atividade editorial portuguesa produziu no século de Quinhentos. De facto, os *Nonnulla Epigrammata* de Aires Barbosa, saídos a lume na tipografia dos monges de Santa Cruz de Coimbra em 1536 juntamente com aquele poema antierasmiano e agora reeditados novamente com ele, como parte significativa de toda a sua Obra Poética apresentada no presente volume, acompanhada de tradução portuguesa anotada, concedem, assim, ao humanista aveirense a honra de ter sido provavelmente o primeiro poeta neolatino lusitano a publicar em Portugal este modelo poético.

Mas este privilégio do patriarca do Helenismo ibérico não é o que mais importa ao seu nome e à cultura lusíada. Mais importância tem o facto de ele ter sido, acima de tudo, um dos pioneiros do género epigramático dentro do quadro geral do Humanismo Literário em Portugal. Com efeito, antes de Cataldo publicar em Lisboa os seus *Poemata* por volta de 1513, já Aires Barbosa havia ensaiado os seus primeiros passos de poeta precisamente no domínio do epigrama.

Na verdade, quando o jovem humanista português havia regressado há pouco de Florença com o seu diploma de Mestre e encetava nos Estudos salmantinos a sua atividade docente, publicava dois epigramas seus nas páginas preliminares das *Introduções Latinas*, saídas a lume em 30 de setembro de 1495, do humanista Élio António de Nebrija, agora seu colega na mesma Universidade e de quem desde então se tornara amigo (vd. *infra*, pp. 100-103, Epigramas 1 e 2). Um deles é dedicado ao próprio Nebrija (*Antonio Nebrissensi Arius Lusitanus*) e constitui um

⁹⁹ Vd. *SERENISSIMI ET ILLVSTRISSIMI / Principis D. Alfonsi S.R.E. Cardinalis ac Portu=/
galliae Infantis Consecratio per Georgium Coelium / Lusitanum*. Conimbriae, Apud Coenobium
diuae Crucis, M.D.XXXVI, fls. Bij-Biij.

dos seus maiores elogios, e o outro é dirigido ao leitor (*Idem Arius ad lectorem*)¹⁰⁰. Estas composições parecem, pois, ter assinalado a estreia literária de Aires Barbosa.

Passados dois anos, outro professor de Salamanca, o siciliano Lúcio Marineo Sículo, publicava a sua obra historiográfica acerca do prestígio da Hispânia (*De Hispaniae Laudibus*), escrita entre 1495 e 1496 e saída em Burgos em 1497. Entre os signatários dos epigramas laudatórios que aparecem na abertura daquele volume, figura Aires Barbosa, com uma composição de cinco dísticos, que, pela sua correção formal, requinte e elegância, contrasta com as de outros humanistas de renome: Pedro Mártir de Anghiera, Rodrigo Manrique e o próprio Marineo Sículo (vd. *infra*, pp. 102-103, Epigrama 3).

Nos anos seguintes vão aparecendo outros epigramas de Aires Barbosa, num total de perto de uma quinzena, dispersos em obras quer próprias, quer alheias. Assim, aparecem mais quatro composições suas incluídas em obras do referido Nebrija, designadamente: um epigrama à cabeça do livro acerca da acentuação das palavras estrangeiras (*De peregrinarum dictionum accentu*, fol. 1v) em 30 de junho de 1506; outro publicado na edição conjunta dos livros “Enigmas do Direito Civil” e “Léxico do Direito Civil” (*Aenigmata Iuris Ciuilis e Iuris Ciuilis Lexicon*), a ocupar a fol. 43v desta segunda obra, em 30 de junho do mesmo ano; o elogio a Nebriga que acompanha o comentário deste à sua edição do poema *Pascale* de Sedúlio, em 16 de junho de 1510; e um outro grande encómio àquele humanista espanhol publicado no início do *Dictionarium* (latinocastelhano) do mesmo autor, em 29 de novembro de 1512 (vd. *infra*, pp. 102-107, Epigramas 4, 5, 6 e 7, respetivamente).

A 3 de julho de 1515 publicava Aires Barbosa o seu opúsculo sobre métrica a que deu o título de *Epometria*, e nela incluiu mais dois epigramas, um a servir de uma espécie de Proposição e outro de Epílogo, nos quais o autor exalta a importância desta matéria para a compreensão do texto poético e exorta os estudantes a empenharem-se no seu estudo (vd. *infra*, pp. 106-107, Epigramas 8 e 9).

Menos de um ano depois, em abril de 1516, saem a lume os “Comentários” de Barbosa à sua edição da *Historia Apostolica* do poeta Arátor, nos quais o nosso humanista publica mais oito composições suas, incluindo um fragmento de um poema contra o povo judeu, que na sua loucura condenou Cristo ao suplício da cruz; um poema com o elogio da referida *Historia* de Arátor e o resumo dos seus próprios Comentários, e outro com uma espécie de introdução e invocação deste e exortando a juventude à sua leitura (vd. pp. 108-117, Epigramas 10, 11 e 12); mais quatro composições de crítica contra os seus detratores que o acusavam de incompetência para comentar um poema de conteúdo bíblico como era a *Historia Apostolica*, por Aires Barbosa ser um homem casado e não um teólogo, e contra os

¹⁰⁰ Vd. Élio António de Nebrija, *Recognitio Commentariique Introductionum Suarum*. Salamanca, 1495, fl. [in fine, i viij vº].

pretensos gramáticos e aqueles que censuravam os seus Comentários por serem demasiado longos e dispersivos (vd. pp. 119-125, Epigramas 13, 14, 15 e 17); e também uma composição de queixa contra a própria Universidade por esta não se mostrar reconhecida pelo seu trabalho e o sobrecarregar cada vez mais sem a correspondente e justa recompensa (vd. pp. 122-123, Epigrama 16).

Em dezembro 1517 o humanista aproveita a publicação de duas releções suas, a *Prosodia* e a *Orthographia*¹⁰¹, para incluir nelas mais quatro pequenas composições: uma no princípio da primeira obra com recomendações pedagógicas sobre o ensino gradual das regras de prosódia; outra à cabeça da “Ortografia” acerca das normas de bem escrever e bem falar; outra no fim do prefácio desta segunda obra a servir-lhe de invocação, com uma desenvolvida metáfora marítima e, no final da mesma obra, um poema sobre as várias espécies de “artes” no campo das Humanidades e acerca da sua natureza teórica e prática (vd. *infra*, pp. 124-131, Epigramas 18 a 21).

Ao grupo das composições poéticas dispersas de Aires Barbosa e aqui recolhidas pertencem ainda outras quatro: os Epigramas 46 e 47 (vd. *infra*, pp. 150-151) de conteúdo encomiástico, incluídos no final do “Opúsculo de Epigramas” (*Epigrammaton Libellus*) do humanista português Lourenço de Cáceres, publicado provavelmente em Salamanca cerca de 1518 segundo proposta de Eugenio Asensio¹⁰², bem como os Epigramas 60 e 61 (vd. *infra*, pp. 164-167), dirigidos aos estudantes da universidade salmantina e publicados no *Phisices Compendium* de Pedro Margalho em 14 de junho de 1520, como elogio da mesma obra e como expressão de luta contra a barbárie instalada no próprio ambiente universitário. Este último epigrama foi reeditado, numa nova versão profundamente alterada, em 1536 (vd. *infra*, pp. 172-175, Epigrama 66).

b) Primeira coleção formal de “Alguns Epigramas”

A primeira coleção formal de epigramas do poeta Aires Barbosa, com o título de *Nonnulla Epigrammata*¹⁰³, aparece como apêndice da publicação conjunta das releções atrás referidas da *Prosodia* e da *Orthographia*, num total de trinta e seis composições (Epigramas 22 a 45 e 48 a 59).

Nesta coletânea, além das habituais composições laudatórias aos amigos, mecenas e príncipes, há poesias de conteúdo autobiográfico e de circunstância; e há, sobretudo, epigramas de intenção satírica.

Entre os textos laudatórios figuram o elogio ao bispo de Évora D. Afonso de Portugal, o diálogo panegírico sobre a morte de Lúcio Flamínio Sículo, o

¹⁰¹ Vd. Aires Barbosa, *Selectio cui Titulus Prosodia*, Salamanca, dezembro de 1517.

¹⁰² Vd. Eugenio Asensio, *op. cit.*, p. 165.

¹⁰³ Vd. Aires Barbosa, *ibid.*, fls. e iij sqq.

epigrama sob a forma de epitáfio à rainha Isabel a Católica, os elogios a Martim de Figueiredo, a Lourenço de Cáceres e ao poeta Sílio Lusitano, e a apologia do ócio literário dedicada ao mesmo Sílio (Epigramas 24, 26, 43, 44, 45, 53 e 56).

Poemas de conteúdo autobiográfico são, sobretudo, o Epigrama 25 dedicado a Santa Luzia, a quem pede ajuda para a sua cegueira, o 30 acerca dos braços da família Barbosa, o 31 sobre um seu familiar Tiago, o 44 dedicado a seu tio Doutor Martim de Figueiredo, o 49 sobre seus filhos, o 52 acerca do seu casamento e o 57 expressamente sobre seus pais e sua terra natal.

No campo da sátira e da crítica salientam-se os Epigramas 23, 28, 29, 32 e 33 contra certos juristas e teólogos e outros seus detratores; os Epigramas 33, 35, 36, 38, 39, 40, 52 e 54, contra os ignaros das Musas e das Humanidades em geral; os Epigramas 22, 27, 37 e 51 contra a insolência do poeta latino Marcial; e também os Epigramas 48 e 50 de crítica à corrupção académica. Aires Barbosa mostra assim, já nesta primeira coleção autónoma, uma das tendências que mais o caracterizam neste género poético. A sua crítica visa preponderantemente os inimigos da cultura humanística e a barbárie de muitos dos responsáveis pelo ensino e dos mentores do saber tradicional.

A publicação desta coletânea de epigramas, em 1517, juntamente com as referidas obras didáticas da *Prosodia* e da *Ortographia*, marca praticamente o fim da atividade redatorial de Aires Barbosa em Salamanca, donde regressaria definitivamente a Portugal em 1523.

Durante o lapso de tempo que decorre entre estas duas datas, apenas conhecemos da sua autoria dois epigramas laudatórios (os Epigramas 60 e 61 atrás referidos) e uma epístola, incluídos no *Phisices Compendium* de Pedro Margalho¹⁰⁴, bem como dois dísticos publicados no *Epigrammaton Libellus* de Lourenço de Cáceres (Epigramas 46 e 47, também já citados), se aceitarmos uma data próxima de 1518 para a publicação desta última obra, como propõe Eugenio Asensio e como já atrás recordámos.

Portanto, até esta última data, Aires Barbosa publicou pelo menos sessenta e uma composições de modelo epigramático. E será necessário esperar cerca de dezoito anos para podermos voltar a apreciar novos frutos da sua produção literária, reunidos na coleção de epigramas publicada em 1536 juntamente com o poema *Antimoria*.

c) Os *Nonnulla Epigrammata* de 1536.

Aires Barbosa regressava à sua pátria em 1523, depois de alcançada uma aposentação merecida aos cerca de cinquenta anos de idade e após vinte e oito de trabalho letivo ininterrupto na Universidade de Salamanca.

¹⁰⁴ Vd. Pedro Margalho, *Phisices Compendium*, Salamanca, 1520, fl. 1 - 1 vº.

Mas, afinal, não era o descanso que em Portugal o esperava. A sua nova missão de mestre do cardeal-infante D. Afonso e do infante D. Henrique, irmãos de D. João III, durante sete anos, tolheu-o de poder publicar o que quer que fosse. Sabemos apenas, pela análise dos epigramas publicados em 1536 – e que aqui saem a lume pela segunda vez¹⁰⁵ –, que a maior parte foi redigida ainda durante o período da estadia do humanista na Corte entre 1523 e 1530, e os restantes foram sendo compostos ao longo do anos seguintes até à publicação do conjunto, seis anos depois.

O ano de 1536 fora assinalado por um acontecimento de muito significado pessoal para Aires Barbosa, que em Esgueira passava os últimos tempos da sua vida: completara-se nesse ano o prazo estipulado pelo papa Leão X – antigo discípulo de Barbosa em Florença –, em documento de 1515, para que o cardeal-infante D. Afonso, atingida a idade mínima de vinte e sete anos, pudesse receber a sagração episcopal e assim tomar conta, de pleno direito, de uma igreja catedral.¹⁰⁶

D. Afonso nascera em 23 de Abril de 1509, e, quando ele tinha apenas pouco mais de seis anos, o rei D. Manuel seu pai conseguira do papa Leão X a dispensa de idade para que ele pudesse exercer o cargo de bispo administrador, no espiritual e no temporal, de uma igreja catedral ou metropolitana.

O Infante foi sucessivamente provido na administração dos bispados da Guarda¹⁰⁷ (1516 a 1519) e de Viseu (1519 a 1523) e simultaneamente no bispado de Évora e no arcebispado de Lisboa¹⁰⁸ desde 1523, tendo mantido este último duplo cargo até à morte, em 1540; mas veio a receber as respetivas ordens sacras apenas em 1536, ano em que atingia os vinte e sete anos, idade mínima exigida pelas leis canónicas para assumir tal dignidade.

¹⁰⁵ Quinze dos cinquenta epigramas desta coleção foram traduzidos e publicados em 1960 juntamente com uma versão portuguesa do *Antimoria* por José Pereira Tavares. Vd. “Tradução do poema *Antimoria* e dalguns epigramas de Aires Barbosa”, *Arquivo do Distrito de Aveiro* XXVI (Aveiro, 1960), 63-67.

¹⁰⁶ Vd. o breve de Leão X *Cum carissimus*, de 26 de julho de 1515, *Corpo Diplomático Português*, tom. I, p. 352. Cf. bula *Gratiae Diuinae*, de 10 de setembro de 1516, *ibid.*, pp. 387-388.

¹⁰⁷ Vd. a bula de Leão X *Gratiae Diuinae* atrás citada.

¹⁰⁸ Vd. as duas bulas de Adriano VI *Gratiae Diuinae Praemium*, ambas de 20 de Fevereiro de 1523, *ibidem*, Tomo II, pp. 108-110.

Foi a administração destas prelações que deu, mais tarde, origem ao conflito entre o Cardeal e o seu irmão D. João III, de que fala Damião de Góis, *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*, Nova edição conforme a primeira de 1566. Parte II, Coimbra, Por ordem da Universidade, 1953, p. 143. A razão deste conflito, que levou o cardeal D. Afonso a decidir ausentar-se para Roma, a qual até há pouco era desconhecida ou mal interpretada pelos historiadores, vem descrita em pormenor por autor anónimo numa das histórias dos *Ditos Portugueses Dignos de Memória*, História íntima do séc. XVI anotada e comentada por José Hermano Saraiva, Publicações Europa-América, s.l.n.d., pp. 318-319.

A cerimónia da sagração é descrita por Jorge Coelho num poema¹⁰⁹ que este humanista publicou, com dois epigramas sobre este tema e uma elegia à Virgem, na mesma data e na mesma tipografia do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra onde saiu a lume o livro do *Antimoria* e dos *Epigramas* do seu amigo Aires Barbosa. A *Consecratio* de Jorge Coelho, além de relatar em pormenor todo o entusiasmo e ambiente festivo deste acto, esclarece, entre outros factos, o de ter sido a Sé de Évora o local da referida cerimónia:

*Tum Pater Omnipotens, Superum gaudente senatu,
ipse Eborae ad sedem augustam, felicia templa
affuit ac, recreans caelesti pignore mentem,
Alfonso ambrosium late aspiravit odorem.*¹¹⁰

[“Então, o próprio Pai Onipotente, com a alegria da assembleia celeste, esteve presente no rico templo da augusta Sé de Évora, e, reconfortando-lhe a alma com o seu celestial penhor, infundiu em D. Afonso a abundância do seu perfume de ambrósia.”].

Aires Barbosa não poderia encontrar melhor ocasião do que esta para prestar prova pública do seu reconhecimento e da muita admiração que nutria pelo Infante de quem fora mestre e valido de todas as horas, sobretudo nas mais difíceis.

De facto, o humanista aveirense resolveu dedicar ao cardeal-infante D. Afonso, seu protetor, a edição não apenas do *Antimoria*, cuja redação terminara, mas também tudo o mais que conseguira recolher de entre quanto possuía inédito. Foi da recolha deste espólio literário que assim resultou a referida coleção dos seus derradeiros cinquenta epigramas.

Do ponto de vista do conteúdo, estas composições, tal como acontece nos epigramas anteriores, são muito variadas, mas podemos agrupá-las, ainda que sumariamente, segundo as suas principais áreas temáticas, designadamente o encómio e a gratitude, a sátira, a defesa da cultura humanística e a intervenção política.

Composições de intenção gratulatória destinadas a agradecer a generosidade dos seus protetores, são, por exemplo, os Epigramas 62, 79 e 97 dedicados ao seu patrono cardeal-infante D. Afonso; e de valor encomiástico são o Epigrama

¹⁰⁹ Vd. Jorge Coelho, *SERENISSIMI ET ILLVSTRISSIMI / Principis D. Alfonsi S.R.E. Cardinalis ac Portu=/ galliae Infantis Consecratio* per Georgium Coelium / Lusitanum. Coimbra, Mosteiro de Santa Cruz, 1536.

Dos quatro exemplares que conhecemos – das bibliotecas Nacional de Lisboa, do Palácio de Vila Viçosa, da Universidade de Coimbra e Municipal do Porto –, os dois últimos andam encadernados precisamente com o *Antimoria* de Aires Barbosa.

¹¹⁰ Vd. *op. cit.*, fls.

94, dirigido ao reitor D. Gonçalo de Castela, e os epigramas 70 e 91 a exaltar o valor literário dos poetas, respetivamente, Mestre Gonçalo e a Joana Vaz.

É de caráter autobiográfico e pessoal um grupo significativo, em que se incluem o Epigrama 63 com que Barbosa se despede, com profunda emoção, da cidade e da Universidade de Salamaca; o Epigrama 84 de introspeção perante o desfalecimento do corpo e o prenúncio da morte, e o Epigrama 99 de autoexortação frente as dificuldades da vida; o Epigrama 65, em que professa a sua profunda fé cristocêntrica; o Epigrama 67, que é um epitáfio à morte da sua esposa e dá notícia de outros dados familiares; e o Epigrama 93 que dá conta da sua vista já cansada.

O maior número dos epigramas desta coleção é de conteúdo satírico, embora com matizes e objetivos diversos. Alguns têm motivações de caráter simultaneamente pessoal e autobiográfico, quando por exemplo o autor responde aos seus críticos e detratores como acontece nos Epigramas 11, 16, 64 e 110; noutros prevalece a sátira antifeminina (Epigramas 68, 69 e 74), a denúncia dos vícios da vida académica, designadamente nos abusos da boémia estudantil (Epigrama 25) e na corrupção no processo eleitoral dos professores (Epigrama 71); ou a crítica aos defeitos do ambiente cortesão (Epigrama 72) e à questão religiosa da pseudoconversão de certos judeus (78).

Mas a maior parte e a maior força satírica deste tipo de epigramas de Aires Barbosa enquadra-se na luta por ele travada contra aquilo a que chamava a barbárie cultural do ambiente académico de Salamanca, demonstrada na falta de preparação humanística greco-latina dos professores de direito e de teologia, que desprezavam o valor das línguas clássicas e aqueles que as ensinavam, classificando-os de simples “gramáticos” (Epigramas 66, 73, 76, 87, 88, 89, 90, 95 e 109); bem como os autodidatas ignorantes, os devotos da astrologia e os depreciadores de Cícero (Epigramas 80, 85, 98 e, de novo, 109). Incluem-se nesta mesma sátira antibarbárica os Epigramas 81, 83 e 92, com seus queixumes acerca da injusta remuneração dos literatos em geral e dos poetas em particular, em comparação com as benesses concedidas a classes de gente meio inculta como médicos, juristas e canonistas.

Finalmente, concentram-se na parte final desta coleção onze epigramas de intervenção política, compostos por ocasião e motivo da agitação político-ideológica e religiosa verificada dentro e fora de Espanha no tempo de Carlos V: a revolta das Comunidades de Castela e das Germanias de Valência, as hostilidades entre a Espanha e a França, a invasão dos Turcos sobre a Europa ocidental e das guerras fratricidas entre estados cristãos.

Aires Barbosa ocupa-se especificamente dos Comuneros de Castela e das Germanias de Valência, a que ele chama Democracia, no Epigrama 77 dedicado à vila de Urenha, onde se passaram vários acontecimentos sobre a história política de Espanha e onde se instalaram os Comuneros em 1520, e sobretudo nos Epigramas 100 a 105.

Perante esta agitação democrática, que se estendeu pelos anos de 1520 e 1521, a posição de Aires Barbosa não foi sempre a mesma. No princípio, como

se tratava de uma ação marcadamente popular, não contra a nobreza mas contra a política centralista e totalitária de Carlos V, que tinha sido educado no meio culto da Flandres e impusera em Espanha um governo chefiado pelo seu mentor flamengo Adriano de Utrech, futuro papa Adriano VI, o nosso humanista adere literariamente a esse protesto reivindicativo das populações peninsulares. É assim que, no Epigrama 100, exalta a luta pela “Democracia”, comparando-a aos movimentos emancipativos do povo ibérico contra o domínio romano de outrora; e no Epigrama 101 evoca a aliança de grande parte das cidades de Castela que nela se conjuraram e donde resultou a conhecida Santa Junta, constituída em Ávila em 1 de agosto de 1520; e aponta como causa principal desta revolução o facto de Carlos V, tendo subido recentemente ao trono de Espanha, o ter praticamente abandonado pouco depois para assumir a herança de um título bem mais elevado – o de imperador do Sacro Império Romano-Germânico. São particularmente duras as palavras com que Barbosa o critica.

Mas pouco tempo depois, quando os revoltosos assumiram posições radicais de partilha do poder e de transformação do próprio regime, secundarizando a nobreza e recusando as propostas de paz apresentadas pelo imperador Carlos V nas vésperas da batalha decisiva de Villalar, em 1521, em que eles haviam de sair definitivamente derrotados, Aires Barbosa adverte e censura a “Democracia” no Epigrama 103 por esta ter perdido a oportunidade de recompor o equilíbrio político, com respeito pelas tradições nobiliárquicas de Espanha. Parece, pois, que Aires Barbosa, em todo este processo de revolução comuneira, se manteve sempre do lado da aristocracia: defendendo-a contra Carlos V quando este pretendia centralizar o poder e retirar-lhe os privilégios autárquicos; e apoiando o imperador quando os revolucionários radicais assumiram posições de luta de classes que punham em perigo as mesmas regalias da nobreza.

O epigrama que encerra a coleção de 1536 e que na atual edição tem a mesma posição terminal de todas as composições deste género aqui reunidas, com a identificação de Epigrama 111, é uma crítica aos responsáveis políticos e religiosos da Cristandade europeia, envolvidos em guerras fratricidas em vez de se unirem para resistir aos Turcos, que, durante a década de vinte e sob o comando de Solimão II, haviam tomado Rodes e parte da Hungria e ameaçavam ocupar a Europa. E como exemplo da discórdia entre os cristãos europeus, Aires Barbosa conclui com a evocação do tristemente célebre Saque de Roma de 1527, executado por tropas imperiais de Carlos V, em que se cometeram toda a espécie de atrocidades e em que o próprio Papa se viu obrigado a fugir da Cidade Eterna.

II – 4.2. *ANTIMÓRIA*

A publicação da coletânea de epigramas que reúne as últimas cinquenta composições acabadas de comentar, saiu a lume, como vimos, na imprensa do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra em 1536 graças à dedicação e competência

técnica dos seus monges tipógrafos, que, industriados pelo impressor francês Germão Galharde, aí mantinham desde o início daquela década uma tipografia moderna apetrechada com tipos gregos e latinos (góticos, redondos e itálicos), a qual Barbosa bem conhecia e que, à distância geográfica de Esgueira junto de Aveiro, lhe ficava mais à mão.

Tal coleção epigramática figura como apêndice do maior poema de Aires Barbosa, o famoso *Antimoria*, todo composto em hexâmetros dactílicos, num total de 616 versos, e o conjunto do livro ostenta o seguinte título: ARII BARVOSAE / Lusitani Antimoria. / *Eiusdem nonnulla Epigrammata*. No cólofon, o humanista registou o local e data: Conimbriae / Apud coenobium diuae Crucis. / M. D. XXXVI [“Coimbra, no Mosteiro de Santa Cruz, 1536”].

À cabeça do livro aparecem, em prosa, uma carta do seu amigo Jorge Coelho com grandes elogios ao poema “Antimória”, e um prefácio do próprio Aires Barbosa dedicado ao seu patrono e antigo discípulo, cardeal-infante D. Afonso, em que lhe expõe as razões que o levaram a compor este poema contra o famosíssimo “Elogio da Loucura” (*Moriae Encomium*) de Erasmo de Roterdão, que já havia sido publicado em 1509¹¹¹ e que, segundo as palavras do próprio Barbosa, “anda agora em todas as mãos”.

A oportunidade assim implicitamente evocada pode ter sido provocada, também, pelas circunstâncias político-religiosas que envolveram a figura do grande crítico flamengo, cuja obra havia caído nas malhas da Inquisição e fora objeto de censura formal e intransigente da Junta de Valhadolid em 1527, da qual fizera parte ativa o colega e amigo de Aires Barbosa na Universidade de Salamanca, o humanista Pedro Margalho.

De qualquer modo, há muito que o nosso poeta, como ele informa no prefácio, acalentava o desejo de escrever alguma obra, não do âmbito estrito das ciências filológicas que sempre o trouxeram ocupado no exercício da sua profissão, mas da área das ciências teológicas – algo para “lançar no erário do Senhor” (*aliquid in aerarium Domini inferre*) como a viúva do Evangelho –, ele que se havia formado em teologia e que demonstrara, no majestoso comentário feito à *Historia Apostolica* de Arátor, a sua competência nestas matérias. A tranquilidade da sua aposentadoria iniciada em 1530 ofereceu-lhe, finalmente, a disponibilidade de o fazer, do mesmo passo que reunia toda a sua produção poética até então inédita.

Aires Barbosa, um erasmista contra Erasmo?!

Esta é a pergunta envolvida em estranheza que alguns estudiosos lançam sobre o poema *Antimória* de Aires Barbosa, que tem sido objeto de comentários e interpretações variadas e mesmo antagónicas, desde que a sua vida e obra começaram a merecer o interesse dos críticos até aos nossos dias. Devemos

¹¹¹ A carta dedicatória dirigida a Tomás More data de 5 de junho de 1508, e a primeira edição do *Encomium Moriae* saiu em Paris em 1509.

reconhecer, com José V. de Pina Martins,¹¹² que nem sempre o fizeram com a necessária objetividade científica e o profundo conhecimento do texto, antes levados pela sugestão do título, concluindo assim pelo antierasmismo de Barbosa.

O tom desta interrogação justifica-se pelo facto de Aires Barbosa ser considerado um verdadeiro adepto dos ideais de Erasmo, segundo o testemunho de André de Resende, antigo aluno, fiel amigo e bem conhecedor deste seu mestre português. De facto, no seu famoso Elogio de Erasmo (*Erasmii encomium*) contra os detratores do Roterdamês e das belas-letas, composto nos inícios de 1531, Resende afiança-lhe que os portugueses o admiram e amam e que seus livros são extremamente apreciados e andam nas mãos dos homens de maior prestígio, entre os quais menciona o rei D. João III, o seu irmão cardeal-infante D. Afonso e sobretudo “o venerável Aires [Barbosa], glória, por seus grandes méritos, do orbe hispano” [*Hispanique sacer meritis honor orbis Aereus magnis*].¹¹³ O próprio Jorge Coelho, que se associa à publicação da *Antimória* com o seu elogio epistolar que lhe serve de abertura, era um admirador e correspondente de Erasmo, como se sabe pela correspondência deste com Damião de Góis.¹¹⁴ De resto o humanista holandês continuou a ser estimado, lido e publicado em Portugal durante o século XVI.¹¹⁵

O que preocupava Barbosa e o encorajou a escrever o seu poema “Contra a Loucura” não era a contundente sátira que o “Elogio da Loucura” lança contra os loucos desvarios dos potentados daquela época sem poupar as altas autoridades eclesiásticas, porque também ele mesmo se mostrou, nos seus epigramas, um crítico implacável contra loucuras e vícios semelhantes no âmbito académico, na vida pública e privada da sociedade civil e na conduta dos políticos. De resto, em toda a *Antimória*, Barbosa nunca se pronunciou direta nem indiretamente

¹¹² Vd. *Humanismo e Erasmismo na Cultura Portuguesa do Século XVI. Estudos e Textos*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1973, p. 39 e sgs.

Entre os principais críticos que se ocuparam deste assunto, contam-se também: José Pérez Riesco, *Arias Barbosa “El Maestro Griego”*, Madrid, 1948, p. 153-155 [tese datilografada]; Walter de Sousa Medeiros, *Aires Barbosa. Escorço Biobibliográfico Seguido do Texto e Versão da Antimória*, Lisboa, 1953, pp. 93-95 [tese datilografada]; António José Saraiva, *História da Cultura em Portugal*, Vol. II, cap. V “O Humanismo em Portugal”, Lisboa, 1958; José Sebastião da Silva Dias, *A Política Cultural da Época de D. João III*, Coimbra, 1969, Volume Primeiro *, p. 213-228; M. Gonçalves Cerejeira, *O Renascimento em Portugal, II, Clenardo, O Humnismo, A Reforma*, Nova edição, Coimbra, 1975, pp. 141-142.

¹¹³ Vd. *Carmen eruditum et elegans Angeli Andreae Resendii, Lusitani, aduersus stolidos politioris literaturae oblatratores [=Erasmii Encomium]*, Basileia, 1531, fol. B 3.

¹¹⁴ Vd. Damião de Góis, *Correspondência Latina*. Estabelecimento do texto latino, introdução, tradução, notas e comentário de Amadeu Torres, Coimbra, 2009, Imprensa da Universidade, “Portugaliae Monumenta Neolatina”, Vol., IX, p. 221.

¹¹⁵ Veja-se a este propósito o artigo da A. Costa Ramalho na *Verbo Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 22, col. 310-311.

sobre o caráter satírico do *Encomium Moriae* e acerca do alvo da sua crítica, envolvida numa permanente ironia excelentemente protagonizada pela Loucura, aqui personificada, a quem os homens submetem a Razão. Ora tal silêncio é sintoma de que ele no fundo partilhava de muito daquele manancial satírico erasmiano.

Aquilo a que Barbosa se opunha era ao método, ao meio usado por Erasmo para atingir os seus objetivos, isto é, à exaltação e apologia da Loucura como promotora soberana de todas as ações da humanidade, em vez da Sabedoria.

É verdade que Erasmo, na sua carta dedicatória a Tomás More, esclarece reiteradamente que aquela apologia não passa de uma facécia para divertir o leitor, embora possa castigar os costumes sem ferir ninguém. A isso Barbosa, que bem percebia toda aquela roupagem de ironia a ponto por vezes usar no seu poema um tom igual ou ainda mais irónico e sarcástico., na carta dedicada ao seu protetor cardeal-infante D. Afonso e que serve de Prefácio à Antimória, responde, por assim dizer, reconhecendo que “Pode o *Moriae encomium*, na verdade, ser lido com extremo prazer pelos eruditos, visto que, para entendidos, evidentemente, aquela graça requintada é inofensiva: porém os mais, que são a grande maioria, não podem lê-lo sem prejuízo”.¹¹⁶

É com esta preocupação que Barbosa, em todo o seu poema, contrapõe ao reinado da insensatez e da Loucura o primado da razão e da Sabedoria numa exposição simples e sem ironias nem convenções literárias que confundam as almas cândidas.

Por isso nos parece que, apesar das convulsões ideológicas e religiosas que se vinham a sentir no seio da sociedade europeia desta época, o texto da Antimória, só por si, não leva a concluir que o erasmismo de Aires Barbosa sofrera clara transformação. No fundo ambos, Erasmo e Barbosa, pugnavam pelo mesmo objetivo: um cristocentrismo purificado e genuíno.

¹¹⁶ Aires Barbosa não especifica quem é essa maioria, mas certamente pensava em todos aqueles que, embora adultos, não tinham conhecimentos literários para fazer um julgamento correto das intenções de um texto profundamente irónico; e estaria a pensar também, e porventura em primeiro lugar, nos estudantes, mais ou menos jovens e adolescentes, que, como se sabe, liam com toda a facilidade, desde muito cedo, as obras em latim. Na verdade, se Erasmo em Roterdão com a idade de onze anos já lia Horácio e Terêncio, também em Portugal, nos colégios do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, na mesma época e local da publicação da Antimória, os seus alunos ainda bem jovens ouviam e respondiam em grego às perguntas do Mestre Vicente Fabrício, que comentava as obras de Homero na mesma língua, segundo testemunho ocular e insuspeito de Nicolau Clenardo, helenista conterrâneo do mesmo Erasmo (Vd. a “Carta de Nicolau Clenardo aos Cristãos ...” in Manuel Gonçalves Cerejeira, *O Renascimento em Portugal - I - Clenardo e a Sociedade Portuguesa*, 4ª edição revista, Coimbra, 1974, pp. 349-383, especialmente p. 375). E quanto ao latim, o seu uso pelos alunos dentro do mesmo mosteiro era obrigatório, em alternância com o grego.

III – ANEXO EPISTOLAR E DOCUMENTAL

III - 1. Carta ao conselheiro António Carneiro
(ANTT, *Cartas Missivas*, Maço 4, nº 338)

AO MUITO PREZADO E EXÍMIO SENHOR O SENHOR ANTÓNIO CARNEIRO
SECRETÁRIO et DO CONSELHO DEL-REI NOSSO SENHOR ETC.¹¹⁷

Senhor

Hũa de V. M. me deu o levador desta minha, em a qual diz V. M. que elRei nosso Senhor *nã* sabe que eu pouso em Santarém por defeito e *míngo*a de pousada em Almeirim, do qual me maravilho porque a mim me certificarõ que a Sua Alteza falou o Cardeal que me dessem lá pousada, e que por estar mui *cheo* esse lugar que ao presente *nã* era possível até que se fosse a *emperatriz*.¹¹⁸ Eu por *nã* ser importuno, mormente tendo já experimentado quão *negridentes* são os *oficiaes* de Sua Alteza em, me *proveer* de casas por os lugares pelos *quaes* já *andámos*, calei-me e tive paciência, como me parece que deve fazer qualquer fiel servo, conhecendo o que diz o Senhor,¹¹⁹ posto que *nã* seja muito cõsono à razão. Porém agora, pois que V. M. sabe já que por *míngo*a de pousada eu *nã* *leo* e *nã* por *míngo*a de vontade, diga a Sua Alteza o caso, que eu provido logo serei lá a obedecer como até *qui* fiz. De Santarém

Beija as mãos de V. M.

Ayres Barbosa

¹¹⁷ Desdobrámos as abreviaturas, aplicámos as regras modernas de acentuação do português e assinalámos com tipo itálico as formas arcaicas que impliquem com a pronúncia da época.

¹¹⁸ Trata-se da infanta D. Isabel, irmã de D. João III, cujo contrato de casamento com Carlos V foi celebrado nas cortes de Torres Novas convocadas em julho de 1525. O contrato foi assinado em 17 de outubro de 1525 e, como diz Frei Luís de Sousa nos *Anais de D. João III* (Lisboa, Sá da Costa, Volume I, 2^a1951, p. 202), “O que sendo assi concluído e dado também último ponto no negócio das cortes, pareceu a el-rei passar-se a Almeirim, como lugar mais acomodado de paços reais e largueza, para se fazer a cerimónia que faltava do desposório.” Por outro lado, D. António Caetano de Sousa (*História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Nova edição, Tomo III, Coimbra, Atlântida, 1947, p. 147) esclarece que, “no dia primeiro de novembro se fizeraõ os Desponsórios da Infanta com o Emperador, por seu Embaixador” e que “No fim de Janeiro do ano seguinte de 1526, fez jornada a Emperatriz”, a caminho de Espanha. Estes dados servem para datar esta carta de Barbosa, o único autógrafo que conhecemos do nosso humanista, dentro dos limites de 18 de outubro de 1525, dia seguinte à assinatura do contrato matrimonial em Torres Novas e da provável mudança da Infanta para Almeirim, e os finais de janeiro de 1526, em que ela abandonou esta cidade.

¹¹⁹ Parece referir-se ao passo da *Carta aos Efésios*, 6, 5, de S. Paulo: “Servos, obedecei aos vossos senhores temporais, com temor e respeito, na simplicidade do vosso coração, como a Cristo”

+

Senhor

hũa de u. m. me deu o leuador desta minha. e aqual diz u. m.
 q' el Rey nosso Sr. nã sabe q' eu pouso e fantarã por defento e minga
 de pouxada e almanim. do qual me mandouillo por q' a mi me certificare
 q' a sua alteza falou o cardinal q' me desse la pouxada. e q' por estar mi
 ches esse lugar q' ao presente nã era possivel ate q' se fosse a Espanha. eu
 por nã ser imporrune: mormete tudo ia experimentado qua negrimentos são os
 officiaes q' sua alteza e me puer de castas poros lugares paos quas ia ande
 mos: calis me atine paciencia. como me parece q' deve fazer qualques fies
 seruo conhecido o q' diz ou mada o Sr: posto q' nã sera muyto casto a razão.
 porã agora pois q' u. m. sabe ia q' por minga de pouxada eu nã leo e nã po
 minga de rioteade: deça a sua alteza o casto: q' eu puido logo seruy la
 a obedecer como a te qui fiz d'fantarã

baya. as mãos d' u. m.

Jaynes Barbosa

III - 2. Carta de concessão da tença anual e vitalícia de 30.000 reais
(ANTT, *Chancelaria de D. João III*, L.º 39, fol. 75vº)

Lisboa, 23 de agosto de 1530

Dom Joham etc. A quantos esta minha carta virem faço saber que, querendo eu fazer graça e mercê a Aires Barbosa mestre do Infante dom Amrique meu muito amado e prezado irmão por respeito dos serviços que a mim e a *elle* tem feitos e espero que ao diante fará, tenho por bem e me praz que *elle aja* de mim de tença em cada hum anno de Janeiro que passou do anno presente de bc xxx em diante em sua vida xxx mil rs os *quaes* hey por bem que lhe sejam pagos em Fernam d'Alvarez meu tesoureiro ou quem seu cargo *tever*. Porém mando aos veadores de minha fazenda que lhe façam asentar os ditos xxx mil rs nos meus livros della e dar delle carta em cada hum anno *pera* lhe serem pagos no dito Fernam d'Alvarez ou quem seu cargo *tever* como dito *he*, e por firmeza dello lhe mandey dar esta carta per mim asinada e aselada de meu sello pendente Pedro Amriquez a fez em Lixboa a xxiiij dias d'Agosto de I bc xxx Fernam d'Alvarez a fez escrever.

III - 3. Testamento de Aires Barbosa e termo de abertura
(Biblioteca Pública de Évora: *Cod. Cx/1-6*)

TRESLADO DA INSTITUIÇÃO DA CAPELA DE AIRES BARBOSA
MESTRE DE GREGO SITUADA NA IGREJA DA VILA DE ESGUEIRA¹²⁰

Em nome de Deus. Amen.

Saibam quantos este testamento virem em como aos cinco dias do mês de Janeiro do ano de 1540 anos, em a Vila de Esgueira e em as pousadas do Mestre Aires Barbosa mestre do Senhor Infante Cardeal, estando hi presente ele dito Mestre Aires Barbosa, e logo por ele foi dito que ele, temendo a hora da morte e o dia de Juízo, ele ordenava e fazia, como de feito logo ordenou e fez, a sua manda e testamento em a maneira e forma seguinte.

Primeiramente disse que, querendo-o Nosso Senhor levar da vida presente deste mundo, seu corpo fosse enterrado em a sua Capela que ele mandara fazer em a Igreja de Santo André deste Vila de Esgueira e que em a sua cova sobre

¹²⁰ A cópia autenticada do original, que devia estar transcrita num dos Tombos da Provedoria de Esgueira, desapareceu com eles no incêndio do edificio do Governo Civil de Aveiro em 20 de julho de 1864, segundo Francisco Ferreira Neves, *op. cit.*, p. 45. Esta versão reproduz o traslado manuscrito da Biblioteca Pública de Évora: *Cod. Cx/1-6*.

seu corpo lhe porão ãa campa que está em a dita Capela com ãas letras em ela que digam: “Aqui jaz o corpo do Mestre Aires Barbosa”.

Disse que ao dia do seu enterramento lhe levarão com o seu corpo 20 alqueires de trigo, e dez almudes de vinho, e 200 réis de pescado, e 4 tochas, e dez velas acesas; e lhe dirão dez missas, nove rezadas, e ãa cantada com suas horas e ladainhas e ofícios costumados.

Disse que do mês a um ano, em cada um dos ditos dias lhe levarão dez alqueires de trigo, e cinco almudes de vinho, e seis réis de pescado, e lhe dirão cinco missas em cada um dos ditos dias, ãa cantada e quatro rezadas, com suas horas e ladainhas, e aos ditos ofícios estarão quatro tochas e dez velas acesas.

Disse que em a dita sua Capela lhe dirão em todos os anos, em todas as semanas de cada ano, à sexta-feira, una missa rezada, nom de réquiem, com ãa oração que ele testador fez e compôs, a qual missa seja da domínica de sexta-feira; e mais em cada um ano duas missas cantadas, ãa por dia de Santa Cruz de Maio e a outra por dia de Santa Cruz de Setembro com seus responsos sobre a sua cova, as quais missas todas se pagarão muito bem segundo o costume da terra.

Disse que mandava que a dita Capela estivesse sempre bem corrigida, e concertada, e ornamentada de vestimenta e cálice, e frontal, e toalhas, e Livro, e galhetas, e castiçais, e velas para se poderem sempre dizer as ditas missas, e que quando o visitador vier em cada um ano a visitar a dita Igreja de Santo André, que visite também a dita Capela e veja se se cumpre o que dito é; e achando que se não cumpre o mandará cumprir; e de seu trabalho de visitar a dita Capela lhe será dado em cada um ano dois cambos de linguados, ou duas galinhas.

Disse ele testador que deixava a dita Capela e administração dela a sua filha D. Margarida Barbosa e a todos seus filhos lídimos e a seus sucessores que deles descenderem e gecerem por linha direita; e sendo caso que a dita sua filha D. Margarida faleça, e nom tendo filho nem filha legítimo, que então ficará a dita Capela e administração dela a um sobrinho ou sobrinha mais velho, e mais conjunto dele testador, que viva em esta Vila de Esgueira, e a seus filhos e filhas e sucessores, à qual Capela e administração dela, ele deixava toda a sua terça de todos os seus bens móveis e de raiz, da qual 3.^a e fazenda e rendimento dela se tirará e fará tudo; o que assim feito[?] e dito, e cumprido tudo como dito é, e o mais que remanescer em cada um ano da dita 3.^a e fazenda e rendimentos dela seja para a dita administradora; a qual 3.^a e fazenda dela seja sempre obrigada a se fazer e cumprir tudo o que assim mando.

Disse que, sendo caso que ele faleça primeiro que a dita sua filha D. Margarida case, que ela estará, até que case, em casa de Simão Varela e de sua mulher, e nom a querendo ter em sua casa estará em casa de Fernão de Figueiredo e de sua mulher, ou em casa de qualquer outra sua sobrinha sendo presentes na dita vila; o qual Simão Varela, ou Fernão de Figueiredo, ou qualquer outro sobrinho ou sobrinha onde assi estiver a dita D. Margarida até ser casada terá cargo dela assim de sua pessoa, como de sua fazenda e legítima e assim da 3.^a dele testador e administração da dita Capela, e cumprirá tudo o que dito é; e este que assim

tiver em sua casa a dita Margarida enquanto nom for casada, em cada um ano haverá 3.000 de seu trabalho.

Disse que a dita sua filha D. Margarida será obediente àquele em cujo poder estiver, e nom saia de seu mandado, e fazendo o contrário e nom fazendo aquilo que dela se espera, e se desmandar ou fizer alguma cousa desonesta, o que Deus nom queira, que em tal caso nom haverá a administração da dita Capela; e haverá o sobrinho ou sobrinha mais conjunto como dito é; o qual administrador que assim for cumprirá também as cousas que mandou fazer por sua alma ao dia do seu enterramento, mês e ano.

Disse que qualquer que por os anos adiante for administrador da dita Capela, que tome o apelido de Barbosa, e isto por memória do dito fundador da dita Capela.

Disse que, caso que Fernão Barbosa fosse seu herdeiro, ele testador lhe nom queria deixar nenhum cárrego das cousas sobreditas por lhe parecer que as nom saberá bem fazer, por ser muito mancebo em seu [proceder]¹²¹ viver.

Disse que, de toda a sua fazenda que se achar à hora da sua morte, assim de raiz em o reino de Portugal como em Castela, partirão irmãmente D. Margarida e Fernão Barbosa seus filhos, e isto tirando a sua 3ª que deixa à dita Capela e administrador dela, em a qual partilha nom entrará D. Catarina de Figueiredo sua filha, freira em o Mosteiro do Santo Espírito, porque o dito mosteiro é pago e satisfeito, do que hi há escripturas.

Disse que o dito Fernão Barbosa e a dita D. Margarida seus filhos nom se devem de agravar dele testador vender algũa cousa da herança de sua mãe, porquanto de cinco legítimas ele herdou as três, e mais o 3º, e quinto da dita fazenda de sua mãe, e como se usa em Castela, de maneira que nom ficava quasi nada ao dito Fernão Barbosa, e D. Margarida.

Disse que, se por aventura algum criado seu que o servisse estiver por pagar do seu serviço, que lhe seja pago; e assim serão vestidos de dó de pano dezocheno assim os criados, como as criadas.

Disse que ele tinha certos penhores de que dera dinheiro sobre eles, de que tem um livrinho, em que tem assentado quanto cada um deve sobre seu penhor, e assim em certas taças de penhor que tinha se achará em os cus das ditas taças assentado cujas são, e o que devem.

Disse ele dito testador que por aqui havia o dito testamento por feito e acabado, e que todo o que se contém em ele há por firme e valioso para sempre; e todos os outros testamentos e cédulas e condecilos que até aqui tinha feitos, que todos os há por quebrados e aniquilados, que nenhum nom valha, somente este presente, o qual rogou a mim João Cerveira tabelião que lho escrevesse, o qual escrevei, e ele testador assinou de seu sinal; e nom faça dúvida em a entrelinha que diz “a qual mica” por fazer verdade que se fez; o qual vai escrito

¹²¹ Palavra riscada no traslado do original.

nas folhas com esta em que vai meu sinal. João Cerveira tabelião o escrevi, e assinei também aqui de meu sinal raso.

João Cerveira, tabelião

[*Instrumento de aprovação*]

Saibam quantos este Instrumento de aprovação virem que no ano do Nascimento de N. S. J. C. de 1540 anos, aos seis dias do mês de Janeiro, em a Vila de Esgueira, casa do Mestre Aires Barbosa, mestre do Senhor Cardeal, estando ele dito Mestre presente, logo por ele foi dado a mim tabelião este testamento dizendo que este era o seu testamento, e o havia por firme e valioso, o qual era cerrado com ãa linha preta, e asselado com sete selos de cera; testemunhas que eram presentes: António de Pinho e António Rois ferrador, e João Anes alfaiate, e André Pires, e João Pires carpinteiro, e Bastião Pires, e P.º Anes Maia, todos moradores em a dita Vila. E eu João Cerveira, tabelião público judicial em a dita vila por El rei N. Sr. que o escrevi, e assinei de meu público sinal & &.

[*Instrumento de declaração*]

Em nome de Deus. Amen. Saibam quantos este instrumento de declaração de Cédula e testamento virem que no ano do Nascimento de N. S. J. C. de 1540 anos, aos 19 dias do mês de Janeiro do dito ano, em a Vila de Esgueira, em as pousadas do Mestre Aires Barbosa e logo hi por ele me foi dito que ele tinha feito um testamento cerrado com seu instrumento de aprovação nas costas, que eu tabelião fiz, o qual testamento ele testador disse que mandava que se cumprisse em todo como em ele se contém, com esta declaração *videlicet*: que a 3ª sua que ele tem deixado à Capela que fez na Igreja de Santo André desta Vila que toma e aparta para a dita 3ª os bens seguintes *videlicet*: a marinha que se chama da Riba da Veia, a qual já está obrigada à dita Capela, e mais outra marinha que se chama da Refugida com todas suas pertenças como as ele testador possui e tem por título de compra; e mais os seus Casais do Carregal, e os moinhos do Pano, que está junto do Carregal; e sendo caso que a dita sua 3ª mais valha, que todo o que em ela montar se tome em bens de raiz, e nom os havendo hi que caibam à dita 3ª, então se comprará para andarem sempre conjuntas à dita capela, a qual Capela ficará a quem ele testador tem declarado em seu testamento; e por falecimento da pessoa a quem assim leixa a dita Capela ficará ao seu filho da pessoa varão lídimo mais velho, e sendo falecido o tal filho mais velho varão, e havendo filho seu que seja neto lídimo este herdará a dita Capela, e nom havendo neto virá a dita Capela ao filho varão da dita pessoa; e quando hi nom houver filhos varões, ficará então à filha mais velha, e di em diante, com esta declaração: serão herdeiros as pessoas que tem declarado em seu testamento; e declarou mais que às pessoas que assim deixa a dita Capela, e assim aos outros

que adiante a herdarem serão obrigados a deixarem suas 3.^{as} em acrescentamento da dita Capela; e somente poderão tomar a renda da dita Capela um ano até dois, pagos os encargos, para poderem mandar despender por suas almas no que lhes bem parecer; e tanto que o herdeiro herdar a dita Capela e aceitar a herança dela, logo a dita sua 3.^a ficará obrigada à dita Capela como atrás fica declarado, sem poder dispor dela em outra cousa; e com estas declarações manda que o dito testamento se cumpra em todo e por todo segundo se em ele contém; e em testemunho de verdade mandou ser feito este que foi feito em o dito lugar e dia e mês e ano sobredito; testemunhas que presentes estavam: o Sr. Simão Tavares, fidalgo da Casa de El-Rei Nosso Senhor, e Tomás Ferreira, cavaleiro, moradores na Vila de Aveiro, e Gonçalo Coelho e Tristão Pinho e Cristóvão Pacheco e Afonso de Oliveira e Simão Varela e Fernão de Figueiredo, escudeiros fidalgos, todos moradores em Esgueira; e disse o dito testador que o dito testamento que tinha feito, de que eu tabelião lhe tinha feito nas costas o instrumento de aprovação que manda que se cumpra segundo se em ele contém com estas declarações aqui feitas em este instrumento, e manda que nenhum outro testamento que tenha feito que nom valha, nem tenha efeito nem vigor; somente o que dito é, porque esta é a sua última e derradeira vontade; testemunhas as sobreditas. E eu sobredito João Cerveira, tabelião público e judicial por El-Rei Nosso Senhor em a dita Vila de Esgueira e seu termo, que o escrevi e tirei do meu Livro das notas, e aqui meu público sinal fiz que tal é, e o concertei. O qual testamento, e instrumento de aprovação, e instrumento de declaração eu, escrivão, trasladei dos próprios, bem e fielmente & &.

[*Termo de abertura*]

Ano do Nascimento de N. S. J. C. de 1540 anos, aos 20 dias do mês de Janeiro do dito ano, em a Vila de Esgueira, em as pousadas do Mestre Aires Barbosa, dia em que ele faleceu da vida presente deste mundo, e sendo assim falecido logo hi perante Gonçalo Coelho, Juiz do Crime em a dita Vila, foi entregue este testamento a mim tabelião, cerrado e asselado com sete selos, o qual logo hi perante ele dito Juiz foi aberto e lido perante ele Juiz e testemunhas ao diante nomeadas, *videlicet*: perante Simão Varela e Fernão de Figueiredo e Cristóvão Pacheco e Vicente Anes Alcaide, todos moradores em a dita Vila de Esgueira. E eu João Cerdeira tabelião que o escrevi.

**III - 4. Súplica de Aires Barbosa para obtenção dos graus de Teologia
(7 de dezembro de 1502)**

(Arquivo Secreto Vaticano, *Reg. Suppl. 1155*, fls. 17v-18; cfr. *Cbartularium Universitatis Portugalensis (1288-1537)*, Vol. X (1501-1510), p. 96)

Beatissime Pater. Exponitur S. V. pro parte deuoti oratoris uestri Aarii Barbosae, clerici Colubriensis dioecesis, in artibus magistri, quod ipse pluribus

annis theologiae operam dedit et quod desiderat in praemium suorum laborum, quos in studio pertulit, in licentiatuae et doctoratus siue magistratus gradibus in dicta theologia simul uel successiue prouideri. Supplicat igitur S. V. praefatus Arius orator quatenus [fl. 18] huiusmodi suo desiderio fauorabiliter annuentes, aliquibus probis uiris, in partibus illis residentibus, committere et mandare quatenus ipsi uel duo aut unus eorum, adiunctis secum tribus doctoribus siue magistris seu licentiatis in theologia, et eorum uotis iuratis, si diligenti examinatione praecedente, eundem oratorem ad huiusmodi licentiatuae et doctoratus in dicta theologia gradus et insignia recipienda idoneum esse repperint, relaxato prius sibi per eos seu quemlibet eorum iuramento, quod dictus orator in uniuersitate praedicta, in qua gradum baccalariatus, ut praefertur, suscepit, alios gradus non recipiendi, licentiatuae, doctoratus siue magistratus gradus, et insignia in dicta sacra theologia simul uel successiue conferant et impendant. Et nihilominus eidem oratori, postquam gradus et insignia huiusmodi in dicta theologia receperit, ut praefertur, quod omnibus et singulis gratiis, priuilegiis, immunitatibus, concessionibus, exemptionibus, libertatibus et indultis, quibus alii licentiati, doctorati siue magistrati in dicta theologia in dicta uniuersitate, in qua studuit, iuxta illius ritum et mores cum rigore examinis et seruatis seruandis promoti gaudent, potiuntur et utuntur seu uti, potiri et gaudere poterunt quomodolibet in futurum, idem orator uti, potiri et gaudere libere et licite possit et ualeat ac utatur, potiatur et gaudeat in omnibus et per omnia perinde ac si in licentiatuae et doctoratus siue magistratus gradibus huiusmodi respectiue in dicta uel aliqua ex dictis uniuersitatibus iuxta illius mores recepisset, concedere et indulgere dignemini de gratia speciali, non obstante quod pro suscipiendis dictis gradibus iuxta ritus, consuetudines siue statuta uniuersitatis seu uniuersitatum praedictarum cursus debitos publice legendo non adimpleuerit et quod ad sacros ordines non fecerit se promoueri, constitutionibus et ordinationibus apostolicis necnon quibuscunque litteris, tam per felicis recordationis Innocentium papam octauum, praedecessorem uestrum, et per se[dem apostolicam] ad supplicationem serenissimorum dominorum Fernandi regis et Elisabet reginae Castellae [et] Legionis seu Regis Portugaliae siue ipsorum uel alicuius eorundem contemplatione siue intuitu per sedem apostolicam concessis, quibus inter alia caueri dicitur expresse quod nullus, uigore alicuius facultatis a sede praedicta pro tempore concessa, ad aliquem gradum in dictis regnis promoueri possit, nisi prius in aliqua uniuersitate dictorum regnorum fuerit examinatus et de eodem examine alias fidem fecerit, quodque aliter graduati priuilegio graduatorum huiusmodi minime gaudere possint, quibus, etiam si in eis caueatur expresse quod eis derogari non possit, illorum tenorem pro expresso habentes, necnon quibusuis aliis statutis, consuetudinibus uniuersitatum et cuiuslibet ipsarum, etiam iuramento, confirmatione apostolica uel quauis alia firmitate roboratis, quibus, illis alias in suo robore permansuris, hac uice dumtaxat specialiter et

expresse derogare placeat, ceterisque contrariis quibuscunque, cum clausulis oportunis et consuetis. – *Concessum ut petitur, in praesentia domini nostri papae. A. Cardinalis S[anctae] Praxedis.*

Et cum absolutione a censuris quoad effectum. Et de relaxatione, commissione et concessione, indulto, derogationibus praepetitis, quoad omnia praedicta, latissime extendenda. Et quod maior et uerior specificatio et expressio omnium praemissorum fieri possit. – *Concessum. A. Cardinalis S[anctae] Praxedis.*

Datum Romae, apud Sanctum Petrum. Septimo Idus Decembris, anno undecimo.

III - 5. Súplica de Aires Barbosa para exame de Teologia fora dos Estudos Gerais (10 de dezembro de 1502)

(Arquivo Secreto Vaticano, *Reg. Suppl. 1155*, fls. 98v-99; cfr. *Chartularium
Universitatis Portugalensis (1288-1537)*, Vol. X (1501-1510), p. 98-99)

Beatissime Pater. Exponitur S. V. pro parte deuoti oratoris uestri Arii Barbosae, clerici Colimabriensis dioecesis, in artibus magistri, quod ipse pluribus annis theologiae operam dedit et quod desiderat in praemium suorum laborum, quos in studio pertulit, in licentiaturae et doctoratus siue magistratus gradibus in dicta theologia simul uel successiue promoueri. Supplicat igitur S. V. praefatus Arius orator quatenus huiusmodi suo desiderio favorabiliter annuentes, aliquibus probis uiris. in partibus illis commorantibus, committere et mandare quatenus ipsi uel duo aut unus eorum, adiunctis secum tribus doctoribus siue magistris in theologia, et eorum uotis iuratis, si diligenti examinatione precedente, eundem oratorem ad huiusmodi licentiaturae et doctoratus in dicta theologia gradus et insignia recipienda idoneum esse repererint, relaxato sibi prius per eos seu quemlibet eorum iuramento, quod dictus orator in uniuersitate predicta, in qua gradum Bacalariatus ut praefertur suscepit, alios gradus non recipiendo, licentiaturae, doctoratus siue magistratus gradus et insignia in dicta sacra theologia simul uel successiue conferant et impendant. Et nihilominus eidem oratori, postquam gradus et insignia huiusmodi in dicta theologia receperit, ut praefertur, quod omnibus et singulis gratiis, priuilegiis, immunitatibus, concessionibus, exemptionibus, libertatibus et indultis, quibus alii licentiati, doctorati siue magistrati in dicta theologia in dicta uniuersitate, [in qua studuit, iuxta illius ritum et mores], cum rigore examinis et seruatis seruandis promoti gaudent, potiuntur et utuntur seu uti, potiri et gaudere poterunt quomodolibet in futurum, idem orator uti, potiri et gaudere libere et licite possit et ualeat ac utatur, potiatur et gaudeat in omnibus et per omnia perinde ac si in licentiaturae et doctoratus siue magistratus gradibus huiusmodi respectiue in dicta uel aliqua alia ex dictis uniuersitatibus iuxta illius mores recepisset, concedere et [fl. 99] indulgere dignemini de gratia speciali, non obstante quod pro suscipiendis dictis gradibus iuxta ritus, consuetudines siue statuta uniuersitatis seu uniuersitatum praedictarum cursos debitos publice legendo non adimpleuerit et quod ad sacros ordines non fecerit se promoueri,

constitutionibusque, ordinationibus apostolicis ceterisque contrariis quibuscunque, cum clausulis oportunis et consuetis. *Fiat ut petitur. R.*

Et cum absolute a censuris quoad effectum. Et de relaxatione, commissione et concessione, indulto, derogationibus praepetitis, quoad omnia praedicta, latissime extendenda, Et quod maior et uerior specificatio et expressio omnium praemissorum fieri possit. - *Fiat, R.*

Datum Romae, apud Sanctum Petrum, Quarto Idus Decembris. Anno undecimo.

III - 6. **Súplica de absolvição de irregularidade para promoção a todas as ordens sacras (20 de abril de 1506)**

(Arquivo Secreto Vaticano, *Reg. Suppl. 1234*, fls. 10v-11; cfr. *Chartularium Universitatis Portugalensis (1288-1537)*, Vol. X (1501-1510), p. 274)

Beatissime Pater. Exponitur S. V. [pro parte] deuoti illius oratoris Arii Barbosae, clerici Colimbriensis dioecesis, quod, cum alias, cum ipse esset annorum quatuordecim uel circa et deuenisset ad uerba iniuriosa utrinque cum quadam aethiopiassa captiua et serua et ipsa eum percusserit alapis et deinde ligno ... et ipse etiam similiter ligno casu reperto se defendere contingit ut eam in capite percussione parua tantum laesione, cumque esset grauida et inter quindecim dies peperisset filium, mortua tandem est cum filio, baptizato tamen, quae quidem uel imperitia institricis¹²² capto cauterio, quod in parturiente est perniciosum, praesumitur esse mortua uel propter difficultatem partus, quem habuit grauissimum, propter non purgationem in parturiente consuetam uel natura uel alias, sicut Domino placuit, defuncta est, et licet in foro conscientiae et iudiciali credat praefatus orator semper defendi se posse, quia tamen est uir timens Deum et integritate et moribus uirtutibusque scientia reperiatur insignis et uult labe se absolui etiam macula suspicionis criminis cuiuscunque cupiatque pro defunctorum Christifidelium animarum salute in altaris ministerio Altissimo exorare, exercere posse, supplicat humiliter S. V. praefatus orator, quatenus, attento quod res praedicta sit maxime dubia et quod ipse non habuit uoluntatem committendi tale crimen etsi ipse fuisset causa, quod tamen non credit, qui erat puer et quia est uir tantorum meritorum et talis ut ecclesia Dei nanciscatur laudem et honorem et lucrum non paruum, si eum receperit in numero ecclesiasticorum, quia est uir Latinis et Graecis uir excellens ac in Gymnasio Salamantino publice Latinam et Graecam Rhetoricam profitetur et in sacra theologia magister egregius et peritissimus et praedicator insignis ac uita et moribus honestissimus, quapropter supplicat humiliter S. V. orator praefatus quatenus omnibus hiis de causis eum a reatu homicidii huiusmodi, si illo propterea forsan irretitus existit, absolueret secumque super irregularitate, [fl. 11] per eum propterea forsan contracta quodque

¹²² Neologismo equivalente a *obstetricis*, ou erro ortográfico?

ad omnes sacros et presbyteratus ordines promoueri et in illis etiam in altaris ministerio ministrare ac quaecunque, quotcunque et qualiacunque cum cura et sine cura, seu inuicem compatibilia beneficia ecclesiastica, etiam si canonicatus et prebendae, dignitates, etiam maiores, principales, personatus, administrationes uel officia, etiam curata et electiva, in cathedralibus, et[iam] metropolitanis, uel collegiatis ecclesiis fuerint, si sibi alias canonicè conferantur ... recipere et retinere libere et licite ualeat, dispensare, omnem inhabilitatis et infamiae maculam, per eum praemissorum occasione forsàn contractam, abolendo, dignemini de gratia speciali ... – *Concessum ut petitur, in praesentia domini nostri papae. G. Cardinalis Sancti Petri ad Vincula ...*

Datum Romae, apud Sanctum Petrum. Duodecimo Kalendas Maii. Anno tertio.

III - 7. Carta de Pedro Mártir de Anghiera, a Aires Barbosa

(*Opus epistolarum* Petri Martyris Anglerij, Alcalá de Henares, 1530)

[Texto]

PETRVS MARTYR ANGLERIVS MEDIOLANVS

ARIO LVSTITANO, GRAECAS LITTERAS SALMANTICAE PROFITENTI VALETVDINARIO

In peculiarem te nostrae tempestatis morbum, qui appellatione Hispana *Bubarum* dicitur (ab Italis *morbus Gallicus*, medicorum *Elephantiam* alii, alii aliter appellant) incidisse praecipitem, libero ad me scribis pede. Lugubri autem elego calamitatem aerumnasque gemis tuas, articulorum impedimentum, internodiorum hebetudinem, iuncturarum omnium dolores intensos esse proclamas, ulcerum et oris foeditatem superadditam miseranda promissis eloquentia, conquereris, lamentaris, deploras.

Misereor quidem, Ari amicissime, tui, cuperemque te bene ualere, sed minime, quod te prosternas, ignosco. Angi namque nimium aduersis, aut extolli prosperis, sapienti minime licet, immo et ferendos esse quoscumque fortunae ictus, cohaerenter ac indefesso spiritu praedicatur, ad animique fortitudinem, omnium lenimen malorum, confugiendum censetur.

Quum igitur tu sis Graecis et Latinis litteris eruditus, sisque dicendi peritus, quae laboranti amico suaderes colligito; illaque tibi in remedium sumito, et sapiens eris. Male namque sapit et contumeliose, qui sibi non sapit.

Sed nouum hoc accipito tantorum solamen malorum; si plus auri condonatum tibi repereris, quam ferri aut aeris sublatum et glebae putris, nonne maiores debebis superis gratias ex munere quam conquestus ex incommodo? Nonne illos et te bene meritos fateberis? Audi ergo et hanc tuis aerumnis medelam adhibeto. Auro gemmisque pretiosiores esse animi dotes, nemo est qui neget.

Corporis autem grauedinem amurca et faece quacunque uiliorem esse, non modo audimus passim, uerum etiam uidemus, ac scimus aperte. Hoc mortalem, tenebrosam; ille aeternus, lucidus. Seruum igitur tibi rerum Auctor macerat, ne

te insiliat, saeuia tque ac demum te possideat; eius frenat petulantiam ne te praeceps raptare nitatur, ne contra dominum arma sumat. Summo namque semper in discrimine iuuenilis aetas, qua uiges, uersatur.

Itaque grati erit uiri officium, magis quod fecundo polleas ingenio, quod etiam tibi, non alteri hominum cuique datum sit insignem istam urbem bonorum genitricem, Graecis quas ex Italo bonarum fonte attulisti, litteris, quam quod corpore langueas.

Insalubrem sibi locum ad robur corporis domandum, ne calcibus dominum impeteret, Plato dicitur elegisse, tutius esse ducens ad animi libertatem, ingeniumque altius eleuandum, languoris alicuius necessitate includi uirum eruditum, quam nimis prospera ualetudine fidentem peruagari.

Si ergo multo magis tibi sit relictum, quam sublatum, in Deum rerum principium ac finem tuos iactato cogitatus. Id si feceris, non minus te felicem esse intelliges, quod nunc te Saturnus opprimat, a quo morbus iste, quam si Mercurialibus uolitare per aera talaribus daretur.

Vale.

Giennio, in Nonis Aprilis 1489 [alias 1498]

[Tradução]

PEDRO MÁRTIR DE ANGHIERA, MILANÊS,¹²³

AO PORTUGUÊS AIRES BARBOSA,

PROFESSOR DE GREGO EM SALAMANCA, VÍTIMA DE DOENÇA

Na tua carta em prosa, dá-me conta de teres contraído a doença própria do nosso tempo, que na designação espanhola se diz “das bubas” (os Italianos

¹²³ O humanista e historiador Pedro Mártir de Anghiera nasceu em 1457 em Arona, no antigo condado de Anghiera da alta Itália milanesa, estudou medicina e terá sido médico do rei Luís XI de França, que o enviou em missão diplomática a Roma, onde esteve ao serviço de altos dignitários. Em 1487 acompanhou o embaixador castelhano, conde de Tendilla, para Espanha e aí exerceu as funções de professor dos pagens da rainha Isabel, de protonotário apostólico e de conselheiro as Índias. Este último cargo ocasionou-lhe uma íntima proximidade com a atividade dos grandes navegadores: Cristóvão Colombo, Américo Vespúcio, Hernán Cortés, Fernão de Magalhães e Vasco da Gama, o que despertou nele um particular interesse pela história dos descobrimentos e administração do Mundo Novo, cujas notícias, colhidas em primeira mão e mesmo dos próprios navegadores, relatou com rigor e imparcialidade nas suas “Décadas”, editadas em três partes sucessivas: a) *Opera. Legatio babylonica, Oceani decas, Poemata, Epigrammata*, Sevilla, de Abril de 1511; b) *De orbe novo Decades ...* Alcalá, 1516; c) *De orbe novo Decades octo*, Alcalá, 1530. Pedro Mártir de Anghiera morreu em Valhadolid em 1526.

A presente epístola, dirigida a Aires Barbosa, faz parte da sua correspondência, publicada também em Alcalá em 1530, num conjunto de 773 cartas. Trata-se da resposta a uma outra enviada pelo humanista português juntamente com um poema elegíaco e em que lhe dá conta da doença das bubas que o afetava, que os técnicos identificam como sífilis.

chamam-lhe “morbo gálico”;¹²⁴ alguns médicos, “elefantíase”; outros, de outra maneira). E na dolorosa elegia lamentas-te da tua desgraça e teus sofrimentos, da dificuldade das articulações e da falta de forças nos membros, clamas que são intensas as dores em todos os ligamentos e, para cúmulo, expões em tom aflito, lastimas, lamentas e deploras o miserando e horrível aspeto das feridas e da boca.

Tenho muita pena de ti, meu amicíssimo Aires, e o meu desejo seria que gozasses de perfeita saúde; mas o que eu de modo algum te desculpo é que te deixes assim abater. Um homem sábio não pode de maneira nenhuma angustiar-se diante das grandes adversidades, ou exaltar-se nos momentos de prosperidade; pelo contrário, o que se apregoa é que ele deve suportar, com persistência e espírito indefesso, toda a espécie de golpes da fortuna, e o que está estabelecido é que a sua obrigação é procurar refúgio na fortaleza de ânimo como alívio de todos os males.¹²⁵

Tu que és instruído nas letras tanto gregas como latinas e sabedor experimentado na arte da eloquência, pensa no conselho que darias a um amigo que estivesse envolvido numa desgraça e toma-o como remédio para ti, e serás um homem sábio. Na verdade, procede com insensatez e afronta quem não é sensato para consigo mesmo.

Mas aceita ainda este novo consolo para tuas tamanhas desgraças: se verificares que te ofereceram mais valor em ouro do que o do ferro, do cobre e da terra poeirenta que te roubaram, não deverás porventura dar maiores graças aos deuses pela dádiva recebida, do que queixar-te da perda sofrida? Acaso não confessarás a tua gratidão para com eles? Escuta, pois, e acrescenta mais este remédio para os teus sofrimentos.

Que os dons da alma sejam mais preciosos que o ouro e que as jóias, não há ninguém que o possa negar. E que a sobrecarga do corpo seja mais desprezível do que toda a espécie de borra e rebotalho, nós não só o ouvimos dizer por toda a parte, como também o vemos e claramente sabemos. O corpo é mortal e tenebroso; a alma é eterna e luminosa. Assim, pois, o Criador das coisas te macera o escravo, para que ele não salte sobre ti nem se torne feroso e acabe por dominar-te; refreia a sua petulância, para que ele não tente precipitar-se contra

¹²⁴ *morbus Gallicus*. Acerca da doença gálica ou sífilis em Aires Barbosa vd. o artigo de Alberto da Rocha Brito, “O aveirense Aires Barbosa, o italiano Pedro Mártir e a sífilis”, *Arquivo do Distrito de Aveiro XII* (Aveiro, 1946) 281-296; José Pérez Riesco, *Arias Barbosa, “El Maestro Griego”*, Madrid, 1948 (tese dactilografada), p. 52-53; e ainda, sobre a origem e os diversos nomes que a mesma peste foi assumindo ao longo do tempo e das regiões, vd. Sebastião Tavares de Pinho, *Lopo Serrão e o seu Poema “Da Velbice”*, Coimbra, 1987, p. 298, vv. 123-125; e p. 765, nota 10.

¹²⁵ Síntese do ideal estoico da filosofia do Pórtico, que apregoava o culto e a prática da imperturbabilidade perante as mais diversas e contraditórias circunstâncias da fortuna da vida.

ti e arrebatá-lo, nem se arme contra o seu dono, pois a vigorosa idade juvenil, em que te encontras, vive sempre no mais alto risco de perigo.

Por isso, maior terá de ser o teu dever de homem agradecido pelo fecundo talento de que és dotado, e também por te haver sido concedido, a ti e não a qualquer outro homem, ilustrar essa insigne cidade geradora de bens com as letras gregas que trouxeste da fonte itálica das Musas, do que te queixares dos sofrimentos de teu corpo.

Dizem que Platão escolheu para si um lugar insalubre a fim de domar os impulsos do corpo, não fosse este atacar e escoicinhar seu dono,¹²⁶ cuidando que, para a liberdade de espírito e para elevar mais alto o seu talento, era mais seguro que o homem erudito estivesse cercado pela fatalidade de alguma doença, do que vagueasse confiado numa saúde demasiado próspera.

Portanto, se te foi deixado muito mais do que retirado, atira todas as tuas cogitações para Deus, princípio e fim das coisas. Se assim fizeres, verás que não és menos feliz porque agora te oprime Saturno, de quem provém essa enfermidade,¹²⁷ do que se te fosse concedido voar pelos ares na asas tálaras de Mercúrio.¹²⁸

Passa bem.

Jaen, 5 de abril de 1489 [aliás 1498].

¹²⁶ Este lugar insalubre parece referir-se ao jardim ou parque nos subúrbios de Atenas, onde Platão costumava reunir-se com seus discípulos e estabeleceu a sua Academia, ou um terreno que o filósofo possuía nas suas imediações. Esta informação e a da motivação da escolha deste lugar poderão ter sido colhidas por Aires Barbosa na obra, bem sua conhecida, de Luís Célio de Rovigo [= Ludouicus Coelius Rhodiginus], *Lectionum antiquarum libri XIV*, Basileia, João Froben, 1517, Livro XXI, cap. X [= col. 976 H – 977 A, da edição saída “Apud heredes Andraeae Wecheli, Claudium Marnium, & Ioannem Aubrium, M.D.XCIX”, s.l.]. Eis o texto da notícia:

[...] *Neque uenit in mentem, Platonem, quum corporis habitudine uteretur nimium prospera, quae ueluti uitis luxurians foret resecanda, Academiam insalubrem Atticae locum delegisse, qua quod redundans nimiumque sentiebat, loci intemperie supprimeretur.* [“Nem lhe veio à mente que Platão, gozando de uma compleição de corpo demasiado próspera, a qual, como uma videira exuberante, deveria ser repetidamente podada, escolheu por Academia um lugar insalubre da Ática, para que aquilo que ele achava transbordante e excessivo fosse aí suprimido pela intempérie do lugar.

¹²⁷ *Saturnus ... a quo morbus iste.* O morbo gálico é também conhecido por doença de Saturno, assim chamada pelos astrólogos, que tribuíam a sua origem à conjunção de Saturno e Marte, como afirma Francisco López de Villalobos, *El Sumario de la medicina. Sobre las contagiosas y malditas bubas*, Salamanca, [Juan de Porras], para Antonio de Barreda, 1498 (Reedição da Sociedad de Bibliófilos Españoles, Madrid, 1884). José Pérez Riesco (op. cit., p. 53) aventa a hipótese de ter sido o médico Villalobos quem tratou da doença do próprio Aires Barbosa.

¹²⁸ *Mercurialibus ... talaribus.* As sandálias aladas são um dos distintivos de Mercúrio como veloz mensageiro de Júpiter. Alberto da Rocha Brito (op. cit., p. 283) recorda o facto de a antiga medicina árabe usar o metal do mesmo nome na cura de feridas e dermatoses; e, tratando-se também de um astro, como Saturno, assim se compreende a associação feita por Pedro Mártir de Anghiera entre ambos os deuses.

III - 8. Carta de Lúcio Marineo Sículo a Aires Barbosa
(Lúcio Marineo Sículo, *Epistolarum familiarium libri XVII*,
Valhadolid, Brocar, 1514, fol. i iiij)

[Texto]

LVCIVS MARINEVS SICVLVS ARIO BARBOSAE LVSITANO. S.

Saepe mecum cogitare soleo, uir doctissime, quid causae fuerit, cur ad Siculum tuum in tanto temporis interuallo nunquam non dicam litteras, sed ne salutem quidem miseris, cum praesertim te ipsum non modo uirum doctum, sed hominem quoque perhumanum cognouerim.

Quare tua uel eruditione uel humanitate quam maxime fretus nostram amicitiam, etsi nullis officiis propter meum isthinc discessum confirmauimus, satis tamen uel ipsa studiorum nostrorum similitudine qua coepta est, non modo firmam satis et constantem, sed posteritati quoque notam fore perpetuamque mihi persuasi.

Et quantum in me fuerit dabo equidem semper operam diligenter ut mea haec non me fallat opinio. Quod mihi multo quidem facilius erit, si tu quoque idem statueris, et in amore Siculo tui nominis et honoris amantissimo respondere uolueris.

Dilexi ego te hactenus ob eruditionem tuam singularem et optimos mores, sed meum in te amorem non mediocre tanquam parens optimus minus tibi significauit. Quid nunc, inquis? Non me diligis? Non inquam diligo, sed amo potius, si te sinis amari. Nam posteaquam mihi nuntiatum est quam disserte, quam ornate quamque facunde nuper in perorantem Flaminium disseruisti: tantus ad amorem, quo te persequer, cumulus accessit, ut nihil in te amando mihi esse possit ardentius.

Hoc ego etsi a multis doctis ac probatis uiris acceperam, ab ipso tamen Flaminio multo clarius intellexi. Qui apud me tuam eruditionem non ignatam mihi quidem, tuam facundiam orationis ornatam et disserendi uirtutem longo sermone celebrauit. Gratulor itaque tibi, mi Ari, magnos honores assecuto et merito quidem ut debeo plurimum gratulor; mihiq; summopere gaudeo.

Ceterum quam mihi hoc iucundum, tam illud postea molestum fuit: quod a multis accepi, te in grammaticae professione Spinosae competitorem fuisse. Ille enim etsi uir probus et non indoctus habetur, tecum tamen in re litteraria conferendus nullo modo fuit. Scio ego enim quantum non dicam istum, sed omnes etiam Hispaniae uiros doctos, quod sine cuiusquam inuidia dictum uelim, tum Graecarum tum litterarum Latinarum ratione antecedis. Quam ob rem, mi Ari, si mihi ignoscis, tuam in hoc uel cupiditatem uel imprudentiam accusabo. Video enim te parui quaestus amore captum commodum honesto praetulisse: quod te uirum perdoctum ac paene stoicum mea certe sententia non decuit. Qua in re non parum quidem miror tuae Mineruae oculos caligatos. Nam etsi grammaticae professionem istam te consecuturum exploratum tibi fuisset, nulla tamen ratione te

tam parua stipendii accessio mouere debuerat, ut relictis in gymnasio pulcherrimo rethorices lectione in spurcissimis hauris grammaticam profitereris; non quia professio grammaticae honorifica non sit, sed quia apud Hispanos non solum in honore non est, sed etiam ludibrio habeatur. Ceterum nescio qua tu ratione ductus dignitatem tuam et honorem leuissimorum puerorum suffragiis credidisti, non tamen ignarus quam facile non dicam crustulis et bellariis, sed uillissimis etiam castaneis seducuntur. Tu uero etsi te modo uel tui ipsius uel aliorum consilii paenitet, te uotum tamen assecutum non esse moleste ferre non debes. Est enim res apta tibi, quoniam grammaticorum et ruricularum permolestas et assiduas ineptias diutius ferre minime potuisses. Post hac igitur, mi Barbosa, te pro mutua inter nos beniuolentia ita cautum esse uelim, ne mihi rursus aliud egisse uideare. Tua enim dignitas non minori quidem mihi curae est, quam tibi ipsi.

De me autem si forte quid agam scire uelis, interdum scribo; saepe discipulis lectiones expono; seruius principibus, sed in sacris; prosum multis; inuideo nemini; bonos, si qui sunt, colo; cupio nihil; improbos et aliud agentes cum Democrito rideo, miserorque cum Heraclito; nonnunquam ludo, non tamen pila, non calculis, ut olim tecum, sed cum Politiano tuo, cuius nuper factus sum quam familiarissimus. Vale.

[Tradução]

LÚCIO MARINEO SÍCULO AO PORTUGUÊS AIRES BARBOSA

ENVIA SAUDAÇÕES¹²⁹

Muitas vezes costumo pensar comigo mesmo, doutíssimo varão, que motivo terá havido para que, durante tamanho espaço de tempo, nunca tenhas enviado a este teu Sículo, já não direi uma carta, mas nem sequer uma saudação, sobretudo quando eu te conheço não apenas como um varão douto, mas também como um homem extremamente delicado.

¹²⁹ Sobre quem era o humanista e historiador italiano Lúcio Marineo Sículo e as suas relações com Aires Barbosa, vd. *infra*, p. 277, Epigrama 26, nota 151.

Esta carta deve ter sido escrita nos meados de 1504, embora tenha sido publicada apenas em 28 de fevereiro de 1514 no *Epistolarum familiarium libri decem et septem* [...] (fol. i iiii) de Lúcio Marineo Sículo, editado em Valhadolid, tal como a respetiva resposta de Aires Barbosa (fol. i iiii – i v), que vem a seguir.

Esta correspondência teve por motivo o concurso à vacatura da disciplina de Gramática de prima, ocorrido entre os finais de 1503 e o princípio de janeiro de 1504 e ao qual concorreram o italiano Lúcio Flamínio, Pedro de Espinosa, Aires Barbosa e mais outros três candidatos. Entretanto a maior parte desistiu, ficando em disputa apenas Barbosa e Espinosa. O humanista português acabou por ser derrotado pelo espanhol devido a subornos, de que Aires Barbosa se queixará depois. Flamínio, dada a sua reconhecida e especial competência, teve o privilégio de receber a catedrilha de Plínio, que a Universidade criou para ele e em cuja decisão teve o apoio expresso e franco de Aires Barbosa durante a reunião do Claustro doutoral, de que ele fazia parte.

Por isso, inteiramente confiado na tua erudição e delicadeza, estou persuadido de que a nossa amizade, apesar de a não termos consolidado com nenhuns favores em razão da minha partida para aqui, todavia, dada até a própria semelhança dos nossos estudos, com que ela começou, há de tornar-se não apenas bem sólida e duradoira, mas também conhecida da posteridade e perpétua.

E, quanto em mim couber, empenhar-me-ei com diligência e sem cessar para que eu me não engane nesta minha convicção. E isso ser-me-á certamente muito mais fácil se tu também tomares igual decisão e quiseses corresponder ao afeto deste Sículo que nutre o maior apreço pelo teu nome e prestígio.

Até agora tive por ti um afetuoso apreço em razão da tua singular erudição e dos teus costumes exemplares, mas, como o melhor dos pais, fiquei aquém na manifestação do meu afeto não pequeno por ti. – E, então? (dizes tu). Já não tens apreço por mim? – Não apenas te aprecio, mas antes te amo, se é que tu te deixas amar. Na verdade, desde que eu soube com quanto brilho, com quanta beleza e quanta facúndia discursaste recentemente a favor da petição de Flamínio, aumentou tanto o amor que eu por ti nutria, que nada mais ardente pode haver na minha dedicação por ti.

Embora eu tivesse recebido esta notícia da parte de muitos varões doutos e respeitáveis, foi, porém, do próprio Flamínio que eu tive muito mais clara informação. Foi ele que, diante de mim e em longa conversa, elogiou a tua erudição, que eu na verdade não desconhecia, o teu dom de palavra, a tua beleza oratória e capacidade de exposição. Eu te felicito, pois, meu querido Barbosa, por teres conseguido grandes honras, e muito mais te devo felicitar pelo teu mérito, e me sinto com isso extremamente feliz.

Quanto ao mais, do mesmo modo que isto foi para mim causa de alegria, também depois me causou desgosto saber, através de muitos, que tu havias concorrido na oposição de Espinosa à cátedra de Gramática. Na verdade, embora ele seja considerado um homem probo e bastante douto, todavia, em matéria de letras, não devia de modo nenhum competir contigo. Sei bem quanto ultrapassas, não direi a esse, mas também a todos os varões doutos da Hispânia nos preceitos das letras tanto gregas como latinas, e gostaria de dizê-lo sem má vontade contra ninguém. É esta a razão, meu caro Aires, pela qual, se me perdoas, acusarei a tua avidez ou imprudência neste processo. Vejo que tu, dominado pela paixão de um pequeno lucro, preferiste o proveito à honestidade; e isso, a um homem sapientíssimo e quase estoico como tu, pelo menos em minha opinião não fica bem. E realmente causa-me não pequeno espanto que nesta questão se tenham obcecado os olhos da tua Minerva.¹³⁰

¹³⁰ A alegoria mitológica da Sabedoria (=Minerva) é frequentemente usada pelos humanistas como sinónimo do atributo abstrato do saber e da inteligência de cada um.

É que, mesmo que tivesses a certeza de vir a ganhar essa oposição à cátedra de Gramática, mesmo assim, por nenhuma razão te deveria mover o suplemento de um tão mesquinho de salário, para, abandonando a docência da Retórica numa belíssima escola, passares a ler Gramática nos mais imundos chiqueiros; não porque a profissão de gramático não seja honrosa, mas porque, entre os hispanos, ela não só não é dignificada, como está até sujeita a chacota. De resto, não percebo por que razão foste levado a confiar a tua dignidade e honra aos sufrágios de uns levianíssimos garotos, sabendo tu, todavia, muito bem quão facilmente eles se deixam seduzir, já nem direi por pastéis e guloseimas, mas até por umas reles castanhas. E, embora tu estejas agora arrependido quer de ti próprio quer do conselho de outros, não deves, porém, sentir-te abatido por não teres conseguido o que era teu desejo. Em boa verdade, a situação traz-te vantagem, pois não terias conseguido aguentar por muito tempo as molestíssimas e assíduas inépcias de gramáticos e campónios. Doravante, pois, meu querido Barbosa, muito gostaria que, em nome do nosso mútuo afecto, tomasses tal precaução, que não venha a parecer-me que cometeste de novo outra imprudência. É que, a tua dignidade não constitui menor preocupação para mim do que para ti próprio.

E quanto a mim, se acaso desejas saber como vai a minha vida, de vez em quando escrevo; muitas vezes dou lições aos alunos; presto serviço aos príncipes, mas nas coisas sagradas; ofereço ajuda a muitos; não quero mal a ninguém; pratico com os bons, se os há; nada ambiciono; dos perversos e dos meus adversários rio-me com Demócrito e tenho pena deles com Heraclito¹³¹; às vezes jogo, mas não à bola nem ao xadrez como outrora contigo, mas com o teu querido Policiano, com quem há pouco travei laços da maior familiaridade.

Passa bem.

III - 9. Carta de Aires Barbosa a Lúcio Marineo Sículo
(Lúcio Marineo Sículo, *Epistolarum familiarium libri XVII*,
Valhadolid, Brocar, 1514, fol. i iiij – i v)

[Texto]

ARIVS BARBOSA LVSITANVS LVCIO MARINEO SICVLO. S.

Gratissimae mihi fuere litterae tuae, quarum ut significatio summi amoris erga me tui mihi periuicunda, ita candida et sine labe simplicitas et citra omnem fucata

¹³¹ Tornou-se proverbial a atitude do filósofo atomista Demócrito, que se ria perante o mundo e a sociedade, e a de Heraclito, que a deplorava e chorava (evocação da Sátira X, vv. 28-53, de Juvenal). Cfr. *infra*, pp. 244-247, *Antimória*, v. 407-409.

simulationem libertas fuit iucundissima. Nam quid ego de elegantia stiloque dicam? Qui labitur suavissime placidoque simillimus amni.¹³² Sed de hoc alias.

Quereris, mi Sicule, satis amanter, quod non modo nihil litterarum ad te, quem plane meum semper noram, sed ne salutem quidem in tanto temporis interuallo miserim. Aque hic, quod indignius, requiris uel doctrinam uel humanitatem meam. Addis praeterea si per me licuerit, te daturum operam, ut nostra amicitia sicut coepta sit, firma constansque sit adeo, ut etiam posteritatis memoria commendetur.

Mihi uero ista conuestione nihil potuit gratius contingere. Est enim plena humanitatis officii beniuolentiae uiuasque ueri amoris uoces exprimis. Nihil rursus eodem mihi acerbius potuit euenire, cum me ea humanitatis laude, qua paucis aut nemini cedebam, iam tuo iudicio caream, inque suspicionem apud te uenerim, me in nostra amicitia excolenda paulo negligentiore fuisse. Ego, mi Sicule, ut te semper amaui, ita quoque nunc amo, et fortasse uehementius quo mihi tuae uirtutis ac doctrinae gloria iudicio maturiori comprobatur, comprobata reditur amabilior.

Sed urges: "Quid ita igitur nunquam scribis? Nunquam absentem salutas?" Salutauit equidem frequentissime postquam ubi degeres certior factus sum, quamquam hi qui istinc ueniunt, te ita latere ita te tibi uiuere aiunt, ut non minus sis inuentu difficilis, praesertim in tanta aulicorum frequentia, quam fera, quae non a turba uenantium, sed ab uno in montibus inuestigatur. Ergo tu, mi Marinee, ut bonus atque aequus aestimator pro ea humanitate, quam profiteris, in aliena culpa mihi ignoscito; quamquam ne ignoscito quidem, cum tuus semper et animo et factis extiterim; sed tibi persuade me nihil unquam praetermississe, praetermissurumque quod ad nostram amicitiam redintegrandam uel stabiliendam pertineat.

Dicis porro te et honore nostro laetatum esse, et icommodo doluisse. Vtrumque, ut ab optimo animo meique amantissimo complector, atque istius rei nomine me tibi ingentes gratias debere fateor. Nec enim unquam sinceri amoris perfectaeque amicitiae ueritas facilius perspicitur, quam si fortuna refulserit gratulantis animo, uel si eadem immutata sic condolentis.

Nam quod et amice et candide imprudentiam meam cupiditatemque accusas, qui cum omnes Hispaniae uiros doctos Graece Latineque antecadam, in grammaticae professione Spinosam nescio quem competitorem habuerim derelicto honesti spendore in altero, cum me eruditissimis hominibus anteponis, me plane a te irrideri credidissim, nisi agnouissem amoris iudicium, in altero quia nos tuo praeclaro exemplo ad libertatem candoremque inuitas, fateor me tuam prudentiam requirere, atque aciem non oculorum sed mentis tuae perspicacis uehementer desiderare. Vbi est acumen tuum, mi Sicule? Vbi stoica illa grauitas? Vbi uiuax ingenium, ut ista de nobis, ne quid grauius dicam, tam inconsiderate et scriberes et sentires?

¹³² anni *no original*.

Equidem nisi mihi penitus uirtus tua perspecta esset, quamque procul iste tuus sapiens animus ab omni auaritia suspicione degat compertum habuissem, profecto afirmassem ob unam cupiditatem miseram olim te in simile certamen descendisse. Nec dubitassem cum Plauto concinere: “Ex moribus tuis alienos probas”.

Verum nobis, sicut et tibi, ni falor, alia ratio, aliud propositum multumque diuersa uoluntas fuit, quam arbitrare, in illius professionis petitione. Non enim me stipendii maioris accessio tantum mouit, quantum publicae utilitatis gratia inque academiam hanc nostram, quam ego patriae antepono, amor meus incredibilis. Videbam sane iam tunc, quod nunc uideo, ob inscitiam ne dicam barbariem praeceptorum qui primae litteraturae fundamenta sine calce iaciebant, hoc est sine ullo Romanae linguae candore: uix duos tresue Salmanticae inueniri, qui Latine loquerentur, plures qui Hispane quam plurimos qui barbere. Quo circa parricida mihi paene uisus fuissem si huic parenti meae in tali occasione defuissem, praesertim cum mihi res ipsa offerretur tanquam certa indubitataque ab his, quorum consilio ac nutu Academia haec nostra administratur.

Et tu me hic honesto commodum praetulisse ais, cum pietatem hanc meam laudare debuisses. Vbi est sapientia tua, mi Marinee? Num quaeso dormitatur? An uigilat et grauioribus pressa curis alio secessit atque euolauit? Attende enim paulisper cogitationemque in hoc solum siste ad discrimen temporis. Si nullum factum meum iniustum profers quid reprehendis? Si reprehendis quid quaeso affers ob quod me repraehendendum iudices? Nam si professionem illam mihi deberi autumas non prudenter me honesto commodum praeposuisse asseueras.

“At rem incertam inexploratamque petiui”, inquires. Petiui sane sicut et Marcus Cato consulatum uir non bonus et sapiens sed etiam cum laude cumulatus. Nec uero ego illi professioni fortasse nimis idoneus quam consulatui Marcus Cato. Pugnabat homo ille paene diuinus in comitiis sola integritate. Nos quoque ius nostrum commendabamus sola uirtute tecti. Competitores Catonis tribus Romanas machinatione sed praecipue auro corruperunt, at nostri non modo auro et pueros et uiros allexerunt sed etiam, ut ais, castaneis nonnunquam glande. Quid ergo? Non aliquis Catonem petitionis illius titulo accusauit? Nemo profecto sanus. Nec uero me unquam facti paenitebit, sicut nec bonitatis meae si bonus sum paenitet, qui huic parenti meae, quae tot annos me aluit honorificentissime, quod debui praestiti. Nec tamen propterea quod maliuolorum conspiratione repulsam passus sum, ipsam deseram, nisi cum me uita deseruerit.

Iam uero illa de professionis et gymnasii comparatione speciosa magis quam uera argumenta me mouent nihil. Quippe qui illa et tuis canis moribus et senili grauitate prudentiaque indigna prorsus censeam. Non enim a loco professioneue homo doctus, sed ab homine docto locus professione¹³³ honorantur. Quod autem nobis tam diligenter concinneque de uitae tuae progressu scribis, gaudeo plurimum

¹³³ professione *no original*.

gratulatorque tibi, mi Sicule, qui uitam quietam tranquillamque agas et quasi caelestem. Nam cum Politiano meo ludas, tibi si fas est inuideo, qui maioribus allectus studiis uix haec quamquam optima sunt intueor.

Sed iam fortasse pluribus tecum ago, quam uel occupationes meae uel tuae permittunt. Illud ergo in extremo huius epistulae gyro tantum dicam, me ob istam humanitatem, qua me prior prosecutus es scribendo, tibi multum debere. Spero enim ista litterarum reciprocatione futurum, ut amicitia nostra, quae ob locorum interuallum paene intermissa¹³⁴ est, non augeatur, cum ad summum peruenerit, sed quod aequum est et integretur et roboretur.

Vale.

[Tradução]

O PORTUGUÊS AIRES BARBOSA A LÚCIO MARINEO SÍCULO
ENVIA SAUDAÇÕES

Foi com o maior agrado que recebi a tua carta, e assim como foi para mim de um enorme prazer o testemunho nela expresso do teu supremo afeto para comigo, do mesmo modo a sua simplicidade, cândida e sem labéu, e a sua liberdade, aquém de toda a mascarada simulação, foram também para mim causa de um prazer extremo. Na verdade, que direi eu acerca da sua elegância e estilo, que fluem com toda a facilidade à semelhança perfeita de um plácido rio? Mas acerca disso falaremos noutra ocasião.

Queixas-te, meu querido Sículo, com muita amabilidade, pelo facto de, em tamanho espaço de tempo, eu não ter enviado para ti não apenas uma única carta, apesar de sempre te reconhecer como inteiro amigo, mas nem sequer uma saudação. E agora – que coisa mais imprópria? – apelas para o meu saber ou para a minha urbanidade. Além disso acrescentas que, se pela minha parte for possível, trabalharás para que a nossa amizade seja sólida e duradoira, como era no seu começo, de tal modo que também fique conservada na memória da posteridade.

E em boa verdade nada mais grato me poderia acontecer do que essa lamentação, pois que ela é plena do cumprimento da cortesia, e nela exprimes a viva voz do bem-querer de um verdadeiro afeto. Mas, por outro lado, nada mais acerbo do que isso mesmo me poderia acontecer, porquanto, segundo teu juízo já eu estou privado daquele louvor de cortesia em que eu cedía o lugar a poucos ou a ninguém e, diante de ti, cairei na suspeição de ter sido um pouco mais negligente no culto da nossa amizade. Tenho hoje por ti, meu querido Sículo, o mesmo que sempre tive, e porventura com mais fervor; e quanto a glória da tua

¹³⁴ intermista *no original*.

virtude e cultura, ela, depois de comprovada com este juízo mais amadurecido, torna-se mais merecedora da minha dedicação.

Mas poderás replicar: “Sendo assim, então porque nunca me escreves? Porque nunca envias saudações quando estou ausente?” Enviei-te, sim, frequentíssimas saudações depois que me certifiquei do lugar onde vivias, embora aqueles que vêm daí digam que tu vives de tal modo escondido e levas uma vida de tal modo recolhida, que não é menos difícil dar contigo, sobretudo em tamanho bulício de palacianos, do que encontrar uma fera procurada nas montanhas não por uma turba de caçadores, mas apenas por um só. Portanto, meu querido Marineo, tu como bom e justo julgador, por aquela urbanidade que professa, perdoa-me numa culpa que me é alheia; ou, aliás, nem me perdoes sequer, pois que sempre fui teu, tanto em pensamentos como em actos; mas convence-te de que nunca desprezei nem hei de desprezar aquilo que diz respeito à renovação e consolidação da nossa amizade.

Dizes, além disso, que te sentes não apenas alegre com a nossa honra, mas também condoído com a nossa desgraça. A ambas as coisas eu acolho no meu peito como providas de um óptimo coração e que me ama de verdade, e por esse motivo me confesso devedor de imensa gratidão para contigo. Com efeito, nunca a verdade de um sincero amor e de uma perfeita amizade se distingue mais facilmente do que quando a boa fortuna se mostra refulgente no espírito de quem se congratula, ou quando a mesma, transmutada, assim se mostra a quem apresenta condolências.

Na verdade, quanto ao facto de me acusares, com amizade e franqueza, de ser imprudente e cobiçoso, a mim que, sendo assim superior a todos os varões doutos da Hispânia na área do grego e do latim, teria competido na cátedra de Gramática com um tal Espinosa, esquecendo o esplendor da honestidade, dir-te-ei em primeiro lugar que, ao colocares-me acima dos homens mais eruditos, eu teria acreditado que estavas claramente a zombar de mim, se não percebesse que esse teu juízo é fruto da amizade; em segundo lugar, já que, com teu preclaro exemplo, tu me convidas à liberdade e à franqueza, confesso que me pergunto onde está a tua prudência e que muito deixa a desejar a acuidade, não dos teus olhos, mas da tua mente perspicaz. Onde está, meu querido Sículo, a tua agudeza de espírito? Onde para aquela estoica gravidade? Onde o teu vivaz talento, para assim escreveres e sentires essas coisas a meu respeito com tanta desconsideração, para não dizer coisa mais grave?

Na verdade, se eu não tivesse claro e profundo conhecimento da tua virtude e não tivesse a certeza de como esse teu sapiente espírito vive longe de toda a suspeita de avareza, eu certamente afirmaria que tu, levado apenas por uma miserável cobiça, entraste um dia num concurso semelhante. Nem teria duvidado em cantar com Plauto: “Pelos teus comportamentos justificas os alheios.”¹³⁵

¹³⁵ Cfr. Plauto, *O Persa*, 2, 3, 30, com uma versão algo diferente: *Tuo ex ingenio mores alienos probas.*

Mas o meu propósito, tal como também o teu, se me não engano, foi outro na oposição daquela cátedra, e a minha intenção foi muito diversa daquela que tu julgas. Com efeito, o aumento do estipêndio não me moveu tanto como o motivo da utilidade pública e o meu incrível amor por esta nossa Academia, que eu coloco acima da minha pátria. Eu via já então aquilo que agora vejo, por causa da ignorância, para não dizer da barbárie, dos mestres que lançavam sem cimento os alicerces das primeiras letras, isto é, sem nenhuma pureza da língua romana: em Salamanca mal se podem encontrar dois ou três que falem latim, muitos em espanhol e muitíssimos mais em bárbaro. Por isso eu ter-me-ia parecido quase com um parricida, se tivesse faltado a esta minha mãe em tal ocasião, sobretudo porque ela se me oferecia como coisa certa e fora de dúvida da parte daqueles por cujo conselho e decisão é governada esta nossa Academia.

E tu afirmas aqui que eu preferi o proveito à honestidade, quando deverias louvar esta minha dedicação. Onde está a tua sabedoria, meu caro Marineo? Está acaso adormecida? Ou será que está acordada e, pressionada por preocupações mais graves, se abalou e voou para outro lugar? Presta por um pouco a tua atenção e detém o teu pensamento apenas sobre o ponto, atendendo aos limites de tempo. Se não apresentas nenhum feito meu injusto, porque me repreendes? Se me repreendes, diz-me que razão aduzes pela qual julgas que devo ser repreendido? Com efeito, se afirmas que aquela cátedra me era devida, manifestas imprudência ao asseverar que eu coloquei o interesse acima da honestidade.

“Mas – dirás tu – pretendeste uma coisa incerta e não devidamente analisada”. Pretendi, de facto, tal como pretendeu o consulado Marco Catão¹³⁶, homem não apenas bom e sábio¹³⁷, mas também cumulado de prestígio. E eu não era porventura extremamente idóneo para a cátedra, como Marco Catão para o consulado. Aquele varão quase divino pugnava nos comícios apenas com as armas sua integridade. Também nós fazíamos valer o nosso direito a coberto apenas da virtude. Os competidores de Catão corromperam as tribos romanas com maquinações mas sobretudo com ouro; enquanto os nossos aliciaram garotos e homens não apenas com ouro, mas também, como tu dizes, com castanhas e às vezes com bolotas. “E então? Ninguém acusou Catão pelo processo daquela candidatura?” Ninguém, realmente sensato. E nem eu me arrependerei nunca do que fiz, do mesmo modo que, sendo eu um homem de bem, não me arrependo da minha boa conduta, ao

¹³⁶ Marco Pórcio Catão, o Censor, ou Catão, o Antigo (234-149 a.C.), grande figura de escritor, político e governante romano, foi cônsul em 195 a. C. Sobre as suas qualidades morais e de rigor (que lhe mereceram o cognome de Censorino) e sobre as condições em que ele concorreu à eleição do consulado, vd. Plutarco, *Vidas Paralelas, Catão, o Antigo*, 28-29.

¹³⁷ Evocação da definição de “orador” – *uir bonus et sapiens* – atribuída precisamente a Marco Pórcio Catão (*Ad filium libri ...*).

retribuir o que eu devia a esta minha querida *Mater* que durante tantos anos e com a máxima honorificência me alimentou. Nem pelo facto de eu ter sofrido uma derrota eleitoral, resultante da conspiração de uns certos malévolos, a hei de todavia abandonar, a não ser quando a vida me abandone.

E no que respeita àquela comparação, mais especiosa do que verdadeira, os argumentos nada me demovem, pois a considero totalmente indigna do teu perfil coroado de cãs e da gravidade e prudência de um ancião. Na verdade, não é o lugar ou a profissão que honram o homem sábio, pelo contrário é pelo homem sábio que são honrados o seu lugar ou profissão. E quanto ao que me escreves com tanta diligência e elegância acerca de como vai a tua vida, alegro-me e felicito-te, meu caro Sículo, por leares uma vida calma e tranquila e, por assim dizer, celeste. Se me é lícito, tenho inveja de ti por jogares com o meu querido Policiano, eu que, atraído pelos estudos superiores, não posso dar atenção a tais coisas, por muito boas que sejam.

Mas já estou a gastar contigo porventura mais tempo do que as nossas ocupações, quer minhas quer tuas, permitem. Direi apenas, pois, na meta final desta corrida epistolar, que, por causa dessa cortesia com que tomaste a iniciativa de me presentear escrevendo, é grande a minha dívida para contigo. Tenho esperança, enfim, de que essa reciprocidade epistolar há de fazer com que a nossa amizade, que pela distância dos lugares quase ficou interrompida, possa, não direi aumentar, pois já havia atingido o seu cúmulo, mas renovar-se e fortalecer-se.

Passa bem.

III - 10. Carta de Aires Barbosa a D. Afonso de Fonseca

(António Geraldini, *Carmen Bucolicum*, [Salamanca? 1505?], fol. iv^o- ii)

[Texto]

AD MAGNIFICVM AC REVERENDISSIMVM
COMPOSTELLAE ANTISTITEM D. ALFONSVM FONSECAM
ARII LVSITANI EPISTOLA

Laudatur in ueteribus historiis Titus Romanus imperator, magnifice antistes, quod cunctis mortalibus sed praecipue suis ciuibus non tantum boni principis sollicitudinem, sed unicum parentis affectum praestiterit, adeoque eius magnificentiam singularem aetas illa prisca admirata est, ut non cesset commemorare ac miris laudibus extollere uocem illam omni liberalitate potioem, “Amici, diem perdi”, cum “recordatus quondam super caenam esset, quod nullum beneficium cuiquam toto die contulisset”. Idem cum neminem a se dimitteret uel sine spe uel sine munere, domesticis admonentibus quod plura uel polliceretur uel daret quam praestare posset, respondebat non oportere quemquam a sermone principis tristem discedere.

Multa praeterea huius optimi principis domi militiaeque praeclare gesta nobis obiectat fastosa antiquitas quae ad uiuos tantum nullaque ad mortuos pertinerent commemorat. At enim tu, reuerendissime antistes, et in uiuos et in extinctos mortalique hac luce carentes tuae benignitatis munera effundis. Viuunt quidem tuo munere multa esurientis turbae milia, quibus nisi tu liberaliter subuenisses, in maxima annonae caritate in summa rei frumentariae inopia sua membra (Deus meliora piis, erroremque hostibus illum iniiciat) fame cogente dilaniassent.

Sacrae Scripturae monumentis celebratur Iob tamquam pater pauperum et multarum uiduarum consolator; celebratur Neemias, quod annona et reliquis sumptibus populum leuauerit; eundem uberrimo benignitatis tuae congiario prosecutus.

Denique Christi Optimi Maximi diuinam pietatem admiramur, quod tam ieiunam plebem tamque numerosam in solitudine mirabiliter satiauerit; te uero quo pacto commemorabit posteritas, quem solum mendici parentem, uiduae patronum, uniuersus populus beneficum auctorem habet; postremoque te pastorem mortalem sui imitorem immortalis pastor Iesus cum in aperto, tum uero in occulto frequentius ut ipse fieri amat, clementer respicit.

Taceo ingenium, doctrinam, sapientiam, grauitatem tuam; quae omnia Amplitudini Tuae diuinitus contigisse uidemus. Haec autem nostris hominibus quantum fuerint utilia testatur Hispânia, quae paucorum dierum interuallo flagrantes ubique lites te praeside extinctas uidit. In ea tempestate omnium litium, omnium iurgiorum disceptator et arbiter tua prudentia incredibili tanquam claua Herculea, omnes pestes ab oris nostris abegisti, Hispaniam purgasti, similiter aduersum iracundiam et inuidiam atque libidinem ceteraque humani animi monstra et flagitia dimicans ut magnus ille Hercules qui orbem terrarum uicisse peribetur, uictum pacasse, pacatum optimis legibus sanctissimisque institutionibus ornauisse.

Sed si ego haec tam multa tamque praeclara in uiuos beneficia tua: breui epistola colligi posse existimem, profecto amens sim. Age uero dicamus quid munificentiae in extinctos meditare. Vt cetera omittam, erat in bibliotheca tua et elegans et sapiens Geraldini eruditi hominis poema bucolicon, cuius opus iam profecto cum auctore suo interierat, nisi grammatoliptarum formulis excudendum opus tuo sumptu tradidisset.

Erat hoc dolendum poetam sacrum sacro plectro diuina resonantem et caelestia mysteria rustico sed tamen cultu carmine canentem latere et in tenebris iacere; praesertim cum nostrae Academiae scholasticos melius et utile et elegans et sacrum poema tenere possit, quam uersus inopes rerum nugaeque canorae. Quantum uero hic laudandus tantum mihi obiter reprehendenda Christianorum uatum ingenia uidentur, quod omissa lyrae Daudicae concentu barbyton uel fabulis uel turpi amore diffluentem totis uiribus sectantur, ingeniaque pulcherrima anilibus fabulis accommodant, proh quanto melius caelestibus uacatura.

Ergo Geraldinus tuo munere nunc reuiuiscit, magnifice antistes. Nisi enim tua auctoritate et munificentia in manus hominum uenisset, idem tumultus qui corpus

eius contexerat: nomen pariter operuisset. Nec uero haec propterea dicimus apud te seuerissimum rigidissimumque antistitem ut aliquam gratiam quaeramus his laudibus quas in Amplitudinem Tuam congerimus: quasque aliis notiores esse scio qui in Hispania fuerunt, quam mihi qui non semper fui, sed ut haec legant ceteri Hispaniae praesules, atque ita legant ut non tam laudent quam imittentur. Consentaneum enim est ut ceteris uelut praeclarum exemplar praeleueas qui ceteris et aetate et ingenio et doctrina antecellis.

Valeat tua Amplitudo Reuerendissima.

Salmanticae quarto Kalendas Martias. M. quingentesimo quinto.

[Tradução]

CARTA DO PORTUGUÊS AIRES
AO MAGNÍFICO E REVERENDÍSSIMO D. AFONSO FONSECA,
PRELADO DE COMPOSTELA¹³⁸

Nas histórias antigas, Magnífico Prelado, o imperador romano Tito¹³⁹ é louvado por ter dispensado a todos os mortais em geral, mas principalmente aos seus concidadãos, não apenas uma solicitude de bom príncipe, mas um extraordinário afeto de pai, e a tal ponto aqueles antigos tempos admiraram a sua singular magnificência, que não cessam de comemorar e exaltar com admiráveis louvores aquela voz mais poderosa do que toda a liberalidade – “Amigos, perdi o meu dia” –, quando uma vez, após a ceia, se recordou de que em todo aquele dia não tinha concedido qualquer benefício a ninguém.¹⁴⁰ O mesmo Tito, porque não mandava embora ninguém ou sem esperança ou sem dádiva, advertido pelos domésticos de que prometia ou dava mais do que podia

¹³⁸ Esta carta dedicatória vem publicada à cabeça do *Carmen Bucolicum*, [Salamanca? 1505?], fol. i vº - ii, de António Geraldini, numa reedição, ao que parece, da responsabilidade técnica de Aires Barbosa, mas apoiada pelo arcebispo D. Afonso de Fonseca. De facto, estando a carta datada de 26 de fevereiro de 1505 – “quarto Kalendas Martias M. quingentesimo quinto” –, o seu destinatário teria de ser D. Afonso de Fonseca y Acevedo, então prelado de Santiago de Compostela, que era pai do seu sucessor nesse cargo e seu homónimo, a quem Aires Barbosa também dedicou alguns dos seus epigramas posteriores. Vd. *supra* Epigrama 81, pp. 184-187; e Epigrama 92, pp. 192-193.

¹³⁹ Trata-se de Tito Flávio Vespasiano, imperador romano de 79 a 81 d. C., que, pela sua formação, cultura, temperamento e conduta, foi considerado “o amor e as delícias do género humano” (*amor et deliciae generis humani*): vd. Suetónio, *Vida de Tito*, 1.

¹⁴⁰ O episódio é contado por Suetónio, *Vida de Tito*, 8, que Aires Barbosa recorda usando quase as mesmas palavras, aqui aspidas por nós. A frase “Amigos, perdi o meu dia” (*Amici, diem peridi*) tornou-se proverbial. Sobre ela, vd. Renzo Tosi, *Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas*, (Trad. Ivone Castilho Benedetti), São Paulo, Martins Fontes, 1996, p. 444, nº 947.

oferecer, respondia-lhes dizendo que não era bom que alguém saísse triste da audiência do príncipe.¹⁴¹

Além disso, são muitas as gestas deste óptimo príncipe brilhantemente realizadas na paz e na guerra que a soberba Antiguidade nos mostra e nos recorda que elas respeitariam apenas aos vivos e nada aos mortos. Vós, porém, Reverendíssimo Prelado, derramais as dádivas da vossa benignidade sobre os vivos e sobre os mortos e privados desta luz mortal. Vivem, de facto, muitos milhares de uma multidão faminta da vossa dádiva; e, se não viésseis em seu socorro com vossa generosidade, os seus corpos, dada a máxima carestia de mantimentos e a suprema falta de géneros alimentícios (que Deus lance sobre os piedosos o que é melhor, e atire semelhante fatalidade sobre os inimigos!), com o aperto da fome ter-se-iam dilacerado.

Nos monumentos da Sagrada Escritura é celebrado Job como pai dos pobres e consolador de muitas viúvas;¹⁴² é celebrado Neemias por ter aliviado o povo de sua carestia e demais despesas;¹⁴³ e vós secundaste-lo com a ubérrima distribuição da vossa benignidade.

Enfim, admiramos a divina piedade de Cristo, Supremo Bem e Suprema Grandeza, por ter milagrosamente saciado uma tão faminta e tão numerosa multidão em necessidade;¹⁴⁴ e de que modo a posteridade vos recordará, a vós a quem os mendigos têm como único pai, as viúvas como único patrono, e o povo inteiro como o único e eficaz defensor do seu bem; e, por fim, de que modo Jesus, o pastor imortal, olha com clemência por vós como por um pastor mortal que O imita não só às claras mas com mais frequência às ocultas, como Ele gosta que se faça.

Não falo do vosso talento, ciência, sabedoria, gravidade; qualidades que todas couberam a Vossa Excelência por vontade divina. E quanto elas foram úteis aos nossos homens, atesta-o a Espanha, que no espaço de poucos dias viu extintos, sob a vossa presidência, os litígios que flagravam por todo o lado. Nessa época, como juiz e árbitro de todos os litígios, de todas as contendas, com a vossa incrível prudência, qual clava hercúlea, banistes das nossas regiões todas as pestes, limpastes a Espanha, pugnando de igual modo contra a irascibilidade e a inveja e contra a paixão e os restantes monstros e escândalos da alma humana, como aquele grande Hércules que, segundo dizem, venceu o orbe das terras, pacificou-o depois de vencido e, depois de pacificado, guarneceu-o com as melhores leis e as mais sagradas instituições.

¹⁴¹ Vd. Id., *ibidem*.

¹⁴² Vd. Vulgata, *Job*, 39, 13, *passim*.

¹⁴³ Vd. Id., *Neemias*, 5, 1 sgs.

¹⁴⁴ Vd. Referência à multiplicação dos pães e dos peixes. Vd. Id., *Mateus*, 14, 13 sgs.

Mas louco seja eu, sinceramente, se me passa pela cabeça poder coligir nesta breve carta estes vossos tão numerosos e tão preclaros benefícios para com os vivos. Pois bem, falemos da munificência que tendes em mente para com os extintos. Deixando de parte outras coisas, havia na vossa biblioteca um elegante e sábio poema bucólico de Geraldini, um homem erudito.¹⁴⁵ E esta obra já teria certamente desaparecido com o seu autor, se ele a não tivesse entregue para ser impressa, a expensas vossas, na letra de forma dos tipógrafos.¹⁴⁶

Seria de lamentar que um poeta sacro que faz ressoar coisas divinas com seu sacro plectro e canta mistérios celestes em rústico mas cultivado canto, ficasse escondido e jazendo nas trevas; sobretudo quando um poema útil, elegante e sacro melhor pode encantar os escolares da nossa Academia, do que os versos sem conteúdo e as ninharias canoras. E quanto me parece que este deve ser louvado, tanto me parece que devem ser repreendidos os talentos dos vates cristãos pelo facto de, omitida a harmonia da lira de David, seguem com todas as forças o bárbiton que se espalha em fábulas ou desonesto amor, e consagram, a

¹⁴⁵ Trata-se do humanista italiano António Geraldini, nascido em Amélia em 1448 ou 1449, que se tornou desde jovem um poeta de notável talento. Em 1469-70 acompanhou seu tio Ángel, bispo de Sessa Aurunca, em missão diplomática à Espanha, onde entrou no âmbito da corte dos reis católicos Fernando e Isabel, de cujas mãos recebeu a lãurea poética pela sua vasta produção latina que já então atingia os cerca de 423.000 versos em vários modelos – bucólico, elegíaco, lírico, satírico e épico –, além de quase duas dezenas de textos de oratória e de perto de 240 cartas.

Quanto ao *carmen bucolicum* de que aqui fala Aires Barbosa, parece tratar-se de uma reedição do *Carme bucolicum* que consta de 12 éclogas de conteúdo religioso, e que foi composto em Espanha em janeiro-fevereiro de 1484 e publicado em Roma em 1485. Se assim é, o exemplar existente na biblioteca de arcebispo de Compostela D. Afonso Fonseca seria uma cópia (impressa ou manuscrita) que este prelado mandou reeditar à sua custa; e o resultado dessa reedição talvez corresponda ao livro *Antonii Geraldini... carmen bucolicum editum hortante... donimo Alfonso Regis hispaniarum filio pontificeque caesaraugustano.*, que saiu sem lugar nem data, mas que os especialistas apontam como tendo sido em Salamanca em 1505. É verdade que o tom das palavras de Barbosa sugerem que se trata de um inédito. Isso levaria a concluir que era um manuscrito, mas não necessariamente inédito, e que o nosso humanista não teria tido conhecimento da edição de Roma de 1485.

¹⁴⁶ *Grammatoliptarum*. Neologismo “gramatolipta” de Aires Barbosa formado de dois elementos de origem grega – *Grammato-lipta* – à semelhança de *grammato-pborus* (“o portador de texto escrito, isto é, de cartas, ou carteiro, equivalente ao *tabellarius* latino), de *grammato-phylacium* (“lugar para guardar a documentação escrita do Estado” i. e. “arquivo”), etc. No caso presente, o segundo elemento deverá assentar no verbo ἀλείφω, (“untar”, “besuntar”; cfr. ἄλειφα “óleo”, “gordura”, “graxa”), através da raiz do respetivo substantivo ἀλείπιτης (“o que esfrega com óleo”). Sendo assim (e cremos que é), o “gramatolipta”, neste contexto editorial, é o tipógrafo ou compositor tipográfico, porque besunta com tinta (que contém gordura na sua composição) os tipos preparados para a impressão. Que saibamos, o termo não aparece em latim, mas encontramos um outro composto com o mesmo segundo elemento, *iatralipta*, emprestado do grego (massagista ou todo o médico que cura por meio de unções e fricções). Embora raro, o termo aparece pelo menos em Celso, 1, 1; Plínio-o-Moço, *Ep.* 10, 4, 1; e Petrônio, 28, 3.

historietas de velhas, belíssimos talentos que, oh quanto mais se deviam dedicar às coisas celestes!

Pois bem, Geraldini revive agora graças ao vosso favor, Magnífico Prelado. Pois, se ele, por via da vossa autoridade e munificência não tivesse vindo às mãos dos homens, o mesmo túmulo que tinha coberto o seu corpo teria do mesmo modo ocultado o seu nome. E, por isso, não dizemos estas coisas perante vós, um prelado da maior severidade e rigor, para conseguir qualquer favor com este cúmulo de louvores que dirigimos a Vossa Excelência e que, bem sei, outros que estiveram em Espanha conhecem melhor do que eu, que não estive cá sempre, mas para que outros prelados de Espanha leiam isto, e o leiam de tal modo, que não o louvem mas o imitem.

É, na verdade, consentâneo que vós brilheis diante dos restantes como um preclaro exemplo, vós que aos restantes ultrapassais em idade, talento e saber.

Que Vossa Excelência Reverendíssima passe bem.

Salamanca, 26 de fevereiro de 1505.

III - 11. Carta de Pedro Margalho a Aires Barbosa
(Pedro Margalho, *Phisices compendium*, [Salamanca, 1520], fol. 1)

[Texto]

MARGALLVS THEOLOGVS DOCTOR,
VTRIVSQVE LINGVAE PARENTI, ARIO BARBOSAE LVSITANO,
S. P. D.

Aurea illa uena qua tellus scatet tua, utriusque linguae parens, lusisti ad nos uersiculos, amicissime profecto. Quibus scholasticos alloqueris nostros et mihi quantum maxime potuisti dederas. Nam quid homini maius quam gloria, laus et aeternitas, dari potest, medius fidius nihil.

Verum nostris temporibus, ut alia speciosa et egregia, laudandi munus exoleuit. Nam postquam desiuimus facere laudanda, laudari quoque ineptum putamus. Lusitanorum tamen de more (ut in adagio eorum est) tecum iocari licebit. Dum tua sumus in tибicina gaudemus, et utinam secedentem luctus tuae post tres miseriae, nostros reuisurum Penates comitemur.

Vnum tamen suplices, et prae omnibus unum poscimus, quoniam te familiariter tua pro humanitate utimur: denuo stertentes iuuenes, quibus frequens occaluit obiurgatio stimules uiuida carminis energia, quoniam quidem iuuenum intima scalpuntur uersu, et quae duro aspernantur affecti uerbere, suauis poetices numine pellecti, natiuo amplectuntur nixu; et quum argute beatitatem quae diuinarum cognitio rerum est, persuaseris summi testimonio poetae. Norisque Acherontis strepitum, si felices esse cupimus, pedibus subiiciendum (ut ille cecinit), hanc quoque efflagitamus felicitatis partem: nostris suadeas iuuenibus ut tuo proluti

labra fonte ualidiores disputandi acrimoniam et duros philosophandi labores subeant.

Vale.

[Tradução]

MARGALHO, DOUTOR DE TEOLOGIA,
AO PORTUGUÊS AIRES BARBOSA, PATRIARCA DE AMBAS AS LÍNGUAS,
ENVIA MUITO SAUDAR

Foi daquela veia de ouro em que a tua terra é abundante, ó patriarca de ambas as línguas, que tu compuseste para mim uns versozinhos sem dúvida com a máxima amizade.¹⁴⁷ E com eles exortas os nossos estudantes, e a mim concedeste-me o máximo de tudo quanto te seria possível. Pois, que coisa maior se pode dar a um homem do que a glória, o louvor e a eternidade? Nada, eu te afianço!

Mas nos nossos tempos caiu em desuso o dever de louvar, tal como outras atitudes de elegância e distinção. Na verdade, depois que deixámos de fazer coisas dignas de louvor, também consideramos inepto o ser louvado. Todavia, segundo o costume dos Portugueses (como reza o seu adágio) ser-me-á permitido gracejar contigo. Enquanto estamos na tua flautista alegremo-nos,¹⁴⁸ e quem me dera acompanhar-te quando, depois dos três lutos de teu infortúnio, te afastares para voltares a ver os nossos Penates.¹⁴⁹

Uma coisa te peço, porém, e te suplico, uma só entre todas, visto que, em razão da tua humanidade, uso contigo de um trato familiar: que, aos jovens profundamente adormecidos a quem a frequente repreensão endureceu, os estimules mais uma vez com a vívida energia do verso. É que o íntimo dos jovens

¹⁴⁷ Trata-se dos Epigramas 60 e 61 publicados com a obra *Phisices Compendium* de Pero Margalho em 14 de julho de 1520. Vd. *infra*, pp. 164-167.

¹⁴⁸ *tua sumus in tibicina*. A flautista que animava as “tabernas” da tradição clássica parece simbolizar aqui os locais e o ambiente de diversão académica que se vivia em torno da Universidade salmantina no tempo de Aires Barbosa e Pedro Margalho. Assim, a flautista de Aires Barbosa representaria os momentos de alegria e felicidade que ele aí vivera juntamente com seu amigo e compatriota.

¹⁴⁹ *luctus tuae post tres miseriae*. Os três lutos parecem aludir à morte da esposa de Aires Barbosa, Isabel Nieto, e de outros dois elementos da sua família, entre eles talvez o filho mais velho que o ajudava no ensino dos rudimentos gramaticais e que o defendeu do ataque da turba estudantil, de que ele fala no Epigrama n° 49 (vd. *infra* pp. 152-155), e possivelmente a mãe deste e primeira esposa de Aires Barbosa. Margalho recorda, em todo este último período, os bons e os maus momentos que partilhou com o seu colega Barbosa e exprime o sentimento de saudade da pátria e o desejo de a ela poder também regressar em breve juntamente com ele.

vibra realmente com o verso;¹⁵⁰ e aquilo que eles rejeitam quando oprimidos pela dura vergasta, abraçam-no com esforço natural quando atraídos pela suave e divina força da poesia. E, dado que tu argutamente lhes inculcás a felicidade que reside no conhecimento das coisas divinas, conforme o testemunho do supremo poeta, e sabes que, se desejamos ser felizes, devemos calcar aos pés o estrépito do Aqueronte (como ele cantou¹⁵¹), peço-te encarecidamente esta parte da felicidade, a saber, que convenças os nossos jovens a inundarem seus lábios na tua fonte, para, mais robustecidos, afrontarem a acrimónia do disputar e os duros trabalhos do filosofar.

Passa bem.

III - 12. Carta de Aires Barbosa a Pedro Margalho
(Pedro Margalho, *Phisices compendium*, [Salamanca, 1520], fol. 1 vº)

[Texto]

ARIVS BARBOSA LVSITANVS MARGALLO THEOLOGO DOCTORI S. D.

Tantum ex primis litteris quas ad me misisti, se tibi debere mei uersiculi fatentur, quantum ab eo absunt ut merito laudentur. Id enim debent quod immerentes a te gratis acceperunt; quod certe non deberent, si id quod illis tribuis tanquam meritum persoluisses. Quare istud laudis munus tibi debent, quod fuit totum humanitatis tuae et singularis beniuolentiae qua auctorem eorum prosequeris. At enim si eos acutissimo isto iudicio quo omnia diuina et humana scrutaris, examinasses, remota scilicet amoris nébula, nec de uena aurea sed plumbea illos fluere, nec ad aeternitatem pertinere iudicasses; nisi fortassis quatenus monumentis tuis, quae aeterna fore credo, coniuncta sunt.

Quod uero me hortaris ut nostrorum iuuenum quasi somnum uersu discutiam, equidem sponte mea id ipsum iam pridem animo agitabam, quod tu per epistolam tam anxie postulas. Ardeo enim mira cupiditate iuuandi nostros homines,

¹⁵⁰ *iuuenum intima scalpuntur uersu*. Ideia que se encontra em Pérsio, I, 20-21: “[...] cum carmina lumbum / Intrant et tremulo scalpuntur ubi intima uersu.”

¹⁵¹ *Norisque Acherontis strepitum*. O poeta aqui evocado é certamente Virgílio, que, ao falar do conhecimento dos segredos da natureza, da alma humana e do seu destino, assim canta nas *Geórgicas* II, 490-492 (por sua vez inspirado em Lucrécio, *A Natureza das Coisas* III, 37):

*Felix qui potuit rerum cognoscere causas,
Atque metus omnis et inexorabile fatum
Subiecit pedibus strepitumque Acherontis auari!*

[“Feliz aquele a quem foi dado conhecer as causas das cousas e calçou aos pés todos os medos e o inflexível Destino e o estrépito do avaro Aqueronte.”].

nullusque est tam magnus labor, nullum munus tam sordidum quod defugiam, modo instituendis nostris hispanis iuuenibus prosit et conducat.

Ceterum a faciendo me semper deterruit non tam somnus eorum qui facile excuteretur si somnus esset, quam lethargus et quaedam obliuiosa desidia atque inexpugnabilis paene dormiendi necessitas quae nostri homines adeo obtorpuerunt ut existimem non minus difficulter hos quam uere lethargicos excitari posse. Adeo continens his ut illis somnus est et (ut Galeni uerbo utar) cataphora in qua constituti continue coniuent. Oscitant crebro et oscitantes aperto ore aliquandiu stant quasi claudere id oblitii. Nec nisi aegre quocumque modo interpellentur¹⁵² excitantur; excitati tamen omnium obliuiscuntur; adeo hic morbus esse immedicabilis uidetur ad recta studia, et ad antiquam eruditionem nulla re posse euigilare uideantur. Proinde timendum est, ubi ego uersificando, tu docendo et adhortando nihil profecerimus, ne tum me obsequii, te uero tuae postulationis paeniteat.

Sed quamquam res in huiusmodi statu sit, agressus tamen sum breue carmen ne uiderer¹⁵³ desperationis patrocina praetexendo operam meam homini amicissimo in re praesertim tam honesta denegare. Tibi uni uel praecipue satisfacere uolo, mi Margalle doctissime, uel in carmine si publi studiosae profuerit, uel in obsequio si non profuerit.

Vale.

[Tradução]

O PORTUGUÊS AIRES BARBOSA,
AO TEÓLOGO DOUTOR MARGALHO, ENVIA SAUDAÇÕES

Pelo conteúdo da última carta que me enviaste, os meus versozitos confessam-se tão devedores a ti, quanto estão longe de merecer qualquer louvor. Na verdade eles é que devem aquilo que, sem mérito nem retorno, de ti receberam; e certamente não contrairiam este débito se tivesses pago com mérito aquilo que lhes atribuis. Por isso, eles estão-te devendo essa manifestação de louvor, que resultou inteiramente da tua humanidade e da singular simpatia com que honras o seu autor. Mas se, na verdade, os tivesses examinado com esse agudíssimo juízo com que perscrutas todas as coisas divinas e humanas, isto é, removendo a neblina da amizade, não terias ajuizado que eles brotam de uma veia de ouro mas de chumbo, nem que eles se destinam à eternidade, a não ser na medida em que se encontram inseridos nos teus monumentos escritos, que, esses sim, hão de ser eternos, como eu creio.

E quanto ao que me exortas a que eu sacuda, com o verso, o sono, por assim

¹⁵² interpollentur *no original*.

¹⁵³ uidere *no original*.

dizer, dos nossos jovens, a verdade é que eu já andava remexendo espontaneamente no meu pensamento isso mesmo que tu, por carta, com tanta ansiedade me suplicas. Vivo, na verdade, em ardente e extraordinário desejo de ajudar os nossos homens; e não há nenhum labor tão grande, nenhuma tarefa tão ignóbil, que eu deles procure fugir, contanto que aproveitem e conduzam à formação dos nossos jovens hispânicos.

De resto, o que sempre me dissuadiu de o fazer não foi tanto o sono deles, que facilmente se sacudiria se sono fosse, quanto a letargia e uma certa preguiça geradora de esquecimento e uma quase inexpugnável fatalidade de dormir, que a tal ponto entorpeceram os nossos homens, que eu considero não menos difícil poderem estes ser acordados, do que os verdadeiramente letárgicos. Por isso o sono é frequente nestes como naqueles, bem como (para usar a palavra de Galeno) a catáfora¹⁵⁴ em que eles se colocam e continuamente adormecem. Bocejam repetidas vezes e, ao bocejar, ficam por algum tempo de boca aberta, como que esquecidos de a fechar. E seja qual for o modo com que sejam interpelados, não acordam senão contrariados; porém, depois de acordados, esquecem-se de tudo: de tal modo esta doença parece irremediável para os rectos estudos, e eles parecem não poder despertar por nenhum meio para a antiga erudição. Por isso, quando nem eu, versificando, nem tu, ensinando e exortando, de nada servirmos, devemos então reçar arrependê-los, eu do favor e tu do teu pedido.

Mas, embora as coisas estejam nesta situação, resolvi todavia compor um breve poema para que não pareça que eu, pretextando desculpa de desesperação, recuso a minha atenção a um homem amicíssimo, sobretudo em matéria tão honesta. É a ti, ou sobretudo a ti, que eu quero dar satisfação, meu doutíssimo Margalho, quer no verso se ele aproveitar à juventude estudiosa, quer no favor se aquele não aproveitar.

Passa bem.

III – 13 e 14.

- **Carta de Jorge Coelho a Aires Barbosa**
- **Carta dedicatória de Aires Barbosa ao cardeal-infante D. Afonso**

Não incluímos aqui estas duas cartas que precedem a *Antimória*: uma de Jorge Coelho com o seu parecer elogioso resultante da leitua minuciosa do poema; a outra do próprio Barbosa dirigida ao cardeal-infante D. Afonso como carta dedicatória e com a função e título de “Prefácio”. Optámos por manter uma e outra juntas com o texto do poema e no seu lugar de origem.

¹⁵⁴ Vd. Galeno, 9, 476. (Ed. C. G. Kuhn, Leipzig, 1824-1833). Galeno estava traduzido para latim e publicado desde os princípios do séc. XVI pelo humanista e médico inglês Thomas Linacre (1460?-1524), contemporâneo de Aires Barbosa e beneficiário de mestres e humanistas italianos como Ângelo Policiano, Hermolau Bárbaro e Aldo Manúcio.

IV – QUADRO CRONOLÓGICO

- c. 1475 Nascimento em Esgueira (Aveiro).
- c. 1489 Episódio da morte da criada negra.
- c. 1489 Ida para Florença.
- 1489-1490 Martinho de Figueiredo, aluno em Florença.
- 1490, abr-mai. Hermolau Bárbaro de visita a Florença.
- c. 1495 Primeiro casamento, com Isabel de Figueiredo.
- 1495, 28/jun. Depois de Florença, chegada a Salamanca.
- 1495, ? ? Primeiras duas composições poéticas, a Nebrija.
- c. 1497 Já reconhecido professor de Grego.
- 1497, 18/mar. Martinho de Figueiredo estudante em Bolonha.
- 1501, 23/fev. Martim de Figueiredo, estudante em Bolonha.
- 1502, 07/dez. Súplica para permissão de obter graus de licenciado e doutor de teologia, em Salamanca.
- 1502, 10/dez. Súplica sobre indulto de poder receber graus de Lic. e doutor de teologia, fora do Estudo Geral em Salamanca.
- 1503, 06/mar. Martim de Figueiredo, estudante em Ferrara.
- 1503, 01/mai. 1ª vez nos Livros de Claustro: juramento “de bene legendo.”
- 1503, ±11/jun. Posse da cadeira de Retórica.
- 1503, 11/set. Incorporação no Colégio do “doctores juristas e mestres em Teologia, e doutores em Medicina e mestres em Artes.
- 1503, 10/nov. 1ª vez presente num claustro: reitor, catedráticos e deputados.
- 1503, 19/dez. Oposição/derrota de Aires Barbosa à cátedra de Gramática (Latim) de Prima.
- 1504, 08/fev. Protesto formal de Aires Barbosa acerca da sua derrota na oposição de prima de Gramática em 19/12/1503.
- 1504, 12/fev. Denegado o apelo anterior em claustro.
- 1504, 26/fev. Aires Barbosa participa num Claustro Pleno entre os catedráticos. O mesmo em 1504, 3/mar.
- 1504, 09/abr. Eleito deputado catedrático aos claustros, com outros nove.
- 1504, 15/abr. Juramento juntamente com seus doze pares (catedráticos deputados).
- 1504 ... /ag. Aires Barbosa e Flaminio, oradores perante o Geral do Domínicos, R. P. Vicente Bendello, visitante.
- 1505, 26/mar. Cessa as suas funções de deputado.
- 1505, 30/mar. Vaga a cátedra de Gramática, por morte do mestre Pedro de Espinosa.
- 1505, 01/abr. O “maestro Arias Barbosa” concorreu à cátedra de Gramática e jurou os Estatutos.
- 1505, 10/abr. Nebrija aparece e concorre à mesma cátedra de Gramática, à qual concorrera Aires Barbosa dez dia atrás.
- 1505, 02/ jun. “Aries Barbosa, alias Griego” desistiu da oposição a Prima de Gramática, frente ao concorrente Nebrija.

- 1506, 03/abr. Aires Barbosa e António de Nebrija encarregados (em Gramática) de elaborar interrogatório e regras para as provisões das cátedras, substituições e leituras que vagarem.
- 1506, 16/abr. Eleito deputado, com Nebrija e outros.
- 1506, 18/abr. Juramento como deputado.
- 1506, 20/abr. Participa na elaboração do estatuto sobre a licenciatura em Medicina, com doutores médicos e outros mestres artistas.
- 1506, 30/jun. Incorporado o “Maestro Griego” na embaixada da Universidade à coroação do rei D. Filipe o Formoso.
- 1506, 20/abr. Súplica, para receber ordens de presbítero: era já mestre (doutor) de teologia. O incidente da morte da escrava quando ele tinha cerca de 14 anos.
- 1506, 02/set. Testamento do Lic. Juan Suárez de Oviedo, primeiro marido de Isabel Nieto (depois segunda esposa de Aires Barbosa).
- 1506, 07/set. Vagatura da cátedra de Código, por morte do seu catedrático Juan de Oviedo, marido de Isabel Nieto.
- 1506, 16/nov. Presente no claustro que aprovou o estatuto dos exames de licenciatura. Marques.
- 1507/1508 Segundo casamento, com Isabel Nieto.
- 1507, 27/mai. Pede à Universidade o empréstimo de 13.600 maravedis, por hipoteca de prendas de prata, para comprar umas casas pertencentes ao Cabido.
- 1507, 22/nov. Lúcio Flamínio recebe, por encomenda, a cátedra de Poesia. Aires Barbosa havia proposto que fosse submetida a votação.
- 1507, 22/dez. Presta-se a pagar a dívida à Universidade.
- 1507, 24/dez. Entrega o dinheiro emprestado e resgata as pratas penhoradas.
- 1508, 01/mai. Juramento *de bene legendo* (habitual).
- 1508, 17/mai. A questão da cátedra de Hebraico, em que Barbosa interveio.
- 1508, 29/agos. Aparece casado com Isabel Nieto, viúva do catedrático Juan Suárez de Oviedo, falecido depois de 2/set/1506.
- até 1509 Mantém a catedrilha de Grego com a cátedra de Retórica.
- 1509, 19/fev. Vagatura da cátedra de Gramática, por ausência do seu professor Nebrija há quatro meses.
- 1509, 9-22/mar. Concurso e posse da cátedra de Gramática de Prima, abandonada por Nebrija (mantendo a catedrilha de Grego), com intervenção de D. Afonso de Fonseca (pai).
- 1509, 23/mar. Abandono da cátedra de Retórica, cuja vaga foi preenchida por Lúcio Flamínio Sículo.
- 1509, 03/set. Dá testemunho a favor de Nebrija, que regressa e concorre à cátedra de Retórica.
- 1509, 01/nov. Novo pedido de empréstimo à arca da Universidade, de 20.000 maravedis, sob penhora.

- 1509, 12/abr. Deputado catedrático, mais uma vez, “El Griego”.
- 1510, 07/fev. Reclama das más condições físicas dos Gerais de Gramática das Escolas Menores; satisfeitas em 12 de dezembro seguinte.
- 1510, 31/agos. Designado pelo Claustro para, juntamente com o doutor Juan Rodrigues de Santo Isidro, falar na confraria dos escolares portugueses sobre as dívidas que alguns destes mantinham por pagar.
- 1510, 27/out. Martim de Figueiredo, em Bolonha (doutor em ambos os direitos).
- 1511, 26/abr. Deputado catedrático, de novo.
- 1511, 13/jun. Publicação da *Relectio de uerbis obliquis*.
- 1511, 25/jun. Os mestres Aires Barbosa e António de Nebrija e o doutor Jerónimo de la Carrera são chamados pelo reitor para darem explicações sobre reclamações de alguns bacharéis que se sentiam lesados por certos leitores de Gramática de prima.
- 1511, 18/nov. Faz parte da comissão de nomeação dos professores de Árabe, Hebreu e Caldeu.
- 1514, 26/out. Obtém licença exclusiva do Conselho Real de Castela por seis anos para imprimir as suas obras: Comentários a Arátor, Comentário a S. Basílio, e outras repetições de oratória e gramática.
- 1515, 3/jul. Publicação da *Relectio cui titulus Epometria*.
- 1516, abril Publicação da *Aratoris Cardinalis Historia Apostolica cum Commentariis*.
- 1517, Dez. Publicação de *Prosodia et Orthographia* e de *Nonnulla Epigrammata*.
- 1522 Participação na embaixada ao papa Adriano VI (eleição).
- 1523 (verão?) Jubilação e regresso definitivo a Portugal, ao serviço da Corte.
- 1525 (jul/nov) Carta, de Santarém, para António Carneiro, Secretário e do Conselho del-rei D. João III, estando a corte em Almeirim.
- 1527(jul/nov?) Estadia em Coimbra, com a corte, por ocasião do nascimento da infanta D. Maria, Princesa das Astúrias (15/out./1527). A rixa do seu filho Fernão com o infante D. Duarte.
- 1530 Aposentadoria definitiva em Esgueira.
- 1534, 04/jan. Pleito sobre a posse de imóveis em Salamanca.
- 1536 Publicação de *Antimoria eiusdemque nonnulla Epigrammata*.
- 1534, 12/fev. Sentença do pleito sobre a posse de imóveis em Salamanca.
- 1540, 5/jan. Testamento (redação).
- 1540, 6/jan. Instrumento de aprovação do testamento.
- 1540, 19/jan. Instrumento de declaração do testamento.
- 1540, 20/jan. Morte de Aires Barbosa, em Esgueira.

BIBLIOGRAFIA

Para não sobrecarregar a consulta desta bibliografia, não indicamos nela as edições correntes dos textos clássicos greco-latinos, bíblicos ou patrísticos, que constam das respectivas coleções bem conhecidas, e bem assim a menção de dicionários e enciclopédias e de outros semelhantes instrumentos de trabalho bibliográfico. O conteúdo desta bibliografia cinge-se ao que diz respeito direta ou indiretamente a Aires Barbosa ou, quando muito, ao seu contexto biobibliográfico.

1. FONTES MANUSCRITAS

ARQUIVO CATEDRALÍCIO DE SALAMANCA, *Actas Capitulares*, Livro 24, fol. 196v.[Aires Barbosa compra umas casas ao Cabido].

ARQUIVO DA REAL CHANCELARIA DE VALHADOLID, Escribanía de Zarandona y Wals. *Fenecidos*, envoltorio 39.

ARQUIVOS GERAIS DE SIMANCAS, *Livros de Câmara*, liv. 34, fol. 138 e 186 [licença de exclusividade editorial].

ARQUIVO HISTÓRICO DE SALAMANCA, *Processo n.º 3648* [1547] – Alonso de Paz.

ARQUIVOS NACIONAIS DA TORRE DO TOMBO, *Cartas Missivas*, Maço 4, n.º 338: [Carta autógrafa de Aires Babosa “Ao m^{to} prezado e exímio S^{or} o D^{or} António Carneiro Secretário et do Conselho del Rei nosso S^{or} etc.”, Santarém, entre 18 de outubro de 1525 e fins de janeiro de 1526].

ARQUIVOS NACIONAIS DA TORRE DO TOMBO, *Chancelaria de D. João III*, L.º 39, fols. 75vº: [Carta de D. João III a conceder a Aires Barbosa, como mestre do infante D. Henrique, a tença anual 30.000 réis, com data de 23 de agosto de 1530 e retroação ao início de janeiro do mesmo ano].

ARQUIVO SECRETO VATICANO, *Reg. Suppl. 1155*, fls. 17v-18. [Súplica de Aires Barbosa à Cúria Romana, em 7/12/1502]. Cf. Instituto Nacional de Investigação Científica, *Chartullarium Universitatis Portugalensis (1288-1537)*, Volume X (1501-1510), Coord. Francisco da Gama Caiiro, Lisboa, 1991, pp. 96-98.

ARQUIVO SECRETO VATICANO, *Reg. Suppl. 1155*, fls. 98v-99. [Súplica de Aires Barbosa à Cúria Romana, em 10/12/1502]. Cf. Instituto Nacional de Investigação Científica, *Chartullarium Universitatis Portugalensis (1288-1537)*, Volume X (1501-1510), Coord. Francisco da Gama Caiiro, Lisboa, Lisboa, 1991, pp. 98-99.

- ARQUIVO SECRETO VATICANO, *Reg. Suppl. 1234*, fls. 10v-11. [Súplica de Aires Barbosa à Cúria Romana, em 20/4/1506]. Cf. Instituto Nacional de Investigação Científica, *Chartularium Universitatis Portugalensis (1288-1537)*, Volume X (1501-1510), Coord. Francisco da Gama Caiiro, Lisboa, Lisboa, 1991, pp. 274-275.
- ARQUIVO UNIVERSITÁRIO DE SALAMANCA. *Libros de Claustro de la Universidad de Salamanca*, Anos de 1478-1480, 1503-1480, 1503-1507, 1507-1511, 1511, 1526-1527, 1527-1530 e 1538-1544.
- ARQUIVO UNIVERSITÁRIO DE SALAMANCA. *Libros de Cuentas de la Universidad de Salamanca*. Anos de 1518-1524 e 1529-1541.
- BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA, *Cod. CX/1-6*: “Treslado da Inst.^{am} da Cap.^a de Ayres Barbosa M.^e de Grego situada na Igr.^a da V.^a de Esgueira”.

2. FONTES IMPRESSAS

a) Obras de Aires Barbosa:

- Arii Barbosaes Lusitani *In Verba M. Fabii: Quid? quod & reliqua. Relectio de verbis obliquis*. Impressum Salmanticae Idibus Iuniis anno a genesi liberatoris nostri & salutiferi Iesu. M.D.Xi.
- Arii Barbosaes Lusitani *Relectio cui titulus Epometria*. Impressum salmanticae. v. nonas iulij. M.D.Xv.
- Aratoris Cardinalis Historia Apostolica cum Commentariis Arii Barbosaes lusitani*. Impressum Salmanticae in aedibus Ioannis de Porris Mense Aprili M.D.XVI.
- Arii barbosae lusitani *relectio cui titulus prosodia*. Cum priuilegio principum. *Prosodia et Orthographia*. [...] *Eiusdem Arii B. L. nonnulla epigrammata*. Impressum Salmanticae Mense Decembri Anno M.D.XVII.
- Arii Baruosae Lusitani *Antimoria. Eiusque nonnulla Epigrammata*. Conimbriae. Apud Coenobium diuae Crucis. M.D.XXXVI.

b) Autores em cujas obras aparecem textos dispersos de Aires Barbosa (poesias ou cartas):

- CÁCERES, Lourenço de, *Epigrammaton libellus*, [Salamanca, c. 1518].
- MARGALHO, Pedro, *Pbisices compendium*, Salamanca, 1520.
- MARINEO SÍCULO, Lúcio, *De Hispaniae laudibus*, Salamanca, 1495.
- MARINEO SÍCULO, Lúcio, *Epistolarum familiarium libri XVII*, Valhadolid, 1514.
- NEBRIJA, Élio António de, *Introductiones Latinae*, Salamanca, 1495.
- NEBRIJA, Élio António de, *De peregrinarum dictionum accentu*, [Salamanca, 1506].
- NEBRIJA, Élio António de, *Aenigmata iuris ciuilibis*, Salamanca, 1506.
- NEBRIJA, Élio António de, *Sedulii Paschale cum commento Antonii Nebrissensis*, Salamanca, 16/07/1510.
- NEBRIJA, Élio António de, *Dictionarium*, Burgos, 1512.

c) Referências documentais:

Chartularium Universitatis Portugalensis (1288-1537), Volume X (1501-1510), (Coord. Francisco da Gama Caeiro) Lisboa, INIC, 1991.

3. TESES SOBRE A VIDA E OBRAS DE AIRES BARBOSA

CORREIA, Carlos Joaquim Vieira, *Comentário de Aires Barbosa à Historia Apostolica de Arátor (Sétima, Oitava e Décima Secções do Livro I)*. Estudo Introdutório, Fixação de Texto, Tradução e Notas. Coimbra, Faculdade de Letras, 2003. [Dissertação de Mestrado, dactilografada].

COUTINHO, Maria Carlos Cardoso Gonçalves, *Comentários de Aires Barbosa à Historia Apostolica de Arátor (Secções Décima Quarta, Décima Quinta e Décima Sexta do Livro I)*. Estudo Introdutório, Fixação do Texto, Tradução e Notas. Coimbra, Faculdade de Letras, 2006. [Dissertação de Mestrado, dactilografada].

MANSO, José Henrique Rodrigues, *Comentário de Aires Barbosa à Historia Apostolica de Arátor (Textos Preliminares e Primeira Secção do Livro I)*, Estudo Introdutório, Fixação do Texto, Tradução e Notas, Coimbra, Faculdade de Letras, 2001 [Dissertação de Mestrado, dactilografada].

MANSO, José Henrique Rodrigues, *Comentário de Aires Barbosa ao Segundo Livro da Historia Apostolica de Arátor*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Lisboa, 2011.

MEDEIROS, Walter de Sousa, *Aires Barbosa. Escorço biobibliográfico seguido do texto e versão da Antimoria*, Lisboa, 1953 [Dissertação de licenciatura, dactilografada].

PÉREZ RIESCO, José, *Arias Barbosa, “el Maestro Griego”*. Tesis doctoral, Madrid, 1948 [texto dactilografado].

SABAS, Ana Isabel dos Reis, *Comentário de Aires Barbosa à Historia Apostolica de Arátor*. Estudo Introdutório, Fixação do Texto, Tradução e Notas da Segunda e Terceira Secções do Livro I. Coimbra, Faculdade de Letras, 2004. [Dissertação de Mestrado, dactilografada].

**4. BIOGRAFIAS, ESTUDOS E NOTÍCIAS BIOBIBLIOGRÁFICAS
ACERCA DE AIRES BARBOSA, E OUTRA DOCUMENTAÇÃO AUXILIAR**

ALONSO CORTÉS, Narciso, “Del maestro Arias Barbosa”, *Boletín de la Real Academia Española* III (Madrid, Outubro de 1916) 560-562.

ANTONIO, D. Nicolau, *Bibliotheca Hispana Noua siue Hispanorum scriptorum qui ad anno MD. ad MDCLXXXIV florere notitia*. Tom. I, Madrid, 1783 (reedição anastática, Milão, Bottega d’Erasmus, 1963).

AMARAL, Alexandre do, *A carta do helenista Aires Barbosa sobre a reforma dos Estudos*, Coimbra, 1933.

- BATAILLON, Marcel, *Erasmus y el erasmismo* (Trad. Carlos Pujol), Barcelona, Editorial Crítica, 1977.
- BATAILLON, Marcel, *Études sur le Portugal au temps de l'humanisme*, Coimbra, 1952.
- BELTRÁN DE HEREDIA, O. P., Vicente, *Cartulario de la Universidad de Salamanca*, 6 vols., Salamanca, 1970-1973.
- BOISSONNADE, Prosper, *Histoire de la réunion de la Navarre à la Castille. Essai sur les relations des princes de Foix-Albret avec la France et l'Espagne (1479-1521)*, Paris, A. Picard, 1893.
- BRITO, Alberto da Rocha, "O aveirense Aires Barbosa, o italiano Pedro Mártir e a sífilis", *Arquivo do Distrito de Aveiro* XII (Aveiro, 1946) 281-296.
- CEREJEIRA, M. Gonçalves, *O Renascimento em Portugal, I – Clenardo e a Sociedade Portuguesa; II – Clenardo, o Humanismo, a Reforma*, Coimbra, 1974-1975.
- COSTES, René, "Pedro Mexia, Chroniste de Sandival. Table de concordance avec le ms. 3779 de la Biblioteca Nacional... Appendice VI, Belle défense de la forteresse d'Alaejos", *Bulletin hispanique* XXIII, n.º 2, avril-juin (Bordéus-Paris, 1921), 105-107.
- CROCE, Benedetto, *La Spagna nella vita italiana durante la Rinascenza*, Bari, Laterza, 1968.
- DIAS, José Sebastião da Silva, *A Política Cultural da Época de D. João III*, Volume Primeiro, Coimbra, 1969, pp. 213-228.
- ESPERABÉ ARTEAGA, Enrique, *Historia Pragmática é Interna de la Universidad de Salamanca*, Tomo II, Salamanca, 1917.
- FERREIRA, Francisco Leitão, *Notícias Cronológicas da Universidade de Coimbra*, Primeira Parte, 2ª ed. organizada por Joaquim de Carvalho, Tom. I, Coimbra, 1937; Segunda Parte, Volume III, Tomo I, 1ª edição publicada, revista e anotada por Joaquim de Carvalho, Coimbra, 1944.
- FIGUEIREDO, Martim de, *Commentum in Plinii naturalis historie prologum a iuris utriusque doctore Martino Figuereto editum serenissimi Portugalie regis senatore*, Lisboa, 1529, fol. * ij [= A vj].
- GIL FERNANDES, Luis, *Panorama Social del Humanismo Español (1500-1800)*, Madrid, Editorial Alhambra, 1981.
- GIRALDI, Lílio Gregório, *Dialogi duo de poetis nostrorum temporum*, [...], Florença, 1551.
- HONCALÁ, António, *Grammatica propaegnia: seu lusus pueriles in grammatica re, atque in aliquot Scriptorum, siue sacrorum, siue profanorum loca obseruationes*. [Salamanca, Porrás, c. 1516-1520?].
- LÓPEZ RUEDA, José, *Helenistas Españoles del Siglo XVI*, Madrid, 1973.
- MACHADO, Diogo Barbosa, *Biblioteca Lusitana*, Tomo I, [1ª ed. Lisboa, 1741], 3ª ed., Coimbra, Atlântida Editora, 1965.
- MADAHIL, A. G. da Rocha, e TAVARES, José Pereira, "Tradução do poema *Antimoria* e dalguns epigramas de Aires Barbosa" [Notas de A. G. R. Madahil e tradução de J. P. Tavares], *Arquivo do Distrito de Aveiro* XXVI (Aveiro, 1960) 9-81.

- MARQUES, João Martins da Silva, *O Foral de Esgueira (1515)*, Figueira da Foz, Tipografia Popular, 1935 [separata do *Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. I (Aveiro, 1935)].
- MARQUES, Armando de Jesus, *Portugal e a Universidade de Salamanca. Participação dos escolares lusos no governo do Estudo, (1503-1512)*, Salamanca, 1980.
- MARTINS, José V. de Pina, *Humanismo e Erasmismo na Cultura Portuguesa do Século XVI. Estudo e Textos*, Paris, 1973. Cfr. *idem*, *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal. Les deux regards de Janus*, Lisbonne-Paris, 1989.
- MORAIS, Cristovão Alão de, *Pedatura Lusitana*, Porto, 1943.
- NEVES, Francisco Ferreira, "Vida e testamento do humanista Aires Barbosa", *Arquivo do Distrito de Aveiro XIV (Aveiro, 1948)* 42-64.
- PÉREZ, Joseph, *La révolution des "Comunidades" de Castille (1520-1521)*, Bordéus, 1970.
- PINHO, Sebastião Tavares de, "Aires Barbosa, pedagogo e poeta", *Humanismo em Portugal, Estudos I*, Lisboa, INCM, 2006, p. 97-114.
- PINHO, Sebastião Tavares de, "Aires Barbosa e os seus 'Cem exórdios retóricos'" *Humanismo em Portugal, Estudos I*, Lisboa, INCM, 2006, p. 115-128.
- PINHO, Sebastião Tavares de, "Retórica e poética na *Epometria* de Aires Barbosa", *Humanismo em Portugal, Estudos I*, Lisboa, INCM, 2006, p. 129-147.
- PINHO, Sebastião Tavares de, "A viagem Marítima como metáfora da criação literária: O exemplo paradigmático do humanista Aires Barbosa", *Anais [do] Congresso Internacional de Língua Portuguesa, Filosofia e Literaturas de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, CCAA Editora, 2008, p. 129-146.
- RESENDE, André de, *Erasmii Encomium*, Basileia, 1531.
- RESENDE, André de, *Vincentius Leuita et Martyr [...] Adnotationes*, Lisboa, 1545, p. 10, nota 34.
- RESENDE, André de, *Vida do Infante Dom Duarte* [redigida em 1567], Lisboa, Real Academia das Ciências, 1789; in *Obras Portuguesas*, Lisboa, Sá da Costa, 2009.
- RESENDE, André de, *Epistula ad Kebedium*, Lisboa, 1567. Vd. André de Resende, *Carta a Bartolomeu de Quevedo*, Introdução, texto latino, versão e notas de Virgínia Soares Pereira, Coimbra, INIC-CECH, 1988.
- RICO, Francisco, *Nebrija frente a los bárbaros. El canon de gramáticos nefastos en las polémicas del humanismo*, Salamanca, 1978.
- RÜEGG, Walter, (coord. geral), *Uma História da Universidade na Europa*, Volume I, Lisboa, INCM, 1996.
- SALINAS, André, *Libro apologetico que defiende la buena y docta pronunciation que guardaron los antiguos*, Saragoça, 1563.
- SCHOTT, André, *Hispaniae Bibliotheca seu de Academiis ac Bibliothecis*, Frankfurt, 1608, p. 473.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *Portugueses no Estudo de Salamanca - I (1250-1550)*, Lisboa, 1962.

SOARES, Luís Ribeiro, *Pedro Margalho*, Lisboa, INCM, 2000.

SOUSA, Fr. Luís de, *Anais de D. João III*. Com prefácio e notas de M. Rodrigues Lapa, Lisboa, Sá da Costa, 2^a1954.

VERDE, Armando F., *Lo Studio Fiorentino, 1473-1503. Ricerche e Documenti*, Firenze-Pistoia, 1973-1977.

ZÚQUETE, Afonso Eduardo Martins (direção e coordenação), *Armorial Lusitano. Genealogia e Heráldica*, Lisboa, 1961.

TEXTO E TRADUÇÃO

(Página deixada propositadamente em branco)

ARII BARBOSAE LVSITANI

EPIGRAMMATA

•

EPIGRAMAS

DE AIRES BARBOSA, LUSITANO

Fixação do texto latino, tradução, notas e comentários

SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO

EPIGRAMAS

1

O português Aires a António de Nebrija¹

Tal como Tebas é recordada pelo pupilo de Dirce²
cujos versos brilham na mansão de Palas,³
ou como Lesbos, pelo plectro dourado⁴ glorificada,
exulta com teus poemas, ó sábia jovem,⁵
com o mesmo talento o poeta Nebrija irrigou 5
seus campos, pelas águas de Belerofonte⁶ cultivados.
Misturou aqui o Tormes⁷ com as sagradas águas do Permesse,⁸
baniu do nosso orbe a raça dos bárbaros
e foi o primeiro a trazer à sua pátria Febo e as doudas irmãs⁹
por via nunca dantes ao alcance de ninguém, 10
e o sacerdote das Pegásides que ousou levar da fonte pura
os coros da Ausónia por entre os nossos mistérios.¹⁰
É senhor de eloquência vária, quer componha um agradável poema
e sua boca derrame palavras mais doces que as da boca do Andino,¹¹
quer ele deseje, como orador, falar em prosa; 15
dir-se-á que ele possui a eloquência de Cícero.
Esse, com as tēmporas cingidas do louro triunfal,
começa já em vida a percorrer o caminho das estrelas.
Hão de viver, António, não de viver para sempre tua musa
e tua glória, enquanto o polo etéreo conduzir os astros. 20
Esta é a fama que te ergue e que em tempo algum há de cessar.
É ela que te faz andar voando na boca dos homens doutos.

2

O mesmo Aires ao leitor¹²

Os nossos tempos desprezam os libelos remíacos¹³
e os preceitos e o juízo grave de Aristarco.¹⁴
Tudo quanto o coração dos homens de outrora ditou
é o que esta breve e sábia pagela de António ensina.

EPIGRAMMATA

1

Antonio Nebrissensi Arius Lusitanus

Dircaeo quantum Thebae memorantur alumno
Versus Palladia cuius in aede micant,
Aut quantum Lesbos plectro spectabilis aureo
Exultat numeris, docta puella, tuis,
5 Culta suo tantum felix Nebrissa poeta
 Bellerophonteis arua rigauit aquis.
Miscuit hic sacris Tormin Permessidos undis,
 Barbaricum nostro reppulit orbe genus
Primus et in patriam Phoebum doctasque sorores
10 Non ulli tacta detulit ante uia.
Pegasidumque ausus puro de fonte sacerdos
 Nostra per Ausonios orgia ferre choros.
Ore potens uario est, seu condit amabile carmen,
 Dulcior Andino defluit ore liquor;
15 Seu uelit orator lingua dixisse soluta,
 Eloquium dices hic Ciceronis habet.
Ipse triumphali redimitus tempora lauro
 Viuus sidereas incipit ire uias.
Viuet in aeternum, uiuet tua musa decusque,
20 Antoni, aetherius dum uehet astra polus.
Haec te fama leuat nullo interitura sub aeuo.
 Haec facit ut uolites docta per ora uirum.

2

Idem Arius ad lectorem

Tempora Remmiacos contemnant nostra libellos,
 Dictaque Aristarchi iudiciumque graue.
Priscorum quicquid dictarunt corda uirorum,
 Haec breuis Antoni docta pagella docet.

Se a via é longa, este método mostra um caminho mais curto;¹⁵ 5
 se há medo, ele conduz através das vagas numa canoa segura.
 A ânfora nova encanta mais com um canto que lhe conserve
 o primeiro perfume,¹⁶ e Hilas alegre-se com um peso pequeno.¹⁷
 Ó inveja mordaz, reprime essa cara de fome e teus dentes envenenados 10
 de negro sarro;¹⁸ e tu, rinoceronte, recolhe esse teu nariz.¹⁹
 Nem o rancor poderá rebentar de inveja e causar qualquer dano
 nem tu também, rinoceronte, terás qualquer poder.

3

Aires Barbosa em louvor da obra de Sículo²⁰
Acerca dos Louvores da Hispânia

Enquanto²¹ a vetusta ave do Ganges²² carrear o cinamomo²³
 e a tríplice ave tiver assento nas estrelas;²⁴
 enquanto o mundo tiver como símbolo de fé a ave
 que acumula nove vezes três séculos de prolongada vida;²⁵
 enquanto as nuvens da Lua ventosa²⁶ forem superadas 5
 pela Via Láctea, na qual brilha a preciosa luz do céu;
 e enquanto durarem as três noites celebradas nos Jogos
 Tarentinos,²⁷ e enquanto existir a virgem triforme;²⁸
 não de viver a obra e o nome perene do sábio Sículo,
 O único que mistura o Quios com o Amineu.²⁹ 10

4

O português Aires ao leitor³⁰

Aqui não há vulgaridades, aqui não há matéria trivial; tu, leitor
 que aqui vens, qualquer que sejas, escuta-a com ouvido de Palémon.³¹
 Esse, ainda que seja nascido em Roma e nutrido em Atenas,
 Encontrará aqui o que o sábio Pérsio recolher.
 Pois que agora a língua latina se misturou com a da Palestina, 5
 a ínclita Roma já não conhecia os seus próprios sons;
 e António³² restituiu às plagas de Sólima³³ os próprios dela,
 e aos Gregos e a ti, Roma, os que são vossos.

5

Epigrama de Aires a António³⁴

A nossa época enclausurou erradamente a função do gramático
 num círculo injusto, ignorando o grande encargo que ele suporta.

- 5 Si uia longinqua est, haec ars compendia monstrat;
 Si timor, haec tuta per freta lintre uehit.
 Carmine demulcet melius, quo seruet odorem
 Testa recens, paruo pondere gaudet Hylas.
 Liur edax, maciem atque atros rubigine dentes,
 10 Tuque tuum nasum comprime rhinoceros.
 Inuidia rumpi neque quicquam liur obesse,
 Nec poteris quicquam tu quoque rhinoceros.

3

Arius Barbosa in laudem Siculi operis
De Laudibus Hispaniae

- Cinnama dum senior Gangeticus afferet ales
 Et positus triplex sideribus fuerit;
 Dum nouies terni glomerantem saecula tractus
 Exemplum fidei mundus habebit auem;
 5 Lactea uentosae superat dum nubila lunae
 Semita qua caeli lux pretiosa micat,
 Dumque Tarentino celebrata trinoctia ludo
 Exstiterint, et dum uirgo triformis erit;
 Viuet opus docti Siculi nomenque perenne,
 10 Qui solus Chium miscet et Ammineum.

4

Arius Lusitanus lectori

- Publica non hic sunt non hic triuialia, lector
 Aure Palaemonia percipe quisquis ades.
 Sit quamuis natus Romae nutritus Athenis
 Quod legat hic doctus Persius inueniet.
 5 Lingua Palestinae cum sit nunc mixta Latina,
 Non norat proprios inclita Roma sonos.
 Reddidit et Solymis proprios Antonius oris
 Et Graiis proprios et tibi, Roma, suos.

5

Ad Antonium Arii epigramma

- Grammatici officium gyro male clausit iniquo
 Nostra aetas quantum nescia fulsit onus.

É que nós temos o hábito de chamar gramático, com imprópria designação,
 a quem quer que ensine tão-somente os primeiros elementos.
 Ora a prática dos Antigos, muito mais prudente e mais sensata, 5
 concedia este nome tão importante apenas aos críticos
 a quem concedia esclarecer o pensamento de todos os livros
 e que tinham o poder de apreciação e juízo.
 A veneranda Antiguidade viu uns tantos gramáticos
 da grandeza de Aristarco, Dídimo, Antígono.³⁵ 10
 Mas no nosso tempo, o florescente António é o único homem
 de insigne louvor que a todos os séculos renova.
 Não o ama apenas uma só das sábias irmãs:³⁶
 cada uma das deusas o ama com igual dedicação.

6

O português Aires ao leitor³⁷

Lede, meus jovens, estes carmes de um vate divino,
 folheai-os dia e noite com vossa mão dedicada:
 aqui, ele não canta fingidos monstros de poetas antigos;
 aqui, não hás de ler Centauros nem Édipos.
 Ele narra ensinamentos do Tonante Salvador,³⁸ 5
 e de sua sagrada boca flui um canto sagrado;
 E dado que, clarificados pelo talento de António,³⁹ cada qual
 os pode ver, quem quer que tu sejas, anda, lê-os todos com alegria.

7

**O português Aires a António de Nebrija.
 Epigrama em que o exorta a editar o seu Léxico⁴⁰**

Porque escondes, António, uma obra ilustre e insigne?
 Porque recusa o próprio belo Apolo o seu esplendor?
 Sendo livre, ele refulgirá altaneiro, qual Febo no orbe,
 trazendo luz àquilo que de há muito estava encoberto.
 Na verdade, tudo quanto no mundo a ordem da natureza preparou 5
 torna-se patente para ser visto de maneira transparente.
 E não mostra a generalidade ou apenas o que é comum,
 mas, no próprio âmbito específico, tudo o que no orbe existiu.
 Quem julga que todos teriam podido fazer o mesmo que apenas
 o Varrão Hispano⁴¹ e o Fígulo Hispano⁴² apresentaram? 10
 É que verter a língua latina para a nossa, e a grega para a latina,
 e aplicar a língua à realidade são tarefas difíceis.

Nam quicumque docet modo prima elementa solemus
 Dicere non proprio nomine grammaticum.
 5 Cautior at multo ueterum et sapientior usus
 Haec solum criticis nomina tanta dedit
 Quis aperire dedit cunctorum sensa librorum,
 Quos penes arbitrium iudiciumque fuit.
 Grammaticos uidit paucos ueneranda uetustas
 10 Qualis Aristarchus, Didymus, Antigonus.
 Tempore sed nostro florens Antonius unus
 Laude uir insigni saecula cuncta nouat.
 Doctarum hunc tantum non diligit una sororum:
 Diligit hunc studio sed dea quaeque pari.

6

Arius Lusitanus ad Lectorem

Haec legite, o iuuenes, diuini carmina uatis,
 Haec uersate pia nocte dieque manu:
 Non hic monstra canit priscis conficta poetis,
 Non hic Centauros, Oedipodasue leges:
 5 Vera Salutiferi narrat monumenta Tonantis
 Et sacrum e sancto defluit ore melos:
 Quae, quoniam Antonii ingenio patefacta uidere
 Quisque potest, laetus perlege quisquis ades.

7

**Ad Antonium Nebrissensem Arius Lusitanus
 Epigramma quo illum hortatur ut suum Lexicon edat**

Cur opus, Antoni, clarum atque insigne recondis?
 Cur negat ipse suum pulcher Apollo iubar?
 Ille liber Phoebo similis fulgebit in orbe
 Altior, illustrans quae latuere diu.
 5 Quicquid enim in mundo rerum natura parauit,
 Ordine perspicuo conspicienda patent.
 Nec genus, aut quae sunt tantum communia monstrat;
 Sed specie in propria quicquid in orbe fuit.
 Quis putet hoc ipsum cunctos potuisse, quod unus
 10 Hispanus Varro praestitit et Figulus?
 Nam Latias uoces nostris et Graeca Latinis,
 Et rebus uoces reddere, difficile est.

Ambos, trabalhos duros e coisa não tentada por ninguém dos antigos.
 Mas o talento e o árduo esforço procuram cada uma delas.
 Ó excelsa força do espírito, é isso que a república 15
 da nossa Academia e os seus discípulos procuram!
 Reclamam-no o médico, os poetas e os peritos do direito,
 o teólogo, o orador juntamente com o filósofo.
 Quem não deseja ver os nomes de todas as matérias
 claramente vertidos para a língua pátria? 20
 E enfim vê-los difundidos por toda a floresta dos livros,
 e todos escritos e à nossa disposição nos lugares próprios?
 Eu canto a verdade, e não é porque a doce amizade assim pensa;
 ao contrário, é deste pensamento que deflui a intensa amizade.

8

[À assembleia dos jovens estudantes]⁴³

Ó assembleia dos jovens estudantes, se acaso nossa escritura
 carece das flores do verdor da eloquência,
 não te admires, pois que os alicerces não podem
 ser pintados com os coloridos do Meónio⁴⁴ ou da retórica.
 Não terá sentido exigir raízes implantadas nos ramos, 5
 nem que o campo floresça no tempo da invernia.
 Aos nossos versos só favorece a graça do fruto, mas se
 os pretendes cultivados, não deves recorrer a estes,⁴⁵
 que não comportam ornato e apenas se contentam com ensinar
 onde estão os lapsos dos vossos pés claudicantes.⁴⁶ 10
 Se tiverdes o cuidado de isto aprender, haveis de escandir,
 com acertado andamento, todo o poema de qualquer vate.

9

[Do método da escansão métrica]⁴⁷

Todo aquele que isto souber, poderá, com fácil método
 e medida e com variados pés, escandir os poemas
 dos vates, e os versos antigos com doce modulação,
 como alguém que deseje transpor as cumeadas do monte:
 enquanto desliza subindo os declives do dorso adverso, 5
 enquanto, passando por penedos e silvados, firma seus passos,
 enquanto está pendente da subida e se esforça por escapar até à auras

- Durus uterque labor, res nulli tacta priorum.
 Ars tamen et uirtus ardua quaeque petunt.
 15 O uis excellens animi, respublica nostrae
 Hunc Academiae discipulique petunt.
 Flagitat hunc medicus, uates iurisque peritus,
 Theologus, orator philosophusque simul.
 Quis non cunctarum rerum sibi nomina aperte
 20 Sermonem in patrium uersa uidere uelit?
 Denique librorum siluam diffusa per omnem,
 Ad nutum propriis quaeque notata locis.
 Vera cano, nec dulcis amor sic iudicat, immo
 Ex hoc iudicio defluit auctus amor.

8

[O iuuenum studiosa cohors]

- O iuuenum studiosa cohors, si forte uirentis
 Floribus eloquii scriptio nostra uacat,
 Noli mirari, non fundamenta colore
 Maeonio pingi, rhetoricoue queunt.
 5 Nec bene radices poscas, quae frondibus insunt,
 Nec bene brumali tempore uernat ager.
 Gratia frugis adest nostris modo, carmina sed si
 Culta uelis, non sunt haec adeunda tibi,
 Quae ornatum haud capiunt, solum contenta docere
 10 Lubrica labentum sint ubi uestra pedum.
 Haec uobis fuerit curae si ediscere, uatum
 Scandetis certo quodque poema gradu.

9

[Ratione metroque ... conscendere carmina]

- Haec quisquis norit, facili ratione metroque
 Et pedibus uariis poterit conscendere uatum
 Carmina, et antiquo modulamine uersus,
 Vt si quis cupiat transire cacumina montis:
 5 Dum labat aduersi superans accliuia dorsi,
 Dum scopulos stirpesque tenens uestigia firmat,
 Dum ascendens pendet, superasque euadere ad auras

superiores, e vacila na iminência da queda, é ali que reside
o difícil caminho. Transposto o vértice, então já
é fácil descer em passo inclinado e pressuroso. 10

Até aqui foi a subida. Doravante cumpre a cada qual descer
o declive, se não quiser faltar a seu dever e poupar
um exíguo esforço ou ser tido por preguiçoso.
Não carreguemos, pois, com grande peso os corações juvenis;
contente com minhas palavras, nada mais acrescentarei. 15

10

[Da loucura do povo judaico]⁴⁸

[... ..] O que há de mais louco do que
O povo judaico somente? Plantou uma viçosa videira,⁴⁹
ele mesmo a esladrou com o longo labor de sua mão, ele mesmo fixou
no chão o seu fecundo bacelo e, tanchando fundo o arado, com seu suor,
por entre as suas leivas ajoujou os novilhos recalcitrantes. 5

Mas, logo que aquela videira, prenhe de fruto (coisa espantosa!),
em vinho as águas converteu e, com sua pródiga dádiva,
os côncavos vales e as profundas várzeas de todo encheu,
eis que ele, contra sua própria videira, cujos celestes dons deveria
ter recebido, com seu dente sanguinário se enraiveceu. 10

Deveriam ter armado sebes e afastado todo o pequeno rebanho,
para que os cruéis monstros não lesassem a sagrada videira.
Mas o cruel agricultor, pelo contrário, qual bode eriçado,
ou indómito cabrito, a viçosa videira dilacerou.

11

Carme do português Aires Barbosa ao poema de Arátor⁵⁰

Tu, meu menino, que lês as guerras ilíacas⁵¹ e as glórias de Aquiles
ou as astúcias do Ítaco,⁵² são sonhos vãos o que tu lês
ou os carmes que pintam a tua mente desnuda,
tu que andas com o coração de nenhuma cor pintado.
Na verdade aquilo que Homero atribui ao Pelida⁵³ ou a Ulisses, 5
a quem ele transforma em heróis e magnânimos varões,
corrompe os almas tenras com enfeites que ficarão pelos tempos fora.
E quanto poder tem a primeira tintura, isso

- Nititur, et nutat iam iam lapsurus, in illo
 Est uia difficilis; transmisso uertice, iam tum
 10 Decliu et prono facile et descendere passu.
 Hactenus assensus est, posthac descendere cuique
 Procliue est, si deesse sibi exiguoque labori
 Parcere noluerit, uel desidiosus haberi.
 Ergo ne mago iuuenilia corda premamus
 15 Pondere; contentus dictis nihil amplius addam.

10

[Quid furiosius Iudaico populo?]

- [... ..] Quid furiosius uno
 Iudaico populo est? Vitem plantauit amoenam,
 Ipse labore manus triuit longo, ipse feracem
 Fixit humo plantam, et depresso uomere sudans
 5 Flexit luctantes inter sua culta iuencos.
 Ille ubi sed uitis pleno (mirabile) fetu
 In uinum conuertit aquas et munere largo
 Compleuit uallesque cauas saltusque profundos,
 In uitem propriam cuius caelestia dona
 10 Sumere debuerat, desaeuit dente cruento.
 Texendae saepes fuerant, pecus omne tenendum
 Ne uiti sacrae crudelia monstra nocerent.
 Agricola immanis contra quasi saetiger hircus
 Indomitusue caper uitem lacerauit amoenam.

11

Arii Barbosae Lusitani**Carmen in sacrum poema Aratoris**

- Qui legis Iliacas pugnas et Achilis honores
 Errosue Ithaci, somnia uana legis.
 Carmina uel nudam, puer, inficientia mentem,
 Pectora qui nullo picta colore geris.
 5 Nam quae Pelidae tribuit, uel Homerus Vlixii,
 Quos facit heroas, magnanimosque uiros,
 Corrumpunt teneros mansuro in tempora fuco.
 At quanti ualeat tinctio prima tibi

to demonstra a primeira cor da lã da ovelha,⁵⁴
 pois, meu menino, em fonte nenhuma a podes lavar. 10
 Por isso Platão, a suprema glória de toda a doutrina,
 banuiu o Meónides⁵⁵ para longe da justa cidade.⁵⁶
 Mas deixemos os Gregos. Repara nos sobejos da ruína troiana
 e no Eneias fugido: estarás a ler monstros.
 Pois aquele pai piedoso que não infringiu um casto amor, 15
 ei-lo aqui feito um torpe adúltero de uma casta rainha.⁵⁷
 De um tamanho corpo nenhuma parte se esgotará pelas mãos
 com mais diligência, e nenhuma dá mais prazer do que
 aquela que recresce com a maldade e as lágrimas da amante,
 com as delícias, a luxúria e novas blandícias. 20
 Tu, meu jovem dedicado aos bens celestes,
 fuge destes cantos de Sereias, de canções agoirentas.
 Ah, fuge dos cruéis escolhos da agitação do espírito maligno,⁵⁸
 com que a maior multidão naufraga e se afunda.
 Agora, de coração puro, agora oferece-te à celestial divindade 25
 e lê todos os feitos admiráveis dos nossos varões.
 Tem sempre diante dos olhos os dois maiores luminares do mundo:
 Paulo, o doutor,⁵⁹ e Pedro,⁶⁰ o guardião das chaves.
 Este, como porteiro do Céu, foi quem primeiro apascentou as ovelhas;
 aquele hauriu no elísio polo⁶¹ as misteriosas palavras.⁶² 30
 A eles, maiores do que César, Pompeio e Hércules, nenhuma
 violência os fez trocar o nosso Deus por este mundo.
 A eles cedeu a Babilon ausónia,⁶³ e os reis através do orbe
 submeteram sua soberba cerviz ao seu piedoso jugo.
 Não debelaram com armas os poderosos inimigos; 35
 não matando os seus, mas antes morrendo.
 Aquela sua voz, sempre inofensiva (quanto maior não é
 esta vitória!), partiu até às fronteiras do mundo,
 pois a Pedro e Paulo, ouviram-nos o Tánaís,⁶⁴ o Nilo e o Tejo,
 ouviu-os até o Ganges e o solo dos antípodas.⁶⁵ 40
 Imolaram o lado feroz dos homens e, tendo repelida a ferocidade
 das serpentes e das aves juntamente com a dos quadrúpedes,
 sujeitaram os monstros com a clava da palavra e atos
 nunca dantes vistos. Que tem o mundo de semelhante?
 Acaso é igual o descendente de Alceu,⁶⁶ que esmagou a hidra fingida 45
 e os fingidos monstros que os carmes do poetas cantam?
 Mas os nossos heróis domam portentos verdadeiros,
 Gradivos,⁶⁷ Saturnos, Vénus e Mercúrios.⁶⁸
 Não caíram apenas ídolos de deuses, mas ruiu
 ao mesmo tempo a corte inteira do velho infernal.⁶⁹ 50

- Velleris id niuei primus color indicat. Illum
10 Namque, puer, nullo fonte lauare queas.
Ergo Maeonidem iusta procul urbe remouit
Omnis doctrinae gloria summa Plato.
Sed mitto Graios. Troianae analecta ruinae,
Et profugum Aeneam perspice, monstra leges.
15 Nam pius ille pater non casto fractus amore
Reginae castae turpis adulter adest.
Corpore de tanto nec pars attentius ulla
Conteritur manibus, nec placet ulla magis,
Quam quae nequitia et lacrimis recrescit amantis,
20 Deliciis, luxu, blanditiisque nouis.
Hos tu caelestum iuuenis studiose bonorum
Sirenum cantus, carmina dira fuge.
Heu! fuge crudeles scopulos cacodaemonis aestus,
Naufraga quo pessum maxima turba datur.
25 Pectore te puro nunc nunc caelestibus offer,
Miraque nostrorum perlege facta uirum.
Semper habe ante oculos duo maxima lumina mundi
Paulum doctorem, clauigerumque Petrum.
Pauit oues princeps hic caeli ianitor, ille
30 Hausit in Elysio mystica uerba polo.
Caesare maiores, Pompeio atque Hercule, terras
Nulla ui nostro supposuere Deo.
Ausonia his cessit Babylon, regesque per orbem
Subiecere pio colla superba iugo.
35 Non armis hostes debellauere potentes;
Non occidendo sed moriendo suos.
Innocuus semper (quanto haec uictoria maior!)
In mundi fines exiit ille sonus,
Nam Petrum et Paulum Tanais, Nilusque Tagusque,
40 Audiit et Ganges antipodumque solum.
Mactauere feros hominum, feritate repulsa
Serpentum atque auium quadrupedumque simul,
Mostra subegerunt claua sermonis et actis
Ante ea non uisis. Quid simile orbis habet?
45 Num par Alcides, fictam qui contundit hydram
Monstraque quae uatum carmina ficta canunt?
Vera sed heroes nostri portenta, Gradiuos,
Saturnos, Veneres Mercuriosque domant.
Non idola deum tantum cecidere, sed una
50 Corruit inferni regia tota senis.

Eles prepararam nossas almas na verdadeira piedade e fé.
 Mas para onde me arrebatava a onda do mar imenso?⁷⁰
 São, pois, os nossos heróis a imagem da verdadeira virtude
 e do bem um exemplo, não uma espécie de sombra do bem.
 Seus atos, foi Arátor quem primeiro em verso os celebrou 55
 e marcou com seu pé como coisa não alheia.⁷¹
 Ao purgar a selva intacta e novos alqueives sem cultivo,
 é por divina profecia que Arátor possui este nome.⁷²
 E não contente com levantar a terra com um leve sulco,
 tanchando a fundo o arado, revira até o interior do solo. 60
 Depois, o operário, único entre raros, ofereceu ao mundo
 estas cultivadas searas e estas ledas sementeiras.
 Por isso, meu menino, qualquer piedoso que sejas, a este, lembra-te
 de o revolver; a este, meu jovem, a este, trata de o ler noite e dia.
 E que nem um obscuro lugar nem a onda do mar te afaste, 65
 porque ele brilha para quem nele entra, e a mesma onda o irriga.
 Pois um campo, mesmo sem cultivo, renova muita da sua aspereza,
 mesmo que a iminência da cheia suas terras inunde.
 Eu próprio abro o caminho, corto rebentos espinhosos, mostro
 o mar profundo: só a mim esse trabalho incumbe. 70
 Descarnamos silvados, arrancamos brenhas; os lavradores,
 para quem entra, verdejam com maravilhosa fertilidade.
 Foi por onde o eminente cultivador Arátor outrora sulcou,
 que minha dextra os arados de enorme peso a custo transportou.
 Também eu próprio, com a foice, repurguei das estirpes sagradas 75
 as ervas renascentes, para que nada as possa prejudicar.
 Por isso, quem quer que sejas, vem aos rebentos do flórido campo
 e ceifa as copiosas dádivas do frutuoso solo.
 É que, entre os agrícolas da divina granja, Arátor,
 num som incomum, seus divinos carmes cantou. 80
 Se aquele supremo Platão conhecesse estes mistérios,
 não permitiria que este vate partisse da sua cidade.⁷³

12

[À egrégia juventude]⁷⁴

Não é sem razão, distintos jovens, que pareça coisa sublime
 ter a sábia natureza concedido a face apenas ao homem:
 foi, claro está, para que este animal sagrado se volte para os orbes
 etéreos e suspire pelas plagas do Olimpo supremo,
 de onde ele veio, e busque a Deus quando tiver de voltar 5

Composuere animas uera pietate fideque.
 Immensi sed me quo rapit unda freti?
 Nostri ergo heroes uerae uirtutis imago,
 Exemplumque boni, non uelut umbra boni.
 55 Versibus acta horum primus celebrauit Arator,
 Impressitque suo non aliena pede.
 Intactam siluam atque inculta noualia purgans,
 Numine fatidico nomen Arator habet.
 Nec contentus humum tenui suspendere sulco,
 60 Vomere depresso uertit et ima soli.
 Hinc inter raros operarius unicus orbi
 Has cultas segetes et sata laeta dedit.
 Hunc igitur quicumque pius uersare memento,
 Hunc, puer, hunc, iuuenis, nocte dieque lege.
 65 Nec locus obscurus, nec te deterreat unda,
 Qui nitet ingressis, quae rigat unda locum.
 Nam licet incultus renouet multa aspera campus,
 Proxima uel terras obruat unda suas.
 Ipse uiam pando, reseco spineta, profundum
 70 Ostendo, solum me labor iste premit.
 Eruimus siluas, sentes conuellimus, arua
 Intranti mira fertilitate uirent.
 Qua praestans olim cultor sulcauit Arator
 Vix mea dextra graui pondere aratra tulit.
 75 Ipse renascentes sacris quoque stirpibus herbas
 Flace repurgauit, ne quid obesse queat.
 Ergo quisquis ades florentis germina campi,
 Et mete frugiferi munera larga soli.
 Inter enim agricolas diuini ruris Arator
 80 Communi haud cecinit carmina dia sono.
 Mystica si nosset, non permisisset abire
 Vrbe sua hunc uatem maximus ille Plato.

12

[Egregii iuuenes]

Non frustra, egregi iuuenes, sublime uidetur
 Os homini soli prudens natura dedisse;
 Scilicet, ut sanctum hoc animal se tollat in orbis
 Aethereos, summique plagas suspiret Olympi
 5 Vnde uenit, quaeratque Deum rediturus in illam

àquela pátria flórida e refulgente de luz eterna,
que é a sua região própria e a sua origem natal.

Mas este infeliz vive entre tantos cuidados e tantos trabalhos,
em tantas desvairadas desgraças e tantas disputas
como quem experimentou e participou numa corrida grega, 10
para, vencidos os inimigos na guerra, e de corpo imaculado,
receber do Rei Eterno os seus prémios de vencedor!⁷⁵

É por isso que ele tem o vulto levantado e contempla as alturas
celestes, o sólio e o santuário do Pai Grandioso,
no qual preste culto de alma pura e adore, agradecido, 15
aquele divino poder do Criador que a Si próprio e a tudo criou,
e que, com seu suave comando, as terras, mares e astros governa.

E por isso, quanto aos restantes animais, aquele sábio Artífice
modelou-os recurvados e a olhar para o chão, porque estes
só o chão conhecem e são destituídos de piedade e de toda 20
a religião. Só a piedade é o bem; só a religião é sabedoria,
como o demonstra a origem da palavra grega,⁷⁶
como afirmou a excelsa paciência do divino Job.⁷⁷

Se alguém a retira ao homem, encerra-o
na natureza de uma fátua animália. Quem lha restitui 25
dá-lhe um auriga e um condutor⁷⁸ para refrear as iras,
para reprimir as soberbas insanas, os lúbricos prazeres
da vida, os medos e as tristezas e para, enfim, domar todos
os monstros e rebater a violência dos tiranos e para mandar
soltar os acorrentados a seus pés, tiranos aos quais tudo imolam 30
os mortais sempre que estão cativos por motivo miserável
quer do ouro quer da vida, sempre que subjugam à volúpia
a sua cerviz escravizada. Os corações entorpecidos por um sono
desmedido e os espíritos desanimados, vemo-los erguerem-se
com a piedade; e só ela os reprime se se erguem mais do que é justo. 35
É ela que nos distingue do rebanho dos mudos animais, e por isso
contemplamos o firmamento e ficamos suspensos da encantadora luz
do mundo, ávidos do Céu e das coisas divinas.

Ó grande dádiva de Cristo, tu fazes baixar, com tuas rédeas,
as cabeças recalcitrantes, pois só tu podes, com a dureza de teus 40
freios, superar revoltas e orgulhos rebeldes, prazeres
e diversões. Tal como aplicas a espora ao homem inerte,
assim amansas os feros corações aos truculentos. Tu a primeira que,
acalentando as centelhas do homem nascidas da semente celeste,
nos cumulaste com as dádivas de todos os louvores. 45

Salve, ó princípio de toda a espécie de virtude.
Foi por teu intermédio que nós chegámos àquele

Florentem patriam atque aeterna luce micantem,
Quae propria est illi regio et natalis origo.

Sed miser hic inter tot curas, totque labores,
Tot casus uarios et tot certamina uiuit,
10 Curriculo ueluti Graio spectatus et usus,
Hostibus ut uictis, bello, cum corpore mundo,
Victor ab aeterno capiat sua praemia rege.

Hinc habet erectos uultus et suspicit altum
In caelum, patris solium et penetralia magni,
15 Quo colat integris animis, et gratus adoret
Numen id Artificis, quod se, quod cuncta creauit,
Quodque pio imperio terras, maria, astra gubernat.

Verum ideo sapiens animalia cetera finxit
Ille opifex prona et terram spectantia, solam
20 Quod terram norunt pietate carentia et omni
Religione. Bonum pietas; sapientia sola est
Religio, Graecae uocis quod monstrat origo,
Quod Iob diuini excellens patientia dixit.

Detrahat hanc homini siquis, circumdedit illi
25 Naturam pecudis fatuae. Qui reddit eidem
Aurigam regemque dedit, qui temperet iras,
Qui premat insanos fastus, qui gaudia uitae
Lubrica, quique metus, luctus, qui denique monstra
Cuncta domet, dominosque graues contundat et ire
30 Sub pedibus uinctos iubeat, quibus omnia caedunt
Mortales, misero quoties rapiuntur amore
Aut auri aut uitae, quoties famulantia subdunt
Colla uoluptati. Nimio marcentia somno
Pectora socordesque animos pietate uidemus
35 Surgere, surgentes aequo plus comprimit una:
A grege mutorum nos haec disiungit, et inde
Spectamus caelum pulchroque a lumine mundi
Pendemus, caeli diuinorumque capaces.

O magnum Christi donum, tu flectis habenis
40 Colla reluctantum, motus flatusque rebelles,
Gaudia, discursus duris superare lupatis
Sola potens. Homini tu calcar ut addis inerti,
Sic trucibus fera corda domas. Tu prima fouendo
Igniculos hominis caelesti semine natos,
45 Cunctarum nobis cumulasti munera laudum.

Salue, principium omnigenae uirtutis. Ad illum
Auctorem nostrum per te deuenimus. Ille

nosso Criador. Seja Ele o princípio e o fim do nosso canto,⁷⁹
 seja Ele o fim de todas as obras, para Ele se dirija toda a nossa mente,
 para Ele a nossa razão, para Ele, enfim, os nossos sentidos. 50
 Que Ele seja cantado no primeiro e no último verso da minha Camena.⁸⁰

E apesar de a matéria não ser adequada às nossas forças
 (Pois meu talento corre num rego ténue como se fora um riacho,
 ou pretende acabar numa exígua concha de Nereu⁸¹),
 seremos todavia louvado ao menos por tê-la desenvolvido. Aquela força 55
 da palavra piedosa só terá suficiente prova pelo testemunho de Cristo,
 para quem o quadrante da viúva⁸² era muito mais precioso
 do que o ouro e a prata, pois o Criador não olha a quanto
 se dá, mas a que quantidade se dá do total, e à própria
 intenção; e não será tida como falta em povos nenhuns 60
 se eles venerarem a Deus seja de que modo for, e há povos
 que Lhe prestam culto com leite quando não têm incenso de Sabá.⁸³

E se outrora o desatino popular induziu os mortais
 a apresentarem as suas oferendas aos ídolos, pois
 as grinaldas de espigas penduravam-se diante de Ceres,⁸⁴ e a uva 65
 e o primeiro cacho eram uma dádiva no templo de Brómio,⁸⁵
 e os pastores espargiam Pales com leite fresco,⁸⁶
 porque não hei de eu próprio derramar todo este pensamento
 e esta voz a Deus, meu verdadeiro Pai e verdadeiro Senhor,
 donde me vem o falar, o pensar, o ser, o agir? 70
 Se agora o meu espírito concebe algo excelente, porque
 não louva ele ao único Criador? Se a boca se ufana a si mesma
 de algum simples murmúrio, porque não se solta de todo
 em pregões para Jesus? Porque não lhe oferecemos
 uma dádiva destas, como lembrança e garantia do nosso amor?⁸⁷ 75

Mas porque a função de lente e o assíduo trabalho nos reclamam
 para outro lado, e porque o trabalho por nós ciclicamente terminado,
 mas sempre regressado ao mesmo ponto pelas suas próprias pisadas,
 dá voltas como o círculo que assinala as estações do ano;⁸⁸
 porque, enfim, os corações não podem suportar com igual vigor 80
 duas ocupações, aguardaremos o remanso que, por graça de Deus,
 nos deva ser concedido. Mas se, entretanto, houver algo
 que eu deva fazer, se a minha mente projetar e ousar algo de grande
 ou pequeno, em toda a parte eu confirmarei esta intenção.

E agora, Deus Omnipotente, ainda que eu trate de juvenílias, 85
 dignai-Vos enfunar as minhas velas com vento favorável.⁸⁹
 E também Vós, ó Virgem Mãe, concedei-me, clementíssima Virgem,
 que o meu Comentário seja agradável aos homens doutos.

- Principium ac finis sit nostri carminis, ille
Sitque operum finis cunctorum, tota feratur
50 Quo mens, quo ratio, quo nostri denique sensus.
Hic mihi dicatur prima summaque Camena.
Materia est quamquam nostris haud uiribus aequa
(cum fluat ingenium tenui quasi riuulus unda,
Vel petat exigua concludere Nereia concha)
55 At uoluisse tamen laudabimur. Impetus oris
Ille pii Christo sat teste probabitur uno,
Cui uiduae quadrans multo pretiosior auro
Argentoque fuit. Quoniam non respicit Auctor
Quantum sed quanto ex cumulo largiris, et ipsum
60 Ille animum; dabitur uitio nec gentibus ullis
Si quocumque Deum pacto uenerentur, et illum
Lacte colant gentes, careant quae thure Sabaeo.
Quod si mortales induxit publicus olim
Error ut idolis ferrent sua munera, sarta
65 Spicea nam Cereri suspendebantur et uua
Donum erat in templo Bromii primusque racemus
Spargebantque Palem pastores lacte recenti,
Cur ego non totam mentem hanc uocemque refundam
Ipse meo ueroque Deo dominoque patrique,
70 Vnde mihi est sermo, ratio, substantia, motus?
Spiritus egregium siquid nunc concipit, unum
Cur non artificem laudat? Si murmure iactat
Os aliquo sese cur in praeconia Iesu
Non totum soluit? Cur non id muneris illi
75 Offerimus, nostri monimentum et pignus amoris?
Sed quoniam reuocant alio nos cura legendi
Assiduusque labor, nobis labor actus in orbem
Ac rediens in se sua per uestigia semper,
Voluitur ut uarii signator circulus anni.
80 Ergo duas quoniam possunt haud pectora curas
Nisu ferre pari, expectabimus otia, dono
Concedenda Dei. Fuerit sed siquid agendum
Interea, magnum siquid molitur et audet
Mens mea seu paruum, hunc animum testabor ubique.
85 Et nunc, Omnipotens, quamuis iuuenilia tractem,
Te precor inspires uento mea uela secundo.
Tu quoque, Virgo Parens, da, clementissima Virgo,
Vt sit grata uiris mea commentatio doctis.

13

**O português Aires Barbosa a um certo teólogo
que afirmava que a obra de Arátor devia ser comentada
por um professor não de Humanidades, mas de Teologia⁹⁰**

Perguntas porque escrevo eu, um professor de humanas, coisas divinas;
 Porque explico eu a obra que Arátor construiu. E dizes:
 — Que tens tu a ver com o sagrado? Que tens tu com o celeste?
 Já estás, sapateiro, a meter a agulha para além da chinela.⁹¹
 Não te pertencem os enigmas do Direito Divino. 5
 Se gostas de meter a foice na seara, mete-a na tua.
 Tens Marão, ou os poemas do vate de Esmirna;⁹²
 ou então avança por entre a obra do altíssimo Cícero.
 São tuas ambas as línguas,⁹³ são tuas as armas de Demóstenes,
 é tua a culta Minerva dos vates antigos. 10
 Deixa pra nós, oh por favor, os mistérios das alturas celestes.
 Fica com o que é teu; porque roubas o alheio?
 — Aquilo que os antigos dão, não o queiras chamar alheio:
 o que eu aprendi, posso dizê-lo meu por direito.
 Acresce que tu, imprudente, me estendes uma poderosa espada 15
 para suportares as chagas abertas pela tua mão.
 Pois, se me concedes explanar os poemas dos antigos,
 és tu, és tu quem diz que são do nosso foro as coisas sagradas pagãs.
 Por isso, forçoso é que, mesmo contra a vontade, as divinas me cedas,
 pois estás a entregar todo o poema ao nosso ofício; 20
 e se já me concedes desvendar o sentido de todos os livros,
 também me concederás toda a espécie de ensino.
 E assim o gramático regressará aos seus antigos direitos,
 ele a quem os nossos tempos esbulham do seu reino,
 quando chamam gramático àquele que ensina os primeiros elementos, 25
 mas a quem o antigo censo não impunha qualquer limite.
 — Mas não é bom (insistes tu de novo) juntarem-se coisas contrárias:⁹⁴
 as bárbaras ao vosso ensino, as cultas ao meu.
 — Tal como a ovelha não se gaba de pastar em prado abundante,
 pois seus úberes cheios claramente o demonstram, 30
 assim também quem é bom não deve gabar seus bens: provam-no
 à saciedade as peles de lã, o leite, o farto queijo.
 Enfim, negas que eu possa dominar tão diversas matérias.
 Eis que por mim respondem meus escritos: lê-os.

13

**Arius Barbosa Lusitanus ad quendam thelogum
qui affirmabat opus Aratoris theologicum explanari debere
non ab Humanitatis sed a Theologiae professore**

- Cur scribam diuina rogas, humana professus;
Exponam fecit cur quod Arator opus.
“Quid tibi cum sacris? Quid cum caelestibus?”, inquis,
“Iam supra crepidam, sutor, acumen habes.
- 5 Non tua sunt iuris diuini aenigmata. Falcem
Si libet in segetem mittere: mitte tuam.
Est Maro, Smyrnaei uel sunt tibi carmina uatis,
Vade per altisoni uel Ciceronis opus.
- Vtraque lingua tua est, tua sunt Demosthenis arma,
10 Priscorum uatum culta Minerua tua est.
Cede alti nobis precor o mysteria caeli.
Accipe quae tua sunt; cur aliena rapis?”
Quae dant maiores, noli aliena uocare:
Quod didici possum dicere iure meum.
- 15 Adde quod imprudens ualidum mihi porrigis ense,
Vt patiare tua uulnera facta manu.
Nam mihi si ueterum explanare poemata donas,
Ethnica tu nostri, tu sacra iuris ais.
Vnde mihi inuitus cedas diuina necesse est.
- 20 Subdis enim officiis omne poema meis;
Iamque aperire mihi cunctorum sensa librorum
Si das, doctrinae sic dabis omne genus.
Atque ita grammaticus prisca in sua iura redibit,
Quem fraudant regno tempora nostra suo.
- 25 Gramaticum dicunt cum prima elementa docentem,
Cui nullo antiquus limite census erat.
“Non bene (sed repetes iterum) contraria iungi:
Doctrinae uestrae barbara, culta meae.”
Vt non iactat ouis multo se gramine pastam,
- 30 Id cum demonstrent ubera plena satis
Sic iactare bonus sua non bona debet: abunde
Vellera, lac, multus caseus, illa probant.
Denique posse negas me tam diuersa tenere.
Pro me respondent en mea scripta: lege.

14

**O mesmo Aires⁹⁵
contra o Nebulão⁹⁶ gramatista,⁹⁷ gabarola e fútil**

Gabas-te, com a maior impostura, de me teres ensinado certas coisas.
 És tu próprio que me ensinas aquilo que eu antes te ensinei?!
 Quem é que não fugirá daqui para além dos Garamantes e dos Indus,⁹⁸
 uma vez que já não existe nenhuma vergonha no nosso planeta?
 Pois, apesar de estarem presentes os que te ouviram a fazer-me perguntas, 5
 mesmo assim, afirmas que eu sou teu discípulo?
 Eu reconheço, sem dúvida, que fui outrora discípulo
 de doutores, e certamente de ti, Policiano.⁹⁹
 Quem porventura, pois, acreditará que eu escolhi agora como mestre
 um ignorante, um garoto, um desprezível, um zé-ninguém, um louco? 10
 Diz, se não queres dizer a verdade, diz simulações da verdade,
 que eu te pergunto: quem acreditará nos teus paradoxos?
 Acaso, diz-me cá, andam a iludir-te os sonhos de Pitágoras,¹⁰⁰ e por isso
 julgas que a alma de Policiano voltou para dentro de ti?
 Ó meu caro amigo, eles não iludem: meu querido Ângelo vive em ti! 15
 Mas ouve de que modo tu és parecido e semelhante:
 ele foi um célebre mestre de uma célebre universidade;
 na tua escolinha há dois ou três garotos.
 Ele foi um poeta; tu não sabes escandir versos.
 Ele era orador; tu, orador suponho que virás a ser. 20
 Ele falava o que quer que fosse com o sal
 latino e ao mesmo tempo com a elegância cecrópia;¹⁰¹
 tu, ignaro da língua grega, pobre na latina
 e bárbaro como és, ressoas apenas em voz hispana.
 Era rica a bolsa dele; a tua é levada a mendigar 25
 e empenha os cadernos em branco e a tua pequena toga.
 Ele, como se fosse recebido do Céu, foi um anjo de fogo;
 tu apareces aí como um infeliz “nebulão” enviado do Estige.¹⁰²
 Ora aí tens; e, já que és, de todo, o mais semelhante a ele,
 fica convencido de que a alma de Policiano reencarnou em ti. 30

15

Ao mesmo¹⁰³

A ovelha ferida nunca reage;¹⁰⁴ pomba sem fel¹⁰⁵
 é o homem magnânimo e que presta culto a Cristo.
 “Então, porque me atacaste com dente canino?” – dirás tu –,
 “se segues os sagrados dogmas do Senhor piedoso?”

14

Idem Arius**in Nebulonem grammaticam iactuose uanum**

- Te exposuisse mihi quaedam uanissime iactas.
 Quae tibi ego exposui me prius ipse doces?
 Quis non hinc fugiat ultra Garamantes et Indos,
 Nullus cum nostro iam sit in orbe pudor?
- 5 Nam quamuis aderant qui te audiuerunt rogantem,
 Discipulum affirmas me tamen esse tuum?
 Sane ego discipulum fateor me aliquando fuisse
 Doctorum, et certe, Politiane, tuum.
- 10 Quis nam igitur credat nunc me elegisse magistrum
 Indoctum, iuuenem, uilem, humilem, stolidum?
 Dicit, si non uis uerum, simulantia ueri,
 Nam rogo te: credet quis paradoxa tibi?
 Num te Pythagorae ludunt, dic, somnia, et inde
 Politiani animam in te rediisse putas?
- 15 O bone, non ludunt: uiuit meus Angelus in te.
 Audi sed quo sis par similisque modo:
 Gymnasii celebris celeberrimus fuit ille magister;
 In ludo pueri sunt duo tresue tuo.
 Ille poeta fuit; nescis tu scandere uersus.
- 20 Ille orator erat; tu puto arator eris.
 Ille loquebatur quae uelles cumque Latino
 Cum sale, Cecropio cumque lepore simul;
 Tu Graeci ignarus, Latii sermonis egenus,
 Hispano tantum barbarus ore sonas.
- 25 Illius ampla fuit; tua mendicare crumena
 Fertur et albiolos pignerat ac togulam.
 Ille quasi e caelo sumptus fuit angelus ignis;
 Tu nebulo infelix a Styge missus ades.
 I nunc, et cum sis utcumque simillimus illi,
- 30 Politiani animam in te rediisse puta.

15

Ad eundem

Laesa repugnat ouis nunquam, sine felle columba
 Qui Christi cultor magnanimusque uir est.
 Dices: "Cur igitur cynico me dente petisti,
 Si Domini sequeris dogmata sancta pii?"

Do mesmo modo que o médico golpeia a úlcera do doente seu amigo 5
 e as algemas do pai prendem o filho enlouquecido,
 assim eu, enquanto te lacero e chamo o teu delírio a uma melhor atitude,
 hei de parecer que sou a ovelha e a pomba desprovida de fel.

16

**O mesmo português Aires Barbosa
 fala à Academia Salmanticense¹⁰⁶**

Exiges, ó nossa veneranda mãe Academia,
 que eu seja, com verdadeiro amor, teu filho.
 Queres que eu seja filho? Sê tu mãe, Academia,
 e não sejas uma cruel madrasta de teus filhinhos.
 Sou desprezado por ti, porque acaba perdendo valor 5
 o prolongado convívio que carece da doce novidade.
 E tal como o trapo bem velho é desprezado por efeito do uso,¹⁰⁷
 assim se desgasta a propalada fama de um celebrado varão.
 Mas a custo encontrarás um só que, sabedor de ambas
 As línguas,¹⁰⁸ tas possa ensinar na perfeição. 10
 Pois é com imenso suor que a fala grega se alcança,
 e a fala do Lácio não vem com pouco trabalho.
 Foi nestas, porém, que envelheci, para que a tua glória não seja maior
 nas restantes escolas e a não tenhas menor nesta área.
 Portanto, para me agradeceres, queres que eu leciono 15
 durante mais horas e não me queres tu conceder mais nada.
 Acaso – por favor – parece-te, como mãe sagrada, que é justo
 sobrecarregar-me assim como se eu fosse teu enteado e escravo?
 Se duplicas teus frutos, é justo duplicares a recompensa,
 pois quem é que lavra campos estéreis, senão um doido?¹⁰⁹ 20
 Porventura é assim que premeias os operários que te estão a construir?
 Porventura serei eu mesmo para ti mais vil do que um vil operário?
 Nós polimos pedras vivas e mármore vivos.¹¹⁰
 Será obra viva aquela que agora para ti construímos.
 As restantes que tu edificas perecem, a minha há de ser 25
 contemplada em toda a nação, ou povoado, ou região.
 O que tu constróis, Salamanca, manifesta-se apenas aqui.
 E se a vinha do direito divino é mais agradecida,
 eu preferirei ser agora este operário da undécima hora,¹¹¹
 já que este menor trabalho não diminui em nada o salário. 30

- 5 Vt medicus ferro aegroti secat ulcus amici,
 Et natum insanum uincla paterna ligant.
 Sic dum te lacero, et reuoco ad meliora phrenesin,
 Felle columba carens, esse uidebor ouis.

16

**Academiam Salmanticensem
 Alloquitur idem Arius Barbosa Lusitanus**

- A nobis ueneranda parens Academia, poscis
 Filius ut uera sim pietate tuus.
 Filius ut sim uis; esto tu, Academia, mater,
 Nec sis filiolis saeua nouerca tuis.
- 5 Despectus tibi sum, quia consuetudine longa
 Vilescit, dulci quod nouitate caret.
 Vtque uetus nimio pannus contemnitur usu,
 Sic celebris teritur gloria nota uiri.
 Vix tamen inuenies unum, qui doctus utramque
 Perfecte linguam te docuisse queat.
- 10 Nam Graecus sermo immenso sudore paratur,
 Nec paruo Latius sermo labore uenit.
 His tamen insenui, ne sit tua gloria maior
 Gymnasiis reliquis, hac tibi parte minor.
- 15 Vt referas igitur grates, me pluribus horis
 Vis legere, et non uis tu mihi plura dare.
 Num quaeso id iustum mater tibi sancta uidetur,
 Vt quasi priuignum mancipiumque graues?
 Si geminas fructus, iustum est geminare laborem,
- 20 Nam steriles campos quis nisi stultus arat?
 Soluis an aedificant qui te sic praemia fabris,
 An tibi sum uili uilior ipse fabro?
 Nos petras uiuas et marmora uiua polimus.
 Viuet quod tibi nunc aedificamus opus.
- 25 Cetera quae aedificas pereunt, uisetur in omni
 Gente, uel in populo, uel regione meum.
 Quod struis apparet tantum hic, Salmantica, quod si
 Diuini est iuris uinea grata magis,
 Vndecimae hic horae malim iam operarius esse,
- 30 Cum labor hic minuat praemia nulla minor.

17

**O mesmo Aires a um certo indivíduo
que dizia que este Comentário era demasiado longo¹¹²**

Tu que dizes que o meu Comentário é longo, pela mesma
razão podes dizer que é longo o amieiro,
e muito longa também a torre que ressoa com seu bronze sagrado.
Mas aprende primeiro a saber o que é longo e a saber o que é breve.
Se o escritor longo tem o título na memória, se não faz quaisquer citações 5
e executa aquilo que começou, nem faz digressões de nenhum lugar¹¹³
(a não ser que este seja vizinho: então ele flecte o curso, como o rio
que, dividindo o caudal, irriga as planícies da redondeza¹¹⁴),
desse modo, tal escritor não será tido por longo; desse modo,
ele será até o guardião da elogiada brevidade. 10
Desse modo, é breve a *Ilíada*, o canto do altíssimo Homero,
ao qual, do que ele tem, nada pode o sensato retirar.
Nós estruturamos para os jovens, para os doutos acumulamos o resto.
O que é longo aqui? Ambos os fins estão ao serviço do meu título.
O inábil sente incómodo no embate com as águas de um rio mui largo; 15
o néscio lastima-se de uma extensão mais abundosa.
Quem tem juízo beberá de um rio grande quanto lhe apraz,
seja muito ou seja pouco o que ele quiser.
Mas, de um rio pequeno, o que poderá ele beber? Esse riacho,
quer seco, quer cheio de lodo, não lhe dará águas nenhuma. 20
“Remete o leitor e a nós para as fontes” – dizes tu –,
“e, à vista da corrente, cada qual beba daí.”
Se alguém dissesse o mesmo aos que têm sede, esses, sem hesitar,
renunciariam à fonte e preferiam que lhes dessem o copo.
Acresce que é raro aquele que adquire todos os livros, 25
e são raros os doutos que têm biblioteca sua.
Para quê dizer mais? Quem acha que o meu Comentário é longo,
esse, que leia pouco. Assim tornará breve a nossa obra.

18

[A comida e a bua da criança]¹¹⁵

Se dás a uma criança comida que um homem não comeria,
não estarás a exercer a função do bom criador.
É que ela, durante os vagidos, beberá melhor a bua,¹¹⁶
e a gengiva sem dentes não pode roer o que é duro para ti.
Não o imitará o preceptor sapiente que tem uma criança 5
no berço e um discípulo de tenra idade.

17

**Idem Arius ad quemdam
qui dicebat hoc Commentum nimis longum**

- Commentum nostrum qui longum dicis, eadem
 Dicere longam alnum tu ratione potes.
 Sic quoque praelongam turrim sacro aere sonatem.
 Sed quid sit longum, quid breue disce prius.
- 5 Si memor est tituli, si nil accersit agitque
 Quod coepit, nullo digrediturque loco,
 (Ni sit uicinus, cursum tunc flectit, ut amnis
 Proxima diuiso gurgite plana rigans),
 Sic scriptor longus non longus habebitur, atque
- 10 Laudatae custos sic breuitates erit.
Illias altisoni sic est breue carmen Homeri,
 Cui nil quod possit demere sanus habet.
 Construimus pueris, cumulamus cetera doctis.
 Quid longum hic? Titulo seruit utrumque meo.
- 15 Fluminis imprudens praelargi offenditur undis;
 Mensura insipiens uberiori dolet.
 Qui sapit, a magno quantum libet hauriet amni,
 Siue uelit multum, seu uelit ille parum.
 Hauriet a paruo sed quid? dabit aridus ille
- 20 Riuulus aut nullas, aut lutulentus aquas.
 "Ad fontes", inquis, "lectorem nosque remitte,
 Illinc monstrato flumine quisque bibat."
 Si quis idem dicat sitientibus, ilicet illi
 Dimisso eligerent pocula fonte dari.
- 25 Adde quod et rarus libros nanciscitur omneis,
 Et doctis raris bibliotheca sua est.
 Quid plura? Ille putans mea commentaria longa,
 Pauca legat. Nostrum sic breuiabit opus.

18

[Infantis esca atque bua]

- Si das infanti, uix quam uir manderet escam,
 Haud nutritoris fungeris arte boni.
 Namque buam ille bibet melius dum uagit, inermis
 Non gingiua potest rodere firma tibi.
- 5 Praeceptor sapiens non hunc imitabitur, infans
 in cunis cui sit, discipulusque tener.

Acaso um pequenino executa com rigor um acento agudo?
 Ou inflete um circunflexo, ou carrega num grave?¹¹⁷
 Não, porque esse alimento é próprio de uma boca dentada;
 e dificilmente sacia a fome de um douto gramático. 10
 Portanto, espera até que chegue a idade mais forte;
 não te apresses, que o mundo vai e vem arrebatado,
 e, repetindo as mesmas pegadas em passo acelerado,
 dará firmeza ao corpo e à alma do teu menino.
 Quem, todavia, conhece em geral a acentuação, como o próprio 15
 vulgo inábil, a esse compete conhecê-la bastante bem.
 Poupeemos a tenra idade, demos leite ao tenro Iúlo.¹¹⁸
 Mas quando a boca for mais forte, dar-lhe-ei ossos.¹¹⁹

19

[Gramática é saber escrever e falar]¹²⁰

Pois que a Gramática é a ensinaça de bem escrever e falar,
 porque não aprendes uma e outra, meu menino?
 “Os mestres-escola não no-la ensinaram – dizes tu –,
 pois ninguém pode ensinar aquilo que não aprendeu.”
 Daí aqueles lamentos: Se um cego conduzir outro, 5
 quando por azar ele cai, caem ambos no mesmo buraco.¹²¹
 Por isso, ainda que me reclamem matérias maiores, são porém
 essas menores que eu, para vosso proveito, vos ensinarei.
 E porque os versos mais favorecem a vossa memória,
 as regras da ortografia eu próprio em verso as cantarei. 10
 Em versos incultos; pois quem, ainda que fosse um Apeles,¹²³
 faria alguma bela pintura em semelhante tela?
 Para vossa comodidade, nenhuma cores a minha Musa
 ostenta, nem Elegia a sua cabeleira arranjada.¹²⁴

20

[Sem Vós nada, meu bom Criador]¹²⁵

Mas porque sem Vós, meu bom Criador, a nossa mente
 nada ousa nem mesmo exíguo, ergo meus olhos para os montes
 donde me possa vir auxílio. Concedei-me, Espírito Sagrado,
 Vossa aura (eis que lhe abrimos inteiramente as asas
 das nossas velas) e dignai-Vos encher seu côncavo com o vosso 5
 Favorável sopro, Deus omnipotente. E vós, sacra esposa do Tonante,¹²⁶
 cuja flor se entretece com tamanho fruto, isto é,
 vós que sois a única a juntar a doce glória de Mãe

Paruulus accentum uere ne intendet acutum?
 Vel flectet curuum, uel premet ille grauem?
 Non, quoniam iste cibus dentato congruit ori;
 10 Vix docti saturans grammaticique famem.
 Ergo exspectato, ueniat dum fortior aetas;
 Ne propera, praeceps itque reditque polus.
 Ac repetens eadem celeri uestigia passu,
 Firmabit pueri membra animumque tui.
 15 Qui tamen in genere accentum cognoscit, ut ipsum
 Vulgus iners, illi est hoc bene nosse satis.
 Parcendum est teneris. Tenero lac demus Iulo.
 Os fuerit sed cum fortius, ossa dabo.

19

[Doctrina scribendi atque loquendi Grammaticae]

Cum sit scribendi, cum sit doctrina loquendi
 Grammaticae, cur non discis utrumque, puer?
 “Non id nos (inquis) ludi docuere magistri.”
 Nam quod non didicit, nemo docere potest.
 5 Hinc illae lacrimae: Si caecum duxerit alter,
 In foueam, quando id contigit, ambo cadunt.
 Ergo, me quamquam reuocant maiora, docebo,
 Vt prosim uobis, ista minora tamen.
 Et quoniam melius uersus meminisse potestis,
 10 Orthographos ductus uersibus ipse canam.
 Versibus incultis, quis enim licet esset Apelles,
 Pulchrum aliquid tali pingeret in tabula?
 Commodet ut uobis, nullos mea Musa colores
 Ostentat, cultas non Elegia comas.

20

[Sine Te nihil, bone Conditor]

Sed sine te, quoniam mens nil, bone Conditor, audet
 Nostra nec exiguum, in montes mea lumina tollo,
 Vnde mihi auxilium ueniat. Da, Spiritus, auram
 (En totas illi uelorum pandimus alas)
 5 Sancte, tuam, flatuque sinus implere secundo
 Dignare, omnipotens. At tu, sacra sponsa Tonantis,
 Cui flos cum tanto fructu contexitur, hoc est
 Dulce decus matris cum uirginitatis honore

à honra da virgindade, socorrei-nos e, com vosso
vulto, a terra, o céu, o mar, a tudo serenai. 10

Recolhei com vossa mão piedosa as próprias velas, ou abri
aos ventos as telas de linho, ou, postada à popa, sede vós a timoneira.
Fazeis o que fizerdes, a minha nau, sob a tutela de vosso sagrado
poder, há de surgir nas praias do porto desejado.”

21

[As artes são variadas]¹²⁷

As artes são variadas.¹²⁸ A uma apenas lhe basta a noção
das coisas. Encontrada a realidade, ela atinge plenamente
o seu fim. Tal como quando o imenso Oceano
se derrama e, voltando atrás, se recolhe de novo dentro de si,
os físicos querem saber com que força ele ora intumesce, ora se retrai 5
nas ondas em fuga, e nada mais do que isso. A segunda arte
é aquela que implica não apenas o conhecimento, mas também a ação.
Saber de nada serve, pois que só a ação da realidade
é perfeição. Cantas ou danças com elegância?
Conseguiste o fim desejado. Seja a terceira, a seguir, 10
aquela cujas ínclitas obras permanecem para além do agir,
tal como foi grande e ilustre aquele que pintou Vénus saindo
das águas do mar.¹²⁹ Assim como nenhum pintor,
ó juventude estudantil, ficou memorável a não ser em acto,
assim também nunca houve nenhum célebre gramático 15
que fosse bom sem escrever; a não ser que queira dizer que exerceu
o papel de pedra de amolar: ela não corta, porque não tem gume,
enquanto os outros aguça.¹³⁰ Mas o saber falar,
que vós cobiçais ao procurar atingi-lo à custa de muito suor,
não será chamado da primeira ordem, nem sequer da segunda; 20
e, assim, será certamente da que vem a seguir. Portanto, juventude,
o teu saber não é nada se a arte de escrever não estiver ligada
com a arte de falar. Na verdade todo aquele que ressoa com voz
perene atinge pelo seu talento um e outro louvor
quando fala e igualmente escreve, quando exerce as duas funções, 25
tal como era César,¹³¹ tal como era Messala,¹³² tal como era
Túlio¹³³ também, o maior autor da eloquência latina,
e os dois detentores das supremas culminâncias do saber,
Fígulo¹³⁴ e Varrão, embora o primeiro seja um tanto obscuro, e aquele
que estendeu por muitos volumes a história da natureza.¹³⁵ 30
E tu, Quintiliano, honra e segunda luz da nossa grande Hespéria,¹³⁶
tu que escreves coisa próxima dos livros do Arpinate,¹³⁷

- Vnica coniungens, nobis succurre, tuoque
 10 Vultu tellurem, caelum, mare, cuncta serena.
 Ipsa pia lege uela manu, uel lintea flabris
 Pandito, uel clauum residens in puppe gubernata.
 Quidquid ages, sancto mea numine tuta sub isto
 Nauis, et optatum portum, et sua litora tanget.

21

[Euariant artes]

- Euariant artes. Vni sua notio tantum
 Sufficit. Inuento uero contingit abunde
 Illa suum finem. Veluti cum funditur ingens
 Oceanus, rediensque iterum se colligit in se,
 5 Qua ui nunc tumeat, refugis nunc se auferat undis,
 Scire uolunt physici, quicquam nihil amplius. Est ars
 Altera quam absoluit non sola scientia, uerum
 Actio. Scire nihil prodest, perfectio quando
 Actio sola rei est. Cantas saltasue decenter?
 10 Nactus es optatum finem. Sit tertia porro
 Post actum cuius remanent opera inclita, sicut
 Qui Venerem depinxit ut exit ab aequore, magnus
 Illustrisque fuit. Pictor studiosa iuuentus
 Vt fuit haud quisquam solo memorabilis actu,
 15 Grammaticus celebrer nullus sic extitit unquam
 Non scribendo bonus; fungi nisi munere cotis
 Se dixisse uelit: non scindit acuminis exsors
 Illa acuens alios. Verum doctrina loquendi,
 Discere quam cupitis multo sudore petentes,
 20 Non ars dicetur primi, non deinde secundi,
 Sicque sequentis erit certe ordinis. Ergo, iuuentus,
 Scire tuum nihil est, nisi cum sit iuncta loquendo
 Ars quoque scribendi. Nam sic quicumque perenni
 Ore sonat, laudem petit ingeniosus utramque,
 25 Cum loquitur scribitque simul, cum praestat utrumque,
 Talis Caesar erat, talis Messalla, Latini
 Tullius eloquii talis quoque maximus auctor.
 Et doctrinarum duo culmina summa tenentes
 Cum Figulo Varro, tamen ille obscurior, et qui
 30 Naturae historiam per multa uolumina traxit.
 Quintiliane, decus nostrae et lux altera magnae
 Hesperiae, Arpinis qui pangis proxima chartis,

e por quem o povo itálico nos inveja a nós, os Iberos,
 assim serás certamente. Não é necessário que eu enumere
 os muitos varões que a antiga idade do ouro produziu, 35
 mas que queirais segui-los, vós que Almejais os supremos cumes
 das coisas e que, através de adversa encosta, seu fastígio procurais.
 Ó bela e nobre descendência de rara virtude
 e força verdadeiramente romana, ide com eles através da sábia
 voz dos varões; e o vigor que refulge do sangue latino, 40
 oferece-o a honra que vem da estirpe dos antigos Quirites,¹³⁸
 pois Roma enviara para aqui colonos do Lácio,
 segundo narrava a geração conteúda nos anais da Ausónia.
 Que o degenerado e fraco se agarre às profundas raízes,
 rasteje pelo chão aquele que nada pode produzir, muito menos 45
 nada digno da índole romana, como se fora um estéril campo.

22

Acerca de Marcial¹³⁹

Quem considera ótimos os Epigramas do nosso vate
 Hispano¹⁴⁰ fala verdade. Quem sua evidência nega?
 Têm eles sal de mistura com muito fel amargo;
 e nada é mais doce e mais cândido do que eles.
 Mas se ele tivesse nascido na nossa idade 5
 e tivesse sido na nossa religião baptizado,
 não arderia sua página em desejo de verso lascivo,
 e repetida rasura seus gracejos apagaria.
 É que ele os maus costumes ensina e não erradica, e aquela
 caneta, ao descrevê-lo, o sujo crime ensina. 10
 Ésquilo di-lo com bastante gravidade: “O que é bem feito seja cantado
 com clareza; e, ao invés, o que é mal feito seja escondido”.¹⁴¹
 Pois será corruptor, e não doutor, quem, em verso desnudo,
 fizer ressoar, em desnudas palavras, feitos perversos.

23

A um certo amigo

Confessas, muito embora, meu amigo, que é útil
 este nosso Comento,¹⁴² mas dizes que ele é caro.
 Não é caro o que alguém consegue com grande e caro labor,
 pois pode com justiça vendê-lo pelo preço com que o compra.
 Se alguém, diligente, retira preciosas pedras das ondas do fim do mundo, 5
 escapando às ameaças dos piratas e do Oceano,

Itala quem nobis gens multum inuidit Iberis,
 Certe talis eras. Plures quos extulit aetas
 35 Aurea prisca uiros, non est numerare necesse,
 Sed uos uelle sequi, qui summa cacumina rerum
 Quique per aduersum petitis fastigia cliuum.
 Virtutis rarae pulchra et generosa propago,
 Ac uere Romana manus, quibus ite per ora
 40 Docta uirum; robur Latiali sanguine fulgens
 Datque decus ueniens priscorum a stirpe Quiritum.
 Huc etenim Romam Latios misisse colonos
 Rettulit Ausoniis comprehensum annalibus aeuum.
 Degener et mollis radicibus haereat imis,
 45 Serpat humi, qui Romana nihil indole dignum,
 Nilue potest ueluti sterilis producere campus.

22

De Martiale

Qui nostri Hispani dicunt Epigrammata uatis
 Optima, uerum aiunt, quis manifesta neget?
 Est salis, est illis multum quoque fellis amari;
 Dulcius est illis, candidiusque nihil.
 5 Si foret ille tamen nostrum delapsus in aeuum,
 Tinctus et hac nostra relligione foret,
 Non sua prurisset lasciuo pagina uersu,
 Delessetque iocos multa litura suos.
 Nam docet ille malos mores, non carpit; et illa
 10 Describens spurcum crimen arundo docet;
 Aeschylus hoc grauius: "Clare benefacta canantur,
 Sed male quae contra facta, tegantur", ait.
 Nam corruptor erit, non doctor, carmine nudo,
 Et nudis uerbis improba facta sonans.

23

Ad quendam amicum

Vitale commentum cum tu fatearis, amice,
 Hoc nostrum, carum tu tamen illud ais.
 Non carum est, caro magnoque labore paratum,
 Quo quis emit pretio uendere iure potest.
 5 Si quis ab extremis gemmas petat impiger undis,
 Praedonum effugiens Oceanique minas,

acaso podes dizer que ele vende por alto preço, que vende caras
 aquelas que ele trouxe através de tantas desgraças e tantos perigos?¹⁴³
 Será que o mesmo vende cara, se é vendida a peso de ouro,
 a água que lhe veio sem nenhum ou com fácil trabalho, 10
 ou será que é caro o livro composto com tamanha carga
 de cuidados e que me custou tamanha fortuna?
 Para mim, acredita, mais vil do que ele é o fulvo ouro
 e tudo quanto a Índia possui nas praias do Oriente.
 Mas para ti, mesmo depois disto, ele ainda parece caro. 15
 Não dês nada: assim ficará para ti mais barato que um asse.

24

Ao Bispo de Évora¹⁴⁴

Escoto é subtil,¹⁴⁵ Tomás é grave,¹⁴⁶ Ockam¹⁴⁷ sobressai
 entre os dois, ao erguer mais alto a cabeça;
 e tal como um anão sobre os altos parapeitos¹⁴⁸ de um outeiro
 gigantesco tanta coisa vê com olhar de gigante,
 de igual modo o terceiro, os monumentos dos antigos revolvendo, 5
 também ele é, por seu talento, mais alto do que eles.
 Vou falar com toda a coragem, sapientíssimo prelado:
 vós tendes, sozinho, aquilo que cada um deles possui.

25

A Santa Luzia

Concede-me a saúde que tu, Santa, aos outros concedes,
 e presta, Virgem bondosa, a meus olhos enfermos,¹⁴⁹ o teu favor.
 A ti se digna ouvir o Pai Omnipotente, e por isso
 à vista doente trazes alívio com teu salutífero orvalho.
 Aquilo que nem médicos nem a ínsita força da natureza conseguem dar, 5
 conseguem-no as doces palavras da tua boca.
 O que significam os luzeiros de cera a ornamentar tuas ombreiras?
 Que representa tanta tabuinha em teus templos pintada?¹⁵⁰
 São estes sem dúvida os testemunhos da recuperada saúde
 que, por tua concessão, os piedosos olhos recebem. 10
 Tal como, logo após a tempestade, o belo Apolo, teu astro,
 aparece de certeza com mais fulgor que o costume,
 assim também, após o golpe do cirurgião e milhares de medicamentos,
 seria para mim agora muito mais grata essa tua saúde.
 Sara, pois, Luzia, este pobre vate; e enquanto 15
 eu, sarado, viver, serei teu e serei tua glória.

- Has uendat magno, caras num dicere possis,
 Quas per tot casus, totque pericla tulit?
 Idem uendat aquam care, si uenditur auro
 10 Quae nullo facili quaeue labore uenit,
 An liber est carus curarum pondere tanto
 Conditus: et tanto qui stetit aere mihi?
 Crede mihi fuluum multo est hoc uilius aurum,
 Indus et Eoo litore quicquid habet.
 15 Sed tibi carus adhuc post haec tamen esse uidetur,
 Nil des: sic fiet uilior asse tibi.

24

Ad Episcopum Eborensem

- Subtilis Scottus, Thomas grauis, eminent Occam
 Celsius attollens inter utrumque caput.
 Vtque gigantei nanus super ardua colli
 Pluta giganteo lumine totque uidet,
 5 Tertius haud aliter ueterum monumenta reuoluens,
 Ingenio est illis altior ipse suo.
 Eloquar audacter uerum doctissime praesul:
 Tu quae sunt istis singula solus habes.

25

Ad beatam Luciam

- Quam praebes aliis praebe mihi, diua, salutem
 Infirmisque oculis, uirgo benigna, faue.
 Te dignam Pater Omnipotens exaudit et inde
 Aegra salutifero lumina rore leuas.
 5 Quod non dant medici, quod non uis insita rebus,
 Hoc praestant oris dulcia uerba tui.
 Cerea quid sacros ornantia lumina postes,
 Quid picta in templis multa tabela notat?
 Nimirum acceptae sunt haec monimenta salutis,
 10 Quam capiunt oculi te tribuente pii.
 Vt certe apparet solito fulgentius astrum,
 Paulo post nimbos pulcher Apollo tuum,
 Sic post chirurgi ictus et medicamina mille,
 Nunc mihi multo esset gratior ista salus.
 15 Sana igitur miserum uatem, Lucia, tuusque
 Et tua dum uiuam gloria sanus ero.

26

Conformação

a Lúcio Flâmínio,¹⁵¹ que antes se chamava Silvestre¹⁵²

– Responde, Lúcio, cuja eloquência e talento
foram exuberantes durante a vida,
pois que no espelho divino tudo conheces,
porque te levou assim jovem a deplorável morte?
Ainda há pouco estavas na flor da vida e atingiras agora as culminâncias 5
de duas cátedras,¹⁵³ eis que partes da dupla cátedra expulso.
Quem, senão um sacrílego, calca aos pés as plantas nascentes?
Quem com mão cruel arranca os frutos ainda verdes?¹⁵⁴
Se isto vos foi permitido, ó cruel vontade da Parca,
nada existe que eu julgue não seja possível fazer-se. 10
– Eu, o Lúcio, eis-me aqui presente, enviado do céu olímpico,
para te responder: Deixa-te de mais lamentações,
pois, se tivesses a dita de ver o esplendor desta luz,
meu amigo, chamarias morte a esse vosso viver;¹⁵⁵
verias como o vosso dia jaz sob tamanha noite, 15
quanto dano trazem os ventos, nuvens, calor, inverno;
e como ele, num orbe sempre mudável para vós, mortais,
não regressa com vulto semelhante àquele com que chegou.
Qual de vós, por favor, tem aí um prazer sem mistura?
Ou a quem é concedido o mel sem o funesto fel? 20
E que há de duradouro, se tudo vos é dado por empréstimo
e sem estar sujeito a pagamento a dia apazado?
Uma vez que tudo vacila e está pendente de ténue fio,
que aproveita a alguém abundância, beleza, prestígio?
Portanto, vós sois uns miseráveis, ludíbrios do miserável mundo 25
a quem a Fortuna vira e revira com sua mão ligeira;
à volta de quem as doenças volitam em infesto turbilhão,
a quem rodeiam a dor, o medo e a continuada fadiga;
vós, que, oprimidos, pagais duros tributos a três senhores,
ai! ai! pelo exílio e por uma pesada escravidão; 30
a quem a voracidade do tempo transforma e a quem a trémula
velhice deforma e, enfim, a violenta morte arrebatava.
Ao contrário, nós, colocados do décimo orbe,¹⁵⁶
gozamos felizes, sem fim, do supremo e perpétuo bem.
Aqui a pátria está acima das nuvens e acima dos tempos; 35
aqui somos uma multidão piedosa, eternos jovens.
Porquanto, acima das trevas, o Olimpo dirige sem cessar
os roucos trovões e o puro e pacífico dia.

26

**Ad L. Flaminium, qui ante Silvester dicebatur,
Conformatio**

- Responde, Luci, cuius dum uita manebat,
 Eloquium exuberans ingeniumque fuit,
 Diuino in speculo tibi cum sint omnia nota,
 Cur mors sic iuuenem te miseranda tulit?
- 5 Qui modo florebas, geminaeque in culmina sedis
 Nunc ieras, gemina sede repulsus abis.
 Quis nisi sacrilegus nascentes proterit herbas?
 Poma quis immiti carpit acerba manu?
 Hoc licuit uobis crudelia numina Parcae.
- 10 Nil est quod fieri non ego posse putem.
 – Lucius en adsum tibi responsurus ab axe
 Missus olympiaco: Desine plura queri,
 Nam tibi si lucis splendor contingeret huius,
 Vestrum appellares uiuere, amice, mori;
- 15 Vestra dies quanta iaceat sub nocte uideres,
 Quam laedunt uenti, nubila, feruor, hiems;
 Semper inaequali uobis mortalibus orbe,
 Nec simili uultu quo uenit, illa redit.
 Cui uestrum est istic, rogo te, sincera uoluptas?
- 20 Cui mel luctifico uel sine felle datur?
 Et quidnam est proprium? Dantur nam mutua uobis
 Cuncta, nec ad certam persoluenda diem.
 Omnia cum titubent tenui pendentia filo,
 Quid prodest ulli copia, forma, decus?
- 25 Vos ergo miseri; miseri ludibria mundi,
 Quos Fortuna leui fertque refertque manu;
 Quos morbi uolitant infesto turbine circum,
 Quos dolor, atque metus, continuusque labor;
 Saeua tributa tribus dominis qui penditis, heu heu
- 30 Exilio oppressi seruitioque graui;
 Quos transformat edax tempus, uitiatque senectus
 Quos tremula et tandem mors uiolenta rapit.
 Orbe sed in decimo positi sine fine beati
 Nos summo fruimur perpetuoque bono.
- 35 Hic patria est supra nubes, et tempora supra;
 Aeterni iuuenes hic pia turba sumus.
 Nam supra tenebras et rauca tonitrua, purum
 Pacificumque diem semper Olympus agit.

Aqui o céu estende imensos campos numa vasta
 superfície, para permitir que vás para onde quiseres. 40
 E até poesia mais elevada do que a humana compomos:
 essa que o nosso Apolo aos seus vates inspira.
 Além disso o pastor apascenta as ovelhas em florente pastagem,
 e no interior do corpo há um espírito que por dentro as alimenta.¹⁵⁷
 E a entrada para aqui não se abre a quem não traga veste nupcial.¹⁵⁸ 45
 Por isso, a capa cândida deve ornamentar teus ombros.”
 Dito isto, o jovem avança em rápido voo em direção aos astros
 e regressa à união e à assembleia do coro sagrado.

27

Acerca de Marcial

Julgava o nosso Ibero¹⁵⁹ que os versos são uma inócua
 brincadeira. Mas ele chama brincadeira a um terrível veneno.¹⁶⁰
 Qual é o sensato que deseja brincar com uma áspide de Faros,¹⁶¹
 ou com os dentes ou as garras de um terrível leão?
 Ora, sibila dentro de nós uma paixão mais atroz que a serpente, 5
 e um rugido e raiva maiores do que os provocados pela fúria do leão.
 Se alguém tem gosto por tais monstros, cobiça alimentá-los
 com prurido jocoso, com gracejos e delícias,
 para que, como Hipólito, a razão invencida seja arrastada por um par
 de monstros, e não os governe, mas sejam eles a governar.¹⁶² 10
 Pelo contrário, à parte piedosa é concedida total indulgência
 para que ela dome com freio e algemas os poderosos monstros.
 Na verdade são mais ajustados a eles os jejuns, o cárcere,
 os açoites, a cruz, os castigos, as algemas, a cadeia, a dor.

28

**Dístico de um certo poeta¹⁶³
 contra os versos bárbaros de uns tantos juristas**

Tu descobres, por entre cada palavra, pudores piérios¹⁶⁴
 para os quais Febo se está mijando e as Piérides se estão cagando.¹⁶⁵

29

O português Aires Barbosa a este poeta

Não digas que Febo se está urinando, ele que contempla coisas divinas;
 nem atribuas às deusas¹⁶⁶ a vergonhosa obra que vem a seguir.

- Hic caelum immensos diffuso uertice campos
 40 Explicat, ut liceat qualibet ire uelis.
 Altius humano carmen quoque pangimus, illud
 Vatibus inspirat noster Apollo suis.
 Idem pascit oues florenti gramine pastor,
 Corpus et interius, spiritus intus alit.
 45 Nec patet huc aditus sponsali ueste carenti.
 Ergo umeros decoret candida palla tuos.”
 His dictis celeri iuuenis petit astra uolatu,
 Et repetit sacri uincla manusque chori.

27

De Martiale

- Credidit innocuos lusus sua noster Iberus
 Carmina. Sed lusus toxica saeua uocat.
 Aspide cum Pharia sanus quis ludere? uel cum
 Vnguibus aut saeui dente leonis auet?
 5 Sibilat in nobis atrocius angue cupido,
 Maius et ira furens quam leo murmur agit.
 Talia monstra sapit siquis, nutrire iocoso
 Pruritu et salibus deliciisque cupit,
 Vt, tanquam Hippolytus, ratio male uicta trahatur
 10 A monstis geminis, nec regat, illa regant.
 Quin datur ista piaie tota indulgentia parti,
 Vt freno ac ualida compede monstra domet.
 Apta magis nam sunt illis, ieiunia, carcer,
 Verbera, crux, manicae, poena, catena, dolor.

28

**Distichon cuiusdam poetae
 in uersus barbaros iurisperitorum nonnullorum**

- Pierios cernis per singula uerba pudores,
 Quos Phoebus mingit Pieridesque cacant.

29

Arius B[arbosa] L[usitanus] ad hunc poetam

- Meiere ne dederis Phoebo diuina tuenti,
 Nec des quod sequitur, turpe deabus opus.

As divindades não são tão mesquinhas. Tomara eu, pois, meu poeta,
acrescentar a esses versos um poema¹⁶⁷ de igual categoria.

Não queiras, culta juventude, admirar um carne rude. 5

Não é isso que tu cantas, Febo, nem nenhuma das nove irmãs.¹⁶⁸
Vede como sobre este papel mijou a reles criadagem,¹⁶⁹
e como tu, arraia bárbara de Olixá,¹⁷⁰ obraste tal coisa.

30

Acerca das insígnias da família dos Barbosas

Surge da guerra uma donzela, a Paz, transportando seus troféus;
E a meia-lua ensina a tender para o meio.¹⁷¹

31

Ao seu familiar Tiago

Acaso pode um Barbosa restaurar o prestígio antigo,
tal como a Lua pode voltar à fase do seu plenilúnio?¹⁷²

32

Por que razão usa nomes fingidos

Quando repreendo os maus, então forjo seus nomes; mas quando
louvo os bons, cada um ressoa com seu próprio nome.

É que louvar os bons é dos bons a suprema glória,
e nesse caso não é necessário falar com face mascarada.

E tal como este louvor com seus estímulos a juventude incita, 5
assim também a desonra, ao contrário, a retira dos vícios.

Mas quem censura, num poema difamatório, os nomes verdadeiros
é condenado pela lei de Deus¹⁷³ e pela lei de Drácon.¹⁷⁴

“A antiga comédia”, dir-se-á, “não liga a isso”. Nós o reconhecemos:
ela é cega, não favorável, no seu tempo; cega nas trevas do Caos.¹⁷⁵

33

Contra Vejentão e Estilicão¹⁷⁶

Chamem ao gordo Vejentão um Mistilo, com razão;
mas que Estilicão seja dito o seu Taratala.¹⁷⁷

Como nele, há nesse uma barriga dilatada pelo abdómen.

Mas esse é anão, uma metade de homem, e ele é um homem.

Elle, como Polifemo,¹⁷⁸ desdenha do seu amigo; 5

esse, erguendo-se nos bicos dos pés, o seu admira.

Non superi sunt tam miseri. Superaddere carmen
 Versibus ergo illis tale, poeta, uelim.
 5 Noli mirari carmen rude, culta iuuentus.
 Non hoc, Phoebe, canis; nec soror ulla nouem.
 Hanc perminxerunt calones, cernite, chartam,
 Barbaraque Olyxae turba cacastis opus.

30

De insignibus familiae Barbosarum

E bello pax uirgo exit sua munera gestans,
 Et media ad medium tendere luna docet.

31

Ad Iacobum cognatum

An Barbosa decus nouare priscum,
 Sicut luna potest redire plena?

32

Cur fingat nomina

Cum reprehendo malos, tum fingo nomina; sed cum
 Laudo bonos, proprio nomine quisque sonat.
 Nam laudare bonos est gloria summa bonorum,
 Nec personato tunc opus ore loqui.
 5 Incitat et pubem ueluti calcaribus haec laus,
 Vt contra retrahit dedecus a uitiiis.
 Verum lege Dei damnatur, lege Draconis
 Nomina famoso carmine uera notans.
 "Negligit id", dices, "comoedia prisca". Fatemur:
 10 Caeca suo haud felix tempore, caeca Chao.

33

In Veientonem et Stiliconem

Mistyllus merito pinguis Veiento uocetur;
 Dicatur Stilico sed Taratalla suus.
 Isti uenter inest abdomine tardus ut illi.
 Iste tamen nanus semiuir, ille uir est.
 5 Despicit ille suum ueluti Polyphemus amicum;
 Erectus digitis suspicit iste suum.

Ambos iguais na pátria, ambos com o mesmo feito.
 Com eles não se comparam nem Teseu nem Pirítoo,
 pois que, além de nestes correr o mesmo sangue, a ambos
 trespassa e domina o mesmo cravo do amor.¹⁷⁹ 10

Aqueles não trazem Deus no coração, nem o pudor estampado na face;
 ela está vazia do rubor da vergonha; e o coração, do temor de Deus.
 Se estas duas coisas retiras ao homem, este vira uma feroz bicha de Lerna.¹⁸⁰
 Se lhas concedes, então ele transforma-se na imagem do seu Criador.
 Dantes, era um barro mole, cru, informe; mas é desse barro 15
 que tu, ó Cristo, fazes o nobre vaso da etérea mesa.
 O sopro sagrado coze com seu fogo toda a humidade do vaso.
 Assim, para onde quer que ele caia, tal vaso ressoa bem.¹⁸¹
 Eles ignoram estas coisas, porque, assim creio, aos filhinhos
 criados por mãe desonesta foi dado conhecer desonestidades. 20
 Si quiseres rir, escuta: eles procuram alcançar os banquetes
 e as mesas e a conversa daqueles homens,
 a quem a tia materna concubina fez consanguíneos,
 ou a quem a mãe concubina fez de igual sangue.
 Repara que em ambos tudo está em total consonância, 25
 quer pretendas contemplar a sua alma, quer seus corpos.
 Tamanha é, pois, a concórdia de vida que resulta dos gémeos.
 Mas porque ocupam eles o Capricórnio no seu nascimento?¹⁸²

34

O verdadeiro amor

Tal como apenas a fímbria mostra bem o seu pano ao comprador,¹⁸³
 assim também, em poucas palavras, define os varões este epigrama
 que eu escrevi para que os homens evitem as más alianças
 de uma falsa paz e a penhora de uma injusta amizade.
 Não há verdadeiro amor sempre que um círculo de iguais costumes 5
 os iguais arrasta: é também assim que o corvo ama o corvo.¹⁸⁴
 E o ladrão é amigo do ladrão,¹⁸⁵ e o parasita amigo do seu colega.
 Enfim, cada um favorece a si próprio e não a outrem.
 Tal amizade não traz adorno, antes veste indignamente os que ama
 quando detêm os símbolos do direito sagrado. 10
 O Rei das Alturas, ao organizar a festiva união conjugal
 de seu filho, vem em pessoa à alegre boda.
 Ele vê aqui alguém estando à mesa sem a veste nupcial¹⁸⁶
 e assim fala contra ele trovejando de voz inflamada:
 “Quem é que ousa sentar-se às nossas mesas 15
 vestindo diferente, e comer no banquete festivo, a destoar?”

- Ambo pares patria, sunt iisdem moribus ambo.
 His non sunt Theseus Pirithousque pares,
 Nam praeter guttas cognati sanguinis, ambo
 10 Transfixos, idem clauus amoris habet.
 Haud Deus in corde, in facie pudor inditus haud est.
 Ista rubore uacat, corque timore Dei.
 Quae duo si demas homini, fera belua Lernae est.
 Si des, artificis tum fit imago sui.
 15 Molle erat ante lutum, crudum, deforme; sed illud
 Vas mensae aetheriae nobile, Christe, facis.
 Igne coquit sanctum uasis cuncta umida flamen.
 Sic quocumque cadat, uas bene tale sonat.
 Ista illi ignorant, credo quia matre creatis
 20 Filiolis turpi, turpia nosse datum est.
 Si ridere uoles, audi. Conuiuia captant
 Illorum et mensas colloquiumque uirum,
 Quos consanguineos fecit matertera moechans,
 Vel fecit mater sanguine moecha pari.
 25 Consentire putes amborum cuncta superne,
 Cernere siue animum, corpora siue uelis.
 A geminis igitur tanta est concordia uitae.
 In genesi sed cur Aegocerota tenent?

34

De uera caritate

- Sola uelut pannum bene fimbria monstrat ementi,
 Indicat hoc breuiter sic epigramma uiros.
 Quod scripsi ut fugiant homines mala foedera falsae
 Pacis, et iniustae pignus amicitiae.
 5 Non est uerus amor, parium trahit orbita morum
 Quando pares: coruum sic quoque coruus amat.
 Praedoque praedoni; simili est parasitus amicus.
 Inque alio haud illi sed sibi quisque fauet.
 Talis amicitia haud ornat, sed uestit amantes
 10 Turpiter, ut sacri symbola iuris habent.
 Festa suo excelsus cum uincla iugalia nato
 Necteret, ad laetos rex uenit ipse toros.
 Sponsali quendam uidet hic sine ueste iacentem,
 In quem flammato sic ait ore tonans:
 15 Audeat ut quisquam nostris accumbere mensis
 Discolor? et festas dissonus esse dapes?

Acaso não brilha o noivo coa candura da sua esplêndida capa?
 E não ocupa cada um, com a mesma candura, o seu rico leito?
 Saia daqui aquele desavergonhado e, enclausurado no cárcere,
 chorando e gemendo, no Inferno este crime expie.” 20
 Se, pois, a veste da divina e verdadeira amizade lhe é negada,
 torna-o um desgraçado; se concedida, fá-lo feliz.
 O espírito sagrado a derrama com dádivas celestes,
 e quem quer que dela careça é compelido a sair pra fora.
 Por isso a vera paixão é aquela que se abrasa em amor por Deus e que, 25
 ao invés, se abrasa em amor por tudo o mais, por causa de Deus.
 Procurai, ó piedosa multidão dos devotos de Cristo,
 esta veste esponsal que tamanhas dádivas pode oferecer.

35

Contra certos ignorantes cheios de soberba

A bárbara multidão venceu há pouco as falanges piérias:
 daqui a pouco, ó atrevida barbárie, hás de cair vencida.
 É que a Fortuna, sempre volúvel na sua roda determinada,
 vira e revira para aqui e para ali desvairadas vicissitudes.¹⁸⁷

36

A certo poeta louvador dos ignaros das Musas¹⁸⁸

Ó meu vate, celebra doutissimamente os doutos. Na verdade,
 por que razão a bárbara multidão desinquieta as tuas Musas?
 Porque cantas aos asnos suavíssimos poemas,¹⁸⁹ ou porque semeias
 tua palavra no areal da praia?¹⁹⁰ Acaso dás Falerno¹⁹¹ a um cachorro?

37

A Marcial

Ó requintado Marcial, ornamento do orbe
 hispano, e ingente glória do rio Salão,¹⁹²
 nada existe mais perfeito nem mais elegante do que tu,
 e nada existe mais douto ou mais latino.
 Julgue que nasceste no meio da Subura¹⁹³ 5
 quem não sabe que nasceste no nosso Ebro.
 Tão raro é o teu saber e tão harmoniosos
 os versos que fazes, misturando o sal latino
 com a finura cecrópia.¹⁹⁴ E que vate
 dos primeiros de Roma exprimiu os sais 10

Nonne nitet sponsus pallae candore nitentis?
 Nonne pari quisquis fulcra beata tenet?
 Exeat ille pudore uacans, et carcere clausus
 20 Hoc scelus inferno flensque gemensque luat.
 Ergo negata facit miserum, concessa beatum
 Diuinae et uerae uestis amicitiae.
 Spiritus hanc fundit sanctus caelestia dantem,
 Qua quicumque caret, cogitur ire foras.
 25 Quare uera Deum dilectio flagrat amatque,
 Cetera sed propter flagrat amatque Deum;
 Hanc petite, o uotis Christum pia turba colentes,
 Sponsalem uestem, quae dare tanta potest.

35

In quosdam indoctos superbientes

Barbara Pierias uicit modo turba phalanges;
 Improba barbaries postmodo uicta cades.
 Semper enim in certo Fortuna uolubilis orbe
 Huc illuc uarias fertque refertque uices.

36

Ad quendam poetam "amusoys" laudantem

O uates, doctos celebra doctissime. Nam cur
 Sollicitat musas barbaras turba tuas?
 Cur asinis cantas suauissima carmina, curue
 Litoribus loqueris? Dasne Falerna cani?

37

Ad Martialem

Hispani deus orbis, et Salonis
 Ingens gloria culte Martialis,
 Nil te exactius est, disertiusue,
 Sed nec doctius est Latiniusue.
 5 Natum te media putet Subura
 Nostro non genitum sciens Ibero.
 Tam rarum sapis et facis rotundos
 Sic uersus, Latium salem lepore
 Miscens Cecropio. Quis et priorum
 10 Romanae proprius sales Mineruae

de Minerva com mais justeza ou saber?

Fique espantado Catulo ao ler-te

a ressoar com teu plectro, doce

e não cansativo, antes claro e fácil.

Mas há uma só coisa que os mais severos, 15
com justiça, têm por vício nos teus livros:
tu crês que teus versos só agradam
se não tiverem pudor e causarem prurido.

Escuta, sapiente varão, adverte natura e razão 20
que se cale o que deve ficar encoberto.

Diz-me, por favor, que homem honesto

deu o valor de um único centil a todas as insolências,

obscenos prazeres, palavras picantes e gracejos

de um farcista ou uma meretriz, ou de um devasso?

E pensavas tu que os teus se tornariam de mais valia, 25

se, sempre que brilhas com um peculiar prestígio

quando Priapo¹⁹⁵ tuas Musas enfeita,

fosses com um Priapo nu pelo meio do Fórum:

não o farias, teu pudor o impediria.

Por isso cobres as partes pudendas mais com tuas vestes 30

do que com tua língua miserável, leviana, atrevida.

Poeta, alegra-te com o pudor virginal,

pois do virginal cortejo és sacerdote.¹⁹⁶

38

Contra o filosofastro Escaravelho¹⁹⁷

Ris-te dos oradores e poetas e, enfim, desprezas

todos quantos cultivam os mistérios das Musas.

Tal como o vulgo inculto foge dos que mascam o louro,¹⁹⁸

também tu, Escaravelho, evitas os gramáticos.

Árvore de fronde aromática não é tocada por ti, que, 5

sendo coprófago, costumavas comer coisa fétida.¹⁹⁹

39

Contra o mesmo

O viandante exausto pela muita e difícil canseira,

ao procurar num qualquer rio onde beber,

não tendo conseguido água numa corrente pura,

mal encontrou uma imunda, logo dela bebeu.

- Vates exprimit, eruditiusue?
 Te doctus stupeat legens Catullus
 Dulci pectine nec laborioso,
 Sed claro facilique personantem.
- 15 Est unum tamen, id seueriores
 Iuste dant uitio in tuis libellis:
 Credis uersiculos nisi impudicos,
 Solos, ac nisi pruriant, iuuare.
- Audi, uir sapiens, monet taceri
- 20 Natura et ratio tegenda quae sunt.
 Quis quaeso ingenuus procacitates,
 Obscenas ueneres, sales iocosque
 Scurrae, uel meretricis, aut cinaedi
 Omnes unius aestimauit assis?
- 25 Et pluris fieri tuas putasti,
 Si, tum laude nites peculiari,
 Cum Musas decorat tuas Priapus,
 Nudo per medium forum Priapo
 Ires: non faceres, pudor uetaret.
- 30 Veste ergo potius tegis pudenda,
 Quam lingua misera, leui, procaci.
- Gaude uirgineo pudore uates,
 Cum sis uirginei chori sacerdos.

38

In Cantharum philosophastrum

- Rhetoras et uates rides et denique cunctos
 Musarum spernis qui sacra cumque colunt.
 Vt fugit indoctum uulgus, sic, Canthare, uitas
 Qui laurum mordent, tu quoque grammaticos.
- 5 Arbor odoratae frondis non tangitur a te,
 Qui mordere soles fetida coprophagus.

39

In eundem

- Difficili exhaustus multoque labore uiator,
 Pocula cum e quouis quaereret amne sibi,
 Non exceptata sinceri gurgitis unda,
 Quam primum immundam repperit ille bibit.

Com a garganta cheia de lodo lamacento e mal cheiroso, 5
 água mais pura não teria ali nenhum lugar.
 Porque te ris, Escaravelho? É de ti que fala a minha fábula,
 de ti a quem apenas agrada sorver água do lodo.

40

Contra o mesmo

Apesar de ensinares sabedoria, porque repeles, Escaravelho, os membros
 da sabedoria? Ou porque renegas aquilo que ao teu múnus compete?
 A gramática é parte da sabedoria e é profunda poesia,
 tanto que o vosso Aristóteles ensinou uma e outra; 5
 e, todavia, porque se há de chamar bárbaro ao vosso Aristóteles,
 ao vosso, uma vez que ele até tem semelhança convosco?
 Todo o que bebe a sabedoria através de parcelas e não na inteira
 corrente, esse é um tagarela, esse apenas arma em sábio.²⁰⁰

41

À jovem erudita Inês²⁰¹

A fénix é ave rara, não vista através do nosso orbe.²⁰²
 Tu respondes: “Mais raro do que ela és tu a procurar nossa casa.”
 “Acaso, Aires,” – dizes tu – “te dominou o esquecimento de mim?
 Ou, acaso, eu mereci tornar-me em coisa vil para ti?”
 Porventura eu esquecido de ti, ou que tu, Inês, sejas mais vil 5
 para mim?! Eu não tenho, assim tanto, fibra córnea,²⁰³
 nem foi tigre que me amamentou;²⁰⁴ antes, quem me arrancou
 do úbere e me nutriu com seu leite foi Caliopeia.²⁰⁵
 Nem Titan²⁰⁶ modelou para mim um peito horrendo
 das rochas do Cáucaso, mas do melhor barro.²⁰⁷ 10
 Quando ausente, dominas meu pensamento. Se pudesses
 estar presente, ele havia de contemplar-te a toda a hora.
 Coração de ferro seria aquele a quem a tua idade não vencesse,
 uma idade acumulada de prendas de toda a espécie.
 Juno concedeu-te um rosto grave, e a áurea Vénus²⁰⁸ um vulto alegre; 15
 e o que mais espanta é que Minerva²⁰⁹ é toda tua.
 Por isso, quem não desejaria falar contigo, e fruir
 por mil anos a tua beleza e tua conversação?
 Ainda que eu esteja imerso em cuidados, meu cuidado por ti,
 casta donzela, há de levá-los consigo ao teu refúgio. 20

- 5 Limosi caeni ac fetentis gutture pleno
 Illic nullum habuit purior unda locum.
 Canthare, quid rides? Loquitur mea fabula de te,
 Caenosae tantum cui placet haustus aquae.

40

In eundem

- Cum sophiam doceas, sophiae cur membra repellis,
 Canthare? Curue tuo munere digna negas?
 Grammaticae sophiae pars est atque alta poesis,
 Illam atque hanc docuit uester Aristoteles;
 5 Quamquam cur uester dicatur, barbarus, et cum
 Sit uestri similis uester Aristoteles?
 Quisquis per partes sophiam non flumine toto
 Ebibit, ille loquax, ille docesisophos.

41

Ad Agnetem eruditam uirginem

- Rara auis est phoenix nostrum non uisa per orbem.
 "Rarior hac", inquis, "limina nostra petis.
 Num te", dicis, "Ari, subiere obliuia nostri?
 Aut tibi uilis ego num merui fieri?"
 5 Oblitusne tui, uel tu mihi uilior Agnes
 Vt sis?! Non adeo cornea fibra mihi est.
 Nec me lactauit tigris, sed ab ubere raptum
 Nutriuit succo Calliopea suo.
 Nec mihi Caucaseis pectus de cautibus horrens,
 10 Sed finxit Titan de meliore luto.
 Te tenet absentem mea mens. Visura per horas
 Te cunctas praesens, si licuisset, erat.
 Ferreus ille foret, quem non tua flecteret aetas,
 Aetas omnigenis accumulata bonis.
 15 Iuno grauem tribuit, laetum Venus aurea uultum;
 Quodque magis mirum, tota Minerua tua est.
 Ergo te affari quis non optarit, et annos
 Mille tua forma colloquioque frui?
 Sim licet immersus curis, tua cura mouebit
 20 Has simul in portum casta puella tuum.

42

**A razão por que a latinidade não é bem ensinada
por aqueles que vulgarmente são chamados artistas²¹⁰**

Quando o sagrado leito da sabedoria fluía em corrente pura²¹¹
 e ainda não ia emborrascado em águas lamacentas,
 ligado ao rio Permesse²¹² e banhando o Hélicon, irrigava,
 com suas águas limpas, Aristóteles e a escola socrática.²¹³
 E a mesma parte sábia, a mesma parte facunda²¹⁴ queriam 5
 entrançar seus enfeitados cabelos com as frondes de Febo.²¹⁵
 Mas, depois que o bárbaro profanou a sábia Atenas,
 e o fero Godo os itálicos reinos perverteu,
 Musas e sabedoria seus rios dividiram,
 e um e outro já não correm misturados como dantes. 10
 Na verdade, um é levado por entre asperezas em lamacento remoinho,
 enquanto a corrente do outro pura e doce se mantém.
 “Acaso”, dir-se-á, “entre os muitos varões que a nossa idade exalta
 não há ninguém ilustre que num e noutro navegue em simultâneo?”
 Apoiado no peito socrático e dourado na língua 15
 de Platão, embebido na voz da garganta do Arpinate,²¹⁶
 esse é ave rara na Terra, qual Pico de Mirândula;²¹⁷
 ou o famoso Bárbaro,²¹⁸ da barbárie inimigo;
 ou Ângelo,²¹⁹ pois que, entre aqueles antigos, não cede o seu lugar;
 ou Teixeira,²²⁰ esperança e glória da minha terra. 20
 Mas volto ao ponto donde parti. O sábio ensinava os elementos:
 foi assim que o general de Péla em criança os bebeu.²²¹
 Mas agora o sábio até ensinará melhor os elementos,
 isto é, a falar em sarmático²²² ou em barbárico!

43

Epitáfio de uma ínclita rainha²²³

Estou sepultada neste sarcófago, eu, uma rainha que
 a poderosos venci: mas, a mim, me venceu Libitina.²²⁴

44

**Ao célebre doutor em ambos os Direitos,
Martim de Figueiredo²²⁵**

Comporta o Oceano tantos rios da magna Terra,
 e não fica menor quando tantas águas dele se difundem.²²⁶

42

**Quod Latinitas non bene discitur ab his
qui uulgo artistae uocantur**

Cum flueret sophiae puro sacer alueus amni
 Necdum caenosis turbidus iret aquis,
 Permessio iunctus lustransque Helicona rigabat
 Mundus Aristotelem Socraticamque domum.
 5 Parsque eadem sapiens, eadem facunda, uolebat
 Phoebeia cultas nectere fronde comas.
 Barbarus at postquam doctas uiolauit Athenas,
 Euertitque ferox Itala regna Gothus,
 Diuisere suos Musae et sapientia riuos,
 10 Vtque prius iam non mixtus uterque fluit.
 Namque hic per salebras lutulento gurgite fertur,
 Pura sed illius, dulcis et unda manet.
 “Nemone de multis”, dices, “quos extulit aetas
 Nostra uiros, clarus praestat utrumque simul?”
 15 Pectore Socratico fultus, linguaque Platonis
 Aureus, Arpini gurgitis ore madens,
 Rara auis in terris, qualis Mirandula Picus,
 Barbariae aut hostis Barbarus ille fuit,
 Angelus aut priscis cedens quia non sit in illis,
 20 Aut Tesseira mei spesque decusque soli.
 Sed redeo unde abii. Sapiens elementa docebat:
 Pellaeus ductor sic bibit illa puer.
 At nunc uel melius sapiens elementa docebit,
 Hoc est Sarmatice, barbariceue loqui!

43

Epitaphium inclitae reginae

Condor in hoc ego sarcophago regina, superbos
 Quae uici: uicit me Libitina tamen.

44

**Ad celebrem utriusque iuris doctorem
Martinum Figueretum**

Sugerit Oceanus magnae tot flumina terrae:
 Ex se diffusis nec minor est tot aquis.

E quando eles todos de novo regressam, não podem
 tornar maiores as enseadas de seu pai.
 Porque não hei de comparar-te, meu tio doutor, ao Oceano? 5
 Quanta não é a tua erudição! E quanta a bondade tua!
 Porquanto, se é difundida para muitos, nunca ela decresce,
 e em ti não cresce sempre que vem derramada de volta.
 Em ti resplandece a própria imagem do bem supremo,
 ao qual nada se pode juntar nem subtrair. 10
 E embora os outros dimanem daí, mas em vastas fontes,
 aqui o meu riacho sai com exígua água.
 E embora seja difícil que este, mais árido, encha um módico vaso,
 ele sabe bem reconhecer o seu Oceano, donde ele flui.

45

Ao poeta Lourenço²²⁷

Em teu louro, Febo,²²⁸ bons carmes cantou Lourenço:
 portanto, ele é digno da honra do teu louro.²²⁹

46

Dístico do português Aires Barbosa

Em teu louro, Febo, seus carmes cantou Lourenço:
 portanto, ele é digno da honra de seu nome.²³⁰

47

Outro do mesmo

Bons carmes, Febo, cantou teu cisne Lourenço.²³¹
 Portanto, ele é digno da honra do teu louro.

48

Advertência aos jovens que vão votar

Eis que vemos sábios varões a concorrerem a uma cátedra.
 São sem dúvida célebres e exímios varões.
 Um conhece o direito civil, outro domina a ilustre matemática,
 outro blasona a plenos pulmões o seu saber filosófico.
 Concedemos e concederemos tudo isto e tudo quanto, mais ou menos, 5
 quiserem, se lhes parecer reclamar ainda mais do que isto.
 Digo mais: eles podem simular um cipreste na tabuleta da proa,
 que, depois do naufrágio, a barca o trará, de volta, encharcado.²³²

Rursus et illa sui repentia cuncta parentis
 Reddere maiores non potuere sinus.
 5 Comparem ego Oceano te, doctor auuncule, cur non?
 Quae doctrina tua est! Quae tua uel bonitas!
 Fusa etenim in multos nunquam decrescit, et in te
 Non crescit quoties illa refusa uenit.
 Ipsa boni supremi in te resplendet imago,
 10 Cui nihil apponi diminuiue potest.
 Cumque alii manent, uastis sed fontibus istinc,
 Hic meus exigua riuulus exit aqua.
 Qui licet aridior modicam uix impleat urnam,
 Oceanum unde fluit, scit bene nosse suum.

45

Ad Laurentium poetam

Phoebe, tua in lauro cecinit bona carmina Laurens:
 Est ergo lauri dignus honore tuae.

46

Arii Barbosae Lusitani Disti[chon]

Phoebe, tua in lauro cantauit carmina Laurens:
 Nominis est ergo dignus honore sui.

47

Aliud eiusdem

Phoebe, tuus cygnus cecinit bona carmina Laurens.
 Est ergo lauri dignus honore tuae.

48

Paraenesis ad iuuenes suffragia daturos

Ecce uiros doctos cathedram petiisse uidemus.
 Sunt sane celebres eximique uiri.
 Iura poli hic nouit, claram tenet ille mathesin,
 Hic pleno sophiam personat ore suam.
 5 Haec damus et dabimus, fuerint adposcere uisi
 Si plura his, quicquid plusue minusue uelint.
 Addo quod in tabula possint simulare cupressum,
 Quae fracta madidum naufraga puppe uehat.

Mas, quanto à cátedra? Ela declina os nomes, conjuga
os verbos e ensina apenas o primeiros elementos; 10
os primeiros rudimentos e as regras da concordância,
para que cada frase venha no seu próprio lugar.
Enfim, ensina apenas os primórdios da língua romana,
não as causas das cousas, o seu peso, a sua justeza.²³³
Acaso deve o jovem Hilas²³⁴ ser levado através dos ermos da altiva 15
Urânia,²³⁵ ou pelos pedregosos caminhos da exímia sabedoria?
Não: porque aos ânimos infantes convém avançar
mais brandamente pelas plácidas colinas e amenos vergeis.
Jovens, deixai aos Césares os seus direitos, e deixai a Deus
os direitos que a Deus celeste pertencem.²³⁶ 20

49

A um certo discípulo²³⁷

– “Ó cruel progenitor”, me diz meu filho, “por que razão eu, teu filho,
suporto duros flagelos da tua parte, meu pai?”
– “Tu chamas flagelos, meu filho, aos cargos confiados ao irmão
que, por ser o primeiro no tempo, é com justiça o primeiro?
E é primeiro doutra maneira: a ensinar os primeiros elementos 5
e a ir e voltar por caminhos fastidiosos
e a inculcar nos garotos, lendo dez vezes a mesma matéria,
e a suportar mil fastientas declinações.
Eu disse ‘suportar mil’: direi mesmo ‘dez vezes cem mil’.
Seja a sua própria glória o suportar tudo isto. 10
O que afastou alguns da dureza da cátedra foi este encargo,
esta insuportável sujeira, esta náusea, esta porcária, este fardo.
Aos restantes, deu cabo deles uma tão dura moléstia: o duro,
insano e desgraçado trabalho gramatical.
Mas o peito de um nosso tem decerto a dureza do diamante, decerto 15
a dureza do ferro; e couve requentada não é coisa que o mate.²³⁸
Acresce ainda que o pai deve a este aquilo que outrora Anquises
ficou devendo a seu filho,²³⁹ e Cipião ao seu.²⁴⁰
Com efeito, tal como, carregando seu pai na cerviz e aos ombros,
um, considerado filho de Jove,²⁴¹ e o outro como seu neto,²⁴² 20
conquistaram eterna glória, assim também este meu filho, quando
de todo o lado bárbara multidão atacava com armas esta minha cabeça,
irrompeu intrépido pelo meio da chusma e tirou do meio
do inimigo o seu pai já quase à beira da morte.
Por isso, a quem mais merece mais devemos, mas eu gostaria 25
de vos oferecer, a vós mesmos, também as maiores dádivas.”

Quid tamen ad cathedram? Declinat nomina, uerba
 10 Coniugat, et solum prima elementa docet.
 Prima rudimenta et regimen, concorditer utque
 In proprium ueniat dictio quaeque locum.
 Denique Romanae tantum primordia linguae,
 Non causas rerum, pondera, iura docet.
 15 Num ducendus Hylas puer est per deuia celsae
 Vrania, aut salebras eximiae sophiae?
 Non: quia per placides colles et amoena uireta
 Infantes animos mollius ire decet.
 Reddite Caesaribus iuuenes sua iura, Deique
 20 Caelestis quae sunt reddite iura Deo.

49

Ad discipulum quendam

– “O genitor crudelis”, ait mihi filius, “abs te
 Cur natus patior saeua flagella, pater?”
 – “Saeua flagella uocas, fili, data munera fratri,
 Qui prior est quoniam tempore, iure prior?
 5 Ac prior est aliter, quia prima elementa docere,
 Et fastiditis ire redire uiis,
 Et decies pueris eadem inculcare legendo,
 Et declinando taedia mille pati.
 ‘Mille pati’ dixi; ‘decies uel milia centum’.
 10 Hoc huius proprium sit tolerare decus.
 Expulit a cathedra dura haec prouincia quosdam,
 Haec sentina grauis, nausea, paedor, onus.
 Occidit reliquos tam dura molestia, durus,
 Improbos, infelix grammaticusque labor.
 15 Pectora sed nostri sunt certe adamantina, certe
 Ferrea, quem crambe nec repetita necat.
 Adde quod huic debet genitor quod debuit olim
 Anchises nato, Scipio quodque suo.
 Sicut enim ceruice ferens umeroque parentem
 20 Filius iste Iouis creditus, ille nepos,
 Aeternum meruere decus, sic undique telis
 Cum nostrum hoc peteret barbara turba caput,
 Hic meus intrepide rumpens media agmina iamiam
 Confectum e medio sustulit hoste patrem.
 25 Quare plus merito debemus plura, sed ipsis
 Vellem etiam uobis maxima dona dare.

Aqui está como eu me desdubro em amor pelos meus filhos, e gostaria de derramar benesses com largueza em cada um. Mas a túnica está mais perto do corpo que o manto;²⁴³ e os Pelasgos²⁴⁴ dizem com acerto: *“E o Joelho está mais perto da perna, do que a barriga”*²⁴⁵ 30

50

A D. Sancho,²⁴⁶ acerca do perjuro Autólico²⁴⁷

Sancho, ó ilustríssima geração dos reis de Espanha,
 que por direito regeis as praças da nossa Universidade,
 ao longo de muitos anos se guarda um respeitoso costume
 que nem o grande Atlas²⁴⁸ ousaria romper:
 diante dos velhos os jovens levantam-se, e quem é mais novo 5
 cede o lugar à honra, para que o velho ocupe o melhor lugar.
 Mas Autólico, um homúnculo, violou esta lei.
 Esse, sem nenhuma vergonha na cara, perjura descaradamente.
 Se os semi-homens rompem assim as leis que em vós têm seu protetor,
 dizei-me por favor: o que farão os homens inteiros? 10

51

A M. Valério Marcial²⁴⁹

Citaste, Marco, uns versitos lascivos de César
 Augusto²⁵⁰ para com eles dar cobertura aos teus.
 Quem era então violento, favorito, ladrão, devasso, assaltante,
 não era Augusto, mas o triúnviro Octávio.²⁵¹
 É que este começou tarde a receber o nome de Augusto, 5
 no tempo em que o amante de Gláfira partiu desta vida.²⁵²
 Tapas coa tua veste as partes pudendas: porque as não tapas também
 coa pele da tua língua? Acaso a língua tem menos pudor que a veste?
 Sempre que uma jovem vê os corpos desnudos das meretrizes,
 põe as mãos sobre seus olhos, aperta-os e tapa-os.²⁵³ 10
 Mais: perante palavras obscenas, a natureza dela contrapõe-lhes
 o rubor da face, desejando apagá-las como coisa depravada.
 E além disso, ela teme a culpa, condenando-se, em seu parecer,
 a si própria e mostrando, com tal indício, que é ré.
 Acresce que a venerável, a dócil razão, dentro de nós, dita e exige 15
 que o encubras, e se isto desvelares serás repreensível.
 Essa centelha veio-te do supremo Tonante;²⁵⁴
 em ti brilha a aura da luz divina.²⁵⁵
 Tu sentes que esta é uma espécie de parcela do Céu Supremo,
 ela que é companheira do gentio, do judeu e do cristão. 20

En ego natorum diducor amore meorum,
 Inque uelim cunctos fundere largus opes.
 Sed tunica est palla propior, recteque Pelasgi:
 30 ἔστι δὲ καὶ κνήμης ἔγγιον αὐτὸ γόνυ.”

50

Ad. D. Sancium de Autolyco peierante

Regum Hispanorum soboles clarissima Sanci,
 Gymnasii nostri qui fora iure regis,
 Seruatur multos pia consuetudo per annos,
 Quam non auderet rumpere magnus Atlas:
 5 Assurgunt senibus iuuenes, et cedit honori
 Iunior, ut uetulus sit meliore loco.
 Hanc tamen Autolycus uiolauit homuncio legem.
 Fronte carens omni peierat ille palam.
 Si sic semiuiri rumpunt te sospite leges,
 10 Integri quaeso dic mihi quid facient?

51

Ad M. Valerium Martialem

Caesaris Augusti lasciuos, Marce, citasti
 Versiculos, illis ut tueare tuos.
 Non Augustus erat, sed tunc Octauius atrox,
 Pusio, fur, moechus, praedo, triumuir erat.
 5 Augusti nomen nam coepit sero mereri,
 Tempore quo Glaphyrae functus amator obit.
 Veste uerenda tegis: cur et uelamine linguae
 Non tegis? An ueste est lingua modesta minus?
 Nuda uidet quoties meretricia corpora uirgo,
 10 Obiecta claudit lumina pressa manu.
 Protinus, obsceno dicto, natura ruborem
 Opponit tanquam praua operire uolens.
 Et metuit culpam sese tum iudice damnans,
 Tali demonstrans indice seque ream.
 15 Adde quod alma parens, ratio intus dictat et urget
 Vt ueles, retegens quod uitiosus eris.
 Ista tibi a summo uenit scintilla Tonante:
 In te diuini luminis aura micat.
 Particulam hanc sentis summi uelut aetheris: est quae
 20 Gentili, Hebraeo Christicolaeque comes.

Há razão para que, enquanto queres ser tido por um poeta gracejador,
 queiras tu mesmo ser réu do teu próprio juízo?
 E quanto ao que nos dizes que lasciva é a página²⁵⁶ e não a mente,
 não o creio; e creio que nada há mais falso. 25
 Água limpa não escorre de rio sujo, nem alguma vez
 um rio bem puro derrama águas lamacentas.
 Os vergonhosos costumes não diferem da vergonhosa poesia,
 nem o verso brilha mais do que o seu compositor.
 A palavra é o indicativo da alma. Dela só se retira,
 como de um tesouro, aquilo que alguém lá tem. 30

52

Contra Frontão²⁵⁷

Estás espantado, Frontão, porque já um dia a nossa barca
 foi fustigada no alto mar de Cupido;²⁵⁸
 foi essa tempestade que meteu a pique grandes homens; portanto,
 por que razão uma nova culpa não sofre uma nova acusação?
 Oh, oxalá que eu seja tão imitador da honestidade, como sou do vício, 5
 e não siga os males dos ilustres, mas os bens em primeiro lugar!²⁵⁹

53

Ao poeta Sílio²⁶⁰

Diz-me, por que preço, bem pesado,
 avalias o ócio dos poetas?
 Declaras, estou em crer, que é melhor e mais nobre
 do que as pedras preciosas.

Ele aproveita ao peito apaixonado e receoso, 5
 e a musa Érato²⁶¹ torna os modos ternamente delicados:
 com ela cessa em nós aquele clamor
 furioso e a ira.

Ela expulsa os tumultos da mente infeliz,
 o remorder desaforado da alma juvenil, 10
 e intenta sempre os combates inimigos
 das duras preocupações.

O poeta não sente cobiça de nada, e de nada tem receio,
 duas coisas que fazem quebrar o ânimo do valoroso.
 O que é forte e todo polido e rotundo²⁶² 15
 nunca se deixa cair.

- Est ratio, dum uis uates urbanus haberi,
 Iudicio esse uelis cur reus ipse tuo?
 Nam quod ais nobis lasciua est pagina, non mens,
 Non credo, et credo falsius esse nihil.
 25 Non liquor a spurco mundus fluit amne, nec unquam
 Caenosas fundit purior amnis aquas.
 Non distant foedi mores a carmine foedo,
 Plusue nitet uersus compositore suo.
 Nam sermo indicium est animi. Depromitur inde
 30 Vt de thesauro nil nisi quod quis habet.

52

In Frontonem

- Miraris, Fronto, quod iam quandoque profundo
 Sit iactata ratis nostra Cupidineo:
 Ista uiros magnos tempestas obruit; ergo
 Cur patitur crimen non noua culpa nouum?
 5 O utinam ut uitii, sim sic imitator honesti,
 Nec mala clarorum, sed bona prima sequar.

53

Ad Silium poetam

- Oro te quanto pretio aestimaris
 Otium uatum bene ponderatum?
 Indicis credo melius lapillis
 Nobiliusque.
 5 Pectori prodest cupido et timenti,
 Fingit et mores Erato tenellos,
 Cessat in nobis furiosus ille
 Clamor et ira.
 Illa depellit miserae tumultus
 10 Mentis et morsus iuuenum proteruos,
 Semper et duris inimica curis
 Proelia tentat.
 Nil cupit uates, metuitque nullum,
 Quae duo frangunt animos potentis.
 15 Fortis et totus teres, ac rotundus
 Haud cadit unquam.

Não cogita maldade nem sabe invejar
 a ninguém, é simples e puro de coração,
 é livre e goza de sono tranquilo,
 em toda a parte seguro. 20

O príncipe sábio compraria a preço de ouro
 o nosso ócio e o nosso bem, se ele fosse
 conhecido; mas os bens, ao que dizem,
 são conhecidos de poucos.

Ó sagrado labor dos poetas, ó ócio digno 25
 de ser cantado, ó dádiva que não és senão
 do grande Criador. Ela é, estou certo, oferta
 do Olimpo aos bem-aventurados.²⁶³

54

Contra Pansa²⁶⁴

O famoso Sólon, já trémulo pela velhice, jacta-se de ainda aprender
 e procura novos saberes voando para além do conhecido.²⁶⁵
 Tu, porém, desaprendes, não fazendo por avançar mais além,
 mas recuando, e cada dia te mostras mais pequeno.
 Nem escutas os doutos, nem queres aprender mais nada; 5
 e, todavia, pretendes, meu louco Pansa, que te dêem mais.

55

A Sílio,

a quem enviara uns peixes a que chamam linguados²⁶⁶

Hoje vai haver oratória mais eloquente do que o próprio Cícero,²⁶⁷
 e esta será, meu Sílio, a língua mais eloquente.

56

Ao poeta Sílio Lusitano²⁶⁸

Quem poderá remover a pesada clava,
 ó Alcides,²⁶⁹ senão um filho do Tonante,²⁷⁰
 ou um herói semelhante, digno de ser assinalado
 nos seus tempos com uma pedra preciosa
 ou com a bela marca de uma verde esmeralda?²⁷¹ 5
 Do mesmo modo que Alcides, só Marão²⁷²
 teria força para suceder à Camena de Esmirna,²⁷³

Cogitat nulli scelus, inuidere
 Nescius, simplex animique purus,
 Liber, ac somno fruitur quieto
 20 Vndique tutus.

Otium nostrum sapiens bonumque
 Aureo princeps emeret metallo,
 Si foret notum, bona sed feruntur
 Cognita paucis.

25 O sacer uatum labor, o canendum
 Otium, o magni nisi Conditoris
 Nullius munus. Reor hoc beatis
 Praestat Olympus.

54

In Pansam

Ille Solon, tremulus senio se discere iactat,
 Cognita transque uolans ulteriora petit.
 At tu dediscis, non ultra pergere tendens
 Sed retro, inque dies te minor exoreris.
 5 Nec doctos audis, nec quicquam discere plus uis,
 Vis tamen, o demens, plus tibi, Pansa, dari.

55

**Ad Silium,
 cui miserat pisces dictos a lingua**

Orabunt hodie Cicerone disertius ipso,
 Atque erit haec, Sili, lingua diserta magis.

56

Ad Silium poetam Lusitanum

Clauam quis poterit grauem mouere,
 Alcides, nisi filius Tonantis,
 Heros uel similis, suis notari
 Dignus temporibus bono lapillo,
 5 Aut pulchra uiridis nota smaragdi?
 Smyrneam haud aliter sequi Camenam
 Alcides ualuit Maro Italorum

com o poder de fazer troar num canto grandioso,
 mirífico, o bélico fragor dos Itálicos;
 e, tal como o famoso bético de Córdova,²⁷⁴ 10
 a quem não desafia Virgílio com sua tuba sonora,
 a quem não desafia o sublime Meónida,²⁷⁵
 tendo-os alcançado no verso heróico,
 sentiu o trabalho do magnânimo Hércules;
 assim também tu, Sílio, dos mais jovens magna 15
 glória no presente e a quem não podemos calar,
 sentiste as provações daquele soberbo capitão,²⁷⁶
 pois, ao cantá-las em versos ora numa, ora noutra medida,²⁷⁷
 venceste os Gregos e os descendentes de Remo.
 Que em Marão seja o Míncio²⁷⁸ sem rival; 20
 que o Bétis²⁷⁹ seja para os tempos antigos
 a glória da elocução. Mas para esses teus
 seja o Tejo, rico em metal rutilante,²⁸⁰
 ele que te engendrou bom poeta,
 rival, na variedade do verso, dos poetas gregos 25
 e dos provenientes de Rómulo, ainda que antigos.

57

Acerca da sua terra natal e de seus pais

Quem quer que tenha gosto em conhecer estas minhas bagatelas
 há de querer saber da minha terra natal e do nome de meus pais.
 Deram-me a vida meu pai Fernando Barbosa, nem muito rico
 nem infamado de pobreza, mas oriundo
 de famosos antepassados,²⁸¹ e minha mãe Catarina Figueiredo,²⁸² 5
 também ela proveniente de uma renomada família.
 Deles nasci,²⁸³ lá por onde,²⁸⁴ em gigantescas ondas, se enfurece
 o extremo Oceano da praia ocidental,
 e por onde Aveiro, opulento pelo seu porto ameno, tudo retém
 quanto a terra tem e tudo quanto o mar contém. 10
 Não longe, de um lado a fértil riba do Douro, do outro a do Tejo
 de auríferas águas²⁸⁵ delimitam esta nossa que no meio fica.

58

**Aires, falando com a Fama²⁸⁶ acerca da chegada
 do Sereníssimo Rei D. Carlos à Espanha²⁸⁷**

– Dir-te-ei o que se passa, por que razão um alarido fustiga os ouvidos
 e um imenso clamor agita a alegria pública,

- Solus carmine bellicum fragorem
 Grandi, mirifico potens tonare;
 10 Et sic Baeticus ille Cordubensis,
 Quem non Vergilius tuba sonora,
 Quem non Maeonides sacer lacessit,
 Heroo numero assecutus illos,
 Sensit magnanimi Herculis laborem;
 15 Sensisti quoque magna iuniorum
 Praesens gloria, nec tacenda, Sili,
 Aerumnas ducis illius superbi
 Cum ludens numero modo hoc, modo illo,
 Graios uiceris et Remi nepotes.
 20 Esto Mincius unicus Marone;
 Sit Baetis decus elocutionis,
 Priscis temporibus uelim. Sed istis
 Sit diues rutilo Tagus metallo,
 Qui te progenuit bonum poetam
 25 Versu multiplici parem poetis
 Graiis, Romuleis, licet uetustis.

57

De patria sua et parentibus

- Scire uolet patriamque meam nomenque parentum,
 Has quisquis nugas gaudet habere meas.
 Nec diues multum nec paupertate notandus,
 A notis quondam sed tamen ortus auis,
 5 Fernandus Barbosa pater, Catharinaque mater,
 A notis etiam, quae Figuereta, uenit,
 Me genuere, furit uastis qua fluctibus ingens
 Vltimus occidui litoris Oceanus,
 Quaque habet Aueiro portu praediues amoeno,
 10 Quicquid habet tellus et mare quicquid habet.
 Non procul auriferi nostram hanc Durique Tagique
 Hinc illinc mediam ripa beata tenet.

58

**Arius ad Famam de aduentu in Hispaniam
 Caroli regis serenissimi**

- Esse quid hoc dicam strepitus quod uerberat aures,
 Publicaque immensus gaudia clamor agit?

e todos os caminhos estão iluminados com fachos nocturnos,
 e as casas sobranceiras verdejam com ramos de louro,
 e a tuba arqueada de ponta recurva sopra seu canto, 5
 e a flauta campestre ressoa com seu fole inflado,
 e nos templos sagrados percutem sem cessar os côncavos címbalos,
 e dão graças a Deus os sacerdotes e a plebe.
 Por que motivo se esperam espectáculos para amanhã,
 ou porque os Espanhóis preparam touradas, conforme seu uso, 10
 e as eminências purpuradas saem à rua, e todos trazem,
 em longo cortejo, seus atavios de rico ornamento.
 – Diz-me por que razão todos se divertem agora com alegria mais efusiva?
 Tu, Fama, nem sempre costumavas falar falso.²⁸⁸
 – Acaso, como se foras único estrangeiro no orbe ocidental, 15
 ignoras de quanta alegria eu sou mensageira?
 Eis que já veio das plagas nórdicas o nosso querido D. Carlos,²⁸⁹
 o príncipe que os Espanhóis têm na maior estima.
 e desejo que D. Carlos nada mais estime do que aos Espanhóis,
 para que, a um e outros, um mútuo laço os mantenha unidos.²⁹⁰ 20

59

Outro do mesmo ao mesmo [Carlos V]

Quanto o povo espanhol Vos ama e venera, Magnífico Príncipe,
 ele o demonstra de muitas maneiras.
 Quando estáveis ausente, tínheis lá os olhos e pensamentos
 de todos, e era para lá, onde estáveis, que ele os fazia voltar.
 E a Espanha parecia, de todo, não se reconhecer 5
 nem podia suportar a saudade de Vós.
 Depois que viestes, ó rei, eles Vos contemplam maravilhados
 e cada um deles gostaria de Vos erguer aos ombros.
 E não são apenas as autoridades que, em grande massa, Vos rodeiam,
 mas é também a plebe que desfruta da vossa continuada presença. 10
 O seu desejo seria, até, afrontar o sacrifício de uma bela morte
 por Vós, para que a morte sua seja a vida vossa.
 Nunca a terra da Pártia²⁹¹ amou tanto os seus reis,
 nem Susa da Média²⁹² aos seus tanto amou
 quanto a armipotente Espanha obedece aos seus reis, 15
 e eles vivem livremente em descanso, com o rei defendido.
 Com ele afastado, rompe-se a confiança, é nula a concórdia,
 os beligerantes fremem na sanguinária paixão de Marte.²⁹³
 Por isso, vivei longo tempo, e todos viverão, convosco fora de perigo,
 e sede por muito tempo rei e pai da vossa querida Europa. 20

- Collucentque uiae nocturnis ignibus omnes?
 Tectaque laurigera pendula fronde uirent?
 5 Et cantum inspirat cornu tuba flexilis unco?
 Rusticaque inflato tibia folle sonat?
 Saepius et sacris feriunt caua cymbala templis?
 Et dicunt grates plebsque patresque deo?
 Cur expectantur spectacula crastina. Tauros
 10 More suo Hispani curue agitare parant?
 Purpureique ruunt proceres: atque ordine longo
 Ornatos cultu diuite quisque trahit?
 – Dic hilares ludunt cur nunc feruentius omnes?
 Non semper falsum dicere, fama, soles.
 15 – Solus an occiduo ueluti peregrinus in orbe,
 Sim ignoras quantae nuntia laetitiae?
 Carus ab arctois uenit iam Carolus oris,
 Quo nihil Hispani principe maius habent.
 Maius et Hispanis habeat nil Carolus opto,
 20 Mutuus ut teneat nexus utrosque simul.

59

Aliud eiusdem ad eundem

- Quantum amet Hispanus populus te, Maxime Princeps,
 Et colat, hoc multis indicat ille modis.
 Quando aberas, illic oculosque animosque tenebas
 Cunctorum, atque illuc quod reuocabat, eras.
 5 Seque uidebatur nescire Hispania prorsus,
 Nec desiderium ferre tui poterat.
 Postquam uenisti, te, rex, mirantur et unum
 Te uellent umeris tollere quisque suis.
 Nec tantum proceres circumstant agmine denso,
 10 Sed plebs perfruitur non semel ore tuo.
 Oppetere et pro te pulchram per uulnera mortem
 Optarent, quo mors sit sua uita tua.
 Terra suos nunquam dilexit Parthia tantum
 Nec reges tantum Medica Susa suos,
 15 Obseruat quantum armipotens Hispania reges,
 Otiaque incolumi rege libenter agunt.
 Amissa rupere fidem, concordia nulla est:
 Belligeri crudo Martis amore fremunt.
 Quare uiue diu, uiuent te sospite cuncti.
 20 Sisque diu Europae rexque paterque tuae.

Mas, se preparais, pela guerra, a adjução da Ásia e da Líbia,²⁹⁴
então, Carlos, sereis verdadeiramente maior do que o Magno.²⁹⁵

60

**O português Aires Barbosa
fala aos jovens estudantes²⁹⁶**

Eis aqui esta obra de Física publicada por Margalho, um sábio
nesta nossa região e também na parisiense.²⁹⁷
Ilustre no talento e ilustre em ambas as doutrinas
que tiram seu nome da realidade, ou de seus nomes.²⁹⁸
Felizes são os homens, disse o supremo Poeta, 5
que puderem conhecer as causas das coisas.²⁹⁹
Pois que este vo-las ensina, agora, meus jovens,
já podeis, portanto, ser todos felizes.

61

**Poema do mesmo português Aires Barbosa
aos jovens estudantes das boas-artes³⁰⁰**

A Grécia venceu a barbárie em dois lustros;³⁰¹
aqui nem depois de dois lustros a barbárie cai.
E porquê, meus jovens? Porque são dos próprios inimigos
aqueles que comandam vossas esquadras e vossos batalhões.³⁰²
É pelos próprios frutos que haveis de os conhecer: é pelo seu fruto 5
que se conhece a própria qualidade da árvore.³⁰³
Assim também a terra fértil que, se não é pelo cultivo amanhã,
nada tem senão espinhos, ou nada senão grama,
pois um solo gordo não é diferente de um estéril
se o não cultiva o arado nem a mão do agricultor. 10
Oh, que raça de varões tu geraste, ó fértil Hispânia,
que outrora dominaram toda a espécie de Sabedoria!
Lucano é teu, e também os Sénecas, outros luminares de Roma,³⁰⁴
e muitos que agora não há espaço para enumerar.
Mas, como se fosses estéril, apenas geras e possuis varões estéreis 15
e aguerridos no estrépito das armas e na barbárie;
o seu engenho não cultiva nem a prosa nem o verso;
consideram que é uma desonra falar em latim.
E sua egrégia honra é falar ressoando a linguagem goda,
quer em casa, quer na rua, quer na escola. 20

At si Asiam Libyenque paras adiungere bello,
Tum uere Magno, Carole, maior eris.

60

Arius Barbosa Lusitanus
iuuenes studiosos alloquitur

En opus hoc physicum promit Margallus in ora
Hac doctus nostra, Parisiaque simul.
Ingenio clarus doctrina clarus utraque,
Quae a rebus nomen, nominibusue trahit.
5 Qui rerum causas possent cognoscere, summus
Dixit felices esse Poeta uiros.
Has hic cum doceat, iam nunc felicibus ergo,
O iuuenes, uobis omnibus esse licet.

61

Eiusdem Arii Lusitani
ad iuuenes studiosos bonarum artium Carmen

Barbariam geminis superauit Graecia lustris;
Hic nec barbaries post duo lustra cadit.
At cur hoc, iuuenes? Quia sunt ex hostibus ipsis
Qui uestras classes, agmina quique regunt.
5 Cognoscetis eos propriis ex fructibus: arbor
Sit qualis, fructu noscitur ipsa suo.
Sic et terra ferax si non exercita cultu est,
Quae nisi uel spinas, uel nisi gramen habet,
A sterili nam pingue solum non distat, aratro
10 Si non excolitur, ruricolaeque manu.
O quales genuisti, Hispania fertilis, olim
Omne genus Sophiae qui tenuere, uiros!
Lucanus tuus est, Senecae et lux altera Romae,
Et multi, quos nunc haud numerare uacat.
15 Sed tanquam sterilis, steriles modo gignis habesque
Armorum strepitu barbariaque truces.
Non horum ingenium prosa, uel carmine cultum est;
Hi fari Latie dedecus esse putant.
At decus egregium Gotico sermone sonantem
20 Inque domo, inque foro, Gymnasioque loqui.

Acaso pensamos que com isto se pode a barbárie extinguir,
 ou antes erguer-se, aumentar, viver e firmar-se ainda mais?
 E se alguém tentar dizer uma palavra latina,
 riem dele como de um louco, e chamam-no gramático.
 E então pronunciar sons gregos entre eles é coisa semelhante a prodígio, 25
 isso é obra de maior espanto que mula prenhe.³⁰⁵
 Com razão, pois, fogem dos Gregos e pugnam com frequência
 a favor de si mesmos, dos seus e da sua barbárie,
 aqueles que defendem homéricas fortalezas e invioláveis
 Pérgamos³⁰⁶ que melhor seria que tivessem já caído. 30
 Mas, ainda que tu, ó estéril Hispânia, também geres
 agora alguns célebres, isso é, todavia, ave rara.
 Do mesmo modo Margalho, que há pouco pôde completar
 o ciclo total da paideia,³⁰⁷ será uma rara ave do orbe.
 Este não consegue levar-te, ó juventude, por entre todos os autores, 35
 se com tantos capitães não afugenta os bárbaros acampamentos.
 Não foi com um só chefe que a Grécia venceu Troia: foram muitos
 e quase inúmeros os chefes que então lá se juntaram.³⁰⁸
 E, entretanto, o Atrida deseja que lhe tragam mais Nestores,
 a fim de Pérgamo mais depressa cair vencido.³⁰⁹ 40
 É que um só (como dizem dos Gregos) é como se não fosse nenhum,³¹⁰
 por muito que ele seja excelente ou exímio.
 Um só, ainda que reúna as energias todas numa única força,
 não ergue o peso que muitos levantam.
 Nenhum dos vários afluentes consegue encher o caudal do Istro,³¹¹ 45
 mas ele cresce com as águas recolhidas de toda a parte.
 Além disso, tal como outrora o velho Nelida
 exortava os Gregos a vencerem e não a espoliarem,
 assim vós desejai, acima de tudo, a honra de terdes vencido a barbárie:
 ela, depois de vencida, dará amplos despojos e presas. 50
 Nunca há de ser douto quem quer que, na sua avidez, faça contas
 com seus dedos agitados a ver se o estudo lhe traz lucros.
 Desta maneira, jovens, a vitória virá em corrida veloz
 e ornamentará a vossa cabeça com verdejante grinalda.
 De contrário, agora em dez anos a barbárie não venceis; 55
 assim, eu vos digo que a não podeis vencer em duas vezes dez.

62

Ao cardeal-infante D. Afonso³¹²

Em boa hora chegaram as dádivas que vós me mandastes,
 pois minha bolsa não trazia nem pinta de moeda.

- Hocine barbariam restingui posse putamus,
 An tolli, augeri, uiuere, stare magis?
 Quod si quis Latium uerbum tentauerit, illum
 Vt stolidum irradient, grammaticumque uocant.
- 25 Iam monstri simile est hos inter Graeca sonare,
 Ac mula feta mirius illud opus.
 Iure igitur fugiunt Graecos, pugnantque frequenter
 Pro se, proque suis, barbariaque sua,
 Qui Homerias arces, qui sanctoralia seruant
- 30 Pergama quae melius iam cecidisse fuit.
 Sed sterilis quamuis aliquos, Hispania, gignis
 Nunc etiam celebres, rara auis tamen.
 Vt modo qui totum *paediae* absoluere cyclum
 Margallus potuit, rara auis Orbis erit.
- 35 Hic ualet auctores, pubes, te ferre per omnes,
 Non, nisi tot ducibus barbara castra fugat.
 Non uno uicit Troiam duce Graecia: multi
 Ac paene innumeri tunc coiere duces.
 Et tamen Atrides plures sibi Nestoras optat
- 40 Praeberi, ut citius Pergama uicta cadant.
 Vnus enim (ut Graeci dicunt) quasi nullus habetur,
 Is sit praecellens, eximiusue licet.
 Vndique collatis in robur uiribus unum,
 Quod plures tollunt, non leuat unus, onus.
- 45 Singula nulla queunt Histrum complere capacem
 Flumina, sed lectis undique crescit aquis.
 Praeterea, ut quondam Nelides uincere Graios
 Exhortabatur, non spoliare, senex.
 Sic uos barbariae uictae decus ante uelitis:
- 50 Victa ipsa exuuias et spolia ampla dabit.
 Nunquam doctus erit, studium sit an utile quisquis
 Sollicitis auidus computat articulis.
 Hoc pacto, iuuenes, celeri uictoria cursu,
 Ornabit uestras fronde uirente comas.
- 55 At nunc barbariam decimo nec uincitis anno,
 Bis decimo sic uos uincere posse nego.

62

Ad D. Alfonsum Cardinalem Infantem

Quae mihi misisti uenere in tempore dona,
 Nummorum ferret cum mea byrsa nihil.

Ficava tristonha a nossa Talia quando via a própria Fome
 a abeirar-se dela morrendo de magreza.³¹³

E Heitor, que governa o Tesouro,³¹⁴ ainda não pagava. 5
 Nas horas de aperto, só vós éreis minha esperança.
 E não foi esperança vã. Acumulastes as ofertas, ínclito
 Príncipe. Tive dádivas quase a dobrar.

A Fome jejuna³¹⁵ ficou apavorada com os montões de cem asses.
 e, fugindo da fartura, diz: “Aqui não é nossa morada.” 10

A estas, ajuntais outras mercês. Associais aos criados
 e ao número dos vossos um mancebo da minha família.³¹⁶
 Para quê referi-las todas? Elas não têm fim. Mas o que levanta,
 meu Príncipe, o vosso nome até aos astros dourados é que,
 quando contra mim e contra os meus se enfurecia a temível peste,³¹⁷ 15
 ela era nas nossas regiões, oh!, mais para temer.

Toda a gente evitava os contágios da funesta doença,
 para que, daí, o mal deletério a si se não apegasse;
 miserável por um lado, inimigo para todos os mortais por outro,
 como se eu tivesse cometido algum crime de lesa-majestade régia. 20

Repeliam-me por toda a parte. Negavam-me abrigo, faltavam-me
 os alimentos. A casa era ao ar livre coberta de ramagem.³¹⁸
 Neste tempo duro em que, como se eu fora inimigo da Pátria,
 me mandavam levar para terras isoladas, vós,
 esquecido de vossa capa de púrpura e do chapéu vermelho, 25
 ousastes consolar-me com vossas palavras e vossas ofertas;
 quando eu estava abandonado de todos e jazia na miséria,
 ousastes aliviar-me com vosso conselho, aliviar-me com a vossa mão;
 ousastes visitar-me com frequência, qual meu propício senhor,
 a mim, o vosso criado, quando de meus criados me vi abandonado. 30

Esta vossa rara fidelidade é celebrada pela estima do orbe,
 porém mais aplausos lhe dá a nobre assembleia celeste.
 Por tamanhos, tais e tantos méritos,
 que graças, pois, poderei eu dar ou retribuir?
 35
 Minhas forças sucumbem ao fardo, meus ombros
 recusam suportar o encargo de tamanhos louvores.

63

À famosa cidade de Salamanca

No tempo em que as forças se mantinham sólidas no meu corpo mancebo
 e em que eu possuía o sangue feroso da minha juventude,
 não me lesavam, Salamanca, nem o gelo dos teus ventos,
 nem a neve ou a geada, nem o teu aquilão.

- Tristis erat cum ad se uenientem cerneret ipsam
 Confectam macie nostra Thalia Famem.
- 5 Nec soluebat adhuc, arcam qui temperat Hector.
 Rebus in angustis spes mihi solus eras.
 Nec spes uana fuit. Cumulasti munera, princeps
 Inclite. Dona fere sunt duplicata mihi.
 Expauit ieiuna Fames centussis aceruos.
- 10 “Hic, saturum fugiens, non habitamus, ait.”
 His alia adiungis. Famulis numeroque tuorum
 Cognatum ascribis mancipiumque meum.
 Singula quid refero? Sunt infinita. Sed illud
 Aurea fert, princeps, nomen in astra tuum:
- 15 Cum fureret metuenda lues in meque meosque,
 In nostris oris, heu!, metuenda magis.
 Quilibet euitat diri contagia morbi,
 In se tabificum ne fluat inde malum.
 Hinc miser, hinc hostis cunctis mortalibus, ut si
- 20 Maiestas esset regia laesa mihi.
 Tecta negabantur, deerant alimenta repulso
 Vndique, fronde fuit sub Ioue tecta domus.
 Tempore in hoc duro, quo tanquam publicus hostis
 In solas terras ipse iubebar agi,
- 25 Ausus es, oblitus trabeaeque rubrique galeri,
 Solari alloquiis muneribusque tuis;
 Desertum a cunctis miserabiliterque iacentem
 Tollere consilio, tollere meque manu;
 Me dominus famulum praesens constanter adire,
- 30 Me, cum me famuli destituere mei.
 Haec tua rara fides orbis celebrata fauore est,
 Plus tamen huic plaudunt alta theatra poli.
 Pro tantis, igitur, meritis et talibus et tot,
 Dicere quas grates, quasue referre parem?
- 35 Succumbunt oneri uires, umerique recusant
 tantarum laudum pondera ferre mei.

63

Ad urbem celebrem Salmanticensem

Dum stabant solidae puerili in corpore uires
 Et calidus iuueni dum mihi sanguis erat,
 Non ego laedebat gelidis, Salmantica, uentis,
 Non niue, non glacie, non aquilone tuo.

Nem me aterrava o Tormes a congelar de frio, 5
 que eu amiúde calcava com desprezo a pé enxuto.
 Agora o meu sangue regelado reclama que o aqueça
 uma região temperada, e meus membros a ajuda de um calor estrangeiro.
 O grou³¹⁹ bebe as tuas águas tépidas, ó Nilo, no tempo
 em que a ânfora nos propina a água congelada pelo frio. 10
 E o mesmo grou, quando a Líbia é um braseiro na sua estação escaldante,
 voa para o clima e a temperatura do Ártico.
 O pastor procura escapar à invernia através dos campos tépidos
 e, com a vinda da nova primavera, traz de volta o seu rebanho.
 Melhor veem o que a si convém ou lhes traz utilidade 15
 o mudo animal e a rês lanígera, pois que o homem,
 sendo embora dotado de razão, fica preso
 às ardências e às friúras da sua pátria.
 Deveria este aprender, dos mudos animais, que a nossa pátria
 é todo o chão onde quer que se encontre a felicidade.³²⁰ 20
 Por isso, Salamanca, minha ama carinhosa que,
 agora jubilado,³²¹ me deixas partir para onde eu quiser,
 e a quem dedicámos o melhor tempo da nossa vida
 enquanto, por nosso intermédio, a ti chegam ambas as línguas,³²²
 eis que fujo das friúras que não fizeram mal à juventude, 25
 mas que hão de fazê-lo a um velho de longa idade.

64

Contra um certo malévolo

Quando eu digo que fui condiscípulo de Leão X
 e quando digo que fui teu discípulo, ó Policiano,
 estou a humilhar-me, não a exaltar-me.³²³ Pois, se os contrários, como dizem,
 se distinguem com mais clareza quando postos em confronto,
 que distância há tão grande como esta? Toca o céu a condição 5
 do Supremo Pontífice: a minha, ao invés, rasteja pelo chão.
 Que desproporção é tão grande, Ângelo Policiano, quanto
 a minha porca a confrontar-se com a tua Minerva?³²⁴

65

Acera do nome de Jesus³²⁵

Nome adorado na Terra, no Érebo³²⁶ e no Céu,
 em tempo algum me deixarei de lembrar deste nome.

- 5 Nec me terrebat concreescens frigore Tormis,
 Sub pede non udo qui mihi saepe fuit.
 Nunc sanguis gelidus tepido meus orbe foueri,
 Externique petunt membra caloris opem.
 Grus te, Nile, bibit tepidum, quo tempore nobis
 10 Frigore concretas urna propinat aquas.
 Idem, cum Libye flagrantibus aestuat horis,
 Sidus in arctoum temperiemque uolat.
 Et brumam fugitat per rura tepentia pastor
 Et ueniente nouo uere reducit oues.
 15 Quid sibi conueniat, sibi quidue sit utile, cernit
 Mutum animal melius lanigerumque pecus.
 Namque homo, sit quanquam compos rationis, adhaeret
 Aestibus in patriae frigoribusque suae.
 Debuit a mutis didicisse animalibus omne
 20 Esse solum patriam, sint ubicumque bona.
 Propterea, mea blanda altrix Salmantica, quae me
 Iam rude donatum quolibet ire sinis,
 Cui dedimus nostrae melioris tempora uitae,
 Ad te dum per nos utraque lingua uenit,
 25 Frigora deuito quae non nocuere iuuentae,
 Verum longaeuo sunt nocitura seni.

64

In quendam maliuolum

- Me condiscipulum decimi cum dico Leonis
 Et cum discipulum, Politiane, tuum,
 Me premo, non tollo. Nam, si contraria lucent
 (Vt perhibent) iunctis clarius oppositis,
 5 Quid tam disiunctum? Tangit fortuna supremi
 Pontificis caelum, sed mea tangit humum.
 Quid tam diuersum quantum sus nostra Mineruae,
 Angele, se opponens, Politiane, tuae?

65

De nomine Iesus

- Nomen adoratum Terris Ereboque Poloque,
 Immemor haud unquam nominis huius ero.

66

Aos jovens estudantes³²⁷

A Grécia venceu a barbárie em dois lustros;
 aqui nem depois de dois lustros a barbárie cai.³²⁸

E porquê, jovens? – Porque são dos próprios inimigos
 aqueles que comandam vossas esquadras e vossos batalhões.³²⁹

O seu engenho não teve o cultivo nem da prosa nem do verso; 5
 consideram que é uma desonra falar em latim.

E se alguém, na verdade, tentar dizer uma palavra latina,
 riem dele como de um louco e chamam-no gramático.

E então pronunciar sons gregos entre eles é coisa semelhante a prodígio,
 isso é obra de maior espanto que mula prenhe.³³⁰ 10

Além disso, percorrei os variados autores: os acampamentos
 da barbárie não cedem perante apenas um só comandante.

Não foi com um só comandante que a Grécia venceu Troia:
 foram muitos e egrégios os comandantes que lá se juntaram.³³¹

E, mesmo assim, o Atrida deseja que lhe tragam mais Nestores 15
 a fim de Pérgamo mais depressa cair vencida.³³²

É que um só (como dizem os Gregos) é como se não fosse nenhum,³³³
 mesmo que ele seja ilustre, eminente ou exímio.

Um só, ainda que reúna as energias todas numa única força,
 não erguem o peso que muitos levantam. 20

Nenhum dos vários afluentes consegue encher o caudal do Istro:³³⁴
 ele cresce com as águas recolhidas de toda a parte.

Procurai, meus jovens, conhecer a fundo a língua grega,
 pois sem a água da fonte fica seco o ribeiro.³³⁵

Dizem que foi ela, ó Cícero, quem te alimentou em seus peitos sagrados, 25
 e Marão dela bebeu o leite logo desde tenra boca.³³⁶

Mas porque refiro eu os dois luminares da magnífica Roma
 aos quais só a Grécia tornou tamanhos?

É que todo aquele que, nutrido pelo néctar desta língua,
 se inscrever no álbum dos sábios autores, fica liberto da morte. 30

Ela foi dos homens, ela foi de Deus,³³⁷ ela foi a segunda do título
 de condenação na cruz;³³⁸ foi a primeira origem da Nova Lei.³³⁹

Além disso, tal como outrora o velho Nelida
 exortava os Gregos a vencerem e não a espoliarem,³⁴⁰

Assim vós desejai, acima de tudo, a honra de terdes vencido a barbárie: 35
 ela, depois de vencida, dará amplos despojos e presas.

Nunca há de ser douto quem quer que, na sua avidez, faça contas
 com seus dedos agitados a ver se o estudo lhe traz lucros.³⁴¹

66

Ad iuuenes studiosos

- Barbariam geminis superauit Graecia lustris,
 Hic nec barbaries post duo lustra cadit.
 At cur hoc, iuuenes? – Quia sunt ex hostibus ipsis
 Qui uestras classes, agmina quique regunt.
 5 Non horum ingenium prosa est uel carmine cultum,
 Hi fari Latie dedecus esse putant.
 Nam, si quis Latium uerbum tentauerit, illum
 Vt stolidum irrident grammaticumque uocant.
 Iam monstri simile est hos inter Graeca sonare
 10 Ac mula feta mirius illud opus.
 Praeterea auctores uarios percurrite: cedunt
 Non uni solum barbara castra duci.
 Non uno uicit Troiam duce Graecia: multi
 Conuenere illuc egregiique duces.
 15 Et tamen Atrides plures sibi Nestoras optat
 Conferri, ut citius Pergama uicta cadant.
 Vnus enim (ut Graeci perhibent) quasi nullus habetur,
 Sit clarus, praestans, eximiusue licet.
 Vndique collatis in robur uiribus unum,
 20 Quod plures tollunt, non leuat unus, onus.
 Singula nulla queunt Histrum complere capacem
 Flumina: collectis undique crescit aquis.
 Nec leuiter Graiam, iuuenes, cognoscite linguam.
 Nam sine fontana riuiulus aret aqua.
 25 Te, Cicero, haec fertur sacris aluisse papillis,
 Ex hac mox tenero lac bibit ore Maro.
 Sed quid ego refero magnae duo lumina Romae
 Quos fecit tantos Graecia sola uiros?
 Quisquis in auctorum doctorum scribitur albo,
 30 Huius nutritus nectare, morte uacat.
 Haec hominum, illa Dei, tituli fuit illa secunda
 In cruce, prima Nouae Legis origo fuit.
 Adde quod, ut quondam Nelides uincere Graios
 Exhortabatur non spoliare senex,
 35 Sic uos barbariae uictae decus ante uelitis.
 Victa ipsa exuuias et spolia ampla dabit.
 Nunquam doctus erit, studium sit an utile, quisquis
 Sollicitis auidus computat articulis.

Desta maneira, meus jovens, a vitória virá em corrida veloz
 e ornamentará a vossa cabeça com verdejante grinalda. 40
 De contrário, agora nem em dez anos a barbárie venceis;
 assim, eu vos digo que a não podeis vencer em duas vezes dez.

67

Epitáfio da esposa

Aqui jaz Isabel, de nobre estirpe, e esposa
 de Barbosa.³⁴² Ao morrer, na morte encontrou a felicidade.
 Pois que ela viveu santamente, na hora fatal entregou
 Ao Céu, tranquila, sua alma pura, e à terra seus ossos.
 Por isso ela é feliz. Costumava proclamar a voz eloquente 5
 De Sólon que ninguém é feliz antes da morte.³⁴³
 E apesar de ter sido arrebatada ainda em plena flor dos anos,
 Deu-te, Aires, com cinco filhos,³⁴⁴ as honras da paternidade.

68

Contra Issa

Belos olhos, belas faces, em ti tudo é beleza,
 Issa,³⁴⁵ e nem tudo é beleza em ti.
 Dirás que falo enigma. Pois aqui tens o enigma
 resolvido: pelo dom da natureza és bela de verdade,
 mas ao mesmo tempo, Issa, nada há mais feio que o teu defeito. 5
 Mulher mais ociosa não há nenhuma,
 daí o começo do deslize no abismo;³⁴⁶ porque não fazes nada,
 não dás às tuas mãos nenhum trabalho que as ocupe.
 Desprezas a agulha, a teia, o açafate e o escrínio, o fuso,
 a lâ da tosquia, a tesoura, os tecidos de linho, a roca. 10
 Desprezando as armas da casta deusa,³⁴⁷ não podes tu mesma,
 Issa, permanecer muito tempo nem pudica nem casta donzela.
 É verdade que pareces visitar com devoção os templos sagrados;
 mas como é nociva aos templos a tua longa demora!
 É que, enquanto assistes aos actos sagrados, voltas, provocante, teus olhos 15
 impudentes para um e outro lado e desencadeias a guerra do Demo.
 É por meio deles que falas, e o amante responde-te com sinais³⁴⁸
 e com seus olhos e suas sobrancelhas.
 Não te bastam as ruas, as praças, os rios, os campos
 por onde teus passos, irrequieta, movimentas. 20

40 Hoc pacto, iuuenes, celeri uictoria cursu
 Ornabit uestras fronde uirente comas.
 At nunc barbariam decimo nec uincitis anno,
 Bis decimo sic uos uincere posse nego.

67

Epitaphium uxoris

Hic iacet Elisabeth generosae stirpis et uxor
 Barbosae. Moriens morte beata fuit.
 Nam bene quae uixit, fatali molliter hora
 castam animam caelo reddidit, ossa solo.
 5 Est, igitur, felix. Nullum facunda Solonis
 felicem ante obitum dicere uox solita est.
 Rapta licet fuerit nimium florentibus annis,
 te patrem quino pignore fecit, Ari.

68

In Issam

Pulchri oculi pulchraeque genae, sunt omnia pulchra,
 Issa, tibi et non sunt omnia pulchra tibi.
 Me dices aenigma loqui. Iam aenigma solutum
 Accipe: naturae munere pulchra quidem es,
 5 Sed uitio, Issa, tuo nil te est deformius una:
 Femina qua nulla est desidiosa magis,
 Prima mali hinc labes quod, nulla negotia tractans,
 Nullum das manibus quo teneantur opus.
 Spernis acum, telam, calathos et scrinia, fusum,
 10 Vellera, forficulas, linea texta, colos.
 Arma deae castae spernens, nec uirgo pudica,
 Issa, diu nec tu casta manere potes.
 Visere templa quidem sancta pietate uideris.
 Sed tua quam templis noxia longa mora est!
 15 Nam, sacra dum spectas, oculos lasciua proteruos
 Huc illuc referens, Daemonis arma cies.
 His loqueris, signisque tibi respondet amator
 Atque supercilio luminibusque suis.
 Non tibi sufficiunt uici, fora, flumina, campi
 20 Per quae tu passus irrequieta moues.

Lá porque não gostas da alcova nem do lar paterno,
 lá porque (se às vezes estás em casa) é toda tua a janela,³⁴⁹
 porque manchas os santuários de Deus? Porque é que a tua paixão cruel
 transforma em antro de crime um lugar que é lugar de oração?³⁵⁰

69

A um pudibundo

É mais seguro fitar com os próprios olhos um basilisco³⁵¹
 e confiar-se, a si e ao seu corpo, a uma leoa da Getúlia,³⁵²
 do que contemplar, de olhos fixos, o rosto de uma formosa
 donzela. É fugindo que consegues ficar mais seguro.
 Nisto procura imitar a tímida lebre,³⁵³ nisto não imites o leão. 5
 Não há de vencer persistindo, mas fugindo, ó pudibundo.

70

A Lourenço acerca de Mestre Gonçalo³⁵⁴

As Musas, que eu desde a mais tenra idade³⁵⁵ venero e cultivo
 e cujo amor profundo me transporta arrebatado,
 costume ouvir cantar com prazer juntamente
 com Febo, que o canto dirige com sua doce voz.
 Por isso me admitem facilmente, como conhecido na corte cirreia,³⁵⁶ 5
 à cítara de Délio³⁵⁷ e aos versos das Téspíades.³⁵⁸
 Hei de evitar, nesta matéria, contar a profanos o que eu vi,
 mas não a ti, Lourenço, que cultivas os nossos sagrados ritos.
 Estava Cíntio³⁵⁹ um belo dia sentado entre as soberanas
 Aónias e cantava ao som da sua lira dourada. 10
 Veio Gonçalo ao néctar aónio.³⁶⁰ Mas logo que Febo,
 juntamente com o coro das Piérides,³⁶¹ o enxergou,
 levantando-se disse: “Ó sábio do direito divino
 E do direito humano, eu, poeta que sou, cedo-te o meu lugar.
 Tu és digno de receber as primeiras honras do Hélicon: 15
 doravante és tu quem dirige os homens da Piéria”.
 Logo que eu tal ouvi, congratulei-me com a nomeada
 do nosso nome hispano, e a seguir parti cheio de alegria.
 “Adeus, Febo”, disse-lhe eu. “Estamos longe das plagas gregas.
 Prefiro doravante fruir deste deus mais próximo de nós. 20
 Já não invoco nenhum poder do Apolo de Cirra,
 mas do nosso. Tu, nosso Apolo, digna-te conceder-me o teu favor.”³⁶²

Quod nunquam gaudes thalamo Laribusque paternis,
 Quod (si quando domi es) tota fenestra tua est,
 Cur maculas delubra Dei? cur criminis antrum,
 Qui locus orandi, saeua libido facit?

69

Ad pudentem

Tutius est oculis basiliscum cernere seque
 Et sua Getulae credere membra leae,
 Quam fixis pulchrae uultum spectare puellae
 Luminibus. Fugiens tutior esse potes.
 5 Hic timidum leporem, non hic imitere leonem.
 Non uinces stando, sed fugiendo, pudens.

70

Ad Laurentium de Magistro Gonsalo

A teneris quas unguiculis uenerorque coloque
 Et quarum ingenti raptus amore feror,
 Cantantes soleo Musas audire libenter
 Et Phoebum, dulci qui regit ore melos.
 5 Hinc facile admittor Cirrhaea notus in aula
 Ad citharam Deli Thespiadumque modos.
 Hic ego quae uidi uerear narrare profanis,
 Sed non, Laure, tibi, qui sacra nostra colis.
 Aonias inter dominas cum forte sederet
 10 Cynthus, aurata concineretque lyra,
 Aonium ad nectar uenit Gonsalus. At illum
 Vt uidit Phoebus Pieridumque chorus,
 Assurgens inquit: "Diuini conscie iuris,
 Iuris et humani, cedo poeta tibi.
 15 Dignus es ut capias primos Heliconis honores:
 Posthac Pierios tu moderare uiros".
 Hoc ego ut audiui, gausus nomine nostri
 Nominis Hispani, laetior inde abii.
 "Phoebe, uale, dixi. Grais distamus ab oris.
 20 Malo deo posthac hoc propiore frui.
 Non uoco Cirrhaei iam numen Apollinis ullum,
 Sed nostri. Mihi tu, noster Apollo, faue."

71

A um discípulo³⁶³

Pergunta-me um discípulo a quem deverá ele dar o seu voto
de entre os muitos candidatos que concorreram à cátedra.
Eu respondi-lhe: “Não o dê a quem tem a máxima turba,
mas dá-o àquele que tiver poucos, talvez um apenas.”

72

Acerca da corte

A corte odeia os Aristides,³⁶⁴ gosta dos Gnatões.³⁶⁵
Se tens juízo, por aqui saberás aquilo que te recomendo.

73

A querela dos gramáticos

Corre fama que a multidão gramatical se divide em contrárias
Opiniões³⁶⁶ e que, aquilo que uma afirma, a outra o nega.
Exclama uma parte que, sem o verbo, se diz o mais possível,
enquanto a outra afirma que não se pode, sem o verbo, dizer nada.
Um evoca alguma pessoa, outro não evoca ninguém; 5
um faz variar as formas de uma figura,³⁶⁷ outro cria de novo.
Há quem diga que todo e qualquer verbo é pessoal³⁶⁸
e há quem negue que os graus sejam três.
Aquele que vence os demais pelo vozeirão, por mais demente que seja,
pensam que ele vence os outros também pelo saber. 10
Esse seria um bom Estentor e um Gradivo³⁶⁹ homérico
vitorioso quando os berros têm mais força que a razão,
pois o clamor atinge o céu.³⁷⁰ E, todavia, a outra parte defende,
por vezes com lutas, aquilo que não consegue pela razão.
Sua mão ousada, pugnando muitas vezes por ninharias, 15
investe com varapaus ou cinge-se de violentas armas.
E precipitam-se a pegar no ferro como se fosse em defesa
dos altares de um deus, do fogo sagrado e dos filhos da sua pátria.³⁷¹
Mas uma cabeça sensata segue os Antigos,³⁷² tem horror e odeia
tudo quanto disser o monstro de muitas cabeças.³⁷³ 20

74

Contra Issa³⁷⁴

Uma donzela casta foge de toda a conversação dos homens
e, quando quiser falar com um frade, não o faz sem companhia.

71

Ad discipulum

Ex me discipulus cui det suffragia quaerit,
 De multis cathedram qui petiere uiris.
 Huic ego respondi: "Cui non des maxima turba est,
 At cui des rarus, forsitan unus erit."

72

De aula

Odit Aristidem, gaudet Gnathonibus aula.
 Si sapis, hinc nosces quid tibi praecipiam.

73

De rixa grammaticorum

Grammaticum scindi studia in contraria uulgu
 Fama refert , quodque haec pars ait illa negat.
 Exclamat sine pars uerbo quam plurima dici,
 Ac dici uerbo pars sine posse nihil.
 5 Euocat hic aliquam personam, haud euocat ille;
 Hic formas uariat *schematos*, ille nouat.
 Est personatum qui uerbum quodlibet esse
 Dicat, et est ternos qui neget esse gradus.
 Qui clamore alios superat, sit quamlibet amens,
 10 Et doctrina alios hunc superare putant.
 Hic Stentor bonus et Gradius Homericus esset
 Victor, ubi clamor plus ratione ualet.
 Nam clamor it caelo, quanquam pars altera pugnis
 Asserit interdum quod ratione nequit.
 15 Fustibus incurrit, saeuis aut cingitur armis,
 Pro nugis pugnans saepe proterua manus.
 In ferrumque ruunt ut qui pro numinis aris
 Proque focis patriae pignoribusque suae.
 Sed ueteres sequitur sanum caput, horret et odit
 20 Multorum capitum belua quicquid ait.

74

In Issam

Casta fugit uirgo affatus quoscumque uirorum
 Et, cum fratre uelit, non sine teste, loqui.

Fala de rosto inclinado, se alguma vez lhe é necessário,
 e fixa os olhos no chão, cobrindo os seus membros.

Odeia as janelas e, fechando-se no quarto e no interior do lar, 5
 não dá descanso às mãos com a lâ nem descanso com a agulha.³⁷⁵

E, mesmo que seja rica, evita o ócio de um espírito desocupado,
 donde nasce a fonte de toda a espécie de mal.³⁷⁶

Tu, Issa, fazes ao contrário, pois passas o tempo em ajuntamentos
 de homens e em ócio permanente, pedindo blandícias. 10

E fixas teus olhinhos, sem os desviar nem desviar teu rosto,
 de tal maneira persistentes, que não há olhar que resista.

E tens ainda o cuidado de nunca cobrir teus níveis
 peitos, de nunca cobrir teus lácteos seios.

Provocas a loucura dos jovens e pareces gritar-lhes: 15
 “Dou-vos com prazer este branquinho marfim.”

Mas para quê recordar estas coisas? De entre as muitas
 mais, bastará apenas este teu descaramento e malícia:

quando estás em casa (o que é raro), é a janela o teu prazer;³⁷⁷
 ah, grande perigo é para vós a janela escancarada! 20

Enquanto aí tu brincas, lasciva, com a maçã encarnada,
 enquanto a atiras de um lado e apanhas do outro com tua mão de neve,
 passando por acaso no caminho um soldado riquíssimo,
 diz: “Ó minha vida, dá-me essa maçã.”

“Toma-a lá, minha luz”, disseste tu. Mas antes de a atirares, 25
 teu dente aplicou na maçã uma dentada.

E assim, Issa, àquela dentada que o teu dente descarado
 aplicara, o cavaleiro pregou-lhe o dente e mordeu-a.³⁷⁸

75

Contra as leis

Não foi com tinta preta, mas com veneno, que se escreveram
 as leis. Nem isso admira, se é um drago quem as vomita.³⁷⁹

76

Ao jurista Frontão³⁸⁰

É sacratíssimo o direito das leis e dos cânones, pois deles
 provém a luz para o mundo, a luz para ambos os foros.³⁸¹

Nada mais útil do que as leis, se nelas não derramasse
 peçonha a maldade do engenho humano, se nelas
 não derramasse, através de milhares de volumes, densas trevas, 5
 entre as quais raramente brilham as luzes da verdade.³⁸²

- Deiecto uultu loquitur, si quando necesse est,
 Affigitque solo lumina, membra tegens.
- 5 Transennas odit, thalamo Lariumque recessu
 Clausa, manus uexat uellere, uexat acu.
 Sit quanquam diues, uacuae cauet otia mentis,
 Cuiuscumque mali nascitur unde caput.
 Issa, facis contra. Congressus namque uiriles,
- 10 Otia semper agens blanditiasque petis.
 Et recta facie rectos infigis ocellos
 Quos sic instantes lumina nulla ferunt.
 Iam quod non unquam niueas texisse papillas
 Cura tibi est, nunquam lacteolosque sinus,
- 15 Irritas rabiem iuuenum et clamare uideris:
 "Candidulum hoc uobis dono libenter ebur".
 Sed quid ego haec memoro? Satis hoc de pluribus unum
 Improbitalis erit nequitiaequae tuae:
 Quando domi es (quanquam hoc rarum), tibi grata fenestra est:
- 20 Heu magnum uobis laxa fenestra malum!
 Hic tu, dum malo ludis lasciua rubenti,
 Dum iacis hinc niuea, dum capis inde manu,
 forte uia miles gradiens ditissimus auri:
 "Istud, ait, malum da, mea uita, mihi".
- 25 "En cape, dixisti, mea lux". Tamen, ante cicatrix
 Quam iaceres, malo est indita dente tuo.
 Sicque cicatricem quam fecerat, Issa, proteruus
 Dens tuus, impresso dente momordit eques.

75

In iura

Non atramento, uerum sunt scripta ueneno
 Iura. Nec hoc mirum, si uomit illa draco.

76

Ad Frontonem iuris peritum

- Sunt canonum et legum sanctissima iura, quod inde
 Lumen habet mundus, lumen utrumque forum.
 Legibus utilius nihil est, nisi uirus in illas
 Humani improbitas funderet ingenii,
- 5 Funderet et tenebras per mille uolumina densas
 Inter quas ueri lumina rara micant.

Ninguém vê na lei nenhuma certeza, toma-se o direito
 como um Proteu,³⁸³ cuja figura em parte nenhuma permanece fixa.
 É que a lei muda de face e transforma-se em todos
 os sentidos para onde a levam ou arrastam. 10
 E se os cânones me fizessem justo e recto,
 se as leis me tornassem menos parcial e menos covarde,
 àqueles e a estas, apesar de eu ser um tanto velho, eu os seguiria,
 e deter-me-ia, ó Ázone,³⁸⁴ nos teus volumes.

77

À vila de Urenha

Que ninguém te chame Urenha.³⁸⁵ Tu és digna do nome
 Urânia. Tu tens um nobre nome derivado do céu.³⁸⁶

78

Contra um descendente de Isac³⁸⁷

Contava certa pessoa piedosa que vira na região
 de Sólima³⁸⁸ o santo sepulcro do Senhor.
 Estava por acaso naquele ajuntamento um ouvinte hebreu.
 E, embora ele fosse já nascido da água regeneradora,
 perguntava cheio de espanto: “E também viste os ossos 5
 e o corpo de Cristo sepultado no seu túmulo?
 Oh, feliz de ti” – dizia ele – “a quem o próprio Jesus concedeu
 que contemplasses o seu corpo e seus restos mortais!”
 Estás enganado, Isácides, ou será que o velho inimigo te leva
 porventura para a depravada perfídia dos teus avoengos?³⁸⁹ 10
 Se tu fixasses na viva memória as palavras da tua Lei,
 seria outra coisa bem melhor o que dirias.
 Eis o que canta o teu poeta sagrado:³⁹⁰ “Supremo pai santíssimo,
 não permitirás que o teu santo conheça a corrupção.”
 Na verdade, o túmulo de Cristo ficou vazio de seu corpo 15
 quando Ele ressuscitou ao voltar o terceiro dia.
 Aquele famoso mármore, onde jazeu, tornou-se mais notável
 e mais famoso, quando Ele de lá ressuscitou.

79

Ao Cardeal-Infante³⁹¹

Dais com largueza a abundância dos vossos dons, como dantes
 costumáveis, e não consentis que haja ócio em vossas dádivas.

Nemo in lege uidet certi quid, Protea credas
 Ius, cuius nusquam certa figura manet.
 Nam mutat uultus et se transformat in omnes
 10 Lex sensus in quos ducitur aut trahitur.
 Quod si me facerent canones iustumque probumque,
 Si leges cupidum me timidumque minus,
 Has ego, sim quanquam senior, sectarer et illos
 Immorererque tuis, Azo, uoluminibus.

77

Ad Vruenam

Te uocet Vruenam nemo. Tu nomine digna
 Vraniae. A caelo nobile nomen habes.

78

In Isacidem

Narrabat sanctum Domini uidisse sepulcrum
 In Solyma quidam se regione pius.
 Forte Hebraeus erat coetu auscultator in illo.
 Is, quanquam lympha iam genitrice satus:
 5 “Vidisti, stupidus quaerebat, nunquid et ossa,
 Num Christi in tumulo condita membra suo?
 O te felicem, aiebat, cui cernere Iesus
 Ipse suum corpus relliquiasque dedit!”
 Falleris, Isacide, uel num fortassis auorum
 10 Perfidiam in prauam te uetus hostis agit?
 Verba tuae legis uigili si mente notasses,
 Longe aliud melius quod loquereris, erat.
 Hoc tuus ecce canit uates: “Corrupta uetabis
 Sanctum, sancte pater maxime, nosse tuum.”
 15 Nam tumulus Christi uacuum sine corpore mansit,
 Quando resurrexit ter redeunte die.
 Nobile marmor ubi iacuit, conspectius illud
 Vnde resurrexit nobilisque fuit.

79

Ad Cardinalem Infantem

Largiris nobis large, uelut ante solebas,
 Nec sinis esse tuis otia muneribus.

É doce o receber, mas muito mais doce o dar.
 Só essa enorme doçura de dar vos domina.
 Que Deus, para quem isso é fácil, tudo vos conceda. Ninguém nascido 5
 é mais digno que vós, ó Príncipe, de possuir as riquezas do orbe.

80

Contra os astrólogos1524³⁹²

O ano vinte e quatro, que agora corre, mostra
 que os genetlíacos nunca fazem predições verdadeiras.
 Aterraram as populações, dizendo que em breve as perseguiriam
 uma espécie de século de Pirra³⁹³ e as violentas águas de Deucalião,³⁹⁴
 desse tempo em que, embora estivessem os montes sepultados nas vagas, 5
 não o estavam os dois cumes do monte Parnasso.³⁹⁵
 Arrepiava-se o justo Noé perante o cerúleo cataclismo:
 procuravam uma barca e a fuga do dilúvio;
 procurava refúgios o povo, como se fosse possível estar mais seguro
 em algum lugar quando chega a ira de Deus.³⁹⁶ 10
 Era claro que o Senhor, esquecido da sua habitual piedade,
 estava disposto a lançar tudo na planura e nas vagas do mar.
 Aqueles momentos ou tempos que Deus determinou que não seriam
 conhecidos de ninguém, somente aos astrólogos Ele os revela!³⁹⁷
 O Omnipotente denuncia as vãs mentiras: serenos,
 ou como é seu costume, os dias correm e avançam. 15

81

Ao Arcebispo de Compostela³⁹⁸

Há um litígio entre mim e Tomás,³⁹⁹ perito do direito e das leis,
 pelo facto de este doutor pensar que é vão o meu saber.
 Em qualquer lugar em que me acuse, objetando respondo: “Ouve cá tu,
 que te deu, ou quanto, o Compostelano?”
 És tu, afinal, quem o ensina. Mas, se fosse a minha musa a ensiná-lo, 5
 já ele teria dado, como justo prémio, largas riquezas.
 E, todavia, tão cedo ainda não dará uma ridicularia
 aquela natureza brilhante e sublime que é a sua.”
 Assim falei eu. Tomás, por seu lado, assim começou a retorquir-me:
 “Pensas que hão de ser dados os benefícios que ainda o não foram? 10
 És bem louco, meu Aires, se numa esperança vã te deleitas;
 se algures existe o vácuo,⁴⁰⁰ não é senão vácuo a tua esperança.

Dulce est accipere, at multo dare dulcius. Ista
 Dulcedo dandi te nimis una capit.
 5 Det tibi, cui facile est, Deus omnia. Natus habere
 Te nemo est, princeps, dignior orbis opes.

80

In astrologos

mdxxiii

Quartus bis decimus, qui nunc fluit, indicat annus
 Vera loqui nunquam fata genethliacos.
 Terruerant gentes ueluti iam saecula Pyrrhae
 Instarentque ferae Deucalionis aquae,
 5 Tempore quo montes, quamuis latuere sub undis,
 Parnassi haud latuit montis utrumque iugum.
 Horrebat mundus cataclysmum et caerula Noe;
 Quaerebant arcam diluuiique fugam;
 Quaerebat latebras populus, quasi posset in ullo,
 10 Cum uenit ira Dei, tutior esse loco.
 Scilicet oblitus solitae pietatis, in aequor,
 In fluctus Dominus cuncta daturus erat.
 Quae uoluit momenta Deus uel tempora nulli
 Nota fore, haec solis explicat astrologis.
 15 Arguit Omnipotens mendacia uana: sereni,
 Aut soliti currunt praetereuntque dies.

81

Ad Archiepiscopum Compostellanum

Lis mihi cum Thoma est, iuris legumque perito,
 Scire quod hic doctor credit inane meum.
 Occurrens quocumque loco me interrogat: "Heus tu,
 Compostellanus quae tibi quotue dedit?
 5 Hunc tu nempe doces. Quem si mea musa doceret,
 Praemia iam largas digna tulisset opes.
 Tam cito ridiculum nondum dabit attamen ille
 Qui suus est splendor magnificumque genus."
 Sic ego. Sic contra Thomas mihi rettulit orsus:
 10 "Quae nondum data sunt munera, danda putas?
 Stultus, Ari, nimium es, si spe mulceris inani;
 Si uacuum est usquam, nil nisi spes uacuum est.

Ela alimenta uma cabeça vazia, um cérebro vazio,
 pois este, quando cheio, cheia vê sem cessar a sua mão.
 Quando o trabalho ceifa uma seara de muita abundância,⁴⁰¹ 15
 então ele é doce, então ele não se sente e entusiasma;
 ao contrário, desfalece o ânimo e apaga-se todo o ardor
 quando os bois se cansam a lavrar um campo estéril.⁴⁰²
 O sensato busca numa cidade de terra fértil, ao passo que o louco
 lança as sementes nas praias de areia.⁴⁰³ 20
 Até aqui falou ele. A minha questão, Ilustríssimo Príncipe,
 é saber se devo ter esperança de grande coisa, se de nada.
 Há muito já, Excelente Padre, que vos estais rindo de nariz silencioso,⁴⁰⁴
 por a minha musa ser jocosa talvez em demasia.

82

Contra um discípulo ingrato

Ensinei um filhote de corvo, para ele ser o corvo
 que viria a arrancar e a perfurar meus olhos.⁴⁰⁵

83

A Jorge Miranda

Não cultives as estéreis Musas, Jorge Miranda,⁴⁰⁶
 antes aprende a ser mais cauteloso do que o meu exemplo.
 Bártolo, ou Abade, ou o líbio Avicena fatigam,⁴⁰⁷
 mas é fadiga doce⁴⁰⁸ que traz dignas recompensas.
 E, embora te desagrade a sua barbárie, vê lá 5
 não seja maior barbárie não teres coisa nenhuma.⁴⁰⁹
 Nós, ao contrário, sulcamos um areal infecundo,⁴¹⁰
 da nossa semente nunca nasceu seara nenhuma.
 Olha pra mim: apesar de eu ter escrito um cento de exórdios retóricos,⁴¹¹
 nada ofereceram a este seu autor as elegâncias da língua. 10

84

A si mesmo, ao sentir-se desfalecer⁴¹²

Porque receias a morte, minha alma, ela que é origem de repouso
 e que é remédio de todo o mal humano?
 Vivendo, desejas um corpo morto e, conquanto repleta
 da luz celeste, procuras os antros de um cárcere tenebroso.⁴¹³
 Na verdade tu, abraçada a teu corpo como se fosse a um cadáver 5
 e ligando mãos com mãos e pés com pés

Illa caput uacuum pascit uacuumque cerebrum,
 Nam plenum plenam respicit usque manum.
 15 Tum labor est dulcis, tum non sentitur et ardet,
 Cum segetem multa fertilitate metit;
 Contra animus languet totusque extinguitur ardor,
 Cum lassis sterilis bobus aratur ager.
 Diuitis urbe agri sapiens sectatur, at amens
 20 Mandat arenosis semina litoribus.”
 Hactenus ille. Mihi lis est, clarissime princeps;
 Num magni? num sit spes facienda nihil?
 Iamdudum tacito rides, pater optime, naso,
 Quod nimium forsana iocosa mea est.

82

In discipulum ingratum

Erudii sobolem coruinam, coruus ut esset
 Erueret qui oculos effoderetque meos.

83

Ad Mirandam Georgium

Ne Musas colito steriles, Miranda Georgi,
 Discite sed exemplo cautior esse meo.
 Bartholus, aut Abbas, aut Libs Auicenna laborant,
 Sed labor est dulcis praemia digna ferens.
 5 Quorum barbarie licet offendare, uideto
 Ne sit barbaries maior habere nihil.
 Nos infrugiferam contra sulcamus arenam,
 De nostro nunquam est semine nata seges.
 Rhetorica en ego cum scripsissem exordia centum,
 10 Nil dedit auctori lingua diserta suo.

84

Ad se, cum langueret

Cur, anima, horrescis mortem, quae causa quietis,
 Omnis et humani quae medicina mali est?
 Mortua membra cupis uiuens et, lumine caeli
 Plena, tenebroso carceris antra petis.
 5 Namque tuum corpus ueluti complexa cadauer
 Atque manus manibus tu pedibusque pedes

e rosto com rosto, e infundindo-te através do corpo inteiro,
 tu suportas os longos sofrimentos da corrupção da morte,
 enfim, o mesmo suplício com que outrora Mezêncio
 atormentou e amortalhou os seus concidadãos.⁴¹⁴ 10

A vida reparte pelo homem a maioria dos bens com injustiça,
 a morte não dá a ninguém nada a mais ou a menos.
 O escravo, depois de morto, não tem mais que o senhor;
 Cresco, o opulento, não tem mais do que Iro, o dulíquio.⁴¹⁵

A nobreza não tem mais que a plebe, nem o rico mais que o pobre, 15
 nem o jovem mais que o velho, ou a mulher mais que o homem.
 Mesmo que esteja atulhado em ouro, sepulto em incenso,
 ou suspenso de uma cruz dando seu corpo de pasto às aves,
 depois da morte são todos iguais; quer apodreça no ar, nas vagas
 ou na terra, não importa, em toda a parte somos pó.⁴¹⁶ 20

A mitra não cobre os pontífices, nem a púrpura os reis,
 nem o vestido as matronas, nem aos homens a toga fina.⁴¹⁷

A todos recobre a beleza dos ossos, todos dormem o sono
 da cinza, e ninguém se deita em melhor leito.

Expus aos profanos as dádivas universais da morte; 25
 cantarei agora o que possui a esperança da nossa fé.
 Quando voa daqui para o Céu a alma que Cristo acolhe,
 ela torna-se feliz e fica no gozo pleno do bem supremo.
 E a página sagrada chama dormir ao morrer,⁴¹⁸ quando vier
 o último dia destinado a congregar os ressuscitados. 30
 Mas para que estou eu a sondar os mistérios do Céu imenso?
 Tamanha matéria não cabe dentro de um epigrama.

85

Contra um certo indivíduo

Cícero é um bom orador,⁴¹⁹ só a ti ele desagrada.
 Também eu não te quero agradar a ti, para quem Cícero não presta.

86

Contra o invejoso Ferrando

Apesar de seres férreo e embora sejas duro e também tenhas
 teus nomes a condizer com o ferro e ligados a cousa dura,⁴²⁰
 Mesmo assim o dardo da inveja varou o teu peito.
 Quem poderia acreditar? A inveja perfura o ferro!

- Osque ori iungens, totos infusa per artus
 Tabificae pateris taedia longa necis,
 Denique supplicium, quali Mezentius olim
 10 Afflixit ciues compsuitque suos.
 Vita homini plerumque bonum partitur inique,
 Mors tribuit nulli plusue minusue nihil.
 Non plus seruus habet domino, non mortuus Iro
 Dulichio Croesus plus opulentus habet.
 15 Nobilitas plus plebe nihil, non paupere diues,
 Non sene plus iuuenis, femina plusue uiro.
 Sit quamuis auro inclusus, sit ture sepultus,
 Corpore uel pendens in cruce pascat aues,
 Post obitum aequantur; putrescat in aere, in unda,
 20 In terra, haud refert, puluis ubique sumus.
 Pontifices non mitra operit, non purpura reges,
 Non stola matronas, non toga rasa uiros.
 Ossea forma tegit cunctos, in puluere somnus
 Est cunctis, lecto nec meliore cubant.
 25 Exposui mortis communia dona profanis;
 Dicam spes nostrae quid pietatis habet.
 Cum uolat hinc anima in caelum, quam Christus adoptat,
 Est felix, summo perfruiturque bono.
 Et dormire mori appellat sacra pagina, quando
 30 Vltima surgentes est habitura dies.
 Sed quid ego immensi aggredior mysteria caeli?
 Materiam tantam non epigramma capit.

85

In quendam

Orator bonus est Cicero, tibi displicet uni.
 Cui malus est Cicero nolo placere tibi.

86

In Ferrandum inuidum

Ferreus es quanquam, ferri quoque consona quamuis
 Durus habes durae nomina iuncta rei,
 Attamen inuidiae telum tua pectora fixit.
 Quis credat? ferrum perforat inuidia.

87**Contra Frontão**⁴²¹

Eras gramático, queres agora ser tido por jurisconsulto.

Eras inofensivo, desejas agora ser nocivo.

Legistas e canonistas roubam e espoliam;

ao contrário, os cânones do gramático são inofensivos.

Mas a leviana ambição⁴²² e o fulgor da fama do direito
perseguem e seduzem o teu espírito. 5

Donde te vem, já trémulo e velho, o vigor da razão?

Donde te vêm as forças? Donde te vem o tempo, para,
de barba branca e cabeça encanecida, começares

a aprender o que os velhos a custo aprenderam desde crianças? 10

É verdade que Cícero dizia,⁴²³ com grande bazófia, que em três dias
havia de ser jurisconsulto; mas isso, Frontão, era em seu tempo,
pois agora ninguém pode, nem mesmo em cem anos, folhear
os palavrosos Baldos,⁴²⁴ através dos seus muitos volumes.

Sem mais rodeios: queres tornar-te jurisconsulto num instante? 15

Com uma só letrinha podes ficar 'jurisconstulto'.

É fácil acrescentar a 'jurisconsulto' uma só letra.

Porque procuras fora? Tens lá dentro o que pretendes.

88**Contra o mesmo**

Aprendes, já velho, Frontão, o direito civil. Acaso te preparas
para exercer o direito junto de alguns Manes do Estige?⁴²⁵

89**Contra um bárbaro**

Zombas do nome de gramático, troças dele

à gargalhada, meu bárbaro: não me trazes nada de novo.

O porco também despreza as pedras preciosas;⁴²⁶

o que ele aprecia é a esterqueira e o lodo.

90**A função do gramático**⁴²⁷

A nossa época enclausurou erradamente a função do gramático

num círculo injusto, ignorando o grande encargo que ele desempenha.

É que nós temos o hábito de chamar gramático, com imprópria designação,
a quem quer que ensine tão-somente os primeiros elementos.

87

In Frontonem

- Grammaticus fueras, nunc uis consultus haberi.
 Innocuus fueras, nunc cupis esse nocens.
 Legulei rapiunt, spoliant, canonumque periti;
 Sunt contra innocui grammatici canones.
 5 Sed leuis ambitio et praefulgens gloria iuris
 Perstringunt animum sollicitantque tuum.
 Vnde tibi ratio constat tremuloque senique,
 Vnde tibi uires, tempus et unde tibi,
 ut cana barba incipias et uertice cano
 10 Discere quae a pueris uix didicere senes?
 At fore consultum triduo iactantius inquit
 Se Cicero; hoc uerum est tempore, Fronto, suo.
 Nam nunc uerbosos per multa uolumina Baldos
 Annis uel centum uoluere nemo potest.
 15 Vis cito consultus, missis ambagibus, esse?
 Vna 'constultus' litterula esse potes.
 Consulto facile est unum super addere gramma.
 Extra quid quaeris? Quod petis intus habes.

88

In eundem

Ius, Fronto, discis senior ciuile. Quibusnam
 Manibus an Stygiis dicere iura paras?

89

In barbarum

Nomen grammatici iocis, cachinnis
 Spernis, barbare: nil mihi noui affers.
 Sus spernit quoque gemmeos lapillos,
 Caenum est in pretio sui lutumque.

90

De officio grammatici

Grammatici officium gyro male clausit iniquo
 Nostra aetas quantum nescia fulsit onus.
 Nam quicumque docet modo prima elementa solemus
 Dicere non proprio nomine grammaticum.

Ora a prática dos Antigos, muito mais prudente e mais sensata, 5
 concedia este nome tão importante apenas aos críticos
 a quem concedia esclarecer o pensamento de todos os livros
 e que tinham o poder de apreciação e juízo.
 É ilustre⁴²⁸ quem mereceu a honra deste nome,
 ao qual a multidão semissábria de agora não dá qualquer valor. 10
 Ou as palavras perderam o seu antigo vigor,
 ou os nossos tempos já não vislumbram nenhum gramático!

91

A Joana Vaz⁴²⁹

Quem, de entre os homens doutos, ao ler o que tu escreves,
 Joana, imaginaria que nasceste na nossa terra?
 Ou nascida nas Esquílias ou no centro da Subura,⁴³⁰
 a nobre cidade de Remo há de reclamar-te romana, 5
 tão perfeitas são e, também, tão doces as tuas composições;
 e o próprio encadeamento das tuas palavras flui com elegância latina.
 No meio de tamanha barbárie de homens em que mal podias cultivar-te,
 como é que a tua língua, donzela, se tornou eloquente?
 Lamento agora não ter-te visitado, embora o pudesse
 ter feito, quando há pouco estive na vossa cidade.⁴³¹ 10
 Na verdade, eu, que me deleito com tua pena,⁴³² mais prazer
 sentiria com a tua presença e com a tua conversação.
 Mais doce é o fruto colhido na própria árvore,
 e dá mais prazer beber da própria fonte.⁴³³

92

Ao Arcebispo de Compostela⁴³⁴

Oradores e poetas eram tidos outrora em apreço.
 Os antigos mortais prestavam culto a estes homens.
 É que a um médico, porque era escravo, comprava-o para si
 qualquer rico, e ele fazia parte da turba dos seus serviçais. 5
 O intérprete do direito está ao serviço do causídico
 ministrando a sua justiça. Mas em breve a sorte é outra.
 Agora reinam só os médicos e os peritos das leis.
 A esses enriquecem-nos os próceres, a esses até o vulgo os sustenta.
 Mas a ti, porque não te deixas arrastar no labéu do vício comum,
 e acolhes em teu coração o orador e o poeta 10
 como outrora fazia teu pai, também agora teus domínios muitas vezes
 voltarei a visitar, e a pisar os soberbos limiares do teu palácio torreado.⁴³⁵

- 5 Cautior at multo ueterum et sapientior usus
 Haec solum criticis nomina tanta dedit
 Quis aperire dedit cunctorum sensa librorum,
 Quos penes arbitrium iudiciumque fuit.
 Inclitus est, meruit qui nominis huius honorem,
 10 Quod nunc turba nihil semiperita facit.
 Aut ueterem iam uim amisere uocabula rerum,
 Grammaticum aut nullum saecula nostra uident.

91

Ad Ioannam Vaaz

- Quis te doctorum nostris putet esse, Ioanna,
 In terris ortam, qui tua scripta legit?
 Te uel in Esquiliis natam mediaeue Subura,
 Vrbs te Romanam uendicet alta Remi,
 5 Tam comptum, tam dulce simul componis, et ipsa
 Quae nectis Latio uerba lepore fluunt.
 Barbarie in tanta qua uix exulta uirorum,
 Quo tua, uirgo, fuit lingua diserta modo?
 Nunc doleo quod, cum potuissem uisere, uisi
 10 Non te, cum uestra nuper in urbe fui.
 Nam qui delector calamo, iucundius ore
 Praesenti fruerer colloquioque tuo.
 Dulcius est pomum quod carpitur arbore in ipsa,
 Et magis ex ipso fonte bibisse iuuat.

92

Ad Archiepiscopum Compostellanum

- Rethores in pretio quondam fuerunt.
 Prisci mortales hos coluere uiros.
 Nam medicum, quia seruus erat, sibi diues emebat
 Quilibet, ac turbae pars famulantis erat.
 5 Causidico famulabatur sua iura ministrans
 Interpres iuris. Sed modo sors alia est.
 Nunc regnant soli medici legumque periti.
 Hos ditant proceres, hos quoque uulgus alit.
 Sed, cum communis uitii non labe traharis,
 10 Orator cordi sitque poeta tibi:
 Vt patris quondam, sic nunc tua saepe reuisam
 Turrigeraeque domus limina celsa teram.

93

Ao Príncipe Teodósio

Quando ontem estáveis, nobre Príncipe, à vossa
 janela, não vos vi, não vos saudei⁴³⁶
 Talvez me julgue deseducado ou porventura soberbo
 quem me vê assim desprezar conhecidos.
 Seria verdade se desde há muito a deusa de olhos glaucos⁴³⁷ 5
 me não debilitasse a visão e não cegasse meus olhos.
 Além disso por vezes meu espírito voga perdido por longe
 e com frequência não consegue ver os homens na sua presença.
 Enfim, sou um cego. Que necessidade havia de contar tudo isto?
 O que é defeito dos olhos, não o queirais atribuir à alma. 10

94

A D. Sancho de Castela⁴³⁸

Sancho, nobre descendência dos reis de Espanha,
 a quem ornamenta a honra de uma dupla nobreza:
 do sangue, pois quem é mais nobre do que vós somente?
 Da virtude, já que as raras virtudes crescem em vós.
 Mas porque as insígnias da honestidade vencem a linhagem, 5
 e a genealogia dá lugar à grandeza de alma,
 é a vossa magnanimidade que a minha musa agora louva, vós que
 fostes para mim um pai e um guia de uma longa viagem.
 Quando assumi convosco a missão do legado
 ao Sumo Pontífice,⁴³⁹ éreis vós o chefe desta embaixada. 10
 Com meu corpo tão fraco, eu nunca teria decerto podido
 suportar o penoso e longo fardo do calor.
 Convosco por chefe, porém, superei toda a inclemência do mês
 de julho⁴⁴⁰ e os tórridos signos da abrasadora Canícula.
 É que todo aquele que se deita à sombra de boa árvore sente 15
 a alegria de o cobrir, com suas frondes, uma agradável sombra.

95

Ao gramático Probo⁴⁴¹

São a mesma coisa gramáticos e literatos.⁴⁴²
 Os gregos dizem *grammata*, os Latinos dizem
Litteras. Todos fogem, porém, de serem
 chamados gramáticos; querem, desejam

93

Ad Principem Theodosium

Cum tua te, princeps, tenuit, generose, fenestra,
 Non uidi, non sum te ueneratus heri.
 Forsan inurbanum credat, uel forte superbum,
 Qui me sic notos praeteriisse uidet.
 5 Est uerum, nisi languerent mea lumina dudum,
 Caecassetue oculos caesia diua meos.
 Adde quod interdum uolitat mens auia longe
 Praesentesque nequit cernere saepe uiros.
 Denique sum lippus. Quid opus fuit illa referre?
 10 Quod uitium est oculi, ne tribuas animo.

94

Ad D. Sancium a Castella

Regum Hispanorum, Sanci, generosa propago,
 Quem decorat geminae nobilitatis honor.
 Sanguis, est etenim quis te generosior uno?
 Virtutis, uirtus nam tibi rara uenit.
 5 Sed quia progeniem uincunt insignia honesti
 Et cedunt animo stemmata magnifico,
 Te nunc magnificum laudet mea musa, fuisti
 Qui mihi longinuae rexque paterque uiae.
 Pontifici summo legati munus obiui
 10 Cum tecum. Princeps muneris huius eras.
 Certe ego tam infirmo potuissem corpore nunquam
 Difficile et longum ferre caloribus onus.
 Te duce cuncta tamen superauit incommoda Iuli
 Mensis et aestiferi torrida signa Canis.
 15 Namque bona recubat quicumque sub arbore, laetum
 Hunc iucunda suis frondibus umbra tegit.

95

Ad Probum grammaticum

Iidem grammatici atque litterati.
 Graeci grammata, litteras Latini
 Appellant. Fugiunt tamen uocari
 Omnes grammatici, uolunt uocari,

e cobiçam ser chamados literatos. 5
 Mas para quê, se ambos significam o mesmo?
 Que grandes trevas nos perseguem, pobres de nós!
 Tu, porém, meu doce Probo, honra
 da “gramática” Talia,⁴⁴³ aprende por favor
 a desprezar a maledicência do pérfido vulgo, 10
 ao ler doravante as inanes obras dos homens⁴⁴⁴
 e o cego obscurantismo dos amigos das trevas.⁴⁴⁵

96

Contra um clérigo, seu hóspede

Tenho galinhas na capoeira, o meu hóspede surriprou
 uma gorga e trocou-a pela sua, que é fraca.
 É clérigo e ajunta as letras sagradas. Acaso o sacerdote pensa
 que, ao ajuntar o que é nosso, está juntando letras sacras?⁴⁴⁶

97

Ao cardeal D. Afonso

Roma oferece-vos, príncipe Afonso, o chapéu cardinalício.⁴⁴⁷
 É uma honra que Roma vos dá, mas não é menor a que ela recebe.

98

Contra Varo⁴⁴⁸

Sabes línguas por ti mesmo e sem ensino de qualquer mestre,⁴⁴⁹
 porque possuis grande abundância de livros.
 Sabes artes por ti mesmo, sabes tudo por ti só,
 porque tens, também, tamanha abundância de livros.
 Deves ser colocado na vanguarda do canto ascreu;⁴⁵⁰ 5
 e eu vou chamar-te um *sábio de coração*, um *sabichão convencido*.⁴⁵¹
 Apesar de conheceres tudo, apesar de tudo saberes, ainda
 não descobriste, meu Varo, que não sabes nada de nada.

99

Autoexortação⁴⁵²

Tal como o piloto governa a popa no mar inchado, conhecedor
 dos escolhos a evitar e dos lugares seguros a perseguir,⁴⁵³

- 5 Exoptant cupiuntque litterati.
 Cur hoc, significant idem si utroque?
 Quantae nos miseros premunt tenebrae!
 At tu, grammaticae decus Thaliae
 Mi dulcis Probe, discito precor te
- 10 Vulgi spernere uoculas maligni,
 Hinc curas hominum legens inanes
 Et caecas nebulas tenebrionum.

96

In clericum hospitem

Sunt mihi gallinae in cauea, meus hospes opimam
 Sustulit, infirmam substituitque suam.
 Clericus est et sacra legit. Creditne sacerdos
 Dum sibi nostra legit, tum sibi sacra legit?

97

Ad D. Alfonsum Cardinalem

Roma tibi donat, princeps Alfonse, galerum.
 Dat tibi Roma decus nec minus illa capit.

98

In Varum

- Per te scis linguas nulloque docente magistro,
 Quod sit librorum copia magna tibi.
 Per te scis artes, per te scis omnia solus,
 Quod librorum etiam copia tanta tibi est.
- 5 Carminis Ascraei ponendus in ordine primo es,
 Te uoco θυμόσοφον teque δοκησίσοφον.
 Omnia cum noris, cum sciueris omnia, nondum
 In cunctis nosti te, Vare, scire nihil.

99

Ad se paraenesis

Rector ut in tumido puppim regit aequore gnarus
 Quos uitet scopulos, quae loca tuta petat,

e, rompendo umas ondas e cedendo a outras com o governo do leme,
 conduz o débil lenho através dos longos estreitos,
 assim também tu, Aires, ora aperta ora afrouxa a agitação 5
 e os turbilhões entumecidos da alma, dominando-os com a razão.
 E, governando com denodo as indómitas vagas da vida,
 teus cuidados supera, tal como aquele as ameaças do mar.

100

**Acerca da democracia de Espanha,
 quando ainda estava em Salamanca.**

1520⁴⁵⁴

Escuta, Posteridade. Encontras prazer em recordar
 o que em nossa idade aconteceu na nossa Hespéria.
 Já desde aquele tempo em que o Estado romano
 era o triunfo dos Hunos e a presa bélica de Tótila,⁴⁵⁵
 estava a nossa Hispânia sujeita a governos cujo jugo 5
 os seus chefes ousaram por muitas vezes quebrar.
 E não admira, pois a condição do mais forte torna-se audaz,⁴⁵⁶
 e audaz se torna a nobreza apoiada na sua própria soberba.
 Ao contrário, a multidão, sendo mais fraca, treme de medo e está pron
 a escravizar-se e a suportar o que se queira: leis, tributos, chacinas. 10
 O vulgo já por si cria unidade, mas foi com a longa experiência
 do tempo que, na nossa região, ele se tornou mais unido.
 Tal como os Massílios⁴⁵⁷ não dobram do cavalo as mandíbulas
 que o freio não conhecem, assim a vara régia não dobra o seu povo.
 Mas este trovejou agora. Os cautelosos, aterrados 15
 pela sua violência fulminante, logo se precipitaram em fuga.
 Oh, infelizes daqueles que esperaram a plebe furibunda,
 e a quem laceraram e retalharam chusmas de gente sem conta!
 Despedaçados, metendo horror, ficaram abandonados na praia,
 como corpos sem membros que pereceram no meio do alto mar.⁴⁵⁸ 20
 Tal como um rio a transbordar com as chuvas de Inverno
 sai do seu leito em liberdade e ocupa os campos inundados,⁴⁵⁹
 assim a plebe hispana se espalha, de cerviz libertada,
 tomando conta do reino, das cidades e do poder.
 E gritam: “Viva o Rei, viva a República!”⁴⁶⁰ 25
 E os gritos abalam o céu de um ao outro polo celeste.

Frangit et hanc, huic cedit aquae, moderamine clauī,
 Infirmam tabulam per freta longa uehit,
 5 Sic et, Ari, motus animi fluctusque tumentes
 Nunc preme, nunc laxa, sub ratione tenens.
 Indomitumque salum uitae uirtute gubernans,
 Sic supera curas, ut maris ille minas.

100

**De democratia Hispaniae,
 cum adhuc esset Salmanticae.**

MDXX

Audi, posteritas. Nostro quod contigit aeuo
 Hesperia in nostra te meminisse iuuat.
 Tempore iam ex illo quo res Romana triumphus
 Hunnorum ac Totilae bellica praeda fuit,
 5 Subdita nostra fuit regnis Hispania quorum
 Sunt ausi proceres frangere saepe iugum.
 Nec mirum. Audet enim fortuna potentior, audet,
 Nixa supercilio nobilitasque suo est.
 Contra turba minor tremit et seruire parata
 10 Atque pati quiduis: iura, tributa, neces.
 Ex se contrahitur, longo sed temporis usu,
 Contractum est nostro uulgus in orbe magis.
 Nescia frenorum non sic Massylius ora
 Flectit equi, ut populum regia uirga suum.
 15 Nunc tamen intonuit. Cauti formidine saeui
 Fulminis, extemplo se rapuere fuga.
 Heu miseros plebem qui expectauere furentem,
 Innumerae laceros quos secuere manus!
 Discerpti, informes, mansere in litore, quales
 20 Sunt trunci in medio qui periire freto.
 Liber ut hibernis exundans imbribus alueo
 Exit et effusos occupat amnis agros,
 Libera colla gerens sic plebs Hispana uagatur
 Et regnum atque urbes imperiumque tenet.
 25 “uiuat rex, clamant, uiuat respublica”. Caelum
 Concutit et caeli clamor utrumque polum.

101

Acerca da mesma

É sabido que as cidades estabeleceram entre si uma aliança,⁴⁶¹
 para que todas tivessem uma mesma salvação,
 ou uma mesma ruína se a má sorte o consentisse,
 e comprometeram-se em coletivo juramento.
 É que o número dá proteção a mais gente,⁴⁶² a concórdia engrandece 5
 os pequenos Estados, e com a sedição os grandes desabam.⁴⁶³
 E até com muitos é possível falhar, quando foi arrancada a cabeça
 de um povo tão grande e tão agressivo!
 Por isso, juntaram suas forças Segóvia, Burgos,
 Valhadolid com Toro, Samora com Leão, 10
 Ávila, Toledo, Salamanca, famosa pelas Musas
 e pelas armas. É, porém, longa demora referir as demais.⁴⁶⁴
 Enquanto os membros estiveram bem unidos à sua cabeça,
 formavam um corpo invicto com robusta firmeza.
 Agora, porém, o inimigo arrancou dos membros a cabeça 15
 e arrastou-a; e dizem que ela abandonou o seu corpo.
 Creio que essa cabeça andaria melhor na sola dos pés,
 pois a uma tal cabeça é esse o lugar que convém.⁴⁶⁵

102

Sentença de um artesão democrático

A sorte dos homens, ou se ergue acima das nuvens e do espaço,⁴⁶⁶
 ou, sacudida, de lá se precipita a mesma sorte
 como jangada que, ora atinge o céu na curva do turbilhão,⁴⁶⁷
 ora se afunda na escuridão do Tártaro quando o mar se abre em abismo,
 como bola que umas vezes sobe, altaneira, até às regiões etéreas, 5
 outras vezes se precipita no solo, coberta de pó.⁴⁶⁸
 Foi este o jogo que a roda da volúvel fortuna jogou em terras
 de Espanha, pois que dá à plebe as preferências do seu favor.⁴⁶⁹
 Havendo um certo nobre a quem custava suportar tal jogo,
 diz: “Agora é o artesão quem manda na nobreza!” 10
 E diz-lhe o artesão: “Nem admira: isto é o fruto da vossa inércia.
 Se vós governásseis, não era nosso este lugar.”

101

De eadem

- Inter se coiisse urbes in foedera, notum est,
 Esset ut his cunctis omnibus una salus,
 Aut unum exitium si sors aduersa tulisset,
 Iureque iurando se tenere simul.
- 5 Nam seruat numerus plures, concordia paruas
 Res auget, magnae seditione cadunt.
 Pluribus et peccare licet, populique nocentis
 Tam magni ceruix quando recisa fuit!
 Ergo suas miscent uires Segouia, Burgi,
- 10 Pincia cum Tauro, cum Legione Zamor,
 Abila, Tolletum, Muis Salmantica et armis
 Nobilis. Ast alias longa referre mora est.
 Membra suo capiti bene dum coniuncta fuerunt,
 Inuictum firmo robore corpus erat.
- 15 Nunc tamen a membris uulsum caput abstulit hostis
 Atque ferunt corpus destituisse suum.
 Credo pedes istud melius caput isset ad imos,
 Nam tali capiti conuenit ille locus.

102

Dictum fabri democratici

- Tollitur haud aliter nubes et inania supra
 Sors hominum aut illinc sors ea pulsa cadit,
 Quam ratis aut caelum curuato gurgite tangens
 Aut, cum pontus hiat, Tartara nigra petens,
- 5 Quam pila quae interdum sublimis in aethera fertur,
 Fertur et interdum puluerulenta solo.
 Lusit in Hispanis fortuna uolubilis oris
 Hunc ludum; plebi nam fauet illa magis.
 Hunc quidam ludum ferret cum nobilis aegre,
- 10 "Iam faber est rector nobilitatis", ait.
 Cui faber: "Haud, inquit, mirum est, id inertia uestra est.
 Hic locus haud noster, si regeretis, erat."

103

Exortação à democracia⁴⁷⁰

Embora os soberanos tenham poder de te destruir, ó plebe hispana,
eles querem não só proteger-te, mas também ajudar-te.
Eis que eles pedem a paz. Porque foges das sagradas alianças
dos príncipes, sendo tu desigual na força e na riqueza?
Um peixe grande come os pequenos,⁴⁷¹ a baleia devora 5
os menores, e a fúria dos cães destroça as lebres.
Tu confias em tímidos. Quando se entrar em combate,
cairás vencida, qual hidra de muitas cabeças.⁴⁷²
Estás retalhada em partidos. Nada fazes com espírito de unidade
e de concórdia. É próprio do povo desejar a cada um o que é seu. 10
Serás não apenas infeliz nas armas, mas também vencida na justiça:
os grandes próceres pretendem vencer-te em ambos os campos.
Tarde reconhecerás, tarde e em vão procurarás conquistar
a riqueza que neste momento deixaste escapar das mãos.
A ocasião cobre a face com os cabelos e não quer ser conhecida. 15
Agarra-a pelos cabelos, para que ela não voe de nuca calva.⁴⁷³
Tu apoderas-te dos réditos do Imperador ausente, das suas armas
e das suas leis. Porque roubas, insensata, o que é alheio?
E queres que os próceres suportem o jugo que vós, vulgo inerte,
por costume suportais, queres abolir o governo dos próceres. 20
Queres misturar o céu com a terra, as estrelas com o mar.
Não queres que nada esteja no seu próprio e justo lugar.
Auguro, por isso, que sobre a tua cabeça está pendente a ruína.
Na verdade o que é violento acaba por ruir quando menos se espera.
Volta, por ti mesma, ó vil ralé, ao teu modo de vida. 25
Que os patrícios governem, e tu, vil como és, ocupa-te do vil trabalho.⁴⁷⁴

104

Acerca do alcaide do castelo chamado de Alaejos⁴⁷⁵

“Se a máquina de guerra pudesse atingir o céu,
o céu conquistaríamos”, diz o capitão Urbina.⁴⁷⁶
Embora tantas vezes flagelada, Alaejos, pelo cerco
e pelo fogo das bombardas, tu, apesar disso, não caís.
Não tens altos rochedos a circundar as tuas muralhas 5
em redor, não te rodeia o vasto caudal de um rio;
ocupas uma planície e, atravessada já por buracos sem conto,
estás completamente aberta; e, mesmo assim, porque não caís ainda?

103

Ad democratiam paraenesis

- Perdere cum possint te, plebs Hispana, dynastae,
 Et seruare uolunt et tibi consulere.
 Ecce petunt pacem. Cur, cum sis uiribus impar
 Atque opibus, procerum foedera sancta fugis?
 5 Piscis edit magnus paruos, balaena minores
 Deuorat et lepores percutit ira canum.
 Tu credis timidos. Fuerit cum in proelia uentum,
 Multorum capitum belua uicta cades.
 Scinderis in partes. Animo concorditer uno
 10 Nil agis. Est populi uelle cuique suum.
 Non armis solum infelix, sed uinceris aequo:
 Te magni proceres uincere utroque uolunt.
 Heu sero sapiens, frustra seroque requires
 Elapsam e manibus temporis huius opem.
 15 Crine tegit faciem nec uult occasio nosci.
 Crine tene hanc, caluo ne uolet occipite.
 Caesaris absentis reditus inuadis et arma
 Et leges. Demens, cur aliena rapis?
 Et uis ferre iugum proceres quod ferre soletis
 20 Vulgus iners, procerum tollere uis regimen.
 Vis miscere polum terris, uis sidera ponto.
 In proprio inque suo uis nihil esse loco.
 Auguror unde tuum in caput impendere ruinam.
 Nam subito casu, quae uiolenta, ruunt.
 25 Ipsa redi ad uestrum, uilis plebecula, quaestum.
 Patricique regant, uilia uilis agas.

104

De custode arcis quae dicitur Halaeios

- “Bellica si caelum contingere machina posset,
 Urbinas caelum dux caperemus ait.”
 Tu licet Halaeios toties percussa rotatu es
 Ardentis bombi, non tamen ipsa cadis.
 5 Non tua praecelsae circumdant undique rupes
 Moenia, non uasta circuit amnis aqua,
 Plana tenes et iam perfossa foramine multo
 Tota pates; nondum cur tamen ecce cadis?

Porque tens por trincheira, impenetrável a qualquer ferro,
 o valor de um corajoso e magnânimo varão. 10
 É que homem corajoso que despreza a vida não aceita ser vencido,
 ao contrário daquele que, apesar de sofrer os golpes, anseia viver.

105

Acerca do mesmo⁴⁷⁷

Com a ingente mortandade de homens cresce a tua glória
 e já o teu nome é cantado pelo orbe inteiro,
 porque defendes as frágeis muralhas, de peito inquebrantável,
 porque, tendo tu poucos soldados, pões em fuga muitos milhares.
 Se fossem os Líbios a fugir diante de ti, se fosse aquele bárbaro 5
 turco potente, serias mil vezes feliz.
 Mas, agora, não estás matando tu irmãos teus e concidadãos na fé?
 e não estás a cometer o sacrilégio de espezinhar a tua religião?
 “É um doce bem”, dizes tu, “a glória⁴⁷⁸ de um feito notório;
 tal prestígio e tamanha honra não hão de morrer!” 10
 Que importa, afinal, o ressoar da tua fama pela vastidão do orbe,
 se, quando já morto, nenhuma parte dela te vem valer?
 Não julgues doce aquilo que não é sentido. No outro
 mundo, fama e badalação tudo será fumo vão.
 Acaso César, acaso a magna descendência de Filipe⁴⁷⁹ sente 15
 que os seus feitos mereceram a fama de invicto?
 Na verdade Cristo, que é o juiz da vida de um e de outro,
 é que ensina o que é bem ou o que é mal para ambos.
 “Que te aproveitam”, diz Ele, “os bens do mundo inteiro,
 se vieres a sofrer a perda da tua alma?”⁴⁸⁰ 20
 Tudo quanto se possui nesta vida, tudo passa, tudo voa;
 quer bens quer males, com a morte tudo aí se esvazia.
 Acaso não receias as trevas? Os antros de fogo
 do rigoroso juiz? Os severos castigos da justiça de Deus?
 Os carrascos infernais? Os tenebrosos espíritos malignos?⁴⁸¹ 25
 Os vermes da podridão? Os Lares a vomitar chamas?⁴⁸²
 Não preferes, ao contrário, um repouso sem fim,
 com a máxima e eterna soma de bens para ti?
 Não preferes contemplar a clara luz do espelho divino,
 que traz à tua vista a visão de todas as coisas?⁴⁸³ 30
 Se tudo isto não anseias, não o temerás ao menos?
 E o bem que o amor não fizer, não o fará, então, o temor?

10 Quod munimen habes nulli penetrabile ferro,
 Virtutem fortis magnanimitate uiri.
 Nescit enim fortis, qui non uult uiuere, uinci,
 Contra illum qui uult uiuere tela ferens.

105

De eodem

Strage uirum ingenti crescit tua gloria, iamque
 Concinitur toto nomen in orbe tuum,
 Quod fragilem murum fragili non pectore seruas,
 Milite quod raro millia multa fugas.
 5 Si tibi terga darent Libyci, si barbarus ille
 Turca potens, felix terque quaterque fores.
 At nunc non fratrem mactas ciuemque fidelem?
 Et calcas ritus impie nonne tuos?
 “Dulce bonum est”, inquis, “uulgati gloria facti,
 10 Hoc decus, ac tantus non morietur honos.”
 Quid tum, quod latum resonet tua fama per orbem,
 Si pars defuncto iam tibi nulla uenit?
 Dulce nihil credas quod non sentitur. In orbe
 Fama alio et rumor fumus inanis erit.
 15 An sentit Caesar, proles an magna Philippi,
 Quod decus inuicti res meruere suae?
 Illius uitae nam Christus et arbiter huius,
 Commoda uel quae sint damna utriusque docet.
 “Quid prosunt, inquit, totius commoda mundi,
 20 Tu iacturam animae si patiare tuae?”
 Quicquid habetur in hac, fluxum atque uolatile totum est,
 Seu bona, cuncta illic, seu mala, morte uacant.
 Non metuis tenebras, rigidi non iudicis antra
 Ignea? non iusti saeua flagella Dei?
 25 Infernos non tortores? cacodaemonas atros?
 Tabificos uermes? flammiumosque Lares?
 Non optas contra requiem sine fine, bonorum
 Cum summo cumulo perpetuoque tibi?
 Non speculi clarum diuini cernere lumen,
 30 In uisum referens omnia uisa tuum?
 Si non ista cupis, saltem non illa timebis?
 Atque bonum faciet non amor, ergo timor?

106

Exortação

quando Fuenterrabia foi tomada dos Franceses

Às armas, varões! Às armas, varões, que está aí
 a artilharia gálica em peso e povoa as nossas terras!
 Os seus batalhões encheram as planícies, encheram os montes,
 as suas esquadras encheram toda a extensão do mar.
 Aqueles que há pouco vencestes voltam à luta, 5
 e já arderam, Fuenterrabia,⁴⁸⁴ as tuas fortalezas.
 Abrasada pelo denso fogo das bombardas incendiárias,
 jazes vencida, contando grande número de mortos.
 E nem isto lhe basta, ameaça-nos com duro jogo,
 irrompe pelo interior das nossas casas e dos nossos lares. 10
 “Nada está feito”, dizem eles, “enquanto a França, tomando Burgos,
 não colher da cepa madrigalense as suas taças de vinho.”⁴⁸⁵
 E vós, oh! sentis prazer na ímpia⁴⁸⁶ guerra civil e em manchar
 as vossas mãos no sangue fraterno e no pescoço dos vossos pais?
 É frequente vermos também os cães lutarem entre si, 15
 mas estes, à vista do lobo, depõem as armas
 e afastam o inimigo comum para longe do aprisco,
 do rebanho, dos estábulos e do seu posto.
 Por isso, vamos, Espanhóis, defendei a Pátria;
 é belo morrer pela Pátria,⁴⁸⁷ por Deus e pela Família. 20
 Se vos agrada ostentar o prestígio das armas, podeis
 agora recordar os feitos dos valorosos antepassados
 que, sob o comando de Gonçalo,⁴⁸⁸ derrubaram muitas vezes
 os batalhões dos Franceses nos teus campos, ó Nápoles.
 Ó grande Condestável,⁴⁸⁹ e tu, Pontarco,⁴⁹⁰ expulsai 25
 das nossas fronteiras o furor da barbárie.
 Vamos, Espanha, procura depressa unir-te, e derrota os Gauleses.
 Lembra-te de quantas vezes fizeste do *Galo* uma galinha!

107

Acerca da mesma⁴⁹¹

Expulsos os inimigos à custa de um prolongado cerco,
 volta agora Fuenterrabia ao seu possuidor.

106

Paraenesis

cum a Gallis capta est Fontirabia

Arma, uiri, rapite arma, uiri, nam Gallicus axis
 Totus adest, nostros et populatur agros.
 Complerunt campos, complerunt agmina montes,
 Complerunt classes qua patet omne fretum.
 5 Quos modo uicistis repetunt certamina iamque
 Arserunt arces, Fontirabia, tuae.
 Fulminibus crebris bombisque ardentibus usta
 Non sine multorum funere uicta iaces.
 Nec satis hoc illi est, nobis iuga dura minatur,
 10 In thalamos nostros irruit inque lares.
 "Actum, inquit, nihil est, captis nisi Francia Burgis
 De Metricalensi pocula uite ferat."
 Vos iuuat, heu! ciuile nefas et sanguine fratrum
 Et patrum iugulis commaculare manus?
 15 Saepe canes etiam inter se pugnare uidemus,
 Conspecto ponunt hi tamen arma lupo
 Communemque hostem procul a praesaepibus arcent,
 A grege et a stabulis, a statione sua.
 Quare agite, Hispani, patriam defendite, pulchrum est
 20 Pro patria atque aris coniugibusque mori.
 Si libet armorum laudem ostentare, potestis
 Hinc animosorum facta referre patrum
 Qui duce Gonsalo strauerunt agmina saepe
 Gallorum in campis, Parthenopaea, tuis.
 25 Magne comes stabilis tuque, o Pontarche, furentem
 Finibus ex nostris pellite barbariam.
 Sterne age, iam concors, Gallos, Hispania. Gallum
 Gallinam quoties feceris, esto memor.

107

De eadem

Hostibus expulsis longa obsidione, redit iam
 Ad possessorem Fontirabia suum.

108

Vitória dos nobres em Logronho**Em 1521**

Admirável ocasião de sucesso para os franceses
 foi, no nosso tempo, a revolta da plebe,
 que, usurpando o poder militar e civil, queria
 inverter a ordem social e submeter tudo a si.⁴⁹²

A nobreza, repelindo esta guerra civil da plebe, 5
 convoca para aqui⁴⁹³ os esquadrões e a guarnição de Navarra,
 trazendo de lá o veterano soldado⁴⁹⁴ que despedaçou
 os franceses nos teus campos, ó Nápoles,
 no tempo em que a ínclita dextra do Grande Capitão⁴⁹⁵ elevou
 aos astros, com a sua ação militar, o nosso prestígio e o nosso nome. 10

Retirando-se, pois, daqui o valoroso soldado, os franceses
 entram no reino de Navarra por onde lhes é dada passagem.
 E, se eles tivessem vindo mais depressa, a Espanha choraria
 Ao ver a sua ruína total e tudo a desabar de alto a baixo.

Pois, que teriam feito os nobres, com os franceses dum lado 15
 e a plebe do outro a atacarem juntos os sitiados?
 Seria a Espanha certamente levada de vencida com todos os danos,
 destinada porventura toda ela à submissão do jugo nórdico.
 Mas Deus não levou a sua aversão contra os iberos ao ponto
 de querer que nós cáissemos em imerecida destruição coletiva. 20

Ele reteve os franceses até que foi vencida a ralé.⁴⁹⁶
 Ah, quanto não aproveitou aos nossos aquela demora!
 E o rei, o teu Imperador, ó Alemanha, estava ausente daqui,
 e foi por isso que se precipitou e rebentou a fúria popular.

Dominada, enfim, a plebe, os dinastas voltaram os seus guiões 25
 vitoriosos, com o favor de Marte, contra os esquadrões franceses.
 Mortos parte deles, a maior parte cativos, ficou a máquina
 de guerra cativa e com ela cativo também o seu comandante.⁴⁹⁷

E enquanto a Providência assim vela pelos espanhóis, chora
 a França vencida com desgraças que lavram de todo o lado. 30

109

Contra Frontão⁴⁹⁸

Lá porque o teu palácio abunda em livros cultos
 da língua ática e da latina, meu Frontão,⁴⁹⁹

108

De victoria procerum ad Logronium

MDXXI

- Mira gerendarum Gallis occasio rerum
 Tempore plebs nostro seditiosa fuit,
 Ad se quae imperium regnumque trahendo, uolebat
 Ordine peruerso subdere cuncta sibi.
- 5 Nobilitas bellum hoc plebis ciuile repellens,
 Nauarrae huc turmas praesidiumque uocat,
 Illinc subtracto ueterano milite, fregit
 Qui Gallum in campis, Parthenopaea, tuis,
 Tempore quo magni ducis inclita dextera bello
- 10 Et decus et nostrum nomen in astra tulit.
 Ergo forti illinc amoto milite, Galli
 Nauarrae in regnum, qua data porta, ruunt.
 At citius si uenissent, Hispania fleret
 Ad terram ex alto culmine tota ruens.
- 15 Nam quid fecissent proceres, hinc milite Gallo
 Indeque in obsessos plebe ruente simul?
 Ergo ferebatur tot uicta Hispania damnis,
 Tota sub arctoum forsan itura iugum.
 Sed non usque adeo Deus est exosus Iberos,
- 20 Vellet in immeritam nos simul ire necem.
 Hic tenuit Gallos donec plebecula uicta est.
 Ah quantum nostris profuit illa mora!
 Et rex hinc aberat tuus, o Germania, Caesar,
 Ciuicus unde ruit detonuitque furor.
- 25 Plebe igitur domita, uictricia signa dynastae
 Vertere in Francos Marte fauente globos.
 Quorum pars caesi, capti pars maxima, belli
 Cum duce captiuo machina capta fuit.
 Dumque ita prospiciunt Hispanis numina, plorat
- 30 Hinc illuc uersis Francia uicta malis.

109

In Frontonem

Quod tibi cultis nitet aula libris
 Atticae linguae Latiaeque, Fronto,

já pensas que és douto e bem letrado
e amante das Musas.

Mas pensas mal, Frontão, pois não te fazem 5
letrado as estantes dos livros
que tu nunca lês, porque és ignorante
de todo o saber.

As letras gregas e as latinas são para ti 10
desconhecidas de todo. Diz-me, pois, o que faz
em casa de cego um quadro pintado
de variadas cores?

Assim também tu, se fores hoje ao mercado e comprares 15
para ti guitarras e uma lira, um bárbito, cordas
e toda a espécie de plectros, ficarás amanhã de repente
um tocador de guitarra.

110

Contra um bárbaro invejoso

Uma vez que não tens qualquer rivalidade comigo
e dado que eu nunca te fiz a mais pequena ofensa,
porque dilaceras a minha vida e os meus
versos, ó bárbaro?

Talvez invejes que eu tenha esta 5
glória literária que não é vulgar.
Esta glória não é nossa, podes crer,
é alheia; pois

tudo quanto louvas ou aprecias em quem quer que seja 10
é dom que pertence a Deus generoso.
Tudo quanto merece censura, hás de proclamá-lo próprio
da nossa farinha.⁵⁰⁰

Do meio de toda a gente, surge apenas um invejoso 15
movido de um depravado ódio, pois, sem motivo,
ataca um homem de bem e, sem ser provocado,
torna-se seu inimigo.

Te putas doctum et bene litteratum
Ac philomuson.

- 5 Sed putas, Fronto, male, litteratum
Non enim praestant foruli librorum
Quos legis nunquam, quia disciplinae es
Inscius omnis.

- 10 Litterae Graecae et tibi sunt Latinae
Prorsus ignotae. Facit, ergo dic, quid
In domo lippi uario tabella
Picta colore?

- 15 Sic tibi demens citharas lyramque
Barbiton, chordas, genus omne plectra,
Hoc die mercans, fueris repente
Cras citharoedus.

110

In barbarum inuidum

Nulla cum mecum tibi sit simultas,
Laeserim cum te minimo nec unquam,
Cur meam uitam laceras meosque,
Barbare, uersus?

- 5 Inuides forsā mihi litterarum
Hoc decus, tanquam triuiale non sit.
Hoc decus nostrum, mihi crede, non est,
Est alienum,

- 10 Quicquid in quouis celebras amasue,
Est Dei munus proprium benigni.
Carpitur quicquid, proprium id farinae
Dicito nostrae.

- 15 Vnus e cunctis odio mouetur
Inuidus prauo, sine nanque causa
Est bono infensus neque prouocatus
Est inimicus.

111

Da desgraça dos nossos tempos

Se queres, posteridade, conhecer os crimes de impiedade do nosso século, escuta-nos enquanto expomos em poucas palavras toda a matéria. Não hás de ler aqui tudo, mas daqui podes colher de tudo um resumo, tal como uma pequena fímbria dá a conhecer um tecido inteiro,⁵⁰¹ ou como uma breve página mostra uma grande enciclopédia. 5

Havia dois firmes baluartes da Cristandade, Rodes e o reino da Hungria. A ilha de Rodes era defendida pelos soldados da Ordem militar de São João,⁵⁰² e estava protegida por uma trincheira, um fosso e a vastidão do mar.

Desde o momento em que o Turco feroz a oprimia atacando-a com um prolongado cerco, corre a Fama loquaz⁵⁰³ pelo orbe inteiro como mensageira, contando os tamanhos perigos que já ameaçam os pobres dos sitiados e se preparam para avançar através de todas as terras da Cristandade. Todos dormem e não há ninguém que, na sua indolência, acorde e se levante de tamanho sono⁵⁰⁴ nem se inquiete, ao ver que, enquanto ardiam as muralhas de Rodes incendiadas pelo fogo bárbaro, essa tremenda chama soprava contra o reino da Hungria e se dispunha a atingir a vizinha Alemanha, a França, a Itália e, enfim, o nosso país. 10

Na verdade, o bárbaro reclama toda a Europa e procura maneira de se tornar maior que Alexandre ou maior do que César. 20

Enquanto, pois, ninguém foi em socorro de Rodes iludida numa esperança vã, enchera Febe nove vezes as suas pontas.⁵⁰⁵ E, depois da tomada de Rodes, o vencedor, voltando as suas tropas contra o reino da Hungria, dominou também aquele povo, muralha da Cristandade que outrora muitas vezes aos Turcos deitara por terra ou explusara e afugentara para os seus reinos.⁵⁰⁶ 25

Agora, porém, os Húngaros, oh! choram a perda do seu reino e a morte do seu rei, a quem, durante os ataques do inimigo, ninguém levava auxílio. Piedosas ofertas de reforço de guerra, só lhas mandou, das regiões mais afastadas, D. João, Rei de Lisa, jovem memorável dos nossos tempos.⁵⁰⁷ 30

E havia, oh crime! quem, de entre os cristãos, impedisse o auxílio aos infelizes, quem lhes impedisse as sagradas ofertas. O feroz Turco não teria podido causar-lhe dano maior! 35

Íncrito rei do Istro,⁵⁰⁸ a quem obedecia o Húngaro áspero e armipotente, quantas vezes enviaste cartas tuas aos reis da tua parentela e ao próprio órgão cimeiro⁵⁰⁹

111

De miseria nostrorum temporum

- Si uis, posteritas, nostri scelera impia saeculi
 Nosse simul, paucis totam rem absoluimus, audi.
 Non hic cuncta leges, tamen ex his cuncta notabis,
 Parua uelut totum demonstrat fimbria pannum,
 5 Pagina uel sicut magnum breuis indicat orbem.
 Christicolum fuerant duo propugnacula firma,
 Et Rhodos et regnum Vngariae. Rhodos insula sacris
 Militibus Sancti fuerat defensa Ioannis,
 Et uallo et fossa et uasto munita profundo.
 10 Postquam hanc oppugnans longa obsidione premebat
 Turca ferox, totum percurrit nuntius orbem
 Fama loquax, narrat quam magna pericula iam iam
 Obsessis instent miseris, uentura per omnes
 Christicolum terras. Illi dormire nec ullus
 15 E somno tanto surgit piger excitus et nec
 Secum agitat quod cum paries incensus ab igni
 Barbarico ardebat Rhodius, flamma illa tremenda
 In regnum Vngariae afflabat, nocitura propinquis
 Germanis, Gallis, Italis et denique nostris.
 20 Barbarus Europam namque omnem poscit et ambit
 Quo sit Alexandro uel quo sit Caesare maior.
 Dum Rhodiis igitur nemo succurrit, inani
 Spe lulis, nouies compleerat cornua Phoebe.
 Iamque Rhodo capta, conuertens agmina uictor
 25 In regnum Vngariae, gentem quoque sustulit illam,
 Murum Christicolum, Turcas quae saepius olim
 Strauerat, expulsos aut in sua regna fugarat.
 Nunc tamen amissum regnum regemque peremptum
 Vngarus, heu! plorat, qui cum premeretur ab hoste
 30 Nemo ferebat opem. Belli pia munera neruos
 Extremis solus Ioannes misit ab oris
 Rex Lysae, nostro iuuenis memorabilis aeuo.
 Et fuit, o facinus! Christi in cultoribus ullus
 Qui auxilium miseris, haec qui sacra dona uetaret.
 35 Non plus Turca ferox illi potuisset obesse!
 Inclite rex Histri, cui subditus Vngarus acer
 Armipotensque fuit, quoties tua littera misa est
 Ad consaguineos reges ipsumque supremi

da suprema autoridade apostólica? Mas todos os Itacenses
colaram cera nos ouvidos, enquanto o cauteloso Ulisses 40
escapou aos cantos mortíferos, com os seus remadores ensurdecidos.⁵¹⁰
Cresciam os lamentos da Panónia,⁵¹¹ e eles nunca quiseram
Enviar aos surdos ouvidos seus conselhos salutareis.
Por isso hão de sofrer o justo e merecido castigo da sua loucura.
Mas a ti, jovem rei, quem proclamará o digno pregão 45
do teu merecido louvor, tu que, de peito enérgico, enfrentas
sozinho a violência dos Turcos e perigos tamanhos?
Entretanto, enquanto cai destruído nas ondas sarmáticas⁵¹²
o jovem rei da Hungria, eis que aquele venerável templo de Pedro
consagrado em Roma, que o mundo adora prostrado, 50
é sujeito ao saque, à pilhagem e à total profanação de soldados,
não citas, não turcos, não líbios, não bárbaros, mas, em suma,
banhados e renascidos da fonte das águas puras
e pertencentes ao escol dos adoradores de Cristo, templo
em que eles tinham não tanto para saquear como para violar.⁵¹³ 55

- Iuris apostolici culmen? Verum auribus omnes
40 Affixere Ithaci ceras, sed cautus Vlixes
Mortiferos cantus euasit remige surdo.
 Contrahi Pannonicos questus monitusque salubres
Haud uoluere unquam surdas dimittere in aures.
Ergo dabunt poenas quas stulti iure merentur.
45 At tibi, rex iuuenis, merita praekoniam laudis
Quisnam digna ferat? qui forti pectore Turcas
Excipis immanes et tanta pericula solus?
 Interea, dum Sarmaticis cadit obrutus undis
Rex puer Vngariae, Petri uenerabile templum
50 Illud in Vrbe sacrum, quod mundus pronus adorat,
Et rapit et spoliat miles totumque profanat,
Non Scytha, non Turcus, non Libs, non barbarus, ergo
Purificis lustratus aquis et fonte renatus
Et de selectis Christi cultoribus, in quo
55 Non tam quod raperet quam quod uiolaret habebat.

(Página deixada propositadamente em branco)

ARII BARBOSAE LVSITANI

ANTIMORIA

•

ANTIMÓRIA

DE AIRES BARBOSA, LUSITANO

Fixação do texto latino e tradução

WALTER DE MEDEIROS

JORGE COELHO AO SEU AMIGO AIRES BARBOSA
SAÚDA COM VIVO AFETO

Acabo de ler, com avidez e aguilhoadada sofreguidão, o teu poema de elegância rara, consumado rival do estilo lucreciano; e por ele te dou os meus parabéns, bem como à nossa pátria e a toda a gente de bom senso.

É que, ao travares batalha campal contra a Insânia, tu realmente prestaste enorme ajuda e de extrema oportunidade à causa da Sabedoria, a pique de lesão e de derrota. Muito te devem, por isso, os sages todos: em defesa das suas cores te bateste com o supremo vigor de um campeão. E Cristo – Norte que demanda, Alvo que, por assim dizer, a tua *Antimoria* se propõe – te cumulará de graças infinitas: pois, com Suas armas, fé, inspiração, lograste derrotar (êxito assinalado!) esse monstro lerneu,⁵¹⁴ quase invencível, que é a Loucura.

Santo Deus, quanto saber, quanta virtude esplendem nesta obra! Pleiteia a sisudez com a erudição; com a eloquência, a doçura; com a argúcia das sentenças, a elegância do carne; em suma, a excelência de um amor devotado à piedade e à religião. Assim, de facto, era necessário – contra fera de tanta pestilência e fortaleza nas armas do seu partido.

Retire-se, pois, de ora avante, a Loucura por ti desbaratada: nem ouse um finca-pé. Morte a liquide de uma vez para sempre e seja varrida deste mundo (pois, a meu ver, nem digna seria de que a levasses arrastada no triunfo).

E de mim, que posso dizer-te? De mim, que deleitaste com este poema de tão requintado sabor que me julguei, ao cabo, a sorver a doçura sem-par do néctar e a quinta-essência do nepentes?⁵¹⁵ Se antes era tido na conta de avisado, certo a leitura deste poema me haveria de tornar mais avisado; se, ao invés, arrebanhasse na casta dos orates (para que hei de ter vergonha de confessar a generalidade do contágio?), recorreria à poção que ministraste como remédio salutar para tornar em mim um bom pedaço.

Mas tu arvoras-me em censor da tua obra. Porque zombas de mim, homem de tanto saber? Acaso mereço eu o papel de censor de poesia de tanta beleza e perfeição? Começo, por isso, a recear que, à força de excessiva deferência, promovas em mim maior doze de insensatez. Se tal convém ao objetivo da tua obra, rogo que tu, e só tu, o ajuízes...

O teu poema, aliás, está à margem de qualquer censura: por isso, o que mais me cumpre desejar é ter autoridade, porporcional ao merecimento, para exalçar dignamente os dotes soberanos do teu engenho e acreditar o mais possível a excelência da tua doutrina.

Adeus.

GEORGIUS COELIVS ARIO BARVOSAE SVO
S. P. D.

Perlegi auido et iamdudum sitiente animo elegantissimum tuum poema Lucretianae phraseos feliciter aemulum, in quo non minus tibi et patriae quam omnibus recte sentientibus gratulor.

Dum enim aduersus Stultitiam collatis signis dimicas, magnum tu quidem et perquam opportunum auxilium Sapientiae ipsi paene iam affectae et profligatae tulisti. Multum igitur tibi debent Sapientes omnes, pro quorum secta fortissimus athleta decertasti. Gratiam porro cumulatissimam referet Christus, quo dirigitur et quem uelut scopum sibi Antimoria tua proponit, cuius denique armis, fiducia, afflatu Moriam ipsam Lernaem et prope inexpugnabile monstrum felicissime superasti.

Deus bone, quantum eruditionis, quantum probitatis in opere isto relucet! Certat cum rerum scientia grauitas; cum facundia uenustas; cum sententiarum acumine carminis elegantia; postremo, cum his omnibus eximius quidam pietatis atque religionis amor. Sic quidem decebat aduersus taeterrimam, suorumque armis belluam munitissimam.

Facessat igitur in posterum, nec pedem conferre ausit abs te profligata Moria; pereat funditus, tollatur de medio, nec enim hanc dignam censuerim quae uel in triumpho abs te ducatur.

Nam de me quid tibi dicam, quem mirifice hoc carminis genere recreasti, denique ueluti suauiissimum poculum ac nepenthes quiddam mihi uideor hausisse? Quod si antehac prudens habebam, certe poematis huius lectio me prudentiorem reddiderit; sin ego potius stultorum unus (quid enim me pudeat commune fateri contagium?), pharmacum quod propinasti praesens remedium fuerit, ut aliquando resipiscam.

Sed iudicem tu me operis tui facis. Quid, obsecro, illudis mihi, uir doctissime? An ego pulcherrimorum et consumatissimorum carminum iudex esse merear? Itaque uereor ne, dum mihi supra modum tribuis, in eo ipso stultiorem me reddas. Quod utrum operis tui instituto conueniat, plane tu ipse iudices oro.

Carmina quidem tua extra omnem censuram posita sunt, quocirca illud magis optandum mihi est ut ingenii tui dotes dignis ad caelum laudibus euehere, doctrinamque tuam pro merito ualeam commendare.

Vale.

PREFÁCIO
DE AIRES BARBOSA, LUSITANO,
À *ANTIMORIA*,

DIRIGIDO AO ILUSTRÍSSIMO CARDEAL DA SANTA IGREJA ROMANA
E INFANTE DE PORTUGAL, DOM AFONSO

Quando, na Academia de Salamanca, vai em quase trinta anos, prestava serviço na milícia literária e, entre os professores das artes liberais, era o único a ensinar ambas as línguas à hispânica juventude – já então, Sagrado Príncipe, sobremaneira desejava, à imitação daquela piedosa viúva louvada no Evangelho, contribuir para o erário do Senhor⁵¹⁶ com uma produção do nosso pobre engenho. Mas, como nem o encargo público do magistério nem o governo da minha vida particular permitissem o desenvolvimento de quaisquer matérias – salvo as que, nessa altura, eram objeto da nossa interpretação –, aguardava, para tanto, aquele justo e dadivoso ócio que a nobre Universidade de Hispânia costuma, ao cabo de vinte anos de profissão, proporcionar a seus mestres, quando bons servidores e já cansados pela idade.

No entanto, mal a aposentação se verificou, eis que, findo um trabalho, logo outro sobreveio e lhe foi acrescentado – de igual responsabilidade, sim, mas que me cumpria executar em menos tempo. Assim, Dom João III, vosso Irmão, ínclito Rei de Portugal, encarregou um mensageiro de me ir buscar a Salamanca, do mesmo passo que, por carta, me exortava a tomar conta da vossa instrução – porquanto, se ainda éreis uma criança, contudo já tínheis assento no Colégio dos Cardeais da Cúria Suprema. Não podia escusar-me ao pai da minha pátria – convencido, para mais, de que nenhuma oferenda poderia ser mais grata aos olhos de Deus do que os ensinamentos que vos ministrasse, a vós, um egrégio adolescente penhor da mais alta esperança e árbitro, em futuro próximo, de inumeráveis crentes.

Deste novo encargo nos desempenhámos em sete anos; e, neste lapso de tempo, aprendestes a eloquência, a retórica e a dialética, de par com as mais elegâncias do humanismo. Tarefa que, a bem dizer – tanta é a pujança e aplicação do vosso engenho – teria plenamente executado no prazo de três anos, se a instabilidade da corte, à força de mudanças, me não impedisse de assentar mais longos arraiais em determinado lugar.

Agora que por duas vezes já fui exonerado, e o magistério e o paço me concedem dilatado remanso na terra natal – retomo, na velhice, os projetos que em novo acalentava. É que, se me parece inadmissível viver sem fazer nada, antes quero converter o ócio apetecido em negócio de alguma utilidade. Também me não sorri, em contrapartida, a prática de desportos, caçadas e outros passatempos impróprios de gente avisada, mas principalmente a observância do primeiro e inescusável dever que impende sobre

ARII BARVOSAE LVSITANI
PRAEFATIO
IN *ANTIMORIAM*,

AD ILLVSTRISSIMVM S. R. ECCLESIAE CARDINALEM
ET PORTVGALIAE INFANTEM D. ALFONSVM

Cum in Salmanticensi academia abhinc triginta fere annos litterariae militiae stipendia facerem et inter professores bonarum artium unus utramque linguam Hispanos iuuenes docerem, iam tum mirum in modum cupiebam, Sacer Princeps, de nostro inopi ingenio aliquid in aerarium Dominicum inferre, ac piam illam uiduam, quae in Euangelio laudatur, imitari. Sed cum nec per publicam docendi sollicitudinem, nec per priuatam domesticam administrandi quicquam liceret commentari, nisi forte in his quae tunc interpretabamur, expectabam iustum illud opulentumque otium, quod nobilis solet Hispaniae Vniuersitas post uicesimum professionis annum suis emeritis doctoribus et iam aeuo defessis suppeditare.

Id uero ubi contigit, ecce huic exacto labori statim nouus accreuit atque annexus est, non minori cura, sed breuiori tempore mihi necessario obeundus. Nam Ioannes III, inclitus rex Lusitaniae, frater tuus, misso Salmanticam ad me accersendum tabellario, per litteras me hortatus est ut te erudirem quamuis puerum tunc, iam tamen Cardinalium summique Senatus Collegio adoptatum. Non potui negare patriae meae parenti, ratus uidelicet nullum munus gratius a me offerri Deo posse, quam si te diuinum adulescentem maximae spei destinatum et post paulo multis imperatorum, instituissem.

Hoc alterum laboris nostri munus septennio absoluimus, in quo et loquendi et orandi et disserendi artem didicisti cum ceteris humanitatis munditiis. Quod profecto opus (qui tuus uigor ingenii uisque est) triennio perfecissem, si in quopiam diutius loco morari per mutationes curiae instabilis licuisset

Nunc duplici iam donatus rude, cum et schola et aula placidam mihi in patria quietem indulgeant, repeto memoria senex id quod iuuenis animo agitabam. Nec enim nihil agere fas esse mihi puto, sed potius optatum otium in aliquod utile negotium conuertere. Nec rursus libitum est mihi ludo, uenationi ceterisque indignis homine docto uoluptatibus incumbere, sed multo magis primum ac uerum hominis sequi officium, et si difficultate rei tantae uictus interdum succumbam, quod tamen tum demum assequutum esse me arbitrabor, cum aut totum hoc aeui quod superest, in laudem Christi Iesu contulero, aut certe cum alterum me, id est proximum, ope aliqua adiuuero.

o homem. Sujeito como estou, pelas dificuldades de matéria tão vultuosa, a alguns desfalecimentos, só hei de considerar atingido o meu objetivo quando tiver consagrado à glória de Jesus Cristo todo este tempo de vida que me resta, ou amparado, ao menos, com algumas achegas, o meu semelhante – que é, como quem diz: o meu próximo.

Foi assim que, ao recapitular mentalmente a profusão enorme dos assuntos que vários autores têm versado em obras exaustivas – para escolher o que, no isolamento da minha terra natal, melhor poderia ir comentando –, me ocorreu escrever a *Antimoria*. A sugestão inicial da obra foi-me dada pelo *Moriae Encomium*, que anda agora em todas as mãos. Inspirei-me, depois – por assim dizer – nos *Anticatones* de César.

Reconheço, Sagrado Príncipe, que esta obra é muito superior às minhas forças e que exigiria não a minha pena, mas a do próprio Erasmo; pois, mesmo assim, decidi correr semelhante risco – por muito que me tachem de inepto ou de temerário em presumir que o trabalho empreendido, em matéria de tanta dificuldade, havia de ser grato a Deus e útil aos homens.

Na verdade, que assunto mais substancial, mais digno, mais proveitoso se pode oferecer à palavra de um homem – para ser versado com todas as flores da eloquência, regadas (digamos assim) pelo caudal inteiro da retórica – que o louvor de Jesus, pela defesa da Sabedoria e pelo combate à Demência, o desterro dos vícios? Há de suar, a meu ver, sob tamanho peso, ranger os dentes, esbaforir-se, quem quer que, sobressaindo embora na eloquência, tomar aos ombros fardo de tal ordem: quanto mais eu que, bem cômico da minha fraqueza, alardeio – pior que o excesso – a presunção!

Por isso se me afigura necessário dizer no prefácio desta *Antimoria* o mesmo que (é mera hipótese) Gaio César teria escrito no preâmbulo dos seus *Anticatones*: assim como ele, ao que parece, se declarava temeroso de perder a contenda, por censurar Marco Catão – que o excelso orador Marco Túlio, com assentimento geral, elogiara – também eu devo rezear que muitos me considerem inepto, senão ridículo, por ir atacar, contra os protestos de tanta gente, a Loucura que, ainda há pouco, varão de alta eloquência sobredourou de lisonjeira fama.

A verdade, porém, é que entre a querela dos antigos e a nossa vai muita diferença. Cícero, na verdade, tomou a causa melhor – para a defender; César, a pior – para a atacar. Cícero, celebrando as virtudes de um grande cidadão, ensina a juventude romana a viver como Catão viveu. César, vendo na apologia do adversário um ultraje da sua pessoa, acusa um homem que foi, naquele século, exemplo único de rara honestidade.

Pois bem: Erasmo (para tornarmos ao nosso ponto) louva a Insânia; nós a repreendemos. A ele, que representa uma peça atraente, embora pior, cobre-o de aplausos o teatro inteiro. A mim, mal começo a ensaiar algo melhor, desertam-me os espetadores. Com fazer o elogio da Loucura – matéria indigna de louvor –, num alarde da sua exuberância de engenho e erudição, granjeou Erasmo a fama plena de orador urbano, atilado e copioso; antes tivesse preferido alcançar, naquela obra, a fama de cristão e de teólogo! Pode o *Moriae encomium*, na verdade, ser lido com extremo prazer pelos eruditos, visto que, para entendidos, evidentemente, aquela graça requintada é inofensiva: porém os mais, que são a grande maioria, não podem lê-lo sem prejuízo.

Cogitanti ergo mihi in copia tanta rerum, quas auctores uarii perscripserunt, quid nam potissimum in secessu patriae commentandum aggrederer, uenit in mentem Antimoriam scribere. Primum facere hanc admonitus sum Moriae Encomio, quod nunc cunctis est in manibus. Deinde ut ita appellarem Anticatones Caesaris me docuerunt.

Hoc opus, Sacer Princeps, tametsi intelligam longe maius esse quam possit meis uiribus sustineri et quod non me, sed Erasmum ipsum deposcat, tamen subieci isti aleae caput, ut uel ineptus uocer uel temerarius, quia putauit in tali materia susceptum laborem et Deo gratum fore et probis utilem.

Quae enim plenior, quae dignior, quae uberior actio homini facundo dari potest, uniuersae eloquentiae uerbis ac uiribus, uelut efusus in eam totius rhetoricae artis fontibus, tractanda, quam ea quae pro Sapientia pugnans Iesum laudet, et insaniam oppugnans a uitiiis absterreat? Sudabit, credo, sub tanto pondere, ringetur, anhelabit quicumque ille sit, quantumuis eloquens, qui huiusmodi onus tantum subierit, nedum ego, qui meae imbecillitatis conscius non tam quidpiam praestitisse me, quam praestare uoluisse prae me fero.

Quocirca idem mihi in hac Antimoriae nostrae praefatione dicendum uidetur, quod etiam C. Caesarem in principio Anticatonom praefatum esse suspicamur. Sicut enim ille fortassis se uereri significabat ne causa caderet, quod M. Catonem uituperaret quem ante a M. Tullio, uiro in causis orandis summo, laudatum omnes approbassent, ita mihi sane metuendum ne multis ipse ineptus, ne dicam ridiculus, uidear qui insecter Moriam, reclamante populo innumerabili, quam paulo ante secunda fama uir disertissimus commendauerit.

Quanquam quidem illorum ueterum de quibus loquor et nostra multum diuersa ratio est. Cicero enim causam suscepit potioem quam defenderet; Caesar deterioem quam oppugnaret. Ille dum optimum ciuem suis honestat uirtutibus, Romanos iuuenes sic docet uiuere ut Cato uixit. Hic dum inimici praeconia sua iudicat esse probra, uirum est criminatus qui fuit illo saeculo unicum rarae probitatis exemplum.

Erasmus autem (ut ad nos redeam) Stultitiam laudat; nos accusamus. Illi, quamuis peioem, tamen fabulam agenti peramoenam, uniuersum plaudit theatrum. Me uix incipientem quid melius dicere spectatores deserent. Ille dum Moriam celebrat rem illaudabilem, uires ingenii simul eruditionisque ostentando, abunde titulum est adeptus oratoris urbani, docti, copiosi. Vtinam et Christiani et theologi in eo opere titulum adipisci maluissent! Quamuis enim Moriae Encomium summa cum delectatione ab eruditis legatur, intelligentibus scilicet leporem illum suauissimum ipsis innoxium, tamen ab iliis, quae turba maxima est, non sine noxa legi potest.

Haec a me dici non inuidia aut maliuolentia, sed Christiana quadam simplicitate, testis est Deus, testis conscientia mea, testis etiam tu es, Sacer Princeps., qui uarios auctores audisti me annis pluribus enarrantem: ubi obtrectandi bonis scriptoribus occasio multiplex saepe occurrit, numquam tamen concupiui de uiris illustribus ac magnis, obscurus ipse ac pumilio, crescere uel innotescere, potiusque

Faço estas observações sem inveja nem malevolência, antes com singeleza cristã: Deus é testemunha do que afirmo; testemunha, a minha consciência; e testemunha igualmente vós, Sagrado Príncipe, que, durante anos a fio, me ouvistes explicar vários autores: repetidas vezes se proporcionou o ensejo de censurar bons escritores, mas nunca pretendi – na minha insignificância de anão – medrar em honra e fama à custa do brilho e da grandeza desses varões; e antes fui propenso a dar injusto louvor do que a negá-lo quando era de justiça.

Mas basta de parêntese: tornemos ao ponto de partida. Espraiou-se Erasmo naquela prosa torrencial em que lhe é grato discorrer; a nós aprovou tomar por modelo ao carme da sensatez: adstritos à métrica, não podemos divagar a bel-prazer.

Não esperamos, em suma, cobrar fama pela nossa *Antimoria* – que não há de colher quaisquer aplausos –, nem estadear capacidades que sentimos serem em nós nulas ou minguadas: somente ambicionávamos agradar a Cristo Ótimo Máximo com esta espécie de homenagem e, no retiro em que vivemos, engenhar, consoante a pobreza da nossa inspiração, uma poesia sem arte, isto é, uns versinhos desataviados que, a par e passo com a viúva pobre, lançaríamos, à maneira de cobre miúdo, no tesouro do Senhor. Lançará Erasmo, se lhe apetecer cantar a palinódia, ou qualquer outro, acaso estimulado pelo nosso exemplo, ouro, prata, pérolas. A nós, que ninguém leve a mal honrarmos o nosso Deus à proporção das nossas forças.

Profano como sou – em nada superior àquele publicano que, reconhecendo a sua miséria, não ousava levantar os olhos ao céu nem aproximar-se do santuário – e indigno de aceder ao templo de Deus, rogo-vos, Príncipe de alta clemência, não desdenheis levar àquele erário, com vossas mãos sagradas e sem mancha, os nossos óbolos. Crescerá em valor a nossa pobre oferenda, se vós, Sacerdote supremo da religião em Portugal, a apresentardes ao bom Jesus, com as submissas palavras: εἰ πλεόν εἶχε, πλεόν ἐδίδου.⁵¹⁷

Adeus.

in eam partem fui propensus ut laudem non merenti tribuerem, quam ut iustam merenti denegarem.

Sed haec hactenus. Illuc unde abii reuertor. Erasmus undanti solutae uocis eloquio qua libitum est illi digredi, excurrit. Nobis placuit prudentium imitari carmen scribentibus: qui pedum numeris astricti, libere diuagari non possumus.

Non igitur famam captamus ex Antimoria nostra, quae nullos plausores habitura sit, non ostentationem ingenii quod esse in nobis sentimus aut nullum aut perexiguum: tantum expetiuius Christo Optimo Maximo officii genere aliquo placere et in hoc secessu tenui auena siluestrem musam, id est, inconditos uersiculos meditari, quos in Domini gazophylacium tanquam aera minuta cum inopi uidua mitteremus. Mittet Erasmus, si palinodiam canere uoluerit, aut aliquis alius nostro exemplo fortassis excitus, aurum, argentum, margaritas. Nobis non dabitur uitio Deum nostrum colere quoquo modo potuimus.

Quoniam uero profanus ego et nihil publicano illo melior qui sese noscitans nec in caelum oculos tollere nec delubrum propius accedere audebat, ergo quia indignus ego sum qui templo Dei appropinquem: te obsecro, Princeps humanissime, ut obolos nostros in sanctius istud aerarium sacris manibus tuis ac purissimis inferre non dedigneris. Addetur nostro pretium munusculo, si a te, qui sacrorum es in Lusitania primarius Antistes, bono Iesu fuerit praesentatum illis uerbis: εἰ πλεόν εἶχε, πλεόν ἐδίδου.

Vale.

ANTIMÓRIA

DE AIRES BARBOSA, LUSITANO

Prólogo LOUCURA neste mundo, enquanto reinou Saturno,⁵¹⁸
 eu em parte alguma a julgaria vista. Outra idade este mal
 propaagou: não a primeira – que dizemos áurea –, quando
 em todo o orbe (é voz corrente) vive estirpe de ouro,
 justa por natureza e não pelo temor das penas. 5
 Crimes não havia, e réu algum surgiu,
 naquele tempo, merecedor de cárcere ou patíbulo.
 Honrava cada qual, de moto próprio, a fé e o direito.
 Idade assim, se alguma vez – fábula o diz – foi realidade,
 certo existiu quando, senhora do poder, 10
 a Sapiência regia estados, nações, o mundo inteiro.
 “Honra a Deus (tais eram seus conselhos) com todas as veras da tu'alma.
 Adoração tributa ao Criador; ao Senhor, respeito
 – pois Deus é Princípio e Causa do bem universal,
 que d'Ele emana e n'Ele subsiste. 15
 Cumprido este preceito, ao próximo hás de amar
 como a ti próprio.⁵¹⁹ A outrem farás o bem que para ti cobiças:
 medida certa por igual padrão. Prejuízos não causes
 a ninguém, se a prejuízos queres ser poupado.
 Para que hás de fazer aos mais iniquidades que, feitas a ti, te pesariam?” 20
 Nestes breves preceitos, Sapiência englobou a obra inteira
 e todo o mérito da honra e do saber: – doutrina que, depois lemos por toda
 a parte, na prolixidade dos livros derramada por volumes sem conto.
 A sua insistência em persuadir ao amor da lei divina
 – amor biforme, amor imaculado – deu séculos de ouro 25
 à humanidade antiga. Nem querelas aqui, nem rixas acolá,
 aquela gente alguma vez as viu: ninguém de esbirros reclamava ajuda.
 Cada qual, juiz do seu viver, em segurança sem juiz viveu.
 Agora, porém, se à nossa civilização e tempos alguém
 for comparar os tempos do passado, achará em metais 30
 equivalência da nossa malvadez? Nem de ferro merece nome,
 nem de chumbo, a gente que nesta idade viu a luz.
 Geral degradação – pois Sapiência já não é deste mundo:
 deixando a terra, para o céu abalou, e não partiu sozinha.
 Honra se lhe juntou, e quis levar consigo a austeridade 35
 de sua irmã Justiça.⁵²⁰ A perversão da turba,

ARII BARBOSAE LVSITANI
ANTIMORIA

- STVLITIAM in terris Saturno principe nusquam
Crediderim uisam. Diuersa id protulit aetas,
Sed non prima, malum, quae dicitur aurea, quando
In toto (ut perhibent) uixit gens aurea mundo,
5 Moribus aequa suis et non formidine poenae.
Cum sontes aberant, non ullus carcere dignus
Supplicioe, nocens illo est conspectus in aeuo.
Sponte sua nam quisque fidem rectumque colebat.
Hoc si quando fuit, quod narrat fabula, uerum,
10 Id dubio procul euenit, Sapientia quando
Scepra tenens urbes, populos et cuncta regebat.
Illa Deum toto uenerari corde monebat,
Diligere ut Patrem rerum Dominumque uereri,
Quod sit principium et cunctorum causa bonorum
15 A quo proueniunt et ubi bona cuncta quiescunt.
“Post hunc ut carus tibi tu, sic proximus esto.
Quod fieri cupias tibi, te fecisse decebit
Alteri idem, hemina iuste dimensus eadem.
Ne noceas homini cuiquam: tibi nemo nocebit.
20 Cur facias aliis quae tu tibi facta dolebis?”
His paucis Sophiae uerbis inclusit honesti
Totum opus et uirtutem omnem: tum quicquid ubique
Diffusis legimus per multa uolumina libris.
Saepius inculcans diuinae legis, amorem
25 Hunc geminum, hunc sanctum, mortalibus aurea priscis
Saecla dedit. Nusquam lites, certamina nusquam
Visa fuere illis: nemo praetoris egebat.
Iudex quisque sui, uixit sine iudice tutus.
At nunc si mores nostros et tempora quisquam
30 Temporibus priscis tentet conferre, metallum
Par sceleri an nostro inueniet? Nec ferrea dici,
Plumbea nec debet gens hoc quae nascitur aeuo.
Omnibus est peior, quando est Sapientia nusquam:
In caelumque abiit terris non sola relictis.
35 Iuncta Pudicitia est olli, rigidamque sororem
Iustitiam secum abduxit. Contraria turba,

o horror da falange do vício septêmplice,⁵²¹
 desabam sobre os homens e alastram por todos os estados.
 Loucura vem à testa do assalto, com sua mãe Filáucia,
 que enzona com a vacuidade do prazer a insensatez das mentes. 40
 Em companhia tal, já – pobre dele! – em todo o mundo a Sem-Razão campeia:
 vagueando pelas praças e por todas as encruzilhadas,
 recrava em nós o aguilhão do mal.
 E posto que em terrores e cruezas a sua tirania se encarnice,
 de um orador achou, na eloquência, favor e elogios. 45
 Que desatinos haverá que não sucedam, quando esta Insânia,
 de louros coroada e do matiz das flores, granjeia aceitação nas bocas varonis
 pela suavidade e mágico dulçor com que recreia o cativo?
 Quando obtém aplausos de alegria e risos favoráveis de quantos
 a dignidade exigiria lamentassem estes abortos da terra malparida? 50
 Sim, que necessidade havia de lançar tanta lenha às chamas
 da fornalha e acirrar da Estultícia a fúria ingênita?
 Truculência e fereza, era mister cevá-las com o aparato
 de mesa tão esplêndida? A regra que se impunha – à força de maus tratos,
 de grillhões, de fome – era trazê-la sopeada, até ceder o passo 55
 ao reino de justiça do Saber. E este, assim como dirige
 a multidão infinita do Olimpo, Empíreos, Potestades,
 e o Sol governa e as Estrelas e a plenitude dos elementos
 – assim os homens na terra guiaria e a pequenez do mundo:
 contanto que seguissem a trilha da razão, que indica, lá do alto, 60
 a santa luz do Pai imenso – fanal da escuridão.
 Então, em segurança de governo, na paridade das leis e da harmonia,
 o mundo menor e o maior caminhariam em boa concordância.
 Adoração tributa o céu a Deus, culto, respeito,
 amor, e exalta o seu Autor em cânticos sem fim. 65
 Que beleza sem-par a desse carne em que celebram
 os louvores de Deus alígeros meninos do céu isento de mudanças!
 Ali, pungir algum de inveja: embora deste a glória
 seja maior do que a daquele, embora entre os anjos
 não seja equivalente a graça e a dignidade, despeito algum os move. 70
 Na reciprocidade assenta o amor que uns a outros entrelaça.
 Quem nos impede a nós – habitantes, é certo, da mesquinhez
 terrena; herdeiros, porém, de espíritos divinos
 – imitemos nobreza de celícolas? Está ao nosso alcance amar,
 sobre todas as coisas, o nosso Criador; e, como a nós próprios, 75
 amar o nosso próximo. Se adotarmos estes ensinamentos
 da Sapiência e da Verdade de Cristo Salvador,
 já para o mundo não seremos pedra de escândalo

- Terribilisque phalanx uitii septemplicis omnes
 Protinus in populos et cunctas spargitur urbes.
 Moria dux quorum est eiusque Philautia mater
 40 Infatuans stolidas per inania gaudia mentes.
 Hac comite, heu, toto iam Moria regnat in orbe.
 Per fora discurrit perque omnia compita, nobis
 Cunctorum infundens irritamenta malorum.
 Et quanquam dira crudaque tyrannide saeuit,
 45 Rhetoris inuenit facundi munera, laudem.
 Quid iam non fiet, quando haec Insania, lauro
 Floribus et uariis redimita, per omnia uadit
 Ora uirum, mira captos dulcedine mulcens?
 Cui plaudunt omnes laeti arridentque fauentes,
 50 Quos gemere effeti mundi haec portentata deceret?
 Nam quid opus fuit ardenti tot ligna camino
 Addere et ingenitos stultis augere furores?
 Immanemue feram quid opus saturare paratu
 Tam lautae mensae? Decuit quam uerbere multo,
 55 Quam ferro atque fame domitam mansuescere, iustum
 Vt ferat imperium Sophiae: quae sicut Olympi
 Temperat innumeram turbam empyriosque dynastas,
 Et solem et stellas et cuncta elementa gubernat,
 Sic homines infra regeret mundumque minorem,
 60 Si rectum sequerentur iter, quod monstrat ab alto,
 Quae micat in tenebris magni lux sacra parentis.
 Tum minor et maior mundus moderamine certo,
 Legibus et numeris paribus concorditer irent.
 Diligit ille Deum, colit et ueneratur amatque
 65 Auctorumque suum nunquam cessantibus ornat
 Cantibus. O quali diuinas carmine laudes
 Aligeri memorant caeli haud uariantis alumni!
 Nullus ibi inuidiae stimulus, sit gloria quamuis
 Huius quam illius maior, sit forma decorque
 70 Caelituum haud eadem, nullo liuore mouentur.
 Mutuus est ollis alterni nexus amoris.
 Quid uetat et nosmet, quanquam inferiora colentes,
 Qui sumus ingenium superum uenerabile nacti,
 Caelicolas proceres imitari? Possumus et nos
 75 Auctorem nostrum rebus magis omnibus, ut nos
 Alterum amare hominem. Quae si praecepta sequamur,
 Vera salutiferi docet ut sapientia Christi,
 Non erimus mundo indecores regnique superni

e alcançaremos as riquezas que, em Sua onipotência,
o Criador preparou para todos aqueles que Lhe têm respeito e amor. 80
Criatura infeliz, Demência basta para fazer tua ruína:
mas serias feliz – e quantas, quantas vezes bem-aventurado
– se tomasses por guias, na jornada, Razão e Sapiência! ...

Objeto Esta a matéria que me proponho agora tratar em breve carne,
do poema embora o tema se me antolhe infinito. (Poucas serão, por isso, 85
as obras que leremos sobre assunto de tanta transcendência.).
Inspira, ó luz bendita do Grão-Tonante,⁵²² este cometimento
e do nosso poema as trevas afugenta.
Aqui, lascívia não cantamos de amores juvenis
nem danos mil que aos Graios⁵²³ engendrou a cólera de Aquiles: 90
mas sim os danos mil que Insânia, por si só, engendra a toda a humanidade.
Seus desvios delato, e as consequências de uma aura fementida.

Ignorância e contumácia Entenebrece o Sol, velado de nuvens pluviosas:
do louco assim o nosso espírito, das névoas da Loucura recoberto, 95
se obscurece de todo e se recusa a discernir verdade da mentira.
Dupla se volve a cerração que tolda a nossa mente:
nenhum desejo, nenhum temor conforme com a razão.
Começa o louco por ignorar o seu destino e origem
e o seu princípio e o fim do bem
(alvo a que a sensatez aponta a flecha do seu arco). 100
Do passado, nada sabe; do futuro, ainda menos:
antes, como bruta alimária, só o presente enxerga.
Se o consultares sobre as suas ações, dirá que “faz a sua vida”:
que viva, pois, a vida do rebanho, já que não tem discernimento algum
e é só tendência para os prazeres sem lei e sem governo. 105
Nem sequer a ideia lhe ocorre que cada qual, ao julgar os seus atos,
é juiz de si próprio, mas que, ao condenar seus crimes,
é réu e é culpado – sujeito, como tal, à pena imposta pela sanção inata
do nosso foro íntimo. Expõe à tortura do algoz tuas entranhas
nesta vida: pois que sucederá quando te apresentares ao tribunal 110
do Eterno Juiz?... As boas ações, pelo contrário, encham de paz
o coração do justo e banham a sua alma em alegria e gozo inenarráveis.
Vão os bons, na verdade, receber ao céu as suas recompensas: que prêmio
não dará – imaginai – o Onipotente, Senhor do excelso Olimpo,
à entrada do justo vitorioso no palácio celeste! 115
Que sublime triunfo e que louvor lhe estão aparelhados!

Os bens de opção Nunca, por seu mal, a loucura medita nestes factos;
e o erro, que em tal vício tem raízes, em parcelas diversas se reparte.

- Nanciscemur opes quas omnibus ille parauit
 80 Conditor omnipotens, qui ipsum reuerentur amantque.
 Infelix homo, quem Dementia sola peremit:
 Et felix esses et terque quaterque beatus,
 Siqua te Ratio et Sapientia duceret, ires!
- Idque ego proposui breuiter modo dicere, quanquam
 85 Infinitum aperitur opus. Nos pauca legemus
 Illo de numero. Magni lux sacra Tonantis,
 Huc ades et nostro tenebras a carmine pelle.
 Non hic lasciuos iuuenum cantamus amores
 Aut Graiis nocuit quantum implacatus Achilles,
 90 Moria sed quantum noceat mortalibus una.
 Huius et errores et quicquid opinio falsa
 Inuehit ostendo. Ac ueluti tenebrescit aquosis
- Sol tectus nimbis, animus sic noster opertus
 Stultitiae nebulis caligat prorsus et illud
 95 Quod uerum est nequit a falso dignoscere. Namque
 Sunt duo, quae nostram conturbant nubila mentem;
 Et quod nil cupimus, nihil et ratione timemus.
 Ac primum stultus quo tendat et unde profectus,
 Principium unde uenit, nescit: finemque bonorum
- 100 Ad quem uir prudens intentum dirigit arcum.
 Praeteritique nihil nouit minimumque futuri:
 Verum (ut mutum animal) tantum praesentia cernit.
 Si quaeras quid agat, dicet se uiuere: uitam
 Cum pecudis uiuat, cum nil intelligat et cum
- 105 Solum ad iocunda huc illuc sine lege feratur.
 Nec uenit in mentem quod dum se iudicat unus
 Quisque sibi iudex, hic iam sua crimina damnans,
 Est reus estque nocens, natiuo uerbere pendens
 Supplicium interius. Cruciat praecordia tortor
- 110 Hic tua: quid fiet cum ueneris ante tribunal
 Iudicis aeterni? Rursus bene facta serenant
 Rectum animum ac laetum afficiunt dulcedine mira.
 Ergo boni referunt etiam hic sua praemia: quaeso,
 Quid dabit Omnipotens, summi regnator Olympi,
 115 Cum probus ingressus fuerit pallatia caeli
 Victor et o qualem accipiet cum laude triumphum?

Cogitat infelix haec nunquam Moria, cuius
 In partes uarias hinc nascens finditur error.

Há quem não sinta temor do temeroso, nem receio algum
do formidando. Reações desta ordem são peculiares aos que nutrem 120
desejos insensatos – quando aos bens verdadeiros, como tais
sumamente desejáveis, os não apetezem ou quando, em sua infelicidade,
se decidem a apetezer, à conta de verdadeiros bens, os indesejáveis,
como tais funestos. E só reconhecem a sua insensatez
e a tenebrosa cegueira do seu espírito ao descobrirem 125
a vertigem que os ameaça e o pavor do abismo em que por força
hão de cair, quando vier sobre eles a justiça de Deus e a Sua ira.

Em quatro braços se divide o pego⁵²⁴ e, assim, à maneira
de fonte colossal, Loucura alaga a vastidão da terra.
Estas águas de morte, aqui as vem beber a turba dos doidos 130
sem remédio, mais numerosa que as ondas e as areias do oceano.
Seu erro inicial está em julgar males extremos os factos
que o não são: a mesquinhez do lar, o frio, a fome, a injustiça da dor
– agravos da pobreza; a injustiça e a vergonha do malogro;
achques da velhice; grilhões e trevas da enxovia, 135
e o rol imenso de augústias e desgraças
desta vida plangente; e, ao cabo, a crueza da morte.

Não há temer desaires tais, com que a verdura e a insânia
te fazem trepidar, pois neles não reside pecado algum nem culpa.
Mas deves, sim, recear a abominação do mal que mancha o íntimo 140
e, danando a alma, a precipita no fogo eterno.
O esplendor do bem deves amar que um dia te ofereça,
na imortalidade do corpo, a veste de noivado.

Seja a tua uma fé de verdade, e assim a esperança e o amor do próximo.
A fé sentida dos antigos provocou os milagres divinos; 145
e, associando como parceira a esperança, associou-lhe a santidade sem-par
daquele amor gémeo – celeste dom de maravilha.
Preito algum sem amor é grato a Deus; nem a Cristo
o sacrifício, ou a própria glória do martírio – se, na torvação da ira,
a teu irmão guardas rancor; se não procedes à Sua imitação: 150
suspenso da cruz, a orar pelos Seus assassinos.

Não sente a caridade vanglória nem inveja:⁵²⁵ é toda fé,
toda resignação, clemência universal; nem mostra ressentimento algum
pelas ofensas, nem se deixa dominar pela ambição
– antes domina a avareza, a doença, as provações, a morte. 155
Para quê memorar suas vitórias uma a uma? Continuar, para quê? Seu êxito é total.
Junta a estas virtudes os quatro predicados da razão,⁵²⁶
de tal sorte que em ti se espelhem prudência, justiça, força e temperança.
– Estes são os bens de opção, e deles se alimenta a parte mais nobre
do coração humano: não dos prazeres malsãos que, 160

- Sunt quidam qui non metuunt metuenda timentque
 120 Formidanda nihil. Similis cupientibus excors
 Sensus inest, cum non optant quae sunt bona uera
 Et cupienda nimis; uel non cupienda, putantes
 Vera bona, exoptant miseri nocitura: nec ante
 Stultitiamque suam norunt mentisque tenebras
 125 Percipiunt caecae, quam cum titubantia supra
 Stare uident sese et praeceps immane cadendum est
 Vnde illis, quando iustam Deus admouet iram.
 Quattuor in riuos sic scisso gurgite, tanquam
 Moria fons magnus, totum superinfluit orbem.
 130 Haurit aquas hinc mortiferas stolidissima turba
 Quae Oceani fluctus numerumque uincit arenae.
 Errat et in primis quae non sunt maxima credens
 Esse mala: exiguumque larem frigusque famemque,
 Pauperis iniustam poenam; iniustaeque repulsae
 135 Dedecus; et senium et morbos; et carceris atri
 Vincula cum plagis et mille angoribus huius
 Lugubris uitae, saeua cum denique morte.
 Ne timeas ea, quae stulte et pueriliter horres
 In quibus est crimen nullum nec culpa; sed illud
 140 Formidare malum debes quod polluit intus,
 Quod miseram aeternos animam detrudit in ignes.
 Illud amare bonum debes, quod connubialem
 Vestem immortalis cum corpore praebet olim.
 Sit tibi uera fides, spes et dilectio cordi.
 145 Vera fides ueterum eiecit portenta deorum;
 Collegamque sibi spem iungens, iunxit amorem
 Sanctum illum et geminum, caeli mirabile donum.
 Nil placitum sine amore Deo, non hostia grata est
 Martyriiue decus Christo, si turbidus ira
 150 Odisti fratrem, si non imitaris et ipsum
 In cruce qui pendens pro se occidentibus orat.
 Non inflatur amor, non inuidet; omnia credit,
 Omnia perpetitur; clemens est omnibus; ullis
 Nec dolet offensis, nec uincitur ambitione:
 155 Vincit auaritiam, plagas, discrimina, mortem.
 Singula quid memoro? Quid persequor? Omnia uincit.
 His partes recti comites tibi quattuor adde:
 Vt prudens, iustus, fortis sis atque modestus.
 Haec bona sunt optanda, quibus generosior intus
 160 Pars hominis uiuit, non quae nocitura caducum

deleitando deste órgão a caducidade, no Tártaro⁵²⁷ a alma submergem.

Se estas verdades creres, se com firmeza as guardares no seio,
granjearás, com a felicidade, os bens da vida eterna.

Mas dúvidas, porquê?... É certeza esta fé: são promessas solenes
que nos deixou o próprio Cristo, Filho do Tonante⁵²⁸ 165
– Cristo, Filho consubstancial do eterno Pai.

Confiança Loucura, porém, recorre à perversidade das paixões para exacerbar
nos desígnios a miséria do homem – afastado (mal dele !), por sua cegueira,
da Providência das bênçãos da luz: com orgulho e desdém, a soberba transvia;
não farta a avareza com o ouro e a opulência de Creso;⁵²⁹ 170
a poder de excessos e luxúria a lascívia converte em devassidão;
a ira acirra com rancores, insultos, ameaças;
da gula jamais sacia o boqueirão das fauces;
com a inveja tolda, revolvendo-a no amargor do ciúme, a prosperidade;
com a preguiça alassa, sem sombra de trabalho, a indolência. 175
Com estes sete vícios a Loucura, mais danosa, afinal, que hidra de Lerna,⁵³⁰
em tal perturbação mergulha o espírito dos mortais que estes,
embora vejam e aplaudam a verdade e o bem,
contudo são levados a trilhar a senda da maldade.

Já houve quem – ao contemplar a vida humana arrebatada na cegueira 180
deste medonho turbilhão, os bons na miséria, os maus na abundância,
loucura e Acaso a governarem tudo – negasse a existência de Deus:
os loucos (bem entendo!) e seus pupilos que, sujeitos embora,
na incerteza do mundo, a todas as reviravoltas e inconstâncias da fortuna,
ainda ousam criticar nestes termos o seu Ordenador: 185
“Por que motivo, em Sua bondade, o Onnipotente, já que o Seu poder
é extensivo ao mal, o não arrasta à força para o bem? E o não obriga a viver
para Ele, como arrastou a Paulo, ferido do golpe subitâneo do relâmpago?⁵³¹...”
As alturas atacas, Faetonte!⁵³² Acaso existe alguma proporção
entre a nossa e a mente divina, que não está amarrada a quaisquer limites? 190
A apreensão é inferior à capacidade apreensiva:
ora quem apreenderá a vastidão, a excelsitude, a profundidade
da imensidade divina? Quem de tamanho arcano sondará o abismo?
Quem de tamanha luz suportará fulgor e estridência,
e os olhos fitará no esplendor supremo? 195
– A Deus não queiras emendar. Reforma o teu parecer: a ti emenda, sim,
que podes bem fazê-lo. As leis divinas, essas, estão muito acima
da tua inteligência. Já que este mundo é um estado
do Rei celeste e a tua condição, de forasteiro –
– importaria conhecesses o teu dever e atribuições. 200
Tem por obrigação o hóspede, que vive afastado da paterna casa,

Delectant hoc uas animamque in Tartara mergunt.

Haec tu si credis, si fido in pectore condis,
 Perpetuae felix capies bona gaudia uitae.
 Quid dubitas? Est certa fides: sunt firma Tonantis
 165 Quae soboles Christus uobis promissa reliquit,
 Aeterni patris soboles homousia Christus.

- Moria sed caecos a sacro lumine pulsos,
 Heu, miseros homines prauis affectibus angit:
 Contemptore animo auertit fastuque superbos;
 170 Diuitiis Croesi atque opibus non implet auaros;
 In uenerem putres luxu atque libidine soluit;
 Concitat iratos odiis fremituque minisque;
 Atque gulosorum satiat caua guttura nunquam;
 Inuidia torquet liuoris felle uirentes;
 175 Desidia pigros nulloque labore fatigat.
 His septem uitiiis peior quam bellua Lerna
 Moria mortales animos sic turbat ut id quod
 Est uerum estque bonum, quamuis uideantque pro bentque,
 Deteriora sequi impellat. Quidamque fuerunt
 180 Qui cum res hominum caeco sic turbine ferri
 Aspicerent, squalere bonos, florere nocentes,
 Stultitiam et Casum moderari cuncta, negarent
 Esse Deum: nimirum insani atque huius alumni,
 Quos rotat incerto fortuna uolubilis orbe.
 185 Qui damnare etiam rectorem talibus audent:
 “Cur bonus Omnipotens cum possit cetera, per uim
 Non trahit ad rectum? Cur non sibi uiuere cogit,
 Vt Paulum subito percussum lumine traxit?”
 Alta petis, Phaeton! Nam quae proportio nostrae est
 190 Mentis et illius quae nullis finibus haeret?
 Quod capitur minus est spatio capientis; at illud
 Numinis immensi latum, sublime, profundum
 Quis capiat? Tanti arcani quisprehendat abyssum?
 Quis tantae lucis radios et perferat ictus
 195 Aduersamque aciem supremo in lumine figat?
 Emendare Deum noli: te corrige: tete
 Quem potes, emenda. Ingenio caelestia longe
 Sunt maiora tuo. Cum sit respublica mundus
 Regis hic aetherei et uiuas peregrinus in illa,
 200 Officium te nosse tuum partesque deceret.
 Hospitis est munus, patriis qui a sedibus errat,

zelosamente olhar pelo bom termo dos seus negócios
 e, fora disso, nada inquirir nem procurar saber:
 nem arruaças da turba, nem discórdias civis, nem quem
 vai herdar o labéu do pai ou o bom nome da mãe. 205
 Homem, como hópede e habitante deste mundo transitório,
 conhece o teu exílio. Apura a missão que Deus a ti somente confiou
 e renuncia a esmerilar o resto. O resto a Deus pertence
 – e a Sua ordem, embora oculta, é toda maravilha.

O prazer Da impiedade em que vivemos é fácil indicar o ponto de partida: 210
impuro, Loucura é, na verdade, de todo o mal a fonte e a origem.
fonte E, embora ao género humano deite as suas redes e,
de todos espreitando o ensejo, arme esparrelas e recorra a toda a casta
os males de ardis e malas-artes – sem trabalho consegue vencer
 esquadrões a fio, com enredá-los nos laços do prazer. 215

E a massa dos cativos lá vai, de moto próprio, puxada à arreata,
 sem qualque:r relutância, antes para si própria reclamando algemas.
 Provoca a ira enormes prejuízos à triste humanidade;
 a avareza, desgraças espantosas: mas a todas
 estas causas de infortúnio excede o malsão prazer. 220

De virtude é seu crédito: mas quem vingará jamais a refreá-lo,
 afeito como está à desmesura, à ignorância do direito
 e da justiça, a todo o excesso, enfim?
 Pois bem: já que o assunto toma esta direção, enunciarei
 uma sentença apenas, de inspiração mais alta, inacessível à compreensão 225

da turba (Poucos hão de entender aqueles que Cristo amou):
 “Neste mundo é vedado o prazer, à exceção dos prazeres honestos do espírito”.
 Seja qual for a sua natureza, prazer sensual é desregramento,
 estorvo do bom senso, inimigo roaz de todas as virtudes:
 ao deslumbrar os olhos do espírito, o próprio espírito faz desaparecer. 230

Loucura emprega contra nós suas blandícias
 e enganos: esta, a Sereia falaz; esta, a corrupta Circe!⁵³³
 Cruel como uma víbora, funesta para nós como uma saga!
 Ela cativa os senhores do mundo: e o vulgo, em sua baixa habitual,
 as pisadas daqueles vai seguindo, ainda que sejam de perversidade. 235
 Esse o motivo que levou Catão⁵³⁴ e todo o estóico amante da virtude
 a fugir-lhe com mais empenho que a um cão danado ou peçonhenta cobra; essa
 a razão, também, que faz, a justo título, que entre avisados se chame “isca do mal”.⁵³⁵
 Toda se entrega a nós, como o anzol à avidéz dos peixes;
 toda se entrega ... mas o anzol dá morte aos peixes seduzidos. 240

Da mesma sorte, esta fagueira cortesã atrai ingénuos
 ao chamo dos seus prazeres vários; e, aniquilada a razão,

- Vt sua sollicite peragenda negotia curet;
Praeterea ut nihil inquirat, nil scire laboret:
Non populi motus, cuius non iurgia, nec cui
205 Sint patris maculae nec cui sit gloria matris.
Hospes, homo, cum sis huius brevis incola mundi,
Exilium cognosce tuum. Quid conferat uni
Ipse tibi inquire et scrutari cetera noli
Quae Deus occulto, miro tamen, ordine ducit.
- 210 Vnde haec impietas facile est ostendere: nempe
Moria cunctorum fons est et origo malorum.
Quae licet humano generi sua retia ponat
Tendiculasque paret loca per diuersa, per artes
Atque dolos uarios, nullo tamen illa labore
215 Prensa uoluptatum laqueis mille agmina uincit
Captiuumque trahit populum seruire paratum
Sponte, repugnantem nihil et sibi uincla petentem.
Ira nocet multum miseris mortalibus estque
Morbus auaritiae mirum quam noxius: omnes
220 Sed scelerum causas superat male sana uoluptas.
Creditur esse bonum. Sed quis moderabitur illi
Quae scit habere modum nunquam? Quae iuris et aequi
Ignorat leges? Quae nullos denique fines?
Et quia diuertit sermo huc, nunc altius unum
225 Ipse canam uerbum quod uir de plebe togata
Nemo capit. (Pauci capient, quos Christus amauit.).
Hic gaudere nefas, nisi sint bona gaudia mentis.
Corporis immoderata uenit quaecumque uoluptas,
Consilium impediens, cunctis uirtutibus hostis:
230 Perstringens oculos mentis mentem eripit ipsam.
Moria blanditiis in nos et fraudibus huius
Vtitur: haec Siren fallax, haec improba Circe,
Vipera saeua haec est, haec dira uenefica nobis!
Illicit haec mundi dominos, uestigia quorum,
235 Quamuis praua, solet sectari ignobile uulgus.
Vnde Cato et quicumque fuit probitatis amator
Stoicus, hanc rabido fugit cane peius et angui.
Hinc merito a doctis ea dicitur esca malorum.
Indulget nobis, auidis ut piscibus hamus.
240 Indulgere solet: quos allicit, enecat hamus.
Sic fatuos meretrix haec blanda uocansque trahensque
Ad se deliciis uariis, ratione perempta,

ou seja, extinta a luz celeste, abisma os cegos
e os priva do juízo e os reveste com sentir de feras;
e os junte e iguala como rebanhos de brutos. 245

O conselho prudente de Aristóteles, bem digno
da retentiva e meditação das almas conscientes, aqui o vou enunciar:
“Quem com maior afã tiver a peito o zelo da virtude
evite, o mais possível, os danos do prazer.
Jamais alguém pronunciou sobre ele juízo positivo: 250
nem sequer a prudência – que fará a imprudência!”⁵³⁶
Por isso, a regra que nos dá – todas as vezes que essa Taís⁵³⁷
de nós se aproximar, com arrebiques a fingir de cor nativa e pura
– é a repulsa imediata, lembrados das palavras
que aos anciãos ilíacos atribui o poeta de Esmirna 255
– quando um dia viram a Tíndaris lacena.⁵³⁸
A fim de ser de todos mais conhecido, em poucas palavras contarei este episódio.

Cerravam já os exércitos fileiras junto às muralhas da excelsa Troia,
e para o combate se aparelhavam Frígios⁵³⁹ e Dánaos,⁵⁴⁰
quando, inesperado, um acordo se firmou entre os dois povos: 260
Páris apenas, apenas Menelau⁵⁴¹ as armas terçariam;
da vida de um somente penderia a solução da guerra.
Demarcou-se, sob as muralhas da enorme cidade,
o campo em que pela esposa iam lutar, de um lado,
o Atrida mais novo,⁵⁴² do outro, o troiano adúltero.⁵⁴³ 265

Do centro do terreno se afastaram todos e deixaram o espaço para a peleja
– daquém a massa dos Troianos derramada em círculo, dalém os Pelagos.⁵⁴⁴
E mal os dois exércitos, clamando sangue em brados recíprocos de cólera
e rancor, terminaram a evacuação da liça – movidos pela curiosidade
de assistir a um espectáculo bélico de tamanha importância, 270
convergem os Troianos de todos os pontos da cidade
e disputam a subida a Pérgamo⁵⁴⁵ e às cimeiras torres das muralhas.
E até o velho Príamo,⁵⁴⁶ seguido da comitiva dos velhos da cidade,
se sentou diante do sublime frontão da porta Ceia.⁵⁴⁷

Tíndaris, entretanto, à semelhança de formosa novilha, 275
que por amor obriga um contra o outro a pelejar os touros,⁵⁴⁸
veio, toda esbelteza, observar a cena.
E, ao verem-na passar, maravilhados, disseram
em voz baixa os anciãos e os próceres frígios: “Não é vergonha,
por esta mulher, dois povos suportarem os prejuízos 280
de uma guerra tão longa: pois Tíndaris iguala a graça imortal
das próprias deusas. Mas que uma armada a leve sem demora e,
a despeito de sua beleza incomparável, regresse a Lacedémon:⁵⁴⁹
porque não venha, archote da guerra e causa de tantos males,

- Hoc est, extincto caelesti lumine, caecos
 Praecipitat mentemque aufert sensusque ferarum
 245 Induit ac gregibus mutorum iungit et aequat.
 Id quod Aristoteles monuit sapienter et ipsum
 Figendum et memori est tractandum pectore, dicam.
 “Praecipue (inquit) ei, morum est cui cura bonorum,
 Perniciosa nimis fuerit uitanda uoluptas.
 250 De qua iudicium nemo unquam protulit aequum:
 Prudentes etiam, nedum imprudentior ordo!”
 Ergo monet Thais quoties ea uenerit ad nos,
 Ingenuum ac uerum fuco mentita colorem,
 Mittendam extemplo a nobis memorantibus id quod
 255 Iliacos dixisse senes, cum forte Lacaenam
 Tyndarida aspicerent, Smyrnaeus rettulit auctor.
 Rem breuiter, quo sit cunctis ea notior, edam.
 Iam stabant acies excelsae ad moenia Troiae
 Et Phryges ad pugnam sese Danaique parabant,
 260 Cum foedus subitum populus concepit uterque:
 Vt solus Paris et solus Menelaus in arma
 Vnius ruerent dirimentes sanguine bellum.
 Dimensique locum magnae sub moenibus urbis
 In quo certaturus erat pro coniuge, coniunx
 265 Hinc minor Atrides, illinc Troianus adulter;
 A medio cessere omnes spatiumque dedere
 Quod satis: hinc Troes circumfusi, inde Pelasgi.
 Atque illi ut uacui tenuerunt aequora campi,
 Alter in alterius caedem ira odioque frementes,
 270 Visendi studio ad tanti spectacula Martis
 Vndique Troianus populus concurrat et altas
 Scandere murorum turres et Pergama certant.
 At senior Priamus senibus comitantibus urbis
 Obsedit Scaevae sublimia culmina portae.
 275 Tyndaris interea, ueluti formosa iuuenca
 Quae inter se tauros subigit decernere amantes
 Inspectura uenit cultissima: praetereuntem
 Quam Phrygii proceres mirati et grandior aetas
 Talia suppresso dixerunt murmure: “Non est
 280 Indignum hanc propter tam longi incommoda belli
 Ferre duas gentes, ipsarum haec quando dearum
 Immortalem aequat formam. Sed classe uehatur
 Protinus et quanquam talis Lacedaemona uisat:
 Cum sit fax belli et tantorum causa malorum,

reduzir à desventura e à ruína a nós e a nossos filhos”	285
No entender de Panto e Clício e Antenor famoso, ⁵⁵⁰ devia a linda Helena ser expulsa do seu convívio. O mestre da Moral ⁵⁵¹ nos aconselha a dizer outro tanto desse flagelo do espírito – mais funesto, afinal, que a própria Helena –, pois Tíndaris, então, aniquilou um só império; mas o prazer malsão devasta	290
– ai de nós! – a raça humana inteira e, a toda a hora, seu mal assiste sempre à humanidade. Consiste a sua tática em recorrer à doçura dos abraços para nos estrangular; e à carícia de uma semiletargia para morder com mais cruieza, pelas costas, a vítima iludida com mostras de folgança.	295
Em guarda contra a falácia de todos os brindes do prazer! Em méis que te oferece?... Neles te cumpre ver sevícia de venenos! E que nunca, sobretudo, essa torpente Laís ⁵⁵² devasse os penetrais da tua casa. Custa mais fazê-la sair do que vedar-lhe a entrada. É fácil, na verdade, escorraçá-la quando pretende entrar na nossa alma –	300
porque ainda então é fraca; porém, se entrou, seu vezo é concentrar tamanhas forças que ao senhor senhoreia e chega a negar asilo ao próprio que lho deu. Maior vergonha – dir-se-á – é expulsar o hóspede em vez de o receber. Livra-te, porém, de a teres recebido. Pois que, se recebeste,	305
ou hás de amargar a sua tirania ou hás de travar uma guerra infundável e mais do que civil: a razão a atrair-te para um lado, o prazer a retrair-te para outro. No grémio de um só homem se encarna a cruieza de Marte; no grémio de um só peito recrudescer o ardor do combate. E, então, é a morte do homem: ante o repúdio da razão	310
e o seu desterro, Loucura franqueou ao gozo as portas par em par abertas. E logo o malsão prazer, bradando: “Meu querer é mandar” ⁵⁵³ – não já como hóspede, antes como patrão da casa, o lar inteiro considera seu. Se não houvesse Tíndaris entrado na urbe priameia,	315
com os Graios jamais Troia sustentaria a guerra de extermínio. Príamo seria feliz, Troia subsistente, feliz também a humanidade: e, depositas as armas de comum acordo, o espírito e o corpo, a Cristo submissos, trilhariam juntos o caminho que a Sapiência indica– se nunca	320
o prazer impuro entrasse o limiar da habitação humana.	
De feito, mal entrou, clama a Demência: “Atenção à maré!	
Sofismas Aferra às mãos ambas o prazer e cinge-o num abraço!	
da Insânia Célere voa o tempo desbridado.	
e do prazer Delongas encantos da folgança e seus deleites?...	325

- 285 Ne nobis triste exitium natisque relinquit.”
 Haec Panthum et Clytium et laudatum Antenora pulchra
 A se de mittenda Helena dixisse uidemus.
 Morum doctor idem monuit dicamus in illam
 Pestem animi, peiorem Helena, quia sustulit unum
 290 Tyndaris imperium quondam, sed praua uoluptas,
 Heu, genus humanum totum deuastat et omni
 Tempore semper adest homini nocitura. Maligne
 Quae solet amplexus dulcis dare, strangulet ut nos.
 Lethargo similis blanditur ut acrius illum
 295 Mordeat a tergo quem laeta fronte fefellit.
 Cuncta uoluptatis fallacia dona caueto.
 Mellaque si dederit, tu toxica saeua putato.
 Imprimisque tui nunquam penetralia tecti
 Illa intret Laïs peius quam excluditur exit.
 300 Pellere nam facile est ad nos intrare uolentem:
 Tunc imbecillem. Vires ingressa parare
 Consueuit tantas domino ut dominetur et ipsi
 Iam neget hospitium tribuenti. Dixeris illud
 Turpius eicitur quam non admittitur hospes:
 305 Admississe caue. Si admiseris, aut tolerandum est
 Illius imperium aut plusquam ciuile gerendum
 Perpetuo bellum. Ratio hinc trahit: inde uoluptas
 Retrahit. Intra hominem saeuit Mars impius unum.
 Intra unum pectus gliscit certaminis ardor.
 310 Huius et est finis tunc, cum ratione fugata
 Exclusaque procul, ualuas patefecit apertas
 Moria iucundis. Et tunc male sana uoluptas
 “Hoc uolo, sic iubeo” dicens, non iam hospita, uerum
 Vt matrona domus, totas sibi uendicat aedes.
 315 Si non intrasset Priameiam Tyndaris urbem,
 Cum Graiis nunquam lento collisa duello
 Troia foret. Priamus felix et Troia fuisset,
 Felix esset homo et positis concorditer armis
 Spiritus et corpus Christo obsequerentur et irent
 320 Id quod monstrat iter Sapientia, praua uoluptas
 Humani intraret si nunquam limina tecti.

Nam simul intrauit, clamat Dementia: “Vtrisque
 Asserere hanc manibus totam amplexuque memento.
 Festinat, currit nec habet retinacula tempus.

- 325 Laetitiam suauem differs et gaudia, sed non

Cloto⁵⁵⁴ é que não delonga da tua vida fiado nem estames.
 Acomodada aos ouvidos de Jove, esta sentença do poeta ibero:
 ‘Despedaça esquifes, atira-te aos vinhos, coroa-te de rosas, banha-te de nardo.
 É vontade do deus que te lembres da morte.’⁵⁵⁵ Pois já que tudo
 rápido se esvai, estes são os únicos dulçores 330
 que colhemos na fugacidade do tempo.
 És dos que creem na existênc:ia de um Deus que premeia a justiça
 e castiga a iniquidade? Ou concebes a existência
 de abismos subterrâneos no âmago do cárcere onde reinam as trevas
 e se expiam, numa eternidade de dor, as faltas cometidas? 335
 Será que temes esta segunda morte, e por certeza a tens?...
 Nem a criança em tais patranhas crê, ao passar dos dez anos!
 Tudo a morte dissolve: o espírito se esvaece na subtileza
 do vento; e o corpo se mistura ao pó da terra.
 Depois da morte, nada resta do homem. Com alegria serve, 340
 enquanto é tempo, o prazer, teu senhor. Só ele te dará felicidade.”
 Com tais sofismas a Insânia instiga à loucura os devassos,
 e estes não preveem quantas desgraças e quantas depravações
 o prazer lhes vai custar; nem descortinam (tal é seu infortúnio)
 que, através de toda a casta de baixezas, 345
 a Loucura os iguala a burros, a cães, a lobos
 – enquanto Deus o homem cumulou com a mais alta glória,
 conferindo, à alma, a imortalidade e assegurando, ao corpo,
 a ressurreição no dia do Juízo Final, em que, de acordo com a retidão
 de Sua justiça, Cristo a cada um dará a retribuição que merecer. 350
 Pois bem: embora por cunho estas verdades tragam o sangue
 e testemunho dos apóstolos, e a glória também de tantos mártires,
 a demonstrar, com seus milagres, a presença de Deus na fé cristã;
 embora a razão as exija, a santidade as proclame
 e o bom senso geral as sancione; embora, muito antes de reveladas, 355
 as predigam nomes de tanto lustre entre os profetas de Sólima⁵⁵⁶
 – contra a firmeza Pétreia⁵⁵⁷ destes fundamentos,
 a sublimidade destes preceitos evangélicos,
 que povo algum, nenhuma tirania,
 nem o reino das trevas, nem o poder do Tártaro, 360
 nem os obstáculos dos pagãos, nem a logomaquia dos filósofos
 lograram destruir – é a Loucura, afinal, que ousa levantar-se,
 sem o esteio de uma razão sequer, porquanto faz seu
 o dito famoso de Pitágoras αὐτὸς ἔφα: ⁵⁵⁸ seu afirmar é quanto basta.
 Como assim?... Até sobre a vinda do Senhor ele ousa, com clara insensatez, boquejar 365
 algum dislate? Sobre matéria de tanta transcendência?! ... (De todos os extremos é capaz
 a insensatez do louco: assim, ao zombeteiro, dá-lhe a vesânia para armar facécias.)

- Pensa tuae uitae differt nec stamina Clotho.
 Aure Iouis digna est sententia uatis Iberi:
 Frange toros, pete uina, rosas cape, tinguere nardo.
 Te meminisse deus mortis uult. Omnia namque
 330 Cum cito praetereant, nostra haec sunt dulcia solum
 Ex tam ueloci quae nos decerpimus aeuo.
 Esse Deum credis, qui reddat praemia iustis
 Suppliciumque malis? Aut subterranea in imo
 Esse putas centro tenebrosi carceris antra
 335 In quibus aeterno flagro commissa luantur?
 Haec morte ulterior metuas? Speraueris illa?
 Nec puer hoc credit, decimum si transeat annum.
 Omnia mors soluit. Tenuem euanescit in auram
 Spiritus: at terrae miscetur puluere corpus.
 340 Post obitum superest hominis nihil. Arripe laetus
 Dum licet hanc dominam: faciet te haec sola beatum.”
 Talibus impellit stultos Insania lippos
 Qui non prospiciunt quantis sit luctibus et quot
 Prauis criminibus sibi constatura uoluptas.
 345 Nec cernunt miseri, quod se per dedecus omne
 Moria iumentis aequat canibusque lupisque,
 Cum Deus ipsum hominem summo cumularit honore,
 Immortalem animam tribuens; corpusque resurgat
 Iudicis aduentu in magno, sit digna daturus
 350 Christus et ut iudex aequus, quod quisque meretur.
 Cum sit apostolico signatum id sanguine et ore
 Ac tot martyribus claris miracula quorum
 Huic nostrae fidei declarant numen inesse,
 Cum uelit id ratio, sancti fateantur et omnes
 355 Docti hoc confirmant atque id multo ante futurum
 Praedicant Solymi praelustria nomina uates,
 Attamen aduersum haec stabilis fundamina Petrae,
 Haec euangelicae sublimia culmina legis
 Quam nullae gentes, nulli ualuere tyranni,
 360 Non reges ipsi tenebrarum ac Tartarus ingens,
 Non paganorum moles aut uerba sophorum
 Diruere: ipsa audet se attolere Moria contra
 Non se ulla ratione tuens quia uendicat illud
 Pythagorae αὐτὸς ἔφα: satis est quod dixerit ipsa.
 365 “Quid quod et in Domini aduentum petulantius audet
 Hiscere rem in tantam? (Quid enim non audeat excors
 Morus? Et irrisor stultus cupit esse facetus.)

“Padece de sono demasiado esse Juiz: demasiado vos retêm
as promessas de Deus, há tantos séculos já procrastinadas!”

Ó Córidon, Córidon,⁵⁵⁹ desconheces os arcanos do céu; 370
e ignoras que a vida do Senhor é sobranceira a toda a noção de tempo.
Não há atraso nas promessas de Deus – de Deus para Quem
a jornada milésima do Sol, ao descrever um círculo à volta do orbe signífero,
equivale à duração singela de um só dia; e, ao contrário, um dia apenas,
ao lapso de mil anos. Ela virá, essa hora tremenda para os maus; ela virá, 375
ainda que tarde:⁵⁶⁰ e, em vindo, lamentarás, ao vê-la aproximar-se,
que se tenha apressado. Mas nada disto enxerga o insensato!

Loucura: Tem suma importância o conhecer-se a coorte do néscio,
último grau ou a centúria a cuja insígnia de mando neste mundo responde.
na escala Primeiro vem o homem que, face à realidade, por si mesmo 380
humana avalia os seus interesses; que aos factos demarca escopo e leis;
que se não deixa envaidecer dos êxitos nem prostrar das derrotas;
que, pelo conhecimento de si próprio e pela ponderação dos seus recursos
físicos e intelectuais, o peso acomoda à sua resistência,
a fim de, com maior eficácia, o poder suportar. 385

Desta prudência dista o louco tanto como do Olimpo dista a planura do mar.

Ocupará, depois, o segundo lugar o homem disposto a atender conselhos
de bom senso. Embora lhe não ensinem percalços alheios precaução,
nem alheios opróbrios à improbidade incitem a fugir,
– todavia, ao cair em si, reconhece o excesso cometido 390
e o enleio nas torpezas do amor meretrício.

E, de lábios cerrados, se vai interpelando: “Irá acaso
a tua insensatez ao ponto de te expores de novo a igual pedrada?
E a queda não te ensinará a melhorar a vida?”

Mais ainda: se parente idoso o repreende ou amigo isento, 395
com resignação as censuras escuta:
e ei-lo, cheio de remorsos e vergonha, a confessar o seu pecado.
Há neste homem uma parcela de sensatez, uma parcela de virtude.

O terceiro é o doido que, enjeitando os arraiais dos dois,
a pretexto de frouxa guarnição, raleza de cintura, 400
consigo arrasta famílias e nações, turbas sem conto.
Imagem perfeita da insipiência, a sapiência se recusa ouvir.

(À natureza humana são peculiares o lapso e o erro: mas a característica essencial
do saber está no confessar, quando se ignora, em que reside a própria ignorância.
Assim, já velho, o réu de Ânito, vizinho do Himeto, 405
de uma só glória por toda a parte se gabava: a sua completa ignorância.⁵⁶¹)

Mais acabado nenhum exemplar desta loucura
se poderia achar, nenhum mais digno das estridentes risadas

“Dormitat nimium iudex nimiumque morantur
Vos promissa Dei, quae per tot saecula differt.”

- 370 O Corydon, Corydon, caeli mysteria nescis
Et Domini ignoras super omnia tempora uitam.
Non tardat promissa Deus, millesima solis
Cui uia signiferum cum circum uoluitur orbem,
Est uelut una dies; contra lux unica tanquam
375 Mille anni. Veniet, ueniet grauis hora malignis,
Sera licet: uentura tamen; properasse quereris
Admotam cernens. Nihil horum prospicit amens.

Est operae pretium mori bene nosse cohortem
Quoue suam hic ductor uitem gerat ordine scire.

- 380 Ille uir est primus, per se qui consulit in re
Quid sit conducens, rebus finemque modumque
Qui statuit, quem non extollunt prospera, qui non
Frangitur aduersis, qui se cognoscit et oris
Atque sui uires animi perpendit et aptat
385 Ipse sibi pondus ualeat quod ferre potenter.
Distat ab hoc morus, distat quantum aequor Olympo.

Deinde secundus erit qui paret recta monenti.
Quem licet haud faciant aliena pericula cautum
Et fugere haud moueant aliena opprobria probrum,
390 Se tamen iratum aut turpi meretricis amore
Arguit implicitum, postquam sibi redditus ipse est.
Et secum labris compressis disputat: “Heus tu,
Anne pedem ad lapidem referes nunc ictus eundem,
Stultus? Et esse tuo melior nec crimine disces?”

- 395 Hunc etiam si uel patruus uel liber amicus
Accusat, monitis patientem accommodat aurem.
Tum dolet atque rubet, tum se peccasse fatetur.
Parte aliqua hic sapiens, pars et uirtutis in hoc est.

- Tertius est morus qui spernens castra duorum,
400 Vt paucis munita uiris raraque corona,
Mille trahit gentes, populos atque agmina secum.
Ipse nihil sapiens sapientem audire recusat.
Humanum est falli, errare: at sapientia quaedam est,
Si nescis, te quod nescis nescire fateri.

- 405 Et reus ille Anyti senior uicinus Hymetto,
Hoc unum se scire nihil iactabat ubique.

Hinc nullum specimen, quod possis dicere maius
Stultitiae inuenies, nullum maiore cachinno

de Demócrito,⁵⁶² que o do néscio a arquear as sobrancelhas
 – como lesma as pontas – na presunção de saber quanto há. 410
 Como se tem na conta de avisado, está persuadido
 de que só ele goza do privilégio de escrever e falar,
 só ele é capaz de perfeição, graça, felicidade.
 E, à vista de sua pessoa desdenhando as mais, as dá por esgarradas
 do bom caminho, e rematados modelos de irrisão. 415
 Mas não vê quantas mãos, por trás dele, macaqueiam as orelhas
 de um burro e quantos rivalizam, com risadas, ditos e gracejos,
 em zombar da cegueira daquele entendimento!

Tal presunção é puro desvario: mas ainda faltam monstruosidades de pior quilate.
 Não me causa estranheza ver alguém cometer um pecado 420
 (pois é vício comum, afinal, à espécie humana):
 o que me causa estranheza – e, mais ainda, relutância –
 é a perversão típica do louco: com veemência tal
 pleiteia o doido a defesa cabal de seus pecados,
 que mais se gloria deles por virtudes que não por aleijões. 425
 Tanto assim que, praticado o mal, é o próprio infeliz
 quem se compraz aos companheiros em expor a infâmia:
 e assim vai, da Loucura obrigado, corrupção derramando na moral.
 Extinto por completo o lume da razão, não sabe já o que é torpeza
 nem que destrinça existe entre lisura e iniquidade. 430
 Enquanto qualquer outro, todas as vezes que comete um erro, costuma sentir
 o azorrague da testemunha que dentro do peito o denuncia
 (A consciência individual é comparável a uma infinidade de testemunhas),
 o louco nem sombra de remorço experimenta ou de sanção:
 dir-se-ia que nele, privado de razão, o princípio vegetativo subsiste apenas. 435

Não procurem saúde e robustez a medicina:
 mas todo o homem a quem atormentar grave doença,
 não desespere, ainda que esteja em artigo de morte.
 Existe, existe o médico bom para curar todos os males.
 Ouça aquela palavra do Senhor, toda clemência, a clamar: 440
 “Pela injustiça e maldade é que baixámos das alturas do céu:
 não pela justiça.”⁵⁶³ Todo aquele, portanto, que na saúde confia,
 e busca remédio para o contágio dos vícios,
 ao seio de Cristo vem procurar refúgio. E, batendo no peito, a podridão
 de seus pecados rega com as lágrimas que o Arrependimento costuma 445
 derramar: e, depois deste pranto e do exame integral de seus pecados,
 todas as faltas confessa ao sacerdote e implora o perdão.
 Deixa-se a indulgência do Senhor mover por estes sentimentos
 e, de rosto propício, cura a doença e relaxa a sujeição à pena.
 Assim mereceram o perdão de Deus o guia dos apóstolos, 450

- Democriti dignum quam cum ceu cornua limax
 410 Alta supercilia attollit sese omnia morus
 Scire putans. Doctum cum se miratur et unum
 Scribere se solum atque loqui, solum omnia credit
 Recte agere ac solum pulchrum solumque beatum.
 Et reliquos prae se temnens a tramite certo
- 415 Palantes errare putat caudamque trahentes.
 Nec uidet a tergo quam multa imitetur aselli
 Auriculas manus occipitique illudere caeco
 Quam multi certent risu dictisque iocisque.
 Haec peruersa quidem, sed adhuc peiora supersunt.
- 420 Non ego si quenquam uideo delinquere, miror:
 Humano generi sane id commune; sed illud
 Non solum mirum, sed detestabile duco
 Quod mori est proprium: et tantum sibi uendicat ames,
 Cum delicta sua excusat, quin amplius illa
- 421 Tanquam uirtutes, non tanquam crimina iactat.
 Nam scelere admissio gaudet narrare sodali
 Dedecus ipse suum infelix quem Moria cogit
 Vertere nequitiam in mores. Qui lumine mentis
 Extincto prorsus quae sint iam turpia nescit
- 430 Nec quod uel recti, nec quod discrimen iniqui.
 Cumque alius, quoties peccat, sentire flagellum
 Ipsa sui soleat testis quem in pectore gestat
 (mille uelut testes mens est nam conscia cuius)
 Hinc uulnus nullum sentit, non uerbera morus:
- 435 Tanquam sola anima uiuat rationis egente.
 Ne quaerant sani medicum recteque ualentes;
 Sed quemcunque grauis morbus uexauerit, is ne
 Desperet quamquam aegrotet letaliter: est, est
 Omnia qui curet medicus bonus. Audiatur illam
- 440 Clementis uocem Domini clamantis: "Iniquos
 Atque malos propter caelo descendimus alto,
 Non propter iustos." Igitur quicumque salutem
 Sperat et infectus uitiiis medicamina quaerit
 Confugit ad Christum. Tundens sua pectora luget
- 445 Sentinam scelerum lacrimis Metanoea ciere
 Quas solet et post has pure sua crimina fassus,
 Cuncta sacerdoti ostendit ueniamque precatur.
 Flectitur his facilis Dominus, uultuque serenus
 Sanato morbo nexum poenamque remittit.
- 450 Ductor apostolici coetus et apostolus alter,

que ao Senhor negou,⁵⁶⁴ e o outro apóstolo,
 que apedrejou Estêvão.⁵⁶⁵ Assim, outrora, o ínclito rei-poeta
 de Sólima,⁵⁶⁶ tirando o diadema, vestindo o traje de dó,
 cobrindo de cinza a cabeça, banhando em pranto
 as faces, um poema compôs de desolação, 455
 que nem Calíope⁵⁶⁷ inspirava, nem Apolo, mas sim,
 de rosto dilacerado e cabelos arrancados, o Arrependimento
 a chorar o crime cometido: – pois que David unira ao adultério
 a culpa de assassinio. Mas de ambos os crimes, com o poema
 dos sete salmos aplacado, o Senhor lhe concedeu perdão.⁵⁶⁸ 460
 Assim também aquele que sofrer remorsos, se o Nume imprecar
 com o fervor da prece, os extremos aplacará da ira do Nume.

Indicarei agora em qual categoria o louco deve ser classificado.
 Como não tem saúde nem doença curável
 (a sua atitude é de quem nega o mal e recusa assistência), 465
 terceiro em número, na massa inúmera o amente arrebanha.

Poucos são, na verdade, os que merecem o amor de Cristo!

[Se meu propósito fora referir

A Inconstância do Mundo documenta a sem-razão do louco e toda a casta de erros relembrar que a Loucura semeia aos quatro ventos,
 nunca mais se chegaria ao fim. Tratemos, lembrados da promessa,
 de arriar as velas e demandar a segurança da costa. 470
 Entretanto, porém, que ainda estamos afastados da praia
 e a proa viramos para terra, fazendo saltar das ondas a espuma,
 – mareie o sopro da brisa divina nosso baixel até ao porto!

Vem, Espírito criador: à Tua inspiração largamos
 todo o pano das velas. Enfunas agora de ventos favoráveis 475
 o velame, até podermos alcançar a firmeza da terra.⁵⁶⁹
 E, visto que me apresso a rematar deste trabalho a parte derradeira,
 poucos versos bastam para expor o resto do assunto.

Homem desventurado, enquanto é tempo, não queres emendar-te?
 Pondera o que não é a tua condição; a tua condição pondera sempre. 480
 No exílio, na indigência, na aflição – erras distante do paterno lar,
 sujeito a contingências mil e a todos os lances da fortuna.
 O mesmo te poderia acontecer que outrora aconteceu a outros,
 pois tu nasceste às mesmas leis subordinado.

Poderias sofrer os mesmos males que os antigos padeceram: 485
 vítimas do mar, da guerra, dos boqueirões do solo;
 ou da fome, dos flagelos do céu, ou dos venenos;
 do inverno ou do estio adverso ao inverno
 – para não falar de agravos morais e físicos. Estes são,
 e outros ainda, os perigos que sem cessar te rodeiam. 490
 Não podes, deveras, nesta vida, aspirar a felicidade ou bem-aventurança.

- Obruit hic saxis Stephanum, Dominum ille negauit,
 Sic meruere Dei ueniam. Sic inclitus olim
 Rex Solymum uates posito diademate, uestem
 Lugubrem indutus cineresque inspersione et uda
 455 Fletibus ora rigans cecinit miserabile carmen
 Quod non Calliope, quod non dictabat Apollo,
 Sed laceris Metanoea genis et scissa capillos
 Commissum facinus plorans quia iunxerat ille
 Crimen adulterio caedis. Sed utrunque remisit
 460 Placatus Dominus septeni carmine psalmi.
 Sic quicumque dolet multa prece Numen adorans
 Accensam offensi placabit Numinis iram.
 Nunc dicam quo sit ponendus in ordine morus.
 Cum nec sit sanus nec sit medicabilis aeger,
 465 Vt qui se aegrotare neget medicumque recuset,
 Tertius in numero, innumeris se immisceat amens.
 (Nam quos Christus amat, pauci.) Si cuncta referre

- Ac memorare uelim quae passim Moria peccat,
 Nunquam finis erit. Quare iam uela trahamus
 470 Promissi memores et litora fida petamus.
 Interea sed dum procul a tellure remoti,
 Vertimus in terras proram uada falsa ruentes.
 Dirigat in portum sancti nos flaminis aura.
 Spiritus alme, ueni. Totas en pandimus alas
 475 Velorum tibi: nunc flabris intende secundis
 Lintea, securam donec repetamus arenam.
 Et quoniam extremi celero sub fine laboris
 Quae restant facienda breui sunt uerba Camena.
 Infelix homo, dum tempus, respiscere non uis?
 480 Respice quod non es: te quis sis respice semper.
 Exul, inops, maerens patriis a sedibus erras,
 Casibus innumeris, fortunae subditus omni.
 Euenisse tibi potuit quod contigit olim
 Cuilibet: es natus nam tu quoque legibus iisdem.
 485 Idque pati poteris, quae prisci cunquē tulerunt
 Quos mare, quos bellum, quos terrae absumpsit hiatus,
 Quosue fames, caeliue lues, quos toxica quosue
 Abstulit aut bruma, aut brumae contrarius aestus,
 Vt sileam morbos animi, uel corporis. Haec sunt
 490 Quae te circumstant et plura pericula semper.
 Non igitur felix, non hic potes esse beatus.

Loucura, Júlio César, te enganou, e ao filho glorioso
de Filipe.⁵⁷⁰ Cuidavam, um e outro do erro convencidos,
que, mal lograssem as rédeas deste mundo, a feliciddae
havam de alcançar: mas foi o erro que os deixou a ambos malogrados 495
– desgraça o primeiro de sua pátria, desgraça o outro
de nações e povos, e alvo prematuro da vingança do destino.

Não há no mal felicidade, nem ventura na sujeição à morte.
Nascimento supõe morte. É a morte, a meu ver, a derradeira jarda da corrida
em que andamos empenhados. Essa de teus passos a inesquivável meta: 500
pois são um a um contados os minutos da tua vida.

Tal é a sina de todo o homem que, habitando a mesquinhez da terra,
está sujeito do Olimpo às leis: a morte gradual. Com ligeireza, vai e vem o Sol
e, repetindo o mesmo percurso em célere andamento,
gira e torna a girar e, ao renascer, nunca é o mesmo 505

– na maravilha do seu movimento circular e da trajetória que executa em sentido
contrário para voltar ao ponto de partida: e ora ocupa o zénite da abóbada,
ora descreve, na proximidade da terra, um círculo mais próximo.

Em Noto, afasta-se de Bóreas; em Bóreas, do Austro.⁵⁷¹
Ao conjunto de seus satélites imprime o movimento, ao passo que do alto o recebe 510
ele próprio: nenhum repouso para os corpos movidos; nenhum, para o movente.

Modificações, alternâncias, nascimentos, corrupções – tudo neste mundo,
por sua influência, está sujeito a transformações, mudanças, variações, renovações:
os elementos da natureza, o seu aspeto geral, o mar, as raças, as terras,
os reinos, as cidades, os sentimentos, as instituições, as casas, a linguagem. 515

Manifesta tudo o que se oculta sob a terra: oculta o manifesto;
ora eleva, ora abaixa a natureza inteira.

Havia em tempos ligação entre os teus contrafortes, Apenino, e o sículo Peloro:⁵⁷²
agora, na fundura do estreito jaz imersa essa massa de terra.

O braço de mar que, há pouco tempo, a Europa separa do continente líbico 520
foi monte Calpe, da Hespéria, unido ao Atlante.⁵⁷³

Vivemos na incerteza do local onde se encontra agora a célebre Numância;⁵⁷⁴
e há dúvidas, também, sobre o local onde Sagunto⁵⁷⁵ jaz, enobrecida de glória e fortaleza.

Pois bem: embora vestígio algum perdue de povos celebrados,
e grandes cidades caíam em ruínas, a Loucura lá vai, 525
na pompa funerária, a chorar e a arrancar punhados de cabelo.

Embora o céu e a terra e os próprios elementos executem trabalho
e estejam em movimento contínuo, o louco é inimigo
de qualquer tarefa e com a carne transige noite e dia.

Imutabilidade não é predicado sensível deste mundo. 530
O esplendor da luz que desabrocha na formosura límpida do céu,
ei-lo agora recoberto por um manto de nuvens; a terra que de manhã
se esmalta de aljófar colorido, a breve trecho,

- Moria te, Iuli Caesar, magnumque Philippi
 Decepit prolem. Falsis persuasus uterque:
 Credebant simul ac tenuissent orbis habenas,
 495 Se fore felices; tenuit male falsus uterque:
 Infelix alter patriae, infelicior alter
 Gentibus et populis, cito fato uindice raptus.
 Nemo malus felix nec dignus morte beatus.
 Nascendo moreris. Mortem spatia ultima dico
 500 Huius curriculi. Metam contendis ad illam
 Et momenta tuae numerantur singula uitae.
 Quisquis enim inferiora colit subiectus Olympo
 Paulatim moritur. Praeceptis sol itque reditque
 Ac repetens eadem celeri uestigia passu
 505 Voluitur et uoluit nunquamque renascitur idem
 Et flexu et cursu aduerso mirabilis ut qui
 Vnde uenit redeat: teneat nunc absida summam,
 Nunc terris propior cyclo propiore feratur.
 Inque Notum a Borea, in Boream se flectat ab Austro.
 510 Subdita cuncta mouet dum sic super ipse mouetur.
 Nulla quies rebus motis, est nulla mouenti.
 Afficit, alternat, gignit, corrumpit et infra
 Omnia transformat, mutat uariatque nouatque:
 Rerum naturam, faciem, mare, nomina, terras,
 515 Regna, urbes, habitus, mores, habitacula, linguas.
 Quicquid sub terra est, profert; prolata recondit;
 Et sursum uersat et uersat cuncta deorsum.
 Iunctus eras Siculo quondam, Apennine, Peloro:
 At nunc angusto terra illa immersa profundo est.
 520 Quodque fretum Europam Libyco modo separat orbe
 Mons fuit Hesperiae Calpe commissus Atlanti.
 Incertum est nostris ubi clara Numantia nunc sit
 Atque ubi sit dubitant generosum et forte Saguntum.
 Cum populi insignes uestigia nulla relinquant
 525 Ingentesque cadant urbes, tamen ipsa capillum
 Moria dilacerat supremo in funere plorans.
 Cum caelum et tellus atque ipsa elementa laborent
 Sintque in continuo motu, nil censet agendum
 Morus et indulget genio noctuque dieque.
 530 Hic infra aspicimus nihil immutabile. Quae nunc
 Candida lux oritur caelo formosa sereno,
 Nubibus inductis tegitur; quae mane colores
 Florida gemmantes tellus sese induit, imbre

ensopada de chuva, na face já não mostra o mesmo sorriso.
 Solta o nauta a brancura das velas à carícia dos ventos de feição: 535
 depois, ao imprevisto crescer do temporal,
 todo é pavor ao ser rojado ao mar pela cólera das vagas.
 Os dulçores, destarte, associou o Ordenador do mundo às amarguras.
 Claramente esta ideia exprimiu o Eácida⁵⁷⁶ homérico naquela imagem
 que usou para confortar a desventura e a orfandade de Príamo: 540
 “Esta vida – lhe disse – há que vivê-la entre agonias: pois já no próprio
 novelo das Parcas aos fios negros os brancos se misturam.
 Assim aprouve aos deuses cujo espírito desconhece a angústia.
 Duas talhas existem, por sinal, no palácio de Jove: de desgraças
 está cheia a da esquerda; a da direita contém as alegrias. Destas vasilhas 545
 Júpiter extrai os dons que nos concede: mas tolda com a amargura
 o dulçor; não dá, a mortal algum, as alegrias todas.”
 A verdade se esconde sob o véu da fábula meónide.⁵⁷⁷
 A criança, mal nasce, com lágrimas começa o seu viver,
 renunciando assim, no agoiro do pranto, as dores da existência.⁵⁷⁸ 550
 Embora seja ordenação divina a lei que impõe
 a todo o homem que vem a este mundo o tributo das lágrimas
 – o louco, julgando-se nascido para a gula, luxúria, folgança
 e zombarias, por toda a parte espreita ocasiões de gozo.
 E não sente, por trás dele, o estalar das vergastas da dor 555
 que Deus uniu neste mundo à ventura – para que não possa
 mortal algum presumir felicidade no tempo desta vida,
 e aprenda a buscar o prazer sem travo –
 – não na vertigem deste remoínho de desgraças,
 mas lá onde a seus pés poderá contemplar as estrelas, 560
 o sol, a lua e o fulgor das praias do Empíreo⁵⁷⁹
 onde o espelho divino se mostra e irradia: e nele
 se divisa do mundo o passado inteiro e o futuro;
 e ainda muita noção que excede conta de peso, número e medida.
 É toda paz a luz do divino espelho – luz bela, 565
 imóvel, imensa e inefável: e, por toda a vastidão
 do espaço que a rodeia, nem sombra de mudança. Não está sujeita
 ao desaparecimento por deslocação, nem pelas nuvens ao ocultamento.
 A paz é sua essência, e a paz confere àqueles que a contemplam.
 Que barreiras terá a previsão do homem a quem foi dada a visão dessa luz? 570
 Mas para que me esforço eu por encerrar na pequenez
 da concha a vastidão do mar?⁵⁸⁰ À tua excelsitude, Senhor,
 o respeito se deve do silêncio: mais vale a majestade não celebrar
 do que fazê-lo com eloquência indigna. Tornemos ao assunto
 que há pouco referíamos. Importa não buscar o prazer 575

- Mox excepta madet nec uultu arridet eodem.
- 535 Alba coronatus uentis dat uela secundis
 Nauita: post idem subita ueniente procella
 Horrescit tumidis iactatum fluctibus aequor.
 Dulcia sic mundi rector coniungit acerbis.
 Quod plane Aeacides expressit Homericus illo
- 540 Plasmate quo tristem Priamum solatur et orbum:
 “Viuentum est (inquit) maerores inter et ipsis
 Parcarum filis, miscentur candida pullis.
 Sic placitum superis quorum mens anxia nunquam est.
 Nam Iouis ad limen duo sunt sita dolia: plenum
- 545 Luctibus est laeuum, dextrum fert gaudia. Promens
 Iuppiter hinc nobis sua munera turbat amaris
 Dulcia: mortali tribuit laeta omnia nulli.”
 Maeonides ficta hac uerum sub imagine texit.
 Incipit a lacrimis cum primum nascitur infans,
- 550 Sic fore declarans uitam fletu auspice maestam.
 Cum Deus hanc legem statuens elegerit et sit
 Cuilibet hunc hominum uenienti flere necessum,
 Se uentri genitum morus uenerique iocoque
 Et ludo credens, sibi risus undique captat
- 555 Nec uidet a tergo quatientes uerbera luctus
 Quos Deus hic nectit laetis, ut nemo beatum
 Se fore posse putet mortalis tempore uitae
 Quaerendamque docet, sit quae sincera uoluptas,
 Non hoc in tanto miserarum turbine rerum,
- 560 Verum ubi sub pedibus stellas spectare licebit
 Et solem et lunam, Empyrii plaga lucida regni
 Qua patet et speculum diuinum eflagrat: in illo
 Conspicitur mundi quicquid fuit atque futurum est
 Pluraque quae mensus, numeros et pondera uincunt.
- 565 Diuini speculi lux est placidissima, lux est
 Pulchra, immota, ingens et inenarrabilis a qua
 Immenso spatio omnis transmutatio longe est.
 Non motu abscedit, non nube absconditur ulla.
 Ipsa tenet pacem pacemque tuentibus affert.
- 570 Quid non perspiciet quisquis iubar aspicit illud?
 Sed quid ego uastum concludere Nerea concha
 Exili conor? Tibi sancta silentia, summe,
 Debentur, Deus, et de maiestate tacere
 Quam non digna loqui est satius. Redeamus ad id quod
- 575 Nunc dicebamus. Non est quaerenda uoluptas

– associado como está sempre à dor, sua irmã –
 neste mundo e na vertigem deste remoinho de desgraças,
 mas lá onde a Alegria circula à rédea solta,
 pela amplidão dos jardins e a amenidade dos vergéis paradisíacos,
 aos celícolas dando, a toda a hora, encanto de festins. 580
 Esta é a nossa pátria e berço e reino
 e a eterna mansão da bem-aventurança.
 Quem preza a sensatez, com veemência almeja ao Éden
 regressar de onde o expulsou a culpa do primeiro pai:⁵⁸¹
 e, no penar desta saudade, suspira, na tristeza 585
 do desterro, pelo Olimpo, sua pátria verdadeira.
 Oh quantas e quantas vezes disse Paulo, bom conhecedor
 desta vida e da vida celeste: “Anseio pela libertação e pela vida em Cristo.
 A morte é um bem para nós.”⁵⁸² Que afirmação mais clara poderia fazer
 sobre o assunto quem de uma e de outra vida tinha conhecimento? 590
 E o rei famoso, que a celebridade deveu à funda,⁵⁸³
 e à cítara em que pregoava a glória de Deus e os arcanos do futuro,
 também deplora da vida peregrina o fardo prolongado.
 Cristo, nosso guia, amparo, caminho, esperança e salvação,
 a Quem tudo era possível, que bens – não me dirás? – escolheria 595
 para Si e Seus discípulos bem-amados?
 Nem reino nem riqueza nem, afinal, prazeres:
 – mas sim toda a espécie de fadigas, agruras da pobreza,
 rigor das provações, martírio de açoites e de fogo,
 na cruz horror da morte; opróbrios e venenos, 600
 a sanha dos algozes, trabalhos mil e ameaças mil
 por toda a parte; e a truculência na face dos mandantes.
 Quem, arvorando o pendão da cruz, em Cristo
 reconhece o Mestre, o Senhor e o Deus da verdade,
 por esta rota segue – persuadido que da sua salvação 605
 esta é a estrada segura e firme. Na santidade de Jesus
 não acredita o louco: prefere acreditar em Aristipo ou Epicuro,⁵⁸⁴
 para quem Deus é o ventre⁵⁸⁵ e o sumo bem consiste nas suas impurezas.
 Mas doutra espécie é a essência de Deus – Nume sagrado
 e venerável, Cujo esplendor, glória e majestade 610
 nem o espírito nem a palavra humana logram alcançar.
 Até às águas deste porto impelido pela brisa celeste,
Epílogo tomemos pé, desembarcando na almejada praia:⁵⁸⁶
 e cantemos um hino de alegria e gratidão a Cristo.
 Glória ao alto Deus nas alturas do céu; louvor 615
 e honra, a Ti, ó Virgem Mãe; e a Ti, Corte celeste!

- Quae consanguineo est nunquam non mixta dolore
 Hic et in hoc tanto miserarum turbine rerum,
 Sed qua Laetitia effusis decurrit habenis
 Per latos Paradisi hortos et amoena uireta
 580 Semper caelicolas conuiuia festa ministrans.
 Qui locus est nobis patria et natalis origo
 Et regnum atque bonis sedes sine fine beatis.
 Qui sapit ire cupit multis singultibus illuc
 Vnde ipsum primi deiecit culpa parentis;
 585 Et desiderio tabescens, tristis et exul,
 Quam ueram credit patriam suspirat Olympum.
 O quoties uitae gnarus caelestis et huius,
 Paulus ait: "Cupio dissolui, uiuere Christus;
 Estque mori lucrum nobis." Quid apertius in re
 590 Dici ab eo potuit, uitam qui norat utramque?
 Rex ille insignis funda citharaque sonante
 Diuinas laudes et saeculi arcana futuri
 Longa suae queritur peregrinae incommoda uitae.
 Christus dux noster, columen, uia spesque salusque
 595 Omnia qui poterat, sibi quid delegerit et quid
 Dilectis sibi discipulis, oro, inspice: sane
 Non regnum, non diuitias, non denique quicquam
 Dulce aut iucundum, uerum cuncta aspera: duram
 Pauperiem aerumnasque graues et uerbera et ignes
 600 Et crucis horrendae mortes et dedecus et fel
 Carnificumque metus tormentaue, mille labores,
 Mille et ubique minas truculentaue praesidis ora.
 Qui uexilla crucis portans in fronte fatetur
 Doctorem ueri Christum Dominumque Deumque,
 605 Hac graditur: certamque sibi firmamque salutis
 Esse uiam hanc credit. Sancto non credit Iesu
 Morus: Aristippo plus credit, plus Epicuro,
 Quis Deus est uenter, quis summa in turpibus eius.
 Sed Deus est aliud cuius speciemque decusque
 610 Et maiestatem et sanctum et uenerabile numen
 Non mens, non humana potest attingere lingua.
 Hactenus in portum caelesti flamine uecti,
 Optata tandem egressi potiamur arena
 Et Christo laetum carmen gratumque canamus.
 615 Sit Deo in excelsis excelso gloria sitque
 Laus et honor tibi, Virgo Parens; tibi, Curia caeli.

(Página deixada propositadamente em branco)

NOTAS E COMENTÁRIOS

(Página deixada propositadamente em branco)

I – NOTAS E COMENTÁRIOS AOS EPIGRAMAS

EPIGRAMA 1

¹ Quando Aires Barbosa regressou de Florença e iniciou a sua carreira de professor na Universidade de Salamanca, em 28 de junho de 1495, como ele claramente afirma na sua *Prosodia* (fol. a iiii), encontrou aí conceituados professores, nacionais e estrangeiros. Entre eles destaca-se Élio António de Nebrija, um dos mais celebrados humanistas espanhóis, que era cerca de vinte e seis anos mais velho do que o jovem Aires Barbosa. Com a admissão deste no corpo dos docentes salmantinos, começou entre os dois humanistas uma amizade que havia de perdurar, com variadas cambiantes em função das circunstâncias da vida académica. Expressão dessa amizade inicial é a inclusão deste epigrama laudatório de Barbosa (e do imediatamente a seguir) na reedição das *Introductiones Latinae* de Nebrija, saídas em Salamanca em 30 de setembro de 1495, quando o humanista português mal havia chegado e experimentado a honra e a responsabilidade da carreira de professor universitário, mas já admirado pela sua excelente preparação e competência. Este epigrama e o que vem a seguir representam, pois, a sua estreia como escritor e as primícias da sua produção poética.

² *Dircaeo ... alumno*. O nome de Dirce, a famosa e trágica rainha da cidade de Tebas transformada em fonte – a Fonte de Dirce –, é usado sobretudo na poesia, por sinédoque, em vez do próprio nome daquela cidade grega. O *alumnus Dircaeus* (o pupilo Dirceu) é antonomásia do grande poeta grego Píndaro, natural de Cinoscéfalas, perto de Tebas. Note-se, a propósito, que o nosso poeta Tomás António Gonzaga adotou o pseudónimo Dirceu, eternizado no seu livro *Marília de Dirceu*.

³ *Palladia ... in aede*. A mansão de Palas ou Atena, deusa grega da sabedoria que tem correspondência na Minerva latina, pode significar a cidade de Atenas, de que aquela é epónimo e onde Píndaro estudou, viveu e se fez um dos maiores poetas gregos de sempre.

⁴ *Lesbos plectro ... aureo*. A ilha grega de Lesbos, do mar Egeu, é celebrada como terra natal de notáveis poetas líricos em que se destacam Alceu e a poetisa Safo, dois dos maiores representantes da poesia lírica. O plectro, ou varinha geralmente de marfim com que se faziam vibrar as cordas da lira, é aqui tomado por este modelo literário. Aires Barbosa, ao transformar em ouro o marfim do plectro para mais enaltecer o escritor Élio António de Nebrija, segue uma tradição dos antigos, como se verifica neste passo de Horácio, *Odes* II, 13, 26, dedicado ao poeta Alceu: *et te sonantem plenius aureo, Alcae, plectro* (“e a ti, Alceu, que com o plectro de ouro vibras com mais vigor”).

⁵ *Docta puella*. O autor dirige-se, concretamente, à poetisa Safo.

⁶ *Bellerophonteis ... aquis*. Belerofonte, o herói mítico que montava o Pégaso, cavalo alado a quem, segundo a lenda, se deve o brotar da fonte de Hipocrene, a “fonte do cavalo”, cujas águas transformavam quem as bebesse em poetas instantâneos.

⁷ *Tormin*. O Tormes é o rio que banha a cidade e Salamanca.

⁸ *Permessidos*. Rio da Beócia consagrado a Apolo e às Musas.

⁹ *doctasque sorores*. Fórmula poética consagrada para significar o conjunto das Musas.

¹⁰ Este verso e os cinco imediatamente anteriores foram inspirados em Propércio, *Elegias* III 1, 3-4 e 17-20.

¹¹ *Andino*. Isto é, de Virgílio, natural de Andes, perto de Mântua.

EPIGRAMA 2

¹² Este epigrama, tal como o imediatamente anterior, foi publicado como poema laudatório na reedição das *Introductiones Latinae* de E. António de Nebrija, feita em Salamanca em 30 de setembro de 1495.

¹³ *Remmiacos ... libellos*. Referência ao sistema do direito romano de acusação regulado pela *Lex Remmia*, por vezes confundida com a *Lex Memmonia*, que reprimia especificamente os acusadores caluniosos e os críticos injustos e de má fé. Cícero fornece vários testemunhos da sua aplicação, por exemplo na *Defesa de Róscio Amerino* XIX, 55. Cf. *Digestos* XLVIII, 16, 1; XXII, 5, 13.

¹⁴ *Aristarchi*. Aristarco de Samotrácia (sécs. III-II a. C.), filólogo alexandrino que trabalhou no Museu de Alexandria e foi o último diretor da famosa Biblioteca no tempo dos Ptolomeus, notabilizou-se como crítico de Homero. O seu nome ficou, por antonomásia, como modelo do exegeta e sinónimo do crítico implacável.

¹⁵ *Si uia ... monstrat*. O autor recorda aqui o preceito de Quintiliano, recomendado no ensino gradual dos alunos principiantes. Vd. *O Ensino da Oratória* I, 1, 24; cf. II, 13, 16.

¹⁶ *Carmine ... recens*. Sobre a educação desde tenra idade, vd. os versos com que Horácio termina a 2ª Epist. do livro I, 2, 64-71 (especialmente vv. 67-70) e em que Barbosa claramente se baseou, bem como a imagem que o poeta latino aí utiliza da ânfora de argila nova que, uma vez impregnada de um perfume, o conservará por muito tempo. O passo horaciano tornou-se proverbial desde tempos antigos. No século XVI o humanista Jerónimo Cardoso, que foi contemporâneo de Aires Barbosa durante mais de trinta anos, deixou no seu *Dictionarium Latinolusitanicum et vice-versa Lusitanicolatinum*, p. 248v, o seguinte registo: “*Testa tenax odoris, quo primum imbuta*. A panela sempre retém o cheiro da cousa que primeiro lhe deitares. Dá a entender que aquilo que aprendemos de moços, isso nos fica até velhos.” Cf. p. 110, Epigrama 11, v. 9 e respetiva nota.

¹⁷ *Paruo ... Hylas*. Evocação do jovem Hílas, de rara beleza, companheiro de Hércules na expedição argonáutica, por quem este se apaixonou e que, durante uma escala feita pela armada, foi encarregado de procurar água numa fonte sagrada da região, acabando por ser seduzido e retido por uma das ninfas da mesma fonte. Hílas, segundo o relato de Apolónio de Rodes, *Argonáutica* I, 1207 segs., levava para o efeito um jarro de bronze, o que levou o escoliasta a I, 1207, a reprovar Apolónio por ter concedido ao jovem Hílas uma κάλπις, um vaso próprio de mulheres, e não uma ânfora, de maior peso e robustez, como seria de esperar. Parece assentar aqui a ironia com que Aires Barbosa recorda que o jovem amante de Hércules se sentia assim feliz com um vaso de pouco peso. O nosso humanista poderia ter recolhido os dados desta lenda em alguma das principais fontes clássicas designadamente em Teócrito, *Idílio* XIII (todo dedicado a este mito), Apolónio de Rodes, *Argonáutica* I, 1207 sgs., ou mesmo em Propércio, *Elegias* I, 20 (elegia que se serve longamente deste mito como um *exemplum*). Cf. p. 152, Epigrama 48, v. 15.

¹⁸ *Liur ... dentes*. Eco de um passo da carta-prefácio de Marcial dirigida ao seu amigo Prisco no início do livro XII dos seus *Epigramas* (XII, pr. 4), queixando-se dos seus críticos, mais invejosos e não juízes isentos: *Accedit bis municipalium robigo dentium et iudici loco*

liuor [“Acrece a isto o sarro venenoso dos dentes dos meus concidadãos e a sua inveja, no lugar da crítica sadia.”].

¹⁹ *Tuum nasum ... rhinoceros*. Ter nariz de rinoceronte é antiga expressão proverbial que exprime a atitude de crítica e troça equivalente à portuguesa “torcer a cara”, “torcer as ventas”, “torcer o nariz”. Um dos textos clássicos em que este provérbio aparece mais desenvolvido e que parece ter inspirado Aires Barbosa é o 3º epigrama do livro I de Marcial, em que o autor se dirige ao seu próprio livrinho e o aconselha a ficar em casa e a não se atrever a expor-se nas lojas da cidade de Roma, onde só encontrará críticos e invejosos – jovens, velhos e mesmo crianças, todos com nariz de rinoceronte.

EPIGRAMA 3

²⁰ Entre os amigos de Aires Barbosa no Estudo salmantino conta-se Lúcio Marineo Sículo, humanista e historiador, nascido em 1460 na Sicília, em cuja cidade de Palermo fizera a sua preparação em estudos greco-latinos, depois completada em Catânia e em Roma, e que, após alguns anos de ensino de língua e literatura grega e latina na primeira daquelas cidades, transitou para a Universidade de Salamanca, onde já se encontrava pelo menos a partir do Verão de 1488, segundo se conclui da correspondência do humanista seu compatriota, Pedro Mártir de Anghiera, que, em cartas dessa data, por mais que uma vez o trata por “*Lucio Marineo Siculo, uiro poetico, Salmanticae profitenti*.” (vd. *Opus Epistolarum ...*, Amsterdão, 1670, pp. 14, e 25-26).

Este epigrama de Aires Barbosa é o testemunho da amizade e admiração por Marineo, que o colocou à cabeça da sua obra historiográfica, *De Hispaniae Laudibus Libri VII*, saída a lume no ano de 1497, embora redigida entre 1495 e 1496, ao lado de outros poemas laudatórios da autoria de humanistas consagrados, como o referido Pedro Mártir de Anghiera e o reitor da Universidade de Salamanca, Rodrigo Manrique, além de uma composição do próprio Lúcio Marineo Sículo.

²¹ *Dum ... dum ... dum ... dumque ... et dum*. [“Enquanto ... enquanto ... enquanto ... e enquanto ... e enquanto”]. Esta anáfora, que se estende por todo o epigrama, faz dele um exemplo expressivo do protesto de perenidade até aos limites do máximo tempo possível, como quem diz “enquanto o mundo for mundo”, e tem paralelo em autores clássicos como, por exemplo, em Virgílio, *Eneida* I, 607-608, quando põe na boca de Eneias estas palavras dirigidas à rainha Dido:

*In freta dum fluuii current, dum montibus umbrae
Lustrabunt conuexa, polus dum sidera pascent,
Semper bonos nomenque tuum laudesque manebunt.*

“Enquanto os rios correrem para os mares, enquanto nos montes as sombras avançarem por entre os vales, enquanto o céu alimentar as estrelas, tua honra, teu nome e teus louvores hão de perdurar para sempre.”

²² *Gangeticus ... ales*. Referência à ave fénix, que, segundo alguns autores antigos, era originária do Oriente – “para lá dos Indianos e do vento Euro” diz, por exemplo, Claudiano no seu poema *A Fénix*, v. 2 –, tendo depois passado para o Egito, onde se verificava o fenómeno da sua perene autorreprodução. O adjetivo “gangético” reporta-se ao rio Ganges, tido pelo maior da Índia e lugar de purificação, e representa, sobretudo entre os poetas, a própria Índia e a sua região circundante. Camões, por exemplo, utiliza-o várias vezes nesse sentido.

²³ *Cinnama*. Segundo o relato de Ovídio, *Metamorfoses* XV, 391-407, a fénix alimentava-se do suco do amomo (*suco amomi*), e o ninho em que ela morria e renascia era envolto em várias plantas e frutos aromáticos, entre os quais figuravam as caneleiras (*casias*) e os cinamomos (*cinnama*). É possível que Aires Barbosa pretexto com isto uma referência às especiarias da Índia, chegadas a Portugal e a outros países da Europa, nesta época ainda por via terrestre.

²⁴ *ales ... triplex sideribus fuerit*. A fénix tinha o aspecto de uma águia de grandes dimensões e foi consagrada ao Sol na cidade de Heliópolis do Egito. O autor parece evocar a constelação da Águia, assim chamada por ter o aspecto de uma ave com as asas abertas e cuja cabeça é formada pelo conjunto das três estrelas de maior brilho, alfa, beta e gama. Já figurava como constelação no vocabulário de Ptolomeu.

²⁵ *nouies terni ... exemplum fidei*. Segundo a tradição antiga, cada ciclo de vida da mítica fénix era de quinhentos anos segundo uns (Ovídio, *Metamorfoses* XV, 395 e Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 42, 1); ou mil, ou mil quatrocentos e sessenta e um, ou mesmo doze mil novecentos e cinquenta e quatro anos, segundo outros. Tácito, *Anais* VI, 28, refere-se a vários números transmitidos por essa tradição, os quais assumem um caráter indefinido e simbólico. Os números apresentados por Aires Barbosa são mais um exemplo dessa mesma indefinição. A relação da fénix com a morte e a ressurreição tornou-a, entre os mitólogos antigos, um símbolo da duração da vida e das teorias cíclicas da regeneração milenária; e para os cristãos, desde Orígenes, ela simboliza Cristo e a fé cristã no triunfo da vida sobre a morte.

²⁶ *uentosae ... lunae*. Eco de um passo de Estácio, *Tebaida* III, 3, 48: [...] *bibernae uentosa cacumina lunae*. A Lua ventosa pode significar aqui o forte brilho que ela apresenta quando varrida ou desanuviada pelo vento.

²⁷ *Tarentino ... ludo*. Referência aos jogos celebrados durante três noites seguidas (um *trinocitium*) em honra de Dite (outro nome de Plutão) e sua esposa Proserpina, num lugar junto ao Campo de Marte, nas margens do rio Tibre, chamado Tarento, que nada tem a ver com a cidade e porto do mesmo nome no sudeste da Itália. A vigília das três noites tem a ver com a suposta cura miraculosa de três irmãos, dois jovens e uma jovem, atingidos por uma peste, o que deu origem à celebração regular dos Jogos Tarentinos naquele lugar. Vd. Valério Máximo, *Feitos e Ditos Memoráveis* II, 4.

²⁸ *uirgo triformis*. Barbosa parece referir-se à deusa Diana, a deusa dos bosques, dos partos e da morte, com base na ode 22 do livro III de Horácio, que lhe chama “virgem e diva triforme” (*uirgo ... diua triformis*) na sequência da tradição dos Gregos, que, sob o nome helénico da correspondente Ártemis desde cedo identificada com Hécate, lhe atribuíram o epíteto de τριμορφος, fixado pelos Latinos no equivalente *Truia*, a deusa das “encruzilhadas”, os lugares de eleição da magia e da localização dos seus templos, onde ela era representada sob a forma de uma mulher de três corpos ou três cabeças. Outra razão dessa natureza tripla é o facto de ela figurar como Lua no céu, Diana sobre a terra, Proserpina ou Hécate no mundo inferior. A referida ode de Horácio consta apenas de duas estrofes sáficas, e a primeira insiste na ideia da triplicidade (o sublinhado é nosso):

Ó virgem, guardiã das montanhas e dos bosques,
Que, três vezes invocada, escutas as jovens
Nas dores do parto e as livras da morte,
Ó deusa triforme.

Sobre este mito, vd. o próprio Aires Barbosa no prefácio ao *Comentário do Segundo Livro da Historia Apostolica do Cardeal Arâtor*, dirigido aos jovens estudantes das belas-letas, fol. ciii, (cf. edição de José Henrique Rodrigues Manso, *op. cit.*, p. 108-109.

²⁹ *Cbium ... et Ammineum*. O Quios era uma casta de vinho produzido na ilha grega de Quios, na costa asiática, e um dos mais famosos da antiguidade helénica e dos mais caros de importação em Roma. A casta do Amineu, transportada para Itália pelos Amineus, originários da Tessália, desenvolveu-se sobretudo na Campânia e figura à cabeça das principais castas itálicas mencionadas por Plínio, que dedica à descrição das cepas e dos vinhos todo o capítulo XIV da sua *História Natural*. O poeta Horácio, nas *Sátiras* I, 10, faz eco da antiga tradição da mistura de castas na composição das melhores marcas de vinho, da qual resultava um produto de qualidade mais suave; e compara-a com a miscigenação da língua latina com a grega: *At sermo lingua concinnus utraque / suauior, ut Quio nota si commixta Falerni est*. (“Mas um estilo

em que se combinam harmoniosamente as duas línguas mais suaves; é como um Falerno de marca misturado com Quios³⁰). O vinho Falerno era produzido na região norte precisamente da Campânia, onde se havia radicado a casta do Amineu.

Aires Barbosa serve-se deste mesmo *topos* da mistura de vinhos de diversas castas para enaltecer as vantagens da simbiose de culturas diferentes, designadamente da que é veiculada pelas duas línguas clássicas, a grega e a latina, em que o seu colega e amigo italiano Lúcio Marineo Sículo era, como ele, um grande especialista.

EPIGRAMA 4

³⁰ Epigrama publicado à cabeça do livro de Élio António de Nebrija acerca da acentuação dos vocábulos estrangeiros (*De peregrinarum dictionum accentu*, fol. 1v), saído a lume em 30 de junho de 1506, sem indicação de local e dedicado ao Senado da Academia de Salamanca e à juventude estudiosa das boas-artes.

³¹ *Palaemonia*. Rémio Palémon, conceituado gramático italiano do séc. I, era natural de Vicência e foi professor em Roma, onde teve por alunos figuras gradas da literatura latina, como Pérsio e Quintiliano, que o recorda com muito apreço em *O Ensino da Oratória* I, 4, 20.

³² *Antonius*. Trata-se do humanista Élio António de Nebrija, colega e amigo, e também concorrente, de Aires Babosa.

³³ *Solymis*. Forma poética equivalente a *Hierosolyma*, isto é, Jerusalém, aqui na função de metonímia da língua e cultura hebraicas.

EPIGRAMA 5

³⁴ Este epigrama de Aires Barbosa foi publicado em Salamanca em 15 de outubro de 1506 com duas obras conjuntas do seu colega Élio António de Nebrija: um estudo sobre enigmas do direito civil e um léxico do mesmo direito (*Aenigmata Iuris Ciuilis et Iuris Ciuilis Lexicon*). A composição de Barbosa ocupa a fol. 43v daquela segunda obra.

O humanista aveirense inspira-se diretamente num passo da *Lamia* de Policiano, em que este seu mestre italiano, baseado por sua vez nos Clássicos, fala das partes do gramático, da origem e função do crítico e dos literatos (vd. *Praelectio in Priora Aristotelis Analytica, titulus Lamia*, in *Angeli Politiani Opera*, Tom. III, Lião, 1537, pp. 24-25). Aires Barbosa versificou, na primeira parte deste epigrama, quase literalmente, as seguintes palavras do seu antigo mestre florentino: *Nostra aetas parum perita rerum ueterum, nimis breui gyro grammaticum sepsit: at apud antiquos olim tantum auctoritatis hic ordo habuit, ut censores essent, et iudices scriptorum omnium soli grammatici, quos ob id etiam Críticos uocabant*, [...] (“A nossa idade, pouco perita das coisas passadas, encerrou o gramático num círculo demasiado redutor: ao contrário, outrora, entre os antigos esta classe tinha tanta autoridade, que os censores e os que julgavam de todos os escritores eram só os gramáticos, aos quais, por isso, também chamavam Críticos”).

Barbosa evoca esta mesma ideia e atribui expressamente a sua fonte a Policiano no final do Prefácio aos Comentários à *Historia Apostolica* de Arátor, fol. iii, ao fundo. Sobre as fontes clássicas para Policiano, vejam-se Cícero, *Da Adivinhação* I, 51, 116; Quintiliano, *O Ensino da Oratória* II, 1, 4-6; e, sobretudo, Suetónio, *Dos Gramáticos*, 4.

Este epigrama foi reeditado pelo mesmo Barbosa trinta anos depois, integrado na coleção dos cinquenta epigramas publicados com o poema *Antimória* em Coimbra em 1536, com várias alterações, incluindo a substituição dos últimos seis versos (*Grammaticos ... quaeque pari*) pelos seguintes (vd. *infra*, pp. 192-193, Epigrama 92 e respetivo comentário):

Inclitus est, meruit qui nominis huius honorem,

Quod nunc turba nihil semiperita facit.

Aut ueterem iam uim amisere uocabula rerum,

Grammaticum aut nullum saecula nostra uident.

³⁵ *Aristarchus, Didymus, Antigonus*. Sobre o editor crítico e comentador Aristarco de Samotrácia (c. 216-144 a. C.) vd. pp. 100-103, Epigrama 2, v. 2, e respetiva nota. Dídimos (séc. I a. C.) foi escritor e igualmente editor crítico e exegeta, e pertenceu à mesma escola fundada por Aristarco em Alexandria; e Antígono deve ser o biógrafo e escultor natural de Caristo (séc. I d. C.).

³⁶ *Doctarum ... sororum*. As “sábias irmãs” ou “nove irmãs” são as Musas da tradição clássica (cf. pp. 102-103, Epigrama 2, v. 9; e pp. 136-139, Epigrama 29, v. 6; e respetivas notas).

EPIGRAMA 6

³⁷ Este epigrama foi publicado à cabeça do poema *Pascale* do poeta ibérico Sedúlio, do séc. V, numa edição comentada por Élio António de Nebrija, *Sedulij pascale cum commento Antonij Nebrissensis*, saído a lume em Salamanca no dia 16 de julho de 1510 e republicado em sucessivas reedições da mesma obra.

³⁸ *Salutiferi ... Tonantis*. Trata-se de Jesus Cristo, acompanhado do epíteto de origem clássica, cristianizado pelos humanistas?

³⁹ *Antonii*. Refere-se, como acontece noutros epigramas, ao autor do livro aqui elogiado por Aires Barbosa, de seu nome completo, na forma castelhana, Elio Antonio de Nebrija.

EPIGRAMA 7

⁴⁰ Este epigrama saiu no início do *Dictionarium* [Latino-Castelhano] de António de Nebrija, publicado em Burgos 29 de novembro de 1512, e mantido em várias reedições posteriores da mesma obra.

⁴¹ *Hispanus Varro*. Trata-se de Marco Terêncio Varrão, que foi “o mais culto dos Romanos” nas palavras de Quintiliano (*O Ensino da Oratória* X, 1, 95), um dos mais conceituados escritores latinos para o poder afirmar com autoridade.

⁴² *Figulus*. P. Nigídio Fígulo era, segundo opinião de Aulo Gélio, *Noites Áticas* IV, 9, 1, “O homem mais sábio depois de Varrão”. A junção destes dois nomes na citação deste autor faz supor que Aires Barbosa se terá inspirado nela para prestar o maior elogio possível a Élio António Nebrija, atribuindo-lhe a dupla antonomásia de “Varrão da Hispânia” e “Fígulo da Hispânia”.

EPIGRAMA 8

⁴³ Este epigrama surge à cabeça do tratado de métrica de Aires Barbosa, publicado em Salamanca a 3 de julho de 1515, e que ele apelidou com o feliz neologismo de *Epometria*, no seu título completo *Arii Barbosaes Lusitani Relectio cui titulus Epometria* (“Releção intitulada Epometria, do português Aires Barbosa”). A composição ocupa o lugar imediatamente a seguir a este título e funciona como uma espécie de Proposição (fol. Aj), em que Aires Barbosa resume o seu objetivo e exorta os estudantes a dominarem as regras da métrica da língua latina, sem a qual não é possível captar e saborear toda a força poética de um texto.

⁴⁴ *Maeonio*. Trata-se de um epíteto patronímico de Homero, supostamente nascido em Esmirna da Meónia, antigo nome da Lídia, na Ásia Menor, e uma das cidades que reivindicam a naturalidade do poeta. Columela, no prólogo do seu tratado *Da Agricultura*, 1, pr. 30, ao evocar os grandes escritores que influenciaram as Musas latinas, menciona Homero como “o pai da eloquência, esse deus Meónio com vastíssimas torrentes de facúndia”.

⁴⁵ *non sunt haec adeunda*. Barbosa refere-se às regras da métrica, enunciadas, expostas e exemplificadas ao longo deste tratado sob a forma de texto metrificado e composto, ele mesmo, em verso, embora sem pretensões literárias e apenas com o objetivo puramente didático de facilitar a memorização da matéria, uma prática pedagógica que já vinha dos gramáticos antigos. Daí se chamarem versos mnemotécnicos. Cf. pp. 124-127, Epigrama 18.

⁴⁶ *labentum ... pedum*. A poesia clássica greco-latina era medida e ritmada na base de grupos de sílabas métricas longas e breves chamados pés, cujo erro era imediatamente detetado pelo ouvinte, ou pelo leitor. É sabido, até, que no teatro, quando um ator claudicava na troca de uma sílaba breve por longa ou vice-versa, era vaiado com uma pateada dos espetadores.

EPIGRAMA 9

⁴⁷ O texto da *Epometria*, de Aires Barbosa, em que este poema vem publicado (fol. Cvj v^o), depois de recomendações finais aos jovens estudantes no sentido da importância do estudo da métrica, termina com estas palavras: *Quid efficere queat nostra Epometria, uersus declarant quos subiecimus*, isto é, “O que pode fazer a nossa *Epometria*, esclarecem-no os versos que a seguir juntámos”. De facto estes quinze hexâmetros servem de uma espécie de exortação que resume, numa forma metafórica, o trabalho e esforço de aprendizagem da métrica latina, aplicável a todo o labor pedagógico e didático de qualquer matéria.

EPIGRAMA 10

⁴⁸ Num passo do grande comentário de Aires Barbosa à *Historia Apostolica* do Cardeal Arátor, publicado em Salamanca em abril de 1516 (fol. cxxxviii), em que, pela voz do apóstolo Paulo, é amaldiçoada a terra da Palestina como chão estéril (*humum sterilem*) e como alegoria do próprio povo judeu, que recusou o seu Salvador e seus seguidores, entre os quais se conta o mesmo Paulo, o nosso humanista cita um texto de Tertuliano a esse propósito e acrescenta: “Também eu escrevi num certo poema:”. E de seguida transcreve os versos da presente composição truncada, que Barbosa não diz se e onde publicou, e que não conseguimos localizar.

⁴⁹ *Vitem ... amoenam*. A alegoria da vinha e da videira é um recurso literário várias vezes repetido nos textos bíblicos, e para variadas comparações. No Antigo Testamento, por exemplo, a “vinha trazida do Egipto” e replantada na terra prometida representa o próprio povo de Israel libertado (vd. Vulgata, *Salmo 79(80)*, 9-16); e igual função exerce a videira, por exemplo em *Ezequiel*, 15, 1 sgs. e em *Oseias*, 10, 1 sgs. No Novo Testamento é o próprio Cristo que afirma a respeito de si mesmo (vd. João, 15, 1 sgs.): “Eu sou a verdadeira vide, e meu Pai é o agricultor” (*Ego sum uitis uera, et Pater meus agricola est*). Aires Barbosa, nesta sua miniparáfrase, teve em conta os dados da tradição bíblica, especialmente o passo do *Salmo 79(80)* e a sua aplicação a Cristo no do *Evangelho de João*.

EPIGRAMA 11

⁵⁰ As duas primeiras páginas do grande comentário de Aires Barbosa à *Historia Apostolica* do cardeal Arátor são preenchidas por dois poemas: a primeira contém um epigrama de louvor composto em onze dísticos elegíacos por um seu aluno chamado Teófilo e dirigido “Ao Leitor”; a segunda página é toda ocupada pela presente composição.

⁵¹ *Iliacas*. *Iliáco* é todo o natural de Ílion, ou Troia. Trata-se, pois, de uma evocação da guerra troiana.

⁵² *Ithaci*. Isto é, Ulisses, natural da ilha de Ítaca.

⁵³ *Pelidae*. Isto é, o filho de Peleu, ou seja, Aquiles.

⁵⁴ *Tinctio prima ... indicat*. Reminiscências de Horácio, *Odes* III, 5, 27-28: *Neque amissos colores / Lana refert medicata fuco* (“Nem a lã, uma vez tratada com a tinta, recupera as cores primitivas”; e *Epístolas* I, 2, 69-70: *Quo semel est imbuta recens seruabit odorem / Testa diu* (“A ânfora nova conservará por longo tempo o aroma de que uma vez foi embebida,”). E Quintiliano, *O Ensino da Oratória* I, 1, 5, usa as mesmas imagens ao falar justamente da primeira educação da criança: *ut sapor quo noua imbuas uasa durat, nec lanarum colores, quibus simplex ille candor mutatus est, elui possunt* (“tal como é duradouro o sabor com que se embebe com as vasilhas novas, e como se não podem apagar na lavagem as cores das lãs com que foi alterada aquela sua primeira brancura”). Cf. pp. 102-103, Epigrama 3, v. 8 e respetiva nota.

⁵⁵ *Maenidem*. Isto é, Homero, porque uma das cidades que reclamam o título de sua terra natal é Esmirna, cidade da Meónia, antigo nome da Lídia (cf. pp. 106-107, Epigrama 8, v. 4).

⁵⁶ *Iusta ... urbe ... Plato*. De facto o grande filósofo, ao falar de Homero no seu diálogo acerca do Estado ideal (Platão, *República*, 606e – 607a), embora reconheça que ele é o maior dos poetas, afirma todavia que “em matéria de poesia, só se devem admitir na cidade hinos aos deuses e encômios aos varões honestos; pois, se se receber a Musa graciosa, quer a lírica, quer a épica, governar-nos-ão na cidade o prazer e a dor, em vez da lei e do princípio que o Estado reconhece ser sempre o melhor.” (Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira, in *Hélide. Antologia da Cultura Grega*, Coimbra, 1998, p. 422).

⁵⁷ *Reginae castae ... adest*. Referência ao próprio Eneias, que se envolveu com Dido, a rainha de Cartago, que, apesar de ser também viúva, havia jurado fidelidade às cinzas de seu marido Siqueu.

⁵⁸ *cacodaimonis*. Barbosa usa este mesmo grecismo, “o mau demónio”, em outros lugares da sua obra, designadamente na *Releção acerca dos verbos oblíquos* ao falar da natureza dos anjos (vd. *In uerba M. Fabii* [...] fls. [a vj] e [b vj]) e no Epigrama 105, v. 25 (vd. pp. 204-205).

⁵⁹ *Paulum doctorem*. Paulo, depois da sua conversão, tornou-se o grande mestre do cristianismo primitivo, o que lhe valeu o título de “Apóstolo” por excelência, como se vê através das suas *Cartas* e, também, do conteúdo dos *Atos dos Apóstolos*, em especial da segunda metade, que o seu companheiro Lucas e autor do livro dedica à sua ação apostólica. Barbosa chama-o também “Paulus docens”, “Paulo, o mestre”, no prefácio aos comentários ao Livro I da *Historia Apostolica* de Arátor (fol. ii vº, no fim).

⁶⁰ *Clauigerumque Petrum*. Pedro é o protagonista da primeira parte dos *Atos dos Apóstolos*, sendo a segunda dedicada a Paulo. O cardeal Arátor manteve no seu poema da *Historia Apostolica*, que Aires Barbosa comentou, esta mesma divisão estrutural.

⁶¹ *Elysio ... polo*. Polo elísio, ou céu elísio, são expressões consagradas pela literatura greco-latina para significar os Campos Elísios, a pátria futura dos bem-aventurados, segundo a tradição da mitologia clássica.

⁶² *Mystica uerba*. Parece referir-se às palavras que Paulo ouviu no caminho de Damasco e que o levaram à conversão (vd. *Vulgata, Atos dos Apóstolos*, 9, 1 sgs).

⁶³ *Ausonia Babylon*. Ausónia era a parte da Itália assim chamada devido ao seu rei Áuson, um filho gerado por Ulisses durante as suas viagens. Os poetas tomaram a Ausónia pela própria Itália. Assim, a Babilon ausónia, por antonomásia e comparação com a famosa cidade capital da Babilónia, nas margens dos Eufrates, equivale a Roma.

⁶⁴ *Tanais*. Rio da Cítia, o atual rio Don, que nasce a sul de Moscovo e desagua no mar de Azofe, separando a Ásia da Europa. Para os antigos, o lugar da sua nascente era mal definido, como o do Nilo. Os poetas tomaram-no como um dos símbolos da lonjura e da distância extremas.

⁶⁵ *Antipodumque*. Todos estas referências geográficas podem querer significar as fronteiras globais do mundo habitado, cujos limites Aires Barbosa pode ter encontrado na seguinte informação de Estrabão, *Geografia* I, 1, 13: “Mas se se considera a circunferência do mundo habitado, a norte estende-se até à extremidade da Cítia ou da Céltica, a sul até aos confins da Etiópia. Isto faz uma séria diferença. Exatamente a mesma que habitar na Índia ou na Ibéria, nestas regiões do extremo oriente ou do extremo ocidente, situados quase nos antípodas um do outro, como nós sabemos.”

⁶⁶ *Alcides*. Alcides é nome patronímico de Hércules, derivado de seu avô Alceu.

⁶⁷ *Gradiuos*. Gradivo é apelido do deus Marte, com base no verbo *gradior*, “avançar (para a guerra)”.

⁶⁸ Vem a propósito lembrar aqui (versos 45-48) o nosso Camões épico, *Os Lusíadas* I, 11, 1-8:

Ouvi, que não vereis com vãs façanhas,
Fantásticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas fabulosas,
Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro,
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

⁶⁹ *infern* ... *senis*. Trata-se Plutão, o deus do reino subterrâneo, como metáfora da própria morte, que o Cristianismo veio vencer com a certeza da eternidade.

⁷⁰ Fórmula literária usada para transitar de assunto, baseada na metáfora da viagem marítima que Aires Barbosa frequentemente usou em toda a sua obra. Cf., *infra*, pp. 126-129, todo o Epigrama 20 e a nota 125 (p. 274) de comentário ao seu título.

⁷¹ *Arator*. Arátor foi um grande poeta do estilo de Virgílio, que ele aplicou na estrutura do seu poema *Historia Apostolica*, e na própria escolha da mesma medida do hexâmetro dactílico, fazendo dele um canto épico como a *Eneida* virgiliana, para cantar as gestas ou atos dos apóstolos-heróis, sobretudo de Pedro e de Paulo.

⁷² *Numine fatidico nomen Arator*. Aires Barbosa joga com o nome Arátor, que em latim significa “lavrador”, partindo daí para a alegoria da agricultura com que se refere ao poema *Historia Apostolica*, e que ocupa a presente composição desde aqui até ao fim.

⁷³ Ficou famosa não apenas a alta consideração que Platão tinha pelos poetas, a ponto de os considerar “Coisa leve, alada e sagrada” (vd. *Ion*, 534b), mas também as restrições com que os encarava, sobretudo os líricos e fantasistas, de tal modo que os excluiu do seu modelo de Estado, por motivos quer morais e pedagógicos (vd. *República*, livro II, 365a sgs. e livro III, 398a sgs.), quer psicológicos e metafísicos (vd. *ib.*, livro X, *passim*, sobretudo 606e sgs.). A poesia épica, de engrandecimento das virtudes pátrias e heroicas, tinha, porém, especial acolhimento no plano de formação cívica da *Pólis* do filósofo grego, o que explica esta evocação de Aires Barbosa no epigrama acerca dos seus Comentários ao poema épico de Arátor sobre as gestas dos Apóstolos.

EPIGRAMA 12

⁷⁴ O poema que se segue vem inserido do fim do prefácio ao Livro II do comentário de Aires Barbosa à *Historia Apostolica* do cardeal Arátor (fol. ciiii-ciiii v^o) e serve de sua invocação, e também de exortação, como explicitamente o humanista português declara nestas palavras com que termina esse prefácio: “Por isso [...] iremos imitar os poetas que invocam as Musas não apenas nos inícios das suas obras, mas também quando, ao avançar para mais longe, chegaram a um lugar mais importante, em que repetem as invocações. Antes, porém, exortar-vos-ei à devoção e ao culto do Deus único, com estes versos heroicos:”

⁷⁵ *Curriculo ueluti Graio ...* Esta imagem desportiva não é alheia aos textos bíblicos, sobretudo da epistolografia neotestamentária, designadamente *Fil.*, 1, 30; *1 Tim.*, 6, 12; *2 Tim.*, 4, 7; e *Heb.*, 10, 32 e 12, 1.

⁷⁶ *Graeca ... origo.* Aires Barbosa defende, no prefácio aos comentários do Livro I da *Historia Apostolica* de Arátor (fol. ii v^o), que a etimologia do vocábulo grego σοφία, “sabedoria”, assenta na raiz do substantivo σέβεια, “veneração”, “piedade”, e respetivo verbo σέβειν, (donde se formou o composto θεοσέβεια, “veneração da divindade”, “piedade”, também citado pelo humanista). Trata-se de uma hipótese sem qualquer confirmação científica e produto de uma certa fantasia, como acontece noutros casos do mesmo autor e como era corrente numa época em que os estudos etimológicos modernos estavam ainda no seu começo. Cf. José Henrique Rodrigues Manso, *Comentário de Aires Barbosa à Historia Apostolica de Arátor (Textos Preliminares e Primeira Secção do Livro I). Estudo Introdutório, Fixação do Texto, Tradução e Notas*, Coimbra, Faculdade de Letras (Tese de licenciatura, policopiada), p. 79.

⁷⁷ *Iob diuini.* O autor do livro de Job, ao desenvolver um longo e belíssimo texto sobre a origem e essência da sabedoria (Vd. Vulgata, *Iob*, 28, 1 e sgs), termina com esta definição: “O temor do Senhor é a própria sabedoria”. O texto bíblico, na versão grega da chamada Bíblia dos Setenta, apresenta o mesmo vocábulo θεοσέβεια “veneração de Deus,” ou “piedade”, citado por Barbosa.

⁷⁸ *Aurigam regemque.* Eco da famosa alegoria do cocheiro e da parilha de cavalos (o auriga e a biga) para significar a natureza da alma humana, que Platão desenvolveu e fixou no *Fedro*, 246a-b e 253-254. Dentro dos autores latinos, Columela retoma a mesma ideia fundamental da alma como “auriga e condutora” dos membros e dos sentidos do corpo humano, num passo desenvolvido do *De Re Rustica* III, 10, 9, que apresenta expressões e vocabulário iguais ou equivalentes aos de Aires Barbosa, como *aurigam reatricemque* referida à alma, e *genitor universi* e *aeternus opifex* referentes ao Criador, conceitos também repetidos nesta composição do humanista português. Parece, pois, que a sua fonte mais próxima poderá ter sido aquele autor latino.

⁷⁹ *Principium ac finis.* Fórmula idêntica à consagrada já pelos antigos poetas greco-latinos, por exemplo, Homero, *Iliada* IX, 97, (“Tal como por ti [Agamémnon] terminarei, também por ti começarei”); Teócrito, *Idílios* 17, 1; (“Comecemos por Zeus e acabei em Zeus, ó Musas”; Virgílio, *Bucólicas*, 8, 11 (“Em ti [Polião, meu canto] tem o princípio e para ti termina”). Aires Barbosa, neste verso e nos três seguintes, faz uma paráfrase que assenta naquela fórmula e que fecha com um hexâmetro baseado num passo horaciano (vd. nota seguinte).

⁸⁰ *Mibi dicatur prima ... Camena.* O texto de Aires Barbosa é claramente inspirado em Horácio, que assim inicia a sua coleção de cartas (*Epístolas* I, 1, 1): *Prima dicte mihi, summa dicente Camena* (“[Tu, Mecenas,] entoado no primeiro e no derradeiro verso da minha Camena”).

⁸¹ *Nereia*. Nereu, o deus marinho, filho do Oceano e de Tétis, marido de Dóris e pai das Nereides, é aqui tomado pelo próprio mar.

⁸² *uiduae quadrans*. O quadrante era a quarta parte do asse, a antiga unidade monetária romana. Barbosa transcreve a própria designação que a tradução latina da Vulgata apresenta. Vd. Vulgata, *Marcos*, 12, 41-44 e *Lucas*, 21, 1-4, onde vem narrado o episódio da viúva pobre, cuja generosidade Cristo elogia por ela ter deitado na arca do tesouro do Templo “duas moedinhas, isto é, um quadrante” (*duo minuta, quod est quadrans*), que representavam toda a sua economia, em contraste com as ofertas dos ricos, que, apesar de elevadas, não passavam das sobras de suas fortunas.

⁸³ *Lacte ... thure Sabaeo*. Sabá, nome gentílico e geográfico do Sudoeste da península arábica, no atual Iémen, tornou-se um centro mercantil que comercializava sobretudo ouro, pedras preciosas e aromas, entre os quais se destacava o incenso, importado pelos Hebreus – cujo auge de relações diplomáticas com aquela região ficou marcado pela famosa visita da rainha de Sabá a Salomão (vd. *1 Rs.*, 10, sgs. e *2 Cr.*, 9, 1 sgs.) –, em contraste com os recursos da vida de pastorícia mais ou menos nómada do povo bíblico, na base dos laticínios e de outros produtos pecuários.

⁸⁴ *Cereri*. A divindade grega Deméter, a deusa mãe da Terra, foi, na literatura latina, sucessivamente substituída pela correspondente Ceres, patrona em especial das sementeiras e seus produtos cerealíferos (os *Cerealia*).

⁸⁵ *Bromii*. Um dos vários epítetos do deus Baco (ou Dioniso), do adjetivo grego βρόμιος “ruidoso”, “barulhento”, “fremente”, “rabugento”, por causa das celebrações tumultuárias dos festivais a ele consagrados.

⁸⁶ *Spargebantque Palem ... lacte recente*. Sobre esta deusa tutelar dos pastores e das pastagens, vejamos algumas palavras de Ovídio, *Fastos* IV, 745-746, na tradução de António Feliciano de Castilho: “[...] Juntai a isto as sólitas viandas, / e a mungidura quente; as iguarias / trá-las-eis; o leite heis-de ofertá-lo / com preces, inda morno, à vossa Pales, / pois sabeis que é selvática deidade.”

⁸⁷ *monumentum et pignus amoris*. Estas palavras de Aires Barbosa são uma fórmula consagrada, testada por exemplo em Virgílio, *Eneida* V, 572.

⁸⁸ O termo *signator*, com três sílabas longas e tomado com valor de adjetivo, na expressão *signator circulus*, parece ter sido adotado pelo autor para substituir *signifer*, de uma sílaba longa seguida de breve e outra longa, na expressão consagrada *signifer circulus*, sinónimo de signo do zodíaco. O respetivo verso tem, quase por inteiro, um equivalente em Lucano, *Guerra Civil* X, 212: *uarii mutator circulus anni*, “o círculo que faz alternar as estações do ano”.

⁸⁹ Mais uma vez a viagem marítima como metáfora da criação literária. Cf. Epigrama 11, v. 52, e todo o Epigrama 20.

EPIGRAMA 13

⁹⁰ O humanista Aires Barbosa, ao dar por terminado os seus longos comentários ao poema *Historia Apostolica* de Arátor, acrescenta as seguintes palavras de carácter prático e utilitário: “Despeço-me, excelentíssimos ouvintes; e para que esta folha não se perdesse, por ser editada vazia, tivemos o cuidado de a preencher com uns pouquinhos versos nossos que tínhamos composto durante este tempo da própria impressão” (fol. cli v°).

Trata-se de quatro composições que, embora autónomas, têm a ver com a grande obra filológica dos referidos comentários. Esta primeira reflete a reação dos detratores do

humanista, designadamente de certos teólogos com quem ele teve prolongada e dura fricção intelectual. Já no final do prefácio do comentário ao Livro I (fol. iii - iii v°), Aires Barbosa lhes respondera demoradamente, marcando a sua posição e dando as explicações que entendeu adequadas.

⁹¹ *Supra crepidam sutor*. Sobre esta frase e o episódio que lhe deu origem, e como ela se tornou proverbial (*ne sutor supra crepidam*: “que o sapateiro não vá além da chinela”), vd. Plínio-o-Velho, *História Natural* XXXV, 85.

⁹² *Smyrnaei*. Homero, cuja naturalidade é reivindicada, entre várias outras, por Esmirna, cidade da Meónia, antigo nome da Lídia. Cf. pp. 106-107, Epigrama 8, v. 4, e respetiva nota.

⁹³ *utraque lingua*. Expressão consagrada para significar as línguas latina e grega, de que era mestre Aires Barbosa.

⁹⁴ *Non ... contraria iungi*. Ecos de dois conhecidos princípios da linguagem médica: um a favor da junção dos contrários, segundo a teoria da medicina alopática (*Contraria contrariis curentur*; “Que cada coisa seja curada com o seu contrário”); outro a preconizar o lema da medicina homeopática (*Similia similibus curentur*, “que cada coisa seja tratada com sua semelhante”).

EPIGRAMA 14

⁹⁵ Poema incluído, como o anterior, no final dos comentários de Aires Barbosa à *Historia Apostolica* de Arátor (fol. cli v°).

⁹⁶ *nebulonem*. O autor escreve “Nebulonem” com inicial maiúscula, como se fora um antropónimo; mas este aparece na lexicografia latina apenas como substantivo comum, com o significado de impostor, trapaceiro, velhaco. Nónio Marcelo, do séc. IV, ao comentar (18, 30) um passo das *Sátiras* de Lucílio (XIV, 467-468) em que o vocábulo *nebulos* (“o amigo das trevas”) aparece ao lado de *lucifugus* (o que foge da luz), escreve: “Chamam-se *nebulones* (homens da sombra) e *tenebriones* (homens das trevas) aqueles que lançam sobre suas mentiras e suas maquinações uma espécie de nuvem e trevas, ou aqueles que as acham úteis e cómodas para fugir e para roubar.”

Atendendo ao caráter satírico e polemista desta composição de Aires Barbosa, poderíamos entender o vocábulo *Nebulo* nesse sentido comum de impostor, trapaceiro, etc., e vertê-lo como tal na tradução portuguesa. Mas, sabendo que Barbosa tinha o hábito de inventar nomes próprios para os adequar aos seus opositores, como se verifica em vários dos seus epigramas (cf. pp. 144-145, Epigrama 38), podemos considerar que se trata de mais um desses estratégias para caracterizar, por antonomásia, o perfil do fútil gramático, do gramatista Nebulão, que ousara atacá-lo.

⁹⁷ *grammatistam*. Já os antigos distinguiam o gramático do gramatista. São de Suetónio, *Os Gramáticos*, 4, as seguintes palavras: “Há quem distinga o literato do literador, como os Gregos distinguem o gramático do gramatista; e consideram aquele o gramático perfeito, e a este um mediano sabedor.”

⁹⁸ *Garamantes et Indos*. Fórmulas como esta para exprimir o extremo da distância a partir de Roma, do afastamento ou do desterro, são consagradas pela tradição clássica. Os Garamantes eram uma tribo que habitava o oásis do Sara no Noroeste da África, um dos extremos do império romano. Outro era a Índia, onde os Romanos também chegaram a muito custo. Um exemplo em que vêm estes dois extremos evocados é o passo de Virgílio, *Eneida* VI, 794 (*super et Garamantes et Indos*), que pode ter servido de inspiração a Aires Barbosa.

⁹⁹ Aires Barbosa lembra o facto de ter sido aluno de Ângelo Policiano também no Prefácio dos mesmos *Comentários à Historia Apostolica de Arátor*, fol. iii, e relembra-o de novo 20 anos depois, em 1536, no Epigrama 64 da presente edição (vd. pp. 170-171).

¹⁰⁰ *Pythagorae ... somnia*. Alusão à teoria pitagórica da metempsicose, da sucessiva reencarnação das almas, e, em particular, a um passo contado por Ênio no início dos seus *Anais*, segundo o qual Homero lhe tinha aparecido em sonhos para revelar que a sua própria alma tinha passado por um pavão, e deste para o próprio Ênio. Referências latinas podem ver-se em Cícero, *Académicas* II, 51; Pérsio, *Sátiras*, 6, 10-11; Tertuliano, *De Anima*, 33, 7-9; e, especialmente, em Lucrécio, *A Natureza das Coisas* I, 117 e sgs., que aí explica a existência, no Além, de um espaço “onde permanecem não as nossas almas e corpos, mas uma espécie de simulacros de uma estranha palidez” (*quo neque permanent animae neque corpora nostra, / sed quaedam simulacra modis pallentia miris*). Este passo ajuda a entender os versos anteriores de Aires Barbosa, onde este ironiza sobre a verdade e as simulações da verdade que o seu opositor inventa. Mas a fonte de inspiração direta do nosso humanista terá sido um passo das *Epístolas* de Horácio, II, 1, 50-52, que se refere à mesma reencarnação de Homero em Ênio, com acentuada ironia e com a expressão *somnia Pythagorea*, que Barbosa decalca.

¹⁰¹ *Cecropio ... lepore*. Cécrope, o primeiro rei da Ática e fundador da cidade de Atenas, deixou o seu nome ligado aos primórdios da história e da cultura helénicas. Daí a frequência com que, sobretudo, os poetas usam o adjetivo patronímico *Cecropius* em vez de outras designações relativas a Atenas em particular, ou à Grécia em geral. A junção do sal da mordacidade latina com a graça e a elegância gregas aqui estabelecida por Barbosa evoca um passo de Marcial, *Epigramas* IV, 23, 6-7, num epigrama dirigido à musa Talia, em que se confrontam a mesma “graça helénica” (*Cecropio lepore*) e o sal da Minerva Romana (*Romanae sale Mineruae*).

¹⁰² *angelus ignis; ... nebulo ... Styge*. É claro o jogo de palavras e conceitos que o autor aqui estabelece, ao pôr em confronto, por um lado, o vocábulo “anjo” – evocação do nome próprio do seu mestre Ângelo Policiano – com “nebulão”, o impostor, transformado em nome próprio do seu detrator *Nebulão* designado no título do epigrama; e, por outro lado, a oposição entre o “Céu”, donde provém o anjo do fogo ou da luz, e o “Estige”, o rio das sombras infernais.

EPIGRAMA 15

¹⁰³ Epigrama inserido, tal como o anterior, no final dos comentários à *Historia Apostolica* de Arátor (fol. cli).

¹⁰⁴ *Laesa ... ouis*. A ovelha foi muitas vezes tomada como exemplo da vítima inocente, indefesa e submissa perante o agressor e a própria morte, e por isso tornou-se um termo proverbial de comparação. No caso presente podemos sentir o eco reverso de Propércio, *Elegias* II, 5, 19-20, que, contrariando a frase de Barbosa, afirma: “Não é só o touro que, com seus cornos recurvos, ataca o inimigo, / é também a ovelha ferida que oferece luta a quem a ameaça.” (... *uerum etiam instanti laesa repugnat ouis*). Cf. José Henrique Rodrigues Manso, *Comentário de Aires Barbosa ao Segundo Livro da Historia Apostolica de Arátor*, Lisboa, 2011, p. 392.

¹⁰⁵ *sine felle columba*. Barbosa recolheu esta expressão (“pomba sem fel”) no poema de Arátor *Historia Apostolica*, Livro I, secção xvi, v. 662, que ele transcreve e analisa no seu longo Comentário ao mesmo poema (*op. cit.*, fol. lxx), evocando testemunhos contemporâneos de Arátor sobre o mesmo assunto, como Sedúlio, e dos clássicos mais antigos, designadamente Plínio e Aristóteles. Cf. Maria Carlos Cardoso Gonçalves Coutinho, *Comentário de Aires Barbosa à Historia Apostolica de Arátor (Secções XIV, XV e XVI do Livro I). Estudo Introdutório, Fixação do Texto, Tradução e Notas*, Coimbra, 2006 (tese policopiada), p. 203-207. A proverbialidade desta frase chegou aos tempos modernos, como nos atestam D. Francisco Manuel de Melo,

A Feira dos Anexins, I, p. 98, e Aquilino Ribeiro, *Aldeia (Terra, Gente e Bichos)*, 1946, cap. 11, p. 224, cit. por *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, s.v. “pomba”.

EPIGRAMA 16

¹⁰⁶ Poema publicado, como os três anteriores, no fim dos comentários à *Historia Apostolica* de Arátor (fol. cli v^o).

¹⁰⁷ *uetus ... pannus*. Há na metáfora deste símile um eco da Sátira VII de Juvenal, quando este crítico fala do desprezo a que, no seu tempo, havia sido votada a retórica e seus mestres e oradores como Cícero, numa época em que era “rara a facúndia num fino farrapo” (*rara in tenui facundia panno*). Vd. *ibid.*, v. 145. Não esqueçamos que Aires Barbosa era professor justamente de Retórica.

¹⁰⁸ *utramque ... linguam*. Trata-se do Grego e do Latim.

¹⁰⁹ *steriles campos ... arat*. Pensamento proverbial muito recorrente e sob diversas formas, por exemplo, lavar na areia da praia (Ovídio, *Heroides*, 5, 116, e *Tristes* V, 4, 48); na areia seca da praia, com o estéril arado (id., *Pônticas* IV, 2, 16); na fina poeira e na areia da praia, com arado estéril (Juvenal, *Sátiras*, 7, 48-49). Cf. pp. 184-187, Epigrama 81, v. 19-20.

¹¹⁰ *petras uiuas*. Eco da mesma metáfora bíblica das pedras vivas que entram na construção de um edifício espiritual, que aparece, por exemplo, na *Carta aos Efésios*, 2, 21, e na *1ª Carta de Pedro*, 2, 5, que Aires Barbosa bem conhecia.

¹¹¹ *Vndecimae ... borae ... operarius*. O humanista termina este poema de caráter prosopopeico, evocando, com certa ironia, a parábola bíblica dos trabalhadores da vinha (Vulgata, *Mateus*, 20, 1-16), cujo dono foi convidando operários para nela trabalharem em diferentes e sucessivas horas desde o romper da madrugada até ao último convite, feito à undécima hora, acabando, no fim do dia, por pagar a todos com salário igual.

EPIGRAMA 17

¹¹² Com este epigrama Aires Barbosa responde, no fim do texto dos seus *Comentários* à *Historia Apostolica* de Arátor (fol. cli v^o), a um detrator que o criticara por ele, em sua opinião, ultrapassar os limites de um simples comentador e de se dispersar, tornando assim o texto demasiadamente longo. No fundo, Barbosa repete aqui, de forma epigramática, o que já respondera longamente no prefácio ao Livro II do mesmo comentário (fol. cii v^o; cf. José Henrique Manso, *Comentário de Aires Barbosa ao Segundo Livro da Historia Apostolica* de Arátor, Lisboa, 2011, pp. 96-97).

¹¹³ Sobre as regras do uso da “digressão” na arte da retórica, suas restrições e vantagens, vd. Cícero, *Do Orador* II, 77, 311-312, e Quintiliano, *O Ensino da Oratória* IV, 4, 14-16., que Aires Barbosa parece ter aqui presentes.

¹¹⁴ Esta imagem, que Aires Barbosa desenvolve na própria exposição dos *Comentários* à *Historia Apostolica* de Arátor (vd. segunda nota anterior a esta), pode ter sido baseada na referência de Plínio, *História Natural* VI, 65, ao rio Ganges, comparado com o Nilo e suas inundações pelos terrenos vizinhos (*ut Nilum gigantemque uicina*).

EPIGRAMA 18

¹¹⁵ Este epigrama foi publicado no início do opúsculo de Aires Barbosa acerca da prosódia (*Relectio cui titulus prosodia*, fol. a i), saído em Salamanca em Dezembro de 1517,

juntamente com o tratado da *Orthographia*, e vem logo a seguir ao título, já referido. Nele o poeta fala sobre a adequação pedagógica dos métodos e da matéria à idade dos alunos iniciantes no estudo da língua latina, neste caso basicamente sobre a sua acentuação.

¹¹⁶ *buam*. Este vocábulo da linguagem infantil, de longa tradição e de uso actual sobretudo popular, remonta aos tempos clássicos da língua latina. Vd. exemplos em Varrão e Lucílio, transcritos por Nónio Marcelo, *De Compendiosa Doctrina ...*, Monachii et Lipsiae, “Bibliotheca Teubneriana”, 2003, Vol. I, p. 133-134.

¹¹⁷ *Accentum ... acutum ... ciuumum ... grauem*. A designação de acento agudo, grave e circunflexo já vem dos gramáticos antigos, nomeadamente de Quintiliano, *O Ensino da Oratória* I, 5, 22; XII, 10, 33.

¹¹⁸ *Iulo*. Este nome pode ser, como é costume de Aires Barbosa, mais um nome abstrato; mas, mesmo forjado, é possível que seja evocação do pequeno Ascânio, filho de Eneias, também chamado Íulo, que aparece mencionado na *Eneida* de Virgílio cerca de uma dezena de vezes com a expressão *paruus Iulus*, “o pequeno Íulo”, e que o nosso humanista devia reter na sua memória visual e auditiva.

¹¹⁹ *Os ... ossa*. O latim proporciona aqui um jogo entre as palavras *os* (boca) e *ossa* (ossos), que a língua portuguesa não oferece.

EPIGRAMA 19

¹²⁰ Este epigrama aparece à cabeça e logo a seguir ao título do tratado da *Ortografia* (fol. biii vº) de Aires Barbosa, *Arii Barbarosae relectio, cui titulus Orthographia* (“Releção de Aires Barbosa, que tem por título Ortografia”), que funciona de certa maneira também como título do próprio epigrama.

¹²¹ *Caecum ... in foueam ... cadunt*. Pensamento bíblico claramente inspirado em *Mateus*, 15, 14, como o demonstra a aderência lexical de Aires Barbosa. Este conceito proverbial do “guia ou mestre cego” tem paralelos mais ou menos próximos nas literaturas clássicas, designadamente em Platão, *República*, 8, 554b, e em Libânio, *Discursos*, 1, 8; e, depois do texto bíblico, assumiu caráter proverbial.

¹²² *Orthographos ductus uersibus*. Trata-se de redigir em verso as regras principais de uma determinada matéria escolar, a fim de facilitar a sua memorização mediante o ritmo auditivo. Por isso tal modelo recebeu a designação de poesia ou versos mnemotécnicos, de longa tradição pedagógica. A este propósito, lembremos a obra didática de Terenciano Mauro sobre fonologia, prosódia e métrica *De litteris, de sylalbis et metris libri tres*, toda escrita em poesia num total de 2.981 versos; e mais tarde Alexandre de Villa Dei, já com o recurso aos versos mnemotécnicos no seu *Doctrinale*, que Nebrija, colega de Barbosa, havia de retomar nas suas *Introductiones Latinae* ou *Ars Litteraria*.

¹²³ *Apelles*. Famoso pintor grego do séc. IV a.C.

¹²⁴ *Elegia*. A elegia como género literário deixou o seu nome ligado ao dístico elegíaco, constituído por dois versos de estrutura diferente (um hexâmetro e um pentâmetro) e muito utilizado em pequenas composições, designadamente nos epigramas. Aires Barbosa menciona-a sob a forma personificada, ao jeito de alguns poetas latinos. Ovídio, por exemplo, assim a descreve em *Amores* I, 1, 7: “Eis que chega Elegia de cabelos em tranças perfumadas, e parece-me que ela tem um pé mais longo do que o outro [trata-se do referido dístico constituído por versos diferentes]; *ibid.*, III, 9, 3: “Ó plangente Elegia, desprende teus cabelos em desalinho”. E Estácio chega, mesmo, a considerá-la como uma décima Musa a acrescentar ao catálogo tradicional das nove (vd. *Silvas* I, 2, 3-10, especialmente 7-10).

Marcial, *Epigramas* V, 30, 4, também usa a expressão “elegia de elegante entrançado”. A recorrente referência à beleza do cabelo da Elegia, personificada ou não, parece simbolizar a particular plasticidade e variedade que a estrutura do dístico elegíaco oferece no âmbito da estética literária.

EPIGRAMA 20

¹²⁵ Este pequeno poema apresenta-se na forma de uma invocação colocada no fim do Prefácio ao tratado de *Ortografia* (fol. b vi vº) de Aires Barbosa, publicado juntamente com a *Prosodia* em dezembro de 1517, e assenta na alegoria de uma viagem náutica, recurso literário da particular simpatia do humanista, que dele se serviu em variados contextos da sua produção literária (vd. Sebastião Tavares de Pinho, “A viagem marítima como metáfora da criação literária: o exemplo paradigmático do humanista Aires Barbosa”, *Anais do Congresso Internacional de Língua Portuguesa, Filosofia e Literaturas de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, 2007, p. 129-146).

¹²⁶ *Tonantis*. Epíteto da linguagem clássica latina aplicado a Júpiter, o deus “do trovão”, e frequentemente adotado e mesmo “cristianizado” pelos humanistas do Renascimento.

EPIGRAMA 21

¹²⁷ Esta composição vem no fim do já referido tratado de *Ortografia* (fol. e ii vº - e iii), cujas últimas palavras servem de transição entre os dois textos e enunciam o propósito do poema, deste modo: “Mas agora toquemos à retirada e tratemos de vos exortar, jovens estudantes, com alguns versos heroicos, a bem escrever e a imitar os nossos maiores.”

¹²⁸ *Euariant*. O verbo *euariare* não aparece nos dicionários consultados. Quer tenha sido ou não Aires Barbosa a formar este neologismo composto de *uariare*, antecedido do prefixo *e-*, o humanista encontrou nele a solução de que precisava para o problema métrico de preencher o pé dáctilo inicial do primeiro verso; além de, com ele e através do referido prefixo, exprimir com mais ênfase a ideia de confronto das diferenças entre duas ou mais realidades, isto é, das artes.

¹²⁹ *Qui Venerem depinxit*. Referência ao pintor italiano Botticelli (1444-1515), que conta na sua prodigiosa obra a pintura do *Nascimento de Vénus*, cujo mito clássico a faz nascer da espuma das ondas. Sendo Botticelli natural de Florença e contemporâneo de Aires Barbosa durante quarenta e cinco anos (de c. 1470 a 1515), dos quais cerca de cinco convívios precisamente naquela cidade quando Barbosa aí era aluno do Studio Fiorentino, é quase impossível que o nosso humanista não conhecesse o pintor e a sua famosa pintura de Vénus.

¹³⁰ *Fungi nisi munere cotis ... alios*. Ideia colhida na *Arte Poética*, 304-305, de Horácio: *Ergo fungar uice cotis, acutum / reddere quae ferrum ualet exors ipsa secandi; / munus et officium, nil scribens ipse, docebo*. (“Farei, pois, as vezes da pedra de amolar, que tem / o poder de aguçar o ferro embora ela por si mesma não corte; / embora eu próprio não escreva, ensinarei a função e o ofício [do poeta].”)

¹³¹ *Caesar*. Gaio Júlio César, autor de uma vasta e diversificada produção literária cuja perfeição, elegância e clareza o tornaram um dos prosadores latinos mais conceituados, foi também um notável orador que mereceu os rasgados elogios de Cícero, que a seu respeito afirmou: “Ele é talvez de todos os oradores aquele que fala o latim mais elegante” (vd. *Brutus*, LXXII, 252-253, especialmente 252). A ele se deve, até, um tratado linguístico-filosófico, *De Analogia*, dedicado justamente a Cícero, sobre o método de bem falar o latim.

¹³² *Messalla*. Marco Valério Messala Corvino, patrono do poeta Tibulo e cujas qualidades de grande orador mereceram os elogios dos seus contemporâneos, como Horácio, *Arte Poética*, 370-371, e Quintiliano, *O Ensino da Oratória* XII, 10, 11, entre outros.

¹³³ *Tullius*. Cícero, de seu nome completo Marco Túlio Cícero, era mencionado pelos humanistas preferencialmente pelo seu sobrenome de família.

¹³⁴ *Cum Figulo, Varro*. Sobre os dois autores P. Nigídio Fígulo e Marco Terêncio Varrão, vd. p. 264, nota 42 ao Epigrama 7, v. 10, dedicado a Nebrija e ao seu *Dictionarium* (Burgos, 1512).

¹³⁵ *qui naturae historiam*. Referência a Plínio-o-Velho e à sua *História Natural*, escrita em 37 livros.

¹³⁶ Marco Fábio Quintiliano, o autor de *O Ensino da Oratória*, era natural de Calagúrris (Calahora), na Hispânia.

¹³⁷ *Arpinis...chartis*. Os “livros arpinos” significam aqui toda a obra do seu autor, Cícero, natural de Arpino e, por isso, muito frequentemente designado por Arpinate.

¹³⁸ *priscorum ... Quiritium*. Quirites era o nome com que eram denominados os antigos povos sabinos, talvez derivado da cidade sabina de Cures, e que, após a fusão destes com a população romana, passou a designar o conjunto dos cidadãos de Roma.

EPIGRAMA 22

¹³⁹ Este epigrama é o primeiro de um conjunto de trinta e seis que constitui a primeira coleção organizada por Aires Barbosa, com o título de *Eiusdem Ariti B. L. nonnulla epigrammata* (“Alguns Epigramas do mesmo português Aires Barbosa”) e que ele publicou em Salamanca juntamente com os tratados da *Prosodia* e da *Orthographia* (fol. e iij – f ij v^o), com data de dezembro de 1517, onde figuram também os últimos quatro aqui anteriores, os números 18, 19, 20 e 21, mas em posições fora da referida coleção.

¹⁴⁰ *Hispani ... uatis*. O grande poeta latino era natural de Bilibis, na Hispânia Tarraconense, perto da atual Calatayud, a poucos quilómetros de Saragoça, onde passou a sua juventude, tendo feito depois a sua carreira literária em Roma. Aires Barbosa foi muito marcado pela sua poesia, como se vê pelas frequentes evocações e decalques que os seus epigramas revelam sobre os do poeta hispano-romano, e pelas composições que o nosso humanista a ele dedicou. Cf. pp. 136-137, 142-145 e 154-157, Epigramas 27, 37 e 51. E também o vemos representado no poema *Antimória*, por exemplo, nos vv. 327-329 (cf. *infra*, pp. 242-243).

¹⁴¹ *Aeschylus ... ait*. Este pensamento é expresso pela figura do dramaturgo Ésquilo, na comédia de Aristófanes *As Rãs*, em que aquele mantém um diálogo com Eurípides sobre princípios e técnicas de dramaturgia e, em dado momento assim lhe responde (vv. 1053-1056): – “[...] Mas o poeta deve esconder o mal e não o exhibir nem ensinar. É que às criancinhas é o professor que as ensina, e aos adolescentes o poeta. Portanto, é absolutamente necessário que só tratemos o bem.” [Aristófanes, *As Rãs*, trad. de Américo da Costa Ramalho, Coimbra, Festeia, 2004, p. 91). Note-se que Aires Barbosa já havia citado e transcrito este mesmo passo, dois anos atrás, na sua *Epometria*, fol. Ai v^o, ao falar das suas preocupações pedagógicas da juventude.

EPIGRAMA 23

¹⁴² *Commentum*. Refere-se aos *Comentários à Historia Apostolica do Cardeal Arátor*, do próprio Aires Barbosa, saído a lume em Salamanca em abril de 1516, vinte meses antes da publicação da coleção a que pertence este epigrama.

¹⁴³ *tot casus, totque pericla*. Ecos de Virgílio, *Eneida* I, 204: *Per uarios casus, per tot discrimina rerum*.

EPIGRAMA 24

¹⁴⁴ Pelo tom vocativo concreto dos dois últimos versos deste epigrama, podemos deduzir que este se dirige ao bispo de Évora ainda vivo naquele final do ano de 1517 em que a coleção que ele integra saiu a lume. Sendo assim, o prelado em causa só podia ser D. Afonso de Portugal, que exerceu o seu longo episcopado de 1485 a 1522. Foi figura notável, não apenas como eclesiástico, mas também no domínio da cultura. Promoveu a reformação do missal de uso na sua igreja de Évora e fê-lo publicar à sua custa em Salamanca no ano de 1501, quando Aires Barbosa aí lecionava; e escreveu e publicou no Mosteiro de São Vicente de Lisboa dois tratados, um acerca das indulgências e outro sobre numismática, numa edição conjunta que é hoje um livro raríssimo, de que conhecemos apenas um exemplar em Portugal. Segundo as palavras de Barbosa Machado (*Biblioteca Lusitana* s.v. “D. Afonso de Portugal”), este bispo eborense “Como sempre fora Mecenas dos estudiosos, determinou edificar em Évora um Colégio, onde se instruisse nas ciências a mocidade transtagana, mas a morte lhe impediu e execução de tão nobre ideia.” Assim se compreende melhor a razão de ser deste epigrama do humanista aveirense.

¹⁴⁵ *Subtilis*. Trata-se do filósofo e teólogo escocês João Duns Escoto, o “Doctor Subtilis”, título que recebeu ainda em vida, e mais tarde o de “Doctor Marianus”.

¹⁴⁶ *Grauis*. Os epítetos de S. Tomás “Doctor Angelicus” e “Doctor Communis” só parecem existir a partir de 1567, data da sua consagração como “doutor da Igreja”.

¹⁴⁷ *Occam*. Trata-se de Guilherme Ockam, o “Venerabilis Inceptor”, famoso franciscano inglês (Surrey, Inglaterra c. 1285 – Munique, c.1350), cujas ideias filosófico-teológico-políticas deram origem ao Ockamismo, sistema nominalista que defende a existência do real concreto, em oposição à teoria do universal imanente, formal (de Duns Escoto) ou potencial (de S. Tomás).

¹⁴⁸ *ardua ... pluta*. No texto latino de Barbosa a forma *pluta* deverá ser uma alteração intencional de *plutea* (*pluteum*, -i), com redução de uma sílaba medial por meio da contração da vogal *e* com *a*, por motivos de ordem métrica.

EPIGRAMA 25

¹⁴⁹ Aires Barbosa já há vinte meses antes, em abril de 1516, se queixava da sua deficiente visão, quando, ao terminar a longa errata que deixou apenas no fim dos *Comentários à História Apostólica de Arátor* (fol. cxlix v°), assim escrevia: “Foi isto, meus amabilíssimos ouvintes, que, no decurso desta tumultuária leitura, nós conseguimos limpar. Mas julgo que ainda escapou muita coisa aos nossos olhos já extremamente fracos”. Este desgaste da visão foi-se agravando naturalmente com o tempo e, por isso, o vemos a pedir desculpa ao príncipe D. Teodósio por o não ter cumprimentado quando por ele passara sem o reconhecer, por deficiência dos seus olhos. Vd. pp. 194-195, Epigrama 93.

¹⁵⁰ *Quid ... notat?* Todo este verso é um claro decalque em Tibulo, *Elegias* I, 3, 27-28, em que o poeta romano implorava à deusa Ísis que lhe valesse num momento de grave doença, e recorda o hábito, tão antigo afinal, de os suplicantes deixarem nos templos os seus ex-votos de gratidão: *Nunc, dea, nunc succurre mihi (nam posse mederi / picta docet templis multa tabula tuis* (“Agora, deusa, agora socorre-me, pois muita tabuinha / pintada em teus templos mostra que tu tens o poder de curar”).

EPIGRAMA 26

¹⁵¹ Lúcio Flamínio Sículo foi um dos vários professores de origem italiana que lecionaram em Salamanca no tempo de Aires Barbosa. Era natural da Sicília, como o seu apelido denuncia, tal como Lúcio Marineo Sículo, também professor na mesma Universidade e amigo do humanista português; e como o introdutor do Humanismo em Portugal, Cataldo Parisio Sículo, que travou correspondência com Marineo, na qual ambos desabafam acerca das contingências do magistério universitário dos Sicilianos naquela universidade (vd. Américo da Costa Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal*. Volume II, Lisboa, Gulbenkian-JNICT, 1994, p. 83-94; e *idem*, in Cataldo Parisio Sículo, *Epístolas*. I Parte Lisboa, INCM, 2010, p. 130-139).

Flamínio começara a sua atividade docente em Sevilha, mas vemo-lo em Salamanca a concorrer em 19 de dezembro de 1503 a uma vaga de Gramática de Prima deixada aberta por Élio António de Nebriga, juntamente com mais cinco candidatos entre os quais se contava Aires Barbosa. O concurso foi ganho pelo licenciado Pedro Espinosa, e desde então Barbosa e Flamínio tornaram-se íntimos amigos, de tal maneira que, conhecendo o humanista português as qualidades científicas do jovem siciliano, contribuiu decisivamente com o seu prestígio e direta intervenção para que a Universidade criasse para ele em 11 de janeiro seguinte (1504) a cadeira de Plínio, com um salário de 20.000 maravedis (que lhe foram acrescentados com mais 5.000 em 9 de novembro de 1504: vd. Vicente Beltrán de Heredia, *Cartulario de la Universidad de Salamanca. La Universidad en el Siglo de Oro*, II, Salamanca, 1970, pp. 539-540).

Aquela decisão teve em conta, naturalmente, o facto de Lúcio Flamínio Sículo ter publicado recentemente um opúsculo com duas orações, uma delas pronunciada perante os doutores da Academia de Salamanca, um livrinho de epigramas e, justamente, um pequeno comentário (um *Commentariolus*) ao Proémio de Plínio. O livro saiu sem local nem data, mas tudo leva a crer que foi em Salamanca, e sabemos que terá sido nos princípios de 1503, pois em carta dirigida ao seu conterrâneo Lúcio Marineo Sículo (vd., deste autor, *Epistolae familiares*, fol. f iii vº) e datada de 25 de março desse ano, diz Flamínio a respeito da sua referida obra: *Impressimus nuper in Plinii probemium commentariolum & orationes quas fecimus & nonnulla carmina ...* (“Imprimimos há pouco um pequeno comentário ao Proémio de Plínio e duas orações que pronunciámos, bem como algumas poesias ...”). Estes dados fazem supor que Lúcio Flamínio Sículo já se encontrava em Salamanca desde há algum tempo.

Depois, em 22 de novembro de 1507, Flamínio foi nomeado catedrático de Poesia, cadeira que deixou vaga quando, em 27 de abril de 1509, tomou posse da de Retórica, mas por pouco tempo, pois veio a falecer em 2 de julho desse ano. Vd. Enrique Esperabé de Arteaga, *op. cit.*, tom. II, p. 348; e Vicente Beltrán de Heredia, *op. cit.*, II, p. 549.

O teor desta composição elegíaca escrita sob a forma de uma visão após a sua morte, é demonstração da profunda amizade que lhe devotava o “Mestre Grego” Aires Barbosa.

¹⁵² A troca do nome pessoal por outro de sabor mais clássico era prática corrente entre os humanistas.

¹⁵³ *geminaeque ... sedis*. Deve referir-se às cátedras de Plínio e de Retórica, as duas que Lúcio Flamínio leccionava por altura do seu falecimento e que por isso foram declaradas vacantes em 2 de julho de 1509 (vd. Enrique Esperabé Arteaga, *op. cit.*, p. 348).

¹⁵⁴ *Poma ... manu?* Verso decalcado em Ovídio, *Amores* II, 14, 24.

¹⁵⁵ *Vestrum ... mori*. Ideia expressa por Cícero no que resta do Livro VI da sua *República* e que ficou consagrado com o nome de “Sonho de Cipião” (vd. VI, 14): [...] *uestra uero quae dicitur uita mors est*. (“[...] e aquela que se diz vossa vida é vossa morte”). A semelhança formal deste passo e também a estrutura geral desta elegia de Aires Barbosa podem fazer supor que o nosso humanista se inspirou no referido sonho ciceroniano, fazendo dela uma

espécie de paráfrase, ainda que muito sucinta, do mesmo texto de Cícero. Mas esta ideia já tinha origem nos gregos, designadamente em Platão, *Fédon* 67a-d, *Górgias* 492e-493a, *Crátilo* 400d-c. E o próprio Cícero a repete em outras obras como *Catão-o-Antigo* (*A Velbice*), 21, 77-78; *Tusculanas* I, 30, 74-75. Para mais informações sobre este tema, vd. Sebastião Tavares de Pinho, *Lopo Serrão e o Seu poema Da Velbice*, Coimbra, INIC, 1987, pp. 478-479, vv. 279-294, e notas 22-24 e 41 nas pp. 795 e 797. Sobre o género da visão onírica, de longa tradição, vd. um exemplo acabado no referido poema do médico Lopo Serrão, pp. 296-301, vv. 93-158.

¹⁵⁶ *Orbe ... in decimo*. Referência a um dos orbes, ou céus, do sistema ptolomaico, mansão celeste assumida pelo Cristianismo para as almas dos bem-aventurados. Corresponde ao Empíreo de que fala Camões n'Os *Lusíadas* X, 81.

¹⁵⁷ *Spiritus intus alit*. Virgílio usa na *Eneida* VI, 726, a mesma expressão *Spiritus intus alit*, a respeito dos astros: a Lua, o Sol, etc.

¹⁵⁸ *sponsali uestre*. Evocação da parábola bíblica da boda matrimonial do filho do Rei e da “veste nupcial” exigida a qualquer conviva para nela poder participar. Cf. Vulgata, *Mateus*, 22, 11-12.

EPIGRAMA 27

¹⁵⁹ *noster Iberus*. Marcial era natural de BÍlbilis, na Hispânia Tarraconense, perto de Saragoça (Cf. pp. 130-131, Epigrama 22).

¹⁶⁰ *toxica saeua*. A mesma expressão aparece em Marcial, *Epigramas* X, 36, 4, referida ao vinho de fraca qualidade, por isso assimilado a veneno.

¹⁶¹ *Pharos*, ilha localizada na frente da foz do Nilo, foi desde cedo tomada pelos poetas como sinónimo do próprio Egito, donde era originária a áspide, serpente altamente venenosa. Esta ficou celebrada na história da morte de Cleópatra, que se suicidou provocando a sua mordedura. A áspide era vulgarmente ostentada como instrumento de espectáculo pelos malabaristas egípcios.

¹⁶² *tanquam Hippolytus ... illa regant*. Evocação do casto Hipólito, filho de Teseu e enteado de Fedra, que em vão o tentou seduzir por todos os processos e que, por despeito, lhe tramou a morte com auxílio de Posídon, o deus do mar. Este fez surgir das ondas um monstro marinho quando Hipólito conduzia o seu carro puxado por dois cavalos à beira-mar, os quais, assustados com o monstro, dispararam desgovernados e arrastaram o corpo do condutor até à morte. Esta evocação de Barbosa tem claros ecos do Epigrama de Marcial, XIV, 203: *Pvella Gaditana: Tam tremulum crisat, tam blandum prurit, ut ipsum / masturbatorem fecerit Hippolytum*.

EPIGRAMA 28

¹⁶³ Será um disfarce do próprio Aires Barbosa, para criticar algum dos juristas seus adversários? Ou será, ao contrário, ele mesmo em defesa de um jurista atacado por “um certo poeta”? E, nesse caso, o Epigrama 29, a seguir a este, será uma resposta a esse mesmo poeta? Mas a expressão *quod sequitur* do verso 2 do Epigrama 29 parece referir-se a um poema que vem depois e não antes.

¹⁶⁴ *Pierios ... pudores*. As Piérides, designadas por este epíteto toponímico devido ao local da sua origem – a Piéria, na região da Trácia –, são divindades concorrentes das Musas, frequentemente preferidas sobretudo pelos poetas latinos.

¹⁶⁵ *mingit ... cacant*. Sobre este tipo de linguagem direta, sinónima do máximo desprezo e desdém, vd. Marcial (por exemplo, *Epigramas* III, 89, e XII, 61, 10), um dos autores latinos que mais influenciaram Aires Barbosa; e também Catulo, *Poemas* 36, 1; e 23, 18 segs, e Horácio, *Sátiras*, I, 8, 37-38, entre outros.

EPIGRAMA 29

¹⁶⁶ *deabus*. Isto é, às Musas.

¹⁶⁷ *Superaddere carmen*. Esta expressão de Aires Barbosa aparece em Virgílio, *Bucólicas*, 5, 42.

¹⁶⁸ *soror ulla nouem*. Trata-se das nove Musas clássicas do último catálogo convencional.

¹⁶⁹ *Hanc permixerunt calones*. Vd. a mesma expressão em Horácio, *Sátiras* I, 2, 44.

¹⁷⁰ *Olyxa*. Esta forma de Aires Barbosa deve ser um neologismo do topónimo “Lisboa”, construído, por um lado, tendo em conta formas latinas como *Olysipo* e *Olysipona* e mesmo do português antigo como *Olixbona*; e, por outro lado, optando por uma forma reduzida e limitada ao primeiro elemento da sua composição, *Olyx-*, como aconteceu com as antigas formas “Ulisseia” e “ulisseu”, presentes, por exemplo, em Camões, *Os Lusíadas* IV, 84; e III, 58.

EPIGRAMA 30

¹⁷¹ *media ... luna*. O brasão de armas da antiga família Barbosa traz “banda de azul carregada de três crescentes”: vd. *Armorial Lusitano, Genealogia e Heráldica*, (direção e coordenação de Afonso Duarte Martins Roquete), Lisboa, Editorial Enciclopédia, L.^{da}, 1961, p. 81-82.

O primeiro verso poderá ter que ver com um parente de Aires Barbosa, Gregório Barbosa, que serviu na campanha militar africana da tomada de Azamor, no Verão de 1513, e aí foi armado cavaleiro pelo duque D. Jaime, comandante supremo da expedição, três anos antes da publicação deste epigrama. Vd. Cristóvão Alão de Moraes, *Pedatura Lusitana*, Porto, 1943, Tomo 1, vol. I, p. 157; Damião de Góis, *Crónica do Felicíssimo rei D. Manuel*, Parte III, caps. XLVI-XLVII, e D. António Caetano de Sousa, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Livro VI, cap. VIII.

Quanto aos crescentes (a meia-lua na fase crescente), da sua variada simbologia tornou particular significado o Islamismo, razão por que, a partir sobretudo da época da Reconquista Cristã, as instituições, famílias ou figalgos que se notabilizaram nas campanhas contra os Mouros registaram na iconografia nos seus brasões as meias-luas como troféus simbólicos de suas vitórias, conforme nos dá conta Frei António Brandão, na sua *Monarquia Lusitana*, Parte III, fol. 132^va-b (Lisboa, 1632; reimpr., INCM, 1973), nestas palavras: “Com este fundamento sendo dada a batalha de Ourique ... também as Luas próprias dos Mahometanos, que ajuntaram a seus escudos os Amarais, Barbosas, Homens, Sousas e outros muitos, ãas postas em caderna e outras soltas, é conforme ao bom discurso que desta grande batalha tiveram princípio por ocasião de algũas bandeiras que fidalgos daquelas famílias tomassem aos Mouros e mandariam pintar em seus escudos em sinal de trofeo e perpétua memória de seu esforço.”

EPIGRAMA 31

¹⁷² Mais uma evocação do quarto crescente que faz parte do brasão de armas dos Barbosas. Vd. nota do epigrama antecedente.

A simbologia da Lua, na contínua sucessão das suas fases, inclui a ideia de mudança e renovação. E, por isso, o juntar das pontas da Lua, fechando o círculo lunar para lua cheia, poderá ter servido a Aires Barbosa para evocar uma situação económica familiar mais ou menos difícil e de futuro incerto.

EPIGRAMA 32

¹⁷³ *Lege Dei damnatur*. Provável evocação de uma certa proibição bíblica de evocar o nome do Senhor, registada por exemplo em *Amós*, 6, 11: *Tace, et non recorderis nominis Domini*.

¹⁷⁴ *Lege Draconis*. Não encontramos nas leis draconianas nada que se ajuste a esta referência de Barbosa, que poderá ter confundido Drácon com Sólon, o legislador que lhe sucedeu e que estabeleceu duras sanções contra a difamação, a calúnia e a injúria abertas, particularmente nos espaços da frequência e audiência pública (Vd. Delfim Ferreira Leão, *Sólon. Ética e Política*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, pp. 353-354 e 449-450). Sobre certas leis de Drácon acerca de outra matéria, vd. pp. 180-181, Epigrama 75.

¹⁷⁵ *Negligit id ... caeca Chao*. É conhecida a crítica mordaz, implacável e por vezes direta da comédia grega antiga, protagonizada por Aristófanes, que citava os próprios nomes das pessoas visadas sem que a lei o proibisse e fechava os olhos com a mesma cegueira atribuída pela tradição mitológica, por exemplo, ao Amor e à Justiça, que não olhavam à condição das pessoas para sobre elas exercerem a sua ação.

EPIGRAMA 33

¹⁷⁶ *Veientonem et Stiliconem*. Vejentão e Estilício são nomes recolhidos da Antiguidade para provavelmente disfarçar dois dos adversários de Aires Barbosa em Salamanca. A. Fabrício Vejentão era um conselheiro cortesão do tempo de Nero e conhecido como autor satírico e delator. Criticou senadores e sacerdotes, pelo que foi afastado pelo imperador, que mandou queimar os seus livros. Juvenal, um dos autores que influenciaram Aires Barbosa, ao descrever o ambiente romano de mentiras e intrigas, menciona Vejentão junto com Catulo Messalino a quem chama assassino (vd. Juvenal, *Sátiras* IV, 113). Estilício, general romano de origem vândala, foi íntimo colaborador do imperador Teodósio, tutor de seu filho Honório e regente do império do Ocidente na menoridade deste, de quem veio a ser sogro, e exerceu uma notabilíssima ação militar. Apesar disso, foi acusado de uma desmedida ambição que punha em causa o próprio genro Honório, pelo que este o mandou assassinar. Terá sido por isso que o nosso humanista escolheu os nomes destas duas figuras – Vejentão e Estilício – para disfarce dos seus ambiciosos detratores de Salamanca.

¹⁷⁷ *Stilico ... Taratalla*. Os antropónimos Mistilo e Taratalla são antigas ficções humorísticas que Barbosa colheu diretamente em Marcial, *Epigramas* I, 51, 2 (*Si tibi Mistyllos cocus, Aemiliane, uocatur, / Dicetur quare non Taratalla mibi?* – “Se, Emiliano, chamam Mistilo ao teu cozinheiro / Porque não se há de chamar Taratalla ao meu?”), por sua vez inspirado num passo de Homero que descreve a cerimónia de um sacrifício com a imolação de animais e cuja frase que aqui importa é a seguinte (*Ilíada* I, 465): μίστυλλον τ' ἄρα τᾶλλα ..., isto é, “e trinchando, depois, o resto”. Marcial, zombando de Emiliano, fez da primeira palavra (μίστυλλον, “trinchando”) o nome “Mistilo”, de sabor épico, para o simples cozinheiro dele, e da expressão seguinte (τ' ἄρα τᾶλλα, “e, depois, o resto”), o contraposto nome “Taratalla” para o seu próprio cozinheiro.

¹⁷⁸ *Polyphemus*. Parece tratar-se do lápita deste nome que seguiu na expedição dos Argonautas, mas não acompanhou o seu amigo Jasão até ao fim da viagem, tendo ficado

na Mísia, onde fundou a cidade de Gio. A menos que se refira ao gigante do mesmo nome que, ao receber Ulisses na sua caverna, violou as regras da hospitalidade que mandavam respeitar o hóspede como um amigo, e tentou devorá-lo sem sucesso.

¹⁷⁹ *clauus amoris*. Ficou proverbial a amizade entre Teseu e Pirítoos, os dois heróis da mitologia grega que foram aliados na guerra entre Centauros e Lápitidas e que um dia, ao contemplarem a sua mútua beleza, juraram ser amigos para sempre e colaboradores nas mesmas aventuras, designadamente na conquista de suas esposas, ambas filhas de Zeus. Ovídio sintetiza essa amizade no seguinte verso das *Metamorfoses* VIII, 303: “*Et cum Pirithoo, felix concordia, Theseus.*”

¹⁸⁰ *bellua Lerna*. A Hídra de Lerna, o monstro com várias cabeças e dotado de um veneno altamente letal, fez parte da lista dos famosos Doze Trabalhos de Hércules.

¹⁸¹ *Igne coquit ... uas tale bene sonat*. O tema do oleiro, do vaso e da argila como comparantes metafóricos do Deus-Oleiro, do vaso-homem que é modelado à imagem do seu Criador, da fragilidade da argila humana e da restauração dos seus cacos por Cristo Redentor – no trinómio criador-criatura-redenção – percorre a Bíblia inteira desde o *Génese* ao *Apocalipse*, em cujos múltiplos passos podemos destacar: *Génese* 2, 7; *Eclesiástico* 33, 13; 38, 29-30; *Job* 4, 17 e 19-20; 33, 6 e 4; *Isaias* 29, 16; 30, 14; 41, 25; 45, 9; *Profecia de Jeremias* 19, 10; *Lamentações de Jeremias* 4, 2; *Epístola aos Romanos* 9, 20-24; 2ª *Epístola aos Coríntios* 4, 7.

Aires Barbosa, que não era apenas gramático e filólogo, mas também grande conhecedor da filosofia, da patrística e da teologia, como o deixou largamente demonstrado sobretudo nos *Comentários à História Apostólica de Arátor*, prova aos seus detratores teólogos a sua competência nesta matéria em outros vários textos, como neste epigrama.

¹⁸² *In genesi ... Aegroceroa tenet*. Lembremos que a figura do Capricórnio, “corpo de bode e cauda de peixe”, revela a natureza ambivalente do capricorniano, entregue às duas tendências da vida, em direção ao abismo e em direção às alturas.

EPIGRAMA 34

¹⁸³ *pannum ... fimbria*. Barbosa usa a mesma comparação no Epigrama 111, v. 4, (vd. pp. 212-213). Cf. o adágio português “Pela amostra se conhece o pano”.

¹⁸⁴ *coruum ... coruus amat*. Cf. com a frase proverbial que aparece em Macróbio, *Saturnalia* VII, 5, 2: “*Coruus oculus corui non eruet*”, vertida para o adágio da tradição “Corvos a corvos não se tiram os olhos.”

¹⁸⁵ *Praedoque praedoni*. Cf. com o adágio português “Ladrão não furta a ladrão”.

¹⁸⁶ *Sponsali ... ueste*. Evocação da parábola bíblica dos convidados às núpcias. Vd. Vulgata, *Mateus* 22, 1-14, especialmente 11-14.

EPIGRAMA 35

¹⁸⁷ *Semper enim in certo Fortuna uolubilis orbe*. Vd. Lucano, *A Farsália* II, 12-13: *Siue nihil positum est, sed sors incerta uagatur, / fertque refertque uices, et habet mortalia casus*. [“Ou nada ficou estabelecido, pelo contrário a sorte vagueia sem destino, / e o acaso dá voltas e reviravoltas e domina as coisas mortais”]; Lopo Serrão, *De senectute*, cit., VII, 136, e respetiva nota, que assinala mais dois passos paralelos da mesma obra; Cf. ainda Séneca, *Medeia*, v. 286-287.

EPIGRAMA 36

¹⁸⁸ *amusoys*. Transliteração em tipografia latina, por falta de caracteres gregos em Salamanca, da palavra grega ἄμουσους, acusativo de ἄμουσος, “alheio às musas”, quer dizer às letras, às artes; grosseiro, deselegante, etc.

¹⁸⁹ *Cur asinis cantas ... carmina*. Possíveis ecos de Cícero, *Contra Pisão*, XXX, 73: “*Quid nunc te, asine, litteras doceam?*” [Porque é que agora, meu asno, te hei de ensinar as letras?]

¹⁹⁰ *Litoris loqueris*. Sobre a metáfora de lavrar e semear inutilmente na areia, aplicada ao labor literário, vd. Juvenal, *Sátiras* VII, 48-49, e Ovídio, *Tristes* V, 6, 43 e *Pônticas* IV, 2, 16. Cf. a parábola bíblica do semeador (Vulgata, *Mateus*, 13, 3 segs.). Cf. pp. 122-123, Epigrama 16, v. 20, e pp. 186-187, Epigrama 81, v. 19-20, e respectivas notas.

¹⁹¹ *Falerni*. Entre os vinhos mais famosos da antiguidade romana, conta-se o Falerno, produzido na região norte da Campânia.

EPIGRAMA 37

¹⁹² *Salonis*. Rio espanhol Jalón, afluente do Ebro e que banha Bóvilis, terra natal de Marcial, na Hispânia Tarraconense.

¹⁹³ *Subura*. Bairro de Roma, famoso como centro de vida noturna e ambiente de prostituição. É o próprio Marcial quem o diz quando se refere a “Uma jovem de fama não muito boa, do tipo daquelas que estão sentadas no meio da Subura” (vd. *Epigramas* VI, 66, 1-2).

¹⁹⁴ *lepore ... Cecropio*. Cecrópia é sinónimo de Atenas, derivado de Cécrops, o seu primeiro rei. O adjetivo “cecrópico” pode referir-se só à cidade de Atenas ou, por extensão, a toda a região da Ática.

¹⁹⁵ *Priapus*. Filho de Baco e de Vénus, Priapo, o deus da procriação e do vigor gerativo, é por isso mesmo tomado por vezes também como patrono do deboche.

¹⁹⁶ *uirginei chori sacerdos*. Marcial, na qualidade de poeta, é um ator do coro inspirado e patrocinado pelas Musas.

EPIGRAMA 38

¹⁹⁷ *Cantharum*. O antropónimo *Cantharus* consta do vocabulário grego clássico (Κάνθαρος), mas o conteúdo deste epigrama e dos outros dois que vêm imediatamente a seguir, com o mesmo destinatário, mostram, como se verá, que o autor se serviu do correspondente substantivo comum Κάνθαρος com o significado de “escaravelho”, que passou para o latim assumindo o sentido mais corrente de recipiente de líquidos (que assim repassou para o português “cântaro”), dada a configuração de certo tipo de taças largas e dotadas de asas, parecidas com a figura daquele inseto.

¹⁹⁸ *Qui laurum mordent*. Referência aos oradores e poetas, coroados de louro, símbolo da inspiração poética e do estudo das belas-letas em geral, em que se incluía a Gramática, sob o patrocínio de Apolo, o deus que presidia ao coro das Musas. Este passo parece ter sido inspirado em Juvenal, *Sátiras* VII, 18-19, (... *nectit quicumque canoris / eloquium uocale modis laurumque momordit*,) [“todo aquele que entrelaça o discurso vocal com canoras modulações e mascou a folha do louro”]. Mas a expressão “mascar loureiro” corresponde a δάφνην φαγεῖν, da antiga tradição dos poetas gregos e da sua ligação com o culto apolíneo.

¹⁹⁹ *coprophagus*. “Coprófago” é um adjetivo grego que significa “quele que se alimenta de excrementos de animal” e que a nomenclatura moderna da Zoologia aplica aos insetos com tais hábitos (veja-se também, no domínio da psiquiatria, o termo coprofagia). Aires Barbosa encontrou nesta figura e fábula do “escaravelho”, o comedor de excrementos, uma arma violenta para responder aos filósofos de meia tigela que zombavam da Gramática, a base do estudo das belas-letas, e dos que metaforicamente mastigam folhas de louro para nelas colherem inspiração literária.

EPIGRAMA 40

²⁰⁰ *docesisophos*. A palavra grega que traduzimos por “o que arma em sábio” é o composto δοκησίσοφος, que Aires Barbosa latinizou ou transliterou para latim, e que significa à letra “o que aparenta ser sábio”. A presença deste termo, juntamente com a palavra κάνθαρος, “o escaravelho” (*cantharus*, na forma latina de Aires Barbosa, nestes três epigramas anteriores), num passo da comédia de Aristófanes *A Paz*, vv. 44-45, na qual, além disso, a figura do Escaravelho é elemento fundamental, leva-nos a concluir que foi nessa peça do comediógrafo ateniense que o nosso humanista encontrou a mesma figura para disfarce do destinatário destes três epigramas compostos contra o filosofastro Cântaro, isto é, o Escaravelho. É verdade que Marcial, um dos autores mais visitados por Barbosa, tem dois epigramas (IX, 9 e XI, 45) dirigidos a um “Cantharus”, a quem ele satiriza pela sua atrabiliária maledicência e pelo seu pudor hipócrita; mas o conteúdo desses textos nada tem a ver com o tema geral destes três últimos epigramas do nosso humanista, ainda que ele tenha tido em conta aquele destinatário das referidas composições do poeta Marcial.

EPIGRAMA 41

²⁰¹ Este epigrama é uma homenagem à erudição cultural e literária, sob a forma de uma alegoria prosopopeica, em que Aires Barbosa responde a uma jovem erudita que o interpela e se lamenta, em termos enamorados, de este poeta dos epigramas ter rareado as visitas a sua casa, a mansão da autêntica e pura erudição. Barbosa inspira-se na Sátira I de Pérsio, em que este dialoga com um imaginário defensor da poesia helenizante e crítico do género satírico, como o demonstram as notas subsequentes. A simbologia começa desde logo pela escolha do nome dessa jovem “Inês”, do antropónimo latino *Agnes* de origem grega, que assenta no adjetivo ἄγνή, com sentido de “pura”, “sem mistura”.

²⁰² Vv. 1-6. Os primeiros seis versos desta composição estão baseados em Pérsio, *Sátiras* I, 46-47: – *Quando hoc? Rara avis est – , siquid tamen aptius exit, / Laudari metuam, neque enim mihi cornea fibra est.* [–“Quando foi isto? É ave rara –, mas se alguma coisa me saiu mais bem conseguida, / não hesitarei em ser louvado, pois não tenho fibra córnea.”].

²⁰³ *cornea fibra*. A mesma metáfora e a mesma expressão, embora ajeitada à estrutura métrica do pentâmetro, aparece em Pérsio, *Sátiras* I, 47 (cf. nota anterior).

²⁰⁴ *Nec me lactauit tigris*. Lugar comum, recorrente nos escritores clássicos. A propósito de Medeia, a “esposa” desiludida de Jasão, que, apesar de toda a sua raiva e desespero, não se considerava nascida de tigre: “*de tigre natam*” (vd. Ovídio, *Metamorfoses* VII, 32).

²⁰⁵ *Caliopea*. A mais velha e chefe das nove Musas e mãe de Orfeu, à qual era atribuída a inspiração da poesia épica, mas muitos poetas consideravam-na patrona de todos os géneros poéticos.

²⁰⁶ *Titan*. Titan, aqui, é Prometeu, “considerado o criador dos primeiros homens”.

²⁰⁷ *Caucaseis ... de cautibus*. As montanhas do Cáucaso, nas margens orientais do Mar Negro, ou Ponto Euxino, eram tomadas na literatura como lugar agreste, inacessível e inóspito de referência. Horácio, *Odes* I, 22, 6-7, classifica-o de “*inhospitalem Caucasum*”, e Virgílio, *Eneida* IV, 365-367, coloca na boca da rainha Dido o seguinte insulto de desespero contra Eneias: “Não tens por mãe uma deusa, nem Dárdano é origem da tua raça, mas foi o horrendo Cáucaso que te gerou com a dureza das suas rochas, e foram os tigres da Hircânia que te amamentaram.”

²⁰⁸ *Venus aurea*, “Vénus radiante de ouro”, é fórmula com epíteto consagrado pelos poetas, desde Homero, *Iliada* III, 64 (χρυσῆς Ἀφροδίτης), passando por Virgílio, *Eneida* X, 16; Ovídio, *Metamorfoses* X, 277; XV, 761, entre muitos outros.

²⁰⁹ *Minerua*. A deusa romana Minerva, correspondente à Palas Atena dos gregos, tinha a sua mesma função, que era o patrocínio de toda a atividade cultural.

EPIGRAMA 42

²¹⁰ *artista*. Trata-se dos licenciados ou mestres em Artes Liberais, isto é, nas cadeiras propedêuticas para os estudos superiores, nas quais se dava particular importância ao conhecimento das línguas clássicas, da retórica e da dialética – o chamado *trivium*. Com o tempo, esta última parte filosófica assumiu uma particular predominância sobre as outras, a ponto de haver professores que descuidavam o conhecimento do latim, para já não falar do grego, como acontecia em Salamanca quando Aires Barbosa aí chegou vindo de Florença. Daí a luta insana que ele teve de travar contra aquilo que chamava a barbárie de alguns desses mestres que separavam matérias (a filosofia por um lado e, por outro, as línguas e a literatura, representada pela então disciplina da retórica) que estavam científica e historicamente ligadas e interdependentes. Dessa situação dá conta insistente este epigrama, bem como várias outras composições do nosso humanista, incluídas neste livro.

²¹¹ *puro ... amni*. A mesma metáfora fluvial da corrente, aqui transformada numa espécie de alegoria que percorre todo o epigrama, aparece em Quintiliano, *O Ensino da Oratória* II, 1, 4, referida especificamente à Gramática, enriquecida por outras ciências.

²¹² *Permesso*. Rio da Beócia com nascente no monte Hélicon, consagrado a Apolo e às Musas.

²¹³ *Socraticamque domum*. A mesma expressão *Socratica domus* aparece em Cícero, *Acadêmicas* I, 13, e em Horácio, *Odes* I, 29, 14, que aí censura Ício, um cultor da filosofia, por este ter trocado a paixão dos livros, a *Socraticam et domum*, por uma expedição militar em busca de melhorar a sua fortuna.

²¹⁴ *Parsque ... sapiens ... facunda*. A “parte sábia” simboliza a filosofia, e a “parte facunda”, a retórica e a literatura em geral.

²¹⁵ *Phoebeia ... fronde*. Trata-se, evidentemente, das folhas do louro, que engrinaldavam a cabeça de “Febo”, isto é do “Luminoso” Apolo, como símbolo da inspiração poética.

²¹⁶ *Arpini*. Arpino, cidade da naturalidade de Cícero, que daí recebeu o apelido patronímico de Arpinate.

²¹⁷ *Mirandula Picus*. Deve referir-se ao Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494) e não ao seu sobrinho Giovanni Francesco Pico della Mirandola (1469-1533), dado que o tio, apesar de ter vivido apenas cerca de metade do tempo deste, deixou uma obra muito mais valiosa. Depois de viajar por várias universidades italianas escreveu sobre matérias filosóficas e teológicas que geraram acesa polémica e o levaram à prisão, embora tenha

sido absolvido pouco depois. Recolhido por Lourenço de Médicis em Florença, em 1488, aí veio a falecer em 17 de novembro de 1494, no mesmo ano da morte de Ângelo Policiano, mestre de Aires Barbosa (cf. segunda nota a seguir a esta). É mais que provável que o nosso humanista aveirense o tenha conhecido pessoalmente durante a sua permanência como estudante na Universidade de Florença, praticamente toda contemporânea com a de Mirândula.

²¹⁸ *Barbarus*. O humanista veneziano Ermolau (ou Almoró) Bárbaro (1453-1493) deixou valiosa obra de crítica literária e aplicou o seu profundo domínio da língua grega no estudo da filosofia aristotélica. Foi amigo de Policiano e de Mirândula, com os quais trocou importante correspondência. Segundo testemunho do próprio Aires Barbosa, registado no começo do seu primeiro livro, publicado em Salamanca a 13 de junho de 1511 (*Relectio de Verbis Obliquis*, fol. a i v^o- a ii), o nosso humanista, quando bem jovem, teve oportunidade de o ver em Florença.

²¹⁹ *Angelus*. Ângelo Policiano, celeberrimo humanista italiano, professor de Grego e de Latim na Universidade de Florença a partir de 1480, onde teve como aluno Aires Barbosa a partir dos finais da mesma década, como este recorda nos Epigramas 14 e 64, e o confirmam amigos como Lúcio Marineo Sículo em carta a ele dirigida depois de 27/02/1514 (cf. *supra*, pp. 69 e sqs.). Em 1489, tendo conhecimento dos Descobrimientos ofereceu-se ao rei português D. João II por intermédio do chanceler do reino Doutor João Teixeira, para celebrar em poema latino, ou mesmo em grego, as gestas ultramarinas dos Portugueses, embora essa ideia nunca tenha chegado a concretizar-se. Policiano faleceu em 28 de agosto de 1494, por altura do regresso de Barbosa a Portugal, feito mestre em Artes. O nosso humanista hauriu do mestre florentino o melhor da sua formação académica e recebeu também da sua obra uma manifesta influência, como se pode ver, por exemplo, nos Epigramas 84 e 90 (vd. pp. 186-189 e 190-193).

²²⁰ *Tesseira*. Trata-se de Luís Teixeira Lobo, o filho mais velho do chanceler João Teixeira referido na nota imediatamente anterior, de entre os três irmãos, Luís, Álvaro e Tristão, que foram também alunos de Ângelo Policiano em Florença por altura muito próxima ou mesmo coincidente da presença de Aires Barbosa no mesmo Studio Fiorentino, tendo os Teixeiras jornadeado depois por várias outras universidades italianas. Eram de idades relativamente próximas da do humanista aveirense, porquanto Álvaro Teixeira tinha 19 anos em 5 de outubro de 1489, quando já se encontrava como estudante em Itália, [Vd. *Chartularium Universitatis Portugalsis (1288-1537)*, Volume VIII (1481-1490), Lisboa, INIC, 1981, p. 366]. Luís Teixeira Lobo, que depois teve uma carreira brilhante na Itália como professor e em Portugal como alto funcionário e deixou uma importante obra literária, não se pode confundir com o seu tio e homónimo, irmão de seu pai João Teixeira, que já não era jovem quando este sobrinho representava para Aires Barbosa “uma esperança e glória de minha terra” neste epigrama publicado em 1517. De resto, o seu primeiro biógrafo Diogo Barbosa Machado (*Biblioteca Lusitana*, Tomo III, Coimbra, 1966, p. 155-156), inclui nos *testimonia* de abonação referidos a Luís Teixeira o verso a ele dedicado no mesmo epigrama de Aires Barbosa.

²²¹ *Pellaeus* era o patronímico por que era designado Alexandre Magno, sobretudo na poesia, por ter nascido em Péla, capital da Macedónia. Lucano (*A Farsália* III, 233), por exemplo, regista a mesma expressão conjunta *Pellaeus ductor* de que Barbosa se serve. O sábio (*sapiens*) do verso anterior é Aristóteles, que foi expressamente chamado pelo rei Filipe da Macedónia para educador de seu filho Alexandre dos 13 aos 16 anos (de quem o nosso Camões diz que “Lia Alexandro a Homero de maneira / que sempre se lhe sabe à cabeceira: vd. *Os Lusíadas* V, 96, 7-8); e o elementos (*elementa*) nele referidos são os fundamentos da educação linguística, literária e humana em geral que o mestre lhe inculcou, e não apenas a filosofia em sentido restrito. Aires Barbosa evoca este exemplo para recordar os tempos em que a filosofia e os demais saberes andavam intimamente interligados.

²²² *Sarmatice*. Língua da Sarmácia, região de povos eslavos entre os rios Vístula e o Don, na atual Polónia e Rússia. Ovídio fala frequentemente dos seus costumes “bárbaros” e da sua língua que ele se viu obrigado a aprender, quando exilado em Tomos, nas margens do mar Negro. Num passo da sua obra de exílio, ao contar que por vezes lhe parecia ter desaprendido a sua própria língua latina, termina com esta frase, que Aires Barbosa quase repete, mas com muito mais ironia do que Ovídio, *Tristes* V, 12, 58: *Iam didici Getice Sarmaticeque loqui* (“Já aprendi a falar gético e sarmático”).

EPIGRAMA 43

²²³ Em 26 de novembro de 1504 falecia a rainha Isabel-a-Católica, no Castelo da Mota em Medina del Campo, onde viveu boa parte da sua vida. No dia seguinte a Universidade Salmantina decreta luto formal a todo o pessoal docente mediante o uso obrigatório do respetivo traje regulamentar (vd. *Livros de Claustro 1503-1507*, fol. 99). Aires Barbosa, além disso, assinalou a morte desta rainha, filha de D. João II de Castela e de Isabel de Portugal, com este epigrama sob a forma de epitáfio, em que realça a forte personalidade desta grande soberana de Espanha.

²²⁴ *Libitina*. Libitina era, na antiga tradição romana, a deusa tutelar da organização dos funerais e, por sinédoque, era tomada pela própria morte. O poeta Horácio, ao falar acerca da imortalidade que a sua obra lhe há-de garantir, tem a certeza de que não irá morrer de todo e que, pelo menos, essa parte da memória literária “há-de escapar a Libitina”: *uitabit Libitinam* (vd. *Odes* III, 30, 7).

EPIGRAMA 44

²²⁵ Este epigrama é a homenagem que Aires de Figueiredo Barbosa presta ao humanista e magistrado Martim (ou Martinho) Eanes de Figueiredo, seu tio pelo lado de sua mãe Catarina Eanes de Figueiredo. Martim de Figueiredo viajou pela Itália entre cerca de 1489 e 1511, frequentando várias universidades, como Florença, Bolonha e Ferrara, onde se doutorou em direito civil e canónico. Em Florença ouviu as aulas de Ângelo Policiano ainda quando seu sobrinho Aires já se encontrava na mesma Universidade. Regressou a Portugal em 1511, assumindo o cargo de desembargador do reino a convite do rei D. Manuel I. Deu aulas na Universidade de Lisboa e, em 1529, publicou o seu *Comentário ao Prólogo da História Natural de Plínio*, onde fez um elogio ao seu sobrinho Aires Barbosa quando este já se encontrava em Portugal como professor jubilado pela Universidade de Salamanca, retribuindo assim, de algum modo, a intenção do presente epigrama.

²²⁶ *Oceanus ... aquis*. Oceano, na mitologia, é esposo de Tétis, de quem teve 3.000 filhos, os Rios, e 3.000 filhas, as Oceânides.

EPIGRAMA 45

²²⁷ Deve tratar-se do escritor português e poeta novilatinista Lourenço de Cáceres, que, no seu “Opúsculo de Epigramas” (*Epigrammaton Libellus*), fol. B ii, publicou um grande elogio a Aires Barbosa, retribuindo assim, de algum modo, este do Mestre Grego. Mas a reforçar esta identificação está o facto de Barbosa ter replicado a esta retribuição com dois outros epigramas que Lourenço de Cáceres incluiu, em jeito de apêndice, no fim desse mesmo seu Opúsculo e que são, afinal, duas glosas, ou variantes, desta presente composição. O livro de Cáceres, que é extremamente raro, não regista o local nem a data de impressão, mas a crítica moderna aponta-os como sendo em Salamanca cerca de 1518 [vd. Engenio Asensio, “Lourenço de Cáceres o el latín al servicio del português”, *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, II, 1, (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, janeiro-março, 1961), 242-252].

²²⁸ *Phoebe ... lauro ... Laurens*. Barbosa faz jogo de palavras entre o loureiro – árvore consagrada a Apolo (Febo) e símbolo da sua inspiração poética – e o nome do poeta Lourenço.

²²⁹ *lauri dignus honore*. Neste texto é posto em evidência o prestígio do louro simbólico, ou seja da inspiração poética. Nos dois epigramas seguintes, há mudanças de perspetiva.

EPIGRAMA 46

²³⁰ *Nominis ... dignus honore*. Aqui é destacada a honra assumida pelo nome Lourenço, por ter a mesma origem etimológica do louro, símbolo da inspiração poética de Apolo (cf. epigrama imediatamente anterior e imediatamente posterior).

EPIGRAMA 47

²³¹ *cygnus ... Laurens*. Nesta variante (cf. os dois epigramas imediatamente anteriores) é realçada a antonomásia do cisne, a ave que acompanhou Apolo desde o seu nascimento e lhe é consagrada, e cujo sublime canto é evocado pelos poetas.

EPIGRAMA 48

²³² Vv. 7-8. Pensamento colhido em Horácio, *Arte Poética*, 19-21. É uma ideia que se tornou proverbial, de tal modo que o nosso primeiro lexicógrafo, o humanista Jerónimo Cardoso, assim escreve no seu *Dictionarium Latinolusitanicum et vice versa Lusitanicolatinum*, Coimbra, 1570, s. v. *Cupressus*: “*Cupressum simulare*. Pintar acipreste. Dir-se-á dos que não sabem mais que hãa cousa, porque hũ certo pintor não sabia pintar senão aciprestes.”. Dada a simbologia fúnebre do cipreste, pintá-lo na proa dum barco serve, além disso, de prenúncio de mau agoiro, como Barbosa claramente faz ao prever o desastre pedagógico de um professor catedrático que, por grande especialista que seja, pode não estar pedagogicamente preparado para ensinar as bases e rudimentos de uma determinada matéria, como Aires Barbosa denuncia e critica em todo este epigrama.

²³³ Pelo conteúdo dos versos 9 a 14, vê-se que a cátedra a concurso era a de Gramática, isto é, de Latim, à qual se teriam candidatado professores das áreas do direito, da filosofia e das ciências matemáticas, como se viu nos versos 3-4. Barbosa denuncia a incompetência desses concorrentes para o ensino desta disciplina e adverte do facto os alunos, que, conforme estipulavam os estatutos universitários salmantinos, participavam no ato eleitoral.

²³⁴ *Hylas puer*. Sobre Hílas, o jovem favorito de Hércules na expedição dos Argonautas, que se embrenhou por entre bosques, vales e montes em busca de água potável para os companheiros da armada, vd. pp. 102-103, Epigrama 2, v. 8 e respetiva nota.

²³⁵ *Vraniae*. Urânia pode ser referência a uma das 41 Oceânides, as filhas de Oceano (o pai de todos os rios), que personificam as fontes, os ribeiros e, em geral, todas as correntes de água, e pode estar aqui associada à Ninfa aquática que assediou Hílas (vd. nota anterior).

²³⁶ *Deo*. Dístico baseado no texto bíblico acerca do tributo a pagar a César, com que Aires Barbosa resume e finaliza toda a sátira deste epigrama, defendendo o princípio da atribuição de tarefas às respetivas qualificações e competências. Cf. Vulgata, *Mateus*, 22, 21: *Reddite ergo quae sunt Caesaris, Caesari; et quae sunt Dei, Deo*. (“Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”).

EPIGRAMA 49

²³⁷ Este epigrama é a expressão da gratidão de Aires Barbosa para com um seu filho que o ajudava na alfabetização e no ensino dos primeiros rudimentos da língua latina aos alunos mais jovens, e que, num ambiente de inveja acadêmica, o defendeu do ataque de uns gandulos que, por sua própria conta ou a mando de gente mais grada, o teriam deixado muito mal tratado – morto, diz o próprio Barbosa – se não fosse a intervenção do dito filho. Este episódio, ocorrido antes do fim do ano de 1517 (dezembro desse ano é a data da publicação deste epigrama), obriga a concluir que o tal filho não podia ser Fernão Barbosa, que pelo final do Verão de 1527 era “moço pouco mais que da idade do Infante D. Duarte” (então com a idade de 12 anos), como afirma André de Resença na biografia que escreveu do mesmo infante e que com eles conviveu. Sobre este assunto vd. *supra*, na Introdução as pp. 28-31.

Quanto à estrutura deste epigrama, parece tratar-se de um diálogo entre Barbosa e o seu filho mais velho. Ou haverá intervenção de um filho mais novo nos primeiros versos, o único interlocutor de Aires Barbosa que este obrigava a estudar e a quem responde com o exemplo do mais velho que o ajudava na atividade letiva, talvez domiciliária, e que terá morrido depois, uma vez que não aparece no testamento do pai? A presença da expressão *fratri, qui prior est tempore*, (“ao irmão que é primeiro no tempo”) supõe, de facto, que havia um irmão (um filho) mais novo, que seria o referido Fernão Barbosa. Por outro lado, no final do epigrama (vs. 25-28), dirige-se aos filhos no plural “*ipsis ... uobis*” e “*natorum ... meorum*”.

Ou não será, simplesmente, a reprodução de um diálogo (real ou hipotético) havido com o filho mais velho, que se queixava da dureza do trabalho, que afinal era uma distinção de Aires Barbosa para com ele, e contado a um dos seus discípulos como pretexto para enaltecer o trabalho pedagógico da iniciação latina, e sobretudo como confissão, a terceiros, da sua gratidão para com o filho que o defendeu de grave perigo?

²³⁸ *crambe nec repetita necat*. Texto inspirado em Juvenal, *Sátiras* VII, 150-154, sobre os oradores mal pagos, com a referência ao peito de ferro, à repetição das mesmas matérias, etc; mas sobretudo com a frase “couve ... maçar.”, que se tornou proverbial para significar a repetição de coisa já sabida e requeitada.

²³⁹ *Anchises nato*. Eneias transportou às costas seu pai Anquises quando fugiu de Troia a arder, acompanhado da esposa e seu filhinho Ascânio. Vd. Virgílio, *Eneida* II, 705 sgs.

²⁴⁰ *Scipio ... suo*. Entre as grandes figuras da famosa família romana dos Cipiãoes, destaca-se o celeberrimo Cipião-o-Africano, (*Publius Cornelius Scipio Africanus Maior*), que salvou a vida de seu pai Públio Cornélio Cipião, na batalha de Ticino em 218 a. C., onde este saiu derrotado pelas tropas cartaginesas comandadas por Aníbal.

²⁴¹ *Iouis*. Jove, a forma reduzida e alternativa no nome de Júpiter, é muitas vezes preferida pelos poetas. Quem tinha Júpiter por pai não era Anchises, mas a deusa Afrodite (Vénus), em quem este gerou seu filho Eneias. Mas a filiação divina de Anchises aqui sugerida por Aires Barbosa pode ter por fundamento o passo da *Eneida* II, 691, em que o velho troiano se dirige àquele deus onipotente para lhe agradecer o sinal que o levaria a decidir-se em acompanhar seu filho na fuga de Troia incendiada, e o trata justamente por pai, reverência, aliás, habitualmente usada perante o *Pater deorum*, o Pai dos deuses.

²⁴² *ille nepos*. Eneias era neto de Júpiter por via da mãe, Vénus (Afrodite).

²⁴³ *tunica est palla propior*. Frase proverbial, colhida em Plauto, *Trinumus*, 1154, num contexto em que se põe a questão de decidir sobre prioridade de situações e de pessoas. O resto do verso de Plauto fala expressamente em prioridade, que, afinal, é o tema por que começa Aires Barbosa neste epigrama (o filho mais velho ajudava-o no ensino dos

rudimentos do latim e até lhe salvou a vida): *Hunc priorem aequomst me habere: tunica propior palliost*. [“Mas é justo que ele passe à frente de ti: a túnica está mais perto do corpo do que o manto”].

³⁴⁴ *Pelasgi*. Nome dos mais antigos habitantes da Grécia, frequentemente preferido pelos poetas.

²⁴⁵ ἔστι ... γόυυ. Provérbio grego registado por Aristóteles, *Ética a Nicómaco*, 9, 8, 2, “para significar que é necessário ir ao que é mais urgente”. Cf. Ateneu de Náucratis, *Banquete dos Sofistas*, 383b.

EPIGRAMA 50

²⁴⁶ Trata-se de D. Sancho de Castela, reitor da Universidade de Salamanca, de novo evocado por Aires Barbosa mais tarde no Epigrama 94 da presente edição, (pp. 194-195), todo dedicado a ele, por ocasião da embaixada ao papa Adriano VI no Verão de 1522, presidida pelo mesmo reitor D. Sancho e de que Barbosa teve a honra de fazer parte.

Sabe-se que, pelos princípios de 1505, D. Sancho sustentara um pleito com o então reitor D. Juan de Velasco aquando do fim de mandato deste e da sua sucessão por D. Sancho. A questão foi apresentada e acerrimamente discutida em Conselho Plenário de doutores em 26 de fevereiro de 1505, em que “el Maestre Griego” esteve presente, e em que o agressivo Briones tomou a defesa do reitor anterior, ocupando acintosamente o assento reitoral para assumir o governo da Universidade em seu nome. A querela veio a ser resolvida apenas em 2 de março de 1506. Cf. José Pérez Riesco, *Arias Barbosa, “El Maestro Griego”*, Madrid, 1948 (tese dactilografada), pp. 88-89. Durante esta demanda Barbosa sempre esteve do lado de D. Sancho de Castela, e é possível que este epigrama reflita o ambiente litigioso que então se vivera no seio da Universidade e que a crítica nele expressa se refira diretamente ao tal Briones.

²⁴⁷ Autólico era filho de Hermes e avô de Ulisses. Ficou como o tipo lendário do ladrão. Vd. Homero, *Odisseia* XIX, 395-396: “Fora Autólico o pai valente da mãe de Ulisses, ele que todos /superava em furtos e perjúrios.” (trad. de Frederico Lourenço: Homero, *Odisseia*, Lisboa, Cotovia, 3ª ed., 2003, p. 318). Em Marcial, *Epigramas* VIII, 59, 6, é termo de comparação do maior ladrão possível.

²⁴⁸ *Atlas*. Barbosa evoca a força física da figura mítica de Atlas, que participou na luta dos gigantes e dos deuses e a quem por isso Zeus infligiu o castigo de suportar sob os seus ombros a abóbada celeste.

EPIGRAMA 51

²⁴⁹ O objetivo deste epigrama é censurar em Marcial o despudor de uma certa linguagem que domina uma boa parte dos seus epigramas.

²⁵⁰ *Caesaris Augusti ... uersiculos*. O autor refere-se a um epigrama de Marcial, *Epigramas* XI, 20, em que este transcreve seis versos de linguagem deveras despejada, da suposta autoria de Augusto, para assim se desculpar da sua própria poesia licenciosa perante os seus detratores. Mas Aires Barbosa é que não o desculpa.

²⁵¹ *Octavius*. De facto o seu primeiro nome completo era Gaio Júlio Octávio César (63-14 a. C.), cujo apelido Octávio passou a Octaviano depois da sua adoção como herdeiro e filho pelo tio-avô Gaio Júlio César, embora por vezes ainda continue a ser designado por Octávio. Só mais tarde, após o fim do 2º triunvirato (32 a. C.), em que ele teve parte predominante ao lado de Lépido e Marco António quando conquistou e firmou o seu poder

absoluto, assumiu o título de Augusto, completando o seu nome definitivo: Gaio Júlio Octaviano César Augusto. Aires Barbosa faz, pois, a distinção entre as duas fases da vida política de César Augusto, a de triúviro e a de Augusto, e observa que os tais versos a ele atribuídos, só podiam ser do tempo do triunvirato.

²⁵² *Glaphyra ... amator*. O amante é Marco António, que morreu com a sua parceira Cleópatra logo depois da Batalha de Áccio no ano de 30 a. C. Quanto à sua amada Gláfira, tem havido, desde há muito, grande divergência acerca da sua identificação. Sobre esta questão veja-se o longo comentário que Manuel de Faria e Sousa faz a *Os Lusíadas* V, 95, (vd. *Lusíadas de Luís de Camões*, comentadas por ..., cols. 636-639), onde o épico português alude expressamente aos versos de Octávio, a Marco António e à sua amante Gláfira (ou Glafira, com acentuação paroxítone por exigência da rima), fundado, ao que parece, no mesmo Epigrama XI, 20, de Marcial, onde Aires Barbosa bebeu.

²⁵³ Vv. 10-14. Estes versos são inspirados (com adaptações) em Ovídio, *Tristes* II, 49, 309-311.

²⁵⁴ *Tonante*. O Tonante, o deus “dos trovões” dos clássicos, aparece frequentemente cristianizado pelos humanistas como sinónimo de Deus.

²⁵⁵ *diuini luminis aura*. A conceção da alma como uma centelha ou partícula da aura divina aparece, por exemplo, em Horácio, *Sátiras* II, 2, 78: “... *diuinae particulam aurae*.”; e Cícero, *A Velhice*, 78, recordava que era uma ideia antiga e que “Os pitagóricos nunca duvidaram de que nós temos nossas almas delibadas da mente universal divina.”

²⁵⁶ *lasciua ... pagina*. A mesma expressão e similar raciocínio em Ovídio, *Tristes* II, 313.

EPIGRAMA 52

²⁵⁷ *Frontonem*. Sobre esta figura, real ou fictícia, vd. pp. 180-183, Epigrama 76.

²⁵⁸ Este epigrama fornece dados que podem ajudar a dilucidar a informação de Diogo Barbosa Machado de que o nosso humanista terá casado uma primeira vez com Isabel de Figueiredo, antes do seu casamento com a salmantina Isabel Nieto. Vd. Introdução, pp. 28-31.

²⁵⁹ *Nec mala ... sed bona ... sequatur*. Esta sátira velada (irónica?) de Aires Barbosa contra o tal “pseudónimo” Frontão, que parece o acusaria de ter casado segunda vez, tem paralelo num passo de Cícero, *O Orador*, 171, em que, a propósito de certas regras oratórias usadas pelos antigos, o orador Cícero afirma: “Pois eu louvo, e com razão, aqueles de quem esses se dizem imitadores, ainda que neles haja algum defeito; mas não louvarei estes que seguem apenas os vícios deles e estão bem longe do que eles têm de bom.” A alta probabilidade de ser esta a fonte de Barbosa está na estreita proximidade do sentido dos textos e na coincidência dos próprios termos neles utilizados.

EPIGRAMA 53

²⁶⁰ O tema central deste epigrama é um elogio ao “ócio” ou lazer literário do escritor, sobretudo do poeta, isto é, a libertação das preocupações sócio-materiais da vida corrente, para se dedicar à fruição da cultura e da criação literária.

Sílio deverá ser um nome disfarçado que Aires Barbosa usou para se dirigir a um poeta como ele e a quem admirava e confiava as suas preocupações literárias, e que nos parece tratar-se de Lourenço de Cáceres, pelas razões que invocamos no comentário ao Epigrama 56 dirigido “Ao poeta Sílio Lusitano”, como a seguir veremos. Mas a escolha deste pseudónimo pode ter sido determinada pelo exemplo do poeta latino Sílio Itálico, que, depois de

abandonada a sua atividade política aos cerca de 53 anos de idade, comprou terrenos que haviam pertencido a Cícero e a Virgílio, a quem ele muito admirava, para aí se dedicar ao *otium* criativo da poesia, donde resultou o poema épico sobre a Segunda Guerra Púnica, em 17 cantos. Marcial, um dos poetas preferidos de Aires Barbosa, dedicou a Sílio Itálico quatro epigramas (IV, 14; VII, 63; VIII, 66; e IX, 86), além de o citar noutras composições. Os dois primeiros falam justamente do tema do *otium* e da produção poética (*nostris otia commoda Camenis*, “os ócios favoráveis às nossas Camenas”: vd. Epigrama IV, 14). É, pois, possível que estes factos tenham tido influência na escolha do destinatário deste epigrama, tanto mais que Aires Barbosa, na altura da publicação deste seu epigrama, tinha à sua disposição a obra de Sílio Itálico em cinco edições sucessivamente impressas desde a primeira, de 1471 (Roma), até à de 1512 (Paris), e com a particularidade de o manuscrito que lhes deu origem ter sido descoberto durante o Concílio de Constança (1414-1418) por Poggio Bracciolini, o humanista da escola florentina que, depois de uma intensa vida profissional na corte pontifícia, passou os últimos anos de vida em Florença, onde foi chanceler da República e escreveu a sua *Historia Florentina*.

²⁶¹ *Erato*. Trata-se de uma das nove Musas e tutelar da poesia lírica, em particular de tema amoroso.

²⁶² *Fortis ... rotundus*. Este verso é um decalque quase literal de Horácio, *Sátiras* II, 7, 86; e toda esta estrofe é inspirada no contexto do mesmo passo horaciano (vd. *ibidem* v. 63-66). E parece até que toda esta ode de Barbosa é uma adaptação da mesma sátira horaciana, em que o Venusino concede, por um momento, carta de alforria ao seu escravo Davo para o criticar e afirmar que ele (Horácio), afinal, não era assim tão livre. Aqui, Aires Barbosa trata da liberdade que o ócio literário concede aos poetas para poderem compor seus poemas. Enfim, *otium*=liberdade é a fórmula com que poderíamos resumir o conteúdo deste texto do humanista aveirense.

²⁶³ *beatiss...* *Olympus*. São abundantíssimos os testemunhos de escritores clássicos a registar a ideia da origem divina da inspiração poética, uma vez que, segundo a mitologia, os poetas são protegidos dos deuses em geral e em particular de Apolo, de Baco e das Musas. Ovídio diz n'Os Amores III, 9, 17-18: *At sacri uates et diuum cura uocamur; / Sunt etiam qui nos numem habere putent*. “E, no entanto, a nós poetas, chamam-nos seres sagrados e favoritos dos deuses; / E há até quem pense que temos um poder divino”.

EPIGRAMA 54

²⁶⁴ *Pansa*. Parece que temos aqui mais um caso de nome fantasiado, tanto mais que o correspondente antropónimo latino que se conhece respeita a uma figura política romana de grande prestígio, cujo perfil não se adequa ao conteúdo deste epigrama. O destinatário desta sátira deverá ser algum madraço, real ou idealizado, aluno ou mesmo professor, que nada faz para progredir no saber e quer que o qualifiquem ou recompensem cada vez mais, e cuja alcunha foi fabricada talvez com base no substantivo comum *pansa*, que significa aquele que tem os pés afastados ou as pernas arqueadas. Plínio explica na sua *História Natural* XI, 105, 254, como da deformação da planta dos pés têm origem sobrenomes como *Plancus*, *Plautus*, *Pansa*, *Scaurus*, tal como da deformação das pernas derivam *Varus*, *Vatia*, *Vatinius*, para designar malformações. *Pansa* é usado como adjetivo por Plauto, *Mercador*, 640.

²⁶⁵ *Solon ... ulteriora petit*. Tornou-se proverbial o verso de Sólon Γηράσκω δ'αiei πολλά διδασκόμενος “Envelheço aprendendo sempre muitas coisas” (cf. frg. 18 West). Este pensamento vem mencionado por vários autores clássicos, entre eles Platão (*República* VII, 536d; *Laques*, 188b e 189a), Cícero, *A Velhice*, VIII, 26; XIV, 50, e Valério Máximo, *Factos e Ditos Memoráveis* VIII, 7, ext., 14, que dá a notícia de Sólon já no leito de morte e ainda curioso em saber do que se estava discutindo entre amigos ao seu lado.

EPIGRAMA 55

²⁶⁶ *dictos a lingua*. A expressão latina de Aires Barbosa *dictos a lingua*, à letra “ditos a partir da língua”, mostra que o humanista quis chamar a atenção para a etimologia do nome deste peixe de corpo achatado, de forma ovóide e com a configuração de uma língua. Tal etimologia já se encontra nos autores clássicos registada no vocábulo *lingulaca* (vd. Marco Terêncio Varrão, *Língua Latina* V, 77); mas a forma latina donde mais naturalmente terá derivado a do “liguado” português foi, direta ou indiretamente, o adjetivo (substantivado) *linguatus*, facilmente associado a *lingulaca*.

Este epigrama, que, pela sua brevidade, é um dos mais “epigramáticos” de Aires Barbosa, mostra, pelo seu conteúdo – uma oferta tão “comezina” –, que o destinatário era pessoa de estreito convívio com o humanista, o que pode ajudar a descobrir quem era este seu amigo Sílio. Sobre a sua identificação veja-se o comentário ao Epigrama subsequente.

²⁶⁷ *Cicerone disertius ipso*. A escolha da figura de Marco Túlio Cícero como termo de comparação da arte oratória tem inteira justificação. Basta lembrar as palavras do grande teorizador Quintiliano, que assim se exprime em *O Ensino da Oratória* X, 1, 108, ao lembrar os grandes oradores greco-latinos: “Mas se é devida uma concessão, é a de que Demóstenes não apenas se tornou o primeiro, mas também fez em grande medida com que Cícero seja tão grande como é. Com efeito, parece-me que Marco Túlio, estando inteiramente ligado à imitação dos Gregos, recriou a força de Demóstenes, a exuberância de Platão, o encanto de Sócrates.” E em X, 1, 112, conclui: “Foi, pois, com toda a razão que os homens do seu tempo o proclamaram o rei dos tribunais e que entre os vindouros se verifica que o nome de Cícero não é já o de um homem, mas o da própria eloquência.”

EPIGRAMA 56

²⁶⁸ Não encontramos no quadro dos humanistas portugueses com produção poética latina feita à volta do ano de 1517 – data da publicação desta ode – ninguém que melhor pudesse receber a designação de Sílio Português, do que Lourenço de Cáceres, poeta neolatino e prosador de língua portuguesa. A sua biografia sofre de várias lacunas, mas sabemos que nasceu em Lagos por volta de 1490, estudou em Salamanca e talvez em Alcalá e, regressado a Portugal, foi incumbido pelo rei D. Manuel I da educação do infante D. Luís, para quem escreveu em português algumas obras de caráter pedagógico que deixou inéditas, e de redigir em latim as crónicas dos reis portugueses, tarefa que não levou a cabo por ter morrido prematuramente em 1531. Mas publicou um opúsculo de epigramas, *Epigrammaton Libellus*, que saiu sem indicação de data nem local, mas que Eugénio Asensio (*Estudios Portugueses*, Paris, 1974, pp. 163-176) suspeita que terá sido publicado em Salamanca por volta de 1518. Pelo confronto que fizemos do tipo de letra com obras de Aires Barbosa, designadamente com o livro *Aratoris Cardinalis Historia Apostolica cum commentariis Arii Barbosa Lusitani*, saído em Salamanca dos prelos de Juan de Porras em 1516 (*in aedibus Ioannis de Porris Mense Aprili. M.DXVI*), podemos ter a certeza de que o *Epigrammaton Libellus* de Lourenço de Cáceres foi impresso na mesma tipografia.

São várias as razões de ordem positiva que me levam a considerar Lourenço de Cáceres como o destinatário desta composição de Aires Barbosa. Em primeiro lugar, o facto de a sua vida e obra literária estarem profundamente ligadas aos interesses patrióticos, sobretudo o livro de epigramas, dedicado a D. Jaime, duque de Bragança, e à sua ação militar na conquista de Azamor, e no qual grande parte das composições tem por tema outras variadas matérias relacionadas com a ação governativa do rei D. Manuel I, em particular com a empresa dos decobrimentos. Ora, o poeta romano Sílio Itálico, depois da sua vida de alto funcionário, passou os seus últimos vinte anos a compor em verso a Segunda Guerra Púnica (*Punica*) com base na prosa da III Década de Tito Lívio, como vimos atrás ao comentar o Epigrama 53.

Por outro lado, quando o mesmo livro dos epigramas de Cáceres foi publicado em Salamanca, Aires Barbosa, que então aí residia na sua plena atividade de professor,

acompanhou certamente de perto aquela edição, uma vez que é na última página desse livro que vêm publicados dois epigramas seus dedicados àquele autor, à maneira de apêndice e já depois de um conjunto de seis cartas em prosa da correspondência latina do mesmo Lourenço Cáceres, ao contrário de outros epigramas de autores alheios que estranhamente figuram ao longo no corpo do texto. Isto faz supor que aqueles dois epigramas de Barbosa terão sido escritos quando a impressão do livro de Cáceres estava na fase final, de algum modo para preencher a página que ficaria em branco, como já aconteceu noutros casos de edições de obras de Aires Barbosa, designadamente no referido livro dos *Comentários à Historia Apostolica de Arátor.*, fol. cli- cli v°.

Enfim, dos dois epigramas anteriores com o mesmo Sílio por destinatário (Epigramas 53 e 55), o segundo menciona o envio de umas pescadas àquele seu amigo, que, a ser Lourenço de Cáceres como pensamos, também estaria em Salamanca na altura da edição do seu *Epigrammaton Libellus*, nas vésperas de regressar a Portugal, ou tendo-se aí deslocado para o efeito. Ou, então, a edição poderia ter sido acompanhada em seu nome pelo próprio seu amigo Aires Barbosa. Tudo isto reforça a ideia de que os três epigramas do Mestre Grego dedicados a Sílio têm, na realidade, por destinatário Lourenço de Cáceres, o “Sílio Lusitano”.

²⁶⁹ *Alcides*. Alcides é nome patronímico de Hércules/Hércules, por ser neto de Alceu (pai de Anfitrião). A clava era a maça característica das armas de Hércules. Tornou-se proverbial a expressão *Clavam Herculi extorquere* (vd. Macróbio, *Saturnais* V, 3), “tirar a clava a Hércules”, com o sentido de realizar uma proeza impossível ou de extrema dificuldade.

²⁷⁰ *filius Tonantis*. Este filho do Tonante (“o deus do trovão”, epíteto de Zeus/Júpiter) significa aqui o mesmo Hércules (vd. nota anterior), porquanto na biografia mitológica de Anfitrião, filho do seu avô Alceu, conta-se que, quando o mesmo Anfitrião, casado com Alcmena, andava saído em campanha militar contra Tebas, o próprio Zeus se aproveitou da sua ausência para, disfarçado na figura daquele, se apoderar de sua esposa, tendo assim gerado nela o seu filho Hércules, que, depois, o próprio Anfitrião acabou por ajudar a criar.

²⁷¹ *Bono lapillo aut pulchra nota*. Referência à tradição dos antigos de colocar dentro de uma urna ao fim de cada dia uma pedrinha de cor diferente, branca ou preta, conforme o dia foi feliz ou infeliz, e de as contar à hora da morte para assim julgar a vida, e saber o próprio destino de cada pessoa. Entre os autores latinos, vd. por exemplo Plínio, *História Natural* VII, 41, 131; Catulo, 68, 148; Horácio, *Odes* I, 26, 10; Marcial, *Epigramas* VIII, 45, 2; IX, 52, 5. Mas a tradição já vinha dos gregos da Trácia segundo informação de Plínio (*loc. cit.*) recebida de Zenóbio, *Cent.*, VI, 13.

²⁷² *Maro*. Isto é, Virgílio, de seu nome completo Públio Virgílio Marão, a quem os humanistas preferiam chamar pelo último sobrenome.

²⁷³ *Smyrneam ... Camenam*. As Camenas, ninfas das fontes para os Latinos, foram desde muito cedo assimiladas à Musas. Sendo Esmirna uma das sete cidades que reivindicavam a honra da naturalidade de Homero, expressões como “camena esmirneia” são sinónimo de poesia homérica. Sílio Itálico, poeta latino cujo nome é evocado por Aires Barbosa, usa a expressão “plectro esmirneu”, isto é “lira de Esmirna” (vd. *A Guerra Púnica* VIII, 594), com o mesmo sentido que o nosso humanista.

²⁷⁴ *Baeticus ... Cordubensis*. Trata-se de Lucano, natural de Córdova, autor do poema da *Guerra Civil* ou *Farsália*.

²⁷⁵ *Maeonides sacer*. Nome poético de Homero. Meónia é o antigo nome da Lídia, à qual pertence a cidade de Esmirna, uma das que reivindicavam a honra de ter sido berço de Homero.

²⁷⁶ *Ducis ... superbi*. Deve referir-se a D. Jaime, 4º duque de Bragança (1479 – Vila Viçosa, 20/9/1532), comandante das tropas portuguesas na conquista de Azamor, em 1513, às ordens de D. Manuel I. Foi a ele que o humanista Lourenço de Cáceres dedicou o seu opúsculo de epigramas latinos (*Epigrammaton Libellus*), alguns dos quais têm por tema a conquista daquela praça norte-africana.

²⁷⁷ *Numero modo hoc, modo illo*. Lourenço de Cáceres usa, nos seus epigramas, variados tipos de métrica: versos falécios, dísticos elegíacos, simples hexâmetros dactílicos e estrofes sáficas.

²⁷⁸ *Mincius*. O rio Mincio nasce nos Alpes e passa perto de Mântua, cidade bem perto de Andes, a aldeia natal de Virgílio.

²⁷⁹ *Baetis*. O rio Bétis dos antigos é hoje o Guadalquivir, que banha a cidade de Córdova, pátria de Lucano.

²⁸⁰ *diues rutilo Tagus metallo*. O Tejo, cujas águas, segundo referências antigas, transportavam pepitas de ouro. Entre os poetas latinos podemos citar Catulo, 29, 19; Marcial, *Epigramas* X, 16(17), 4, entre outros; e Plínio, *História Natural* IV, 115, diz: O Tejo é celebrado pelas suas areias auríferas (*Tagus auriferis harenis celebratur*). Cf. Epigrama seguinte, onde Barbosa repete a mesma ideia.

EPIGRAMA 57

²⁸¹ A presença da linhagem Barbosa em Portugal remonta aos tempos da fundação da nacionalidade com base no topónimo da quinta (ou quintã) e paços do lugar de Barbosa, da freguesia de Rãs e concelho de Penafiel, quinta e paços fundados na primeira metade do séc. XII por D. Mem Moniz, “tenente” de Penafiel e irmão de D. Egas Moniz. Tal quinta solarenga veio a ser propriedade de D. Sancho Nunes, de ascendência galega, que casou com “D. Thareja”, ao que parece filha ilegítima de D. Afonso Henriques, e que passou a usar como último sobrenome o “de Barbosa”. A família Barbosa seguiu a sua “diáspora” normal mais ou menos por todo o país. Não temos notícia de ascendentes ou familiares próximos de Aires Barbosa, mas ele podia orgulhar-se, por exemplo, do seu contemporâneo Duarte Barbosa, suposto autor do famoso *Livro em que dá relação do que viu e ouviu no Oriente*, acabado de escrever em 1516, o mesmo que acompanhou Fernão de Magalhães na viagem de circum-navegação, ao serviço de Carlos V, durante a qual faleceu no Pacífico em 1521.

Sobre a fama dos Barbosas, escreveu no séc. XVI o bispo de Malaca D. João Ribeiro Gaio os seguintes versos: “D. Pedro Nunes Barbosa / no livro da geração / é o chefe desta honrosa / linhagem que valorosa / foi em guerra a discensão.”; e no séc. XVII Manuel de Sousa da Silva, nas suas *Quintilbas aos solares de todas as famílias do reino*, inclui esta, que recorda as origens solarengas desta família: “Em Penafiel Barbosa / D’esta geração sabida / É a casa conhecida / No tempo antigo famosa / No presente descaída.” Vd. *Armorial Lusitano, Genealogia e Heráldica*, (Direção e coordenação de Afonso Eduardo Martins Zúquete), Lisboa, 1961, p. 81-82.

²⁸² *Figuereta*. A família que deu origem aos Figueiredos remonta aos tempos da ocupação árabe e procede dum lendário cavaleiro de nome Goesto Ansures que, nos meados do séc. IX, libertara algumas das jovens destinadas ao harém do rei de Córdova, tendo-se enamorado de uma delas e constituído com ela o casal donde proviria esta família. Mas a adoção do apelido Figueiredo só veio a realizar-se vários séculos depois, em memória e pelo facto de aquela lendária libertação das donzelas ter ocorrido num figueiral (ou figueiredo), e deve-se à iniciativa de Martim Lourenço de Figueiredo, vassalo do rei D. Pedro I e alcaide-mor de Castelo Bom nos meados do séc. XIV, o primeiro Figueiredo. A partir dele passaram seis gerações de Figueiredos protagonizadas sucessivamente por seu filho Gonçalo Garcia

de Figueiredo, criado dos reis D. Pedro I e D. Fernando e aio do infante D. João filho de D. Pedro e D. Inês de Castro, seguido de seu filho D. Gonçalo de Figueiredo, bispo e Viseu, seguido de sua filha Inês Gonçalves de Figueiredo, seguida de sua filha Leonor Martins de Figueiredo, seguida de seu filho Gonçalo de Figueiredo, seguido de seu filho e homónimo Gonçalo de Figueiredo, suposto pai da Catarina Eanes de Figueiredo, mãe do nosso humanista Aires de Figueiredo Barbosa (vd. Frei Bernardo de Brito, *Monarquia Lusitana*, Segunda parte, livro VII, cap. IX, fols 295-297; Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Porto, 1943, Tomo I, Vol. II, pp. 329-381; *Armorial Lusitano. Genealogia e Heráldica*, (Direção e coordenação de Afonso Eduardo Martins Zúquete), Lisboa, 1961, pp. 216-217.

²⁸³ *Me genuere ...* (“me geraram...”): Expressão e contexto semelhantes aos do epitáfio autobiográfico que uma antiga tradição atribui ao próprio Virgílio:

Mantua me genuit, Calabri rapuere, tenet nunc

Parthenope; cecini pascua, rura, duces.

“Mântua me gerou, a Calábria me arrebatou, e agora me guarda Nápoles; cantei a pastorícia, a agricultura, os generais.

²⁸⁴ *Qua ... quaque* (“Lá por onde ... e por onde”). Sobre o interesse autobiográfico destas expressões de lugar, vd. Introdução, pp. 5-9.

²⁸⁵ *auriferi ... Tagique*. Sobre este *topos* vd. pp. 160-161, Epigrama 56, v. 23.

EPIGRAMA 58

²⁸⁶ *ad Famam*. Esta prosopopeia da Fama, ou do Boato, é um eco da descrição de Virgílio, *Eneida*, IV, 173-195, e da de Ovídio, *Metamorfoses* XII, 39-63.

²⁸⁷ Carlos V, nascido em 1500 em Gand, na Flandres Oriental, tornou-se príncipe dos Países Baixos a partir de 1516, e rei de Espanha com o nome de Carlos I desde 1518, além de ter assumido outros títulos e cargos posteriores. Este epigrama, publicado em dezembro de 1517, reflete, pois, o ambiente de expectativa que se vivia em Salamanca e em toda a Espanha sobre a chegada de Carlos V, que deveria assumir o trono espanhol logo nos princípios de 1518, o ano seguinte à publicação deste epigrama.

²⁸⁸ *falsum dicere, fama*. Segundo a tradição literária, a Fama, ao recontar aquilo que ouvia, acrescentava sempre algo de seu, que podia adulterar a verdade inicial. É a ideia que o povo fixou no conhecido provérbio: “Quem conta um conto aumenta um ponto”. Cf. Virgílio, *Eneida* e Ovídio, *Metamorfoses*, nos passos citados na primeira nota deste epigrama.

²⁸⁹ *Venit iam Carolus*. Como se vê pela forma do verbo no tempo do pretérito perfeito (*uenit*), confirmada pela métrica, e como se pode verificar pelo teor do Epigrama 59 que vem imediatamente a seguir, a chegada de Carlos V era, em dezembro de 1517, um facto consumado.

²⁹⁰ Este voto final de Aires Barbosa é uma espécie de premonição e má profecia das perturbações políticas que pouco depois, em 1520, viriam a acontecer com as Germanias em Valência e a Guerra dos Comuneros em grande parte da Espanha. Vd. pp. 198-203, Epigramas 100 (*De democratia ...*), 101, 102 e 103.

EPIGRAMA 59

²⁹¹ *Terra ... Parthia*. Região que ocupava a parte norte do atual Irão e cujos povos, os Partos, se desenvolveram e assumiram um grande poder político e territorial, construindo um Império que se estendia do mar Cáspio ao golfo Pérsico e do Afeganistão ao rio Tigre.

Os romanos, na sua expansão para o Oriente, tiveram de os enfrentar durante muito tempo em duras batalhas, em que nem sempre foram vencedores, como no desastre de Carra em 53 a. C., onde o general romano Crasso foi derrotado e morto. A determinação e bravura patriótica dos Partos ficou famosa na história da Antiguidade. Por isso Aires Barbosa cita este exemplo muito a propósito do movimento de expansão política e territorial da Espanha, que veio, na pessoa de Carlos V e seus imediatos sucessores a redundar no Sacro Império Romano-Germânico, de que ele próprio se viria a tornar imperador logo dois anos depois da publicação do conjunto de epigramas de que este faz parte, em dezembro de 1517, isto é, desde 1519 a 1556.

²⁹² *Medica Susa*. Susa, antiga capital dos Persas, um dos povos orientais com quem os Medos, habitantes da Média, andaram por várias vezes confederados e confundidos.

²⁹³ É muito corrente nos humanistas a metonímia mitológica da guerra, representada pelo deus seu protetor.

²⁹⁴ *Asiam Libyenque ... adiungere*. Referência ao papel assumido por Carlos V como defensor da Cristandade e da formação de um império universal sob a égide da Casa de Áustria, com a submissão do Islão, que dominava o Oriente e o Norte de África, aqui simbolizado pela Líbia.

²⁹⁵ *uere Magno, Carole, maior eris*. Com o jogo das palavras Magno e Carlos, Aires Barbosa parece querer evocar, como termo de comparação de Carlos V, a grande figura do rei e imperador Carlos Magno.

EPIGRAMA 60

²⁹⁶ Este epigrama foi composto antes de 14 de junho de 1520, data da sua publicação, dentro e como elogio do *Phisices Compendium* de Pero Margalho, amigo e colega de Aires Barbosa no magistério universitário de Salamanca, desde 1517, quando Margalho para aí transitou da Universidade de Valhadolid, até 1523, ano da jubilação de Barbosa e do regresso definitivo deste a Portugal ao serviço da corte. Pedro Margalho continuou em Salamanca na sua função de professor, que abandona em 19 de agosto de 1529 a caminho de Portugal, tal como, sete anos atrás, fizera Barbosa, e ter-se-á cruzado de novo com ele, que então se preparava para deixar a sua missão áulica de mestre do cardeal-infante D. Afonso e se retirar para a sua terra natal. Quem o substituiu nessa missão foi justamente o doutor Pedro Margalho.

²⁹⁷ A formação universitária de Pedro Margalho foi adquirida sobretudo em Paris, onde estudou durante cerca de vinte anos (entre cerca de 1490 e 1510), em cursos prolongados de aprendizagem teórica e estágio prático, nos quais mostrou o seu superior talento de licenciado e doutor em Teologia, segundo o método dos mestres “parisienses” (cf. Luís Ribeiro Soares, *Pedro Margalho*, Lisboa, INCM, 2000, p. 29 sgs.).

²⁹⁸ *Doctrina ... trahit*. Aires Barbosa parece referir-se às áreas científicas da formação e do exercício profissional do doutor Pedro Margalho em geral e, em particular, aos sistemas filosóficos dos Realistas e dos Nominalistas tratados no seu livro *Logices utriusque scholia in duui Thomae subtilisque Duns doctrina ac nominalium* (“Escólios de ambas as Lógicas na doutrina de São Tomás e do Subtil Duns e dos Nominais”), que saiu a lume no mesmo ano e local da publicação da sua outra obra – o *Phisices Compendium* –, em que aparece este epigrama de Aires Barbosa.

²⁹⁹ *Rerum causas ... cognoscere*. O Poeta aqui evocado é Virgílio, e o pensamento que este dístico exprime é baseado no famoso verso do seu poema didático *Geórgicas* II, 490: *felix qui potuit rerum cognoscere causas* (“feliz daquele que pudesse conhecer as causas das coisas”).

EPIGRAMA 61

³⁰⁰ Este Epigrama foi republicado em 1536 com profundas alterações feitas pelo autor e figura nessa nova versão como Epigrama 66 do presente livro. Cf. pp. 172-175.

³⁰¹ *Barbariam...barbaries*. A designação de ‘bárbaro’ (βάρβαρος) teve inicialmente o simples significado de ‘estrangeiro’ e era aplicada pelos Gregos a todo o mundo não helénico, em oposição aos povos da Grécia (vd. Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*, I, 2; Platão, *O Político* 262b; Eurípides, *Ifigénia em Áulide*, 1400-1401). E isto verifica-se mesmo na boca dos próprios estrangeiros quando falavam do seu país em contraste com a Hélade (vd. Ésquilo, *Persas*, 187).

Cedo, porém, o mesmo vocábulo assumiu a conotação depreciativa em que se fixou e prevaleceu nos tempos modernos, sobretudo quando se referia à língua, aos costumes e ao caráter dos povos estranhos. Daí o seu valor de ‘incorrecto’, ‘inculto’, ‘incivilizado’; ‘cruel’ ... ‘bárbaro’ (vd. Luciano de Samósata, *O Solecista*, 5; Aristófanes, *As Nuvens*, 492; *Antologia Palatina*, 5, 2).

Os Latinos adotaram a mesma designação, com a diferença, evidentemente, de que também eles se consideravam pertencentes à gente culta e civilizada, formando com a Grécia o bloco do mundo greco-latino, por oposição a todos os demais povos, que constituíam a ‘barbárie’. Há exemplos deste contraste na literatura latina, em relação aos Persas (vd. Cícero, *A República* I, 3, 5), aos Gauleses (vd. id., *A Natureza dos Deuses* I, 34, 88), aos Indus (vd. id., *Tusculanas* V, 27, 77) e aos Frígios (vd. Catulo, 64, 264; cf. 63, 22; Lucrécio, *A Natureza das Coisas* IV, 546).

O termo ‘bárbaro’ tomou muitas vezes, por um fenómeno de sinédoque, o significado particular de ‘troiano’ pelo facto de Troia pertencer ao território da Frígia, cuja civilização era frequentemente posta em confronto com a grega, como se vê em Virgílio, *Eneida* XI, 777; em Ovídio, *Metamorfoses* XIV, 163 e em Horácio, *Epístolas* I, 2, 7.

Aires Barbosa aplicou a palavra ‘barbárie’ no seu duplo significado: por um lado, com ela se refere, como o prova o contexto, à cidade de Troia, que os Gregos venceram em dez anos. Neste sentido, os versos do humanista parecem inspirar-se no último passo de Horácio acima citado (*Epíst.* I, 2, 7): “*Graecia barbariae lento collisa duello.*” Por outro lado, como negação e hostilidade à cultura, a barbárie é o objeto principal de toda a sátira que este epigrama encerra.

³⁰² *hostibus... classes... agmina*. A linguagem metafórica, iniciada pelo duplo sentido da palavra ‘barbárie’ à cabeça do poema, e a simbologia que ela contém refletem-se em todo o vocabulário militar do poema, criando um ambiente bélico que lembra o levantar de uma verdadeira máquina de guerra servida pela juventude salmantina contra a ignorância e o reacionarismo dos próceres do ensino tradicionalista.

Talvez tenha sugerido o uso deste vocabulário o facto de ele ser utilizado também, em certa medida, dentro das estruturas pedagógicas das escolas da época. Por exemplo, o Estatuto do Colégio da Guiana, elaborado por André de Gouveia quando nele exercia as funções de principal e publicado mais tarde por Elías Vinet, estabelece a divisão das *classes* em *ordines* e refere-se aos *decuriones* (vd. *Schola Aquitanica*. Regulamento de estudo de André de Gouveia publicado em Bordéus por E. Vinet. Texto latino revisto por Alfredo de Carvalho. Separata das *Notícias Cronológicas da Universidade de Coimbra*, Segunda Parte, Volume III, Tomo I, Coimbra, 1944, pp. 248-282). De resto, já Lourenço Valla na Itália e Nebrija em Espanha tinham usado, em igual contexto, a mesma linguagem militar. Vd. a tal respeito, Francisco Rico, *Nebrija frente a los Bárbaros*. Universidade de Salamanca, 1978, pp. 26-27, 39-40 e 67.

³⁰³ Cf. Vulgata, *Lucas*, 6, 43-44: “*Vnaquaeque enim arbor de fructu suo cognoscitur. Neque enim de spinis colligunt ficus.*”

³⁰⁴ O jovem poeta Lucano, de seu nome completo Marco Aneu Lucano e autor da famosa epopeia *Farsália*, era natural de Córdova, na Hispânia, bem como seu avô, Lúcio Aneu

Sêneca-o-Antigo, orador e mestre de retórica, e o filho e homónimo deste, o poeta e filósofo Lúcio Aneu Sêneca-o-Moço.

³⁰⁵ *ac mula feta*. A mula, como produto híbrido resultante do cruzamento das duas espécies, cavalar e asinina – cavalo com burra ou égua com burro (vd. Plínio, *História Natural* VIII, 69, 44, 171) –, era considerada já pelos Antigos um animal, em regra, estéril, de tal maneira que os casos de exceção constituíam prodígios dignos de registo nos *Anais* da história romana (vd. id. *ibid.*, 173).

Este facto servia, mesmo, como termo de comparação de um *impossibile* ou pelo menos de uma coisa muito rara. Ganhou, assim, foros de provérbio a frase *cum mula pepererit*, que é como quem diz “quando a galinha tiver dentes”, registada por Suetónio, *Galba* 4, e que Cícero recorda em *A Adivinhação* II, 22, 49, considerando o parto da mula coisa de espantar por acontecer raras vezes (“*mulae partus [...] res mirabilis quia non saepe fit*”). Vd., ainda, a este propósito: Heródoto, *Histórias* III, 153; Varrão, *Economia Rural* II, 1, 7; e Júlio Obsequens, *Dos Prodígios*, 125.

Aires Barbosa deve ter-se inspirado diretamente no seguinte passo de Juvenal, XIII, 64-66, do qual, pelo seu contexto, mais se aproxima:

*Egregium sanctumque uirum si cerno, bimembri
Hoc monstrum puero et miranti sub aratro
Piscibus inuentis et fetae comparo mulae.*

[“Se eu enxergo um homem de exceção e de virtude, eu comparo este fenómeno com uma criança de dois corpos, com os peixes

encontrados a puxar a uma charrua espantada, e com uma mula parida.”].

É de notar que a tradição de registar este fenómeno como prodígio era corrente entre nós no século XVI, como o demonstra Garcia de Resende nesta estrofe da sua *Miscelânea*, referindo-se a um caso acontecido na atual Constança no ano de 1530 (vd. Garcia de Resende, *Crónica de Dom João II e Miscelânea*. Nova edição conforme a de 1798. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1973, p. 378):

Em Lisboa entam se vio,
e vimos mula parida,
para isto ahi trazida
de Punhete, onde pario,
de todos vista, e sabida:
e o filho, que criaua,
perante todos mamaua:
no ressio, na ribeira
foy vista desta maneira
de muyta gente ã olhaua.

E já o antigo discípulo e amigo de Aires Barbosa, André de Resende, no seu poema “Contra os fustigadores de Erasmo” [*In Erasmomastigas*], escrito entre 1529 e 1532, usa a mesma comparação (vd. Odette Sauvage, *L'itinéraire érasmien d'André de Resende (1500-1573)*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1971, p. 78-79).

A título de curiosidade e confirmação hodierna deste facto veja-se no *Diário de Coimbra* de 1 de maio de 1994, p. 16, secção “Breves Nacionais”, a notícia de um fenómeno idêntico ocorrido na zona de Serpa, no Alto Alentejo, para espanto e observação da própria ciência veterinária da circundante região portuguesa e espanhola.

³⁰⁶ *Homerias arces ... sanctoralia ... Pergama*. Os versos 29-30 parecem inspirados em Homero, *Odisseia*, I, 2-3; e, em particular, a expressão *sanctoralia Pergama* aproxima-se da correspondente Τροίης ἱερὸν πτολίεθρον (“a sagrada cidadela de Troia”). De facto, o termo *Pergama*, com o sentido geral de baluarte, forte, cidadela ou fortaleza, acabou por ser usado, sobretudo pelos escritores latinos, como sinónimo poético de Troia. Quanto a *Homerias*, a sua forma *Homelias* tal como se apresenta no original parece resultar da confusão tipográfica da vibrante -r- pela lateral -l-, ao mesmo tempo que Aires Barbosa fez da vogal longa -e- uma breve, pelo fenómeno da sístole, uma das conhecidas liberdades poéticas.

³⁰⁷ *Totum paediae ... cyrculum*. Parece tratar-se de uma expressão que contém a ideia de cultura greco-latina global (em que assenta a própria palavra “enciclopédia”) e com que Aires Barbosa pretende demonstrar que o teólogo, jurista e filósofo Pedro Margalho era também um exemplo de humanista bem preparado na língua e cultura helénicas, como de algum modo se vê no seu recente livro *Phisices Compendium*, onde este epigrama de Barbosa saiu impresso.

³⁰⁸ *multi... duces*. Ao fazer apelo à unidade da juventude, o Autor evoca a antiga união das cidades gregas no objetivo comum da expedição militar a Troia. Aí se reuniram forças militares de cerca de duzentas cidades gregas, formando uma esquadra de perto de 1.200 navios comandados por quarenta e cinco almirantes e vice-almirantes. Veja-se a descrição da armada grega no “Catálogo das naus” em Homero, *Iliada* II, 484-760.

³⁰⁹ *plures... Nestoras*. Desde os poemas homéricos ficou famosa a eloquência e o poder de persuasão do velho Nestor, rei de Pilos e um dos almirantes da armada grega. Da sua boca, como diz Homero, derramavam-se palavras mais doces que o mel (vd. *Iliada* I, 249). Por isso, Agamémnon, filho de Atreu e comandante supremo da expedição a Troia, o considerava como o seu melhor conselheiro e um dos seus mais preciosos auxiliares, a ponto de preferir o vigor da sua palavra à força bruta de um Ájax, para o derrube das fortalezas troianas. Dizia ele que, se tivesse mais dez Nestores no seu Conselho, Troia cairia dentro de pouco tempo (vd. id., ibid., 370-375).

Entre os autores latinos, Cícero, por exemplo, tomou o caso de Nestor como argumento em defesa das virtudes da idade avançada no seu diálogo sobre a velhice, *A Velhice* 10, 31: [...] *et tamen dux ille Graeciae nusquam optat ut Aiakis similes habeat decem sed ut Nestoris; quod si sibi acciderit, non dubitat quin breui sit Troia peritura*. (“... e todavia aquele famoso chefe da Grécia deseja ter não dez semelhantes a Ájax, mas a Nestor; e se tiver tal sorte, não duvida de que Troia em breve há de cair”).

A coincidência de expressões leva-nos a supor que foi neste passo ciceroniano que o humanista português se inspirou.

³¹⁰ *Vnus... quasi nullus habetur*. Evocação do provérbio grego familiar Εἷς ἀνὴρ οὐδεὶς ἀνὴρ, que aparece registado, por exemplo, em Díon Crisóstomo, *Discursos* 48, 10, e que entrou em várias coletâneas de adágios recolhidos de outros autores gregos, entre eles Zenódoto, o léxico da Suda, etc. Vd. Παροιμίαι Ἑλληνικαί, *Adagia sive prouerbia Graecorum ex Zenobio seu Zenodoto Diogeniano et Suidae collectaneis...* Antuerpia, ex officina Plantiniana, apud uiduam et filios Ioannis Moreti, 1612, Centúrias III, 51, de Zenódoto; VI, 5, da Suda; e v. 948 do *Stromateus Prouerbialium uersuum*. Este provérbio grego tem o equivalente latino *Vnus testis nullus testis*, da linguagem jurídica.

³¹¹ *Histrum*. O segundo maior rio da Europa recebia na Antiguidade dois nomes: Danúbio na parte superior e *Hister* na parte do atual Baixo Danúbio. Ovídio, que bem o conheceu nesta zona durante o seu exílio e que a ele se refere tantas vezes, chama-o “Istro de dois nomes” (*binominis Hister*: vd. *As Pônticas* I, 8, 11). Foi naturalmente a sua vasta rede hidrográfica de dezenas de grandes afluentes que levou Aires Barbosa a fazer esta comparação.

EPIGRAMA 62

³¹² Este epigrama é o primeiro da última série, em número de cinquenta, que Aires Barbosa reuniu durante o retiro da sua aposentadoria definitiva em Esgueira e que publicou em Coimbra em 1536, juntamente com o poema *Antimoria*.

Entretanto, quando o famoso humanista aveirense atingia, em 1523, a sua jubilação na Universidade de Salamanca, o jovem monarca português, D. João III, enviava àquela cidade um emissário com carta pessoal a fim de o convidar para mestre dos seus irmãos, designadamente do cardeal-infante D. Afonso e, a aceitar como verdadeiros os dados documentais, também do infante D. Henrique. É o próprio Barbosa que nos dá testemunho

deste facto no *Prefácio à Antimória* (fl. III), confirmado, aliás, por notícia publicada sete anos atrás por seu tio, o Doutor Martim de Figueiredo na carta dedicatória a D. João III do seu *Comentário ao prólogo da História Natural de Plínio* (vd. *Commentum in Plinii naturalis historiae prologum*, Lisboa, Germão Galharde, 1529, fol. A vj).

Aires Barbosa, apesar do direito ao merecido descanso, não podia declinar aquele honroso convite do rei português. Veio, pois, continuar a sua atividade docente na Corte de D. João III, em cujo séquito ingressou e passou a acompanhar os infantes como seu mestre de eloquência, de retórica e das outras disciplinas de humanidades (vd. Aires Barbosa, *Praefatio in Antimoriam*, fol. III). Cedo se gerou entre o cardeal D. Afonso e o seu mestre uma profunda amizade, de que este epigrama dá testemunho.

Denuncia ele, por outro lado, uma censura mais ou menos velada à ingratidão da Corte, que não lhe pagava o seu trabalho, deixando-o passar fome, e sobretudo contra o abandono a que ela o votara por altura de uma das pestes que assolaram o país, talvez a de 1524-1525 seguida de terramoto.

Não sabemos se esta queixa visa o próprio rei, se apenas os funcionários da Corte, de cuja negligência Barbosa se lamentará numa carta dirigida a António Carneiro, secretário e conselheiro de D. João III, em finais de 1525 ou princípios de 1526, por eles não providenciarem com a necessária prontidão o seu próprio alojamento, quando ele acompanhava os infantes nos lugares por onde a Corte jornadeava. Vd. original: ANTT, *Cartas Missivas*, *Maço 4*, n.º 338; transcrição: Biblioteca Nacional de Portugal, *Mss./Caixa 183*, docs. 7-13; estudo e transcrição de Justino Mendes de Almeida, “Uma carta do humanista Aires Barbosa”, *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, Ano V, n.ºs 17-18 (Lisboa, 1959) 36-37. Cf. *supra*, pp. 55-57.

Seja como for, não deixa de ser estranho que, tendo sido D. João III a convidá-lo para a Corte e tendo o humanista vivido no seu âmbito pelo menos durante sete anos, não tenha ele dedicado ao rei português sequer um simples epigrama de entre mais de uma centena que constitui o presente conjunto. A sua única referência elogiosa ao monarca português é a que aparece no Epigrama 111 (vd. pp. 212-213, versos 30-32), a propósito do auxílio de D. João III ao rei Luís II da Hungria, atacado pelos Turcos em 1526; e, mesmo assim, o encómio fica bastante atenuado pelo confronto que o humanista procura entre a atitude de todos os reis da Europa, que fizeram ouvidos surdos ao apelo húngaro, e o caso português, que constituiu exceção única. Trata-se, acima de tudo, de uma censura aos reis europeus; e o elogio ao rei português surge por necessidade de acentuar, pelo contraste, esta censura.

Aires Barbosa abandonou as suas funções de mestre áulico e retirou-se para a sua terra natal de Esgueira, junto de Aveiro, em 1530, ficando com uma tença anual de trinta mil reais que o rei lhe concedeu para o resto da vida, por carta de 23 de agosto de 1530, a título dos serviços prestados como mestre do infante D. Henrique (vd. ANTT, *Chancelaria de D. João III*, Livro 39, fol. 75 vº). Cf. p. 57.

O humanista aproveitou o tempo da sua aposentação em Esgueira para redigir o poema *Antimoria* e, quando resolveu publicá-lo em 1536, juntou à sua edição todas as poesias que tinha inéditas, colocando à cabeça destas últimas a presente composição, por ser a primeira, não na ordem cronológica, mas na ordem da intenção, isto é, para servir, por assim dizer, de carta dedicatória de toda essa coleção de epigramas então reunidos e que agora se reeditam.

³¹³ *Confectam macie nostra Tbalia Famem*. Apesar de o texto original não apresentar a palavra *Famem* (a Fome) com maiúscula inicial, o seu contraste aqui estabelecido com a musa Talia, levam-me a considerá-la como uma personificação alegórica. De resto, nesta sua rápida descrição (versos 3-4 e 9-10) encontramos eco da longa narrativa de Ovídio (*Metamorfoses*, VIII, 777-842) sobre a Fome, responsável pela desolação da natureza, em oposição a Ceres, deusa da vegetação. Talia, que se tornou a musa da comédia, era originariamente uma musa campestre, inventora e patrona da agricultura, e a sua evocação por Aires Barbosa, em vez de Ceres, adapta-se bem à situação do humanista quando se encontrava irradiado nos campos por via da peste contagiosa, descrita neste epigrama.

³¹⁴ *Hector*. Esta personagem devia exercer as funções de tesoureiro-mor da Corte e talvez se trate de Heitor Henriques, falecido pouco antes de 19 de março de 1556, data em que o humanista Pedro Sánchez o substituiu nesse cargo por “ora estar vago per falecymto de eytor amriquez”, conforme atesta o documento régio de D. João III (vd. ANTT, *Chancelaria de D. João III*, Livro 71, fol. 70). É também possível que Heitor Henriques tenha sido sucessor de Fernando Álvares (ou Fernão Álvares de Andrade, segundo António Caetano de Sousa, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, tomo III, p. 305), tesoureiro de D. João III em 1530 como reza a carta régia, citada na nota anterior, que concede a Aires Barbosa uma pensão de reforma de trinta mil reais “pagos em fernandalvrez meu tesoureiro ou quem seu cargo tiver”.

³¹⁵ *ieiuna Fames*. Esta expressão, que é rara, aparece pelo menos em Juvenal, *Sátiras* V, 10 e em Ovídio, *Metamorfoses* VIII, 791.

³¹⁶ *cognatum... mancipiumque meum*. O mancebo de Aires Barbosa admitido ao serviço do Cardeal era o seu filho “mais velho Fernão Barbosa, Moço fidalgo delRey D. Joaõ o III” a que se refere Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, Tomo I, Coimbra, Atlântida Editora, 1965, p. 76, col. 2. É o mesmo de que fala André de Resende na *Vida do infante D. Duarte* (cap. V) a propósito de um curioso episódio de zanga havido entre o infante D. Duarte e o referido Fernão Barbosa (vd. André de Resende, *Obras Portuguesas*. Prefácio e notas do Prof. José Pereira Tavares, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1963, pp. 92-94). Cf. pp. 174-175, Epigrama 67, v. 8 e respetiva nota 344 (p. 306).

³¹⁷ *metuenda lues*. É difícil saber a que peste se refere o Autor, uma vez que houve no seu tempo vários casos de epidemia na capital e em outras zonas do país, sendo a mais conhecida a de 1524-1525, seguida de terramoto, e aquela que sobreveio ao sismo de 1531 (vd. Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal*, Vol. III, Lisboa, Editorial Verbo, 1978, pp. 288 sgs.). Parece-nos, porém, mais provável que o humanista se refira à peste de 1524, porquanto em 1531 já ele estava aposentado em Esgueira, fora da Corte, e por isso não vinha a propósito falar de abandono por parte da majestade régia (vv. 19-20) e dos criados (v. 30), que, como aposentado, não deveria possuir, pois recolhera à família. Por outro lado, não era muito provável que o Cardeal se deslocasse da Corte a Aveiro para visitar o seu mestre. A única ocasião em que isso se poderia ter verificado seria no ano de 1527, em que a Corte esteve em Coimbra; mas nessa altura acompanhava-o Barbosa (vd., pp. 192-193, Epigrama 91).

³¹⁸ *fronde... tecta domus*. Em tempo de peste ou terramoto era frequente as populações fugirem para os campos a fim de evitarem o contágio acivo ou passivo. Vejam-se estes versos que Garcia de Resende escreveu na sua *Miscelânea* (Cf. *Crónica de Dom João II e Miscelânea* por Garcia de Resende. Nova edição conforme a de 1798. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1973, p. 380) a propósito do terramoto de 1531:

Todos com medo que auião
deixarão casas, fasendas;
nos campos, plaças dormião
em tendilhões, e em tendas,
casas de ramas fazião.

EPIGRAMA 63

³¹⁹ *Grus*. Vem desde os tempos homéricos a referência aos groues como exemplo de aves migratórias que fogem aos rigores climatéricos à procura de zonas mais temperadas. Homero, *Iliada* II, 3-4, compara o alarido dos Troianos à gritaria dos groues que, fugindo ao Inverno, se dirigem para o Oceano, à região dos Pigmeus, isto é, do Nilo (Cf. Aristóteles, *História dos Animais* 597a4). De entre os Latinos, evocam as mesmas aves, por exemplo, Lucrécio, *Da Natureza das Coisas* IV, 181-182; Virgílio, *Eneida* X, 264-266; Estácio, *Silvas* IV, 6, 8-9.

Vejamos, em particular, o seguinte passo de Lucano, *A Farsália* V, 711-712: “*Strymona sic gelidum bruma pellente relinquunt / poturae te, Nile, grues [...]*”.

Sobre a vida destas aves e as suas referências nos autores clássicos, vd. D’Arcy Wentworth Thompson, *A glossary of greek birds*, Londres, 1936 (reprograf. 1966), pp. 68-75.

³²⁰ *Omne esse solum patriam ... bona* Este pensamento tem raízes antigas que remontam pelo menos ao provérbio grego registado por Aristófanes no *Pluto* (v. 1151) πατρις γάρ ἐστι πᾶσ’ ἴν’ ὄν πράττη τις εὖ, “Pátria é toda a terra onde alguém se sente feliz”, que teve longa expressão, com algumas variantes, não só na literatura grega, mas também na latina e mesmo dentro das línguas modernas. Aires Barbosa deve ter tido em conta direta as versões latinas “*Patria est ubicumque est bene*” e “*Omne solum forti patria est*” usadas respetivamente por Cícero (*Tusculanas* V, 37, 108) e Ovídio, *Fastos* I, 493). Sobre este assunto, cf. Renzo Tosi, *op. cit.* n.º 557 e 558.

³²¹ *me iam rude donatum*. Segundo os estatutos do Estudo salmantino, a jubilação universitária era concedida aos mestres daquela escola depois de vinte anos de serviço efetivo como professores proprietários de uma cátedra (Vd. Aires Barbosa, *Praefatio in Antimoriam*, fl. III vº). O humanista aveirense assumiu pela primeira vez esta qualidade quando tomou posse da cadeira de Retórica em 1 de maio de 1503 (Vd. Enrique Esperabé Arteaga, *Historia de la Universidad de Salamanca*, Tomo II, Salamanca, 1917, p. 328), embora já ensinasse naquele Estudo desde há perto de dez anos, conforme se deduz do início do *Prefácio* acima citado. Aí declara o Autor, por altura da sua jubilação em 1523, que se dedicara ao ensino em Salamanca “*adbinc triginta fere annos*”. Estes dados permitem datar da mesma época a composição deste epigrama.

³²² *utraque lingua*. Aires Barbosa foi, em toda a Península Ibérica, o primeiro professor de Língua Grega, e o primeiro a ensiná-la juntamente com a latina. O próprio humanista nos dá testemunho deste ensino conjunto já em 1511 na sua obra acerca dos verbos impessoais (vd. *In verba M. Fabii: “Quid? quod et reliqua”*. *Relectio de uerbis obliquis*. Salamanca, 1511, fl. a vº): *Posteaquam haec nobis rei litterariae professio contigit, ut scilicet utramque linguam in Salmanticensi gymnasio doceremus Hispanam iuuentutem ...* [“Depois que nos coube esta tarefa literária, a saber, a de ensinar no Estudo Salmanticense as duas línguas à juventude espanhola ...”]. Sobre esta questão vd. *supra* Introdução, pp. 21-25.

EPIGRAMA 64

³²³ João de Médicis, filho de Lourenço, o Magnífico, e futuro papa Leão X, nasceu a 11 de dezembro de 1475 e frequentou as aulas de Ângelo Policiano até 1494, ano em que, por motivos políticos, teve de fugir de Florença com a família. A presença de Aires Barbosa no *Studio Fiorentino* como aluno do mestre Policiano e condiscípulo de João de Médicis verificou-se, pois, até essa data. De resto, o próprio mestre florentino morreu neste mesmo ano, e em 28 de junho de 1495 já Barbosa estava em Salamanca, como ele mesmo afirma na sua *Relectio cui titulus Prosodia*, Salamanca, 1517, fl. a iiiii.

Aires Barbosa nunca mais esqueceu o seu mestre florentino e, de facto, ufanava-se de ter sido seu discípulo, como se vê por um epigrama publicado no final dos seus *Comentários à Historia Apostolica de Arator*, fol. cl (vd. pp. 120-121, Epigrama 14), e como o recorda no próprio *Prefácio* dos mesmos *Comentários*, fol. iii.

³²⁴ *sus nostra Minervae*. O adágio latino “uma porca a ensinar a Minerva”, de maior força expressiva que o português “ensinar o padre-nosso ao vigário”, era corrente entre os autores clássicos. Cícero utiliza-o várias vezes, por exemplo, em *Cartas aos Amigos* IX, 18, 3; *Do Orador* II, 57, 233 e *Segundas Académicas* I, 5, 18.

EPIGRAMA 65

³²⁵ O humanista da beira-mar aveirense e das margens do Vouga, onde recebera de sua família as sementes de uma sólida formação cristã, proclama, na singeleza deste curto epigrama, a sua profissão de fé cristocêntrica. Toda a sua vida, individual, familiar e profissional, foi exemplo permanente das profundas convicções evangélicas.

Os seus comentários à *História Apostólica* do poeta cristão Arátor, que ele desenvolveu durante um dos cursos de Gramática na Universidade de Salamanca, mostra que o humanista sabia pôr ao serviço de um humanismo cristão os recursos do saber e das técnicas da filologia clássica.

E foi ainda a mesma preocupação de consagrar a sua atividade literária às glórias de Cristo que o levou a ocupar os últimos anos da vida a compor a obra *Antimoria*, como ele esclarece no prefácio do mesmo poema (vd. pp. 220-225).

O presente epigrama testemunha, por outro lado, o recurso às fontes bíblicas e inspira-se manifestamente no texto paulino da *Epístola aos Filipenses* 2, 10: [...] *ut in nomine Iesu omne genu flectatur caelestium, terrestrium et infernorum* [...] (“para que ao nome de Jesus todo o joelho se dobre nos Céus, na Terra e nos Infernos”).

³²⁶ *Erebo*. O Érebo, nome que a mitologia clássica atribuiu às Trevas Infernais, é usado com frequência pelos humanistas como sinónimo do Inferno cristão.

EPIGRAMA 66

³²⁷ Esta é a segunda versão de um epigrama já publicado em 1520 em Salamanca juntamente com o *Phisices compendium* de Pedro Margalho, professor contemporâneo de Aires Barbosa nos Estudos Gerais daquela cidade (vd. pp. 164-167, Epigrama 61). Margalho pedira por carta ao seu grande amigo (*amicissime profecto*) que usasse do seu poder poético para despertar e estimular ao estudo da filosofia a juventude, de novo adormecida e já insensível às suas frequentes censuras. Talvez os jovens – diz Margalho –, atraídos pelo suave poder da poesia, e não pela dureza dos castigos, se deixem convencer perante os argumentos poéticos em favor daquela felicidade “*quae diuinarum cognitio est rerum*” segundo o testemunho do mais alto poeta (*summi testimonio Poetae*).

Aires Barbosa, já a três anos da sua jubilação e da partida de Salamanca a caminho da sua pátria – “*et utinam secedentem luctus tuae post tres miseriae, nostros reuísurum Penates comitaremur*”, [“e quem me dera acompanhar-te quando, depois dos três lutos de teu infortúnio, te afastares para voltares a ver os nossos Penates”], diz-lhe Pedro Margalho na sua carta – responde ao seu colega com certa desilusão quanto à possibilidade de despertar os seus contemporâneos daquela letargia a que ele chama “*inexpugnabilis paene dormiendi necessitas*”, contra a qual tem lutado desde há muito, mas que lhe parece já uma doença incurável (*morbus immedicabilis*). Mas, para que o seu doutíssimo amigo não tome tais considerações como pretexto de desculpa, resolve, mesmo assim, escrever o epigrama *Ad iuuenes studiosos bonarum artium carmen*, na sua primeira versão de 1520. Barbosa falava então em termos mais vigorosos e generalizantes, pondo em destaque a esterilidade intelectual da Hispânia de Quinhentos e confrontando-a com a época romana, em que brotaram desta terra Lucanos, Sénecas e muitos outros autores de primeira grandeza. Aquela versão incluía, ainda, um elogio expresso a Margalho como o único mestre de então capaz de arrancar a juventude salmantina ao sono da barbárie.

A presente versão, refundida dezasseis anos depois, saiu despida desta crítica pessimista e dos versos elogiosos referentes ao seu colega português, que em 1536 havia já abandonado há sete anos a sua cátedra de Salamanca e também se encontrava definitivamente em Portugal. Esta supressão não representa, pois, qualquer alteração da amizade que unia os dois humanistas. Sobre este assunto, vejam-se as duas cartas trocadas entre Pedro Margalho e Aires Barbosa (vd. pp. 83-87), e os dois epigramas deste último, em Pedro Margalho, *Phisices Compendium*, Salamanca, 1520, fl. i-i v^o. (vd. pp. 164-167, Epigramas 60 e 61).

³²⁸ *Barbariam...barbaries*. Sobre estes versos vd. pp. 164-165, Epigrama 61, v. 1-2 e respetiva nota.

³²⁹ *hostibus... classes... agmina*. Sobre estes versos vd. pp. 164-165, Epigrama 61, v. 4 e respetiva nota.

³³⁰ *ac mula feta*. Sobre estes versos vd. pp. 166-167, Epigrama 61, v. 26 e respetiva nota.

³³¹ *multi... duces*. Sobre estes versos vd. pp. 166-167, Epigrama 61, v. 37-38 e respetiva nota.

³³² *plures... Nestoras*. Sobre estes versos vd. pp. 166-167, Epigrama 61, v. 39-40 e respetiva nota.

³³³ *Vnus... quasi nullus habetur*. Sobre estes versos vd. pp. 166-167, Epigrama 61, v. 41 e respetiva nota.

³³⁴ *Histrum*. Sobre estes versos vd. pp. 166-167, Epigrama 61, v. 45 e respetiva nota.

³³⁵ *Sine fontana riuulus aret aqua*. Está aqui bem explícito o recurso às fontes como um dos princípios que caracterizam a perspetiva humanística da cultura, herdado, aliás, também das próprias fontes clássicas. Vejam-se, por exemplo, os dois passos de Cícero, *Do Orador* II, 27, 117: [...] *tamen et tardi ingenii est riuolos consecrari, fontis rerum non uidere, et iam aetatis est ususque nostri a capite quod uelimus arcessere et unde omnia manent uidere*; [“todavía é próprio de um espírito atrasado andar colado aos ribeiros sem ver as nascentes das coisas, ao passo que é timbre da nossa idade e da nossa experiência o desejo de alcançar e ver, desde a origem, o ponto donde tudo dimana.”] e *A República* II, 19, 34, 173: *Influxit enim non tenuis quidam et Graecia riuulus in banc urbem, sed abundantissimus amnis illarum disciplinarum et artium*. [“E não foi um qualquer ténue riacho que fluiu da Grécia para esta cidade, mas um rio com o máximo caudal daquelas disciplinas e artes.”]

³³⁶ *tenero ... ore*. Tanto Cícero como Virgílio visitaram a Grécia por motivos culturais, mas quando o fizeram já conheciam bem a língua grega, cujo estudo fazia parte normal da preparação escolar em Roma (vd. Cícero, *Do Orador* I, 34, 155; id., *Tusculanas* I, 8, 15).

³³⁷ *illa Dei*. Não há provas de que Cristo tivesse alguma vez falado ou sequer conhecido a língua grega. Mas, dado que esta era, na sua época, a língua internacional da bacia do Mediterrâneo e que ela se falava correntemente na Palestina a par com o hebraico e seus dialectos e com o latim, compreende-se que Aires Barbosa tenha feito esta suposição.

³³⁸ *tituli fuit illa secunda in cruce*. De entre os quatro evangelistas, apenas dois – na versão da Vulgata –, Lucas e João, se referem às línguas em que foi escrito o título da condenação de Cristo, afixado no topo da cruz. E mesmo estes não são coincidentes quanto à ordem pela qual as referem. Vejamos *Lucas* 23, 38: *Erat autem et superscriptio scripta super eum litteris Graecis et Latinis et Hebraicis* [“E havia por cima dele uma inscrição escrita em letras gregas, latinas e hebraicas”]; e *João* 19, 19-20: *Scriptis autem et titulum Pilatus et posuit super crucem [...] Et erat scriptum Hebraeae, Graece et Latine* [“E Pilatus escreveu também um letreiro e pô-lo sobre a cruz [...] E estava escrito em hebraico, grego e latim.”].

Por outro lado, no texto neotestamentário original, escrito em grego, João é o único a referir este pormenor das línguas, que a tradução da Vulgata não mantém na mesma ordem. Vd. *João*, *ibid.*: *Ἐγραφεν δὲ καὶ τίτλον ὁ Πιλάτος καὶ ἔθηκεν ἐπὶ τοῦ σταυροῦ [...] καὶ ἦν γεγραμμένον ἑβραϊστί, ῥωμαϊστί, ἑλληνιστί*. (“E Pilatos escreveu também um letreiro e pô-lo sobre a cruz [...] E estava escrito em hebraico, latim e grego”). Finalmente, os principais códices gregos e a maior parte das versões latinas omitem, em *Lucas* 23, 38, as palavras *litteris Graecis et Latinis et Hebraicis*, pelo que os exegetas costumam considerá-las uma glosa extraída de *João* 19, 20.

Aires Barbosa não teve pois, em conta, para esta referência, o texto grego dos *Evangelhos*, a que, de resto, ele tinha fácil acesso, quer através da primeira edição de Erasmo de 1516, quer pela edição da *Bíblia Poliglota* de Alcalá, que tinha sido posta à venda em 1517.

³³⁹ *Nouae Legis origo*. Todo o Novo Testamento (Nova Lei) foi escrito originariamente em grego, com exceção do Evangelho de S. Mateus, cuja primeira versão foi redigida em aramaico, mas perdeu-se e só se conhece a sua tradução grega feita ainda durante o séc. I.

³⁴⁰ *ut quondam Nelides ... senex..* A exortação de Nestor, filho de Neleu, aos seus soldados é registada em Homero, *Iliada* VI, 66-72, nestas palavras, que passamos a traduzir:

Nestor brada então aos Argivos em alta voz:

“Caríssimos heróis dánaos, servidores de Ares,
que ninguém agora fique para trás a precipitar-se
sobre os despojos para deles carrear quanto possa para os barcos,
mas matemos os homens; depois disso podereis despojar
com tranquilidade os cadáveres caídos no campo de batalha.”

³⁴¹ *Nunquam doctus... articulis*. Vem de longa data o processo de fazer contas pelos dedos. Vd., por exemplo, Plauto, *O Soldado Fanfarrão* 204 e Plínio, *História Natural* XXXIV, 8, 19, § 88. O pensamento expresso neste dístico de Aires Barbosa reflete um passo de Quintiliano, *O Ensino da Oratória* I, 12, 16-17, em que o autor critica os que procuravam na eloquência, não a nobreza desta arte, que é a mais bela do mundo, mas intenções sordidamente lucrativas, quando diz: *Ne uelim quidem lectorem dari mibi, quid studia referant, computaturum*. [“Nem eu quereria sequer que me dessem um leitor que fizesse contas ao lucro que os estudos lhe trariam.”]. Mas o texto de Barbosa é claramente uma adaptação do seguinte dístico de Ovídio, *Pônticas*, II, 3, 17-18, escrito a propósito da amizade interesseira:

*At reditus iam quisque suos amat et sibi quid sit
utilis sollicitis computat articulis.*

[“E agora cada um estima os seus lucros e faz contas
pelos dedos agitados sobre o que lhe traz utilidade.”]

EPIGRAMA 67

³⁴² *Elisabeth... uxor Barbosaes*. O presente epitáfio refere-se, sem dúvida, à morte de Isabel Nieto, a castelhana que lhe deu cinco filhos e que morreu ainda extremamente jovem como diz o texto, e provavelmente antes de 1520 se entendermos referidas a esse facto as palavras do colega e amigo de Aires Barbosa, Pedro Margalho, em carta datada daquele ano, que ele publicou em Salamanca à entrada do seu *Phisices compendium* (fl. I), e que apresentam Barbosa numa situação de múltiplo luto e na disposição de partir para a pátria logo que atinja a sua jubilação daí a cerca de três anos. Deste modo, podemos datar de cerca de 1520 a composição deste epitáfio.

³⁴³ *facunda Solonis... uox*. Contam os historiadores gregos que, durante uma visita que Sólon fizera ao rei Cresos da Lídia na sua corte de Sardes, este, orgulhoso da sua riqueza, perguntara àquele político grego se ele o considerava dentro do número dos homens felizes. Sólon, para o não ferir, não lhe respondeu diretamente, mas teceu largas considerações sobre a instabilidade da riqueza e da felicidade terrena, e concluiu dizendo que a verdadeira felicidade da vida só se pode avaliar no fim da sua carreira. “Considerar feliz quem ainda está em vida e em perigo – dizia ele – não é mais seguro nem mais acertado que proclamar vencedor e coroar o atleta ainda no começo da luta” (vd. Plutarco, *Vidas Paralelas: Sólon*, 27, 9; cf. Heródoto, *Histórias* I, 30-33). Esta conclusão moral de Sólon tornou-se um lugar-comum usado repetidas vezes pelos Trágicos. Vd., por exemplo, Ésquilo, *Agamémnon*, 928-929; e os vv. 1528-1530 com que Sófocles termina *O rei Édipo*. A coincidência da

expressão “*facunda Solonis... uox*” de Aires Barbosa com estoura “*uox iusti facunda Solonis*” da Sátira X, 274, de Juvenal, com que este se refere ao mesmo *topos*, faz supor que o humanista português se terá inspirado diretamente no poeta latino.

³⁴⁴ *quino pignore*. Sabemos pelo testamento de Aires Barbosa o nome de três dos seus filhos: Fernão, herdeiro do nome do avô paterno; Margarida, solteira à data da morte do humanista, e Catarina que recebera o nome de sua avó paterna e era freira do convento do Santo Espírito. Por outro lado, José Pérez Riesco provou documentalmente (vd. *op. cit.*, p. 56) que Fernão Barbosa Nieto voltou a Salamanca e que aí vivia em 1547 como cônego da catedral daquela cidade. O mesmo autor encontrou documentos que mostram tratar-se do mesmo filho de Aires Barbosa, uma vez que ele se apresenta, naquela data, como proprietário e vendedor de terrenos sitos em Esgueira. O mesmo investigador dá, ainda, notícia de duas irmãs de Fernão Barbosa que professaram em Castela e por lá ficaram, as quais não são nem Catarina nem Margarida já conhecidas, mas cujo nome desconhece. Temos, deste modo, completo o número dos cinco filhos referidos no presente epitáfio.

EPIGRAMA 68

³⁴⁵ *Issa*. Deve tratar-se de um nome fictício, ao abrigo dos propósitos enunciados no Epigrama 32, em que o autor explica as razões que o levam a esconder debaixo de um nome falso a verdadeira identidade daqueles a quem censura, e a dizer abertamente o próprio nome de quem elogia. De resto era esta uma prática seguida pelos Clássicos. Marcial, por exemplo, nos seus cerca de cem epigramas em que mais domina o espírito satírico, não cita o nome de uma só das figuras visadas. E esta mesma particularidade se verifica em Lourenço de Cáceres, no seu *Epigrammaton libellus*.

Issa deve ser um desses pseudónimos de que o poeta se serve para verberar a leviandade de certa figura feminina do seu tempo. É provável que este nome lhe tenha sido sugerido pelo daquela cadelinha “Issa” que serviu de tema a um epigrama de Marcial (I, 109), despido aqui, naturalmente, da feição carinhosa em que aquele poeta o envolve e, porventura, tomado, até, num segundo e mau sentido.

³⁴⁶ *prima mali... labes*. Vd. a mesma expressão em Virgílio, *Eneida* II, 97 e em Justino, *Histórias Filípicas* XVII, 1, 5. Cf. pp. 180-181, Epigrama 74, v. 8.

³⁴⁷ *Arma deae castae*. Atena dos Gregos, deusa identificada com a Minerva latina, ficara virgem toda a vida. Por isso Horácio lhe chama *casta* (cf. *Odes* III, 3, 23).

Um dos atributos desta deusa guerreira consistia em presidir à atividade intelectual, sobretudo escolar, e também às artes em geral. Nesta qualidade protegia, em especial, o trabalho das fiandeiras, tecedeiras, bordadeiras, etc., ocupações tidas desde outrora como próprias da mulher. É destas armas que o poeta aqui fala, as quais vêm mencionadas nos versos anteriores 9 e 10. Cf. pp. 180-181, Epigrama 74, v. 6.

³⁴⁸ *signisque tibi respondet amator*. Cf. Ovídio, *Metamorfoses* IV, 63, em que os enamorados Píramo e Tisbe se falavam através de gestos e sinais: “*nutu signisque locuntur*”.

³⁴⁹ *tota fenestra tua est*. Cf. pp. 180-181, Epigrama 74, vv. 5 e 19-20.

³⁵⁰ *locus orandi*. Vd. Vulgata, *Lucas*, 19, 46: *Scriptum est: Quia domus mea domus orationis est*. [“Está escrito: A minha casa é casa de oração”]. Cf. *id.*, *Isaias*, 56, 7.

EPIGRAMA 69

³⁵¹ *basiliscum*. Espécie de serpente fabulosa, descrita pelos Antigos, que tinha, além de outros poderes, o de matar o homem apenas com o seu olhar (vd. entre os gregos, Heliodoro,

As *Etiópicas*, 3, 8, e Eliano, *Histórias dos animais* III, 31; V, 30; e, entre os latinos, por todos, Plínio, *História Natural* VIII, 32, 77; 33, 78; XXIX, 19, 66).

O βασιλίσκος (o “reizinho”) que já vinha mencionado no texto bíblico dos Setenta [*Salmos*, 90(91), 13; *Isaias* 59, 5] e que S. Jerónimo, no primeiro exemplo, latinizou sob a forma *basiliscus* e, no segundo, traduziu pela correspondente latina *regulus*, tornou-se proverbial entre os Padres da Igreja, que lhe associavam muitas vezes o valor simbólico das forças do mal. Santo Agostinho, ao comentar o passo do Salmo 90 [cf. *In Psalm.* 90, 9 (13)], diz: *Rex est serpentium basiliscus, sicut Diabolus rex est Daemoniorum*. (“O basilisco é o rei das serpentes, tal como o Diabo é o rei dos Demónios”). E Santo Isidoro de Sevilha, *Etimologias* V, 8, diz por sua vez: *Aspidem dixit mortem, basiliscum peccatum, leonem Antichristum, draconem Diabolum* (“Disse que a áspide é a morte, o basilisco o pecado, o leão o Anticristo, o dragão o Diabo”).

É provável que Aires Barbosa tenha tido em mente, para além da informação clássica das prerrogativas desta serpente fabulosa, a simbologia que a patrística lhe atribuiu, dado o contexto e a ideia central deste epigrama.

³⁵² *Getulae... leae*. O leão da Getúlia – região do Noroeste da África – era tradicionalmente conhecido pela sua ferocidade (vd. Virgílio, *Eneida* V, 351; Horácio, *Odes* I, 23, 10; III, 20, 2). Vejam-se, todavia, as duas curiosas histórias referidas por Plínio a respeito do comportamento dos famosos leões perante uma jovem desarmada, num caso, e diante dum pastor, no outro (cf. Plínio, *História Natural* VIII, 16, 19, § 48; 16, 21, § 54).

³⁵³ *timidum leporem*. Sobre a proverbial timidez da lebre, vd. Horácio, *Epodos* 2, 35; *Odes* I, 37, 38 e Plínio, *op. cit.*, VIII, 56, 82, 220.

EPIGRAMA 70

³⁵⁴ O destinatário deste epigrama parece ser Lourenço de Cáceres, mestre e secretário do infante D. Luís. A ser verdade e a tomarmos como certa a informação de Barbosa Machado sobre a data da sua morte em 1531, temos neste ano o termo *ad quem* para a própria data da composição deste epigrama.

Aires Barbosa havia dedicado a Cáceres um dístico elegíaco, publicado em 1517 na coleção dos epigramas que acompanham a edição da *Prosodia* e da *Orthographia* (vd. pp. 150-151, Epigrama 45), e mais dois que saíram no *Epigrammaton Libellus* do próprio Lourenço de Cáceres (vd. pp. 150-151, Epigramas 46 e 47). Este dedicara-lhe, por sua vez, um epigrama que faz parte deste mesmo opúsculo (vd. Lourenço de Cáceres, *op. cit.*, fls. Bii e Ciiij). Sobre este autor, vd. a Introdução, pp. 41-42.

O mestre Gonçalves, elogiado neste epigrama, é, segundo a interpretação de Barbosa Machado (vd. *op. cit.*, p. 409), o Doutor Gonçalves Vaz Pinto, natural de Évora, professor de Direito Civil, primeiro em Lisboa desde 1506 e depois em Coimbra após a transferência da Universidade em 1537. Gonçalves Vaz Pinto escreveu dois trabalhos da sua especialidade, mas não há notícia de que se tenha interessado pela poesia. De resto, em 23 de fevereiro de 1510, muito antes da publicação deste epigrama, já ele era doutor e não apenas mestre, como se vê no *Auctarium Chartularii Universitatis Portugalensis*, vol. I (1506-1516), p. 121.

Não sabemos em que se fundamentou Barbosa Machado para considerar referidos a Gonçalves Vaz Pinto os vv. 9-16 deste epigrama, que ele transcreve entre os *testimonia* registados no artigo que lhe dedica. Não sendo aquele jurista conhecido como poeta, parece-nos descabido o elogio que lhe faz este epigrama como sendo um vate consagrado; a menos que Aires Barbosa ironize, e seja este mais um dos juristas frequentemente alvejados pelo humanista. Mas supomos que não.

Trata-se, a nosso ver e até melhor hipótese, de um outro Mestre Gonçalves, provavelmente Gonçalves Gil, nascido em Burgos em 1475, professor de Filosofia Moral em Salamanca, ao que parece desde 1513, e profundo conhecedor de cosmografia, teologia, poesia e oratória. Esta nossa suposição baseia-se no facto de este poeta pertencer ao círculo literário de Lourenço de Cáceres, amigo comum daquele poeta e de Aires Barbosa. De facto, no

Epigrammaton Libellus de Cáceres aparecem poemas destes dois humanistas portugueses e também várias composições trocadas entre o autor do opúsculo e “*Magister Gonsalus Egidius*” (quatro epigramas de Cáceres e cinco de Gonçalo Gil: vd. fls. Aiv, Bi, Bij vº, Biiij - Biiij vº, Ci vº, Cij). É a este Gonçalo Gil que Antonio Honcala dedica a sua *Grammatica propaegnia*, o mesmo que compôs o epigrama de louvor à *Relectio de verbis obliquis* de Aires Barbosa publicada em Salamanca em 1517 (fol. a i). Sobre Gonçalo Gil, vd. Nicolau António, op cit., tomo I, pp. 557; Eugenio Asensio, *Estudios Portugueses*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1974, pp. 165-167; e Vicente Beltrán de Heredia, *Cartulario de la Universidad de Salamanca*, [...], III, 1971, pp. 275-278.

³⁵⁵ *A teneris... unguiculis*. A expressão grega ἐξ ἀπαλῶν ὀνύχων (cf. *Antologia Palatina* V, 129, 1), que Cícero traduziu por *a teneris unguiculis* (cf. *Cartas aos Amigos* I, 6, 2) e Horácio por *de tenero ungui* (cf. *Odes* III, 6, 24), tem sido objeto de dupla interpretação por parte dos filólogos: uns dão-lhe um sentido temporal, pondo em relevo a ideia do adjetivo ἀπαλός (= *tener*), o que leva à tradução literal ‘desde o tempo em que as unhas são tenras’, isto é ‘desde tenra idade’; outros evidenciam a palavra ὄνυξ e dão à frase o sentido geral de ‘desde a ponta das unhas’, ou seja ‘todo’, ‘inteiro’, ‘totalmente’ (cf. Plauto, *Estico* 761 e Apuleio, *Metamorfoses* X, 22).

Aceitando embora a possibilidade de dupla interpretação, inclinamo-nos decididamente para o sentido temporal, que, aliás, Cícero e Horácio preferiram. De resto, Aires Barbosa usa a tradução ciceroniana.

Deste modo, temos aqui o testemunho da precoce atividade poética do humanista português, embora tenhamos de reconhecer que a sua Musa não era de primeira qualidade.

³⁵⁶ *Cirrbaea*. A cidade de Cirra servia de porto marítimo de Delfos no golfo de Corinto. Era frequente, sobretudo entre os poetas, tomar Cirra por Delfos e pelo templo e oráculo de Apolo aí implantados (vd. Lucano, *A Farsália* I, 64; V, 95; Juvenal, *Sátiras* XIII, 79; Séneca, *Hércules sobre o Eta*, 92; id., *Édipo*, 269). É neste contexto que Aires Barbosa aplica o epíteto ‘cirreu’ à atividade poética, presidida por Febo, ou Apolo.

³⁵⁷ *Deli*. Um dos epítetos de Apolo, por ter nascido na ilha de Delos. *Deli* é genitivo de *Delius* com a desinência sob a forma contracta *-i* em vez de *-ii*, como era corrente na época republicana e como ainda o usam com frequência alguns poetas posteriores, por exemplo Horácio (vd. *Epístolas* II, 1, 57: *Afrani* = *Afranii*) e Virgílio (*Eneida* III, 702: *fluui* = *fluuii*).

³⁵⁸ *Thespiadumque*. Sinónimo de Musas derivado do nome de Téspias, cidade da Beócia situada perto do Hélicon, montanha consagrada a Apolo e às mesmas Musas.

³⁵⁹ *Cynthius*. Uma das designações de Apolo, nascido com Diana, sua irmã gémea, no monte Cinto da ilha de Delos.

³⁶⁰ *Aonium*. Aónia é nome mítico da Beócia, onde se encontram o monte Hélicon e a fonte de Aganipe, a que andam ligadas as Musas.

³⁶¹ *Pieridumque*. Epíteto geográfico e patronímico ligado aos montes da Piéria, região do Sudeste da Macedónia, consagrados pelo mito às nove filhas do rei e epónimo local, Píero. Dotadas de voz melodiosa, as Piérides rivalizaram com as nove Musas num concurso realizado no monte Hélicon. Apesar de vencidas, o seu nome é muitas vezes, entre os Gregos e sobretudo entre os poetas latinos, tomado pelo próprio nome das Musas (vd. Pausânias, *Descrição da Grécia* IX, 29, 4, e Ovídio, *Metamorfoses* V, 669 sgs.).

³⁶² Há aqui certas ressonâncias de Lucano, *A Farsália* I, 63-66, que, ao fazer o elogio de Nero no princípio deste poema, toma o imperador por sua divindade inspiradora e renuncia ao deus revelador dos oráculos de Cirra.

EPIGRAMA 71

³⁶³ Este epigrama reflete o ambiente de suborno em que decorriam tantas vezes as eleições dos professores universitários em Salamanca, as quais se realizavam, como se sabe, com a participação dos estudantes como eleitores.

O próprio Aires Barbosa fora vítima de manifesta injustiça por ocasião do seu concurso à cátedra de prima de Gramática, deixada vaga em 20 de novembro de 1503 pelo célebre Élio António de Nebrija.

Apareceram inicialmente seis concorrentes, entre eles Barbosa. Depois da desistência de alguns e apesar de o humanista português ser considerado o melhor de todos, a cadeira foi atribuída a Pedro de Espinosa, que terá conquistado os seus votos entre os estudantes pelo suborno e aliciamento.

Esta derrota injusta e nunca esquecida e o muito que foi observando pelos anos fora levaram Aires Barbosa a intervir publicamente, denunciando aos estudantes a incompetência de certos concorrentes à cátedra, como, por exemplo, no Epigrama 48 intitulado “Advertência aos jovens que vão votar” (*Paraenesis ad iuvenes suffragia datus*) e publicado na coleção dos epigramas que acompanham a edição da *Prosodia et Orthographia*, Salamanca, 1517 (cf. fl. [vij vº e]). Cf. pp. 150-154.

EPIGRAMA 72

³⁶⁴ *Aristidem*. Político ateniense que ficou célebre pela sua honestidade demonstrada sobretudo na organização e gestão do tesouro da Confederação de Delos, que ele ajudou a fundar. O seu desinteresse e espírito de justiça conquistaram-lhe, pela única vez na história antiga, o título de “Justo”. Apesar disso, por certas influências demagógicas, entre as quais se conta a eloquência do seu rival Temístocles, a multidão ateniense fê-lo votar ao ostracismo com um exílio de dez anos. Morreu pobre, quase sem deixar com que ocorrer às despesas do seu funeral, e as suas filhas tiveram de ser dotadas pelo Estado para poderem casar (vd. Plutarco, *Vidas Paralelas: Aristídes*; e Cornélio Nepos, *Aristídes*). O seu exemplo ficou como paradigma da integridade entre os Antigos, que muitas vezes o evocavam a esse título (vd. v. g. Cícero, *Defesa de Séstio* 67, 141; id., *Tusculanas* V, 36, 105).

³⁶⁵ *Gnathonibus*. Gnatão é nome da personagem do parasita na comédia de Terêncio, *O Eunuco*, em que um dos passos que melhor a descrevem são os vv. 232-264. Ficou na literatura como símbolo e sinónimo do adulator e falso amigo (cf. Cícero, *A Amizade* 25, 93) e do mau conselheiro devorador de fortunas alheias (cf. id., *Filípicas* II, 6, 15). Vd., ainda, Sidónio Apolinário, *Epístolas* III, 13, 1, em que é evocado este mesmo tipo terenciano e se faz uma desenvolvida descrição do parasita.

Pela referência aos dois nomes, de Gnatão e de Aristides, Aires Barbosa consegue concentrar num só verso a força de uma sátira inteira contra a vida da corte, em consonância com atitudes idênticas por parte de outros humanistas portugueses de Quinhentos, em textos quer em latim quer em vulgar.

EPIGRAMA 73

³⁶⁶ *scindi studia in contraria uulgu*. Quando Virgílio descreve, pela boca de Eneias (vd. *Eneida* II, 25-39), a surpresa que entre os Troianos causou o célebre cavalo de Troia abandonado pelos Gregos no seu acampamento, aparentemente deserto por uma fictícia retirada, diz-nos que no meio daqueles se gerara discórdia quanto ao rumo a dar àquele gigantesco ídolo. E o poeta de Mântua termina esse pequeno relato com o verso seguinte: *Scinditur incertum studia in contraria uulgu*. Aires Barbosa, ao encabeçar o presente epigrama com uma frase claramente inspirada no referido passo virgiliano, estabelece significativo paralelo entre a discussão dos chefes troianos perante uma questão da máxima importância militar e a querela que dividia os gramáticos do século XVI à volta de assuntos que eram verdadeiras *nugae*, mas que eles tomavam como pontos de honra nacional, como o humanista refere nos vv. 15-18.

Não podemos deixar de ver no tom geral deste poema uma forte carga de ironia, tão própria do género epigramático.

A querela dos gramáticos entre nós já vinha de trás, pelo menos da segunda década do século XVI, quando se desencadeou, por motivos embora algo diferentes, uma guerra aberta entre os promotores da nova arte de gramática e os defensores do ensino tradicional, como o testemunha o “Prólogo” da *Nova arte de gramática* de Estêvão Cavaleiro, publicada em Lisboa em 1516. Veja-se, a este propósito, o notável artigo de Américo da Costa Ramalho “Um capítulo da história do Humanismo em Portugal: o ‘Prologus’ de Estêvão Cavaleiro”. Separata de *Humanitas* XXIX-XXX (Coimbra, 1978), 51-74.

³⁶⁷ *schematos*. A palavra σχήμα, que na terminologia oratória grega significa ‘figura de retórica’ (vd. Platão, *Íon* 536c) e que Quintiliano (*O Ensino da Oratória* I, 8, 16) traduz a primeira vez por *figura*, pertence ao grupo dos nomes gregos do género neutro que tiveram dentro da morfologia latina fundamentalmente dois tratamentos. O primeiro consistiu na tendência de os considerar femininos, sobretudo na língua falada, e de os integrar no paradigma dos nomes de tema em -a (vd. Plauto, *Anfitrião*, 117; id., *Persa*, 463). O segundo deve-se ao esforço dos gramáticos no sentido de os encaixar num modelo morfológico semilatio e semigrego do tipo *schema*, -atis, da terceira declinação.

A forma do genitivo em -atos não é corrente dentro deste paradigma. Assim, preferimos considerar como puro grecismo a forma *schematos* do texto de Barbosa, e por isso a sublinhamos. Note-se que Cícero transcreve esta palavra geralmente em caracteres gregos (cf. *Bruto* 37, 141; *O orador* 25, 83; 54, 181) ao contrário de Quintiliano, *op. cit.* I, 5, 52; 8, 16; IV, 1, 49; 5, 4; V, 10, 71; etc.

³⁶⁸ *personatum... uerbum*. A questão dos verbos pessoais e impessoais – motivo de discórdia entre os universitários da especialidade, em Salamanca – levava Aires Barbosa a tratar especificamente deste assunto em pública releção durante o ano lectivo de 1510-1511, e a publicar o resultado destas lições, a pedido dos alunos, no final do mesmo ano, com o título *In uerba M. Fabii: “Quid quod et reliqua”*. *Relectio de uerbis obliquis*, Salamanca, 1511.

³⁶⁹ *Stentor... et Gradivus*. Estentor é nome de um herói homérico, célebre pela sua voz extremamente forte (vd. Homero, *Íliada* V, 784-791). Gradivo é um dos epítetos de Marte que os Latinos faziam derivar erradamente de *gradior* ‘avançar para o combate’.

A evocação simultânea destes dois nomes num mesmo contexto permite-nos supor que o humanista se inspirou no seguinte passo de Juvenal, *Sátiras* XIII, 112-113:

*Tu miser exclamas, ut Stentora uincere possis,
Vel potius quantum Gradivus Homericus [...]*

[“Tu, infeliz, gritas tanto que podes suplantar Estentor,
ou antes, tanto como o Gradivo homérico.”]

³⁷⁰ *clamorit caelo*. Vd. idênticas frases consagradas em Virgílio, *Eneida* V, 451 e XI, 192.

³⁷¹ *pro numinis aris... pignoribusque suae*. A trilogia “Deus, Pátria e Família” já vem dos Clássicos. Salústio usa-a pelo menos duas vezes em frases de contexto semelhante a este passo de Aires Barbosa: *Illi mihi disseruisse uidentur de poena eorum qui patriae, parentibus, aris atque focus bellum parauere* [“Parece-me que eles dissertaram acerca da pena daqueles que moveram guerra contra a sua pátria, seus pais, seus altares e seus lares] (vd. *Conjuração de Catilina* LII, 3); *Pro patria, pro liberis, pro aris atque focus suis certare* [“lutar pela sua pátria, por seus filhos, por seus altares e por seus lares”](vd. *ibidem*, LIX, 5). Expressões equivalentes aparecem, também, em Tito Lívio, *História Romana* V, 30, entre outros.

³⁷² *ueteres*. Para o Autor, os Antigos são naturalmente os representantes de toda a cultura clássica greco-latina, mas são-no dum modo especial os Gregos. Um dos testemunhos deste seu apreço pela *auctoritas ueterum* vem registado na sua *Relectio de Verbis Obliquis*, em que Barbosa recorre ao valor dos Maiores para definir e afirmar a existência dos verbos pessoais

e impessoais (cf. *op. cit.*, fl. [b vij]). Sobre a questão dos Antigos, cujo testemunho era banido pelos gramáticos medievais, vd. Francisco Rico, *op. cit.*, p. 12 sgs.

³⁷³ *multorum capitum behua*. Evocação do cão de guarda das entradas infernais, o Cérbero, cujo número de cabeças variou com a imaginação dos poetas (cem, segundo Píndaro, *Frg. incert.* 162, e Horácio, *Odes* II, 13, 34; cinquenta, segundo Hesíodo, *Teogonia*, 312; mais correntemente, três: Horácio, *ibid.*, 19, 31), ou mais provavelmente a Hidra de Lerna, dos trabalhos de Hércules.

De qualquer modo, este monstro representa aqui a barbárie, para cuja extinção muito contribuiu o esforço hercúleo de Aires Barbosa. Cf. pp. 202-203, Epigrama 103.

EPIGRAMA 74

³⁷⁴ Sobre a figura de Issa e o tema de que é pretexto, vd. pp. 174-177, Epigrama 68.

³⁷⁵ *uellerere ... acu*. Cf. *ibidem*, vv. 8-9 e 21-22.

³⁷⁶ *Cuiuscumque mal*. Cf. *ibidem*, v. 7.

³⁷⁷ *tibi grata fenestra est*. Cf. *ibidem*, v. 22.

³⁷⁸ É antiga a tradição de considerar a maçã como símbolo de amor e sedução, e o lançá-la a alguém como forma de o declarar. Teócrito regista esse recurso no *Idílio* 79 (78), v. 88-89, quando uma jovem atira maçãs ao cabreiro, se ele passa com suas cabras, murmurando baixinho; Aristófanes evoca o mesmo hábito em *Nuvens*, 997; entre outros. Mas testemunhos ainda mais expressivos dentro da literatura grega encontram-se, por exemplo, em dois epigramas de Platão incluídos na *Antologia Grega (Antologia Palatina)*, V, 79 (78) e 80 (79), que poderão ter inspirado Aires Barbosa.

EPIGRAMA 75

³⁷⁹ Os autores antigos afirmam em geral que o fabuloso dragão não dispõe de veneno. Plínio, por exemplo (vd. *História Natural* XXIX, 20, 67), diz expressamente: *Draco non habet uenena*. E Lucano, em longa prosopopeia a respeito dos répteis da Líbia (vd. *A Farsália* IX, 587 sgs.), dirige-se aos dragões nestes termos (vv. 727 sgs.): *Vos quoque, qui [...] datis omnia leto, nec uobis opus est ad noxia fata ueneno*. [“e também vós que (...) entregais tudo à morte e não precisais de veneno para a destruição fatal”].

Há, porém, uma certa imprecisão nos Clássicos acerca deste animal e verifica-se frequente confusão com outros tipos de serpentes, reais ou igualmente fantásticas, providas de veneno.

Aires Barbosa, usando em duplo sentido a palavra *draco*, refere-se, evidentemente, ao famoso ateniense Drácon, legislador que a história celebra pela dureza das suas leis. O humanista português inspira-se em Putarco, *Vidas Paralelas: Sólon*, 17, 1-3, que, ao recordar as leis draconianas humanizadas por Sólon no princípio do seu governo, evoca a figura de um cidadão ateniense, Démades, a quem se deve a célebre sentença de que Drácon escrevera as leis não com tinta mas com sangue (ἔτι δι' αἵματος, οὐ διὰ μέλανος τοὺς νόμους ὁ Δράκων ἔγραψεν). Diríamos que Barbosa carregara ainda mais as tintas da sua sátira, ao transformar o sangue em veneno, se esta ideia não tivesse sido já expressa pelo seu mestre Policiano no seguinte dístico que este incluiu nos seus epigramas latinos e que terá sido provável fonte direta do humanista português (vd. *Angeli Politiani opera...* Tom. III, Lião, 1537, p. 312):

IN LEGES EXTEMPORALE

*Inuentum Attaei dicuntur iura Draconis,
vera est fama nimis, nil nisi uirus habent.*

[“IMPROVISO CONTRA AS LEIS

Dizem que as leis são invenção do ateniense Drácon,
e é fama bem verdadeira que elas nada têm senão veneno.”]

A forma *Attaei* parece ser o genitivo do adjetivo *Attaeius* forjado pelo mestre florentino em substituição de *Attici*, por exigência da métrica. Por outro lado, além da eclipse entre *inuentum* e *Attaei*, a semivogal *-i-* de *iura* funciona como vogal, por diérese, para que o verso conte como hexâmetro deste dístico elegíaco.

EPIGRAMA 76

³⁸⁰ *Frontonem*. Sobre os nomes fictícios das figuras visadas em alguns dos epigramas de Aires Barbosa, veja-se p. 306, a nota 345 do Epigrama 68 “Contra Issa”. No caso presente é provável que este antropônimo seja uma evocação de Cornélio Frontão, célebre literato, mestre e orador romano do séc. II d. C., que alcançou, no tempo do imperador Adriano, fama de ser o melhor advogado de Roma e cujo nome ficou ligado à linguagem jurídica nos “decretos frontonianos”. Barbosa dirige-se novamente a um “Frontão” nos Epigramas 52, 87, 88 e 109 da presente edição, pp. 156-157, 190-191 e 208-211.

³⁸¹ *utrumque forum*. Isto é, do foro do direito civil (ou das *leis*) e do foro do direito eclesiástico (ou dos *cânones*).

³⁸² O mesmo pensamento se encontra expresso em Cícero, *Defesa de Murena* 12, 27, nestes termos: *Nam cum permulta praeclare legibus essent constituta, ea iure consultorum ingenii pleraque corrupta ac deprauata sunt*. (“Na verdade, embora uma grande quantidade de regras tivesse sido brilhantemente estabelecida pelas leis, a maior parte delas foi corrompida e depravada pelas fantasias dos jurisconsultos.”).

³⁸³ *Protea*. Deus marinho e vassalo de Posídon, o soberano do mar, e que, além do dom da profecia, tinha o privilégio de poder tomar as mais variadas formas, de entre os seres quer vivos quer inanimados (vd. Homero, *Odisseia* IV, 384 sgs.; Virgílio, *Geórgicas* IV, 386 sgs., em especial 440-442; Ovídio, *Metamorfoses* VIII, 728-737). Camões, *Os Lusíadas* VII, 85, 3-4, refere-se ao poder transformador de Proteu nestes termos: “E que [...] / se muda em mais figuras que Proteio”.

³⁸⁴ *Azo*. Ázone (Azzone dei Porci), jurista natural de Bolonha e falecido cerca de 1230, foi um dos principais representantes da escola dos glosadores. De entre as suas obras, ficaram célebres as *Summae* às Instituições e ao Código, que constituíram, durante séculos, o manual clássico do jurista. A fama de Ázone adquiriu caráter proverbial com a frase “Chi non ha Azzo non vada a palazzo”. As *Summae* eram bem conhecidas de Aires Barbosa, pois o seu uso tornara-se corrente em Salamanca e nas outras universidades europeias, dadas as várias dezenas de edições que se fizeram desta obra entre 1482 e 1610.

EPIGRAMA 77

³⁸⁵ *Vruenam*. Urenha é município da província de Valhadolid, situado entre Toro e Medina de Rioseco. Foi teatro de acontecimentos relevantes para a história de Espanha: no seu castelo mandou Pedro, o Cruel, matar sua esposa D. Branca de Borbón, e nele estiveram presos o conde de Urgel, pretendente à coroa de Aragão, e Álvaro de Luna. Durante a Guerra das Comunidades, instalaram-se nesta vila os Comuneros, em 1520.

³⁸⁶ *A caelo*. Com a expressão *a caelo* quer o Autor estabelecer uma certa relação de proveniência etimológica entre o nome desta vila espanhola, *Ureña*, e o nome de *Vrania* (do grego Οὐρανία ou Οὐρανίη, a ‘Celeste’; cf. Οὐρανός ‘Céu’), a Musa da astronomia.

EPIGRAMA 78

³⁸⁷ *In Isacidem*. Este epigrama é uma sátira ao judeu mal converso. O próprio nome *Isácides* parece forjado pelo humanista e contém já, no hibridismo da sua composição,

uma velada crítica. Trata-se, com efeito, de um composto resultante da junção do antropónimo hebraico *Isac*, ou *Isaac*, com o sufixo patronímico *-ides* de origem greco-latina e equivale, assim, a ‘Filho, ou descendente de Isac’. É uma fórmula hebraica sob uma forma híbrida.

Talvez Aires Barbosa tenha querido, com este aberrante composto de dois elementos pertencentes a línguas e culturas diferentes, exprimir a sua convicção – e porventura o pensamento de muita gente do seu tempo – de que um judeu-cristão era enxerto que não pegava.

³⁸⁸ *Solyma* é forma reduzida de *Hierosolyma*. Esta, pela sequência contínua de pelo menos cinco sílabas breves, não podia entrar no verso dactílico. Daí o facto de a forma abreviada se encontrar mais frequentemente entre os poetas (vd. v. g. Marcial, *Epigramas* VII, 55, 7; XI, 94, 5; Juvenal, *Sátiras* VI, 544).

³⁸⁹ *Falleris ... agit*. Há nestes versos 9-10 uma crítica à insinceridade da conversão de muitos cristãos-novos, problema que vinha já desde o reinado de D. João II. Agravou-se, porém, no tempo de D. Manuel I, a partir do fim do séc. XV, com as conversões forçadas, destinadas a neutralizar, de certa maneira, os efeitos desastrosos que o decreto de expulsão dos Judeus representaria para o país, sobretudo no campo económico.

O desconhecimento (ou a recusa) que este judeu baptizado revela da ressurreição de Cristo – dogma fundamental da doutrina cristã, que sem ele perdia todo o sentido, no dizer de Paulo (*1 Coríntios*, 15, 14) – e que o humanista português põe em relevo no conteúdo de todo este epigrama, parece confirmar a sua intenção satírica.

³⁹⁰ *tuus... uates*. O vate aqui evocado é o rei David, que, numa das suas poesias sobre a confiança no Senhor e a esperança na eternidade, diz (cf. Vulgata, *Salmos* 15, 10):

*Quoniam non derelinques animam meam in Inferno,
nec dabis sanctum tuum uidere corruptionem.*

“Pois não abandonarás a minha alma ao Inferno,
nem permitirás que o teu santo se defronte com a corrupção.”

Este versículo, segundo a interpretação dos Apóstolos, não é uma referência apenas a David, que, afinal, morreu e não ressuscitou, mas contém uma profecia messiânica relativa à ressurreição de Cristo (vd. Vulgata, *Atos* 2, 25-36; 13, 34-35).

EPIGRAMA 79

³⁹¹ Este epigrama reitera o protesto de gradidão de Aires Barbosa ao seu mecenas, o cardeal-infante D. Afonso, como noutras composições, designadamente nos Epigramas 62 e 97 (vd. pp. 166-169 e 196-197).

EPIGRAMA 80

³⁹² Este epigrama enquadra-se na polémica levantada à volta da profecia de um segundo dilúvio universal anunciado pelo *Almanach* de J. Stoeffler e J. Pfaum, de 1499, que previa a conjunção dos planetas Saturno, Júpiter e Marte para os dias 4 e 5 de fevereiro de 1524, sob o signo do Peixe. Esta previsão suscitou em toda a Europa culta do tempo uma polémica que produziu literatura abundante sobre o assunto. Entre nós é notável a obra de Fr. António de Beja, *Contra os Juízos dos Astrólogos*, publicada em Lisboa por Germão Galharde em 1523. Sobre este assunto vd. Joaquim de Carvalho, “O livro *Contra os Juízos dos Astrólogos* de Fr. António de Beja e as suas fontes italianas”, *Estudos sobre a Cultura Portuguesa do séc. XVI*, Vol. I, Coimbra, 1947, pp. 185-212, e José V. de Pina Martins, “Fr. António de Beja contra a astrologia judiciária”, *As Grandes Polémicas Portuguesas*, dir. de Artur Anselmo, Vol. I, Lisboa, Editorial Verbo, 1962, pp. 87-106. Garcia de Resende recorda o facto na sua *Miscelânea*, escrita entre 1530 e 1533 (cf. Garcia de Resende, *Crónica de Dom João II e Miscelânea*. Nova

edição conforme a de 1798. Com introdução de Joaquim Veríssimo Serrão. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1973, p. 371), nestes termos:

Vimos ha astrologia
mentir toda em todo mundo,
que toda juncta dizia,
que em vinte e quatro auia
de auer deluuio segundo;
e seco vimos o anno,
e bem claro o engano,
em que astrologos estauam,
pois dantes tanto affirmauam
por chuuas auer grã dâno.

³⁹³ *saecula Pyrrhae*. Cf. Horácio, *Odes* I, 2, 5-4: “[...] *terruit gentis, graue ne rediret / saeculum Pyrrhae* [...]”.

³⁹⁴ *Deucalionis aquae*. Deucalião e Pirra, sua mulher, foram os únicos sobreviventes do dilúvio com que Zeus destruiu a Humanidade. Sobre este cataclismo mitológico, vd., por todos, Ovídio, *Metamorfoses* I, 313-415.

³⁹⁵ *Parnassi*. As águas do dilúvio deixaram a descoberto, segundo o mito, apenas os dois cumes mais altos do Parnasso, onde aportou a barca de Deucalião e Pirra (vd. nota anterior, *op. cit.*, 316-319).

³⁹⁶ Vv. 7-10. Exemplo curioso da simbiose que os humanistas estabeleciam tantas vezes entre os dados da Sagrada Escritura e os da cultura greco-romana. Aires Barbosa considera que é o mesmo o acontecimento relatado por aquela dupla fonte. Sobre o dilúvio bíblico, vd. Vulgata, *Génesis* 6, 1 sgs.

³⁹⁷ *momenta ... uel tempora*. Cf. Vulgata, *Atos dos Apóstolos* 1, 7: *Dixit autem eis: Non est uestrum nosse tempora uel momenta, quae Pater posuit in sua potestate*. (“E Deus disse-lhes: Não vos compete conhecer os tempos nem os momentos que o Pai fixou com a sua autoridade”).

É evidente a ironia de Aires Barbosa (segunda parte do v. 14) contra os astrólogos, que, na sua previsão de um dilúvio, viram o povo enfrentar no ano de 1524 uma das maiores secas do século XVI em Portugal.

EPIGRAMA 81

³⁹⁸ O destinatário deste epigrama é D. Alonso de Fonseca y Acevedo, o terceiro deste nome na série dos três arcebispos compostelanos, Alonso I, falecido em 1473, Alonso II seu sobrinho e sucessor até 1508, data em que resignou a favor de seu filho Alonso III a quem se refere este epigrama.

D. Alonso III de Fonseca nasceu em Santiago cerca de 1475, estudou em Salamanca, foi cónego da Sé de sua cidade natal a partir de 1490 e, pouco depois, arceediago da mesma. Foi arcebispo desta mitra desde 1508 até 1524, ano em que tomou posse da Sé de Toledo, onde morreu em 1534.

Fundou em Santiago um colégio com o seu nome e outro em Salamanca, chamado o Colégio “do Arcebispo”. Prestou largos serviços ao imperador Carlos V e dispensou interesse e proteção aos literatos. Correspondeu-se com Erasmo, a quem concedeu uma pensão de duzentos ducados e dele recebeu a dedicatória da edição das obras de Santo Agostinho. Foi na qualidade de arcebispo de Toledo que D. Alonso de Fonseca integrou a embaixada castelhana destinada a receber junto da fronteira do Caia, em 14 de fevereiro de 1526, a infanta D. Isabel, irmã de D. João III e noiva de Carlos V (vd. Fr. Luís de Sousa, *Anais de*

D. João III. Com prefácio e notas do Prof. M. Rodrigues Lapa, Vol. I, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1951, pp. 268 sgs.).

³⁹⁹ *Thoma*. Deve tratar-se do Doutor Tomás que prestou juramento como leitor no Estudo de Salamanca em 1 de maio de 1503 no mesmo dia em que Aires Barbosa o fez também *de bene legendo* como professor proprietário da cadeira de Retórica [vd. Joaquim Veríssimo Serrão, *Portugueses no Estudo de Salamanca. I (1250-1550)*. Lisboa, 1962, pp. 153 e 157]. É provável que seja, afinal, Tomás de São Pedro, catedrático de Prima de Leis na Universidade de Salamanca desde 26 de janeiro 1508 até à sua morte, ocorrida em 26 de outubro de 1526 (vd. Enrique Esperabé Arteaga, *op. cit.*, tomo II, pp. 290 e 398).

A ser assim, vê-se agora que o Doutor Tomás foi especialista de direito civil e canónico e que terá sido nesta qualidade que lecionou em Salamanca. Ficamos também a saber que terá sido mestre particular do arcebispo de Compostela, D. Alonso de Fonseca.

Sobre o confronto entre a atividade literária e a jurídica e o proveito material de cada uma, vejam-se os Epigramas 83 e 93, pp. 186-187 e 194-195.

⁴⁰⁰ *si uacuum est usquam*. Alusão ao conceito de vácuo e à questão da sua existência ou negação por parte dos filósofos desde a Antiguidade: defendida por Demócrito e outros atomistas, foi negada por Parménides, Aristóteles e, mais proximamente, pelos Escolásticos, a quem se atribui o célebre adágio *natura abborret a uacuo*.

⁴⁰¹ Cf., Epigrama 83, v. 4, pp. 186-187.

⁴⁰² Cf., *ibidem*, vv. 7-8.

⁴⁰³ Sobre o tema proverbial do lavar e semear na areia da praia, vd. pp. 122-123, Epigrama 16, v. 20, e pp. 186-187, Epigrama 36, vv. 3-4 e notas.

⁴⁰⁴ *tacito rides... naso*. Marcial, num dos seus epigramas (vd. V, 19), dirige-se ao imperador Domiciano lamentando-se do abandono a que eram votados os pobres e os velhos amigos por parte dos senhores do dinheiro. Numa época presidida por Apolo e Minerva – os deuses protetores da arte, da ciência e da cultura –, Marcial aponta o contraste da ingratidão dos poderosos endinheirados para com os amigos de outrora como o maior defeito da sua idade. Pede que ao menos o imperador o proteja, e termina o epigrama com este dístico:

*Iam dudum tacito rides, Germanice, naso
utile quod nobis do tibi consilium.*

[“Desde há muito que te ris, Germânico, de nariz silencioso, porque é de meu interesse o conselho que te dou.”].

É manifesto que Aires Barbosa se inspirou neste epigrama. E não apenas no seu dístico final, pois toda a intenção dos seus próprios versos são uma crítica à ingratidão com que tantas vezes os beneficiários da cultura humanística recompensavam os seus mestres. Recorde-se Cataldo Sículo, mestre de príncipes e de nobres, que anos atrás se queixava a cada passo de lhe não pagarem o seu trabalho (vd., a este propósito, Américo da Costa Ramalho, *Estudos sobre a Época do Renascimento*, Coimbra, 1969, pp. 59-60).

EPIGRAMA 82

⁴⁰⁵ Reflexo do provérbio grego “De mau corvo, mau ovo” (cf. Eliano, *Da Natureza dos Animais* III, 43) e com equivalência portuguesa no provérbio “Cria o corvo, tirar-te-á o olho”.

EPIGRAMA 83

⁴⁰⁶ *Miranda Georgi*. Não conseguimos identificar este Jorge Miranda (ou de Miranda), mas admitimos que possa tratar-se de um trisneto de Martim Afonso de Miranda, filho do

Doutor Martim Afonso de Lisboa, que foi arcebispo de Braga entre 1398 e 1416. A família dos Mirandas esteve sempre muito ligada à Corte: Francisco de Miranda, pai de Jorge de Miranda, tinha a comenda da alcáçova de Évora e casou com uma filha do camareiro-mor e guarda-mor do infante D. Fernando, filho de D. Manuel I; um irmão do avô do mesmo Jorge de Miranda, Simão de Miranda, fora camareiro-mor e guarda-mor do infante D. Henrique, e um irmão daquele fora monteiro-mor do infante D. Luís.

⁴⁰⁷ *Bartholus, aut Abbas, aut Libs Auicena*. Bártolo foi um famosíssimo jurista italiano da escola dos comentadores da primeira metade do séc. XIV, cujas opiniões constituíram, durante largos séculos, direito subsidiário em quase toda a Europa, incluindo Portugal.

Abbas Panormitanus é o nome com que ficou geralmente conhecido Niccolò de'Tedeschi, canonista italiano nascido em Catânia em 1386 e falecido em Palermo em 1445. O Abade Panormita ensinou direito canónico em várias universidades de Itália, professou na Ordem beneditina, foi abade de Miniaci, arcebispo de Palermo e cardeal. Mas a sua fama advém-lhe dos seus magistrais comentários às *Decretais*, às *Clementinas* e a outros documentos jurídicos.

Quanto a Avicena, é sabido que o mundo latino, depois de séculos de esquecimento do património clássico, veio a redescobrir, já na alta Idade Média, as fontes da filosofia e da ciência grega através dos grandes filósofos e enciclopedistas árabes, entre eles Averróis e Avicena. Por isso eram estes bem conhecidos e estudados pela Escolástica e ainda na época do Renascimento. A designação de 'líbrio' é muitas vezes usada pelos Antigos como sinónimo de africano em geral e mesmo de persa. É, evidentemente, neste último sentido que Barbosa a utiliza, pois Avicena era natural de Afshana perto de Bucara no Turquestão, onde nascera em 980. Este sábio oriental deve ser aqui evocado por Aires Barbosa talvez na qualidade de um dos maiores representantes da ciência médica estudados no seu tempo, dado que o humanista português envolve nas suas sátiras os juristas e os médicos como uma das classes privilegiadas da sua época, em oposição aos literatos, cuja arte não trazia compensações materiais (cf. pp. 192-193, Epigrama 92, em especial v. 7).

⁴⁰⁸ *labor est dulcis*. Cf. pp. 184-187, Epigrama 81, vv. 15-16.

⁴⁰⁹ *Ne sit barbaries ... nihil*. Verso decalcado em Ovídio, *Amores* III, 8, 4: *At nunc barbaria est grandis, habere nihil*. ("Mas, agora, grande barbárie é não ter nada".)

⁴¹⁰ *infrugiferam contra sulcamus arenam*. Vd. o mesmo *topos* no Epigrama 16, v. 20, e no Epigrama 36, v. 4, pp. 122-123 e 142-143, e respetivas notas.

⁴¹¹ *Rbetorica... exordia centum*. É com base neste verso que se tem atribuído a Aires Barbosa a autoria de um trabalho de Retórica (vd. Diogo Barbosa Machado, *op. cit.*, p. 77). Parece-nos, porém, que a expressão *centum exordia rhetorica* é demasiado ambígua para se poder tirar dela tal conclusão. O número cem significa frequentemente uma quantidade indefinida, e "exórdios" podiam ser, por exemplo, todos os prefácios e introduções às releções e demais trabalhos publicados por Aires Barbosa, designadamente: *In uerba M. Fabii: "Quid? quod et reliqua. Relectio de uerbis obliquis*, Salamanca, 1511, fls. a i vº sgs.; *Relectio cui titulus Epometria*, Salamanca, 1515, fls. Aj vº - Aiiij vº; *Aratoris cardinalis historia apostolica cum commentariis*, Salamanca, 1516, fls. ii - iiij vº e fls. cii - ciiij vº; *Relectio cui titulus Prosodia*, Salamanca, 1517 fls. ai vº - aiiij; *Praefatio in Relectionem cui titulus Orbographia* (cf. *ibidem*, fls. biiij vº - bvj vº); *Praefatio in Antimoriam* (cf. *ARII BARBOSAE / Lusitani Antimoria* [...], Coimbra, 1536) fls. III - VI vº). Vd. Sebastião Tavares de Pinho, "Aires Barbosa e os seus 'cem exórdios' ", *Humanismo em Portugal – Estudos I*, Lisboa, INCM, 2006, p. 115-128.

EPIGRAMA 84

⁴¹² O título deste epigrama faz supor que Aires Barbosa o terá composto nos últimos anos da sua vida (não, porém, depois de 1536, ano da sua publicação), ou quando, por

razões de saúde, supunha que a morte se aproximava. De qualquer modo, o texto fala expressamente do receio da morte e do juízo final.

⁴¹³ *tenebrosi carceris*. Referência às teorias platônicas da origem celeste da alma e da sua encarnação transitória no corpo humano, largamente desenvolvidas no *Fédon*. Vem já daqui (vd. *ibid.*, 67 D) a imagem do corpo considerado como cárcere da alma, ideia retomada pelos autores latinos, sobretudo Cícero (vd. *Tusculanas* I, 30, 74; 31, 75; *A Amizade* 4, 14; *A Velbice* 21, 77). São, ainda, de Cícero, *A República* VI, 14, 14, estas palavras: *Immo uero, inquit, hi uiuunt qui e corporum uinculis tamquam e carcere euolauerunt, uestra uero quae dicitur uita, mors est.* (“Ao contrário, diz ele, os que verdadeiramente vivem são esses que voaram e se escaparam do corpo como se fosse de um cárcere; e aquela a que chamam vida é a vossa verdadeira morte.”).

⁴¹⁴ *Namque ... quali Mezentius*. Mezêncio foi rei de Cere, antiga capital da Etrúria, e aliado dos Rútulos contra os Latinos e Troianos nas origens de Roma, quando estes, chefiados por Eneias, procediam à sua implantação no Lácio. Segundo a versão virgiliana, a tirania exercida por Mezêncio sobre os seus súbditos levou o povo a revoltar-se contra ele e a persegui-lo, obrigando-o a refugiar-se na corte de Turno, rei dos Rútulos. Entre os castigos aplicados pelo tirano aos seus concidadãos, conta-se a pena capital que consistia em amarrar o condenado, frente a frente, a um cadáver em putrefação, deixando-o morrer assim lentamente e apodrecer com ele.

Para os versos 5-10, confronte-se o seguinte passo de Virgílio, *Eneida* VIII, 485-488:

*Mortua quin etiam iungebat corpora uiuis,
componens manibusque manus atque oribus ora,
tormenti genus, et sanie taboque fluentes
complexu in misero longa sic morte necabat.*

[“Para cúmulo, atava os corpos mortos aos vivos, unindo mãos com mãos e rostos com rostos, novo gênero de tortura, e, banhados de sangue podre e pus, assim os matava no horroroso abraço de uma longa morte.”].

Vd., ainda, para o verso 7, *id.*, *ibid.*, VI, 726-727:

[.....] *totamque infusa per artus
mens agitat molem et magno se corpore miscet.*

[.....]“e a mente, infundida através dos membros, move a mole inteira e mistura-se com a grandeza do corpo.”].

Ângelo Policiano trata deste mesmo tema na sua *Praelectio in Priora Aristotelis Analytica, titulus Lamia* (vd. *Angeli Politiani opera...*, Tom. III, Lião, 1537, pp. 16-17). O mestre florentino, ao tecer largas considerações sobre o que ele entende por filósofo, fala da transitoriedade da vida terrena, servindo-se da mesma imagem platônica da alma atirada para este cárcere que é o corpo humano, evoca também o passo virgiliano referente a Mezêncio e transcreve os próprios versos do Mantuano. A semelhança de contexto faz crer que Aires Barbosa terá tido também presente esta fonte do seu mestre de Florença.

⁴¹⁵ *Iro Dulichio Croesus*. Creso, rei da Lídia, famoso pelas suas opulências, ficou entre os Antigos como símbolo da riqueza, enquanto que Iro, mendigo da casa de Ulisses e referido por Homero (*Iliada* XVIII, 1 sgs.), se tomava como exemplo proverbial da miséria.

O contraste entre as duas figuras é evocado frequentemente pelos poetas latinos, entre eles Ovídio, *Tristes* III, 7, 42 (*Irus est subito, qui modo Croesus erat*); Marcial, *Epigramas* V, 37, 8-9 (*Croesus diuittior licet fuissem, / Iro pauperior forem*) e Propércio, *Elegias* III, 3, 39 (*Lydus Dulichio non distat Croesus ab Iro*). Dulíquio era uma pequena ilha a Sudeste de Ítaca, pátria de Ulisses. Os poetas latinos costumavam, porém, identificar as duas ilhas.

⁴¹⁶ *pulis ubique sumus*. A ideia de que somos pó ou cinza vem desde os Gregos, da habitual prática da incineração dos corpos após a morte. Assim, Sófocles, *Electra* 1159, fala de “cinza e sombra vã” (σποδὸν τε καὶ σκιὰν ἀνωφελῆ). Entre os Latinos, Horácio afirma em

Odes IV, 7, 16, que “*pulvis et umbra sumus*” – a ‘cinza’ da urna funerária e a ‘sombra’ do nosso espectro rarefeito, nas regiões infernais.

Na tradição bíblica, a mesma ideia do pó que somos aparece desde o livro do *Gênesis* 3, 19 (*quia pulvis es et in pulverem reuerteris*) até ao *Eclesiástico* 10, 9, passando por *Job* 4, 19; *Salmos* 102, 14; 103, 29; *Eclesiastes* 12, 7; *Sabedoria* 2, 3; etc.

⁴¹⁷ *toga rasa*. A *toga rasa* era feita de lã fina (*ex lana minime uillosa*, segundo a definição do lexicógrafo Forcellini) de modo a tornar-se uma roupa leve para uso no Verão. Cf. Marcial, *Epigramas* II, 85, 4.

⁴¹⁸ *dormire mori appellat*. É muito frequente nos textos bíblicos tanto do Antigo como do Novo Testamento o uso do eufemismo ‘dormir’ em substituição do verbo ‘morrer’ ou expressões equivalentes (vd. Vulgata, *Deuteronomio* 31, 16; *III Reis* 2, 10; *Sabedoria* 3, 1-3; *Atos* 7, 60; etc.). E também os Clássicos dele se serviam, como Cícero, por exemplo (vd. *Tusculanas* I, 38-39; 41).

Mas o contexto dos últimos versos deste epigrama parece apontar para um texto paulino (vd. Vulgata, *1 Tessalonicenses* 4, 12 sgs.) em que se fala de *dormientibus*, daqueles *qui dormierunt per Iesum*, da sua ressurreição final e da parusia de Cristo no fim dos tempos.

EPIGRAMA 85

⁴¹⁹ Aires Barbosa, ainda que discípulo de mestres anticiceronianistas, como Ângelo Policiano e Hermolau Bárbaro, e apesar de, na sua linguagem, não alinhar pela pureza exclusivista dos ciceronianos, presta, neste singelo dístico, a sua franca homenagem ao grande orador romano.

EPIGRAMA 86

⁴²⁰ O plural *nomina iuncta* e o paralelismo e destaque dado aos dois conceitos de *ferreus* e *ferrei*, por um lado, e *durus* e *durae rei*, por outro, levam-nos a supor que o nome do adversário aqui visado será talvez algum Pedro (ou Pêro) Fernandes. Eram frequentes as formas *Ferrandes* e *Ferrandus* por *Fernandes*, *Fernando*, *Fernão*, *Ferrão*, e outras. De resto, Aires Barbosa terá utilizado a forma *Ferrandus* em vez de *Fernandes* para tirar dela os efeitos desejados no jogo de palavras. Quanto a Pêro ou Pedro (de *Petrus*), ele ajusta-se bem à ideia de dureza aqui expressa.

Os dados biográficos dos vários Pedro Fernandes mais conhecidos da época não tornam fácil a identificação de nenhum deles com o destinatário deste epigrama.

EPIGRAMA 87

⁴²¹ Sobre o nome Frontão, vd. pp. 156-157, Epigrama 52, e pp. 180-183, Epigrama 76, nota 1; e cf. Epigramas 88 e 89, pp. 190-195.

⁴²² *leuis ambitio*. Acerca da *leuis ambitio*, vd. os seguintes versos de Ovídio, *Fastos* I, 301-304, acompanhados da tradução portuguesa de António Feliciano de Castilho, *Os Fastos de Públio Ovídio Nasão* [...], Tomo I, Lisboa, 1862, p. 32-33):

*Non Venus et uinum sublimia pectora fregit
Officiumque fori militiae labor,
Nec leuis ambitio perfusaque gloria fuco
Magnarumue fames sollicitauit opum.*

[“Baco, Vénus, Amor, não vos deliram;
não se vos foi o abril da idade fértil,
no árido foro, na milícia crua;
mesquinhas honras, glória vã, cobiça,
não vos quebraram sono.”]

⁴²³ *inquit... Cicero*. De facto, no discurso em defesa de Lúcio Murena, candidato ao consulado em 63 e acusado de corrupção eleitoral pelo seu concorrente o jurisconsulto Sêrvio Sulpício Rufo secundado por Catão de Útica, Cícero, não tendo muito por onde defender o seu cliente, resolve vexar o acusador, proferindo uma azeda sátira contra os jurisconsultos e escarnecendo da sua profissão. É conhecida a falta de convicção com que muitas destas sátiras eram proferidas pelos advogados nos tribunais, onde mais falava a conveniência momentânea do que a sinceridade.

É neste contexto que se devem interpretar estas palavras que Cícero em dado momento (cf. *Defesa de Murena*, 13, 28) proferiu: *Difficilis autem res ideo non putatur quod et perpaucis et minime obscuris litteris continetur. Itaque si mihi, homini uebementer occupato, stomachum moueritis, triduo me iurisconsultum esse profitebor*. (“De resto, a matéria não é considerada difícil, pois está contida em pouquíssimos livros e nada obscuros. E assim, apesar de eu ser um homem extremamente ocupado, se me revirardes o estômago, em três dias proclamar-me-ei jurisconsulto.”).

⁴²⁴ *Baldos*. Baldo degli Ubaldi, um dos mais famosos juristas italianos do século XIV ligados à escola dos comentadores. Foi discípulo de Bártolo (cf. pp. 186-187, Epigrama 83, v. 3 e respetiva nota) e, tal como aconteceu com seu mestre, a sua opinião adquiriu valor de direito subsidiário em Castela, consagrado pelas *Ordenanças de Madrid* de 1499. Em Portugal, ainda que não tenha adquirido tal valor, o seu nome andou sempre ligado ao do mestre, na conhecida fórmula “Bártolo e Baldo”, expressão e síntese de todo o saber jurídico.

EPIGRAMA 88

⁴²⁵ *Manibus an Stygiis*. Evocação irónica das concepções antigas acerca da organização da vida nas regiões infernais (o Estige dos clássicos), em que se constituía, à semelhança do que se passava na vida terrena, um tribunal de julgamento para os mortos, ao qual assistiam os três grandes juizes: Éaco, Minos e Radamanto, filhos de Zeus.

Este epigrama, para além da crítica em que Aires Barbosa envolve frequentemente os juristas, a quem considera no número dos filobárbaros, é também uma sátira à ambição económica dos velhos. Sabe-se, inclusive por outros poemas de Barbosa (vd. Epigramas 87 e 92, pp. 190-191 e 192-193), que o trabalho dos jurisconsultos era bem remunerado, em contraste com o dos literatos. Esta era a preocupação do velho anónimo visado neste epigrama, o mesmo do anterior.

EPIGRAMA 89

⁴²⁶ Reflexo do adágio popular “atirar pérolas a porcos” inspirado no seguinte texto bíblico (cf. *Vulgata*, *Mateus* 7, 6): *Nolite dare sanctum canis neque mittatis margaritas uestras ante porcos, ne forte conculcent eas pedibus suis, et conuersi dirumpant uos*. (“Não deis o que é sagrado aos cães nem lanceis as vossas pérolas aos porcos, não vá acontecer que as calcem aos pés e, voltando-se contra vós, vos rasguem em pedaços.”).

EPIGRAMA 90

⁴²⁷ Este epigrama já tinha sido publicado numa primeira versão, em Salamanca, no dia 15 de novembro de 1506, juntamente com os *Aenigmata iuris ciuillis...*, de E. António de Nebrija. (vd. pp. 102-105, Epigrama 5).

⁴²⁸ Além de outras alterações de pouca importância que o presente epigrama apresenta relativamente à sua primeira versão, referida na nota imediatamente anterior, os seus quatro versos finais substituem os seguintes dísticos daquela primeira edição:

*Grammaticos uidit paucos ueneranda uetustas
Qualis Aristarchus, Didymus, Antigonus.*

*Tempore sed nostro florens Antonius unus
 Laude uir insigni saecula cuncta nouat.
 Doctarum hunc tantum non diligit una sororum:
 Diligit hunc studio sed dea quaeque pari.*

Já se tem admitido a hipótese de ver na supressão deste elogio a Nebrija um indício de esfriamento da amizade entre ele e Aires Barbosa (vd. José Pérez Riesco, *op. cit.*, pp. 42-43). Por nossa parte, entendemos que talvez se trate apenas de uma simples atualização do texto. De facto, Nebrija morrera em 1522, e os versos acima transcritos, particularmente o segundo dístico, constituíam um anacronismo em 1536, ano da publicação desta nova versão.

EPIGRAMA 91

⁴²⁹ Este epigrama é inspirado, todo ele, em outro de Marcial (*Epigramas* XII, 21) dedicado a Marcela, a sua conterrânea e protetora que lhe subsidiou o regresso a Bilibis, sua terra natal próxima de Calatayud na Hispânia Tarraconense, e aí lhe doou uma propriedade para passar tranquilo os últimos anos da vida.

Vale a pena transcrevê-lo para confronto com este de Aires Barbosa, ao qual serviu de verdadeiro modelo:

*Municipem rigidi quis te, Marcella, Salonis
 Et genitam nostris quis putet esse locis?
 Tam rarum, tam dulce sapis. Palatia dicent,
 Audierint si te uel semel, esse suam;
 Nulla nec in media certabit nata Subura
 Nec Capitolini collis alumna tibi;
 Nec cito ridebit peregrini gloria partus,
 Romanam deceat quam magis esse nurum.
 Tu desiderium dominae mihi mitius urbis
 Esse iubet: Romam tu mihi sola facis.*

[“Quem imaginaria que tu, Marcela, és munícipe do regelado Salão e quem imaginaria que és nascida na nossa terra?

Tão raro, tão refinado é o teu gosto! Se o Palatino te escutar, uma só vez que seja, ele te chamará sua.

Nenhuma rival terá, ainda que tenha nascido no meio da Subura, mesmo que tenha sido criada na colina do Capitólio.

Nem tão depressa há de sorrir a glória de um parto estrangeiro que mais mereça ter o estatuto de mulher romana.

Tu fazes com que me seja mais branda a saudade da Urbe soberana: tu, sozinha, fazes para mim as vezes de Roma.”]

⁴³⁰ *Esquiliis... Subura*. As Esquílias eram um dos bairros mais famosos da cidade de Roma, onde Mecenas fixou a sua residência; e a Subura, ou Suburra, formava uma zona das mais populosas e frequentadas da Urbe e o centro comercial romano por excelência.

⁴³¹ *cum uestra nuper in urbe fui*. Joana Vaz, a célebre humanista que fez parte do grupo das damas da infanta D. Maria – de quem foi mestra de latim –, era natural de Coimbra e filha do licenciado João Vaz, provavelmente o mesmo que mandou construir a casa de Sobre-Ripas na mesma cidade, e irmã do doutor António Vaz, cônego magistral do cabido da Sé de Coimbra. A ela se atribui uma carta dirigida ao papa Paulo III escrita em latim, grego e hebraico (vd. Diogo Barbosa Machado, *op. cit.*, tom. III, p. 558, s.v.). Aires Barbosa recorda nestes versos a sua própria passagem pela cidade do Mondego quando, em 1527, acompanhou a corte, que aí se refugiava da peste. Data, pois, dessa época a composição deste epigrama.

⁴³² *delector calamo*. Joana Vaz foi estimada e elogiada por várias figuras de proeminentes humanistas do seu tempo além de Aires Barbosa, entre as quais se contam Luís Teixeira, André de Resende, Nicolau Clenardo, os irmãos Pedro e Rodrigo Sanches, o Dr. João de Barros e outros. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, no seu opúsculo sobre *A Infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) e as Suas Damas*, Porto, 1902, pp. 37-38, põe em dúvida a cultura humanística de Joana Vaz tão propalada pelos referidos humanistas. Mas a verdade é que eles são contemporâneos da humanista, e alguns tinham dela um conhecimento relativamente próximo, como era o caso de Rodrigo Sanches, capelão da rainha D. Catarina e mestre de latinidade de sua filha a infanta D. Maria, e a ele se deve um dos maiores e mais autorizados elogios sobre Joana Vaz (Vd. Américo da Costa Ramalho, “Joana Vaz, femina doctissima”, *Estudos sobre a Época do Renascimento*, Coimbra, 1969, pp. 346-352). Aires Barbosa, que, como se pode deduzir do conteúdo deste seu epigrama, já não teve oportunidade de a conhecer pessoalmente por ela pertencer a uma geração bem mais jovem, teve certamente fontes seguras para secundar a opinião de Sanches a respeito dos louvores do humanismo literário da famosa dama.

⁴³³ *Dulcius est pomum ... arbore in ipsa et ... ex ipso fonte bibisse iuuat*. A mesma imagem aparece em vários autores clássicos, por exemplo em Virgílio, *Geórgicas* II, 175 e em Horácio, *Odes* I, 26, 6-7. Lucrécio, *A Natureza das Coisas* I, 926-950 (cf. *ibid.*, IV, 2-3), apresenta-a com estas palavras: *iuuat integros accedere fontis / atque haurire, iuuatque novos decerpere flores*. [“Dá prazer as fontes virgens buscar e haurir, dá prazer cortar do pé as flores desconhecidas.”].

EPIGRAMA 92

⁴³⁴ Sobre o arcebispo compostelano D. Afonso III de Fonseca, vd., p. 184, Epigrama 81 e respetiva nota 398, p. 314. O seu pai e antecessor, D. Afonso II de Fonseca, era natural de Salamanca, onde fez os primeiros estudos. Frequentou a Itália, onde se doutorou *in utroque iure*, foi deão da catedral de Sevilha e, em 1460, nomeado arcebispo de Santiago de Compostela, funções que desempenhou até 1508. Foi presidente do Conselho de Estado dos Reis Católicos desde 1481 e governador do reino ou vice-rei de Castela em 1491 juntamente com o condestável Pedro Fernández de Velasco. Em 1506 pediu a sua resignação da mitra compostelana – que lhe foi concedida em 1508 – em favor de seu filho Afonso de Fonseca, para ser promovido a patriarca de Alexandria, título que não chegou a alcançar. Morreu em 1512.

⁴³⁵ *Turrigeraeque domus*. Barbosa deve referir-se ao Castelo “del Buen Amor” ou Castelo de Fonseca, localizado a cerca de 18 quilómetros de Salamanca e em direção a Samora. Foi construído na segunda metade do séc. XV por Afonso II de Fonseca y Acevedo, pai do destinatário deste epigrama. É um bom exemplo da arquitectura civil do Renascimento, com aspeto de fortaleza rodeada por várias torres quadrangulares encimadas por ameias.

EPIGRAMA 93

⁴³⁶ D. Teodósio era filho de D. Jaime, 4.º duque de Bragança, e de sua primeira mulher, D. Leonor de Mendoza. Teve por mestre, desde 1530, o célebre professor de grego e latim Diogo Sigeu, que viera para Portugal no séquito de D. Maria Pacheco, mulher de D. João de Padilha, o governador de Toledo que encabeçara a revolta dos Comuneros contra Carlos V durante a Guerra das Comunidades.

O príncipe D. Teodósio sucedeu a seu pai, com o título de 5.º duque de Bragança, em 1532. Interessou-se pelas artes, em especial pela pintura e arquitetura; mantinha agentes seus em cortes estrangeiras para o informarem dos acontecimentos de interesse, que lhe deram matéria para os *Livros das Muitas Cousas*; fundou o Convento da Graça e concluiu as obras do palácio de Vila Viçosa, iniciadas por seu pai. Morreu aqui em 20 de setembro de 1563.

O episódio que Aires Barbosa recorda neste epigrama deve ter-se passado nesta vila em frente do referido palácio, que D. Jaime fizera solar e residência oficial da Casa de Bragança.

⁴³⁷ *caesia diua*. A deusa de quem o Autor se queixa é Minerva, a quem os Latinos concediam *caesios oculos* (cf. Cícero, *Da Natureza dos Deuses* I, 30, 83) e que os Gregos chamavam a Atena de olhos glaucos, a γλαυκῶπις Ἀθήνη ou simplesmente a Γλαυκῶπις (cf. Homero, *Iliada* VIII, 373; 406; id., *Odisseia* III, 135).

Aires Barbosa atribui a Minerva, como quem diz à cultura ou, antes, à sua própria dedicação aos livros, o desgaste prematuro da sua vista. Já em abril de 1516 Barbosa deplorava os seus olhos *omnium infirmissimos* no *Comentário à Historia Apostolica de Arátor* (cf. fl. cxlix v^o) e em 1517 publicava entre os seus epigramas da edição da *Prosodia et Orthographia* (cf. fl. [e viij v^o]) uma composição dedicada a Santa Luzia em que pedia a sua intercessão junto de Deus e implorava para seus olhos doentes a cura que ele desesperara de remédios e cirurgiões. Cf. p. 132-133, Epigrama 25.

EPIGRAMA 94

⁴³⁸ Neste epigrama, Barbosa recorda a sua viagem feita à Itália no princípio do verão de 1522, integrado numa embaixada académica salmantina destinada a saudar o novo papa Adriano VI, que fora eleito sucessor de Leão X em 9 de janeiro daquele ano. Faziam parte desta missão, além do humanista português, o mestre-escola, o Prior de La Vega e o reitor da Universidade, D. Sancho de Castela, que chefiava a embaixada.

A este “nobre descendente dos reis de Espanha”, já Aires Barbosa se havia referido em termos semelhantes num dos epigramas publicados em 1517 (vd. pp. 154-155, Epigrama 50) em que o apresenta como reitor, já então, da Universidade de Salamanca.

⁴³⁹ *Pontifici summo*. Adriano de Utrech, o então papa Adriano VI e antigo deão da Universidade de Lovaina, fora precetor de Carlos V, que o escolhera para governador de Leão e Castela desde maio de 1520, um dos motivos que estiveram na origem da revolta dos Comuneros contra o Imperador em Espanha. Adriano VI pontificou pouco mais de um ano, pois morreu em 14 de setembro de 1523.

⁴⁴⁰ *Iuli mensis*. A embaixada cumpriu a sua missão entre 21 de maio e 15 de julho de 1522.

EPIGRAMA 95

⁴⁴¹ *Probum grammaticum*. Mais do que simples nome fictício como acontece noutros epigramas, talvez se trate aqui da evocação de Marco Valério Probo, nascido em Beirute (na antiga Fenícia) no tempo de Nero e estabelecido em Roma, onde se dedicou aos estudos gramaticais e ao comentário crítico de alguns poetas: Lucrecio, Virgílio, Horácio, Pérsio e outros.

⁴⁴² *grammatici atque litterati*. Tal como o Epigrama 5 e o Epigrama 90 (segunda versão daquele), também este parece fundar-se no mesmo texto da *Lamia* de Policiano (vd. *op. cit.*, p. 25; e notas ao Epigrama 5 do presente livro): *Nec enim aliud grammaticus Graece, quam Latine litteratus. Nos autem nomen hoc in ludum triviale detrusimus, tanquam in pistrinum. Itaque iure conqueri nunc litterati possent et animo angui [...]; indignari litterati possunt, quod grammatici nunc appellentur etiam, qui prima doceant elementa.* [“Com efeito, “gramático” em grego outra coisa não é senão “literato” em latim. Mas nós desfigurámos este nome jogando-o para o meio da rua, como escravo atrelado à mó do moinho. E por isso, hoje, os literatos podem com razão queixar-se e trazer a alma angustiada [...]; podem os literatos indignar-se também por serem agora chamados gramáticos que ensinam os primeiros elementos.”].

⁴⁴³ *Grammaticae ... Thaliae*. O adjetivo *gramaticus* toma-se aqui no antigo sentido de “letrado”, isto é ‘erudito’, ‘culto’, ‘sábio’. A sua função qualificativa de Talia, musa patrona da poesia, parece sugerir aqui que a missão do “gramático”, segundo o conceito humanístico, não é apenas o ensino elementar das *litterae* (sc. *grammata*), ou seja da língua, mas sim da própria interpretação literária, em particular da poesia, como defende Aires Barbosa neste epigrama.

⁴⁴⁴ *curas ... inanes*. Barbosa refere-se naturalmente aos “livros” em que os seus detratores o acusam (cf. Ovídio, *Pônticas* IV, 16, 39: “inedita cura est”).

⁴⁴⁵ *tenebrionum*. A ideia de “tenebridade” dos “tenebriões” deste epigrama tem paralelo semântico na nebulosidade do “Nebulão” do título do Epigrama 14 “In *Nebulonem* grammatistam iactuose unum”, de igual contexto temático (vd. pp. 120-121).

EPIGRAMA 96

⁴⁴⁶ *sacra legit*. A expressão *sacra legere* consta da tradição clássica com o sentido de ‘roubar objetos sagrados’ (daí, *sacrilegium*): vd. *Dictionnaire étymologique de la langue latine. Histoire des mots*. Par A. Ernout et A. Meillet. Paris, Librairie C. Klincksieck, 1967, p. 349 ; cf. Cornifício (?), *Retórica a Herénio* 2, 30: *maius esse maleficum stuprare ingenuam quam sacrum legere* [“ser mais criminoso estuprar uma mulher livre do que roubar um objeto sagrado”]; e Horácio, *Sátiras* I, 3, 117: *Et qui nocturnus sacra diuum legerit*. [“E quem roubar de noite os objetos sagrados dos deuses.”].

Mas Aires Barbosa joga com a dupla semântica do verbo *legere* no sentido geral de “juntar” (ou “colher” e, daí, “roubar”) e o sentido particular de “ler” ou “juntar as letras”, com a ironia que daí resulta no texto deste pequeno epigrama. Para tentar preservar essa ambiguidade em português parece-nos que o verbo “ajuntar” em contraste com “juntar” será uma solução adequada.

De qualquer modo, a crítica dirige-se a certos clérigos estudantes que em Salamanca, como noutras universidades da Europa, continuavam muitos dos hábitos da boémia goliardesca herdados dos tempos medievais, que ficaram registados nos famosos *Carmina Burana* e que não condiziam com o estado clerical.

EPIGRAMA 97

⁴⁴⁷ D. Manuel I pensara encaminhar para a carreira eclesiástica o sexto filho do seu segundo matrimónio, com D. Maria, e já em 1514 ou princípio de 1515 (ainda ele não tinha seis anos) pedira a Leão X, antigo discípulo de Aires Barbosa na Universidade de Florença, a primeira vaga de igreja catedral ou metropolitana para o infante D. Afonso. O papa inicialmente recusou este pedido, baseando-se num recente decreto do concílio de Latrão que estabelecia a idade mínima de trinta anos para a atribuição de tais dignidades; mas, por fim, dadas as muitas pressões diplomáticas, acabou por convencer os cardeais a alterar o decreto e por conceder ao filho de D. Manuel a administração do bispado da Guarda em 1516, com a condição de ele vir a ser sagrado bispo somente aos vinte e sete anos.

Mas o rei português tinha ambições ainda maiores: em 1512 já ele havia encarregado o seu embaixador Doutor João de Faria de apresentar ao pontífice romano o pedido do cardinalato para o infante D. Afonso. Apesar insistência do embaixador português, Leão X só veio a atender o pedido de D. Manuel em 1 de julho de 1517, nomeando o seu filho, com oito anos, cardeal-diácono da Igreja de Santa Luzia in *Septem Soliis*, título que veio a ser sucessivamente substituído por outros, por razões de administração prática.

Leão X pusera, porém, a reserva de que o chapéu cardinalício seria formalmente imposto ao infante D. Afonso apenas quando este atingisse os dezoito anos, o que só se verificaria depois de 23 de abril de 1526, uma vez que ele nascera no mesmo dia e mês do ano de 1509.

D. António Caetano de Sousa, na *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, tomo III, cap. X afirma que a cerimónia de entrega do capelo tivera “efeito já no Reynado delRey D. João seu irmão no anno de 1526 tomando-o na sua presença aos 28 de mayo do referido anno das mãos de D. Fernando de Vasconcelos, Bispo de Lamego, e Capellaõ môr”. E acrescenta que o seu mestre Aires Barbosa lhe compusera este mesmo epigrama, que ele a seguir transcreve.

É mais que provável que tenha sido por altura da investidura formal das insígnias de púrpura ao cardeal-infante D. Afonso, em 1526, que o mestre Aires Barbosa compôs o presente dístico elegíaco de homenagem ao seu régio discípulo.

Juntou-se a esta festiva celebração o poeta seu amigo Jorge Coelho, com o poema *Consecratio*, que veio a ser publicado em 1536 juntamente com a *Antimória* e os últimos cinquenta epigramas do mesmo Aires Barbosa.

Mais pormenores sobre todo este processo do cardinalato do infante D. Afonso encontram-se no nosso estudo «O poema *Consecratio* de Jorge Coelho e a origem da palavra “Lusiadas”», *Decalogia Camoniãna*, Coimbra, CIEC, 2077, pp. 9-36.

EPIGRAMA 98

⁴⁴⁸ Varo é provavelmente mais um dos nomes forjados por Aires Barbosa que escondiam a verdadeira personalidade atingida nos seus epigramas, segundo o princípio que o humanista assumira (vd. pp. 138-139, Epigrama 32). É possível que o Autor evoque ao mesmo tempo, com este nome, algum dos Varos mencionados pelos autores clássicos, talvez Alfenio Varo, um certo sapateiro de Cremona que em Roma tinha pretensões a poeta e que aparece mordazmente referido por Horácio, *Sátiras* I, 3, 130 sgs.

⁴⁴⁹ *Nulloque ... magistro*. Barbosa duvida do saber dos autodidatas no campo da formação básica e propedêutica, como era o curso das Artes, e em particular no domínio das línguas, para o qual não bastava ter uma boa biblioteca em casa, mas era necessário o estudo sistemático e aturado de longos anos sob a orientação de mestres. O Epigrama 109 (vd. pp. 208-211) repete, de outra forma, a mesma ideia.

⁴⁵⁰ *Carminis Ascraei*. Também os poetas latinos tomaram Hesíodo, o pastor-poeta da cidade de Ascra e das colinas do Hélicon, na Beócia, como um dos modelos da sua inspiração helénica. Vd. Virgílio, *Geórgicas* II, 176; Propércio, *Elegias* II, 10, 25; Columela, *Da Agricultura* X, 434-436. A ironia de Aires Barbosa é acentuada pela expressão *in ordine primo*, usada na linguagem militar. Os *primi ordines* eram os centuriões de grau mais elevado (vd. César, *Comentários da Guerra Gaulesa* V, 30, 1; VI, 7, 8). A este propósito, veja-se p. 172, o Epigrama 66, v. 4, e a respetiva nota.

⁴⁵¹ Igual ironia se encontra em Aristófanes nas mesmas palavras θυμόσοφον (cf. *Nuvens* 877) e δοκησίσοφον (cf. *Paz* 44).

EPIGRAMA 99

⁴⁵² Há neste epigrama certas reminiscências da Ode 10 do Livro II de Horácio, pelo menos em algumas das imagens e no ambiente marítimo que um e outra descrevem.

É provável que Aires Barbosa tivesse na mente o texto horaciano quando compôs este poema. Mas o sentido das duas composições é diferente: enquanto Horácio conclui pela áurea mediania (*aurea mediocritas*) como regra de felicidade, que assenta em certa acomodação passiva às contrariedades da vida à espera de dias melhores, Aires Barbosa dá a imagem do piloto que, evitando embora, por boa tática, o embate direto e fatal contra as vagas, contorna e luta sem desfalecer até conduzir o barco a porto seguro, dando assim a entender que a vida é um combate que tem regras, mas não tréguas.

⁴⁵³ *utet ... petat*. Vd. a mesma imagem em Lucano, *A Farsália* V, 645-646, embora em situação diferente: [...] *nescitque magister / Quam frangat, cui cedit aquae* [...] [“O arrais não sabe que onda deve romper e a qual deve ceder [...].

EPIGRAMA 100

⁴⁵⁴ O Autor designa por “democracia” a revolta popular, em geral, que rebentou em Espanha nos princípios do reinado de Carlos V, desde 1518, e que teve duas manifestações de origem, caráter e objetivos diferentes: por um lado, a chamada “Guerra das Comunidades” ou “dos comuneros”, que deflagrou em Toledo e conglobava as principais cidades de Castela; e, por outro, as famosas “Germanias”, organizadas em Valência e depois em Maiorca, no reino de Aragão.

Os Comuneros – que não eram apenas da plebe – rebelavam-se diretamente contra o rei, por este pretender impor à Espanha um governo de personalidades do seu séquito flamengo, a começar pelo seu preceptor Adriano de Utrech, que ele nomeara governador de Castela e fizera cardeal, e ainda por se ausentar demoradamente do país e não se dispor a respeitar na íntegra as leis e costumes da tradição política espanhola, como as cidades exigiam.

As Germanias, porém, foram agremiações exclusivamente plebeias, de caráter revolucionário, fundadas nos antigos grêmios e corporações medievais de artesãos do mesmo ofício, que lutaram contra os privilégios da nobreza e o seu abuso do poder.

Neste epigrama – o primeiro de uma série de nove dedicados a este tema da “democracia em Espanha” – talvez Aires Barbosa queira aludir em particular à revolta das Germanias na zona de Valência, dada, por um lado, a referência clara à presença da nobreza e da plebe em confronto (v. 6: *proceres*; v. 8: *nobilitas*; v. 12: *uulgus*; vv. 17 e 23: *plebs*) e, por outro, a descrição do ambiente marítimo em que decorre a luta mencionada nos vv. 17-20.

⁴⁵⁵ *Hunnorum ac Totilae*. A passagem dos Hunos pela Itália, comandados por Átila, o famoso “flagelo de Deus”, verificou-se em 452-453. Foi rápida esta passagem, mas deixou atrás de si a triste memória das razias e pilhagens em que estes bárbaros se notabilizaram. A própria cidade de Roma esteve à beira de capitular, o que não sucedeu graças à intervenção do papa Leão Magno.

Tótilla era rei dos Ostrogodos ou “Godos do Oriente”, povos com império organizado por volta de 350 entre o Dniepre e o mar de Azofe. Estabelecidos na Panónia depois da morte de Átila e da subsequente dispersão dos Hunos, seus inimigos, expandem-se para Ocidente.

Tótilla foi elevado ao trono depois da queda de Ravena em poder dos Gregos, em 540. Consegue reconquistar a maior parte da Itália, para onde transplantou o Império dos Ostrogodos, que veio a ser dominado pelos Bizantinos em 552. Tótilla foi morto em Tágina pelas tropas do general Narsés, às ordens de Justiniano I.

⁴⁵⁶ *Audet enim fortuna potentior*. Esta frase assenta num provérbio antigo que é possível rastrear já a partir dos trágicos gregos (vd. Eurípides, *frg.* 432 N). Entre os autores latinos, encontramos-lo, sob várias formas, em Énio, *Anais*, v. 262 ed. Vahl (cf. Macróbio, *Saturnais* VI, 1, 62); Terêncio, *Formião*, 203; Varrão, *Economia Rural* I, 1, 4; Cícero, *Tusculanas* II, 4, 11; Ovídio, *Metamorfozes* X, 586; Tibulo, *Elegias* I, 2, 16; etc. Mas a forma talvez mais conhecida e que mais se aproxima do texto do humanista é o seguinte passo de Virgílio, *Eneida* X, 284: *Audentes fortuna iuuat* (“A fortuna ajuda os audazes”).

⁴⁵⁷ *sic Massylius*. Os Massílios, povo distinto dos Massésílios, habitavam uma região vizinha da Numídia, mas o seu nome é muitas vezes tomado pelos poetas como sinónimo de Africanos em geral (vd. Virgílio, *Eneida* IV, 132). Segundo o testemunho de alguns autores, estes povos não usavam rédeas nem freio e serviam-se de uma simples vara para conduzir os cavalos. Vd. Marcial, *Epigramas* IX, 22, 14, e cf. com estes versos de Lucano, *A Farsália* IV, 683-684:

Et gens quae nudo residens Massylia dorso

Ora leui flectit frenorum nescia uirga.

[“E a tribo de Massília que, montada no cavalo em pelo, dirige com uma vergõntea a sua boca, que desconhece freio.”].

⁴⁵⁸ *in litore, quales sunt trunci*. A propósito do sentido de *truncus*, vejamos estes versos em que Virgílio, *Eneida* II, 557-558, se refere à morte de Príamo, cujo corpo fora, segundo a sua versão, abandonado na praia:

[... ..] *Iacet ingens litore truncus*
Auulsumque umeris caput et sine nomine corpus.
 [“(... ..) Seu enorme tronco jaz na praia
 e a cabeça arrancada dos ombros e um corpo sem nome.”].

⁴⁵⁹ *Liber ut ... amnis*. Um símile de raiz greco-latina que se pode testemunhar em Homero, *Iliada* V, 87 sgs; Lucrécio, *A Natureza das Coisas* I, 286 sgs., e Virgílio, *Eneida* II, 496 sgs.

⁴⁶⁰ *“Viuat rex... uiuat respública”*. Uma das reivindicações de caráter político da Santa Junta dos Comuneros era a partilha do poder com o rei. Para os ideólogos da revolução das Comunidades, a soberania pertencia ao Reino, isto é, ao Povo. Daí a associação do conceito de “rei” ao de “república”, que é para os revolucionários a própria Comunidade. Há testemunhos documentais desta associação de ideias, por exemplo num desfile, em Plasencia, de grupos revoltosos que gritavam: “Comunidad! Comunidad! Viva la reyna e el rey, nuestros señores, e la comunidad!” (vd. Joseph Pérez, *La revolución des “Comunidades” de Castille (1520-1521)*, Bordéus, 1970, p. 389; sobre a participação do poder, vd. *ibidem*, *passim*, em especial pp. 233, 253-256 e 306).

EPIGRAMA 101

⁴⁶¹ *coiisse urbes in foedera*. Barbosa parece referir-se à reunião dos representantes das cidades *comuneras* em Ávila, em 1520, de que resultou a formação da Junta Santa presidida pelo cavaleiro toledano Pedro Lasso de la Vega e em que João de Padilha foi nomeado caudilho das tropas das Comunidades, mais tarde substituído por Pedro Girón, que depois lhe voltou a ceder o lugar.

⁴⁶² *seruat numerus plures*. Tópico da literatura clássica registado, por exemplo, em Tácito, *Anais* XIV, 49, e sobretudo nestes versos de Juvenal, *Sátiras* II, 45-47: [...] *sed illos /defendit numerus iunctaeque umbone pbalanges. / Magna inter molles concordia* [“(...) mas a eles, protege-os o número e as falanges unidas pelo escudo. Há grande concórdia entre os efeminados.”].

⁴⁶³ *concordia... cadunt*. Salústio, *Guerra de Jugurta* 10, 6, coloca na boca do rei Micipsa estas palavras quando este constituía Jugurta seu herdeiro no trono da Numídia: *Nam concordia paruae res crescunt, discordia maximae dilabuntur* [“Na verdade, com a concórdia, as pequenas nações crescem; com a discórdia as maiores arruinam-se.”].

Esta sentença – que adquiriu valor proverbial – exercera uma profunda influência no espírito de Agripa, ministro e amigo de Augusto, segundo informa Sêneca, *Cartas a Lucílio* XV, 94, 46. E S. Jerónimo, no *Comentário a Mateus* (12, 26), transcreve a mesma frase, já sob esta forma de provérbio: *Sed quomodo concordia paruae res crescunt, ita discordia maximae dilabuntur*. [“Mas do mesmo modo que, com a concórdia, as pequenas nações crescem, assim também com a discórdia as maiores se arruinam.”].

⁴⁶⁴ O movimento de rebelião partiu da cidade de Toledo, que se negara a pagar o novo tributo onerado – uma das primeiras medidas antipopulares que Carlos V arrancou dos votos das Cortes reunidas em Santiago de Compostela e depois na Corunha. Toledo dirigiu um manifesto às principais cidades de Castela, exortando-as a seguir o seu exemplo, e em breve encontrou a adesão da maior parte delas: Tordesilhas, Madrid, Nájera, Haro e todo o reino de Múrcia; Guadalajara, Sigüenza, Cuenca, Medina del Campo, Alcalá, Sória, Palença, Cáceres, Badajoz, Sevilha, Jaén, Úbeda, Baeza, além das mencionadas por Aires Barbosa e de outras.

⁴⁶⁵ *suo capiti... uulsum caput... istud caput... tali capiti*. A cabeça a que alude Aires Barbosa parece ser Carlos V, que, tendo entrado como rei em Castela em 1 de outubro de 1517, fora entretanto nomeado imperador do Sacro Império Romano-Germânico em 28 de junho de 1519, em Frankfurt, e partia em maio de 1520 para a Alemanha a fim de receber a coroação imperial, deixando a Espanha entregue a um Governo de personalidades do seu séquito flamengo chefiado por Adriano de Utrech. Se bem interpretamos as palavras de Aires Barbosa, este insurge-se contra a atitude do rei, que assim desencadeou a revolução dos Comuneros já em fermentação desde a sua chegada e das medidas governativas que ele adotara, contra os interesses, as tradições e o sentimento nacional dos castelhanos. Ou será o cabecilha João de Padilha? Vd. v. 1 e comentário.

Sobre toda esta questão do comportamento de Carlos V e da oposição política que ele próprio gerou, é importante ver o testemunho, relativamente contemporâneo, de D. Jerónimo Osório, *De Rebus Emmanuelis gestis ...*, Lisboa, 1572, livro XII, pp. 448-450 (cf. tradução de Francisco Manuel do Nascimento, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel ...*, Porto, Livraria Civilização, 1944, vol. II, pp. 258-261).

EPIGRAMA 102

⁴⁶⁶ *nubes et inania*. Vd. expressão idêntica em Horácio, *Arte Poética*, 230.

⁴⁶⁷ *caelum curuato gurgite*. Imagem colhida em Virgílio, *Eneida* III, 564-565, quando o poeta descreve a passagem da frota de Eneias ao largo do estreito de Messina:

*Tollimur in caelum curuato gurgite, et idem
Subducta ad Manes imos desedimus unda.*

[“Somos alevantados ao céu na curva do turbilhão, e do mesmo passo afundámos na cava da onda, até ao mais profundo dos Manes.”]

⁴⁶⁸ *quam pila quae...* A imagem da bola aplicada à condição do homem dependente dos caprichos da Fortuna, ou da vontade dos deuses em geral, é um tópico antigo, que se pode ver já em Plauto, *Cativos*, prólogo 22: *Di nos quasi pilas homines habent* [“Os deuses fazem de nós uma espécie de bolas”]. E Aurélio Vítor, *Epítome acerca dos Césares* (*Hélvio Pértinax*) 18, associa expressamente esta imagem da bola ao conceito de Fortuna, na fórmula *Fortunae pila*, a que já alguém chamou, com muita propriedade, o “futebol da Fortuna”.

⁴⁶⁹ As chamadas Germanias de Valência, a pretexto de uma ameaça de invasão árabe e aproveitando a ausência dos nobres da cidade por motivo da peste, constituíram um Governo local integrado por treze artesãos, a que chamaram a Junta dos Treze e que teve por primeiro e principal chefe o cardador João Lourenço, coadjuvado pelo jovem e enérgico tecelão Guillén Castellvi, mais conhecido por Sorolha. É provável que este epigrama se refira em particular às Germanias, mas ele também se enquadra bem dentro da segunda fase da guerra das Comunidades, em que este movimento revolucionário se demarcou da nobreza e se tornou anti-aristocrático.

EPIGRAMA 103

⁴⁷⁰ O sentido geral deste epigrama, ao pôr em evidência a luta entre a plebe (*plebs Hispana*, v. 1; *populus*, v. 10; *uulguis iners*, v. 20; *uilis plebecula*, v. 25) e a nobreza (*dynastae*, v. 1; *proceres*, vv. 4, 12, 19-20; *patricii*, v. 26), e o clima de profunda revolução política e inversão social que o Autor descreve a partir do v. 17, em particular nos vv. 21-22, mostram que ele se refere à fase mais aguda da guerra das Comunidades, em que os nobres se colocaram definitivamente do lado de Carlos V contra os Comuneros.

Nas várias tentativas de reconciliação entre as duas forças em luta, intervieram, em persistentes negociações, o almirante de Castela D. Fadrique Enríquez de Cabrera (vd. Joseph Pérez, *op. cit.*, pp. 250 sgs.); o bispo de Cuenca D. Diego Ramírez de Villaescusa

(vd. *idem, ibidem*, p. 256); o nuncio apostólico e o embaixador português (vd. *idem, ibidem*, pp. 292 sgs.); e outros. Os Comuneros, porém, entusiasmados com os seus sucessos militares, tornaram-se intransigentes, e tudo veio a desembocar na batalha de Villalar de 23 de abril de 1521, que redundou na sua maior derrota e no fim da guerra das Comunidades (vd. *idem, ibidem*, pp. 314-319). Aires Barbosa, que escrevia este epigrama antes da referida data, associava-se deste modo ao mesmo movimento de pacificação.

⁴⁷¹ *Piscis... paruos*. Cf. Varrão (*apud* Nónio Marcelo, *Compendiosa Doctrina* 81, 11): *Pisces ut saepe minutos magni comest, ut aues enecat accipiter*.
[“Tal como o peixe grande devora o miúdo, tal como o gavião estrangula as aves”].

⁴⁷² *multorum capitum belua*. Referência à Hidra de Lerna, abatida por Hércules, Cf. p. 178, Epigrama 73, v. 20, e respetiva nota.

⁴⁷³ Vv.14-16. A figura do “momento oportuno” ou “Ocasão” era representada pelos Antigos sob a forma bizarra de um estafeta de nuca calva e fronte cabeluda correndo sobre o gume de uma navalha alada, que o acompanha à mesma velocidade. O fio da navalha simboliza o momento presente, o instante pontual e invisível entre o passado e o futuro. Sobre ele mantém-se em equilíbrio dinâmico o corredor, que significa a *occasionem rerum breuem*. É este o tema de uma das *Fábulas* de Fedro, V, 8 (cf. *Disticha Catonis*. Recensuit etc. Marcus Boas, ed. Henricus Iohannes Botschuyver, Amesterdão, 1952, pp. 26-27).

Esta mesma figura foi retomada por Ausónio num dos seus *Epigramas* (vd. *Ausonius*, vol. II, ed. The Loeb Classical Library, Londres, 1949, p. 174, Epigrama XXXIII) em que são associadas as alegorias da Ocasão e do Arrependimento (*In Simulacrum Occasionis et Paenitentiae*).

Alguns dos seus versos (vv. 7-8 e 15-16) mostram que Aires Barbosa deve ter-se baseado no poeta latino de Bordéus:

– *Crine tegis faciem. – Cognosci nolo. – Sed tu beus*
Occipiti caluo es? – Ne teneat fugiens.
[...]
Tu quoque dum rogitas, dum percontando moraris,
Elapsam dices me tibi de manibus.

⁴⁷⁴ Aires Barbosa revela, em todo este epigrama e em especial nos dois versos finais, o radicalismo das suas ideias aristocráticas.

ÉPIGRAMA 104

⁴⁷⁵ A fortaleza de Alaejos, pequena vila situada entre Valhadolid e Tordesilhas, era propriedade do alcaide António de Fonseca, o comandante das tropas reais que incendiaram a cidade de Medina del Campo em 21 de agosto de 1520. Os Comuneros que ocupavam esta cidade decidiram exercer represálias sobre Fonseca e atacaram Alaejos, impondo um duro cerco à sua fortaleza, que o alcaide defendeu com bravura durante largos meses.

Existem relatos coevos que coincidem com os pormenores descritivos de Aires Barbosa neste epigrama. Vejamos o que a este respeito diz uma “Relación de todo lo sucedido en las comunidades de Castilla y otros Reynos Reynando el Emperador Carlos V” de autor anónimo (cf. René Costes, “Pedro Mexia, Chroniste de Sandival. Table de concordance avec le ms. 3779 de la Biblioteca Nacional... Appendice VI, Belle défense de la forteresse d’Alaejos”, *Bulletin hispanique* XXIII, n.º 2, avril-juin (Bordéus-Paris, 1921), 105-107:

“[...] porque el dho Fonseca hera muy pribado del rrey e se haçia en el reino mucho de lo que el queria y mandava.

Agora saved que como se hallase culpante en estas alteraçiones, espeçialmente en la quema de Medina, por los de la Junta, con acuerdo de algunos de los estados de las çiudades del rreino fue acordado de le dar por traidor y que sus bienes fuesen tomados y aplicados a la dha villa para ayuda de los daños que avian rreszibido. Y ansy luego

juntaron mucha gente de guerra con el artilleria de la villa, fueron sobre Alaexos y pusieron sitio y ayto [sic] a la fortaleza y rrobaron el lugar [...] y ansi pusieron pretrechos e tiros contra la fortaleza con gran ympetu.

Pero si hellos venian esforzados, no hallaron a los de dentro flacos ni pereçossos, mas antes començaron á jugar con ellos del artilleria, donde rreszivieron mucho daño los de fuera, e por uno que mataban los de fuera, murian dellos dos e tres hombres, porque tiravan a barrera; e viendo esto hiçieron mantas de vigas e tablones mucho gruesos con que se defendian, allegando asta las barreras, adonde rreszivian mucho daño ambas partes; pero desde las mantas asestaván á la fortaleza muchos tiros y derrocavan gran parte de la fortaleza, que a las bezes davan con lienzo entero en el suelo, y ni aun por esto los de dentro desmayavan, mas antes se defendian muy bravamente, rreparando de noche lo que de día les derrocavan.”

Sobre o cerco de Alaejos, vd. Joseph Pérez, *op. cit.*, pp. 241, 246, 261, 445, 474, 608, 659 e 663.

⁴⁷⁶ *Vrbinas... dux*. Deve tratar-se de algum dos capitães que enquadravam as tropas comuneras no cerco de Alaejos, talvez Juan de Urbina, figura destacada de comunero de Guadalajara que aparece na lista dos “exceptuados” do perdão geral concedido por Carlos V, em 1522, aos implicados na guerra das Comunidades (vd. Joseph Pérez, *op. cit.*, p. 480).

EPIGRAMA 105

⁴⁷⁷ Aires Barbosa, que elogiara o alcaide António de Fonseca no epigrama anterior a propósito da bravura com que ele defendera a fortaleza de Alaejos cercada pelos Comuneros, dirige-se agora ao mesmo alcaide para o reprovar duramente pelos excessos cometidos contra os adversários seus concidadãos. É provável que o Mestre Grego se queira referir a um episódio ocorrido durante a defesa daquela vila, em que o alcaide Fonseca, usando de uma armadilha, atraiu os sitiados ao interior do castelo para exercer sobre eles um horrendo massacre. O facto vem contado pela *Relación* anónima citada em nossa nota ao epigrama anterior, nestes termos:

“¿Que vos dire? Duro el combate mucho tiempo, que nunca los pudieron entrar, haciéndoles los synsavores y muertes y burlas que podían a los de fuera, hasta tanto que un día les hiçieron muy gran daño et muertes de hombres, que fue desta manera: dexaron las puertas de la fortaleza aviertas de par en par, e subieron una puerta levadiza, en lo alto atada, con solamente una muger, en son de dezir que paresçia en la muralla que hombre chico ni grande no paresçia sino sola ella. Y biendo esto los de fuera, que uno ni otro día ni otro no beían gente, y las puertas aviertas á la continua, pensaron: sus, no ay naide, ydos son. Y así un capitan de la gente de la villa de Medina, que se dize Bobadilla, con un esquadron de gente, alço un pendon en la mano, y con gran grita y alegría entraron por las puertas primeras donde estava alçada la puerta con su tranca, y dieron consygo hasta el patio de la segunda puerta del alcaçar, diçiendo: ¡Viva el rrey! ¡viva la rreyna e junta! favor! vençimiento por la villa de Medina!

Y como los de dentro, que estaban con gran regoçijo callando, los vieron que estaban ya dentro en la prensa, dexaron caer la puerta, y ansy quedaron todos dentro, et luego les dieron el combate, que les echaron en medio tres u quatro qubetos llenos de polvora, con su tiçon de fuego cada uno, y ansi andubo la polvora entre ellos, y el fuego açiéndoles mucho daño, e por la otra parte salieron los de dentro y obo entre ellos muy grande y cruda guerra, hasta tanto que no quedo hombre de los de fuera ni su capitan, que todos murieron, de que sera gran dolor y pesar para sus mugeres y hijos, que toda su vida tendran que llorar.

Y con aquesta victoria los de dentro quedaron mucho mas orgullosos y bravos, peleando y defendiendose mortalmente, como hombres que no esperavan ya remedio de vida. Pero ¿que les aprovecha? que todos an de morir, i les sera dada mas cruda muerte del mundo porque no pueden mucho defenderse [...]” (Cf. René Costes, *op. cit.*, p. 107).

⁴⁷⁸ *Dulce bonum est... gloria.* Cf. pp. 206-207, Epigrama 106, vv.19-20, e respetiva nota.

⁴⁷⁹ *proles... Philippi.* Evocação de Alexandre Magno, filho de Filipe da Macedónia.

⁴⁸⁰ *Quid prosunt... patiare.* Cf. Vulgata, Mateus, 16, 26: *Quid enim prodest homini si mundum uniuersum lucretur, animae uero suae detrimentum patiatur?* ["Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se, depois, perde sua alma?"].

⁴⁸¹ *cacodaemones atros.* Barbosa emprega o mesmo grecismo *cacodaemones* noutros passos das suas obras, por exemplo na *Releção acerca dos Verbos Obliquos* quando fala da natureza dos anjos (vd. *In uerba M. Fabii* [...], fls. [a vj] e [b vj]) e no "Carmen in sacrum poema Aratoris" (vd. *Aratoris Cardinalis Historia* [...], fl. 1 v°; cf. pp. 108-112, Epigrama 11, v. 23).

⁴⁸² *Lares.* De origem etrusca, os Lares eram divindades tutelares da família, do "lar", das ruas, do mar e da cidade, e andavam sempre associados à memória das almas dos antepassados, com as quais se confundiam. Neste sentido, eram também sinónimos de deuses infernais.

⁴⁸³ *speculi... diuini... lumen.* Cf. Vulgata, 1 Coríntios 13, 12.

EPIGRAMA 106

⁴⁸⁴ *Fontirabia.* Francisco I de França, sentindo-se lesado por Carlos V nos seus direitos sobre os ducados de Milão e de Borgonha, sobre o reino de Nápoles e sobre a república de Génova, aproveitou a guerra das Comunidades de Castela para invadir Navarra em 1521, sob pretexto de apoiar Henrique d'Albret no seu desejo de reconquistar a parte espanhola deste reino, que fora anexada à Espanha por Fernando, o Católico, em 1485. As tropas francesas tomaram Pamplona e sitiaram Logronho. Mas o exército castelhano acudiu e derrotou-as em retirada, em 30 de junho de 1521. Pouco depois, porém, os Franceses atacavam de novo e apoderavam-se das fortalezas de Peñon e Moya e da povoação biscainha de Fuenterrabia, na costa marítima norte da Espanha junto da fronteira com a França. Fuenterrabia só veio a ser recuperada por Castela em 1524. Sobre a reconquista e perda definitiva de Navarra, vd. Prosper Boissonnade, *Histoire de la réunion de la Navarre à la Castille. Essai sur les relations des princes de Foix-Albret avec la France et l'Espagne (1479-1521)*, Paris, A. Picard, 1893, pp. 543-558. Este epigrama data, provavelmente, dos finais de 1521.

⁴⁸⁵ *Metricalensi... uite.* Deve referir-se a Madrigal de las Altas Torres, vila situada na planície entre Salamanca, Tordesilhas e Ávila. O seu nome ficou ligado à história castelhana pela celebração do casamento de D. João II de Espanha com Isabel de Portugal, pelo nascimento da rainha Isabel, a Católica, e pelo falecimento de Fr. Luís de León. A região de Madrigal era famosa já no séc. XVI pela boa qualidade do seu vinho, facto que é testemunhado por Lúcio Marineo Sículo no capítulo "*De Hispaniae frugibus et uino*" do primeiro livro da sua obra *De Rebus Hispaniae Memorabilibus* [...] (Alcalá de Henares, Miguel de Eguia, 1533, fl. ij v° da edição latina e fls. ij v° - iij da versão espanhola, do mesmo impressor, local e data). No segundo livro da referida obra, o Autor, ao falar "*De Lusitania prouincia*" e dos seus povos (vd. *op. cit.*, fl. viii, da edição latina), escreve estas palavras: *et Matrigalenses albo uino diuites* ["e os Madrigalenses, ricos pelo seu vinho branco"]. E no passo correspondente da versão espanhola, *De las Cosas Memorables de España* [...] (vd. fl. xj), escreve: "Y tambien en Madrigal muy nõbrado lugar por su vino blanco de buen olor y mejor sabor".

⁴⁸⁶ *ciuile nefas.* Os Antigos consideravam tão nefastos os efeitos de uma guerra civil, pela desagregação da sociedade e destruição da própria pátria que ela provocava, que a designavam muitas vezes por *nefas*, palavra que envolve no seu sentido sagrado tudo quanto atenta contra o direito divino. A guerra civil era, assim, como que um sacrilégio (cf. Lucano, *A Farsália* II, 507; VII, 432).

⁴⁸⁷ *pulchrum est pro patria... mori*. Ideia que já vem dos Gregos e se encontra, por exemplo, em Tirteu, frg. 6. 7 Diehl:

Τεθνάμεναι γὰρ καλὸν ἐνὶ προμάχοισι πεσόντα
ἄνδρ' ἀγαθὸν περὶ ἧι πατρίδι μαρνάμενον.

[“É belo para um homem valente morrer, caindo nas primeiras filas, a combater pela pátria.”]

(Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira, *Hélade. Antologia da Cultura Grega*. Coimbra, 1998, p. 104).

Entre os poetas latinos, encontramos o mesmo pensamento em Virgílio, *Eneida* II, 317: *pulchrumque mori succurrit in armis* [“e veio-me à memória que é belo morrer frente às armas”]. E Horácio, *Odes* III, 2, 13, junta à ideia de beleza o conceito de doçura, na conhecida frase: *Dulce et decorum est pro patria mori*. (“é doce e belo morrer pela pátria.”).

⁴⁸⁸ *duce Gonsalo*. General espanhol nascido no castelo de Montilha, em Córdova, em 1453. A sua ação militar desenvolveu-se sobretudo na Itália, no reino de Nápoles (a antiga Parténope), tanto ao serviço dos reis locais desde 1495, como às ordens dos Reis Católicos depois da integração daquele Estado na coroa de Espanha em 1504. O valor militar de Gonçalo Fernández de Córdova, revelado em várias campanhas, mas especialmente durante a guerra que o rei de Nápoles, Frederico III, manteve contra Carlos VIII de França, mereceu-lhe o cognome de *Gran Capitán*, pelo qual ficou conhecido na história. Morreu em Granada em 1515.

⁴⁸⁹ *comes stabilis*. O condestável de Castela era, ao tempo, D. Iñigo Fernández de Velasco, nomeado, juntamente com o almirante D. Fadrique Enríquez de Cabrera, adjunto do regente de Espanha – o cardeal flamengo Adriano de Utrech –, medida tomada por Carlos V para acalmar o movimento popular das Comunidades, que não queriam aceitar em Castela um governo de estrangeiros.

⁴⁹⁰ *Pontarche*. A não ser nome próprio, que não conseguimos identificar, parece tratar-se de um grecismo (e porventura neologismo), *pontarchus* (a partir de πόντος, “mar”, e de ἄρχος, “o que conduz”), como quem diz ‘capitão do mar’, isto é ‘almirante’. Deve, pois, referir-se justamente ao almirante Fadrique Enríquez atrás mencionado, que partilhava com o condestável Iñigo de Velasco a responsabilidade suprema da defesa militar de Castela.

EPIGRAMA 107

⁴⁹¹ Sobre Fuenterrabia e a sua recuperação, vd., p. 206, Epigrama 106, v. 6, e respetiva nota.

EPIGRAMA 108

⁴⁹² Sobre a campanha de Navarra, vd., p. 206, Epigrama 106, v. 6, e respetiva nota. Há historiadores que afirmam ter havido um entendimento dos Comuneros com o rei de França e com Henrique d’Albret, que aproveitaram a revolução das Comunidades no interior de Espanha para atacarem Navarra (vd. P. Boissonnade, *op. cit.*, p. 545).

⁴⁹³ *buc*. Aires Barbosa considera-se dentro da área das operações militares da guerra entre Comuneros e tropas reais, que atuavam sobretudo na zona entre Valhadolid e Salamanca, onde o humanista se encontrava.

⁴⁹⁴ Vv. 5-7. No momento em que as tropas reais se reorganizavam e enfrentavam definitivamente os Comuneros, os governadores de Castela requisitaram ao duque de Nájera, vice-rei de Navarra, um reforço militar comandado por seu filho Juan Manrique. O duque fez ver aos governadores o perigo que tal medida constituía para Navarra precisamente

numa altura em que já havia, junto à fronteira, grande movimento de tropas francesas preparadas para invadir a província. O imperador respondeu-lhe de Aix-la-Chapelle, em carta de 24 de outubro, dizendo que “se era razoável procurar guardar Navarra, era-o ainda mais ajudar à pacificação de Castela” (Cf. P. Boissonnade, *op. cit.*, p. 543).

⁴⁹⁵ *magni ducis*. Esta expressão parece traduzir o cognome *Gran Capitán* do antigo general Gonçalo de Córdova (vd., p. 206, Epigrama 106, v. 23, e respetiva nota).

⁴⁹⁶ *donec plebecula uicta est*. Derrotada em 23 de abril de 1521 na batalha de Villalar pelas tropas de Carlos V.

⁴⁹⁷ Vv. 25-28. A vitória dos espanhóis em Logronho enquadra-se dentro das operações militares de recuperação da zona de Navarra recentemente ocupada pelas tropas de Francisco I. Depois da batalha de Villalar, o exército castelhano volta-se para Navarra, liberta Logronho do inimigo e submete as tropas francesas em retirada a uma pesada derrota nas vizinhanças de Pamplona, em 30 de junho de 1521. Eram comandantes do lado espanhol o duque de Nájera, o condestável D. Iñigo de Velasco e o almirante D. Fadrique Enríquez. O comandante do exército francês nesta primeira campanha de Navarra era André de Foix, que ficou prisioneiro dos castelhanos neste desaire.

EPIGRAMA 109

⁴⁹⁸ Este poema é, de todos os epigramas de Aires Barbosa, um dos três que ele compôs em estrofes sáficas (os outros são os Epigramas 53 e 110). Baseia-se num tema clássico sintetizado neste provérbio latino que Varrão regista na sua *Economia Rural* II, 1, 3:

Non omnes qui habent citharam sunt citharoedi.

[“Nem todos aqueles que possuem cítara são citaristas”].

e que Ausónio glosou deste modo num dos seus epigramas, acerca do gramático:

DE PHILOMVSIO GRAMMATICO

Emptis quod libris tibi bibliotheca referta est

Doctum et grammaticum te, Philomuse, putas?

Hoc genere et chordas et plectra et barbita condes:

Omnia mercatus cras citharoedus eris.

[“ACERCA DO GRAMÁTICO AMANTE DAS MUSAS

Lá porque tens, ó amante das Musas, uma biblioteca cheia de livros comprados, julgas que és um douto gramático?

Desta maneira farás armazém de cordas e plectros e bárbitos: tendo comprado tudo, serás amanhã um citarista.”]

(Cf. *Ausonius*, vol. II, ed. The Loeb Classical Library, Londres, 1949, p. 160, Epigrama VII).

É manifesto que Aires Barbosa teve presente toda esta composição do poeta bordelês, que ele por sua vez glosou também, com a adunção de outros elementos já expressos no Epigrama 98 (vd. pp. 196-197), acerca do autodidata mal preparado e ignorante.

⁴⁹⁹ *Fronto*. O mesmo Frontão é tratado nos Epigramas 26, 27, 52 e 76 (e respetiva nota 380). Vd. pp. 134-137, 156-157 e 180.

EPIGRAMA 110

⁵⁰⁰ *Farinae ... nostrae*. Vem de longa tradição clássica o valor figurado da palavra “farinha” com o sentido de natureza, qualidade, têmpera, género, etc. Vd. Pérsio, *Sátiras* V, 115: *Cum*

fuers nostrae paulo ante farinae (“Uma vez que eras, pouco antes, da nossa farinha”). Daí a expressão equivalente “ser da mesma massa”. Testemunhos da fórmula literal encontram-se em Erasmo, *Adágios*, III, 5, 44, e em autores portugueses como Manuel Bernardes, *Nova Floresta*, Porto, Lello & Irmão – Editores, vol. II, B, Título I, Bailes, II, § 2, p. 18: “... os deuses do paganismo, Baco, Fora e outros da mesma farinha.”; e Camilo Castelo Branco, *Coração, Cabeça e Estômago*, Lisboa, Círculo de Leitores, Primeira Parte, *Coração*, p. 43: “ambas [as mulheres] são da mesma farinha”.

EPIGRAMA 111

⁵⁰¹ A mesma comparação vem no Epigrama 34, v. 1 (vd. pp. 140-141).

⁵⁰² *militibus Sancti ... Ioannis*. A Ordem do Hospital de São João de Jerusalém, criada nesta cidade em meados do séc. XI, tinha inicialmente objetivos hospitalares de assistência aos peregrinos da Terra Santa. Mas logo em 1137 o cavaleiro francês Raimundo du Puy a transformou em ordem militar, destinando-a à defesa da religião, sobretudo contra o poder islâmico. Instalada em Chipre por João de Villiers em 1291 depois da queda da última praça da Palestina – S. João de Acre –, de lá conquistou a ilha de Rodes em 1310, onde se instalou e tomou o nome de Ordem dos Cavaleiros de Rodes. Aí conheceu o auge do seu poder naval, do seu esplendor e da sua soberania, que era reconhecida pela Igreja e pelos Estados cristãos.

Os Turcos tentaram recuperar a fortaleza de Rodes por várias vezes, até que em 1522 Solimão II, o Magnífico, à frente de uma poderosa armada, cercou a ilha durante o governo do grã-mestre Villiers de l’Isle d’Adam e a obrigou a capitular a 24 de dezembro daquele ano, depois de seis meses de uma resistência heroica e perante a passividade de uma Europa dividida por guerras fratricidas e permanentes entre as maiores potências cristãs.

⁵⁰³ *Fama loquax*. A mesma expressão vem em Ovídio, aplicada à personificação da fama (vd. *As Pônticas* II, 9, 3).

⁵⁰⁴ *nec ullus e somno tanto surgit*. O nosso Fr. Luís de Sousa, a propósito da restauração da ordem dos Cavaleiros de Rodes, instalados depois na ilha de Malta, donde tomaram o seu novo nome, escrevia estas palavras nos *Anais de D. João III*, cap. X: “[...] o grã-mestre de Rodes, depois que os Turcos o lançaram daquela ilha por fim do ano de 1522, requeria a todos os príncipes folgassem de restaurar a terra perdida, que não quiseram ou não puderam socorrer antes que se perdesse.”

⁵⁰⁵ *Phoebe*. Sobre o epíteto da Lua, *Phoebe* (do grego Φοίβη, ‘a Luminosa’; cf. *Phoebus*, de Φοῖβος, o ‘Luminoso’, isto é, o Sol), e as suas pontas, vd. por exemplo, Virgílio, *Geórgicas* I, 431-433.

⁵⁰⁶ Estimulados pelo sucesso de Rodes, os Turcos, que já tinham realizado repetidas incursões no reino da Hungria desde os princípios do séc. XV e haviam conquistado a cidade de Belgrado em 1521, voltaram-se definitivamente sobre a capital húngara, Buda, e, com um exército de cem mil homens comandados por Solimão II, esmagaram em 1526 as tropas de Luís II na planície de Mohacs, onde este rei pereceu com vinte mil dos seus soldados. O avanço do sultão só encontrou resistência eficaz em Viena, quando ele a cercou em 1529 com um exército de trezentos mil homens.

⁵⁰⁷ *solutus Ioannes ... rex Lysae*. Garcia de Resende, referindo-se ao domínio crescente do Turco por esta altura (vd. *op. e ed. cit.*, p. 337), acusa os reis da Cristandade, desta maneira (o sublinhado é nosso):

Por culpa dos Reys Christãos
se faz tam grande senhor,
que não pode ser mayor,
pois não tem para elle mãos,

nem entre si paz, e amor:
 sam omecidas no mal
 que faz, saluo Portugal,
 que por ser tam desuiado,
 a hum mal tam mal olhado
 non pode valer nem val.

E, ao descrever, a pp. 374 sgs. da mesma obra, os feitos de D. João III, diz na p. 377:
 vimos como socorria
 cõ dinheiro a elRey de Vngria,
 socorro muy abastante;
 se elRey non mataram ante,
 ja o socorro la hia.

Sobre o nome *Lysa*, tomado aqui por Aires Barbosa como sinónimo de Lusitânia, vd. pp. 136-139, Epigrama 29, v. 2, e respetiva nota, e vejam-se as explicações etimológicas da palavra ‘Lusiadas’ e ‘Lusitânia’ dadas por André de Resende respetivamente nas notas 48 e 24 do seu poema *Vincentius Leuita et Martyr*. Cf. Luís de Camões, *Os Lusíadas* III, 21. Vd., também, Américo da Costa Ramalho, “A palavra *Lusiadas*”, *Humanitas* XXVII-XXVIII (Coimbra, 1976), 2-15, e Sebastião Tavares de Pinho, “O poema *Consecratio* de Jorge Coelho e a origem da palavra *Lusiadas*”, *Decalogia Camoniana*, Coimbra, CIEC, 2007, pp. 8-35.

⁵⁰⁸ *Histri*. O Istro, parte do Danúbio, é tomado aqui como sinónimo da Hungria, que ele divide ao meio no sentido norte-sul. Cf. pp. 172-173, nota ao v. 21 do Epigrama 66.

⁵⁰⁹ *ipsumque ... culmen*. Clemente VII, papa desde 1523, andava então demasiadamente envolvido, como o seu antecessor Adriano VI, nos conflitos que agitavam os Estados cristãos da Europa.

⁵¹⁰ Vv. 39-41. Sobre o célebre episódio das Sereias, durante a viagem de Ulisses, e do processo de que este se serviu para escapar ao encanto fatídico da sua voz, mandando vedar os ouvidos dos marinheiros com bolas de cera e fazendo-se ele mesmo amarrar ao mastro do navio, veja-se Homero, *Odisseia* XII, 37-54 e 154-200.

⁵¹¹ *Pannonicos*. A Panónia era a região entre o Nórico e o Danúbio, correspondente à atual Hungria.

⁵¹² *Sarmaticis ... undis*. Os Sármatas constituíram um dos substratos étnicos de parte da região danubiana. Luís II, jovem de vinte anos, morreu afogado no rio Creke durante a retirada da batalha de Mohacs.

⁵¹³ Da formação da chamada Santa Liga de Cognac, em 1526, entre o papa, a França e Veneza contra Carlos V, resultou que as tropas imperiais, de que faziam parte muitos luteranos, invadiram, em 1527, os Estados pontifícios, penetraram na Cidade Eterna e saquearam-na da forma mais violenta. O “Saque de Roma” ficou assinalado na história como um dos maiores escândalos da guerra entre cristãos.

II – NOTAS E COMENTÁRIOS AO POEMA

ANTIMÓRIA

⁵¹⁴ *Lernaeum ... monstrum*. De Lerna, pântano do Peloponeso, onde vivia a Hidra das Sete Cabeças, que recresciam apenas decepadas, pelo que Hércules a decapitou de um só golpe.

⁵¹⁵ *nepenthes*. Planta egípcia que, misturada ao vinho, teria a propriedade de libertar dos cuidados.

⁵¹⁶ Evocação da oferta da viúva: vd. Vulgata, *Lucas*, 12, 41-44. Cfr. p. 116, Epigrama 12, vv. 57-58 e repetiva nota.

⁵¹⁷ Isto é: “Se mais tivera, mais oferecera.”

⁵¹⁸ *In terris Saturno principe*. Evocação do mito clássico do paraíso terrestre, e da sua degradação expressa na teoria das quatro idades – do ouro, da prata, do cobre e do ferro –, em que Saturno presidia à Idade do Ouro e nele reinava a virgem Astreia, filha de Zeus e de Témis e irmã do Pudor, espalhando entre os humanos os sentimentos da justiça e da virtude. Mas, com a sucessiva degeneração da Humanidade, Astreia acabou por abandonar a Terra (cf. Ovídio, *Metamorfoses*, I, 89, sgs.). Inspirado neste mito, Aires Barbosa contrapõe à figura da Loucura erasmiana a da Sapiência (a Astreia cristianizada) e confere-lhe o papel de promotora das virtudes cristãs. Há aqui também reflexos da Sátira VI de Juvenal contra a ausência da *Pudicitia* em certo perfil da mulher romana.

⁵¹⁹ *ut carus tibi tu, sic proximus esto*. Resumo da essência da doutrina cristã, expressa no Decálogo dos mandamentos divinos e reduzidos a dois fundamentais: amar a Deus acima de todas as coisas, e ao próximo como a nós mesmos.

⁵²⁰ *Sapientia ...In caelumque abiit terris ... Iustitiam secum abduxit*. Ecos e adaptação da *Bucólica* IV, 4-7, e das *Geórgicas* I, 473-4, de Virgílio, com referência especial à Justiça, na figura da virgem Astreia; e, ao mesmo tempo, exemplo da simbiose da cultura clássica com os conceitos do Cristianismo.

⁵²¹ *phalanx uitii septemPLICIS*. Referência ao tradicional elenco cristão dos sete Pecados Capitais, mais concretamente descritos a seguir, nos vv. 169-175: Soberba, Avareza, Luxúria, Ira, Gula, Inveja e Preguiça.

⁵²² *Magni ... Tonantis*. Tonante era epíteto de Zeus (Júpiter), o deus “tonitrante” (dos trovões) da tradição greco-latina, cristianizado pelos humanistas como equivalente a Deus. Cf. *supra* Epigrama 6, v. 5; Epigrama 20, v. 6; Epigrama 51, v. 17; Epigrama 56, v. 2; e respetivas notas (vd. pp. 104, 126, 154 e 158, respetivamente).

⁵²³ *Graiiis*. Forma preferida pelos poetas e equivalente a *Graecis*, isto é, “aos Gregos”, ou seja aos Aqueus da *Iliada*, a quem o seu próprio grande herói Aquiles causou graves embaraços no decorrer da guerra de Troia, por motivo das suas desavenças com Agamémnon, o chefe supremo da expedição.

⁵²⁴ *Quattuor in riuos sic scisso gurgite*. Parece ser evocação dos quatro rios infernais da tradição clássica: o Cocito e o Flegetonte – que confluíam no Aqueronte – e o Estige, formando assim uma rede aguática subterrânea por onde teriam de passar as almas a caminho do Além.

⁵²⁵ *Non inflatur amor, non inuidet*. A trilogia das “virtudes teológicas”, cuja evocação começa no verso 144 com a descrição da Fé e da Esperança, remata com a Caridade, que ocupa os versos 152-156 e que tem claro fundamento no texto bíblico da 1ª Carta de S. Paulo aos Coríntios 13, 1 sgs., especialmente 4-7.

⁵²⁶ *comites tibi quattuor adde*. Referência às quatro virtudes cardeais chamadas “virtudes morais”: Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança.

⁵²⁷ *Tartara*. O Tártaro, designação clássica greco-latina da região e dos poderes infernais, foi desde cedo adotado pela linguagem cristã com análogo sentido de Inferno. Cf. Vulgata, 2ª Carta de S. Pedro, 2, 4.

⁵²⁸ *Tonantis*. Vd. *supra*, nota 522.

⁵²⁹ *Diuitiis Croesi atque opibus*. Ganhou fama proverbial a riqueza de Cresos, rei da Lídia entre 560 e 547 a. C.

⁵³⁰ *bellua Lernae*. Sobre este famoso monstro, vd. *supra*, Epigrama 74, v. 6, Epigrama 103, v. 8, e respetivas notas (pp. 180 e 202, respetivamente).

⁵³¹ *Paulum subito percussum lumine*. Referência à conversão de S. Paulo (Saulo de Tarso) durante a sua viagem a caminho de Damasco como perseguidor dos primeiros cristãos daquela cidade, e às circunstâncias que a envolveram: "... quando se viu subitamente envolvido por uma intensa luz, vinda do Céu ... e uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, porque Me persegues?" Vd. Vulgata, *Atos dos Apóstolos* 9, 1 sgs., especialmente 3-4.

⁵³² *Phaeton*. Faetonte, filho do deus Hélio, tendo conseguido de seu pai autorização para conduzir o "carro do sol" com que ele alumia o mundo, entrou em loucas velocidades e perdeu o controle dos cavalos e a sua própria vida e colocou em perigo todo o sistema solar.

⁵³³ *baec Siren fallax, baec improba Circe*. Evocação da Sereia, divindade marinha com aparência de mulher e cauda de peixe, que, com seu canto, atraía os marinheiros e os fazia encalhar nos escolhos para aí os devorar. Ulisses e seus companheiros de viagem, quando regressavam de Troia, enfrentaram esse mesmo perigo; mas, a conselho da feiticeira Circe, que em episódio anterior também os havia maltratado e tentado seduzir o seu chefe com seus amavios, este tapou com cera os ouvidos dos seus marinheiros para que não ouvissem aquele canto traiçoeiro, e obrigou-os a amarrá-lo ao mastro do seu navio para ele não se deixar atrair pelo engodo, e todos assim se salvarem. (Vd. Homero, *Odisseia* X, 133-574 e XII, 1-200). Sobre este episódio, vd. também *supra*, p. 214, o Epigrama 111, vv. 39-41 e respetiva nota.

⁵³⁴ *Vnde Cato et quicumque ... amator Stoicus*. Deve tratar-se de Marco Pórcio Catão, o Júnior, mais conhecido por Catão de Útica para o distinguir de seu bisavô, Catão, o Censor. Ficou conhecido pelo estoicismo de suas qualidades morais e pela sua inflexível e intransigente coerência, que o levou a suicidar-se para não ter que assistir à queda da República Romana, o que seria para ele uma verdadeira loucura (Vd. Plutarco, *Vidas Paralelas* – Catão, 791c sgs.; Cícero, *Defesa de Murena*, 29-30; Salústio, *Conjuração de Catilina*, 54-55; Lucano, *Farsália* II, 238-390).

⁵³⁵ *esca malorum*. Esta metáfora vem realmente de Platão, *Timeu*, 69d: Μέγιστον κακοῦ δέλεαρ. Mas o seu contexto dentro do texto de Aires Barbosa, designadamente a referência ao anzol e aos peixes nos dois versos seguintes, mostra que ele a colheu em Cícero, *A Velhice* XIII, 44, onde se verifica o mesmo enquadramento: *Diuine enim Plato "escam malorum" appellat uoluptatem, quod ea uidelicet homines capiantur ut pisces*. ["Na verdade Platão, de forma excelente, chama ao prazer a isca dos males, porque os homens, é claro, se deixam captar por ela como os peixes"].

⁵³⁶ Sobre a virtude e o prazer faz Aristóteles uma desenvolvida exposição nos Livros VII (1152a-1154b) e X (1172a) da *Ética a Nicómaco*. Estas palavras de Aires Barbosa podem remeter para o texto do Estagirita. Mas a fonte intermediária poderá ter sido um pequeno passo da obra de Luís Célio de Rovigo [=Ludouicus Coelius Rhodiginus], *Lectionum antiquarum libri XIV*, Basileia, João Froben, 1517, Livro XXI, cap. X [=col. 976 H, da edição saída "Apud heredes Andraeae Wecheli, Claudium Marnium, & Ioannem Aubrium, M.D.XCIX", s. l.:

Aristotelis decretum est ex Moralium secundo, In uniuersis ab uoluptate cum primis cauendum, quando de ipsa incorrupti haud iudicamus. [“No livro II da Moral de Aristóteles está decretado: ‘Em tudo se deve ter precaução com o prazer, porquanto acerca dele nós, os incorruptos, não ajuizamos de modo nenhum’.”].

⁵³⁷ *Thais*. Taís é nome de famosa meretriz ateniense celebrada por Luciano (*Diálogo das Meretrizes*, 1, 1), e recordada por poetas latinos como Propércio (*Elegias* II, 6, 3; e IV, 5, 43) e Ovídio (*Arte de Amar* III, 604, e *Remédios contra o Amor*, 383 sgs.); e também de uma homônima romana evocada por Marcial (*Epigramas* II, 8 e IV, 12) e figurante da comédia *O Eunuco*, de Terêncio.

⁵³⁸ Esmirna entrou no grupo das cidades gregas que reivindicaram a naturalidade de Homero; e Tíndaris lacena, ou de Lacedemônia, é designação patronímica de Helena, filha de Tíndaro e esposa de Menelau, rei de Esparta, depois raptada pelo troiano Páris, dando assim origem à guerra de Troia. O episódio que Aires Barbosa descreve nos versos seguintes (vv. 258-287) resume o conteúdo do canto III da *Iliada*.

⁵³⁹ *Phryges*. Os Troianos.

⁵⁴⁰ *Danai*. Os Aqueus.

⁵⁴¹ *Menelaus*. Marido de Helena e rei de Esparta.

⁵⁴² *minor Atrides*. Menelau, irmão mais novo do atrida Agamémnon rei de Micenas, ambos filhos de Atreu.

⁵⁴³ *Troianus adulter*. Páris, filho de Príamo rei de Troia, foi o responsável pelo rapto de Helena.

⁵⁴⁴ *Pelasgi*. Os Aqueus.

⁵⁴⁵ *Pergama*. Cidadela de Troia.

⁵⁴⁶ *Priamus*. Rei de Troia.

⁵⁴⁷ *Scaeae ... portae*. A entrada principal de Troia.

⁵⁴⁸ A coincidência da expressão “formosa iuuenca” e do contexto da garbosa novilha diante da luta dos dois touros que por ela rivalizavam, segundo a descrição de Virgílio, *Geórgicas* III, 219 sgs., leva a supor que Aires Barbosa teve em conta, neste símile, o texto virgiliano. Cf. também *Eneida* XII, 715-722.

⁵⁴⁹ *Lacedaemona*. Esparta.

⁵⁵⁰ *Panthum*. Panto, Clício e Antenor faziam parte dos conselheiros de Estado que, ao contemplar a beleza de Helena, reconheceram o peso e o risco que ela representava na causa e manutenção da guerra. Por isso, e a pesar de tudo, eram de parecer que Helena devia abandonar Troia (Cf. Homero, *Iliada* III, 146-160).

⁵⁵¹ Refere-se a Aristóteles, o autor da *Ética a Nicômaco*, mencionado atrás nos vv. 246-251.

⁵⁵² *Laís*. Laís era uma famosa cortesã de Corinto, de quem Ovídio (*Amores* I, 5, 12) dizia que era amada por muitos homens; e diante de cujas portas, segundo Propércio (*Elegias* II, 6, 1-2), se prostrava a Grécia inteira.

⁵⁵³ *Hoc ... iubeo*. O mesmo pensamento, com a mesma frase latina – *boc uolo, sic iubeo* – e em contexto semelhante, encontra-se em Juvenal, *Sátiras* VI, 223.

⁵⁵⁴ *Clotbo*. Uma das Parcas: a Fiandeira, encarregada de fiar o fio da vida de cada ser humano.

⁵⁵⁵ ... *uatis Iberi ... deus mortis uult*. O vate ibero aqui evocado é Marcial, natural de Bîlbilis, perto de Calatayud, na província ibérica da Hispânia Tarraconense, e os dois versos aqui aspidados transcrevem quase literalmente um dístico (vv. 3-4) da Sátira 59 do livro II dos epigramas do poeta latino. Estes versos, que resumem todo o pensamento do *carpe diem* da obra horaciana, e o desenvolvimento que Aires Barbosa lhes concede são um bom exemplo da profunda ironia com que o nosso humanista responde ao irónico texto do *Elogio da Loucura* de Erasmo.

⁵⁵⁶ *Solyimi uates*. O topónimo *Solyma* e o respetivo substantivo *Solymus* são formas abreviadas de *Hierosolyma* (Jerusalém) e *Hierosolymus*, e muito usadas pelos humanistas por estas outras não caberem dentro da métrica latina.

⁵⁵⁷ *fundamina Petrae*. No texto original, a palavra “*Petrae*” desta expressão vem com maiúscula inicial, o que parece sugerir que se trata de referência aos fundamentos da Igreja na pessoa do apóstolo Pedro e, portanto, à sua doutrina (cf. Vulgata, *Mateus*, 16, 18).

⁵⁵⁸ αὐτὸς ἔφα. Expressão (*ipse dixit*, “ele mesmo disse”, equivalente ao vulgarizado *magister dixit*) que resume a aceitação acrítica da autoridade absoluta por parte dos seguidores das doutrinas pitagóricas, e que alguns atribuem ao próprio Pitágoras. Vd. Diógenes Laércio, *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres* VIII, 4, 6; Cícero, *A Natureza dos Deuses* I, 5, 10; Quintiliano, *O Ensino da Oratória* XI, 1, 27.

⁵⁵⁹ *O Corydon, Corydon*. Esta expressão anafórica é colhida na Bucólica VIII, v. 70, de Virgílio, o poeta-cantor por excelência da poesia campestre. Córídon, figura de pastor-cantor que venceu o seu colega Tírsis num concurso poético, foi declarado vencedor pelo seu juiz-pastor Melibeus, com a frase que fecha a referida écloga: *Ex illo Corydon Corydon est tempore nobis* (“Desde aquele tempo, Córídon é para nós Córídon”), consagrando assim a sua indiscutível superioridade no mundo da poesia pastoril. A evocação deste quadro por parte de Aires Barbosa neste seu poema *Antimória* pode entender-se como uma afirmação de modéstia, com ironia ou não, perante o seu adversário Erasmo de Roterdão, o autor do *Moriae Encomium*, objeto da oposição crítica do humanista português.

⁵⁶⁰ *Sera licet: uentura tamen*. Eco da expressão *quae sera tamen* (“que, apesar de tardia”) da Bucólica I, v. 27, de Virgílio, usada em similar circunstância.

⁵⁶¹ *Anyti ... Hymetto*. Ânito era um dos mais encarniçados acusadores contra Sócrates no processo que o havia de levar à condenação ao suicídio por meio da cicuta (vd. Platão, *Apologia de Sócrates*, 23e). A este filósofo se atribui a famosa frase “Só sei que nada sei”, que constitui a ideia central de toda a sua própria defesa, ao longo da referida Apologia. O monte Himeto, muito referido pelos poetas em razão do famoso mel que dele provinha, domina a planície de Atenas, terra natal de Sócrates.

⁵⁶² *Democriti*. Demócrito, filósofo grego do séc. V a. C. pertencente à escola dos atomistas, ficou conhecido também pela sua bonomia e riso, donde lhe veio o epíteto de “Risonho”. Cf. Juvenal, *Sátiras* X, 28-53.

⁵⁶³ *Iniquos ... non ... iustos*. Palavras baseadas no texto bíblico, e envolvidas no mesmo contexto metafórico entre a medicina do corpo e a da alma: vd. Vulgata, *Mateus*, 9, 12-13; *Marcos*, 2, 17; *Lucas*, 5, 31-32.

⁵⁶⁴ *apostolus alter ... Dominum ille negavit*. Trata-se do apóstolo Pedro, que, apesar de ter sido escolhido por Cristo como o primeiro chefe da igreja nascente, O renegou no momento do seu julgamento (Vd. Vulgata, *Mateus*, 26, 69-75).

⁵⁶⁵ *Obruit hic saxis Stephanum*. Refere-se ao apóstolo Paulo, que, antes de se converter a Cristo, perseguiu os primeiros cristãos e estava presente aquando do apedrejamento e morte de Estêvão, o protomártir do Cristianismo (Vd. Vulgata, *Atos dos Apóstolos*, 7, 54-59).

⁵⁶⁶ *Solyma*. Forma abreviada de *Hierosolyma* (cf. *supra*, *Antimória*, v. 356, e respetiva nota).

⁵⁶⁷ *Calliope*. Uma das musas presididas por Apolo e patrona da poesia épica e, por vezes, também da lírica.

⁵⁶⁸ *septeni carmine psalmi*. Referência aos Salmos 6, 31, 37, 50, 101, 129 e 142 da Vulgata, chamados Salmos Penitenciais, por exprimem sentimentos de arrependimento pelas faltas pessoais ou do povo.

⁵⁶⁹ Vv. 467-476. *uela trabamus ... repetamus arenam*. Sobre a metáfora marítima destes versos, vd. Sebastião Tavares de Pinho, “A viagem marítima como metáfora da criação literária: o exemplo paradigmático do humanista Aires Barbosa”, *Anais do Congresso Internacional de Língua Portuguesa, Filosofia e Literaturas de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, 2007, p. 129-146.

⁵⁷⁰ *Iuli Caesar, ... Philippi*. O imperador romano Gaio Júlio César (100-44 a. C.) teve como seu ídolo Alexandre Magno (356-323 a. C.), filho e sucessor do rei Filipe da Macedónia. Ambos, o romano e o macedónio, tiveram a louca ambição de estabelecer no mundo um domínio universal: Alexandre, a partir da Grécia para o Sul e sobretudo para o Oriente até à Índia; César, na expansão do império romano para o Norte e até ao Atlântico. Ambos morreram sem verem seu sonho realizado. Não foi sem razão que o historiador Plutarco juntou e confrontou as suas biografias numa dupla das suas *Vidas Paralelas*.

⁵⁷¹ *Notum a Borea ... Austro*. Trata-se de pontos cardeais romanos: o Noto ou Austro designava o Sul; e o Bóreas, o Norte.

⁵⁷² *Siculo quondam, Apenine, Peloro ...* A cadeia montanhosa dos Apeninos, que percorre toda a Itália desde o Noroeste, a partir dos Alpes da Ligúria, até ao Sudeste junto do estreito de Messina, defronta-se aí com a ponta nordeste da Sicília, do outro lado do referido estreito, onde se situa o Cabo Peloro, que, segundo a tradição registada por Aires Barbosa, teria sido o prolongamento daquela cadeia orográfica italiana, antes de a natureza ter aberto o canal.

⁵⁷³ *Mons fuit Hesperiae Calpe*. Calpe é o nome, de origem grega, da atual colónia inglesa de Gibraltar e do promontório seu vizinho, no Sul da Península Ibérica, e também do estreito que a separa da África.

⁵⁷⁴ *Incertem est ... ubi ... Numantia nunc sit*. A localização da cidade celtibérica de Numância ainda era incerta no tempo em que Aires Barbosa publicou este poema (1536), mas estudos históricos levados a cabo, já no século XVI, por Ambrósio de Morales (correspondente do discípulo e amigo de Aires Barbosa, André de Resende), seguido de outros, apontaram como assento daquela “cidade heróica” a zona de encontro da via romana de *Asturica* com o rio Douro, perto da cidade espanhola de Sória, como veio a ser confirmado pelas investigações arqueológicas posteriores.

⁵⁷⁵ *ubi sit dubitant ... Saguntum*. A atual cidade espanhola de Sagunto, da província de Valência, conserva ainda muitos vestígios arqueológicos das suas antiquíssimas origens. Envolvida nas guerras púnicas, caiu no domínio dos catagineses, mas foi depois recuperada pelos romanos sob o nome de *Saguntum*. Tomada pelos árabes em 713, com o andar dos tempos medievais o seu nome mudou para Murviedro e outras variantes, derivadas da expressão latina *muri veteres* (muralhas velhas). Só nos tempos modernos, em 1868, é que o governo provincial decidiu restituir-lhe o nome antigo de Sagunto, que hoje conserva. Pode estar, afinal, aqui a razão pela qual no tempo de Aires Barbosa, isto é no tempo da designação de Murviedro, houvesse quem não a identificasse com a antiga *Saguntum*.

⁵⁷⁶ *Aeacides expressit Homericus*. O Eácida, ou filho de Éaco, é Aquiles. Os versos seguintes (541-547) evocam uma das cenas mais comoventes da guerra de Troia: aquela em que o seu velho rei Príamo, após a morte de seu filho Heitor às mãos do inimigo Aquiles, lhe vai pedir o cadáver e ouve, da parte do próprio herói grego, palavras de conformação perante a inevitabilidade do sofrimento desta vida humana. Barbosa segue de perto o texto Homero, *Iliada* XIV, 525-530.

⁵⁷⁷ *Maeonides*, isto é, da Meónia, região da Lídia, é uma das designações poéticas de Homero.

⁵⁷⁸ A vida do homem marcada pelo pranto desde o seu nascimento é tema que se tornou proverbial e remonta pelo menos a um epigrama grego do poeta Páladas da *Antologia Grega (Antologia Palatina)*, X, 84, e teve continuidade, por exemplo, na seguinte versão latina de Hieronymus Angerianus, Ἐρωτοναίγιον, *De seipso* (in Jan Gruter, *Delitiae CC Italorum Poetarum ...*, Frankfurt, 1608, Part. I, p. 193:

*Flens ueni in terras et flens discedo, fuitque
Dum uixi fletus uita, dolor, gemitus.*

“Chorando cheguei ao mundo e dele me aparto chorando;
e, enquanto vivi, foi minha vida pranto, dor e gemido.”

Cf. Sebastião Tavares de Pinho, *Lopo Serrão e o seu poema Da Velhice*. Estudo introdutório, texto latino e aparato crítico, tradução e notas de ..., Coimbra, 1987, pp. 142, 472-573 (IX, v. 171-17), 586-587 (XI, v. 447-448), 796-797 (n. 31) e 586-587.

⁵⁷⁹ *Empyrii ... regni*. O Empíreo clássico transformado em Paraíso cristão.

⁵⁸⁰ *uastum concludere Nerea concha*. Parece estar aqui implícita a evocação do episódio atribuído pela tradição à vida de Santo Agostinho e ocorrido quando ele andava passeando na praia absorto no mistério de Deus uno em essência e trino em pessoa e encontrou um menino que se esforçava por meter a água do mar numa poça cavada na areia e que, perante a observação do filósofo acerca da impossibilidade de o conseguir, lhe respondera que era mais fácil tal proeza do que o mesmo santo compreender o mistério da Santíssima Trindade.

⁵⁸¹ *primi ... parentis*. Referência a Adão.

⁵⁸² *uiuere ... lucrum*. Cf. Vulgata, S. Paulo, *Carta aos Filipenses*, 1, 21: “*Mibi enim uiuere Christus est, et mori lucrum*”[É que, para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro.].

⁵⁸³ *Rex ille insignis*. Trata-se do rei David, que ficou famoso por ter vencido com sua funda o gigante Golias (vd. Vulgata, *1 Samuel*, 17, 1 sgs.).

⁵⁸⁴ O filósofo grego Aristipo de Cirene (séc. V a. C.), fundador da escola cirenaica dos sofistas, defendia o prazer como o principal objetivo da vida; e teve Epicuro como seu sucessor na mesma filosofia do hedonismo individualista.

⁵⁸⁵ *Quis Deus est uenter*. Pensamento e expressão de origem bíblica, na versão latina da Vulgata da Carta de Paulo dirigida aos cristãos de Filipos (3, 19), na Macedónia, onde o Apóstolo fundara a primeira igreja europeia: “*Multi enim ambulant ... quorum finis interitus: quorum Deus venter est.*” [“Porque andam por aí muitos ... cujo fim é a perdição, e o seu Deus é o ventre”].

⁵⁸⁶ *Hactenus in portum ... potiamur arena*. A terminar o poema, Aires Barbosa, como um marinheiro chegado ao cais, repete a mesma imagem marítima que noutros passos ele imprime a toda a obra. Vd. *supra*, p. 248, vv. 467-476 e respetiva nota.

(Página deixada propositadamente em branco)

ÍNDICE ONOMÁSTICO

A

- Abissínia, 32
Academia de Salamanca, 220, 263, 277
Áccio, 290
Acre, S. João de, 333
Adam, Villiers de l'Isle d', 333, 40
Adriano VI, papa, 25, 48, 51, 90, 289, 322, 325, 327, 331, 334
Adriano, imperador, 312
Afonso de Portugal, D., (bispo de Évora), 46, 276
Afonso Henriques, D., 294
Afonso I, D. (de Fonseca y Acevedo), 80
Afonso II, D. (de Fonseca y Acevedo), 121, 321
Afonso III, D., (de Fonseca y Acevedo), 78, 80, 82, 87, 89, 196, 220, 314, 321
Afonso IV, rei D., 16
Afonso, cardeal D.
Afonso, cardeal-infante D., 12, 18, 20, 25, 32, 36, 44, 46, 48, 49, 52, 53, 54, 78, 296, 299, 300, 313, 321, 323, 324
Afonso, D., (filho de D. João II), 40
África, 270, 296, 307, 339
Afrodite, 288
Afshana, 316
Agamémnon, 268, 299, 305, 335, 337
Aganipe, 308
Agostinho, Santo, 307, 314, 340
Agripa, 326
Águia, constelação da, 262
Aires Barbosa, *passim*
Aix-la-Chapelle, 332
Ájax, 299
Alaejos, 202, 328, 329
Albret, Henrique d', 330
Alcalá, 10, 65, 66, 292, 305, 326, 320
Alceu, 110, 259, 269, 293
Alcides, 111, 158, 159, 267, 293
Alcmena, 293
Alemanha, 208, 212, 327
Alexandre Magno, 285, 330, 339
Alexandria, 264, 321
Alexandria, Biblioteca de, 260
Alexandria, Museu de
Almeida, Justino Mendes de
Almeirim, 32, 33, 55, 90
Alpes, 294, 339
Alto Alentejo, 298
Álvares de Andrade, Fernão, 301
Amaral, Alexandre do, 38, 93
Amarais, 279
Amélia, top., 83
Amineu, 102, 162, 263
Amriquez, Eytor, 301
Amriquez, Pedro, 57
Andes, 260, 294
Andino, o, (i. e. Virgílio), 100, 260
Anes, João, 60
Anes, Vicente, 61
Anfitrião, 293, 310
Anghiera, Pedro Mártir de, 10, 35, 45, 65, 66, 68, 261
Aníbal, 288
Ânito, 244, 338
Anquises, 152, 288
Anselmo, Artur, 313
Ansures, Goesto, 294
Antenor, 240, 337
Anticatones, 222, 223
Anticristo, 307
Antígono, 104, 264
António, Nicolau, 16, 37, 38, 93, 308
Aónia, 308
Apeles, 126
Apenino, 250
Apeninos, 339
Apolo, 104, 132, 136, 176, 248, 259, 283, 284, 287, 291, 308, 315, 339
Apolónio de Rodas, 260

- Apóstolo, o, (i. e. S. Paulo), 248, 341,
 Apuleio, 308
 Apúlia, 6
 Aqueronte, 85, 335
 Aqueus, 335, 337
 Aquileia, Patriarca de, 12, 13
 Aquiles, 108, 230, 266, 335, 340
 Aradas, 7
 Aragão, 312, 325
 Arátor, 10, 12, 19, 26, 28, 35, 45, 52, 90, 93,
 112-113, 118-119, 121, 262-263, 265-272,
 275-276, 281, 293, 302-303, 322
 Ares, 305
 Argivos, 305
 Argonautas, 280, 287
 Aristarco, 100, 104, 260, 264
 Aristides, 178, 309
 Aristipo de Cirene, 254, 340
 Aristófanés, 275, 280, 283, 297, 302, 311, 324
 Aristóteles, 275, 280, 283, 297, 302, 311, 324,
 146-147, 148, 238-239, 271, 285, 289, 301,
 315, 336,-337
 Arnaldi, Francesco, 40
 Arona, 66
 Arpinate, o, (i. e. Cícero), 128, 148, 275, 284
 Arpino, 275, 284
 Arquivo Catedralício de Salamanca, 23, 91, 92
 Arquivo do Cabido da Sé de Évora, 18
 Arquivo da Real Chancelaria de Valhadolid,
 91
 Arquivo Histórico de Salamanca, 91
 Arquivo Secreto Vaticano, 61, 91-92
 Arquivos Gerais de Simancas, 35, 91
 Arquivos Nacionais da Torre do Tombo, 91
 Arrendimento (personificado), 246, 248,
 328
 Ártemis, 262
 Ártico, 170
 Ascânio, 273, 288
 Ascra, 324
 Asensio, Eugenio, 41, 46, 47, 286, 292, 308
 Ásia, 164
 Ásia Menor, 264, 267
 Astreia, 335
Asturica, 339
 Atena, 259, 284, 306, 322
 Atenas, 68, 102, 148, 259, 271, 282, 338
 Ateneu de Náucratis, 289
 Ática, 68, 271, 282
 Ático, Tito Pompónio, 23
 Átila, 325
 Atlante, 250
 Atlas, 155, 289
 Atrida, o, 166, 172, 238
 Áufido, 6, 7
 Augusto, 40, 154, 289-290, 326
 Aulo Gélío, 13, 40, 264
 Aurélio Vítor, 327
 Áuson, 266
 Ausónia, 100, 110, 111, 130, 266
 Ausónio, 328, 332
 Áustria, Casa de, 296
 Austro, 250, 251, 339
 Autólico, 154, 289
 Aveiro, 6-10, 16, 29, 48, 52, 57, 61, 67, 88,
 94, 160, 300, 301
 Avernois, 316
 Avicena, 186, 316
 Ávila, 51, 200, 326, 330
 Azamor, 279, 292, 294
 Azofe, mar de, 267, 325
 Ázone dei Porci, 182, 312
- B**
- Bábilon ausónia, 119, 266
 Babilónia, 266
 Baco, 266, 282, 291, 318, 333
 Badajoz, 326
 Baeza, 326
 Baldo degli Ubaldi, 319, 344
 Baldo(s), 190, 191
 Bárbaro, Hermolau (ou Almoró), 11-13, 17,
 87-88, 285, 318
 Barbosa, Aires, *passim*
 Barbosa, Aires de Figueiredo (=Barbosa,
 Aires), 6, 18, 286, 295
 Barbosa, D. Pedro Nunes, 294
 Barbosa, Duarte, 294
 Barbosa, Fernando, 5, 6, 160
 Barbosa, Fernão 29-30, 32, 59, 90, 288, 301,
 306
 Barbosa, Gregório, 279
 Barbosa, Margarida, 29, 58
 Barbosa, Padre José, 41
 Barbosa Nieto, Fernão (= Barbosa, Fernão),
 306, 318
 Barreda, António de, 68
 Barros, Dr. João de, 321
 Bártolo, 186, 316, 319
 Basileia, 23, 53, 68, 95, 336
 Basílio, São 35, 90
 Bataillon, Marcel, 94
 Beirute, 322
 Beja, Fr. António de, 313
 Belerofonte, 100, 259
 Belgrado, 333
 Beltrán de Heredia, Vicente, 22, 94, 277, 308
 Benedetti, Ivone Castilho, 80
 Beócia, 259, 284, 308, 324
 Bernardes, Manuel, 333

- Bétis, 160, 294
 Bílbilis, 275, 278, 282, 320, 338
 Biscetti, Rita, 41
 Bizantinos, 325
 Boato (personificado), 295
 Boaventura, Frei Fortunato de São, 42, 43
 Boissonnade, Prosper, 94, 330-332
 Bolonha, 14, 18, 41, 88, 90, 286, 312, 344
 Borbón, D. Branca de, 312
 Bordéus, 94, 95, 297, 326, 328
 Bóreas, 250, 339
 Borgonha, 330
 Botticelli, 274
 Braga, Teófilo, 38
 Bragança, 16
 Bragança, Casa de, 41
 Bragança, Duque de, 292, 294, 321, 322
 Brandão, Frei António, 279
 Briones, 289
 Brito, Alberto da Rocha, 10, 67, 68, 94
 Brómio (i. e. Dioniso ou Baco), 116
 Bucara, 316
 Buda, 333
 Burgos, 22, 45, 92, 200, 206, 264, 275, 307
 Butler, H. E., 39
- C**
 Cabedo, António de, 43
 Cabrera, D. Fradrique/Fadrique Enríquez de, 327, 331
 Cáceres, Lourenço de, 41-43, 46-47, 92, 286, 290, 292-294, 306-308, 326
 Caiado, Henrique, 40, 41, 43
 Calábria, 295
 Calagúrris, 275
 Calahora, 275
 Calatayud, 275, 320, 338
 Calíope, 146, 248, 283
 Caliopeia, 146
 Calpe, 250-251, 339
 Camena, 116, 158-159, 248, 268, 293
 Camenas, 291, 293
 Camões, 261, 267, 278-279, 285, 290, 312, 334
 Campânia, 262-263, 282
 Campano, Giovannantonio, 40
 Campo, Medina del, 286, 326, 328
 Campos Elísios, 266
 Canárias, Ilhas, 16
 Cântaro, 282-283
 Caos, 183
 Capitólio, 42, 320
 Capricórnio, 140, 281
 Cardoso, Jerónimo, 260, 287
 Carduci, Baltasar, 18
 Caristo, 264
 Carlos Magno, 296,
 Carlos V, 50-51, 55, 162, 294-296, 314, 321-322, 325-332, 334
 Carlos VIII, rei de França, 331
 Carneiro, António, 32, 36, 55-56, 90, 91, 300
 Carra, top., 296
 Cartago, 266
 Carvalho, Alfredo de, 297
 Carvalho, Joaquim de, 94
 Casa de Bragança, 41, 322
 Cáspio, mar, 295
 Castela, 35, 50-51, 59, 90, 194, 286, 289, 319, 321-322, 325-327, 330-332, 345
 Castellvi, Guillén, 327
 Castelo Bom, 294
 Castelo Branco, Camilo, 333
 Castelo de Fonseca (vd. Castelo del Buen Amor)
 Castelo del Buen Amor, 321, 345
 Castilho, António Feliciano de, 269, 318
 Castro, D. Inês de, 295, 345
 Catânia, 261, 316
 Catão de Útica, 319, 336
 Catão, Marco Pórcio (vd. Catão de Útica)
 Catão, Marco Pórcio (vd. Catão, o Censor)
 Catão, Marco, 77, 222
 Catão, o Censor, 77, 336, 345
 Catarina, rainha D., 321, 345
 Catulo, 40, 42, 144, 279-280, 293-294, 297
 Cáucaso, 146, 284
 Cavaleiro, Estêvão, 310
 Cécrope, 271
 Cecrópia, 282
 Cécrops, 282
 Célio, Luís (Rovigo, Luís Célio de), 68, 336
 Céltica, 267
 Centauros, 104-105, 281
 Centro Cultural Português, 41, 53, 298, 308
 Cérbero, 311
 Cere, top., 317
 Cerejeira, Manuel Gonçalves, 22, 53-54, 94
 Ceres, 300
 Cerveira, João, 59-61
 César, 110, 128, 204, 212, 222, 287
 César Augusto, 154, 290
 Chipre, 333
 Cícero, Marco Túlio, 13, 23, 50, 100-101, 118-119, 158-159, 172-173, 188-191, 222-223, 260, 263, 271-272, 274-275, 277-278, 282, 284, 290, 292, 297-299, 302, 304, 308-310, 302, 312, 317-319, 322, 325, 336, 338
 Cinoscéfalas, 259
 Cíntio (i. e. Apolo), 176

- Cinto, o monte, 308
 Cio, 281
 Cipião-o-Africano, 288
 Cipião, Públio Cornélio, 288
 Cipiões, 39, 288
 Circe, 236-237, 336
 Cirra, 176, 308
 Cítia, 267
 Claudiano, 261
 Clenardo, Nicolau
 Cleópatra, 278, 290
 Clício, 240, 337
 Cocito, 335
 Coelho, Gonçalo, 61
 Coelho, Jorge, 20, 36, 43-44, 49, 52, 87, 324, 334
 Coimbra, 6, 12, 14, 22, 26-27, 32-33, 36, 38, 40-44, 48-49, 51, 53-55, 67, 90, 93-95, 263, 268, 171, 275, 278, 297-299, 301, 307, 310, 313, 315-316, 320-321, 324, 331, 334, 340
 Colégio da Guiena, 297
 Colégio “do Arcebispo”, 314
 Colombo, Cristovão, 66
 Columela, 264, 268, 324
 Compostela, Santiago de, 36, 80, 82, 315, 321, 326
 Comuneros, 50, 295, 312, 321-322, 325-329, 331
 Comunidades, Guerra das, 50, 95, 312, 321, 325-331
 Constança, 291, 298
 Convento da Graça, 321
 Convento da Senhora da Misericórdia, 16
 Convento do Santo Espírito, 29
 Corallus, Estêvão, 18
 Cordeiro, Diogo Dias, 8
 Córdoba, 160, 293-294, 297
 Córdoba, Gonçalo Fernández de, 331-332
 Córidon, 244, 338
 Corinto, 308, 337
 Cornélio Nepos, 309
 Cortés, Hernán, 66
 Corunha, 326
 Corvino, Marco Valério Messala, 275
 Costa, António Domingues de Sousa, 16
 Costes, René, 94, 239, 328
 Coutinho, Maria Carlos Cardoso Gonçalves, 271
 Couto, Aires Pereira do, 43
 Crasso (general romano), 296
 Creke, 334
 Cremona, 324
 Creso, 88, 234, 305, 317, 336
 Cristo, 15, 45, 55, 81, 114, 116, 120, 140, 142, 182, 188, 204, 214, 218, 222, 224, 228, 232, 234, 236, 240, 242, 246, 248, 254, 262, 264-265, 269, 281, 303-304, 313, 339-340
 Cuenca, 326-327
 Cupido, 30, 156
 Cures, 275
 Cúria Romana, 91-92, 220
- D**
- Damasco, 266, 366
 Dánaos, 238
 Danúbio, 299, 334
 Dárdano, 284
 Dauno, 6
 David, rei, 82, 248, 313, 340
 Davo, 291
 Delfos, 308
 Delos, 308-309
 Démades, 311
 Demência (personificada), 222, 230, 240
 Deméter, 269
 Demo, 174
 Demócrito, 70, 72, 246, 315, 338
 Demóstenes, 118, 292
 Deswarte, Sylvie, 43
 Deucalião, 184, 314
 Diana, 262, 308
 Dias, José S. da Silva, 43, 53
 Dias, Pedro, 7
 Dídimo, 104, 264
 Dido, 261, 266, 284
 Diógenes Laércio, 388
 Díon Crisóstomo, 299
 Dioniso, 269
 Dirce, 259
 Dirceu, 259
 Dite (i. e. Plutão), 262
 Dniepre, 325
 Domiciano, imperador, 315
 Don, rio, 267, 286
 Dóris, 269
 Douro, 6-7, 160, 339
 Drácon, 138, 280, 311
 Duarte, Infante D. 30, 32, 90, 288, 301
 Dulíquio, 317
- E**
- Eácida, 340
 Éaco, 319, 340
 Ebro, 142, 282
 Édipo(s), 305, 308
 Egeu, mar, 259
 Egito, 261, 262, 265, 278
 Elegia (personificada), 126-127, 273-274

- Eliano, 307, 315
 Emiliano, 280
 Empíreo, 278, 340
 Eneias, 110, 261, 266, 273, 284, 288, 309, 317, 327
 Ênio, 271, 325
 Epicuro, 254-255, 340
 Erasmo 23, 41, 52-54, 94, 222, 224, 298, 305, 314, 333, 338
 Êrato, 156-157, 291
 Êrebo, 303
 Escaravelho, 144, 146, 283
 Escoto, João Duns, 132, 276
 Esgueira, 8-9, 12, 16-17, 19, 21, 33, 38, 48, 52, 57-58, 60-61, 88, 90, 92, 95, 299, 300-301, 306
 Esmirna, 118, 273, 238, 264, 266, 270, 293, 337
 Espanha, 50-51, 55, 66, 81-83, 154, 162, 194, 198, 200, 206, 208, 286, 295-297, 312, 322, 325, 327, 330-331
 Esparta, 337
 Esperabê Arteaga, Enrique, 9, 22, 28, 277, 302, 315
 Espinosa, Pedro de, 24, 70-71, 76, 88, 277, 309
 Espírito Sagrado, 126
 Esquílias, 192, 320
 Êsquilo, 130, 275, 297, 305
 Estácio, 262, 273, 301
 Estagirita (=Aristóteles), 336
 Estentor, 178, 310,
 Estevão (o protomártir), 248, 339
 Estige, 120, 190, 271, 319, 335
 Estilicão, 138, 280, 347
 Estrabão, 267
 Estultícia (personificada), 228
 Etiópia, 15, 267
 Etrúria, 317
 Eufrates, 266
 Euro (vento), 261
 Europa, 17, 48, 50-51, 95, 162, 212, 250, 261, 267, 299-300, 313, 316, 323, 333, 334
 Euxino, Ponto, 284
 Évora, 7, 16, 18, 46, 48-49, 57, 276, 307, 316
- F**
- Fabrício, Vicente, 54, 357
 Faetonte, 234, 236
 Falerno, 263, 262
 Fama (personificada), 162, 179, 205, 212-213, 295, 333
 Faria, António de Portugal de, 43, 347
 Faria, Doutor João de, 323
 Faros, 136
 Febe, 212
 Febo, 100, 104, 136, 138, 148, 150, 176, 284, 287, 308
 Fedra, 278
 Fedro, 268, 328
 Fenícia, 322
 Fernandes, Pedro (ou Pêro), 318
 Fernández de Velasco, Pedro, 321
 Fernando, o Católico, 330
 Fernando, D., (aio do Infante D. João), 295
 Fernando, infante D., 316
 Ferrando, 347
 Ferrara, 14, 18, 88, 286, 347
 Ferreira, Francisco Leitão, 6, 16
 Ferreira, Tomás, 61
 Fiandeira, 338
 Figueiredo, Antónia de, 8
 Figueiredo, Catarina Eanes de, 6, 7, 30, 286, 295
 Figueiredo, Catarina de, 29, 59
 Figueiredo, D. Gonçalo de (bispo de Viseu), 295
 Figueiredo, Fernão de, (vd. Barbosa, Fernão de Figueiredo), 58, 61
 Figueiredo, Gonçalo de, 7, 295
 Figueiredo, Gonçalo Garcia de, 295
 Figueiredo, Inês Gonçalves de, 295
 Figueiredo, Jorge de, 8
 Figueiredo, Leonor Martins de, 295
 Figueiredo, Luís de, 8
 Figueiredo, Maria de, 8
 Figueiredo, Martim de (vd. Figueiredo, Martim Eanes de), 18, 47, 88, 90, 286, 300
 Figueiredo, Martim Eanes de, 8, 14, 17-18
 Figueiredo, Martim Lourenço de, 294
 Figulo, P. Nigidio, 129, 264, 275
 Filáucia (personificada), 228
 Filipe da Macedónia, 285, 330, 339
 Filipe I, rei de Espanha, 24
 Filipos, 341
 Fiorentino, Studio, 13, 18, 20, 96, 274, 285, 302
 Flegetonte, 335
 Florença, 9, 11-14, 17, 19, 21, 24, 31, 41, 44, 48, 88, 94, 259, 274, 284-286, 291, 302, 317, 323
 Foix, André de, 332
 Fonseca, António de, 328-329
 Forkel, Johann Nicolaus, 37
 Fortuna (personificada), 134-135, 142-143, 281, 327
 França, 50, 66, 206, 208, 212, 330, 331, 334, 345
 Francisco I de França, 330, 332
 Frankfurt, 95, 327, 340

- Frederico III, rei de Nápoles, 331
 Frígia, 297
 Frígios, 297
 Froben, João, 68, 336
 Frontão, 30, 156, 190, 208, 210, 290, 312, 318, 332
 Frontão, Cornélio, 312
 Fuenterrabia, 206, 330-331
 Fundação Calouste Gulbenkian, 27, 41, 53, 93, 280, 286, 298, 308
 Fundação Eng^o António de Almeida, 18
- G**
- Gaio César, 222
 Gaio Júlio César, 274, 289, 339
 Gaio Júlio Octaviano César Augusto, 290
 Gaio Júlio Octávio César, 289
 Galeno, 87
 Galharde, Germão, 52, 300, 313
 Gama, Vasco da, 66
 Gand, 295
 Ganges, 110, 111, 261, 272
 Garamantes, 120-121, 270
 Gauleses, 206, 297
 Génova, 330
 Geraldini, António, 78-80, 82-83
 Germanias, 50, 295, 325, 327
 Germânico, imperador, 315, 347
 Getúlia, 176, 313
 Gibraltar, 339
 Gil, Gonçalo, 37, 42, 307-308
 Giraldo, Lílio Gregório, 41
 Girón, Pedro, 326
 Gláfira (ou Gláfira), 154, 290
 Gnatão, 309
 Gnatões, 178
 Góis, Damião de, 48, 53, 279
 Golias, 340
 Gonzaga, Tomás António, 259, 357
 Gouveia, André de, 297, 347
 Gouveia, António de, 43, 348
 Gradivo, 267, 310
 Graios, 111, 161, 167, 173, 240
 Granada, 331
 Grécia, 164, 166, 172, 271, 289, 297, 304, 308, 337, 339
 Gruter, Jan, 340
 Guadalajara, 326, 329
 Guadalquivir, 294
 Guarda, 323
 Guimarães, 16
- H**
- Hebreus, 269
 Hécate, 262
 Heitor, 168, 301, 340
 Hélade, 297
 Helena, 240-241, 337
 Helenos, 39
 Hélicon, 149, 176, 284, 308, 324
 Hélio, 336
 Heliodoro, 306
 Heliópolis, 262
 Henrique, infante D., 25, 32, 48, 91, 299, 300, 316
 Henriques, Heitor, 301
 Héracles, 260, 281, 287, 293
 Heráclito, 70, 72
 Hércules, 78, 81, 110, 160, 267, 293, 308, 311, 328, 334
 Hermes, 289
 Heródoto, 298, 305
 Hesíodo, 311, 324
 Hespéria, 128, 198-199, 250
 Hidra das Sete Cabeças, 334, 348
 Hidra de Lerna, 311, 328
 Hilas, 102, 260, 287
 Himeto, 244, 338
 Hipocrene, 23, 259
 Hipólito, 136, 278
 Hircânia, 289
 Hispânia, 23, 45, 71, 76, 79, 80, 102, 163, 164-167, 198-199, 207, 209, 220, 264, 275, 278, 282, 297, 303, 320, 338, 340, 353, 356
 Homens (apelido), 279
 Homero, 124, 264, 266, 268, 270, 284, 289, 293, 298-299, 301, 305, 310, 312, 322, 326, 334, 337, 340
 Honcala, António, 22, 37-38, 308
 Honório, 280
 Honra (personificada), 226
 Horácio, 6, 7, 42, 54, 259, 260, 262, 266, 268, 271, 274-275, 279, 284, 286-287, 290-291, 293, 297, 306-308, 311, 314, 317, 321-324, 327, 331
 Hungria, 51, 212, 214, 300, 333, 334
 Hunos, 198, 325
- I**
- Ibéria, 267
 Iberos, 22, 23, 130, 209
 Ício, 284
 Idade do Ouro, 335
 Iémen, 269
 Igreja de Santa Luzia, 323
 Igreja de Santo André, 8, 57,-58, 60
 Igreja de São Domingos, 16
 Ílion, 265
 Índia, 132, 261, 267, 270, 339

- Indus, 120, 133, 297
 Insânia (personificada), 218, 222, 228, 229, 230, 240, 242, 243
 Iro, 188-189, 317
 Isabel de Portugal, D., (mulher de D. João II de Espanha), 286, 330
 Isabel-a-Católica, 286, 330
 Isabel, infanta D. (irmã de D. João III), 55, 314
 Isac, 313
 Isácides, 182, 312
 Isidoro de Sevilha, Santo, 307
 Ísis, 276
 Islão, 296
 Isócrates, 292
 Israel, 265
 Issa, 174-175, 180-181, 306, 311-312
 Istro, 166, 172, 212, 299, 334
 Ítaca, 265, 31
 Ítaco, o, (i. e. Ulisses), 108
 Itália, 8, 11, 13, 14, 18-19, 40, 43, 66, 212, 262, 266, 285-286, 297, 316, 321-322, 325, 331, 339
 Iúlo, 126, 127, 273
- J**
 Jaén, 35, 68, 326
 Jaime, D. (duque de Bragança), 279, 292, 294, 321, 322
 Jalón, rio, 282
 Jasão, 280, 283
 Jenson, Nicolau, 18
 Jerónimo, São, 307, 326, 348
 Jerusalém, 263, 333, 338
 Jesus, 81, 116, 182, 222, 224, 254, 264, 303
 João II de Castela, 264, 303
 João II, rei D., 16, 40, 285, 298, 301, 313
 João III, rei D. 8, 25, 30-32, 43, 48, 53, 55, 57, 90, 91, 94, 96, 220, 299, 300-301, 314-315, 333-334
 João III, rei de 'Lisa' (i. e. da Lusitânia; vd. João III, rei D.), 212
 João, infante D. (filho de D. Pedro e D. Inês de Castro), 295
 Job, 81, 114, 268, 281, 318
 Jove, 152, 242, 252, 288
 Juan de Porras, 35, 68, 292
 Judeus, 313
 Jugurta, 326
 Júlio César, 250, 324
 Júlio Obsequens, 298
 Junta dos Treze, 327
 Junta Santa, 326
 Júpiter, 68, 252, 274, 288, 293, 313, 335
 Justiça (personificada), 226, 280, 335
 Justiniano I, 325
 Justino, 306
 Juvenal, 72, 272, 280, 282, 288, 298, 301, 306, 308, 310, 313, 326, 335, 338
- L**
 Lacedémon, 238
 Lacedemônia, 337
 Lácio, 122, 130, 317
 Lagos, 292
 Laís, 240-241, 337
 Lamego, 324
 Landino, Cristóforo, 18
 Lapa, M. Rodrigues, 96, 315
 Lápitas, 281
 Lares, 204-205, 330
 Latrão, concílio de, 323
 Leão Magno, papa, 325
 Leão X, 13, 2º, 48, 170, 302, 322-323
 Leão, Delfim Ferreira, 280
 Leão, reino de, 200-201, 322
 Leipzig, 37, 87
 León, Fr. Luís de, 330
 Lépidio, 289
 Lesbos, 100, 101, 259
 Libânio, 273
 Líbia, 164, 170, 296, 311
 Libitina, 186, 148-149
 Lídia, 264, 266, 270, 305, 317, 336, 340
 Ligúria, 339
 Lima, Ricardo da Cunha, 43
 Linacre, Thomas, 87
 Lisboa, 6, 8, 13, 16-18, 27, 30, 33, 40-41, 43-44, 49, 53, 55, 57, 91-96, 271-272, 276-277, 279-280, 285-286, 289, 294-296, 295-296, 298, 300-301, 307, 310, 313-316, 318, 327, 333, 349, 350
 Lisboa, Martim Afonso de, 316
 Logronho, 202, 330, 332
 Loucura (personificada), 52-54, 218, 222, 228, 230, 232, 234, 236, 240, 242, 244, 246, 248
 Lourenço (vd. Cáceres, Lourenço de), 150, 287
 Lourenço, Freferico, 289
 Lourenço, João, 327
 Lourenço o Magnífico (vd. Médicis, Lourenço de), 13, 21, 285, 302
 Lucânia, 6
 Lucano, 164, 269, 281, 285, 293-294, 297, 302, 308, 311, 324-325, 330, 336
 Lucas, São, 266, 269, 297, 304, 306, 335, 338
 Luciano de Samósata, 297, 337
 Lucílio, 262, 270, 273, 326
 Lúcio Murena, 309, 349

- Lucrécio, 85, 271, 297, 301, 321, 322, 326
 Luís II, rei da Hungria, 300, 333, 334
 Luís XI, rei de França, 66
 Luís, infante D., 292, 307, 316
 Luna, Álvaro de, 312
 Luzia, Santa, 33, 47, 132, 323, 322-323
- M**
- Macedónia, 285, 308, 330, 339, 341, 347
 Macedónia, Filipe da, 285, 330, 339
 Machado, Diogo Barbosa, 6, 9, 16, 30, 36-37, 41, 276, 285, 290, 301, 307, 316, 320
 Macróbio, 281, 293, 325
 Madeira, Ilha da, 16
 Madrid, 9, 22, 29, 33, 53, 67, 93-94, 289, 319, 326
 Madrigal de las Torres Altas, 349
 Magalhães, Fernão de, 66, 294
 Magno, Alexandre, 285, 330, 339
 Maia, Pº Anes, 60, 349
 Maiorca, 32
 Malta, 333
 Manes, 190, 327
 Manrique, Juan, 331
 Manrique, Rodrigo, 45, 261
 Manso, José Henrique, 26, 262, 268, 271-272
 Mântua, 260, 394-295, 309
 Manúcio, Aldo, 87
 Manuel I, rei D., 8, 16, 18, 20, 48, 279, 286, 292, 294, 313, 316, 323, 327,
 Marão (i. e. Virgílio), 118, 160, 172, 293
 Marcela, 320
 Marcial, Marco Valério, 40, 42, 47, 136, 142, 260-261, 271, 274, 278-280, 292-283, 289-291, 293-294, 306, 313, 315, 317-318, 320
 Marco António, 289, 290
 Marco Terêncio Varrão (cf. Varrão), 364, 275, 292
 Marco Túlio (cf. Cícero), 222, 275, 292
 Margalho, Pedro, 22, 31, 36, 46-47, 52, 83-85, 87, 96, 164, 166, 296, 299, 303, 305
 Margarida, D. (vid. Barbosa, Margarida), 30, 58-59, 306
 Maria, D. (esposa de D. Manuel I), 323, 340
 Maria, infanta D. (filha de D. João III), 90
 Marques, Armando de Jesus, 17, 31
 Marques, João Martins da Silva, 16
 Marte, 68, 162, 208-209, 240, 267, 310, 313
 Marte, Campo de, 262
 Martins, Isaltina das Dores Figueiredo, 43
 Martins, José V. de Pina, 53, 313
 Marulo, Miguel, 40
 Massétilos, 325
 Massília, 325
 Massílios, 325
- Mecenas, 320
 Medeia, 281, 283
 Medeiros, Walter de Sousa, 13, 53
 Média, top., 296
 Médicis (Família dos), 13
 Médicis, João de, 13, 20, 302
 Médicis, Lourenço de, 13, 21, 285
 Medina de Rioseco, 213
 Medina del Campo, 286, 326, 328-329
 Mediterrâneo, 304
 Meleagro de Gádara, 23
 Melibeus, 338
 Melo, D. Francisco Manuel de, 271
 Mem Moniz, D., 294
Memmonia, Lex, 260
 Mendoza, D. Leonor de, 321
 Menelau, 337, 349
 Meneses, Juliana de Lara de, 7
 Meónia, 264, 266, 270, 293, 340
 Meónida, o (i. e. Homero), 160
 Meónio, o (i. e. Homero), 264
 Mercúrio, 68
 Mercúrio(s), 110
 Messalino, Catulo, 280
 Messina, 327, 339
 Messala, 128, 275
 Mestre Grego, (ou “Maestro Griego”, ou “El Griego”), 9, 19, 21, 22-24, 28-29, 30, 33, 32, 34, 53, 67, 89, 90, 93, 277, 286, 289, 293, 329
 Mezêncio, 188, 317
 Micenas, 337
 Milão, 40, 93, 330
 Míncio, 294
 Minerva, 20, 26, 71, 118, 144, 170, 259, 271, 284, 302, 306, 315, 322
 Miniaci, abade de, 316
 Minos, 319
 Miranda, Francisco de, 316
 Miranda, Jorge, 36, 186-187, 315-316
 Miranda, Martim Afonso de, 316
 Miranda, Simão de, 316
 Mirandola, Giovanni Francesco Pico della, 284
 Mirandola, Giovanni Pico della, 284
 Mirândula, (João) Pico de, 20-21, 148-149, 285
 Mísia, 281
 Mistilo, 138, 180, 280
 Mohacs, 333, 334
 Mondego, 5, 320
 Moniz, D. Egas, 198
 Montilha, 331
 More, Tomás, 52, 54
 Moraes, Cristóvão Alão de, 7, 8, 379
 Morales, Ambrósio de, 339

- Moravo, Juviano, 18
 Moscovo, 269
 Mosteiro de Santa Cruz, 12, 44, 49, 51-52
 Mosteiro de São Domingos de Évora, 7
 Mosteiro de São Vicente de Lisboa, 276
 Mouros, 279
 Moya, 330
 Múrcia, 326
 Murviedro, 340
 Musas, 16, 47, 68, 148, 144-145, 148, 176-177, 186-187, 200, 210, 259, 260, 264, 267-268, 279, 282-284, 291, 293, 308, 332
- N**
 Nájera, 326, 331, 332
 Nápoles, 18, 40, 206, 208, 295, 330, 331
 Narses, 325
 Nascimento, Francisco Manuel do, 326
 Navarra, 208, 330, 331, 332
 Nebrija, Élio António de, 21, 24-25, 44,-45, 88-90, 95, 100, 104, 259-260, 263-264, 273, 275, 297, 309, 319, 320
 Nebulão (gramatista), 19, 270-271, 323
 Neemias, 79, 81
 Negro, Mar, 286
 Neleu, 269
 Nelida, 166, 172
 Nereides, 269
 Nereu, 269
 Nero, 280, 308, 322
 Nestor, 299, 305
 Nestor(es), 166, 172, 299, 305
 Neto, Serafim da Silva, 7
 Neves, Amaro, 7
 Neves, Joaquim Ferreira, 9, 29, 57
 Niccolò de'Tedeschi, 316
 Nicolau António, 16, 37-38, 308
 Nieto, Fernão Barbosa, (vd. Barbosa, Fernão), 306
 Nieto, Isabel, 29-31, 84, 89, 280, 305
 Nilo, 110, 170, 267, 272, 278, 301
 Noé, 184-185
 Nónio Marcelo, 270, 273, 328
 Nórico, 334
 Noto, 339, 250-251
 Novimagio, Reinaldo de, 18
 Numância, 250, 339
 Nume (i. e. o Poder Divino), 248, 254
 Numídia, 325-326
- O**
 Ocasião (personificação), 328
 Oceânides, 286-287
 Oceano, 6, 128, 130, 148, 150-151, 160, 269, 186-287, 301
 Ockam, 276
 Octaviano, 289-290
 Octávio, 154, 289-290
 Ofanto, 6
 Olimpo, 112, 134, 158, 228, 230, 244, 250, 254
 Oliveira, Afonso de, 61
 Olixia (i. e. Lisboa), 138
 Olixbona, 279
 Ordem do Hospital de São João de Jerusalém, 333
 Ordem dos Cavaleiros de Rodes, 333
 Orfeu, 238
 Orígenes, 262
 Orlando, 267
 Osório, D. Jerónimo, 327
 Ostrogodos, 325
 Ourique, 279
 Ovídio, 261-262, 269, 272-273, 277, 281-284, 286, 290-291, 295, 297, 299-302, 305-306, 308, 312, 314, 316-318, 323, 325, 333, 335, 337
 Oviedo, Juan Suárez de, 29, 31, 89
- P**
 Pacheco, Cristóvão 61
 Pacheco, D. Maria, 321
 Padilha, D. João de, 3221, 326, 327
 Países Baixos, 295
 Palácio de Vila Viçosa, 49
 Páladas, 340
 Palas Atena, 284
 Palas, 100, 259, 284
 Palatino, 320
 Palémon, Rémio, 263
 Palença, 326
 Palermo, 261, 316
 Pales, 116, 269
 Palestina, 102, 265, 304, 333
 Pamplona, 330, 332
 Panónia, 214, 325, 334
 Panormita, Abade, 316
 Pansa, 158, 159, 291
 Panto, 240, 337
 Paraíso, 340
 Parca(s) (divindade), 134, 252, 338
 Paris, 41, 52-53, 94-95, 291-292, 296, 308, 323, 328, 330
 Páris, 238, 239, 337
 Parma, 18
 Parménides, 315
 Parnasso, 184, 314
 Pártia, 162-163
 Partos, 295-296
 Paulo III, papa, 320

- Paulo, S., 110, 133, 234, 254, 265-267, 313, 320, 335-336, 339-341, 343
 Pausânias, 308
 Pedro I, D., 294-295
 Pedro, Frei, 7
 Pedro, o Cruel, 312
 Pedro, S., 110, 214, 266-267, 336, 338-339
 Pegásides, 100
 Péla, 148, 285
 Pelasgos, 238
 Peleu, 266
 Pelida, o, (i. e. Aquiles), 108-109
 Peloponeso, 297, 334
 Peloro, Cabo, 250-250, 339
 Penafiel, 294
 Penates, 31, 83-84, 303
 Península Ibérica, 7, 24, 302, 339
 Peñon, 330
 Pereira, Maria Helena da Rocha, 266
 Pérez Riesco, José, 13, 22, 29, 53, 67-68, 289, 306, 320
 Pérgamo, 166, 172
 Permesse, 100, 149, 284
 Persas, 296-29
 Pérsico, golfo, 29
 Pérsio, 85, 109, 263, 271, 283, 322, 332
 Pfaum, J., 313
 Piccolomini, Eneias Sílvio, 40
 Piéria, 176, 278, 308
 Piérides, 136, 176, 278, 308
 Piero, 308
 Pigmeus, 301
 Pilos, 299
 Píndaro, 259, 301
 Pinho, António de, 60
 Pinho, Sebastião Tavares de, 20, 67, 95, 374, 278, 316, 334, 339-340
 Pinho, Tristão, 61
 Pinto, Gonçalo Vaz, 307
 Píramo, 306
 Pires, André, 60
 Pires, Bastião, 60
 Pires, João, 60
 Piríto, 140, 281
 Pirra, 314
 Pitágoras, 120, 242, 338
 Placência, 326
 Platão, 68, 110, 112, 148, 266-268, 273, 278, 291-292, 297, 310-311, 336, 338
 Plauto, 74, 76, 288, 291, 3^o5, 3^o8, 310, 327
 Plínio-o-Moço, 40, 82
 Plínio-o-Velho, 18, 70, 262, 270-272, 275, 277, 286, 291, 293-294, 298, 300, 305, 307, 311
 Plutão, 262, 267, 346
 Plutarco, 77, 305, 309, 336, 339
 Poggio Bracciolini, 291
 Polião, 268
 Policiano, Ângelo, 18, 19, 20, 21, 25, 40, 72, 78, 87, 120, 148, 170, 263, 271, 285, 302, 311, 317, 318, 322
 Polifemo, 138
 Polónia, 286
 Pompeio (imperador), 110, 111
 Pórtico, filosofia do, 67
 Porto, 8, 16, 18, 49, 95, 279, 295, 321, 327, 333
 Portugal, D. Afonso de, 46, 276, 343
 Posídon, 278, 312
 Potília, André, 18
 Preste João, 32
 Príamo, 238, 240, 252, 326, 340
 Priapo, 144-145, 282
 Prisco, 260
 Probo, Marco Valério, 196, 322
 Propércio, 260, 271, 317, 324, 337
 Prosérpina, 262
 Proteu, 182, 312
 Ptolomeu, 262
 Ptolomeus, 260
 Públio Virgílio Marão (cf. Virgílio), 293
 Pudor (personificado), 335
 Punhete, 298
 Puy, Raimundo du, 333
- Q**
 Quintiliano, 10, 21, 34, 128, 260, 263-264, 266, 272-273, 275, 284, 292, 305, 310, 338
 Quios, 102, 262, 263
 Quirites, 130, 275
- R**
 Radamanto, 319
 Ramalho, Américo da Costa, 40, 42, 53, 275, 277, 310, 315, 321, 334
 Rãs, freguesia de, 294
 Ravena, 325
 Razão (personificada), 54, 228, 230
 Reis Católicos, 321, 331
Remnia, Lex, 260
 Remo, 160, 192
 Resende, André de, 7, 23, 30, 32, 38, 53, 95, 288, 293, 301, 321, 333, 334, 339
 Resende, Garcia de, 298, 301, 313
 Ribeiro, Aquilino, 272
 Riccardi, Riccardo, 40
 Rico, Francisco, 25, 297, 311
 Roa, Fernando, 28
 Rodamonte, 267
 Rodes, 51, 212, 260, 333

- Rodrigues, Lourenço, 42
 Rois, António, 60
 Roma, 12-14, 18, 23, 25, 39, 43, 48, 51, 66, 82, 102-130, 142, 164, 172, 196-197, 214, 216, 261-263, 266, 270, 275, 282, 291, 304, 312, 317, 320, 322, 324, 325, 334
 Rombo, Pedro, 40
 Rómulo, 160
 Roquete, Afonso Duarte Martins, 279
 Roterdão, 41, 52, 54, 338
 Rosa, Lucia Gualdo, 40
 Rugeiro, 267
 Rússia, 286
 Rútulos, 317
- S**
- Sabá, 116, 269
 Sabedoria (personificada), 54, 71, 164, 218, 222, 318
 Saber (personificado), 228
 Sabia, Liliana Monti, 40
 Sacro Império Romano-Germânico, 51, 296, 327
 Safo, 259
 Salamanca, 7-12, 14-17, 19, 21-31, 33-38, 41, 45-47, 50, 68, 77-78, 80, 82-83, 85, 88, 90, 92, 94-95, 122, 168, 170, 198, 200, 220, 259-261, 263-265, 272, 276-277, 280, 282-286, 289, 292-293, 295-297, 299, 302-303, 305-310, 312, 314-316, 319, 321-323, 330-331
 Salão, rio, 142, 320
 Salomão, 269
 Salústio, 310, 326, 336
 Samora, 200, 321
 Sanazaro, 40
 Sanches, Pedro, 301
 Sanches, Rodrigo, 321
 Sancho de Castela, D., 289, 322
 Sancho Nunes, D., 294
 Santa Liga de Cognac, 334
 Santarém, 16, 32, 36, 55, 90-91
 São Nicolau de Lisboa, freguesia de, 16
 Sapiência (personificada), 226, 228, 230, 240, 335
 Saque de Roma, 51, 334
 Sara, oásis do, 270
 Saragoça, 95, 275, 278
 Saraiva, António José, 53
 Saraiva, José Hermano, 48
 Sardes, 305
 Sármatas, 334
 Saturno, 68, 110, 226-227, 313, 335
 Saulo de Tarso, 336
 Sauvage, Odette, 298
- Sé de Évora, 18, 49
 Sedúlio, 45, 2264, 271
 Segóvia, 200
 Sem-Razão (personificada), 228
 Senado da Academia de Salamanca, 263
 Senado Romano, 42
 Séneca-o-Antigo, Lúcio Aneu, 281, 298, 308
 Séneca-o-Moço, Lúcio Aneu, 262, 298, 326
 Sereia(s), 110, 236, 336
 Serpa, 298
 Serrão, Joaquim Veríssimo, 17, 315
 Serrão, Joel, 16
 Serrão, Lopo, 278, 281
 Sérvio Sulpício Rufo, 319
 Sérvio Túlio, 13
 Sessa Aurunca, 82
 Sevilha, 37, 277, 307, 321, 326
 Sicília, 261, 277, 339
 Sículo, Cataldo Parísio, 40, 44, 315
 Sículo, Lúcio Flamínio, 24, 41, 46, 89, 277
 Sículo, Lúcio Marineo, 22, 24, 36, 45, 69, 70-72, 75-76, 78, 192, 261, 263, 277, 285, 330
 Sidónio Apolonário, 309
 Sigeu, Diogo, 321
 Siguença, 326
 Sílio Itálico, 290-293
 Sílio Lusitano, 47, 290, 293
 Silva, D. Miguel da, 42-43
 Silva, Manuel de Sousa da, 294
 Siqueu, 266
 Soares, Luís Ribeiro, 296
 Sobre-Ripas, Casa de, 320
 Sócrates, 338, Sófocles, 305, 317
 Sólina, 248
 Solimão II, 51, 333
 Sólon, 29, 158-159, 174, 280, 291, 305, 311
 Sória, 326, 33
 Sorolha, 327
 Sousa, D. António Caetano de, 55, 279, 301, 324
 Sousa, Frei Luís de, 55, 314, 333
 Sousa, Manuel de Faria e, 290
 Sousas, 279
 Stoeffler, J., 313
 Subura, 143, 192-193, 282, 320
 Suburra (vd. Subura), 320
 Suda, 299
 Suetónio, 80, 263, 270, 298
 Sulzer, Johann Georg, 37
 Susa, top., 162-163, 296
 Sweynheym, Conrado, 18
- T**
- Tácito, 40, 262, 326
 Tágina, 325

- Taís, 238-239, 337
 Talía, 137, 168, 196, 239, 271, 300, 323
 Tánais, rio, 110, 111, 267
 Taratala, 138, 280
 Tarentinos, Jogos, 102, 262
 Tarento, 262
 Tarraconense, Hispânia, 275, 278, 282, 320, 338
 Tártaro, 200, 242, 336
 Tavares, José Pereira, 48, 301
 Tavares, Simão, 61
 Tebas, 100, 259, 293
 Teixeira Lobo, Luís, 148, 285, 353
 Teixeira, Álvaro, 285, 353
 Teixeira, João, 285, 353
 Teixeira, Luís, 21, 285, 321, 353
 Teixeira, Tristão, 353
 Tejo, 6, 7, 110, 160, 294
 Témis, 335
 Temístocles, 309
 Teócrito, 260, 268, 311
 Teodósio (imperador), 280
 Teodósio, príncipe D., 194, 276, 265
 Teófilo (aluno de Aires Barbosa), 321
 Terenciano Mauro, 273
 Terêncio Africano (Públio) , 54, 309, 325, 337
 Terra Santa, 333
 Tertuliano, 265, 271
 Teseu, 140, 278, 281
 Tespíades, 176
 Téspias, top., 308
 Tessália, 262
 Tétis, 269, 286
 Thompson, D'Arcy Wentworth, 302
 Tiago (familiar de Aires Barbosa), 47, 138
 Tibre, 262
 Tibulo, 275, 276, 325
 Ticino, 288
 Tíndaris (i. e. Helena, filha de Tíndaro), 238, 240, 337
 Tíndaro, 337
 Tírsis, 338
 Tisbe, 306
 Titan (i. e. Prometeu), 147, 283
 Tito Lívio, 292, 310
 Toledo, 200, 314, 321, 325, 326
 Tomás (Doutor Tomás de São Pedro?), 315
 Tomás, São, 276, 296
 Tomos, 286
 Tonante, 104, 126, 154, 155, 158, 230, 290, 293, 335
 Tordesilhas, 326, 328, 330
 Tormes (rio), 11, 17, 19, 21, 170, 259
 Toro, 200, 312
 Torres Novas, 55
 Tosi, Renzo, 80, 302
 Tótila, 198, 325
 Trácia, 278, 293
 Troia, 166, 172, 238, 240-241, 265, 288, 297-299, 309, 335-337, 340
 Troianos, 238, 301, 309, 317, 337
 Tucídides, 297
 Turno, 317
 Turquestão, 316
- U**
- Ubeda, 326
 Ulisses, 108, 214, 265-266, 281, 289, 317, 334, 336
 Universidade de Coimbra, 6, 27, 49, 94, 297
 Universidade de Florença, 9, 19, 21, 285, 323
 Universidade de Lisboa, 18, 286
 Universidade de Lovaina, 322
 Universidade de Salamanca, 8, 10, 14-17, 19, 21, 23-25, 28-29, 31, 34, 47, 50, 52, 89, 95, 220, 259, 261, 286, 289, 297, 299, 303, 315, 322
 Universidade de Valhadolid, 296
 Urânia, 152, 182, 287
 Urbina, Juan de, 202, 329
Ureña, 312
 Urenha, 50, 182, 312
 Urgel, 312
 Utrech, Adriano de, 51, 322, 325, 327, 331
- V**
- Valência, 50, 295, 325, 327, 340
 Valério, André, 37
 Valério Máximo, 262, 291
 Valhadolid, 24, 36, 52, 66, 69, 70, 72, 92, 200, 296, 312, 328, 331
 Valla, Lourenço, 297
 Varela, Simão, 58, 61
 Varo, 196, 324
 Varo, Alfeno, 324
 Varrão, Marco Terêncio, 264, 275, 292
 Varrão Hispano (i. e. António de Nebrija), 104-105
 Vasconcelos, Carolina Michaëlis de, 321
 Vasconcelos, Joaquim de, 37
 Vasconcelos, D. Fernando de, 324
 Vaz, António, 320
 Vaz, Joana /Joanna, 32, 50, 320, 321, 326
 Vaz, João, 320
 Vega, Pedro Lasso de la, 326
 Vejentão, A. Fabrício, 138, 280
 Velasco, D. Iñigo Fernández de, 331-332
 Velasco, Juan de, 289
 Velasco, Pedro Fernández de, 321

- Velho, João, 8
Vénus, 110, 128, 147, 274, 282, 284, 288, 318
Venúsia, 6-7
Venusino, o (i. e. Horácio), 291
Verde, Armando F., 18
Verino, Hugolino, 40
Vespasiano, Tito Flávio, 80
Vespúcio, Américo, 66
Via Láctea, 102
Vicência, 263
Vicente, Gil, 32
Viena, 333
Vila Viçosa, 49, 294, 321
Villa Dei, Alexandre de, 273
Villaescusa, D. Diego Ramírez de, 327
Villalar, 51, 328, 332
Villalobos, Francisco López de, 68
Villiers, João de, 333
Vinet, Elias, 297
Virgem (Maria), 49, 116, 132, 254
Virgílio, 42, 85, 160, 260-261, 267-270, 273, 276, 278-279, 284, 288, 291, 293-296, 301, 304, 306-310, 312, 317, 321-322, 324-327, 331, 333, 335, 337, 338
Viseu, 8, 48, 295, 347
Vístula, 286
Vouga, 7, 9, 303
- Z**
Zagazabo, 32
Zenóbio, 293, 299
Zenódoto, 299
Zeus, 268, 281, 289, 293, 314, 319, 335
Zúquete, Afonso Eduardo Martins, 294-295

(Página deixada propositadamente em branco)

ÍNDICE GERAL

	Págs.
INTRODUÇÃO	
I – DADOS BIOGRÁFICOS	5
I-1. Terra natal.....	5
I-2. Data do nascimento	9
I-3. Aluno do Estudo de Florença.....	14
I-4. Aires Barbosa, “El Maestro Griego” de Salamanca	21
I-5. Aires Barbosa e os teólogos de Salamanca	25
I-6. Aires Barbosa e o seu quadro familiar.....	28
I-7. Aires Barbosa jubilado: na corte de D. João III e na terra natal	31
II – A OBRA	33
II-1. Opúsculos Didáticos	33
II-1.1. <i>Releção acerca dos Verbos Oblíquos</i>	33
II-1.2. <i>Releção Intitulada Epometria</i>	34
II-1.3. <i>Releção Intitulada Prosódia e a Releção Intitulada Ortografia</i>	34
II-2. Comentários à <i>Historia Apostolica</i> de Arátor	35
II-3. Epistolografia.....	35
II-4. Obra Poética	39
II-4.1. Epigramas	39
II-4.1.1. Origem e tradição do género epigramático.....	39
II-4.1.2. O epigrama na poesia neolatina portuguesa ao tempo de A. Barbosa	40
II-4.1.3. Aires Barbosa, poeta epigramático.....	44
a) Primícias literárias e epigramas dispersos.....	44
b) Primeira coleção formal de <i>Nonnulla Epigrammata</i> (1517).....	46
c) Os <i>Nonnulla Epigrammata</i> de 1536.....	47
II-4.2. Antimoria	51
III – ANEXO EPISTOLAR E DOCUMENTAL.....	55
III-1. Carta de Aires Barbosa ao conselheiro António Carneiro	55
III-2. Carta régia de concessão da tença anual.....	57

	Págs.
III-3. Testamento de Aires Barbosa e termo de abertura.....	57
III-4. Súplica de exames para graduação em Teologia	61
III-5. Súplica de exames de Teologia fora da Universidade	63
III-6. Súplica de promoção às ordens sacras.....	64
III-7. Carta de Pedro Mártir de Anghiera, a Aires Barbosa.....	65
III-8. Carta de Lúcio Marineo Sículo a Aires Barbosa	69
III-9. Carta de Aires Barbosa a Lúcio Marineo Sículo	72
III-10. Carta de Aires Barbosa a D. Afonso de Fonseca	78
III-11. Carta de Pedro Margalho a Aires Barbosa.....	83
III-12. Carta de Aires Barbosa a Pedro Margalho.....	85
IV – QUADRO CRONOLÓGICO	88
V – BIBLIOGRAFIA	91
 TEXTO E TRADUÇÃO	
EPIGRAMAS.....	99
1. O português Aires a António de Nebrija.....	100
2. O mesmo Aires ao leitor.....	100
3. Aires Barbosa em louvor da obra de Sículo <i>Acerca dos Louvores da Hispânia</i>	102
4. O português Aires ao leitor	102
5. Epigrama de Aires a António	102
6. O português Aires ao leitor	104
7. O português Aires a António de Nebrija. Epigrama em que o exorta a que edite o seu Léxico	104
8. [À assembleia dos jovens estudantes].....	106
9. [Do método da escansão métrica]	106
10. [Da loucura do povo judaico].....	108
11. Carme do português Aires Barbosa ao poema de Arátor	108
12. [À egrégia juventude]	112
13. O português Aires Barbosa a um certo teólogo que afirmava que a obra de Arátor devia ser comentada por um professor não de Humanidades, mas de Teologia.....	118
14. O mesmo Aires contra o Nebulão gramatista, gabarola e fútil.....	120
15. Ao mesmo.....	120
16. O mesmo português Aires Barbosa fala à Academia Salmanticense.....	122
17. O mesmo Aires a um certo indivíduo que dizia que este Comentário era demasiado longo	124
18. [A comida e a bua da criança].....	124
19. [Gramática é saber escrever e falar]	126
20. [Sem Vós nada, meu bom Criador].....	126
21. [As artes são variadas].....	128
22. Acerca de Marcial.....	130
23. A um certo amigo.....	130
24. Ao bispo de Évora.....	132
25. A Santa Luzia.....	132
26. Conformação a Lúcio Flamínio, que antes se chamava Silvestre	134
27. Acerca de Marcial	136
28. Dístico de um certo poeta contra os versos bárbaros de alguns juristas	136
29. O português Aires Barbosa a este poeta	136
30. Acerca das insígnias da família dos Barbosas	138
31. Ao seu familiar Tiago	138
32. Por que razão usa nomes fingidos	138

	Págs.
33. Contra Vejentão e Estilicão.....	138
34. O verdadeiro amor.....	140
35. Contra certos ignorantes cheios de soberba.....	142
36. A certo poeta louvador dos ignaros das Musas.....	142
37. A Marcial.....	142
38. Contra o filosofastro Escaravelho.....	144
39. Contra o mesmo.....	144
40. Contra o mesmo.....	146
41. À jovem erudita Inês.....	146
42. Por que razão a latinidade não é bem ensinada por aqueles que vulgarmente são chamados artistas.....	148
43. Epitáfio de uma ínclita rainha.....	148
44. Ao célebre doutor em ambos os direitos, Martinho de Figueiredo.....	148
45. Ao poeta Lourenço.....	150
46. Dístico do português Aires Barbosa.....	150
47. Outro do mesmo.....	150
48. Advertência aos jovens que vão votar.....	150
49. A um certo discípulo.....	152
50. A D. Sancho, acerca do perjuro Autóptico.....	154
51. A M. Valério Marcial.....	154
52. Contra Frontão.....	156
53. Ao poeta Sílio.....	156
54. Contra Pansa.....	158
55. A Sílio, a quem enviara uns peixes chamados linguados.....	158
56. Ao poeta Sílio Lusitano.....	158
57. Acerca da sua terra natal e de seus pais.....	160
58. Aires, falando com a Fama acerca da chegada do Sereníssimo Rei D. Carlos à Espanha.....	160
59. Outro do mesmo ao mesmo [Carlos V].....	162
60. O português Aires Barbosa fala aos jovens estudantes.....	164
61. Poema do mesmo português Aires Barbosa aos jovens estudantes das boas-artes.....	164
62. Ao cardeal-infante D. Afonso.....	166
63. À famosa cidade de Salamanca.....	168
64. Contra um certo malévolos.....	170
65. Acerca do nome de Jesus.....	170
66. Aos jovens estudantes.....	172
67. Epitáfio da esposa.....	174
68. Contra Issa.....	174
69. A um pudibundo.....	176
70. A Lourenço acerca de Mestre Gonçalo.....	176
71. A um discípulo.....	178
72. Acerca da corte.....	178
73. A querela dos gramáticos.....	178
74. Contra Issa.....	178
75. Contra as leis.....	180
76. Ao jurista Frontão.....	180
77. À vila de Urenha.....	182
78. Contra um descendente de Isac.....	182
79. Ao Cardeal-Infante.....	182
80. Contra os astrólogos. 1524.....	184
81. Ao Arcebispo de Compostela.....	184
82. Contra um discípulo ingrato.....	186
83. A Jorge Miranda.....	186

	Págs.
84. A si mesmo, ao sentir-se desfalecer	186
85. Contra um certo indivíduo.....	188
86. Contra o invejoso Ferrando	188
87. Contra Frontão.....	190
88. Contra o mesmo.....	190
89. Contra um bárbaro.....	190
90. A função do gramático.....	190
91. A Joana Vaz.....	192
92. Ao Arcebispo de Compostela	192
93. Ao Príncipe Teodósio.....	194
94. A D. Sancho de Castela.....	194
95. Ao gramático Probo	194
96. Contra um clérigo, seu hóspede	196
97. Ao cardeal D. Afonso	196
98. Contra Varo.....	196
99. Auto-exortação	196
100. Acerca da democracia de Espanha, quando ainda estava em Salamanca. 1520	198
101. Acerca da mesma.....	200
102. Sentença de um artesão democrático	200
103. Exortação à democracia.....	202
104. Acerca do alcaide do castelo chamado de Alaejos.....	202
105. Acerca do mesmo	204
106. Exortação quando Fonterrabia foi tomada dos Franceses	206
107. Acerca da mesma.....	206
108. Vitória dos nobres em Logronho. 1521.....	208
109. Contra Frontão.....	208
110. Contra um bárbaro invejoso	210
111. Da desgraça dos nossos tempos	212
ANTIMÓRIA	
1. Carta de Jorge Coelho.....	218
2. Carta-prefácio de Aires Barbosa, dirigida ao cardeal-infante D. Afonso.....	220
3. O poema <i>Antimória</i>	226
NOTAS E COMENTÁRIOS AO TEXTO.....	257
ÍNDICE ONOMÁSTICO.....	343

(Página deixada propositadamente em branco)



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis

